Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

Referências Interculturais nas Obras de Joaquim Gonçalves:
Uma Abordagem Linguística, Histórica e Contrastiva
Li Ling
UMinho | 2025

Universidade do Minho
Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas

Li Ling

Referências Interculturais nas Obras de Joaquim Gonçalves: Uma Abordagem Linguística, Histórica e Contrastiva

setembro de 2025

Universidade do Minho
Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas

Li Ling

Referências Interculturais nas Obras de Joaquim Gonçalves: Uma Abordagem Linguística, Histórica e Contrastiva

Tese de Doutoramento
Doutoramento em Ciências da Linguagem
Especialidade em Linguística Histórica

Trabalho efetuado sob a orientação de
Professora Doutora Anabela Leal de Barros
Professor Doutor Uchida Keiichi

setembro de 2025

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar a autora, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações
CC BY-NC-ND

https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/

AGRADECIMENTOS

A presente investigação não teria sido possível sem o apoio generoso, a orientação atenta e a inspiração recebida de muitas pessoas e instituições, a quem desejo expressar a minha mais sincera gratidão. Cada contributo, seja no plano científico, institucional ou pessoal, foi determinante para que este percurso académico pudesse ser realizado com consistência e entusiasmo.

Em primeiro lugar, agradeço à minha orientadora, Professora Doutora Anabela Leal de Barros, do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho (CEHUM), e ao meu coorientador, Professor Doutor Uchida Keiichi, Professor Emérito da Universidade de Kansai, pela aceitação do desafio de orientar este trabalho. A ambos devo o rigor científico, a dedicação, os conselhos valiosos e o incentivo constante, que enriqueceram a qualidade académica deste estudo e me motivaram em todas as fases.

Ao Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho (CEHUM) manifesto a minha gratidão pelo acolhimento institucional, pela criação de um ambiente académico estimulante e pelo apoio logístico e financeiro que favoreceram a realização deste projeto.

Aos colegas do Doutoramento em Ciências da Linguagem, em especial à minha amiga Clara Setas, agradeço pela partilha de ideias, pela motivação e pelas discussões que enriqueceram esta investigação e tornaram o percurso menos solitário. Um agradecimento particular ao Professor Doutor André Antunes, da *Communitas Bracarensis*, pela amizade e disponibilidade em esclarecer dúvidas no âmbito do latim.

À minha família agradeço o apoio incondicional. Aos meus pais, que vieram da China para me acompanhar durante os últimos três anos, reconheço o sacrifício e o amor incansável. Aos meus sogros agradeço o cuidado e a ajuda constante. Ao meu marido e ao meu filho deixo o mais profundo agradecimento pelo amor, confiança e força que me transmitiram em cada etapa desta jornada.

Este projeto de doutoramento foi financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P. (FCT), através do Concurso para Atribuição de Bolsas de Investigação para Doutoramento – 2021 (DOI: https://doi.org/10.54499/2021.05393.BD), com financiamento proveniente do Orçamento do Estado e cofinanciamento do Programa Demografia, Qualificações e Inclusão (PDQI).

A todos deixo a minha mais sincera gratidão.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

REFERÊNCIAS INTERCULTURAIS NAS OBRAS DE JOAQUIM GONÇALVES: UMA ABORDAGEM LINGUÍSTICA, HISTÓRICA E CONTRASTIVA

RESUMO

A presente tese constitui um estudo abrangente da obra e do legado do sinólogo português Joaquim Afonso Gonçalves (1781–1841), missionário lazarista radicado em Macau e pioneiro na produção de gramáticas, dicionários e manuais dedicados ao estudo da língua chinesa no século XIX. Partindo de uma contextualização da história da linguística chinesa e da sinologia ocidental no período oitocentista, o trabalho procura situar o contributo de Gonçalves numa perspetiva intercultural e periférica, analisando a circulação e receção das suas obras. O objetivo principal da investigação estrutura-se em três eixos: (1) sistematizar e avaliar as observações metalinguísticas e didáticas de Gonçalves relativamente à escrita, romanização, variação e estrutura gramatical do chinês; (2) examinar os mecanismos explicativos presentes nas suas obras, ou seja, as marcações metalinguísticas empregues para a inserção de referências interculturais com função terminológica e didática; e (3) analisar os recursos bilingues explorados por Gonçalves, tanto no âmbito da tradução como na documentação do quotidiano, nos quais se evidenciam referências interculturais desafiadoras e reveladoras das realidades chinesas e ocidentais oitocentistas. A metodologia assenta na análise filológica e comparativa de um conjunto representativo das obras de Gonçalves, cruzando-as com fontes sinológicas contemporâneas, bem como com contributos posteriores da linguística europeia e chinesa. A investigação articula ainda uma leitura crítica da bibliografia secundária, identificando lacunas e caminhos de renovação no estudo do autor. Os resultados evidenciam que Joaquim Gonçalves desenvolveu uma abordagem inovadora, tripartida e sistemática para o ensino-aprendizagem da língua chinesa, que combina rigor descritivo com pragmatismo didático. Além disso, a análise das suas práticas de marcação explicativa e dos exemplos bilingues revela a importância do seu trabalho para o diálogo intercultural, ao mesmo tempo que documenta aspetos singulares da vida e da língua na China do século XIX. Conclui-se que a obra de Joaquim Gonçalves, apesar de ter permanecido relativamente esquecida na história da sinologia europeia, representa um contributo fundamental para a compreensão das interações linguísticas e culturais entre a China e a Europa no período pré-moderno. A tese propõe, assim, uma revalorização crítica do seu papel enquanto pioneiro do ensino moderno do chinês como língua estrangeira, mediador intercultural e precursor de estudos linguísticos contrastivos sino-europeus.

Palavras-Chave: Estudos Interculturais; História da Linguística Chinesa; Interação Cultural; Linguística Missionária; Sinologia Portuguesa.

从语言、历史和对比角度研究江沙维作品中的跨文化参考信息

摘要

本论文全面研究了葡萄牙汉学家江沙维（Joaquim Afonso Gonçalves, 1781 – 1841）的汉语教学著作与学术遗产。江沙维是一位活跃在澳门的拉匝禄会神父，也是十九世纪最早编写汉语语法书、双语词典和教材的先驱之一。本文首先梳理了十九世纪中国语言学与西方汉学的发展脉络，从跨文化和周边视角出发，考察江沙维著作问世以来的流传度与接受度。本研究的核心目标有以下三个方面：(1) 系统整理并评估江沙维关于汉字书写系统、罗马拼音化、汉语语体差异以及汉语语法结构的元语言与教学性观察和分析；(2) 探讨其著作中汉葡双语文本间的跨文化参考信息标注机制，重点关注这些标记在术语学与教学功能上的意义；(3)分析江沙维作品中的汉葡双语语料，从汉葡翻译以及历史现实写照两方面分析其中的跨文化参考信息，这些语料中很大一部分反映了十九世纪中西社会珍贵的历史面貌。研究方法以江沙维代表性著作的文本分析与比较分析为基础，同时参照同时期的汉学资料以及后来的中西语言学成果。此外，本研究还结合了对现有二手文献的批判性回顾，揭示了江沙维研究现状的不足，并提出了新的研究方向。研究结果表明，江沙维制定了一套对于十九世纪初而言十分具有创新性的系统化汉语语法教学三部曲，在确保严谨描述汉语结构化特征的同时还兼顾了外语教学的功能性和实用性。同时，他作品中的注释性标记与双语语料不仅推动了中西文化的研究和交流，同时也记录了十九世纪中国语言与社会生活的特征。结论认为，江沙维的著作虽然在欧洲汉学史上长期处于边缘地位，但实际上为促进中欧之间的语言与文化互动作出了重要贡献。因此，本论文呼吁重新评价他作为现代化汉语非母语教学模范、中西文化桥梁以及中欧语言对照研究先驱的历史地位。

关键词：跨文化研究；中国语言学史；文化接触；传教士语言学；葡萄牙汉学。

INTERCULTURAL REFERENCES IN JOAQUIM GONÇALVES' WORKS: A LINGUISTIC, HISTORICAL AND CONTRASTIVE APPROACH

ABSTRACT

This dissertation offers a comprehensive study of the work and legacy of the Portuguese sinologist Joaquim Afonso Gonçalves (1781–1841), a Lazarist missionary based in Macau and pioneer in the production of grammars, dictionaries, and manuals devoted to the study of the Chinese language in the nineteenth century. Beginning with a contextualization of the history of Chinese linguistics and Western sinology in the nineteenth century, the thesis seeks to situate Gonçalves's contribution from an intercultural and peripheral perspective, analyzing the circulation and reception of his works. The central aim of the research is structured around three axes: (1) to systematize and assess Gonçalves's metalinguistic and didactic observations on Chinese writing, romanization, variation, and grammatical structure; (2) to examine the explanatory mechanisms found in his works, namely the metalinguistic markers employed for the inclusion of intercultural references with terminological and didactic functions; and (3) to analyze the bilingual resources explored by Gonçalves, both in the field of translation and in the documentation of daily life, where challenging intercultural references emerge that shed light on both Chinese and Western realities of the nineteenth century. The methodology is based on a philological and comparative analysis of a representative set of Gonçalves's works, contrasted with contemporary sinological sources as well as with later contributions from European and Chinese linguistics. The research further integrates a critical reading of the secondary bibliography, identifying gaps and potential avenues for renewal in the study of the author. The findings demonstrate that Joaquim Gonçalves developed an innovative, tripartite, and systematic approach to the teaching and learning of the Chinese language, combining descriptive rigor with didactic pragmatism. Moreover, the analysis of his explanatory markers and bilingual examples highlights the importance of his work for intercultural dialogue, while simultaneously documenting unique aspects of Chinese language and daily life in the nineteenth century. The study concludes that the work of Joaquim Gonçalves, although long marginalized in the history of European sinology, represents a fundamental contribution to the understanding of linguistic and cultural interactions between China and Europe in the premodern period. The thesis therefore argues for a critical reassessment of his significance as a pioneer of the modern teaching of Chinese as a foreign language, an intercultural mediator, and a precursor to Sino-European contrastive linguistic studies.

Keywords: Intercultural Studies; History of Chinese Linguistics; Cultural Interaction; Missionary Linguistics; Portuguese Sinology.

ÍNDICE

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS ii
AGRADECIMENTOS iii
DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE iv
Resumo v
摘要 vi
Abstract vii
Lista de Tabelas xi
Lista de Figuras xv
Esclarecimentos xvi
Introdução 1
1. Fundamentos para o estudo de Joaquim Gonçalves 4
1.1. A história da linguística chinesa e a sinologia ocidental no século XIX 4
1.2. A interação cultural e a perspetiva periférica na linguística chinesa 8
1.3. O sinólogo português Joaquim Afonso Gonçalves 10
1.3.1. Estudos biográficos e bibliográficos sobre o padre Joaquim Gonçalves 10
1.3.2. Referências oitocentistas sobre os contributos sinológicos de Joaquim Gonçalves 15
1.3.3. Estudos temáticos modernos sobre o legado filológico de Joaquim Gonçalves 20
1.3.4. Lacunas na investigação sobre o padre Joaquim Gonçalves 27
1.4. Referências interculturais nas obras didáticas de Joaquim Gonçalves 29
1.5. Síntese do estado da investigação sobre Joaquim Gonçalves 33
2. Observações metalinguísticas nas obras de Gonçalves 35
2.1. Fundamentos do sistema de escrita da língua chinesa 36
2.1.1. Comparação intercultural: características da escrita chinesa 39
2.1.2. Análise tripartida: constituintes dos carateres chineses 42
2.1.3. Organização dos elementos: *Alphabeto China* e *Diccionario China-Portuguez* 49
2.1.4. Discussão e conclusão 61
2.2. Romanização dos carateres chineses 64
2.2.1. Aspetos tonais do mandarim 65
2.2.2. Sistemas consonânticos e vocálicos do mandarim do início do século XIX 80

2.2.3. Discussão e conclusão 105
2.3. Variação na língua chinesa 107
2.3.1. Conceitos fundamentais sobre a variação na língua chinesa 108
2.3.2. O contraste entre "vulgar" e "sublime" no método de Joaquim Gonçalves 115
2.3.3. A abordagem de Joaquim Gonçalves na história da sinologia europeia 118
2.3.4. Discussão e conclusão 125
2.4. Estruturação gramatical do chinês 127
2.4.1. Formação e classificação das unidades lexicais 127
2.4.2. Ordem sintática dos constituintes da frase 146
2.4.3. Discussão e conclusão 165
2.5. Didática da língua sínica 167
2.5.1. Um método de ensino-aprendizagem tripartido e sistemático 168
2.5.2. Desafios no ensino-aprendizagem da língua chinesa 186
2.5.3. Discussão e conclusão 200
2.6. Síntese do estudo das análises linguísticas de Joaquim Gonçalves 201
3. Explicações contextuais nas obras de Gonçalves 204
3.1. Tipologia das explicações contextuais 205
3.1.1. Abreviaturas e sinais metalinguísticos 205
3.1.2. Recursos tipográficos com função explicativa 210
3.1.3. Síntese tipológica 214
3.2. Explicações contextuais com valor terminológico e didático 215
3.2.1. Expressões cristãs e terminologia catequética 216
3.2.2. Blocos didáticos autónomos 231
3.3. Síntese da análise das explicações contextuais de Joaquim Gonçalves 269
4. Referências interculturais diluídas nos textos bilingues 271
4.1. Estratégias e práticas de tradução de Joaquim Gonçalves 271
4.2. História da alimentação refletida nos exemplos bilingues 273
4.2.1. Estrutura das refeições e hábitos alimentares 275

4.2.2. Léxico dos alimentos essenciais 286
4.2.3. Importância e potencial analítico dos exemplos bilingues 321
4.3. Síntese da análise dos exemplos bilingues de Joaquim Gonçalves 324
Conclusão 327
Bibliografia 331
Anexo I. Lista das diferenças no *Alphabeto China* 349
Anexo II. Romanização no *Diccionario Tonico* 355
Anexo III. Exemplos bilingues da análise verbal 357
Anexo IV. Exemplos de "Verbos Difficeis e Chinismos" 363
Anexo V. Outros resultados deste projeto de doutoramento 367

Lista de Tabelas

Tabela 1 Percurso biográfico e bibliográfico de Joaquim Gonçalves 11
Tabela 2 Perfil sociolinguístico de Joaquim Gonçalves 14
Tabela 3 Variedtes caligráficas dos carateres chineses na perspetiva de Joaquim Gonçalves 41
Tabela 4 Elementos constituintes dos carateres chineses segundo Joaquim Gonçalves 43
Tabela 5 Inventariação dos géneros coligidos na trilogia de Joaquim Gonçalves 45
Tabela 6 Guia de consulta do Alfabeto Chinês de Joaquim Gonçalves 51
Tabela 7 As cinco estruturas dos carateres chineses na análise de Joaquim Gonçalves 54
Tabela 8 "Géneros" cativos e livres na análise de Joaquim Gonçalves 54
Tabela 9 Regras dos "géneros" pela inspeção das "letras" no *Diccionario China-Portuguez* de Joaquim Gonçalves 55
Tabela 10 "Géneros" difíceis no *Diccionario China-Portuguez* de Joaquim Gonçalves 57
Tabela 11 Guia de consulta do *Diccionario Generico* do *Diccionario China-Portuguez* de Joaquim Gonçalves 60
Tabela 12 Exemplificação dos tons em chinês através de expressões em português conforme registadas na *Arte China* 67
Tabela 13 Tons chineses em Morrison, Meadows e Wade 69
Tabela 14 Evolução do tom *Ru* 72
Tabela 15 Correspondência entre os termos tonais de Gonçalves e a terminologia chinesa 79
Tabela 16 Os 23 sons iniciais registados no *Diccionario China-Portuguez* conforme apresentados no estudo de Ai (2016) 81
Tabela 17 Oposição entre sons iniciais dos grupos *Jīng* e *Jiàn* na romanização de Gonçalves 82
Tabela 18 Os 40 sons finais registados no *Diccionario China-Portuguez* 82
Tabela 19 Letras europeias na representação da pronúncia dos sons consonânticos de uma sílaba chinesa 86
Tabela 20 Marcação dos modos de aspiração nas obras de Joaquim Gonçalves 88
Tabela 21 Grafemas usados na romanização dos sons iniciais do chinês no método de Gonçalves 89
Tabela 22 O sistema consonântico da romanização de Joaquim Gonçalves em comparação com o do *Pinyin* 95

Tabela 23 Letras europeias na representação da pronúncia dos sons vocálicos finais de uma sílaba chinesa 96
Tabela 24 Valor dos diacríticos usados na romanização das vogais chinesas de Joaquim Gonçalves .. 97
Tabela 25 Grafias usadas para representar o vocalismo chinês no *Diccionario Tonico* 99
Tabela 26 O sistema vocálico da romanização de Joaquim Gonçalves em comparação com o do *Pinyin* 104
Tabela 27 História do *Wenyan* na produção literária sem rima da língua chinesa 110
Tabela 28 História do *wényán* em produções literárias com rima da língua chinesa 111
Tabela 29 Designações históricas da língua comum da nação chinesa 113
Tabela 30 Resumo da variação escrita e oral da língua chinesa 114
Tabela 31 Síntese das visões sinológicas sobre os estilos da língua chinesa 118
Tabela 32 Estilos literários da língua chinesa na perspetiva de Joaquim Gonçalves 120
Tabela 33 Poesia e outros estilos literários da língua chinesa na perspetiva de Joaquim Gonçalves .. 122
Tabela 34 Redações práticas na perspetiva de Joaquim Gonçalves 124
Tabela 35 Visão de Joaquim Gonçalves sobre as variedaes da língua chinesa 125
Tabela 36 Formação das palavras chinesas na perspetiva de Joaquim Gonçalves 129
Tabela 37 Classificação das palavras chinesas na análise gramatical de Joaquim Gonçalves 132
Tabela 38 Nome na análise gramatical de Joaquim Gonçalves 134
Tabela 39 Adjetivo na análise gramatical de Joaquim Gonçalves 135
Tabela 40 O verbo na análise gramatical de Joaquim Gonçalves 137
Tabela 41 Numeral na análise gramatical de Joaquim Gonçalves 141
Tabela 42 O pronome na análise gramatical de Joaquim Gonçalves 143
Tabela 43 Sintaxe do chinês na análise gramatical de Joaquim Gonçalves 146
Tabela 44 Preposição na análise gramatical de Joaquim Gonçalves 152
Tabela 45 Advérbio na análise gramatical de Joaquim Gonçalves 155
Tabela 46 Conjunção na análise gramatical de Joaquim Gonçalves 156
Tabela 47 Partículas sublimes analisadas no quarto capítulo da *Arte China* 162
Tabela 48 Termos chineses na descrição das partículas sublimes do glossário de Joaquim Gonçalves 164
Tabela 49 Estrutura do método de Joaquim Gonçalves para a didática do chinês, conforme delineado na *Arte China* 171

Tabela 50 Cronograma das metas didáticas do método de Joaquim Gonçalves para o ensino-aprendizagem do chinês 172
Tabela 51 Regras fonético-ortográficas para a pronúncia do português na *Arte China* 173
Tabela 52 Visão geral das quinze advertências do *Diccionario Portuguez-China* 175
Tabela 53 Visão geral das doze advertências do *Diccionario China-Portuguez* 182
Tabela 54 Sintaxe figurada do chinês clássico na análise de Joaquim Gonçalves 195
Tabela 55 Exemplos de marcação “p.”, “prop.” e “fig.” nas obras de Joaquim Gonçalves 206
Tabela 56 Exemplos de marcação "c." nas obras de Joaquim Gonçalves 207
Tabela 57 Exemplos de marcação "esp." no *Diccionario China-Portuguez* 208
Tabela 58 Exemplos de referência cruzada nas obras de Joaquim Gonçalves 208
Tabela 59 Exemplos de marcação "*" no *Diccionario Portuguez-China* 209
Tabela 60 Exemplos do comentário autoral na *Arte China* 211
Tabela 61 Exemplos de explicação sucinta nas obras de Joaquim Gonçalves 212
Tabela 62 Síntese da tipologia das explicações textuais 215
Tabela 63 Vocabulário Cristão: Divindade e Mundo Espiritual 217
Tabela 64 Vocabulário Cristão: Instituição e Hierarquia Religiosa 221
Tabela 65 Vocabulário Cristão: Práticas e Ritos Religiosos 222
Tabela 66 Vocabulário Cristão: Doutrina, Fé e Salvação 224
Tabela 67 Vocabulário Cristão: Tempo Religioso e Celebrações 226
Tabela 68 Vocabulário Cristão: Relações e Vínculos Espirituais 227
Tabela 69 Vocabulário Cristão: Expressões de Devoção e Invocações 229
Tabela 70 Ciclo de 60 anos da tradição cronológica chinesa 233
Tabela 71 Dinastias chinesas na sistematização de Joaquim Gonçalves 233
Tabela 72 Correspondência entre "luas" e "meses" na sistematização de Joaquim Gonçalves 236
Tabela 73 Expressões de hora em chinês na sistematização de Joaquim Gonçalves 243
Tabela 74 Festas do ano recolhidas por Joaquim Gonçalves 244
Tabela 75 Material das insígnias oficiais na dinastia Qing 258
Tabela 76 Províncias da China e as suas Metrópoles 261
Tabela 77 Índice dos formulários de composição do capítulo VIII da *Arte China* 265
Tabela 78 Índice dos formulários de cartas do capítulo VIII da *Arte China* 267
Tabela 79 Resumo das estratégias e práticas de tradução de Joaquim Gonçalves num estudo preliminar 272

Tabela 80 Exemplos bilingues relacionados com a estrutura das refeições e hábitos alimentares 275
Tabela 81 Cereais e derivados: arroz e trigo 286
Tabela 82 Cereais e derivados: outros grãos e pseudo-cereais 289
Tabela 83 Cereais e derivados: sementes e outros termos relacionados 292
Tabela 84 Frutos frescos e árvores de frutos comuns 294
Tabela 85 Frutos cítricos 298
Tabela 86 Frutas tropicais e exóticas 302
Tabela 87 Frutos silvestres e agrestes 306
Tabela 88 Uva e viticultura 310
Tabela 89 Frutos com uso culinário específico ou transformados 314
Tabela 90 Frutos secos 318

Lista de Figuras

Figura 1 Conceitos relacionados com as "letras chinas" no método de Joaquim Gonçalves 47
Figura 2 Relação entres os três elementos constituintes dos carateres chineses segundo Joaquim Gonçalves..... 48
Figura 3 Comparação entre tons chineses e acentos portugueses 66
Figura 4 Objetivos didáticos da trilogia de Joaquim Gonçalves para o ensino-aprendizagem do chinês 168
Figura 5 Verbos difíceis: estruturas que contêm o verbo "来 *lái* 'vir'" 188
Figura 6 Exemplares de Moedas Cerimoniais: Ouro (à esquerda) e Prata (à direita) 252
Figura 7 Ilustrações dos trajes e insígnias das nove ordens dos empregados civis da dinastia Qing .. 256
Figura 8 Quatro modelos de escrita prática no *Diccionario Portuguez-China*..... 264
Figura 9 Modelo de convite no casamento, no *Diccionario Portuguez-China* 264

Esclarecimentos

Este projeto recorre com frequência a carateres chineses e à sua romanização em *Pinyin*, isto é, o sistema oficial de transcrição do chinês moderno (cf. Chinese Script Reform Committee, 1958). Os carateres são apresentados no corpo de texto em fonte KaiTi, acompanhados da transcrição em *Pinyin* em fonte Times New Roman. Esta opção difere da norma da Universidade do Minho, que prevê o uso da fonte NewsGotT, a qual, contudo, não contempla todos os símbolos necessários ao *Pinyin*. Após a transcrição em *Pinyin*, apresenta-se, entre plicas, a tradução literal, apropriada ao contexto, proposta pela autora deste trabalho. Segue-se, abaixo, uma síntese comparativa entre o sistema de romanização *Pinyin* e o Alfabeto Fonético Internacional.

1. 音节 *yīnjié* 'sílaba'

<table>
<tr><td colspan="4">声调 shēngdiào 'tom'</td></tr>
<tr><td rowspan="2">声母
shēngmǔ
'som inicial, ataque'</td><td colspan="3">韵母 yùnmǔ 'som final'</td></tr>
<tr><td rowspan="2">介音 jièyīn
(韵头 yùntóu)
'medial (cabeça do som final)'</td><td colspan="2">韵基 yùnjī 'rima'</td></tr>
<tr><td>韵腹
yùnfù
'núcleo'</td><td>韵尾
yùnwěi
'coda'</td></tr>
<tr><td>‖</td><td>‖</td><td>‖</td><td>‖</td></tr>
<tr><td>(C1)</td><td>(G1)</td><td>V</td><td>({C2 / G2})</td></tr>
</table>

Fonte: Elaborado pela autora com base na estrutura apresentada em Chen (1976, p. 117), juntamente com os termos chineses abordados em Mai (2009, pp. 6–7), cujas transliteração e tradução são acrescentadas pela autora.
Nota. C = consoante, V = Vogal, G = Semivogal ("glide" em inglês). Somente o tom e o núcleo são componentes essenciais de uma sílaba chinesa, sendo opcionais todos os restantes elementos.

2. 声母 *Shēngmǔ* 'sons (consonânticos) iniciais'

	Bilabial	**Labiodental**	**Alveolar**	**Alveopalatal**	**Retroflexa**	**Velar**
Oclusiva	*b* [p] *p* [pʰ]		*d* [t] *t* [tʰ]			*g* [k] *k*[kʰ]
Nasal	*m* [m]		*n* [n]			
Fricativa		*f* [f]	*s* [s]	*x* [ɕ]	*sh* [ʂ] *r* [ʐ]	*h* [x]
Africada			*z* [ts] *c* [tsʰ]	*j* [tɕ] *q* [tɕʰ]	*zh* [tʂ] *ch* [tʂʰ]	
Aproximante					*r* [ʐ] ou [ɻ]	
Aproximante lateral			*l* [l]			

Fonte: Elaborado pela autora com base no quadro 3-5 de Mai (2009, p. 159)
Nota. Os símbolos em itálico representam o sistema de romanização *Pinyin*; os símbolos colocados entre parênteses retos representam o Alfabeto Fonético Internacional; a consoante representada pela grafia *r* em *Pinyin* permite leituras alternativas em conformidade com a vogal seguinte.

3. 韵母 *Yùnmǔ* ‘sons (vocálicos) finais’

Núcleo	**Coda** / **Medial**	**-ø**	**-i**	**-u**	**-ŋ**	**-n**
a	**-ø-**	*a*	*ai*	*ao* [ɑ]	*ang* [ɑ]	*an*
	-j-	*ia*		*iao* [ɑ]	*iang* [ɑ]	*ian* [ɛ]
	-w-	*ua*	*uai*		*uang* [ɑ]	*uan*
	-ɥ-					*üan* [ɛ]
o	**-ø-**	*o*				
	-w-	*uo*				
ɛ	**-j-**	*ie*				
	-ɥ-	*üe*				
ə	**-ø-**	*e* [ə]/[ɤ]	*ei* [e]	*ou* [o]~[ə]	*eng*	*en*
	-j-			*iou* [o]~[ə]	*ing*	*in*
	-w-		*uei* [e]			*uen*
	-ɥ-					*ün*
ɚ	**-ø-**	*-er*				
ï	**-ø-**	*i* [ɿ]/[ʅ]				
i	**-j-**	*i*			(*ing*)	(*in*)
u	**-w-**	*u*			*ong* [ʊ]	
	-ɥ-				*iong* [ʊ]	
y	**-ɥ-**	*ü*				

Fonte: Elaborado pela autora com base no quadro 3-3 de Mai (2009, p. 149).
Nota. Os símbolos em itálico representam o sistema de romanização *Pinyin*; os símbolos colocados entre parênteses retos representam o Alfabeto Fonético Internacional.

Sempre que necessário, as frases chinesas analisadas foram glosadas de acordo com as *Leipzig Glossing Rules* (Comrie et al., 2008/2015), recorrendo, em geral, às abreviaturas nelas propostas, com exceção de algumas — assinaladas na lista de abreviaturas abaixo — adaptadas às especificidades da análise gramatical do chinês. As demais abreviaturas são indicadas oportunamente ao longo do texto.

4. Lista de abreviaturas usadas para as glosas interlineares

1	primeira pessoa
3	terceira pessoa
AUX	auxliliar
CLF	classificador
COP	cópula
DE	marcador estrutural (*de*)
DEM	demonstrativo
FUT	futuro
NEG	negação
PFV	perfetivo
PROG	progressivo
PROX	proximal
PTC	partícula
SG	singular

Fonte: elaborada pela autora.

Introdução

A presente tese dedica-se ao estudo da obra e do legado do sinólogo português Joaquim Afonso Gonçalves (1781–1841), missionário lazarista radicado em Macau e pioneiro na produção de gramáticas, dicionários e manuais dedicados ao ensino do chinês no século XIX. A sua atividade intelectual e pedagógica ocorreu num contexto de crescente interesse europeu pela China, decorrente do prolongado contacto de missionários, comerciantes e intelectuais com o mundo chinês. Entre as suas publicações mais significativas destacam-se a trilogia *Arte China* (1829), *Diccionario Portuguez-China* (1831) e *Diccionario China-Portuguez* (1833), reconhecida por sinólogos de distinta influência pelo método didático completo e inovador, que valoriza tanto o registo culto quanto os registos coloquiais do chinês — estes últimos historicamente escassos nos recursos para o ensino deste idioma como língua estrangeira.

O século XIX marcou um período de consolidação da linguística chinesa e de especialização da sinologia ocidental. Nos séculos anteriores, viajantes e primeiros missionários produziam glossários e compilações lexicais relativamente simples, frequentemente baseados em traduções diretas e concebidos para fins pragmáticos imediatos, como suprir necessidades de comunicação quotidiana durante a evangelização. No início do século XIX, esta abordagem começou a evoluir de forma significativa: missionários e eruditos europeus passaram a sistematizar o estudo da língua chinesa, desenvolvendo métodos de ensino-aprendizagem estruturados, produzindo recursos lexicais e gramaticais rigorosos e orientados para uma aprendizagem aprofundada, e promovendo a comunicação intercultural de modo mais intencional e metodologicamente fundamentado. Tais esforços mais sistematizados refletem o crescente interesse pelo estudo científico e comparativo das realidades linguísticas da China.

Nesse contexto, Gonçalves desenvolveu uma abordagem inovadora, que integra análises metalinguísticas, observações didáticas e recursos bilingues, contribuindo de forma significativa para a compreensão da língua chinesa e para a evolução de métodos de ensino-aprendizagem eficazes. Apesar da originalidade e relevância das suas obras, a investigação sobre Gonçalves permanece fragmentada, em grande parte devido à exigência de domínio simultâneo do português e do chinês e à complexidade de analisar obras do século XIX com rigor histórico e linguístico. Em particular, os conteúdos bilingues das suas publicações ainda carecem de estudo sistemático, ao contrário de outros trabalhos missionários, devido à escassez de investigadores com formação adequada em linguística portuguesa e chinesa e

conhecimento aprofundado das histórias destas línguas, capazes de abordar os aspetos linguísticos e interculturais das suas gramáticas e dicionários.

O estado da investigação sobre Gonçalves evidencia um percurso evolutivo. Logo após a sua publicação, as obras de Gonçalves foram amplamente valorizadas pela academia sinológica europeia, sendo repetidamente referidas em diversos estudos até ao final do século XIX. Com a transição para o século XX, o interesse pelos seus estudos diminuiu progressivamente, apenas recuperando atenção com a entrada no século XXI. Os primeiros estudos modernos concentraram-se sobretudo na biografia e bibliografia do autor, enquanto trabalhos posteriores passaram a explorar aspetos do seu método didático, a estrutura gramatical das suas obras, a sua política linguística e a sua inserção no panorama da sinologia europeia. Apenas alguns estudos abordaram conteúdos específicos, como análises de pronomes ou aspetos metalinguísticos, e um número limitado concentrou-se nas referências interculturais presentes nos textos bilingues. A maior parte da literatura existente tende a focar-se numa única língua, carecendo de uma abordagem contrastiva capaz de revelar a interação entre português e chinês, bem como a riqueza intercultural das obras de Gonçalves.

A justificação da investigação assenta em três vertentes principais. Em primeiro lugar, surge a necessidade de valorizar sistematicamente o legado gramatical de Gonçalves, reconhecendo a importância histórica e pedagógica das suas obras para a sinologia portuguesa e europeia. Em segundo lugar, destaca-se a oportunidade de analisar os mecanismos metalinguísticos e explicativos presentes nos textos bilingues da sua obra, contribuindo para a compreensão de como a língua e a cultura chinesas foram observadas, descritas e ensinadas por académicos europeus no século XIX. Por fim, a investigação procura explorar as dimensões tradutológicas, sociolinguísticas e históricas preservadas nos recursos bilingues compilados pelo autor, tanto no âmbito da comunicação intercultural como na documentação do quotidiano, revelando referências interculturais que permitem compreender simultaneamente aspetos da realidade chinesa e europeia oitocentista.

A metodologia desta investigação assenta numa abordagem filológica e comparativa, centrada nas três obras que constituem a trilogia principal para o ensino-aprendizagem do chinês do padre Gonçalves. A análise filológica permite examinar os textos com rigor histórico-linguístico, enquanto a abordagem comparativa possibilita confrontar as observações de Gonçalves com fontes sinológicas contemporâneas, assim como com contributos posteriores da linguística europeia e da historiografia chinesa. No estudo das observações metalinguísticas e gramaticais, procede-se à análise detalhada das observações do autor, cruzando-as com práticas contemporâneas de descrição da língua chinesa e com a tradição historiográfica europeia e chinesa. Quanto aos mecanismos de marcação explicativa, realiza-se uma

análise textual sistemática, recolhendo todas as ocorrências e elaborando uma tipologia que identifica as mais relevantes para estudos terminológicos e didáticos. Por fim, a análise das referências interculturais nos exemplos bilingues centra-se nas estratégias de tradução e na seleção de exemplos que documentam hábitos culturais e práticas quotidianas, permitindo evidenciar referências interculturais significativas e compreender melhor a dimensão intercultural da obra de Gonçalves.

A tese organiza-se em quatro capítulos. O primeiro capítulo contextualiza a linguística chinesa e a sinologia ocidental, apresenta a biografia e bibliografia de Gonçalves, sintetiza o estado da investigação e fundamenta a metodologia do estudo. O segundo capítulo aborda as observações metalinguísticas e didáticas, incluindo a escrita sínica, a romanização, as variações linguísticas, a estrutura gramatical e o método de ensino-aprendizagem do autor. O terceiro capítulo centra-se nos mecanismos explicativos e nas marcações interculturais, a partir da tipologia elaborada, destacando as de maior relevância terminológica e didática. O quarto capítulo analisa os recursos bilingues, com foco nas práticas de tradução e na documentação do quotidiano sino-europeu oitocentista. Cada capítulo conclui-se com uma síntese que articula os resultados parciais com os objetivos gerais da tese.

Espera-se que a investigação contribua não apenas para a valorização do legado de Joaquim Gonçalves, mas também para inspirar futuras investigações no âmbito da historiografia linguística missionária e sinológica. O estudo enfatiza os recursos linguísticos presentes nas produções gramaticais e lexicográficas de autores periféricos, explorando o seu valor histórico, pedagógico e intercultural. Ao situar Gonçalves como mediador intercultural e pioneiro da sinologia portuguesa, a tese propõe uma leitura integrada da sua contribuição pedagógica, linguística e cultural, reforçando a compreensão das interações entre a China e a Europa no século XIX e abrindo novas perspetivas para os estudos de sinologia histórica, linguística missionária e tradução.

1. Fundamentos para o estudo de Joaquim Gonçalves

A presente investigação insere-se no cruzamento entre os estudos sinológicos, a linguística histórica e a análise intercultural, com foco na obra do padre Joaquim Afonso Gonçalves, um dos mais importantes sinólogos europeus do século XIX. A sua produção metalinguística, especialmente a trilogia composta pela *Arte China* (1829), *Diccionario Portuguez-China* (1831) e *Diccionario China-Portuguez* (1833), representa um contributo significativo para a sistematização da língua chinesa no contexto ocidental. No entanto, apesar do seu valor histórico e linguístico, os estudos sobre a sua obra ainda se encontram dispersos e fragmentados, exigindo um enquadramento mais abrangente que permita compreender a relevância e o impacto do seu trabalho. Assim, este capítulo estabelece as bases teóricas e metodológicas que sustentam a análise das suas obras, articulando o contexto histórico da sinologia oitocentista com os mais recentes desenvolvimentos na investigação sobre o legado do padre Gonçalves.

Para tal, a primeira secção (1.1) situa os estudos de Gonçalves no panorama mais amplo da história da linguística chinesa e da sinologia europeia, permitindo compreender as influências e limitações do seu trabalho. Em seguida, a segunda secção (1.2) discute a relevância da abordagem periférica para os estudos linguísticos, destacando o papel dos missionários e sinólogos europeus na descrição da língua chinesa. A terceira secção (1.3) oferece uma revisão da literatura existente sobre o autor, analisando tanto os estudos biográficos como as menções às suas publicações ao longo dos séculos XIX e XX, bem como os desenvolvimentos mais recentes na sua investigação. Por fim, a última secção (1.4) apresenta os objetivos específicos deste estudo, delineando a metodologia adotada para examinar as referências interculturais nas suas obras e a sua relevância no ensino e aprendizagem do chinês no século XIX.

1.1. A história da linguística chinesa e a sinologia ocidental no século XIX

Esta secção enquadra os estudos de Joaquim Afonso Gonçalves em duas áreas fundamentais: a história da linguística chinesa e a sinologia ocidental, com especial incidência no desenvolvimento dos estudos sinológicos europeus da primeira metade do século XIX. Para contextualizar a sua obra, inicia-se com uma revisão dos estudos linguísticos da língua chinesa produzidos nesse período, de modo a clarificar o enquadramento histórico em que os primeiros sinólogos europeus desenvolviam a sua investigação e a respetiva relação com os estudos indígenas chineses. Seguidamente, procede-se à análise da evolução da sinologia europeia até meados do século XIX, identificando os fundamentos já consolidados e as

lacunas que persistiam. Este enquadramento permitirá situar os contributos de Gonçalves no âmbito da tradição sinológica ocidental e avaliar em que medida a sua abordagem se integra ou se distingue das correntes então vigentes.

De acordo com a periodização da linguística chinesa proposta por Wang Li (1981/2013), a evolução da disciplina pode ser dividida em quatro períodos principais, cada um refletindo abordagens e metodologias distintas no estudo da língua chinesa:

1) Período filológico, etimológico, dialetológico e lexicográfico;
2) Período dos estudos fonológicos sob influência do sânscrito;
3) Período de desenvolvimento equilibrado entre filologia, fonologia e etimologia;
4) Período dos estudos gramaticais modernos sob influência ocidental[1].

O primeiro período distingue-se pelo foco na análise dos carateres chineses, abordando a sua etimologia, variação dialetal e sistematização lexicográfica, refletindo a tradição erudita chinesa na preservação do conhecimento linguístico. No segundo período observa-se a introdução de métodos fonéticos mais estruturados, impulsionados pelo contacto com a tradição linguística indiana, particularmente através do budismo, o que resultou na organização de dicionários baseados em critérios fonológicos e no desenvolvimento de sistemas de transcrição fonética. O terceiro período assinala um avanço na sistematização dos estudos linguísticos chineses, consolidando abordagens mais abrangentes que integram filologia, fonologia e etimologia. Por fim, o quarto período caracteriza-se pela influência dos modelos analíticos ocidentais, culminando em descrições gramaticais da língua chinesa mais estruturadas, alinhadas com os métodos da linguística europeia.

Neste contexto, podemos observar que os estudos gramaticais nativos chineses surgiram tardiamente, sendo geralmente considerada como marco inicial da gramaticografia chinesa a publicação da primeira gramática de autoria local, a obra de Ma Jianzhong (1898/1998)[2], embora ainda fortemente ancorada na retórica tradicional e na filologia clássica (cf. Chappell & Peyraube, 2014). Em contraste, devido às diferenças estruturais entre as línguas sino-tibetanas e as línguas indo-europeias, os estudos

[1] Os quatro períodos correspondem, respetivamente, à periodização proposta por Wang Li na sua *História da Linguística Chinesa* (《中国语言学史》 *Zhōngguó Yǔyánxué Shǐ*), a saber: "训诂为主的时期 *xùngǔ wéi zhǔ de shíqī* ['período em que a exegese filológica constituía o foco principal']"; "韵书为主的时期 *yùnshū wéi zhǔ de shíqī*, ['período em que os dicionários de rimas eram predominantes']"; "文字、声韵、训诂全面发展的时期 *wénzì, shēngyùn, xùngǔ quánmiàn fāzhǎn de shíqī*, 'período de desenvolvimento abrangente dos carateres, da fonologia e da exegese']"; e "西学东渐的时期 *xīxué dōngjiàn de shíqī*, 'período da introdução dos estudos ocidentais na China', lit. 'difusão do saber ocidental para o Oriente'". As designações apresentadas resultam de uma adaptação realizada com base nos conteúdos abordados em cada um dos capítulos relativos a esses períodos.

[2] No entanto, Uchida (2009, p. 67) observa que, antes da obra de Ma Jianzhong, já havia sido produzido um estudo gramatical na China, por volta de 1840, designadamente a obra "《衍绪草堂笔记》 *Yǎn Xù Cǎotáng Bǐjì* ['*Notas do Estúdio Yanxu*']", da autoria de Bi Huazhen. A análise gramatical nela contida assenta na distinção tradicional chinesa entre palavras plenas e palavras vazias ("虚实 *xūshí*"), critério amplamente utilizado na tradição filológica chinesa. Segundo o autor, este estudo indígena chegou a ser mencionado em diversas investigações sinológicas, incluindo nos trabalhos de Louis Bazin e de Joseph Edkins.

gramaticais no Ocidente desenvolveram-se significativamente mais cedo, como exemplificado pela gramática de Port-Royal no século XVII. Assim, a chegada dos missionários europeus à China e a subsequente produção de estudos sínicos por esses autores funcionaram como catalisadores para o desenvolvimento da análise gramatical autóctone. Dada essa influência, torna-se relevante examinar como foram conduzidos esses estudos, o que exige uma revisão histórica daquilo que hoje denominamos como sinologia europeia.

Geralmente, concorda-se que a sinologia se reporta ao estudo da língua, civilização e história da China realizado pelo mundo académico ocidental (X. Zhang & Li, 2011, p. 3). No que diz respeito à história da sinologia ocidental, Zhang Xiping (2005, p. 2) propõe a seguinte periodização:

1) Período dos estudos sínicos baseados em relatos de viagem;
2) Período da sinologia missionária;
3) Período da sinologia especializada[3].

O primeiro período corresponde ao das primeiras descrições sobre a China elaboradas por exploradores, mercadores e missionários, frequentemente baseadas em relatos de viagem que apresentavam perceções fragmentadas e subjetivas do país. O segundo período distingue-se pelo envolvimento direto dos missionários na aprendizagem da língua e cultura chinesas, o que resultou na produção de glossários, dicionários, gramáticas e traduções de recursos linguísticos variados. Esses estudos, embora com um forte viés evangelizador, representaram os primeiros esforços estruturados para a sistematização da língua chinesa no Ocidente. Por fim, o terceiro período assinala o desenvolvimento de uma abordagem mais sistemática e académica, muitas vezes afastada dos objetivos religiosos, com o surgimento de estudos aprofundados sobre gramática, literatura, história e filosofia chinesas, sustentados por metodologia científica e comparativa. Esse período foi consolidado pelo estabelecimento, em 1814, da Cátedra de "*Langues et littératures chinoises et tartares* mandchoues" no *Collège Royal* (posteriormente *Collège de France*), que marcou a institucionalização da sinologia como disciplina académica na Europa.

---

[3] Estes três momentos correspondem, respetivamente, às designações em chinês: "游记汉学时期 *Yóujì Hànxué Shíqī* 'período da sinologia baseada em relatos de viagem'"; "传教士汉学时期 *Chuánjiàoshì Hànxué Shíqī*, 'período da sinologia missionária'"); e "专业汉学时期 *Zhuānyè Hànxué Shíqī*, 'período da sinologia especializada'", retirados do seguinte excerto: "西方汉学的发展大致经历了游记汉学时期、传教士汉学时期和专业汉学时期三个不同的发展阶段，但它们之间的分水岭并不是泾渭分明的，尤其是传教士汉学和专业汉学时期，存在着更多的交叉关系。*Xīfāng hànxué de fāzhǎn dàzhì jīnglìle yóujì hànxué shíqī, chuánjiào shì hànxué shíqī hé zhuānyè hànxué shíqī sān gè bùtóng de fāzhǎn jiēduàn, dàn tāmen zhī jiān de fēnshuǐlíng bìng bú shì jīngwèi fēnmíng de, yóuqí shì chuánjiào shì hànxué hé zhuānyè hànxué shíqī, cúnzàizhe gèng duō de jiāochā guānxì.* 'O desenvolvimento da sinologia ocidental passou aproximadamente por três etapas distintas: o período da sinologia baseada em relatos de viagem, o período da sinologia missionária e o período da sinologia especializada. No entanto, as fronteiras entre essas etapas não são claramente demarcadas, especialmente entre o período da sinologia missionária e o da sinologia especializada, nos quais se verificam muitas relações de interseção.'" (X. Zhang & Li, 2011, p. 190).

Zhang Xiping (2005, p. 2) destaca que a sua proposta de periodização não é absoluta, uma vez que a demarcação dos diferentes períodos não é puramente cronológica, mas baseada nas características dos diferentes estudos sinológicos. Assim, mesmo após o advento do período da sinologia especializada, os estudos missionários continuaram a desempenhar um papel central. Com efeito, embora ao longo do século XIX a sinologia se tenha progressivamente institucionalizado na Europa, no Extremo Oriente e em particular na China, os missionários permaneceram como figuras dominantes no campo dos estudos sinológicos.

Para compreender a trajetória dos diferentes recursos sínicos, dispomos de uma vasta gama de estudos históricos (*e.g.* X. Zhang, 2005, 2006; X. Zhang & Li, 2011), que documentam a evolução desses ensaios desde os primeiros contactos entre ocidentais e chineses até ao final do século XX. Embora os primeiros estudos sínicos, como os contributos dos primeiros jesuítas Matteo Ricci (1552–1610) e Nicolas Trigault (1577–1628), entre outros sinólogos missionários dos séculos XVII e XVIII, tenham estabelecido uma base fundamental para o estudo da língua chinesa, os estudos sinológicos do século XIX marcaram um avanço significativo na sistematização e inovação metodológica, conforme se verifica na *Arte China* de Joaquim Afonso Gonçalves, que apresenta uma estrutura mais rigorosa e um conteúdo mais aprofundado em comparação com os estudos pioneiros (*cf.* X. Zhang & Li, 2011, p. 73). Tendo em consideração este avanço, e por uma questão de delimitação, este estudo centrar-se-á na sinologia ocidental da primeira metade do século XIX.

Sobre este período, o fundador e editor da primeira revista protestante publicada na China, *The Chinese Repository*, Elijah Coleman Bridgman (1801–1861), apresenta uma série de comentários, analisando a evolução da disciplina sob diversos ângulos, incluindo a história da língua chinesa, a sua variação e carateres, o seu valor e utilidade, a receção por parte dos europeus e os recursos disponíveis para a sua aprendizagem. Na opinião deste académico e primeiro missionário protestante norte-americano, no início do século XIX, a França liderava os estudos sinológicos na Europa, graças aos esforços dos missionários jesuítas sob o patrocínio de Luís XIV; a Espanha pouco contribuiu, apesar da proximidade com a China, enquanto Portugal, através dos missionários em Macau, teve um papel mais relevante, com destaque para os trabalhos de Joaquim Gonçalves no Colégio de São José; os Países Baixos e a Rússia, apesar das suas oportunidades, não se destacaram no estudo da língua chinesa; os estudos sinológicos em Nápoles eram praticamente inexistentes entre os europeus, estando restritos a um pequeno grupo de estudantes chineses, cuja formação se limitava à doutrina católica; em Berlim e noutros locais da Europa continental, embora existissem bibliotecas com acervos chineses, apenas alguns estudiosos isolados se dedicavam ao estudo da língua chinesa; a Inglaterra, inicialmente

negligente, começou a avançar com os esforços de Morrison e Marshman, que superaram até os franceses; já nos Estados Unidos, até então, apenas uma pessoa era reconhecida por possuir conhecimento significativo da língua chinesa (cf. Bridgman, 1834a, pp. 10–12).

Em síntese, observamos que as tradições linguísticas ocidentais, nas quais os primeiros sinólogos basearam os seus estudos sobre a língua chinesa, introduziram uma nova perspetiva na história da linguística chinesa. Entre os estudos sínicos, que remontam aos primeiros contactos dos missionários jesuítas, como Matteo Ricci, o século XIX representa um marco de importância excecional, caracterizado por uma crescente sistematização e inovação metodológica. Enquanto o início do século XIX marca a transição entre a sinologia missionária e a sinologia especializada, com o fortalecimento de centros de estudo na Europa, no Extremo Oriente os missionários continuavam a desempenhar um papel fundamental na produção de conhecimento sobre a língua e cultura chinesas. Um exemplo notável desse protagonismo é o padre Joaquim Afonso Gonçalves, cujo trabalho teve um impacto significativo no desenvolvimento da linguística chinesa e na transmissão desse conhecimento ao público ocidental. A próxima secção apresentará o enquadramento teórico deste estudo, estabelecendo as bases conceptuais que fundamentarão a análise e interpretação dos dados textuais das obras metalinguísticas para o ensino-aprendizagem do chinês a, e por, falantes europeus do missionário português Joaquim Gonçalves. Este enquadramento permitirá contextualizar a abordagem adotada, alinhando-a com os estudos prévios sobre a sinologia missionária e a linguística contrastiva.

1.2. A interação cultural e a perspetiva periférica na linguística chinesa

Nesta secção, pretendemos contextualizar teoricamente os estudos metalinguísticos de Joaquim Afonso Gonçalves no quadro dos estudos da interação cultural, nomeadamente da abordagem periférica na linguística chinesa, conforme delineada por Uchida (2011a). A abordagem periférica, enquanto metodologia de investigação, valoriza os contributos linguísticos e culturais produzidos fora dos grandes centros de conhecimento, realçando o papel de agentes externos e das interações interculturais na construção do saber linguístico. Neste sentido, as obras de Gonçalves, desenvolvidas em Macau no século XIX, representam um exemplo paradigmático de como missionários europeus participaram ativamente na descrição e sistematização da língua chinesa a partir de uma perspetiva contrastiva, influenciada pela tradição linguística ocidental.

Um ponto relevante na abordagem de Uchida (2011a) é a relação entre o centro e a periferia no desenvolvimento do conhecimento linguístico. Os estudos linguísticos chineses centravam-se

tradicionalmente na análise feita por académicos nativos, enquanto os trabalhos produzidos por sinólogos estrangeiros eram frequentemente relegados para um estatuto secundário. No entanto, como demonstra Uchida (2011a), muitos dos avanços no estudo da fonética, gramática e lexicografia chinesa não só tiveram origem na interação com pesquisas externas como também foram catalisados pela comparação com metodologias ocidentais, que trouxeram novas perspetivas e técnicas analíticas. Assim, os estudos europeus sobre a língua chinesa não apenas desencadearam uma renovação nos estudos internos, mas também se revelam válidos enquanto estudos linguísticos sistemáticos, uma vez que introduziram abordagens comparativas, métodos fonéticos mais precisos e uma visão objetiva sobre fenómenos linguísticos que, para falantes nativos, poderiam passar despercebidos (cf. Uchida, 2011a, p. 127).

Segundo Uchida (2011a), o estudo da linguística chinesa pode ser enriquecido quando abordado a partir da periferia, ou seja, analisando-se como o conhecimento sobre a língua chinesa foi moldado não apenas pelos nativos, mas também por agentes estrangeiros. Os estudos missionários, em particular, desempenharam um papel essencial na transição da linguística chinesa para um modelo mais descritivo e normativo. A sinologia europeia do século XIX insere-se nesse contexto, pois muitos dos seus protagonistas, incluindo o padre Joaquim Gonçalves, estavam posicionados em locais geograficamente distantes dos grandes centros académicos chineses, mas desempenharam um papel fundamental na interpretação e ensino da língua. Como resultado, os seus estudos refletem tanto a adaptação ao modelo linguístico chinês quanto a influência das tradições ocidentais, nomeadamente a gramática greco-latina e a metodologia lexicográfica europeia.

Uchida (2011a, pp. 123–124) sublinha que um dos principais desafios da linguística chinesa reside na fragmentação excessiva do conhecimento, com investigações cada vez mais especializadas, mas frequentemente desconectadas de uma visão holística da língua. Nesse sentido, a abordagem periférica incentiva uma leitura mais abrangente da gramática e da estrutura da língua chinesa, promovendo comparações interlinguísticas e o estudo dos processos históricos de contacto linguístico. Gonçalves, ao produzir a sua trilogia composta pela *Arte China* (1829), *Diccionario Portuguez-China* (1831) e *Diccionario China-Portuguez* (1833), contribuiu significativamente para essa abordagem integradora, apresentando um método que não apenas descrevia os diversos aspetos da língua chinesa mas também facilitava a sua aprendizagem por falantes europeus.

Deste modo, a análise das obras de Gonçalves à luz da abordagem periférica permite compreender a importância dos sinólogos missionários no processo de formalização da gramática chinesa, bem como a relevância das suas contribuições para o ensino da língua. Gonçalves não apenas sistematizou aspetos

fundamentais do mandarim de Pequim do início do século XIX, mas também introduziu um modelo de ensino inovador que conciliava a tradição gramatical europeia com as especificidades da língua chinesa. As referências interculturais presentes nas suas obras representam uma fonte histórica valiosa para os estudos sobre a história da gramática chinesa, bem como para a investigação das relações luso-chinesas, da linguística contrastiva e da didática de línguas estrangeiras.

1.3. O sinólogo português Joaquim Afonso Gonçalves

Nesta secção, temos como objetivo estabelecer o estado da arte relativo aos estudos sobre o padre Joaquim Gonçalves, uma figura central na história da sinologia portuguesa. Para tal, procedemos a uma revisão da literatura existente sobre o tema, a fim de mapear os estudos realizados até ao momento, analisando os principais contributos no campo e identificando lacunas ou questões que permanecem por explorar. Este levantamento crítico não só contextualiza o estado atual do conhecimento sobre o padre Joaquim Gonçalves como também evidencia a relevância desta investigação, ao posicioná-la face às abordagens e debates académicos já estabelecidos.

A revisão é organizada em três secções principais: a primeira (1.3.1) incide sobre os estudos de natureza biográfica e bibliográfica, ou seja, aqueles que se dedicam à vida e obra do padre Joaquim Gonçalves de forma mais geral; a segunda (1.3.2) numera as menções às suas publicações no meio sinológico oitocentista, organizadas cronologicamente, juntamente com a análise crítica de cada uma; a terceira (1.3.3) aborda os estudos temáticos nas últimas três décadas, focando-se em análises que exploram aspetos específicos dos estudos de Gonçalves, como, por exemplo, a romanização do mandarim nas suas obras ou outros tópicos de relevância cultural e linguística.

É importante salientar que esta revisão se restringe aos estudos diretamente relacionados com o padre Joaquim Gonçalves. A discussão de outra literatura relevante para as áreas abordadas na tese, seja de cariz linguístico, cultural ou metodológico, será realizada nos capítulos e secções onde tais áreas são tratadas em detalhe. Assim, esta secção cumpre o papel de delimitar o ponto de partida para a presente investigação, oferecendo uma visão integrada do estado atual dos estudos sobre o sinólogo Joaquim Gonçalves e estabelecendo os alicerces para a análise subsequente.

1.3.1. Estudos biográficos e bibliográficos sobre o padre Joaquim Gonçalves

Nesta subsecção procedemos à revisão dos estudos biográficos e bibliográficos dedicados ao padre Joaquim Gonçalves, com base nas diversas fontes disponíveis. Para além de contextualizar a evolução

do conhecimento acumulado sobre Gonçalves, esta revisão tem como objetivo traçar o seu perfil sociolinguístico, que servirá de fundamento para a análise detalhada das suas obras, nos capítulos seguintes.

Relativamente ao percurso biográfico e bibliográfico do padre Joaquim Gonçalves, numerosos estudos foram publicados ao longo do tempo (*e.g.* Aresta, 2000; N. Ye, 2010), os quais, segundo Li Ling (2020, pp. 5–6), se baseiam maioritariamente em três fontes biográficas principais. A primeira é a notícia fúnebre elaborada por J. M. Callery (1846), discípulo direto de Gonçalves, publicada pouco após o seu falecimento e considerada como uma das primeiras descrições detalhadas da sua vida. A segunda é o *Dicionário Bibliográfico* de Inocêncio da Silva (1860), uma obra de referência publicada no mesmo século, que consolida informações biográficas e bibliográficas do autor. A terceira é do século XX: os estudos biográficos e bibliográficos de Manuel Teixeira (1912-2003), dedicados a Macau e à sua diocese, que oferecem uma perspetiva histórica e regional mais ampla, complementando os dados apresentados por Callery e Silva e contribuindo para delinear uma visão mais abrangente e contextualizada da vida de Joaquim Gonçalves. Além dos dados destas três fontes, frequentemente citados, outros registos, como, por exemplo, o *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, conforme mencionado em Aresta (2000), e a *Cronologia da História de Macau*[4], referida em Ye (2010), fornecem vários contextos que enriquecem a nossa compreensão da vida deste sinólogo português.

Com base nos estudos sintetizados em Li (2020, pp. 6–9) e complementados pelo relato de Callery (1846), os dados biográficos de Gonçalves podem ser resumidos na seguinte linha cronológica, apresentada na Tabela 1.

Tabela 1 Percurso biográfico e bibliográfico de Joaquim Gonçalves

Tempo	Atividade	Local	Observações
23/03/1781	Nascimento	Tojais, Cerva, Trás-os-Montes	Nascido e criado numa família agrícola pobre, mas piedosa; Batizado na igreja de S. João de Limões; A zona de Trás-os-Montes era maioritariamente dirigida por lazaristas.
17/05/1799	Formação	Lisboa	Entrou no Seminário de Rilhafoles, em Lisboa; Ingressou na congregação de S. Vicente de Paulo.
18/05/1801	Profissão	Lisboa	Tomou votos como padre lazarista
1812	Partida	Lisboa	Embarcou no *Magnanimo*, destinado à missionação de Pequim; Passou por vários países, como Brasil, Índia, Filipinas; A opção deste destino surgiu do desejo de viver num país mais tranquilo, longe dos conflitos bélicos em Portugal, para melhor desfrutar da vida religiosa.
28/06/1813*	Chegada	Macau	Devido à conjuntura política, foi impedido de prosseguir para Pequim.
1822-1823	Emprego	Macau	Desempenhou a função de intérprete do Senado de Macau.

[4] Da autoria de Beatriz Basto da Silva (1944-).

10/1823 a 10/1825	Refúgio	Manila	Devido a conflitos religiosos em Macau, como consequência do movimento liberal, que rebentou em 1822, refugiou-se em Manila, com a assistência de um barco britânico.
1828	Publicação	Real Colégio de São José, Macau	*Grammatica latina, ad usum sinensium juvenum*
1829			*Arte China, constante de alphabeto e grammatica, comprehendendo modelos das diferentes composições*
1831			*Diccionario portuguez-china, no estylo vulgar mandarim, e classico geral*
1833			*Diccionario china-portuguez, no estilo vulgar mandarim e classico geral*
1837			*Vocabularium latino-sinicum, pronuntiatione mandarina latini litteras*
1839			*Lexicon manuale latino-sinicum, continens omnia vocabula utilia et primitiva etiam scriptae sacrae*
1841			*Lexicon magnum latino-sinicum, ostendens etymologiam, prosodiam, et constructionem vocabulorum*
03/10/1841	Falecimento	Macau	Inicialmente foi sepultado no Cemitério de S. Paulo, mas em 1872 o corpo foi trasladado para a Igreja de S. José;
			Deixou as seguintes obras inéditas: *Versão do Novo Testamento em lingua china***; *Diccionario sinico-latino*; Um caderno manuscrito (códice 7975 da Biblioteca Nacional de Portugal)***; Uma tradução da "Relacão da jornada de Antonio China de Macau a Hoei-Chou e outras cidades de Nan-kim a buscar semente e plantas de Chá, em 1835-1836".

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados reunidos em Li (2020, pp. 6–9), complementados pela releitura do relato de Callery (1846).
Nota. * Relativamente a esta data, é frequente encontrar-se um registo alternativo: 1814, por exemplo em Callery (1846, p. 70).
** Callery (1846, p. 74) sustenta que a tradução não era de Gonçalves, posição contrária à de Silva (1860, p. 57) e Teixeira (1961, p. 719).
*** Recentemente editado por Anabela Leal de Barros e Ana Ng Cen (2014, 2017).

Quanto à vida do padre Joaquim Gonçalves, as informações pessoais são bastante limitadas, particularmente no que diz respeito a registos produzidos pelo próprio autor sobre a sua estadia na China. Até ao momento, não foram encontrados diários, correspondência ou outros documentos de primeira mão que permitam um relato direto das suas experiências em Macau ou noutras localidades. Assim, o conhecimento sobre este período baseia-se sobretudo em fontes secundárias, como as apresentadas anteriormente, sem detalhes significativos provenientes de testemunhos do próprio Gonçalves.

Presume-se que o sacerdote português tenha permanecido junto dos outros lazaristas, lecionando no Real Colégio de São José, como indicado na inscrição da sua lápide sepulcral, transcrita e traduzida por Teixeira[5]:

D. O. M.

HIC JACET REVER. D. JOAQUIMUS ALFONSUS GONSALVES LUSITANUS PRESBITER CONGREGATIONIS MISSIONIS ET IN REGALI SANCTI JOSEPHI MACAONENSI COLLEGIO PROFESSOR EXIMIUS REGALIS SOCIETATIS ASIATICAE SOCIUS EXTER PRO SINENSIBUS MISSIONIBUS SOLICITUS PERUTILIA OPERA SINICO LUSITANO

[5] A mesma inscrição surge também na notícia fúnebre de Callery (1846, pp. 79–80), com algumas variações ortográficas: "*presbyter*","*praestanti*" e"*litteraturaeque cultores*". Além desta, a inscrição latina transcrita em Aresta (2000, pp. 677–678) apresenta ainda mais diferenças, nomeadamente na grafia do nome do padre Gonçalves (como "*Joachim Alph. Gonçalves*"), na designação do Seminário de São José (como "*Regali Collegio S.Joseph Macaonensi*") e em outra variação ortográfica comum (por exemplo, "*presbyter*", "*preastanti*", e "*eius Amid litteraturaeque cultores*"). Essas discrepâncias podem refletir diferentes padrões de latim ou erros de transcrição.

LATINOQUE SERMONE COMPOSIT ET IN LUCEM EDIDIT MORIBUS SUAVSSIMIS DOCTRINA PROESTANTI INTEGRA VITA QUI PLENUS DIEBUS I N DOMINO QUIEVIT SEXAGENARIO MAIOR QUINTO NONAS OCTOBRIS ANNO MDCCCXLI IN MEMORIAM TANTI VIRI EJUS AMICI LITTERARUM EQUE CULTORES HUNC LAPIDEM CONSECRAVERE

[transição de página]

Tradução

"A Deus Ótimo Máximo.

Aqui jaz o Rev. Sr. Joaquim Afonso Gonçalves, português, sacerdote da Congregação da Missão, exímio professor do Real Colégio de S. José, sócio estrangeiro da Real Sociedade Asiática, solícito pelo bem das missões chinesas, compôs e publicou obras muito úteis nas línguas chinesa, latina e portuguesa, sendo ele de costumes irrepreensíveis e exímio da doutrina, de vida ilibada, o qual, cheio de dias, descansou no Senhor, mais que sexagenário, em 3 de Outubro do ano de 1841.

Os seus amigos e discípulos de letras dedicaram esta lápide em memória de tão grande varão". (Teixeira, 1961, pp. 720–721)

No entanto, pouco se sabe sobre o período exato em que o padre Gonçalves exerceu as suas funções nesta instituição, bem como sobre as políticas de ensino ou os modelos de formação ali adotados[6]. Ainda menos informações existem sobre o processo pelo qual Joaquim Gonçalves adquiriu proficiência nas duas variedades da língua chinesa, nomeadamente o mandarim e o cantonês, levantando-se questões como quem poderiam ter sido os seus professores ou que materiais e métodos de ensino teriam sido utilizados durante a sua aprendizagem[7].

Pelo mesmo epitáfio ficamos a saber ainda que Gonçalves foi sócio da Real Sociedade Asiática[8], uma sociedade sediada no Reino Unido que contava entre os seus membros com outros renomados sinólogos da época, como Jean-Pierre Abel-Rémusat (1788–1832), sinólogo francês de renome e

[6] Segundo Ye Nong (2005), o Colégio de São José esteve sob a administração da Congregação da Missão entre 1784 e 1856. Zhang Minfen (2020, pp. 429–431), com base no Estatuto deste seminário, encontrado em manuscrito no Arquivo Histórico Ultramarino (caixa 15, documento 20, datado de 1784), indica que dispunha "o Seminário de um Reitor; de um Professor de Língua Portuguesa, Latina, de um Professor de Língua Chinesa, de um Professor de Filosofia, de dois Professores de Teologia, de um Professor de Matemática...", destacando a importância atribuída ao ensino do chinês e à tradução sino-portuguesa. Ainda assim, dispõe-se de pouca informação sobre os perfis sociolinguísticos dos docentes dessas línguas.

[7] Pela correspondência entre o Bispo D. Frei Francisco de Nossa Senhora da Luz Chacim, da Diocese de Macau, e o reitor do Seminário de São José, Pe. Nicolau Rodrigues Pereira de Borja, sabemos que os lazaristas não haviam conseguido formar mestres europeus de língua sínica até 1811 (cf. Teixeira, 1961, pp. 676–678), ou seja, dois anos antes da chegada de Joaquim Gonçalves a Macau. Perante a falta de docentes europeus, é provável que o padre Joaquim Gonçalves tenha aprendido as duas variantes do chinês, mandarim e cantonês, diretamente com falantes nativos, uma vez que o seminário macaense, oficialmente entregue aos lazaristas em 1800, abriu as suas portas à juventude local logo após a sua transição, embora inicialmente se destinasse à formação eclesiástica do clero das dioceses de Pequim e Nanquim (Teixeira, 1961, p. 687). No entanto, é igualmente plausível que o padre Gonçalves tenha recorrido a material didático produzido por sinólogos europeus que o precederam, considerando a sistematicidade dos seus estudos sínicos, evidenciada na sua análise dos carateres chineses e na respetiva romanização. Ainda que o seu discípulo Callery (1846, p. 77) afirme que Gonçalves evitava consultar publicações semelhantes às suas próprias investigações, para evitar qualquer risco de plágio involuntário, chegando mesmo a encontrar o dicionário de Robert Morrison coberto de pó no quarto de Gonçalves, o próprio Gonçalves (1831, p. i) reconhece ter recorrido a essa obra para a consulta de nomes de elementos da história natural.

[8] Pela designação desta organização, presume-se que se refere à *Royal Asiatic Society of Great Britain and Ireland*, fundada em 1823, tendo recebido a sua Carta Real de incorporação, da parte do Rei Jorge IV, no ano seguinte, com o objetivo de promover o estudo e a investigação das artes, ciências e literatura relacionadas com a Ásia («Appendix, no. VI. Regulations for the Royal Asiatic Society of Great Britain and Ireland. 1830», 1829, p. lxxxiii; Scott, 1824). A adesão de Gonçalves a esta organização britânica pode estar relacionada com o apoio que recebeu dos ingleses durante um período crítico da sua vida, pois segundo Callery (1846, p. 76), o padre Joaquim Gonçalves sentia grande gratidão pelo acolhimento e tratamento recebido da parte dos ingleses durante a sua fuga em 1823, quando se refugiou num navio britânico envolvido no comércio de ópio em Lintin; vinte anos depois, ainda recordava esse episódio com apreço.

fundador da Cadeira de "*Langues et littératures chinoises et tartares mandchoues*" no *Collège Royal* (posteriormente *Collège de France*) e Robert Morrison (1782–1834), o primeiro missionário protestante a chegar à China e sinólogo anglo-escocês de mérito internacional[9]. Através das publicações periódicas desta sociedade, sabe-se que o padre Gonçalves participou durante vários anos como membro estrangeiro[10], uma posição que exigia pelo menos cinco recomendações[11], o que demonstra que o sinólogo português mantinha boas relações com a comunidade sinológica europeia[12]. Além disso, os registos de donativos desta sociedade[13] confirmam que Gonçalves fazia doações regulares das suas obras sínicas à instituição, fortalecendo o seu vínculo com o meio académico europeu. Considerando a frequente troca de material bibliográfico, é razoável afirmar que, no seu percurso de aprendizagem do chinês, o missionário português teve conhecimento a vários estudos sinológicos contemporâneos, os quais podem ter influenciado e enriquecido as suas próprias obras sinológicas.

Para além deste currículo sucinto, é igualmente relevante delinear o perfil sociolinguístico do padre Joaquim Gonçalves, de forma a contextualizar a análise a ser desenvolvida nos capítulos seguintes no âmbito da sua observação das características da língua chinesa. A Tabela 2 apresenta uma síntese das suas potenciais competências científicas, linguísticas e artísticas, com base nos dados agrupados em Li (2020, pp. 6–9) e complementados pelo relato de Callery (1846).

Tabela 2 Perfil sociolinguístico de Joaquim Gonçalves

Competência	Especificação	Observação
Língua materna: português	Dialeto transmontano	Nasceu e viveu os primeiros 18 anos da sua vida na sua terra natal, situada na região de Trás-os-Montes.
	Conhecimento do português de Lisboa	Viveu durante cerca de 13 anos em Lisboa, onde adquiriu familiaridade com a variação regional local.
Línguas chinesas	Mandarim	Nos primeiros anos após a sua chegada a Macau, estudou esta variante característica do Norte da China, em conformidade com o plano inicial de missionação em Pequim, adquirindo uma pronúncia refinada e uma eloquência oral distinta.
	Cantonês	Dominou, em apenas três anos, esta variante utilizada em Macau, no Sul da China, onde permaneceu grande parte da sua vida. Apesar de ter alcançado fluência, mostrava alguma relutância em utilizá-la, devido a certas características que considerava menos harmoniosas neste dialeto.
Outras línguas estrangeiras	Inglês, espanhol, italiano e francês	Nos últimos anos da sua vida, oferecia cursos gratuitos destas línguas aos jovens de Macau.

[9] Cf. "List of the Members of the Royal Asiatic Society of Great Britain and Ireland" (1834).

[10] Veja-se, por exemplo, a mesma lista de membros da nota de rodapé anterior, e um outro volume do *Journal* da mesma sociedade (1835).

[11] Cf. "Regulations for the Royal Asiatic Society of Great Britain and Ireland" (1829).

[12] Callery (1846, p. 79) também menciona que o padre Gonçalves teria chegado a recomendar a sua obra *Systema Phoneticum* à Real Sociedade Asiática, da qual era membro honorário, embora sejam encontradas poucas referências a essa obra nas publicações da referida sociedade.

[13] Veja-se, por exemplo, os registos de doações desta sociedade (1829; 1841; 1834): a oferta da sua *Grammatica Latina ad usum Sinensium Juvenum*, publicada em 1828, conforme indicado no registo de 1829; a doação do seu *Diccionario China-Portuguez*, publicado em 1833, mencionada no registo de 1834; e a dádiva do seu *Vocabularium Latino-Sinicum*, publicado em 1836, bem como do seu *Lexicon Manuale Latino-Sinicum*, conforme consta no registo de 1841.

Artes e Humanidades	Música e Teologia	Era reconhecido como exímio em música, matemática e teologia, competências valorizadas na Corte Imperial de Pequim, dando aulas de música, nos últimos anos da sua vida, a jovens de Macau.
Ciências naturais e exatas	Matemática e Astronomia	Aprofundou os estudos nessas duas áreas logo após a sua chegada a Macau, dado que inicialmente estava destinado a colaborar no projeto de regulação do calendário na capital chinesa.

Fonte: Elaborada pela autora com base nos recursos reunidos em Li (2020, pp. 6–9) e complementados pela releitura do relato de Callery (1846).

Tendo em conta este perfil, é natural que tanto as duas variantes do português como o conhecimento de outras línguas europeias se reflitam na sua descrição metalinguística, nomeadamente na romanização da língua sínica (ver 2.2 abaixo). Além disso, o seu talento musical terá certamente contribuído para a sua capacidade de dominar a pronúncia do chinês, dada a natureza tonal desta língua. Por fim, a sua missão inicial para Pequim determinou a prioridade pela variante mandarim do chinês, consolidando a sua escolha de enfoque linguístico e cultural.

Em síntese, os estudos biográficos e bibliográficos disponíveis sobre o padre Joaquim Afonso Gonçalves proporcionam uma visão geral do percurso deste missionário lazarista, mas oferecem informações bastante limitadas sobre a sua formação académica e trajetória profissional. Destaca-se, em particular, a escassez de fontes de primeira mão que permitam compreender como aprendeu o chinês, especialmente no que se refere aos literatos chineses que possam tê-lo instruído e às fontes literárias, tanto chinesas como estrangeiras, que possa ter consultado. Na próxima subsecção procederemos à revisão dos estudos sobre as obras de Gonçalves, desde as análises realizadas pelos seus contemporâneos até às investigações mais recentes.

1.3.2. Referências oitocentistas sobre os contributos sinológicos de Joaquim Gonçalves

Nesta subsecção analisaremos as referências às obras sinológicas do padre Joaquim Gonçalves ao longo do século XIX, no contexto da sinologia europeia. Os estudos sinológicos do padre Joaquim Gonçalves têm recebido diversos testemunhos laudatórios por parte de sinólogos ocidentais desde a sua publicação, sendo amplamente reconhecidos como um método de ensino-aprendizagem completo e sistemático. A seguir, centraremos a nossa atenção nas referências feitas por J.-P. Abel-Rémusat em 1831, J. M. Callery em 1846, Stanislas Hernisz em 1854, Thomas Wade em 1859, James Summers em 1863 e Samuel Williams em 1874[14], bem como noutras menções à sua obra na revista *The Chinese Repository* (1832-1851). A seleção foca-se na trilogia dedicada ao ensino-aprendizagem do chinês a e por europeus,

[14] Na realidade, de acordo com Liu Ruomei (2009, p. 152), o sinólogo russo N. J. Bichurin (1777-1853), fundador da sinologia russa, no prefácio da primeira gramática chinesa da história da sinologia russa, 《汉文启蒙》 *Hànwén Qǐméng* 'Introdução ao Chinês', publicada em 1838, enumerou seis gramáticas chinesas anteriormente publicadas por europeus e classificou a *Arte China*, de Gonçalves, como uma gramática chinesa de elevada sistematicidade. No entanto, devido à barreira linguística, não foi possível localizar diretamente este testemunho.

composta pela *Arte China* (1829), pelo *Diccionario Portuguez-China* (1831) e pelo *Diccionario China-Portuguez* (1833), não abrangendo, por limitações de espaço, todas as obras sino-latinas do mesmo autor.

Entre a literatura reunida para esta tese, o depoimento de Abel-Rémusat (1831, pp. 543–545) é a referência mais antiga e tem sido frequentemente citado em estudos modernos, como Texeira (1961, p. 719), Aresta (2000, pp. 681–682) e Barros (2014, pp. 107–108) para testemunhar o caráter inovador do método de ensino desenvolvido por Gonçalves para as diversas vertentes do chinês, bem como a sua análise dos carateres chineses, conforme apresentada na *Arte China*. A sua avaliação parece basear-se no próprio prefácio da *Arte China*, refletindo a estrutura proposta por Joaquim Gonçalves, nomeadamente a composição dos três volumes e as quatro inovações fundamentais. Seguindo a organização dos oito capítulos da *Arte China*, Abel-Rémusat destaca especialmente o sétimo, dedicado às histórias e fábulas chinesas, que, por si só, já seria digno de mérito excecional. Apesar das críticas ao arranjo tipográfico no que diz respeito à variação dos carateres chineses e à ausência de menção, por parte de Gonçalves, a estudos anteriores, o sinólogo francês atribui-lhe um lugar honroso ao lado de Varo, Prémare, Marshman e Morrison[15].

Na notícia fúnebre de Gonçalves, Callery (1846, pp. 71–73) elogia a *Arte China* como o compêndio mais completo da época, embora aponte a falta de explicações e considere o capítulo inicial, sobre o "alfabeto chinês", excessivamente longo e difícil. Reconhece os dicionários português-chinês e chinês-português como os melhores do género, ainda que lamente, no último, o afastamento da tradição lexicográfica dos 214 radicais e a violação das regras de formação dos caracteres. Já no *Systema Phoneticum Scripturae Sinicae*, Callery (1841, pp. 81–82) retoma o nome do seu mestre, ao lado de Chrétien-Louis-Joseph de Guignes (1759–1845) e Robert Morrison, destacando novamente as três obras principais e avaliando de forma desigual os dicionários latinos subsequentes (*Vocabularium Latino-Sinicum*, 1836; *Lexicon manuale Latino-Sinicum*, 1839; *Magnum lexicon Latino-Sinicum*), que classifica como abreviado, repetitivo e demasiado exigente, respetivamente. Apesar das críticas, reconhece que Gonçalves pretendia sobretudo fornecer instrumentos úteis aos estudantes chineses eclesiásticos, embora lhe aponte a ausência de indicações fonéticas e de introduções explicativas.

[15] Nesta análise, encontrámos mais duas informações-chave para o estudo da historiografia da sinologia europeia. Em primeiro lugar, a proposta de Montucci, publicada poucos anos antes da *Arte China*, à qual a redução dos radicais feita por Gonçalves é considerada semelhante. Em segundo lugar, o catálogo das diferenças elaborado por Gonçalves, que é comparado ao *Tableau des éléments vocaux de l'écriture chinoise*, publicado no mesmo ano, em Paris, por Levasseur e Kurz, pela editora Ratier. A comparação entre as três abordagens é abordada no manuscrito da autora desta tese, intitulado *Joaquim Afonso Gonçalves's Alphabetic Arrangement of Chinese Characters: A Philological and Pedagogical Innovation in Early 19th-Century Western Sinology*, submetido para publicação.

Na introdução do seu compêndio de conversação em chinês e inglês, destinado ao ensino dos dois idiomas nos Estados Unidos e intitulado *A Guide to Conversation in the English and Chinese Languages for the Use of Americans and Chinese in California and Elsewhere* (1854), Stanislas Hernisz (1805–1866), sinólogo judeu de origem polaca e posteriormente naturalizada cidadão norte-americano (cf. D. Yu, 2024, pp. 220-221), explica que, não podendo contar com a assistência de um mestre nativo, como podiam fazer os sinólogos residentes na China, teve de recorrer às melhores obras disponíveis em sua posse. Entre os principais textos consultados estão: "Medhurst, 'Chinese and English Dictionary'; Gonçalvez, 'Dictionnario China-Portuguez,' e 'Diccionnario Portugez China,' and 'Arte China' o 'Kang Hi Tsz Tien.' Bridgman's, "Chinese Chrestomathy"; William's, 'English and Chinese Vocabulary'" (Hernisz, 1854, p. VII). Pode-se notar o destaque especial conferido às obras de Gonçalves, que se constituíam em referências fundamentais para a sinologia ultramarina, fornecendo modelos lexicográficos e gramaticais acessíveis mesmo no continente americano.

Além destes, conforme citado por Barros (2014, p. 107), o renomado diplomata e sinólogo britânico Thomas Francis Wade (1859) também elogiou as obras de Joaquim Gonçalves, especialmente no que se refere ao ensino da oralidade do dialeto de Pequim. Posteriormente, James Summers (1863), outro destacado sinólogo britânico, ao apresentar o estado da arte dos estudos sínicos na sua época, destacou igualmente o nome de Gonçalves, considerando a *Arte China* como "a obra mais completa sobre a língua chinesa que temos"[16] e salientando a profundidade com que o autor estudou os carateres chineses, o que resultou no *Alphabeto China*. No entanto, lamentou que, por ter sido escrita em português, poucos a tenham estudado, embora defendesse que todos os alunos deveriam tê-la em mãos. A sua análise inclui uma revisão dos diferentes capítulos da *Arte China*, destacando a qualidade do conjunto dos diálogos. Aos seus olhos, os principais defeitos da obra residem na falta de explicações detalhadas, na ausência de transliteração – exceto no *Alphabeto* – e na tradução, que nem sempre considera satisfatória. Ainda assim, recomenda o manual para quem estuda com a ajuda de falantes nativos. Quanto às restantes obras do autor, limitou-se a reconhecer o seu valor, sem fornecer detalhes adicionais.

Por fim, no prefácio do seu *A Syllabic Dictionary of the Chinese Language*, Samuel Wells Williams (1874) menciona Joaquim Afonso Gonçalves como autor do *Diccionario China-Portuguez*, que consultou juntamente com os de Morrison e de De Guignes na preparação do seu próprio dicionário, e inclui-o ainda na comparação das ortografias de romanização propostas por vários sinólogos. Embora observe que obras como a de Gonçalves, tal como as de Medhurst e Bridgman, eram então raras e pouco

[16] Tradução da autora da seguinte passagem: "[His *Arte China*, which was published in 1829,] is the most complete work on the Chinese language which we possess" (Summers, 1863, p. viii).

conhecidas, reconhece o seu valor no quadro da tradição lexicográfica e a sua utilidade na elaboração do seu próprio dicionário. Williams destaca ainda a importância histórica destes contributos pioneiros para a consolidação dos estudos lexicográficos do chinês, mesmo quando já se encontravam ultrapassados pelas exigências de novos públicos académicos. O reconhecimento explícito da obra de Gonçalves atesta, assim, a sua inserção num circuito internacional de referência e confirma a influência duradoura da sua produção lexicográfica mesmo no final do século XIX.

Além desses testemunhos, o nome do padre Joaquim Gonçalves surge recorrentemente na revista protestante *The Chinese Repository*, como se verifica no índice geral publicado a seguir ao seu último volume. De acordo com este índice (cf. Bridgman & Williams, 1851, p. xcv), o nome do sinólogo português aparece em sete volumes da revista: no terceiro[17], são mencionadas as suas obras; no sétimo[18] e no décimo oitavo[19], encontram-se listas das suas publicações; no vigésimo[20], são referidas as fábulas por ele coligidas; no décimo sétimo[21], surge no contexto da explicação do termo *shin*, a transliteração britânica do termo "神 *shén* 'deus'"; no décimo primeiro[22], é divulgada a sua morte; e no décimo quinto[23], apresenta-se uma notícia biográfica sobre o seu percurso.

Na realidade, para além dos sete volumes indicados no índice geral, o nome do padre Joaquim Gonçalves também surge no décimo terceiro volume de *The Chinese Repository*, onde são discutidos os seus contributos para o estudo do chinês. Neste volume, lamenta-se que as suas obras tenham sido escritas em português, uma língua menos acessível ao público sinológico internacional, o que resultou numa menor valorização dos seus estudos (cf. Lowrie, 1844, p. 652). Esta menção surge a propósito de um conjunto de artigos intitulados "The Land of Sinim", dedicados à história do cristianismo na China, tanto do catolicismo como do protestantismo. Podemos, pois, afirmar que o padre Gonçalves exerceu

---

[17] No terceiro volume, o nome de Gonçalves surge nos dois primeiros artigos do primeiro número, ambos da autoria do editor Bridgman. O primeiro aborda os recursos disponíveis para o ensino-aprendizagem do chinês, enquanto o segundo é uma introdução à escrita chinesa, na qual Gonçalves é citado como exemplo de que os 214 radicais tradicionais podem, de facto, ser reduzidos, como ele próprio fez, para 127 (cf. Bridgman, 1834a, pp. 11–12, 1834b, p. 31).

[18] No sétimo volume, o nome de Gonçalves aparece no primeiro artigo do terceiro número, que apresenta uma revisão detalhada dos recursos disponíveis para a aprendizagem do chinês. Destaca-se a abundância de exemplos e exercícios compilados na sua *Arte China*, ao mesmo tempo que se critica a ausência de traduções literais, palavra por palavra, e o uso de traduções excessivamente livres, que dificultam a compreensão das estruturas da língua chinesa. Além disso, os seus dicionários também são mencionados (cf. J. R. Morrison, 1838, pp. 114–116, 120).

[19] No décimo oitavo volume, o nome de Gonçalves surge no terceiro artigo do oitavo número, dedicado à listagem de estudos sobre a China, abrangendo obras filológicas, traduções, narrativas gerais e relatos de viagens (cf. S. W. Williams, 1849, pp. 403–405). Nesta lista, o autor inclui todas as sete obras publicadas por Gonçalves (ver Tabela 1).

[20] Neste volume, a segunda secção do sétimo capítulo da *Arte China*, intitulada "Extractos da Historia, e Fabula, a que frequentemente se allude nas Composições Chinas" (Gonçalves, 1829a, pp. 343–393), é traduzida para inglês e publicada em três artigos ao longo do volume (cf. Bowring, 1851).

[21] Neste volume, num estudo sobre qual é o termo chin ê s mais apropriado para equivaler a "Deus", publicado em dois artigos do mesmo volume, o *Diccionario China-Portuguez* é referido como um dos recursos lexicogr á ficos bilingues consultados para analisar o uso do termo chinês "神 *shén*" (cf. Medhurst, 1848, p. 293).

[22] Neste volume, a morte de Gonçalves é registada como um acontecimento público na China: "Died in Macao, J. A. Gonçalves, æt. 61, well known for his attainments in Chinese, and his philological and other works upon that language. He was born in Tojal in Portugal in 1780, and arrived in China in 1812, as a missionary to the Chinese. He was connected with the Royal College of St. Jozé most of his life, where he published all his works upon the Chinese language. Can. Reg., Oct. 12th" (Bridgman & Williams, 1842, p. 585). No entanto, as datas indicadas para o seu nascimento e chegada à China não correspondem aos registos que analisámos anteriormente.

[23] Esta última indicação refere-se à notícia fúnebre da autoria de J. M. Callery (1846) anteriormente identificada.

uma influência contínua ao longo do período em que esta revista esteve em circulação, apesar de ser dirigida principalmente a um público protestante.

O facto de grande parte das obras de Gonçalves ter sido redigida em português limitou certamente a sua circulação, apesar da influência que ainda assim alcançou. Segundo Aresta (1997, p. 1052), "algumas obras do padre Joaquim Afonso Gonçalves foram traduzidas para a língua francesa pelo Conde de Kleczkowski em 1876 e por A. Hamelin em 1878".

Na conferência intitulada "De Trás-os-Montes para a China: Joaquim Afonso Gonçalves, o maior sinólogo português", proferida por Anabela Barros (2017b) na terra-natal do padre vicentino, Tojais, a 26 de Março de 2017, na primeira *Homenagem a Joaquim Afonso Gonçalves* organizada pela Congregação da Missão, com o Bispado de Vila Real, pela Câmara Municipal de Ribeira de Pena e pela Junta de Freguesia de Cerva e Limões, a que pertence o lugar de Tojais, a autora referiu-se ao *Cours Graduel et Complet de Chinois Parlé et Écrit* do Conde Kleczkowski, publicado em 1876, cujo primeiro volume, intitulado *Phrases de la langue parlée*, é integralmente composto pelos diálogos de Gonçalves traduzidos para o francês ("tirées de l'Arte China du P. Gonçalves"), evidenciando bem a importância do padre vicentino, tratado familiarmente na própria capa do livro por "Père Gonçalves", e o valor dos seus diálogos. A influência do trabalho do vicentino, conforme então referiu Barros, pode observar-se logo desde o título e conceção deste curso, de chinês falado e escrito. A autora referiu-se ainda à publicação em Paris, em 1878, da obra *Dialogues Français-Chinois traduits du Portugais de J.A. Gonçalves* por A. Hamelin, bem como ao elogio e aproveitamento da obra de Gonçalves por outros sinólogos seus contemporâneos, como Antoine-Pierre-Louis Bazin, na sua *Grammaire mandarine, ou principes généraux de la langue chinoise parlée*, de 1856.

Além disso, os diálogos do quinto capítulo da *Arte China* parecem ter sido amplamente reproduzidos em compêndios didáticos que circulavam em seminários religiosos no interior da China durante o período de transição entre os séculos XIX e XX (cf. Song, 2010). Já o seu *Lexicon Magnum Latino-Sinicum* foi reeditado pela sexta vez em 1936 por lazaristas franceses em Pequim, dada a ausência de recursos equivalentes na época (cf. Teixeira, 1961, p. 721). Embora as menções diretas ao autor e às suas obras tenham diminuído progressivamente, a sua influência revelou-se duradoura e continua a ser reconhecida no contexto da história da sinologia.

Em suma, as referências oitocentistas às obras sinológicas do padre Joaquim Gonçalves demonstram o impacto e o reconhecimento que o seu trabalho teve entre os estudiosos da época. Apesar das críticas pontuais, como a falta de explicações detalhadas ou a estrutura tipográfica da *Arte China*, os sinólogos europeus do século XIX reconheceram a importância e a originalidade dos seus contributos

para o ensino do chinês e para a análise dos carateres da língua. Além disso, a presença recorrente do seu nome na revista *The Chinese Repository* evidencia a sua influência duradoura no meio sinológico, mesmo num contexto predominantemente protestante. Estas menções oitocentistas consolidam o seu legado como uma figura central no desenvolvimento da sinologia europeia, ainda que o idioma em que escreveu tenha limitado a disseminação do seu trabalho. Na próxima subsecção analisaremos os estudos mais recentes sobre as suas obras, explorando como a investigação moderna tem reinterpretado e aprofundado o entendimento do contributo de Joaquim Gonçalves para os estudos sinológicos.

1.3.3. Estudos temáticos modernos sobre o legado filológico de Joaquim Gonçalves

Após a última referência direta em Williams (1874), as obras de Gonçalves parecem ter caído num relativo esquecimento durante mais de cem anos, apesar de continuarem a ser reproduzidas, integral ou parcialmente. De acordo com os dados bibliográficos reunidos para este estudo, parece que foi apenas nos anos 90 do século XX que as obras de Gonçalves voltaram a despertar interesse, tornando-se objeto de estudos modernos publicados pouco antes da transição para o século XXI. A partir dessa altura, o interesse académico pelos contributos de Gonçalves foi revitalizado, tanto na sua pátria, Portugal, como no país onde viveu, a China, e noutras nações, como os Estados Unidos e o Japão. Nesta subsecção, apresentaremos uma revisão sucinta dos estudos mais recentes sobre o legado sinológico do padre Joaquim Afonso Gonçalves, com enfoque nas investigações publicadas nas últimas duas décadas, que focam diretamente as suas obras[24].

O valor dos estudos de Joaquim Gonçalves tem despertado atenção desde o início do século XXI, sendo reconhecido como um recurso valioso nos estudos periféricos da língua e cultura chinesas, especialmente no âmbito da investigação sobre a interação cultural entre o Oriente e o Ocidente. Esse interesse tem sido amplamente promovido pela Sociedade para a Interação Cultural no Leste Asiático[25], com sede no Japão. Neste contexto, Uchida (2000), inspirado pela comunicação oral de Ozaki em 1992, que também fazia referência às obras de Joaquim Gonçalves, publicou um estudo sobre a evolução histórica do pronome pessoal da segunda pessoa do singular de tratamento respeitoso em chinês[26]. Para isso, recorreu a um conjunto de dados textuais extraídos de estudos do chinês realizados por autores

[24] Os estudos modernos que se concentram sobretudo nos dados biográficos e bibliográficos de Joaquim Gonçalves, como os de Liu (1994), Aresta (1997, 2000) e Ye (2010), entre outros, não serão repetidos aqui, pois baseiam-se maioritariamente nas três fontes biográficas e bibliográficas anteriormente mencionadas de Callery (1846), Silva (1860) e Teixeira (1961), conforme já indicado na primeira subsecção.

[25] Refere-se à "東アジア文化交涉学会 (Society for Cultural Interaction in East Asia)".

[26] Posteriormente, o mesmo artigo foi traduzido para chinês e republicado (cf. Uchida, 2012a).

estrangeiros, sobretudo europeus, incluindo as contribuições de Joaquim Gonçalves, nomeadamente os dados textuais presentes na *Arte China* e nos seus dois dicionários associados[27].

Num artigo posterior, Levi (2007) analisa a abordagem linguística adotada por Joaquim Afonso Gonçalves no ensino da gramática chinesa a europeus, em particular ao clero português e de outras nacionalidades. O estudo destaca a metodologia inovadora de Gonçalves no ensino do chinês como língua segunda, posicionando-o como um precursor da aquisição de línguas estrangeiras, pois em vez de recorrer à tradução literal[28], que frequentemente compromete a compreensão da estrutura e do contexto cultural da língua-alvo, Gonçalves privilegiava métodos de imersão, como a repetição constante, a interação com falantes nativos ou quase nativos, exercícios escritos progressivos e a construção de frases com significado. Esta perspetiva, centrada na aprendizagem natural da língua, destacava-se pela sua eficácia, sobretudo no contexto missionário, em que a proficiência no chinês era essencial para a evangelização.

No ano seguinte, Inoue (2008) reportou a existência de um compêndio de conversação bilingue, catalogado na Biblioteca Nacional de Portugal, em Lisboa, sob o título *Guia de Conversação Português-Chinês*, atribuído a Joaquim Afonso Gonçalves, o qual foi por este encontrado três anos antes. O académico japonês apresentou uma descrição detalhada desta obra anónima, enumerando todos os títulos e fornecendo alguns exemplos dos diálogos nela incluídos, mas somente da parte em chinês.

De seguida, Liu (2009) realizou um estudo comparativo entre a *Arte China*, de J. A. Gonçalves (1829), e a gramática da língua chinesa do sinólogo russo N. J. Bichurin, cuja primeira edição foi concluída em 1830 com limitações e apenas em 1838 com a terceira edição atingiu uma versão mais completa e consolidada[29], detalhando várias diferenças e semelhanças entre essas duas obras de

---

[27] Vários estudos do mesmo autor no âmbito da historiografia da sinologia europeia ou da história da gramática chinesa (e.g. Uchida, 2004, 2009, 2010, 2011a, 2012b) também mencionam os trabalhos de Gonçalves no contexto mais amplo dos estudos sínicos concebidos por autores ocidentais. No entanto, não os analisam em detalhe nem lhes dedicam um foco exclusivo. Por essa razão, estes estudos não serão incluídos na revisão que se segue.

[28] O ensino de línguas estrangeiras através da tradução literal era uma prática comum na época, como se pode constatar pelas principais críticas dirigidas às obras de Gonçalves, nomeadamente a falta de explicações detalhadas, de transliteração e de tradução palavra por palavra (ver subsecção 1.3.2).

[29] Sobre os estudos sinológicos de Bichurin, Yan Guodong(2001, p. 74) apresenta o seguinte "《漢語語法》是比丘林最重要的漢語語言學著作。編寫此書的直接動機是為了給他親自創辦的恰克圖漢語學校提供實用的漢語教材。《漢語語法》是比丘林經數年逐步修改、補充，成為一本完善的漢語教科書。第一個版本寫成於 1830 年，書名叫《漢語語法基礎》（Основные правила китайской грамматики），在聖彼得堡石印出版，印數很少。後來，比丘林在恰克圖漢語學校的教學中對教材進行了試用，不斷地加以改善。從 1832 年開始，比丘林對全書進行重新編寫，1835 年出版新版，名稱叫《漢文啓蒙或漢語語法》（簡稱《漢語語法》），並帶到恰克圖。1836 年他完成《漢語語法》第二部分的編寫工作，將新的內容融進以前的版本，於 1838 年出版了第三個版本。70 年以後的 1908 年，俄國東正教駐北京傳教士團將比丘林的《漢語語法》作為最好的漢語參考書，在北京再次印行。[Hànyǔ Yǔfǎ *shì Bǐqiūlín zuì zhòngyào de Hànyǔ yǔyánxué zhùzuò. Biānxiě cǐ shū de zhíjiē dòngjī shì wèile gěi tā qīnzì chuàngbàn de Qiàkètú Hànyǔ xuéxiào tígōng shíyòng de Hànyǔ jiàocái.* Hànyǔ Yǔfǎ *shì Bǐqiūlín jīng shù nián zhúbù xiūgǎi, bǔchōng, chéngwéi yī běn wánshàn de Hànyǔ jiàokēshū. Dì yī gè bǎnběn xiě chéng yú 1830 nián, shūmíng jiào* Hànyǔ Yǔfǎ Jīchǔ (Основные правила китайской грамматики)*, zài Shèng Bǐdébǎo shíyìn chūbǎn, yìnshù hěn shǎo. Hòulái, Bǐqiūlín zài Qiàkètú Hànyǔ xuéxiào de jiàoxué zhōng duì jiàocái jìnxíngle shìyòng, búduàn de jiāyǐ gǎishàn. Cóng 1832 nián kāishǐ, Bǐqiūlín duì quán shū jìnxíng chóngxīn biānxiě, 1835 nián chūbǎn xīn bǎnběn, míngchēng jiào* Hànwén Qīméng Huò Hànyǔ Yǔfǎ *(jiǎnchēng* Hànyǔ Yǔfǎ*), bìng dài dào Qiàkètú. 1836 nián tā wánchéng Hànyǔ Yǔfǎ dì èr bùfèn de biānxiě gōngzuò, jiāng xīn de nèiróng róng jìn yǐqián de bǎnběn, yú 1838 nián chūbǎnle dì sān gè bǎnběn. 70 nián yǐhòu de 1908 nián, Éguó Dōngzhèngjiào*

referência, tais como as respetivas estruturas, objetivos didáticos e público-alvo. Já Uchida (2011b) analisou as características do chinês oitocentista tal como se encontra na *Arte China*, concluindo que este está em conformidade com o mandarim de Pequim, ou mandarim do Norte da China. Este facto contrasta com a abordagem de outros missionários da mesma época, que, em geral, privilegiavam o mandarim do Sul da China ou outros dialetos locais. Neste artigo, o autor também apresentou uma breve comparação entre a *Arte China* e o manuscrito descrito por Inoue (2008), sublinhando a importância de um estudo comparativo mais aprofundado do chinês entre as duas versões.

Em 2014, o manuscrito 7975 da Biblioteca Nacional de Portugal, atrás mencionado, foi transcrito e publicado sob o título *Gramática e Diálogos em Português e Chinês: um manuscrito inédito do P.e Joaquim Afonso Gonçalves*, com introdução e edição crítica de Anabela Leal de Barros e fixação dos carateres chineses por Ana Ng Cen (Barros & Ng Cen, 2014), e em edição interpretativa (com atualização ortográfica do português) três anos mais tarde (Barros & Ng Cen, 2017). Desde 2013, sob a orientação de Anabela Leal de Barros, o Mestrado em Estudos Interculturais Português-Chinês da Universidade do Minho tem sido palco de um conjunto de dissertações de mestrado dedicadas ao legado sínico do padre Joaquim Afonso Gonçalves.

A primeira foi dissertação de Tao Yang (2013), que analisa as fontes utilizadas pelo padre Gonçalves na elaboração da *Arte China*, destacando três tipos principais: compêndios para educação inicial, textos clássicos e romances populares. Segundo Tao Yang (2013), Gonçalves fez uso de compêndios educacionais tradicionais chineses, como o 《增广贤文》 *Zhēng guǎng xián wén* e o 《明心宝鉴》 *Míng xīn bǎo jiàn*, para introduzir provérbios e expressões. Além disso, recorreu a textos clássicos confucionistas, como os *Analectos de Confúcio* e o *Mêncio*, especialmente no capítulo sobre sintaxe, para apresentar partículas formais do chinês. No entanto, Gonçalves também utilizou extensivamente romances e lendas populares da dinastia Qing, como *O Sonho do Pavilhão Vermelho* e *Contos Estranhos de Studio Liao*, algo incomum entre os professores da época. A escolha desse material literário permitia a Gonçalves introduzir os estudantes ocidentais tanto na cultura popular chinesa, por meio de textos de caráter mais acessível, como no universo da erudição, através das obras clássicas

---

zhù Běijīng chuánjiàoshì tuán jiāng Bīqiūlín de Hànyǔ Yǔfǎ *zuòwéi zuì hǎo de Hànyǔ cānkǎoshū, zài Běijīng zàicì yìnxíng.* '*Gramática da Língua Chinesa* é a obra mais importante de linguística chinesa de Bichurin. A motivação direta para a redação deste livro foi fornecer material didático prático de língua chinesa para a escola de chinês de Kyakhta, que ele próprio fundou. A *Gramática da Língua Chinesa* foi sendo, ao longo de vários anos, sucessivamente revisada e complementada por Bichurin, tornando-se um manual de ensino do chinês completo. A primeira edição foi concluída em 1830, com o título *Fundamentos da Gramática Chinesa* (Основные правила китайской грамматики), publicada em São Petersburgo por impressão litográfica, em tiragem muito pequena. Mais tarde, Bichurin, no ensino da escola de chinês de Kyakhta, experimentou o material e o foi melhorando continuamente. A partir de 1832, Bichurin reescreveu todo o livro, publicando em 1835 uma nova edição, intitulada *Iniciação ao Chinês ou Gramática da Língua Chinesa* (abreviadamente *Gramática da Língua Chinesa*), que levou a Qiaketu. Em 1836, este concluiu a redação da segunda parte da *Gramática da Língua Chinesa*, integrando o novo conteúdo à edição anterior, e em 1838 publicou a terceira edição. Setenta anos mais tarde, em 1908, a missão ortodoxa russa em Pequim considerou a *Gramática da Língua Chinesa* de Bichurin como o melhor livro de referência sobre a língua chinesa e a reimprimiu em Pequim.'].

confucionistas que veiculavam os pensamentos da classe intelectual. O estudo sugere que Gonçalves procurava equilibrar elementos da língua e cultura ocidentais com os da tradição chinesa, de modo a facilitar a comunicação e a compreensão mútua.

Ana Ng Cen (2015) investiga alguns aspetos da variação linguística do chinês entre o manuscrito 7975 da Biblioteca Nacional de Portugal e a versão impressa da *Arte China*, analisando como determinados conteúdos foram reutilizados, reeditados, reescritos, resumidos ou modificados na transição do manuscrito para a gramática publicada. O estudo centra-se na comparação de frases com formulações sinónimas em português e chinês, examinando os contextos interculturais e sociolinguísticos em que ocorrem. Através desta análise, procura compreender o papel da variação linguística no ensino de línguas e como essa flexibilidade se manifesta nas obras didáticas de Gonçalves.

No mesmo ano, Wang Xiao (2015) realizou um estudo sobre o eufemismo e o disfemismo em português e chinês na obra de Gonçalves, com base na *Arte China* e nos seus dicionários de 1831 e 1833. A investigação categoriza a utilização destas figuras de estilo por temáticas, como superstições, temas sexuais e ofensas, identificando os principais tabus linguísticos e analisando as motivações culturais e históricas subjacentes. Além disso, contrapõe esses usos linguísticos e as práticas atuais, tanto no discurso formal, oral e escrito, como no discurso informal e coloquial.

Posteriormente, Mao Yaqi (2018) examina provérbios e expressões idiomáticas em português e chinês nas obras metalinguísticas de Joaquim Gonçalves, nomeadamente na *Arte China*, no *Diccionario Portuguez-China* e no manuscrito recentemente editado por Anabela Barros e Ana Ng Cen (2014, 2017). O estudo analisa os equivalentes, traduções e explicações fornecidas pelo autor, explorando as suas fontes históricas e os contextos culturais associados. Além disso, investiga as diferenças entre os provérbios e idiomatismos das duas línguas, procurando compreender como essas expressões refletem a visão do mundo e os valores de cada cultura.

Por fim, Li Ling (2020) estuda as formulações alternativas em português e chinês presentes nas publicações de Joaquim Gonçalves, com especial enfoque na sua trilogia composta pela *Arte China*, pelo *Diccionario Portuguez-China* e pelo *Diccionario China-Portuguez*, bem como no manuscrito editado por Anabela Leal de Barros e Ana Ng Cen (2014, 2017). O estudo analisa a variação linguística entre as diferentes versões das obras, investigando como determinados conteúdos foram reformulados, reeditados ou modificados na transição do manuscrito para a versão impressa. Além disso, contextualiza as características do português e do chinês da época em comparação com as normas atuais, destacando a relevância destas formulações para o ensino e aprendizagem das duas línguas.

Durante o mesmo período, e ainda antes da publicação do códice da Biblioteca Nacional de Portugal (Barros & Ng Cen, 2014, 2017), no primeiro trimestre de 2014, Anabela Barros publicou na revista *Diacrítica* o artigo intitulado "Referências interculturais oitocentistas nas obras metalinguísticas em Português e Chinês do P.e Joaquim Gonçalves", no qual se refere brevemente à biografia e bibliografia do autor, à sua receção, aos aspetos interculturais comparativos na sua trilogia didática — *Arte China*, no *Diccionario Portuguez-China* e no *Diccionario China-Portuguez* — e à variação em português entre o manuscrito da Biblioteca Nacional e o impresso *Arte China* (Barros, 2014). A investigação evidencia como o padre lazarista incorporou explicações interculturais no seu material didático, não apenas de forma explícita, mas também através de exemplos, contextos e apartes que enriquecem a compreensão da língua e cultura chinesas, sublinhando que essas referências não se limitam a uma visão dicotómica rígida entre as culturas ocidental e chinesa, mas antes exploram diferentes níveis de informação intercultural, demonstrando a sensibilidade pedagógica de Gonçalves enquanto professor, lexicógrafo e gramático.

No ano seguinte, Wang Mingyu e Lu Chunhui (2015) apresentaram uma tradução do prefácio da *Arte China*, incluindo o prólogo e as advertências do seu *Alphabeto*, bem como as secções *Valor das Letras Europeas na Pronuncia do China* e *Abreviaturas e Signaes*. Embora esta tradução contenha algumas imprecisões, que serão discutidas no segundo capítulo, juntamente com a análise das descrições metalinguísticas de Joaquim Gonçalves, representa um contributo significativo para a disseminação da sua obra. Ao disponibilizar parte do seu trabalho em chinês, Wang e Lu deram um primeiro passo para tornar os estudos de Gonçalves mais acessíveis à comunidade académica chinesa, incentivando futuras investigações sobre o seu legado sinológico.

Um ano mais tarde, Ai Yifang (2016) analisou o sistema fonológico do *Diccionario China-Portuguez*, destacando a sua relevância como um dos primeiros registos ocidentais do mandarim de Pequim do século XIX, anterior mesmo à obra de Thomas Wade. Através de uma comparação detalhada, embora sem explicitar o método de extração das romanizações analisadas, tendo em conta que o dicionário em estudo apresenta três coleções distintas de carateres chineses (ver subsecção 2.1.3.2), nem considerar as observações metalinguísticas do autor, conforme as regras de transliteração estabelecidas no prefácio da *Arte China*, Ai confirmou que a transcrição fonética utilizada por Gonçalves apresenta uma forte correspondência com a pronúncia do mandarim de Pequim na época, preservando, contudo, alguns traços mais conservadores.

Paralelamente, Zhu Feng (2016) investigou pela primeira vez a análise gramatical da língua chinesa presente no manuscrito anteriormente identificado, concentrando-se nas categorias gramaticais

propostas por Joaquim Gonçalves para a descrição da língua chinesa. O estudo explorou as classes de palavras e a estrutura gramatical delineadas pelo missionário português, oferecendo uma introdução ao seu sistema de análise linguística. No entanto, a interpretação de Zhu levantou interrogações significativas quanto à compreensão da conceção gramatical de Gonçalves, uma vez que alguns termos técnicos portugueses foram traduzidos de forma imprecisa[30]. Este tipo de inconsistência sugere possíveis dificuldades na interpretação da terminologia linguística portuguesa, destacando a necessidade de uma reavaliação mais rigorosa da análise gramatical de Gonçalves, com base nas suas próprias reflexões metalinguísticas e no seu método de ensino.

Três anos depois, Wang Mingyu (2019) examinou as características do vocabulário chinês no *Diccionario Portuguez-China*, sugerindo que o informante chinês que auxiliou na sua compilação pode ter sido um falante oriundo dos arredores de Pequim. A análise indica que a linguagem registada neste dicionário reflete um processo de fusão entre o mandarim falado pelos habitantes da cidade de Pequim e o chinês vernacular das áreas periféricas na época. Além disso, Wang observa que o léxico presente na obra inclui não apenas termos do mandarim em circulação, mas também elementos de um registo mais popular, semelhante ao dialeto utilizado fora dos limites urbanos. O estudo sugere que o *Diccionario Portuguez-China* pode representar um testemunho linguístico valioso da transição e consolidação do mandarim de Pequim como norma de comunicação oficial durante a dinastia Qing.

Mais recentemente, Zhang Shu (2022) realizou uma dissertação de mestrado em chinês sobre a gramática chinesa na *Arte China*, analisando os capítulos gramaticais desta obra através de uma abordagem comparativa entre as duas línguas. O estudo examina aspetos como palavras de conteúdo, palavras funcionais, ordem das palavras e estrutura das frases, identificando componentes híbridos resultantes da influência das línguas ocidentais. Além disso, Zhang especula sobre as teorias e perspetivas gramaticais adotadas por Gonçalves na elaboração do seu manual, destacando a forma como este tratou categorias inexistentes no chinês e a sua abordagem de possíveis erros de tradução.

No ano subsequente, Li Ling (2023) investigou as estratégias e práticas de tradução adotadas pelo padre Joaquim Gonçalves, com base nas suas descrições metalinguísticas e nos exemplos bilingues presentes nas suas obras. O estudo centrou-se na análise do corpus composto pela *Arte China*, pelo *Diccionario Portuguez-China* e pelo *Diccionario China-Portuguez*, explorando a forma como a tradução foi utilizada como ferramenta pedagógica e meio de mediação cultural. Li examinou, em particular, os dois manifestos presentes no prólogo do primeiro dicionário português-chinês, nos quais Gonçalves

[30] Um exemplo notório é o do modo verbal "conjuntivo", erroneamente tratado como "conjunção" ao longo do estudo, como demonstrado na secção "动词和连词的时态与语气 [*Dòngcí hé liáncí de shítài yǔ yǔqì* 'Tempo e modo dos verbos e conjunções']", conforme observado por Li Ling (2024, p. 47).

discute a adaptação à luz da domesticação e o empréstimo no âmbito da estrangeirização, estratégias fundamentais na moderna teoria da tradução. O estudo revelou não apenas os desafios enfrentados por Gonçalves ao converter referências interculturais, mas também a importância do seu material didático bilingue para a compreensão da tradução entre o português e o chinês, contribuindo para a historiografia dos estudos de tradução no contexto da sinologia missionária.

Dando seguimento a estas investigações, e tendo em conta as dificuldades na compreensão do sistema gramatical do português identificadas em Zhu Feng (2016), Li Ling (2024) realizou um estudo sobre a conceção gramatical de Joaquim Gonçalves, destacando a sua perspetiva sobre a classificação e formação das palavras em chinês. A investigação centrou-se na análise das reflexões metalinguísticas presentes nos capítulos *Grammatica e Syntaxe* da *Arte China*, examinando como Gonçalves estruturou o seu modelo gramatical para ensinar a língua chinesa a europeus no contexto missionário de Macau. Li demonstrou que a abordagem gramatical do missionário português se baseia numa adaptação da tradição greco-latina, combinada com características do pensamento linguístico chinês, resultando numa categorização inovadora do léxico chinês.

Ainda no mesmo ano, Carlos André e Zhang Yunfeng (2024) dedicaram-se ao estudo dos contributos sino-latinos do padre Joaquim Gonçalves, revisitando as suas obras latinas, que receberam consideravelmente menos atenção em comparação com os seus trabalhos sino-lusófonos. O estudo centrou-se na análise do *Lexicon Manuale Latino-Sinicum*, do *Lexicon Magnum Latino-Sinicum* e da *Grammatica Latina ad usum Sinensium*, explorando o papel do latim como língua mediadora no diálogo intercultural entre o Ocidente e a China no século XIX. A investigação procurou evidenciar a importância do latim no contexto missionário de Macau, onde esta língua não só facilitava a comunicação entre os missionários europeus e os seus discípulos chineses, mas também servia como um instrumento essencial na transmissão do conhecimento linguístico e cultural.

Em resumo, os estudos modernos sobre o legado filológico de Joaquim Afonso Gonçalves demonstram uma revitalização do interesse académico pelas suas obras, abrangendo diferentes perspetivas analíticas, desde a sua abordagem pedagógica ao ensino do chinês, passando pelo estudo da sua gramática, fonética e práticas de tradução até à revalorização dos seus contributos latinos. Investigadores em Portugal, China, Japão e Estados Unidos têm explorado aspetos variados do seu trabalho, evidenciando o caráter inovador da sua metodologia e a sua influência na sinologia europeia. A crescente atenção dada às suas obras reflete não só a sua importância histórica, mas também a sua relevância contínua para o estudo da interação linguística e cultural entre o Oriente e o Ocidente. Embora ainda persistam lacunas a preencher, nomeadamente no que concerne à análise sistemática das suas

descrições metalinguísticas, à valorização dos dados bilingues presentes nas suas obras e à avaliação do impacto da sua produção na tradição lexicográfica e pedagógica sino-ocidental, os estudos recentes traçam um panorama promissor para futuras investigações, reafirmando a relevância duradoura do legado filológico de Joaquim Afonso Gonçalves.

1.3.4. Lacunas na investigação sobre o padre Joaquim Gonçalves

Ao longo desta secção, foi apresentada uma revisão detalhada dos estudos sobre Joaquim Afonso Gonçalves, abrangendo desde o contexto histórico e metodológico dos seus trabalhos até às análises contemporâneas sobre a sua contribuição para a sinologia europeia e para o ensino da língua chinesa no século XIX. Apesar do crescente interesse académico pelas suas obras nas últimas décadas, ainda persistem diversas lacunas que carecem de investigação aprofundada. Nesta subsecção, identificamos e discutimos os principais campos de estudo ainda por desenvolver, destacando a necessidade de novos estudos que possam expandir a compreensão do legado filológico e intercultural de Gonçalves.

Destaca-se em primeiro lugar a ausência de uma análise sistemática das referências interculturais, abundantes nas obras de Joaquim Gonçalves. Embora diversos estudos tenham analisado aspetos específicos da metodologia de Gonçalves, como a romanização do mandarim, a estrutura gramatical e a lexicografia sino-portuguesa, a dimensão intercultural das suas obras permanece subexplorada. Como evidenciado na revisão da literatura, as referências interculturais desempenham um papel fundamental nos textos didáticos do autor, não se limitando à simples tradução de termos ou conceitos, mas servindo também como um meio de mediação cultural entre as tradições linguísticas e educativas ocidentais e chinesas.

A investigação de Barros (2014) foi uma das poucas a reconhecer a presença destas referências nas obras de Gonçalves, mas a sua análise, tendente a servir de motivação e de modelo para os estudos dos seus alunos de mestrado e doutoramento, permaneceu relativamente generalista e não pôde evoluir, na economia de um artigo, para o desenvolvimento e sistematização desses dados. Questões como a categorização das referências interculturais, os critérios de seleção adotados pelo autor e o impacto pedagógico dessas estratégias precisavam ainda de ser exploradas de forma exaustiva. Assim, este estudo propõe-se preencher esta lacuna, examinando as referências interculturais nas obras de Gonçalves e investigando a sua função no ensino da língua chinesa a falantes de português.

Em segundo lugar, sobressai a necessidade de uma avaliação mais aprofundada das descrições metalinguísticas da língua chinesa no método didático do padre Joaquim Gonçalves, especialmente no que diz respeito ao modo como categorizou e sistematizou a gramática chinesa. Apesar das investigações

de Zhu Feng (2016) e Li Ling (2024) sobre a conceção gramatical do missionário português, há indícios de que as suas análises poderão conter interpretações enviesadas, derivadas de dificuldades na compreensão da terminologia linguística portuguesa. Adicionalmente, a comparação entre as versões manuscritas e publicadas das suas obras pode revelar alterações significativas na forma como Gonçalves descreveu a língua chinesa. Estudos como os de Ana Ng Cen (2015) já demonstraram que houve modificações no conteúdo entre a parte coincidente do manuscrito da Biblioteca Nacional de Portugal (o qual inclui textos não publicados na gramática posterior) e a versão impressa na *Arte China*, mas ainda não se procedeu a uma análise sistemática dessas diferenças no contexto das descrições metalinguísticas. Investigar essas alterações pode permitir uma melhor compreensão da evolução do pensamento linguístico de Gonçalves e das suas estratégias de adaptação ao público europeu.

Em terceiro lugar, ainda não foi totalmente explorada a interação entre os estudos sino-latinos e sino-lusófonos. As contribuições de Gonçalves para os estudos sino-latinos, apesar de terem recebido alguma atenção em investigações recentes, como as de André e Zhang (2024), ainda carecem de uma análise mais aprofundada. A sua produção em latim, incluindo o compêndio e os diversos dicionários, tem sido frequentemente ofuscada pelos seus trabalhos sino-lusófonos, o que limita a compreensão da sua visão global sobre a linguística chinesa. Além disso, ainda não se explorou em profundidade a relação entre as suas obras em latim e em português, nem a forma como o latim serviu como uma língua de mediação no ensino do chinês. Considerando que Gonçalves utilizou três línguas (português, chinês e latim) nos seus estudos, a interação entre essas línguas e o impacto do latim na sua metodologia pedagógica continuam a ser áreas inexploradas.

Em último lugar, falta estudar o impacto e receção das obras de Gonçalves nos séculos XIX e XX. Embora as obras de Gonçalves tenham sido amplamente citadas e discutidas por sinólogos do século XIX, conforme demonstrado pelas referências de Rémusat (1831), Summers (1863) e outros, o impacto do seu trabalho ao longo do século XX permanece pouco estudado. Como mencionado anteriormente, a sua obra caiu em relativo esquecimento durante grande parte do século XX, ressurgindo apenas nas últimas décadas. No entanto, ainda não há um estudo que investigue de forma detalhada como os seus métodos e materiais foram recebidos e utilizados ao longo do século passado, seja em instituições ocidentais ou em contextos sinológicos chineses.

Além disso, não há um levantamento sistemático das reedições, traduções e adaptações das suas obras em períodos mais recentes. Estudos como o de Aresta (1997) e o de Song (2010) sugerem que partes da *Arte China* foram amplamente reutilizadas em seminários religiosos tanto na China como na Europa, mas a extensão e o impacto dessas reutilizações ainda não foram completamente documentados.

A realização de uma investigação que rastreie a circulação e influência das obras de Gonçalves ao longo do século XX pode proporcionar uma visão mais ampla sobre o alcance do seu legado.

Em conclusão, esta secção forneceu uma revisão detalhada da literatura existente sobre Joaquim Afonso Gonçalves, contextualizando as suas obras dentro da tradição sinológica ocidental do século XIX e explorando as diversas abordagens analíticas que têm sido aplicadas ao seu estudo. Identificámos que, apesar do crescimento do interesse académico nas últimas décadas, várias áreas da sua produção intelectual continuam subexploradas. Em particular, destacámos quatro principais lacunas na investigação: (1) a ausência de uma análise sistemática das referências interculturais nas suas obras, (2) a necessidade de um estudo mais aprofundado das suas descrições metalinguísticas, (3) a exploração limitada da interação entre os seus estudos sino-latinos e sino-lusófonos e (4) a falta de uma investigação sobre a receção e impacto das suas obras ao longo do século XX e XXI. Estas lacunas demonstram que há ainda um vasto campo a ser explorado, tanto na vertente linguística quanto na vertente intercultural e historiográfica. Na secção subsequente, este estudo procurará contribuir para o preenchimento dessas lacunas, focando-se na análise das referências interculturais nas obras de Joaquim Gonçalves e no impacto da sua abordagem no ensino e aprendizagem do chinês como língua estrangeira no século XIX.

1.4. Referências interculturais nas obras didáticas de Joaquim Gonçalves

Nesta secção, delineamos os objetivos de investigação desta tese de doutoramento, explicitando a sua relevância e enquadramento académico. Este estudo tem como ponto de partida o artigo de Barros (2014), que aborda as referências interculturais presentes nas obras de Joaquim Gonçalves para o ensino e aprendizagem do chinês, com especial enfoque na trilogia composta pela *Arte China*, *Diccionario Portuguez-China* e *Diccionario China-Portuguez*. A partir dessa base, a presente investigação procura aprofundar a análise dessas referências, explorando a forma como Gonçalves integrou elementos linguísticos e culturais na sua abordagem didática, bem como o impacto das suas escolhas lexicográficas e pedagógicas na transmissão do conhecimento da língua chinesa aos seus contemporâneos.

Barros (2014) inicia a sua análise contextualizando os estudos sínicos de Gonçalves, destacando dados biográficos e bibliográficos frequentemente discutidos, como já observámos anteriormente. Em seguida, centra-se na abordagem metalinguística e didática adotada por Gonçalves nas suas obras, examinando as referências interculturais presentes em cada volume. A análise evidencia que essas referências interculturais assumem diferentes formatos nas três obras do sinólogo português.

Em primeiro lugar, encontram-se as referências diretas, que aparecem nas descrições metalinguísticas do autor, concentrando-se sobretudo nos prefácios das suas obras. Estas observações abrangem desde as características fundamentais da língua chinesa até comparações entre diferentes abordagens didáticas chinesas e portuguesas (cf. Barros, 2014, p. 111). Em segundo lugar, destacam-se referências de natureza diversa — culturais, religiosas, históricas, entre outras —, integradas de forma implícita nos exemplos distribuídos ao longo das secções e capítulos. Muitos destes exemplos são "tão consensuais, humanos e universais que dificilmente necessitariam de provir de uma fonte escrita específica, chinesa ou portuguesa" (Barros, 2014, p. 112), enquanto outros evidenciam a intenção do autor de "fornecer aos seus alunos, os seus primeiros leitores, maioritariamente ocidentais, informações socioculturais e históricas do país e das gentes cuja língua se dedicam a estudar" (Barros, 2014, p. 118). Por fim, há ainda as explicações contextuais, apresentadas junto a um vocábulo, uma construção, uma expressão idiomática ou um exemplo cuja interpretação poderia representar um desafio para estudantes ocidentais pouco familiarizados com a realidade chinesa (cf. Barros, 2014, p. 118).

Além disso, as estratégias de tradução adotadas por Gonçalves também geram um vasto conjunto de referências interculturais de elevado valor académico. O missionário lazarista recorre frequentemente à tradução baseada em semelhanças interculturais, alinhando-se com a estratégia de domesticação, em vez de adotar uma tradução literal sob a perspetiva da estrangeirização (cf. L. Li, 2023). Embora esta abordagem tenha sido alvo de críticas por resultar em versões consideradas excessivamente livres, constitui uma fonte valiosa para o estudo histórico da correspondência entre o português e o chinês. Partindo desta observação, Barros (2014, pp. 123–135) exemplifica um conjunto de particularidades culturais extraídas do *Diccionario Portuguez-China*. No entanto, o *Diccionario China-Portuguez*, apesar de integrar a trilogia, não foi analisado com o mesmo nível de detalhe neste artigo, deixando em aberto novas possibilidades de investigação sobre o contributo lexicográfico de Gonçalves.

Tendo em consideração os contributos de Barros (2014) para o estudo das referências interculturais presentes nas obras de Joaquim Gonçalves, passaremos, a seguir, a definir quais os tipos de referências interculturais que constituirão o foco de análise desta tese. De forma resumida, os diferentes tipos de referências interculturais identificados por Barros (2014) podem ser agrupados em três categorias principais:

1) Referências interculturais diretas, expressas nas observações metalinguísticas do autor, particularmente nos prefácios e introduções das suas obras.

2) Referências interculturais implícitas, inseridas nos exemplos bilingues, que abrangem contextos consensuais, aspetos linguísticos, informações socioculturais e históricas, bem como adaptações lexicais.
3) Explicações contextuais, constituídas por anotações contrastivas e didáticas do autor, destinadas a facilitar a compreensão dos leitores ocidentais menos familiarizados com a realidade linguística e cultural chinesa.

A partir destas categorias, delimitaremos os tipos de referências interculturais que serão analisados em profundidade no presente estudo. Esta investigação centra-se, sobretudo, nas duas principais lacunas identificadas na literatura: (1) a falta de uma análise detalhada e sistemática das referências interculturais presentes nas obras de Joaquim Gonçalves e (2) a necessidade de um exame mais aprofundado das suas descrições metalinguísticas, correspondendo ao primeiro tipo de referências interculturais diretas acima abordado.

Assim, no Capítulo 2, investigaremos as descrições metalinguísticas de Joaquim Gonçalves, explorando as suas observações sobre os elementos constituintes e a estrutura da língua chinesa, assim como a romanização, a variação linguística e os desafios inerentes ao ensino deste idioma. Esta abordagem permitirá compreender como Gonçalves articulou a sua visão da língua chinesa a partir de uma perspetiva ocidental e como estas reflexões se enquadram na tradição sinológica missionária do século XIX. No Capítulo 3, a investigação dará continuidade ao estudo das referências interculturais, abordando especificamente as explicações contextuais presentes nas suas obras. Neste capítulo analisaremos como Gonçalves forneceu enquadramentos socioculturais para facilitar a compreensão da língua chinesa pelos seus leitores ocidentais, avaliando a função didática e interpretativa dessas notas. Por fim, no Capítulo 4 apresentaremos uma amostra representativa, ainda que limitada, do segundo tipo de referências interculturais, conforme preservadas nos dados textuais bilingues do valioso *corpus* deixado por Gonçalves.

Para isso, o estudo centrar-se-á no tríptico didático do autor: *Arte China* (1829), *Diccionario Portuguez-China* (1831) e *Diccionario China-Portuguez* (1833). Durante a pesquisa, foi identificado um exemplar digitalizado da *Arte China* que apresenta diferenças em relação à versão mais frequentemente referenciada, ou seja, a versão digitalizada e disponibilizada pela Biblioteca Nacional de Portugal (Gonçalves, 1829a). Este exemplar alternativo foi digitalizado e disponibilizado pelo Internet Archive[31] em

[31] O Internet Archive é uma biblioteca digital sem fins lucrativos que disponibiliza gratuitamente milhões de livros, filmes, áudios, software e páginas da web arquivadas, disponível em https://archive.org (consultado em 4 de fevereiro de 2025). Fundado em 1996 por Brewster Kahle, tem como missão proporcionar "acesso universal a todo o conhecimento", preservando e disponibilizando recursos digitais históricos e contemporâneos.

2017, a partir de um exemplar pertencente à Wellcome Library (Gonçalves, 1829b). As principais diferenças entre as duas versões encontram-se nas notas introdutórias, ocorrendo sobretudo a nível ortográfico, sem alteração de conteúdo no corpo nuclear do compêndio, mas com alguma variação no prefácio, ainda que pouco significativa. Dado que as observações metalinguísticas do autor desempenham um papel central neste estudo, ambas as versões serão consideradas na análise subsequente, garantindo uma avaliação mais abrangente das informações presentes nos textos de Joaquim Gonçalves.

As descrições metalinguísticas do autor serão analisadas não segundo a ordem original das suas obras, mas organizadas tematicamente, de modo a facilitar a compreensão das diferentes perspetivas de Gonçalves sobre a língua chinesa. Estas observações servirão como base para a análise das suas conceções linguísticas, complementadas sempre que necessário pelos exemplos bilingues presentes nas suas obras, de forma a ilustrar e contextualizar melhor os seus argumentos. Já as referências interculturais apresentadas sob a forma de explicações contextuais serão, num primeiro momento, identificadas nas três principais obras do autor. Posteriormente, serão reunidas, categorizadas e analisadas como um conjunto significativo, permitindo avaliar a forma como Gonçalves introduziu e adaptou elementos culturais e linguísticos para os seus leitores ocidentais. Sempre que necessário, o manuscrito anterior à impressão da *Arte China*, editado por Barros e Ng Cen (2014, 2017), também poderá ser utilizado como referência.

Deste modo, esta secção delineou os objetivos e métodos desta investigação, centrando-se na análise das referências interculturais presentes nas obras de Joaquim Gonçalves e na forma como estas foram integradas no seu método didático. Ao focar-se na descrição metalinguística, nas explicações contextuais e ainda nos exemplos bilingues do autor, o estudo pretende aprofundar a compreensão da sua abordagem pedagógica e do seu contributo para a interação linguística e cultural entre o Ocidente e a China. Embora as lacunas relacionadas com a interação entre os estudos sino-latinos e sino-lusófonos de Gonçalves, bem como a receção e impacto das suas obras ao longo dos séculos XX e XXI, sejam reconhecidamente relevantes, estas não serão abordadas em detalhe nesta tese. No entanto, sempre que pertinente, elementos dessas dimensões poderão ser brevemente considerados para contextualizar a análise central. Dessa forma, esta investigação procura oferecer um contributo significativo para o estudo do legado filológico de Joaquim Gonçalves, aprofundando a compreensão das suas descrições metalinguísticas e do papel das referências interculturais na sua obra.

1.5. Síntese do estado da investigação sobre Joaquim Gonçalves

Neste primeiro capítulo, realizámos uma revisão abrangente da literatura e das considerações metodológicas que sustentam a presente investigação sobre as referências interculturais presentes nas obras do sinólogo português Joaquim Afonso Gonçalves. Começámos por situar os estudos do padre Gonçalves no contexto mais amplo da história da linguística chinesa e da sinologia ocidental do século XIX. Observámos que o século XIX representou um momento fulcral na sistematização dos estudos sinológicos, caracterizado pela transição da sinologia missionária para uma abordagem mais especializada. Enquanto na Europa os estudos sobre a língua chinesa se consolidavam em instituições académicas, no Extremo Oriente os missionários, como Gonçalves, continuavam a desempenhar um papel fundamental na produção de conhecimento linguístico e pedagógico. Destacámos a sua relevância nesse panorama, sublinhando o impacto que teve na transmissão da língua chinesa ao público ocidental.

Em seguida, explorámos a relação entre a interação cultural e a abordagem periférica na linguística chinesa, analisando como as contribuições de Gonçalves podem ser interpretadas sob esta perspetiva. Verificámos que os missionários europeus, ao estudar e sistematizar a língua chinesa a partir de um contexto externo, desempenharam um papel fundamental na reformulação e na transmissão do conhecimento linguístico. Gonçalves, em particular, ao trabalhar a partir de Macau, adotou uma abordagem inovadora que conciliava elementos da tradição gramatical ocidental com a estrutura e funcionamento da língua chinesa. As referências interculturais presentes nas suas obras não se limitam a um esforço de tradução, mas representam um meio de facilitar a compreensão da língua chinesa pelos seus discípulos ocidentais, fornecendo um enquadramento linguístico e cultural mais amplo. Dessa forma, o seu trabalho não só contribuiu para a sistematização do ensino do mandarim como também se tornou um ponto de contacto relevante entre as tradições linguísticas europeia e chinesa.

Prosseguimos com uma revisão da literatura sobre Joaquim Afonso Gonçalves, analisando os estudos biográficos e bibliográficos que abordam a sua trajetória. Constatámos que, embora existam trabalhos que documentam a sua vida e obra, ainda há lacunas significativas no que concerne à sua formação académica e às fontes que utilizou para a elaboração das suas gramáticas e dicionários. Além disso, examinámos as referências oitocentistas às suas obras, identificando o impacto que tiveram entre os sinólogos da época. Apesar das críticas pontuais, as suas contribuições foram amplamente reconhecidas no meio académico da altura, como evidenciado pelas menções recorrentes em periódicos sinológicos. Por fim, explorámos os estudos mais recentes sobre o seu legado filológico, verificando um crescente interesse por parte de investigadores de diversas nacionalidades, que têm analisado os seus

contributos sob diferentes perspetivas, incluindo a fonética, a gramática, a tradução e a metodologia do ensino do chinês.

Finalizámos este capítulo delineando os objetivos e métodos da investigação, que se centra na análise das referências interculturais presentes nas obras de Gonçalves. A nossa abordagem foca-se nas explicações metalinguísticas e contextuais do autor, procurando compreender de que forma estas influenciaram a receção e a didática da língua chinesa no contexto ocidental. Nos próximos capítulos aprofundaremos esta análise, examinando os elementos estruturais e pedagógicos das suas obras e investigando como as suas reflexões metalinguísticas e estratégias de ensino foram moldadas pelas interações entre as tradições linguísticas chinesa e europeia, com o objetivo de proporcionar uma visão abrangente da estratégia de ensino de Gonçalves e da sua relevância no panorama da sinologia oitocentista.

2. Observações metalinguísticas nas obras de Gonçalves

Dando seguimento ao estado da arte e às considerações metodológicas abordadas no capítulo anterior, este capítulo examina a visão de Joaquim Gonçalves sobre a língua chinesa, foco do seu método de ensino-aprendizagem. Serão examinadas as suas perspetivas sobre a composição dos carateres, a romanização, a variação e as variedades linguísticas, a estruturação gramatical e os métodos pedagógicos para o ensino deste idioma. As referências interculturais que permeiam as suas obras vão além da tradução de textos modelo ou da simples transposição de análises gramaticais, manifestando-se em estudos e comparações que visam aproximar a língua chinesa dos leitores ocidentais. Para Gonçalves, o estudo linguístico é uma oportunidade para explorar as conexões culturais subjacentes, construindo uma ponte entre os contextos sociolinguísticos chinês e português. Dessa forma, a sua análise comparativa dos elementos fundamentais e das características estruturais da língua em estudo reflete não apenas uma descrição linguística, mas também uma tentativa de situar a língua chinesa num contexto de compreensão mais amplo e acessível, mostrando as possibilidades de diálogo intercultural.

Gonçalves adota uma abordagem estruturada, progressiva e detalhada, conduzindo os leitores gradualmente por cada componente essencial da língua chinesa, desde o sistema de escrita até os desafios do ensino. Com base nessa metodologia, este capítulo explora, passo a passo, cada aspeto das observações linguísticas do sinólogo português. Primeiramente, abordaremos os elementos fundamentais da escrita chinesa, detalhando a decomposição formal e a inventariação lexicográfica dos carateres no método tripartido de Gonçalves (secção 2.1). Em seguida, apresentaremos aspetos específicos da romanização, abrangendo elementos suprassegmentais, como as variações tonais e segmentais, isto é, as consoantes e vogais do chinês (seção 2.2). Na sequência, investigaremos os registos e variações do chinês, com especial destaque para a distinção entre estilos vulgar e sublime, conforme designados na descrição gramatical de Gonçalves (seção 2.3). A análise prossegue com uma investigação das características formais das unidades lexicais e da estrutura gramatical, destacando a perspetiva de Gonçalves sobre a formação e classificação das palavras e a ordem sintática do chinês (seção 2.4). Por fim, o capítulo aborda os desafios e métodos de ensino propostos pelo autor, evidenciando os seus contributos para a didática do chinês no contexto europeu do século XIX (seção 2.5). Essas discussões convergem nas considerações finais (seção 2.6), que sintetizam as observações de Gonçalves e o seu legado intercultural no estudo da língua chinesa.

2.1. Fundamentos do sistema de escrita da língua chinesa

Os carateres chineses, também conhecidos como "汉字 *hànzì* 'caráter da etnia *han*, ou sinograma'" , constituem elementos fundamentais da escrita chinesa e representam uma tradição linguística milenar. O segundo termo, " 字 *zì*", pode referir-se tanto a um morfema-sílaba na fala como a um caráter na escrita (Hoosain, 1992, p. 112). No entanto, a maioria dos falantes de chinês não distingue entre os dois sentidos ao usar o termo, devido à ideia implícita de que um *zì* falado (morfema) possui sempre uma representação visual correspondente a um *zì* escrito (caráter) (Packard, 2000, p. 15). A noção de "caráter" é muito mais clara e intuitiva do que a noção de "palavra" na língua e na cultura chinesas, dado que o chinês é escrito ou impresso com carateres individuais que ocupam um espaço aproximadamente uniforme, sem espaços adicionais para delimitar fronteiras de palavras sintáticas. Por conseguinte, ao contrário das palavras (sintáticas), os carateres chineses têm sido realçados desde o início da história dos estudos linguísticos e filológicos chineses, especialmente nos estudos etimológicos, dialetológicos, lexicográficos e fonológicos.

Considerando a natureza do sistema de escrita chinês, não surpreende que os carateres tenham sido um dos elementos mais intensamente analisados desde o início da sinologia europeia. Como unidades facilmente delineáveis e identificáveis, os carateres destacam-se em contraste com as palavras, cuja delimitação é tradicional e intuitiva nas línguas alfabéticas, mas obscura e raramente discutida na tradição linguística chinesa anterior ao século XIX. Os anos oitocentos, por outro lado, assinalam o início da sinologia especializada (ver secção 1.1 acima), impulsionada pela crescente complexidade e rigor dos estudos linguísticos conduzidos por missionários e estudiosos ocidentais. Nesse sentido, podemos afirmar que o estudo dos carateres chineses no método do sinólogo português Joaquim Gonçalves se insere numa fase transitória da tradição sinológica, proporcionando uma compreensão mais detalhada do papel fundamental dessas unidades na estrutura da língua sínica.

A análise dos carateres chineses constitui um dos aspetos mais inovadores das três obras principais de Joaquim Gonçalves: *Arte China* (1829), *Diccionario Portuguez-China* (1831) e *Diccionario China-Portuguez* (1833). Essa inovação é destacada pelo próprio autor no segundo parágrafo do prólogo geral que antecede o primeiro capítulo da *Arte China*, onde elenca as quatro inovações introduzidas:

> Nestas trez obras me lisongeio de apresentar ao Pub[l]ico quatro ideas originaes, a saber: primeiro, Reduzir as letras Chinas aos seus elementos: segunda, Eliminar os Generos inuteis: terceira, Ordenar as letras de igual numero de rasgos alphabeticamente: quarta, Dar regras para a vista da letra conhecer, qual he o seu genero, e ordenar por ellas o Diccionario. (Gonçalves, 1829a, p. I)

As quatro inovações acima mencionadas parecem ter sido motivadas pela ausência de um método estruturado para o ensino do chinês na tradição educacional chinesa, pois Gonçalves lamenta, após elogiar as conquistas do povo chinês nas artes e nas ciências e destacar a resistência à mudança promovida pelo governo[32], que "Bem poderião tambem conhecer a falta de methodo nas escolas da propria lingua, e remedia-la: mas naõ o fazem" (Gonçalves, 1829a, p. II), observando que, na China, o ensino da leitura começa com as palavras encontradas nos livros, sem que antes se ensinem os seus elementos constitutivos.

A primeira inovação apresentada por Gonçalves, a decomposição dos carateres chineses nos seus elementos constitutivos, atende a uma necessidade pedagógica: na tradição chinesa ensina-se primeiramente o caráter completo, sem abordar os elementos básicos que o compõem. Gonçalves considera essa prática inadequada, comparando-a a "ensinar a ler sem ensinar primeiro o A B C" (Gonçalves, 1829a, p. II). Contudo, essa análise dos componentes dos carateres não é totalmente nova, como indica a segunda contribuição de Gonçalves — a eliminação dos "géneros inúteis" —, pois a simplificação em termos de quantidade só seria possível mediante a existência prévia de um conjunto mais alargado de "géneros" ou radicais. Segundo o autor, "os Chinas, apesar de nem este elemento estudarem, apresentaõ nos diccionarios hum catalogo de 214 generos, crendo os antigos, que tudo, o que se podia dizer, ou pensar, se reduzia a 214 especies" (Gonçalves, 1829a, p. II). Partindo dessa tradição lexicográfica, que inclui 214 categorias primordiais, Gonçalves propõe uma redução desse

[32] Vale anotar que, numa tradução publicada do prólogo da *Arte China* para chinês, Wang e Lu (2015, p. 177) apresentam uma interpretação subjetiva e equívoca do terceiro parágrafo "Tem-se dito com bastante razaõ, que os Chinas fizeraõ ponto em artes, e sciencias: ainda que mũi presunçosos, estaõ geralmente persuadidos, que nada podem adiantar, ao que os seus maiores descobriraõ, e ainda se julgaõ mui avantajados, quando pensaõ ter chegado taõ longe, como elles; daqui vem huma aversaõ, (maior que em outros paizes) que tem principalmente o Governo, a tudo, o que he mudança, sem examinar se he boa, ou ma. Bem conhecem elles a vantagem, por exemplo, da arte da navegaçaõ, e ainda se naõ resolvem a aprende-la, aprendendo antes as linguas Europeas, em que ella se ensina; porque he huma innovaçaõ" (Gonçalves, 1829a, p. II), traduzindo o mesmo como "有充分的理由說明，中國在藝術和科學領域佔據一席之地。即使那些最為驕傲的葡萄牙人——認為沒有哪個國家的文明成果可以超越葡萄牙人的大發現——也在慢慢地接受這一點。葡萄牙人已經充分瞭解到中國在藝術和航海上的優勢，卻還沒有準備好去學習這些文明成果。我們總是優先去學習那些歐洲的語言，那些已經在國內被教授的語言。中文對我們來說只是一個新鮮事物。[*Yǒu chōngfèn de lǐyóu shuōmíng, Zhōngguó zài yìshù hé kēxué lǐngyù zhànjù yì xí zhī dì. Jíshǐ nàxiē zuì wéi jiāo'ào de Pútáoyárén —— rènwéi méiyǒu nǎge guójiā de wénmíng chéngguǒ kěyǐ chāoyuè Pútáoyárén de Dàfāxiàn —— yě zài mànmàn de jiēshòu zhè yīdiǎn. Pútáoyárén yǐjīng chōngfèn liǎojiě dào Zhōngguó zài yìshù hé hánghǎi shàng de yōushì, què hái méiyǒu zhǔnbèi hǎo qù xuéxí zhèxiē wénmíng chéngguǒ. Wǒmen zǒng shì yōuxiān qù xuéxí nàxiē Ōuzhōu de yǔyán, nàxiē yǐjīng zài guónèi bèi jiàoshòu de yǔyán. Zhōngwén duì wǒmen lái shuō zhǐ shì yīgè xīnxiān shìwù.*]". É questão de comparar o que se traduziu para chinês (1) com o que efetivamente escreveu o padre lazarista (2): 1. "Há boas razões para explicar por que a China ocupa um lugar proeminente nos campos da arte e da ciência. Mesmo os portugueses mais orgulhosos – que consideram que nenhuma civilização pode superar os Descobrimentos portugueses – estão lentamente a aceitar isso. Os portugueses já perceberam plenamente a superioridade da China nas artes e na navegação, mas ainda não estão prontos para aprender com essas realizações civilizacionais. Sempre priorizamos aprender as línguas europeias, aquelas que já são ensinadas no país. O chinês é apenas algo novo para nós"; 2. Tem-se dito, com bastante razão, que os chineses fizeram bons avanços em artes e ciências; embora sejam muito presunçosos, estão em geral convencidos de que nada poderiam acrescentar ao que os seus antepassados descobriram, e já se consideram muito satisfeitos quando acham ter ido tão longe como eles; daí procede a aversão à mudança do povo chinês, e principalmente do seu governo, maior do que em outros países, sem sequer ter em conta se essa mudança é boa ou má. Eles conhecem bem a vantagem da arte da navegação, por exemplo, mas mesmo assim não se dispõem a aprendê-la, aprendendo para isso, previamente, as línguas europeias em que ela é ensinada, porque é uma inovação (modernização da autora deste trabalho). Na interpretação de Wang e Lu, o sujeito dos verbos na terceira pessoa do plural é interpretado como sendo os portugueses a partir da segunda frase, em vez dos chineses, conforme explicitamente exposto na primeira frase, e posteriormente modificado para a primeira pessoa do plural na última frase. Além disso, a frase "daqui vem uma aversaõ ... sem examinar se é boa, ou má" foi omitida na tradução dos dois, o que fez com que a resistência à mudança fosse equivocadamente associada ao povo português. Essa tradução equívoca pode provavelmente ser atribuída à dificuldade de compreensão do português oitocentista, que apresenta particularidades linguísticas e sintáticas diferentes do português contemporâneo.

número, com o objetivo de simplificar o ensino e a aprendizagem dos carateres, buscando tornar o processo mais acessível e menos complexo.

A terceira inovação de Gonçalves, a ordenação alfabética dos carateres chineses, "não é inteiramente nova; mas não tinha sido desenvolvida, nem verificada" (Gonçalves, 1829a, p. II). Isso sugere que, embora a ideia de organizar os carateres chineses sequencialmente já estivesse presente, ou na comunidade linguística local ou entre sinólogos europeus, ainda carecia de aperfeiçoamento e validação. Ainda assim, Gonçalves admite que o seu "alfabeto sínico" não está perfeito, expressando o desejo de aprimorá-lo com o tempo (cf. Gonçalves, 1829a, p. II).

Por fim, a quarta inovação diz respeito à criação de regras que facilitem a identificação do "género" de um caráter, elemento que serve de base para a organização do seu *Diccionario China-Portuguez*. Visando superar as dificuldades de consulta dos dicionários tradicionais de chinês, Gonçalves comenta:

> Estando os Diccionarios ordenados por estes 214 Generos, como os nossos o estaõ pelo alphabeto, ou mais propriamente, como as obras dispostas pelas materias, naõ so os naõ decoraõ, mas ate os literatos duvidaõ muitas vezes, se huma tal letra he genero, ou naõ; e como a procuraraõ no Diccionario? Alem disto alguns generos naõ dominavaõ senaõ duas, ou tres letras uteis, nem indicavaõ o sentido da letra: eis aqui porque resolvi extinguir alguns, fazendo-os entrar com as letras, que dominavaõ[33], em outros generos, e assim os reduzi a 129; e aindaque estes mesmos difficilmente se decoraõ, tendo-os ordenado pelo numero, e ordem alphabetica dos rasgos, se conhecera, abrindo o Diccionario, se o genero requerido esta para diante, ou para traz. (Gonçalves, 1829a, p. II).

Essa abordagem demonstra que a redução de "géneros" visava eliminar aqueles que eram semanticamente pouco informativos, unindo os carateres tradicionalmente atribuídos a estes a categorias mais significativas. A analogia dos "géneros" chineses com o alfabeto romano indica que a intenção do autor ao simplificar o sistema era facilitar a memorização dos carateres, semelhante ao modo como os falantes de línguas latinas decoram as letras do alfabeto.

A partir das inovações propostas pelo sinólogo português, esta secção examina as descrições metalinguísticas dedicadas aos carateres chineses na trilogia para o ensino-aprendizagem do chinês de Joaquim Gonçalves. Abordaremos, primeiramente, a caracterização da escrita chinesa sob uma perspetiva comparativa, onde Gonçalves faz contrastar as particularidades dos carateres chineses com o alfabeto latino, oferecendo aos leitores ocidentais uma visão estruturada das diferenças essenciais entre os dois sistemas de escrita (subsecção 2.1.1). Em seguida, examinaremos a decomposição morfológica dos carateres chineses, destacando como o autor desmembra os sinogramas nos seus componentes básicos e define critérios de classificação para facilitar o processo de ensino (subsecção

[33] No original, *daminavaõ*.

2.1.2). Depois disso, exploraremos a ordenação dos constituintes dos carateres, um aspeto fundamental na análise de Gonçalves, que propõe uma organização alfabética e numérica dos traços para facilitar a consulta dos dicionários que elaborou (subsecção 2.1.3). Finalmente, apresentaremos uma discussão sobre os aspetos analisados, traçando algumas conclusões sobre a abordagem de Gonçalves e indicando potenciais caminhos para futuras investigações sobre o seu método analítico inovador (subsecção 2.1.4).

2.1.1. Comparação intercultural: características da escrita chinesa

No método de Joaquim Gonçalves, a escrita chinesa é analisada com um olhar atento para os seus traços mais característicos, destacando-se uma abordagem comparativa que sublinha a complexidade e a singularidade deste sistema gráfico. Nesta subsecção, abordaremos a interpretação que o sinólogo português fez da ortografia chinesa, desde a sua descrição detalhada até às dificuldades específicas que emergem no processo de ensino-aprendizagem, dadas as particularidades deste sistema.

Logo no início do prólogo à *Arte China*, Gonçalves introduz uma comparação interlinguística e intercultural para ilustrar a particularidade da escrita chinesa, conforme anteriormente comentada por Barros (2014, p. 110), desde a sua origem até à sua dificuldade pedagógica:

> Sendo as suas letras na sua origem geroglificos, como ainda hoje muitas o mostraõ v. g. 口 *C'ou*, boca, 門 *Men*, porta, indicaõ palavras, bem como os nossos algarismos; e saõ, como elles igualmente entendidos, mas differentemente pronunciados nos differentes dialectos; mas poucas são simplices como elles, sendo as mais compostas de elementos, como as nossas palavras o som de letras, v. g. 問 *Vem*, perguntar; sem com tudo sacar huma pronuncia composta da dos elementos; mas hum monosyllabo; e isto faz ver logo a maior difficuldade da escrita China, á semelhança das linguas, que se naõ escrevem, como se pronunciaõ (Gonçalves, 1829a, p. I).

Para Gonçalves, os carateres chineses e os seus componentes, que ele designa analogamente à escrita romana como "letras" (ver 2.1.2), têm origem hieroglífica, assim como os carateres enigmáticos e figurativos dos egípcios[34]. Para exemplificar essa natureza icónica, o autor apresenta dois carateres simples do ponto de vista morfológico, nomeadamente "口 [*kǒu*] *C'ou*, boca" e "門 [*mén*] *Men*, porta". Além disso, ao denotar conceitos de forma estruturada e sistemática, os carateres chineses são comparados aos números árabes.

[34] Segundo Bluteau (1713b, p. 39), a palavra "ieroglyphico", também escrita como "hieroglyphico", é derivada do "Grego *Ieros* Santo, & *Glyphein*, Escrulpir, Gravar, Abrir com buril em pedra, pao, metal", pois a "Lingoa Santa dos Egypcio consistia em carateres enigmaticos, ou Emblemas, abertos em marmore, a que Philo Hebreo chama *Figuras de animaes*, & os Gregos, *Ieroglyphicos*, *id est*, Arcanos, & mysterios significativos de cousas sagradas. Estes enigmas eraõ muyto engenhosos, & naõ constavaõ de letras, ou palavras escritas, mas de figuras de animaes, ou plantas."

Gonçalves também observa que, embora os carateres sejam compreendidos em todo o Império chinês, a sua pronúncia varia regionalmente. Além disso, este menciona que carateres simples podem formar outros mais complexos, como "問 [*wèn*] *Vem*, perguntar", que combina os elementos dos carateres "口 [*kǒu*] *C'ou*, boca" e "門 [*mén*] *Men*, porta". Contudo, a junção visual de constituintes não altera a característica fonética monossilábica dos carateres chineses, ao contrário das palavras compostas nos sistemas de escrita alfabética. Assim, a maior dificuldade no ensino-aprendizagem da escrita chinesa, segundo Gonçalves, reside na ausência de uma correspondência direta entre a forma escrita e a pronúncia, o que apresenta um desafio particular para falantes de línguas alfabéticas.

Gonçalves (1829a, p. III) observa que, além da relação ambígua entre a pronúncia e a escrita dos carateres, outro facto dificulta o ensino-aprendizagem dos elementos básicos da escrita chinesa: "huma letra toma diversas figuras, ja pelos diversos auctores, discordancia do uso com os diccionarios; ja por estar so, ou em composiçaõ; em breve, ou por extenso, do que nas linguas Europeas ha exemplos, mas incomparaveis na quantidade, e variedade". Num exemplar alternativo, o autor reforça essa ideia ao observar que "as letra[s] se escrevem de differentes maneiras, segundo os differentes autores, e uso" (Gonçalves, 1829b, p. III). Neste contexto, as diversas "figuras" que um caráter chinês pode assumir, correspondentes às "diferentes maneiras de escrita", devem ser interpretadas como variantes ortográficas, ou "variações", conceito que o próprio autor esclarece ao abordar a estruturação do seu alfabeto chinês:

> Como huma letra tem diversas figuras, na primeira columna do Alphabeto adiante da letra se poem as suas variações: estas algumas vezes saõ letras differentes segundo os Chinas; mas pela semelhança as identifiquei, para simplificar o methodo, sem induzir a erro, a quem sabe, que as variações naõ servem geralmente, senaõ como elementos. (Gonçalves, 1829a, p. VI)

Ou seja, a forma escrita dos carateres chineses pode variar tanto em função dos hábitos pessoais de cada autor quanto dos contextos linguísticos em que se encontram. Gonçalves identifica essas variantes com base na semelhança ortográfica e posiciona-as ao lado do caráter principal para facilitar a aprendizagem, apesar de, para os falantes nativos, tais variantes poderem ser consideradas como apenas constituintes de carateres distintos.

Gonçalves também salienta que cada caráter chinês apresenta quatro formas estilísticas em termos visuais: "que chamaremos *Redonda, Corrida, Quadrada e Antiga*; das quaes as duas primeiras tem grande uso, e so a primeria, e terceira se podem ler sem grande difficuldade" (Gonçalves, 1829a, p. III). Em relação à interpretação desses termos, Wang e Lu (2015, p. 179) traduzem as quatro variedades caligráficas como "隸書 [*lìshū*] (redonda)", "行書 [*xíngshū*] (corrida)", "楷書 [*kǎishū*] (quadrada)" e

"篆書 [*zhuànshū*] (antiga)", embora confessem numa nota de rodapé que "a tradução exata dessas denominações ainda gera dúvidas"[35]. Contudo, os equivalentes chineses para as variedades caligráficas referidas por Gonçalves estão claramente apresentados no seu *Diccionario Portuguez-China*, conforme transcrito na Tabela 3:

Tabela 3 Variedtes caligráficas dos carateres chineses na perspetiva de Joaquim Gonçalves

Tipo	Equivalentes em chinês
Letra redonda	真字 [*zhēnzì* 'caráter verdadeiro']。楷書 [*kǎishū* 'escrita modelo']
Letra corrida	草字 [*cǎozì* 'caráter cursivo como a relva']。行書 [*xíngshū* 'escrita corrida']
Letra quadrada	隸字 [*lìzì* 'caráter subordinado']
Letra antiga	篆字/文 [*zhuànzì / wén* 'caráter/escrita de selo']

Fonte: elaborada pela autora de acordo com as acensões da entrada "letra" no *Diccionario Portuguez-China* (cf. Gonçalves, 1831, p. 480).
Nota. Entre parênteses retos incluem-se romanizações e traduções acrescentadas pela autora.

Este quadro demonstra que a tradução das variedades "letra redonda" e "letra quadrada" está trocada na interpretação de Wang e Lu.

Gonçalves utiliza predominantemente a "letra redonda" no alfabeto chinês da *Arte China*, explicando, num parágrafo posterior do mesmo Prólogo, que esta configuração visual facilita o processo de aprendizagem dos carateres, especialmente para iniciantes:

> Naõ se conhece bem huma letra, em quanto se naõ sabe escrever de cor, por isso, desde o principio se devem ir escrevendo, as que se forem aprendendo: para aprender a escrever, até o rasgo 10 pomos a letra principal na forma da letra de Maõ, que differe pouco da letra Redonda impressa, que he a das segunda, e terceira columna: no principio se escrevera cobrindo. (Gonçalves, 1829, p. VI)

Assim, no *Alphabeto China*, as "letras redondas" aparecem em duas formas: a manuscrita e a impressa. Além disso, nos *Formularios de Cartas* Gonçalves alterna entre a "letra redonda" e a segunda variante caligráfica, a "letra corrida", inserindo-a de forma intercalada (cf. 1829a, pp. 480–496) para familiarizar os alunos com diferentes estilos e superar as dificuldades de leitura que a variante corrida pode impor. Esse enfoque é reiterado no *Diccionario China-Portuguez*, onde cada entrada é listada com o caráter principal em "letra redonda" seguido pela "letra corrida", demonstrando a importância do conhecimento das variantes estilísticas para alcançar proficiência na leitura do chinês.

Em resumo, o método de Joaquim Gonçalves para o ensino-aprendizagem do chinês destaca várias particularidades da escrita chinesa que sublinham a sua complexidade e características únicas numa perspetiva comparativa. Primeiramente, Gonçalves observa que, assim como os hieróglifos egípcios e os algarismos árabes, os carateres chineses têm a capacidade de transmitir informações a nível visual e

[35] Tradução da autora da seguinte passagem: "此處翻譯仍存疑。*Cǐ chù fānyì réng cúnyí.*"

contam com componentes que ele compara às "letras" do alfabeto romano. O sinólogo português ilustra essa observação com carateres simples, explicando que esses elementos básicos podem formar carateres compostos, mantendo, no entanto, a monossilabicidade típica da língua chinesa. Em segundo lugar, Gonçalves salienta as dificuldades adicionais de aprendizagem provocadas pela variação ortográfica dos carateres, que mudam conforme o autor e o contexto. Essas variantes, por vezes interpretadas como carateres distintos pelos falantes nativos, dificultam ainda mais o ensino. Por fim, o autor identifica quatro variedades estilísticas dos carateres chineses: Redonda, Corrida, Quadrada e Antiga, para além de alertar da diferença entre os carateres manuscritos e impressos. Enquanto as duas primeiras são as mais comuns, o domínio da "letra corrida" é essencial para a leitura fluente, evidenciando a importância de familiarizar-se com essas variantes para o domínio completo da leitura chinesa.

2.1.2. Análise tripartida: constituintes dos carateres chineses

Com base nas características distintivas do sistema de escrita chinês, conforme comentadas por Gonçalves e investigadas na subsecção anterior, esta subsecção examina o raciocínio subjacente à descrição comparativa realizada pelo sinólogo português. O objetivo é clarificar a definição das "letras chinas" e a divisão dos seus constituintes em três grupos fundamentais, que, em conjunto, formam os elementos básicos do chinês.

Na trilogia para o ensino-aprendizagem do chinês de Joaquim Gonçalves, os componentes essenciais da língua chinesa escrita são referidos como "letras" numa analogia com o sistema de escrita romano. Essas "letras chinas" são classificadas em três grupos principais: "Rasgos", "Géneros" e "Diferenças", os quais em conjunto compõem o "Alphabeto China", também descrito como a "Arte de conhecer as letras Chinas" (Gonçalves, 1829a, p. IV). No que diz respeito à análise descritiva desses três elementos constitutivos, o Prólogo de Gonçalves, que antecede o primeiro capítulo da *Arte China*, traz observações específicas sobre os "géneros" e as "diferenças":

> A certas letras componentes chamamos Generos: porque indicaõ em geral, a que genero de coisas pertence a significada pela letra total (coisa particular aos Chinas): assim as letras *mar*, *rio*, e *lago* teraõ por componente commum a letra *agoa*, o que indica, que todas saõ especies do genero *agoa*.
>
> ...
>
> A segunda especie de elementos chamamos Differenças, porque differençaõ as letras do mesmo genero: a maior parte destas saõ igualmente compostas de genero, e differença, ate que se reduzem a simplices, e a rasgos; qualquer letra, ainda genero, he suceptivel de servir de differença; para saber pois se huma letra o he, ou naõ, he preciso examinar, se de facto os escritores usaraõ delles, ou naõ, como Differença. (Gonçalves, 1829a, p. II)

Quanto aos "géneros" dos carateres chineses, Gonçalves ressalta três aspetos-chave: primeiro, os "géneros", sendo "letras componentes", são elementos constituintes dos carateres chineses; segundo, os "géneros" fornecem indícios quanto ao sentido geral dos carateres; por fim, essa associação de sentidos específicos a cada um dos "géneros" é exclusiva da cultura chinesa. As "diferenças", por sua vez, atuam como elementos distintivos entre carateres que pertencem a um mesmo "género", sendo, portanto, definidas em função da classificação prévia dos "géneros". Contudo, a identificação prática das "diferenças" revela-se ambígua, devido à necessidade de avaliar o seu uso conforme a tradição literária nativa, apresentando, na prática, um desafio de categorização.

Este pequeno excerto introdutório não esclarece suficientemente a definição dos três conceitos centrais da análise tripartida de Joaquim Gonçalves, especialmente a distinção entre os "géneros" e as "diferenças". Nas "advertências" do "Alphabeto" que se encontram anexas ao final do Prólogo, as definições dos três elementos constituintes dos carateres chineses são mais detalhadas:

> Rasgo he hum movimento de penna, que so, ou multiplicado[,] forma as letras.
>
> Genero he huma letra, que estando na composiçaõ de outras, lhe da o sentido em geral, e as classifica, fazendo-as pertencer v. g. ao genero de *arroz*, *herva* &c.
>
> Differença he huma letra, que differença as do mesmo genero, fazendo-as significar v.g. *pereira*, *hortaliça* &c. que de ordinario lhes da o som, ou pronuncia: algumas vezes os generos servem de differenças, mas naõ viceversa. (Gonçalves, 1829a, p. IV)

Esta passagem torna mais clara a diferença entre os "géneros" e as "diferenças": os primeiros atuam como classificadores semânticos, indicando a categoria geral a que pertencem os carateres, enquanto as "diferenças" realizam uma indicação fonética, destacando significados específicos e variações de pronúncia, respetivamente. Além disso, os "géneros" podem integrar-se nas "diferenças" de forma unilateral. É relevante notar que os "rasgos" constituem os elementos mais básicos das "letras chinas", definidos pelo movimento singular da pena, enquanto os "géneros" e as "diferenças" já são propriamente considerados como "letras chinas".

Com base nas descrições e definições referidas, a Tabela 4 apresenta um resumo das especificações e exemplificações dos três elementos constituintes.

Tabela 4 Elementos constituintes dos carateres chineses segundo Joaquim Gonçalves

Componente		**Especificações**
Rasgos	Definição:	Um movimento de pincel para escrever os carateres.
	Quantidade:	9 (cf. Gonçalves, 1829a, p. 1)
	Exemplo(s):	1) 丶 "主 [*zhǔ*] *chu*"; 2) 一 "畫 [*huà*] *hoa*"; 3) 亅𠂉 ㇇ 𠃌 "勾 [*gōu*] *cou*";

		4) 丿フ "瞥 [*piě*] *p'iĕ*"; 5) 乙し𠂉く "亦 [*yì*] *i*"; 6) 丨 "捆 [*kǔn*] *c'um*"; 7) 亅乚 "厥 [*jué*] *kiuĕ*"; 8) 丿 "踢 [*tī*] *ti*"; 9) 乀 "纳 [*nà*] *na*" (cf. Gonçalves, 1829a, p. 1).
	Equivalência(s):	"筆畫 [*bǐhuà* 'movimento de pincel, traço'] rasgo da penna" (Gonçalves, 1829a, p. 29) "一畫[*yí huà* 'um traço']。一筆 [*yì bǐ* 'um traço']" (cf. Gonçalves, 1831, p. 603)
Géneros	Definição:	O componente que classifica e indica o género de um caráter.
	Quantidade:	214 na tradição chinesa (cf. Gonçalves, 1829a, p. II); 132/129/128/127** no método de Gonçalves.
	Exemplo(s):	1) "水氵 氷 [*shuǐ* 'água'] *xuei* agoa" (cf. Gonçalves, 1829a, p. 4): 海 *hǎi* 'mar'; 河 *hé* 'rio'; 湖 *hú* 'lago'; 2) "米 [*mǐ* 'arroz cru'] *mi* arroz cru" (cf. Gonçalves, 1829a, p. 12); 3) "艸艹艹艹 [*cǎo* 'erva'] *ç'au* herva" (cf. Gonçalves, 1829a, p. 12).
	Equivalência(s):	"字部 [*zìbù* 'categoria dos carateres']" (cf. Gonçalves, 1829a, pp. 35, 45, 51, 57, 66, 76) 部首 *bùshǒu* 'o primeiro (elemento) de uma categoria (lexicográfica)' (形旁 *xíngpáng* 'componente (lateral) morfossemântico')
Diferenças	Definição:	O componente que diferencia os carateres do mesmo género e indica a pronúncia de um caráter.
	Quantidade:	Mais de 1300/1279*** no método de Gonçalves (cf. Gonçalves, 1829a, pp. II, IV)
	Exemplo(s):	"利 [*li*'agudo'] agudo, proveito" (cf. Gonçalves, 1829a, p. 22) em "Pereira 梨樹 [*líshù* 'pereira']" (cf. Gonçalves, 1831, p. 621); "采 [*cǎi* 'ornato'] *çai* ornato" (cf. Gonçalves, 1829a, p. 31) em "Hortaliça 菜 [*cài* 'hortaliça']" (cf. Gonçalves, 1831, p. 423).
	Equivalência(s):	"字母 [*zìmǔ* 'fonte [fonológica] dos carateres****']" (cf. Gonçalves, 1829a, pp. 35, 66, 70) 偏旁 *piānpáng* 'componente lateral' (声旁 *shēngpáng* 'componente fonológico')

Fonte: Elaborada pela autora.

Notas. *Entre parênteses retos apresenta-se a transliteração do caráter em *Pinyin*.

** Este número é 132 no "Alphabeto" (cf. Gonçalves, 1829a, pp. 1–74); 129 no "Prologo" que antecede o primeiro capítulo e nas advertências do "Alphabeto" da *Arte China* (cf. Gonçalves, 1829a, pp. II, IV); no "Catalogo dos generos (assim designado no índice final da *Arte China*)" da mesma obra a contagem é 128 (cf. Gonçalves, 1829a, p. 76); na "Taboa dos generos" do *Diccionario China-Portuguez*, os itens elencados somam 127 (cf. Gonçalves, 1833, página não numerada entre a p. V e a p. 1). O resumo das quatro versões variadas pode ser consultado na Tabela 5.

*** O número 1300 marca presença nas seguintes observações do autor: "para fazer pois o catalogo das Differenças, que consta de 1300 letras, tive de correr por vezes o grande Diccionario China" (Gonçalves, 1829a, p. II) e "as diferenças passam de 1300, advertindo, que algumas se metteraõ como letras de frase" (Gonçalves, 1829a, p. IV); porém a soma das diferenças elencadas no alfabeto sínico do mesmo é 1279, conforme se verifica no Anexo I.

**** Atualmente a palavra "字母 *zìmǔ*" é maioritariamente usada para designar as "letras", isto é, as unidades básicas dos sistemas de escrita alfabética. No entanto, historicamente, sobretudo no âmbito da tradição dos estudos fonológicos chineses, este termo designa o caráter que representa o som consonântico inicial de uma sílaba (cf. Chinese Academy of Social Sciences, 2016, p. 1742; cf. Mai, 2009, p. 8).

Gonçalves não estabeleceu uma correspondência explícita entre os termos chineses e os três grupos de constituintes mínimos do sistema de escrita chinesa apresentados neste quadro. Para os "rasgos", encontramos os respetivos termos chineses acima elencados no seu *Alphabeto China* e no seu *Diccionario Portuguez-China*. Quanto aos demais grupos, embora as designações chinesas surjam de forma alterada ao longo do seu alfabeto chinês e nem sempre encontremos uma indicação explícita de

equivalência[36], tanto a organização tipográfica como os significados sugerem que as designações bilingues colocadas nas colunas intituladas "Equivalência(s)" da Tabela 4 podem ser interpretadas como correspondentes. Essas designações incluem tanto termos utilizados na trilogia de Gonçalves quanto variantes comuns na tradição linguística chinesa.

O primeiro tipo de constituinte mínimo, "rasgos", apresenta nove elementos fixos, conforme listados na Tabela 4. Esses elementos são ordenados rigorosamente no alfabeto sínico de Gonçalves, e a sequência dos mesmos serve como base para a organização alfabética dos demais componentes. Em contraste, a quantidade e os elementos do segundo tipo de componentes, denominados "géneros", variam ao longo do método tripartido proposto pelo sinólogo português, possivelmente refletindo a necessidade de aprimoramento contínuo do seu alfabeto chinês. A Tabela 5 fornece uma visão simplificada da evolução dos "géneros" na trilogia de Gonçalves, baseada nas três principais fontes para a quantidade e a composição desse segundo grupo de elementos: o *Alphabeto China* (cf. Gonçalves, 1829a, pp. 1–74) e o *Catalogo dos generos* (cf. Gonçalves, 1829a, p. 76) da *Arte China*, bem como a *Taboa dos generos* do *Diccionario China-Portuguez* (cf. Gonçalves, 1833, página não numerada entre a p. V e a p. 1).

Tabela 5 Inventariação dos géneros coligidos na trilogia de Joaquim Gonçalves

N.º de rasgos	**Géneros**																			
G.1	1)	一	2)	冂	3)	丿	4)	乙												
G. 2	5)	亠	6)	冖*	7)	冫	8)	厂	9)	匚	10)	十	11)	刀	12)	力				
	13)	卩	14)	阝	15)	勹	16)	儿	17)	几	18)	八	19)	人	20)	又				
	21)	厶	22)	匕	23)	卜	24)	冂												
G. 3	25)	宀	26)	广	27)	尢	28)	廾**	29)	大	30)	弋	31)	土	32)	士				
	33)	寸	34)	彐	35)	弓	36)	尸	37)	子	38)	彡	39)	彳	40)	夂				
	41)	女	42)	巛	43)	口	44)	口	45)	巾	46)	山	47)	小						
G. 4	48)	辶	49)	方	50)	火	51)	心	52)	歹	53)	犬	54)	戈	55)	支*				
	56)	木	57)	毛	58)	牛	59)	手	60)	月	61)	欠	62)	斤	63)	户				
	64)	爪	65)	殳	66)	攴	67)	日	68)	水										
G. 5	69)	穴	70)	立	71)	疒	72)	礻	73)	石	74)	瓦	75)	玉	76)	禾				
	77)	白	78)	目	79)	田	80)	皿												
G. 6	81)	衣	82)	羊	83)	米	84)	耳	85)	羽	86)	耒	87)	竹	88)	舟				
	89)	行***	90)	白	91)	糸	92)	艸	93)	虍	94)	虫	95)	网						
G. 7	96)	辛*	97)	言	98)	豕	99)	赤*	100)	走	101)	豆	102)	車	103)	酉				
	104)	豸	105)	角	106)	見	107)	貝	108)	足										
G. 8	109)	青	110)	雨	111)	門	112)	隹	113)	非****	114)	金								
G. 9	115)	頁	116)	革	117)	韋	118)	香	119)	風	120)	食								
G. 10	121)	鬥	122)	髟	123)	鬲	124)	鬼	125)	馬	126)	骨								

[36] A relação de correspondência é evidente na seguinte passagem da *Arte China*: na página 35, as designações "字部 *zìbù*" e "字母 *zìmǔ*" surgem ambas na primeira coluna, enquanto na terceira coluna encontramos os respetivos termos portugueses equivalentes "generos" e "differēças" (cf. Gonçalves, 1829a, p. 35).

G. 11	127) 鹿	128) 參	129) 魚	130) 鳥				
G. 12	131) 黑							
G. 14	132) 鼻							
G. 15	133) 齒							

Fonte: Elaborada pela autora.
Notas. *(x4) Só aparece no "Alphabeto" da *Arte China* (cf. Gonçalves, 1829a, pp. 1–74).
**(x1) Só aparece no "Catalogo dos generos" da *Arte China* (cf. Gonçalves, 1829a, p. 76), tendo sido classificado como diferença de três rasgos na coluna intitulada "D. 3" do "Alphabeto" da *Arte China* (cf. Gonçalves, 1829a, p. 2).
***(x1) Não aparece na na "Taboa dos generos" do Diccionario China-Portuguez (cf. Gonçalves, 1833, página não numerada entre a p. V e a p. 1).
****(x1) Não aparece no "Catalogo dos generos" da *Arte China* (cf. Gonçalves, 1829a, p. 76).
A soma dos géneros no "Alphbeto" da *Arte China* é 133 – 1(**) = 132; no "Catálogo dos generos" da *Arte China* é 133 – 4(*) – 1(****) = 128; e na "Taboa dos generos" do *Diccionario China-Portuguez* é 133 – 4(*) – 1(**) – 1(***) = 127; a soma dos géneros que aparecem quer na "Taboa dos generos" quer no "Catálogos dos generos" é 133 – 4(*) = 129.

Podemos ver que, embora Gonçalves mencione no Prólogo da *Arte China* a redução dos 214 "géneros" tradicionais da lexicografia chinesa para 129 no seu método de ensino do chinês como uma das suas maiores inovações analíticas e pedagógicas (ver 2.1.1 acima), esse número mostra variação nas suas obras. No *Alphabeto China*, os "géneros" aumentam para 132 e, em seguida, são reduzidos para 128 no *Catalogo dos generos* da mesma obra. Quatro anos depois, com a publicação do seu dicionário chinês-português, o número diminui novamente para 127. Essas flutuações evidenciam a dedicação de Gonçalves ao aprimoramento contínuo do seu método analítico e didático, refletindo um esforço constante para aperfeiçoar a sistematização dos carateres chineses.

Em relação ao último grupo de componentes dos sinogramas, Gonçalves revela duas contagens distintas no final de seu alfabeto sínico: "Sŏmão 1411 e (incluídas as letras de frase, e excluidas as variações) 2212" (Gonçalves, 1829a, p. 75). Para entender o termo "letra de frase[37]", essencial para a interpretação desses cálculos, é necessário recuar ao Prólogo da *Arte China*, especialmente às advertências do alfabeto, onde o autor introduz novos conceitos para descrever a estrutura do seu abecedário:

> Por baixo da letra se põe o seu uso, juntando-lhe letra geralmente ja conhecida: algumas vezes com-tudo so as partes componentes da letra junta saõ conhecidas, e entaõ se lhe nota a pronuncia, e sentido (se he differente do da letra principal) e se chama *Letra de frase*. (Gonçalves, 1829a, p. VI)

Cada um dos carateres ou componentes nucleares que formam as entradas do alfabeto chinês é visto como uma "letra principal", enquanto a expressão "letra junta" se refere aos carateres adicionados aos principais para esclarecer o seu uso. Portanto, tanto o conceito da "letra principal" como o de "letra junta" devem ser interpretados como categorias lexicográficas. Quanto à definição da "letra de frase", o

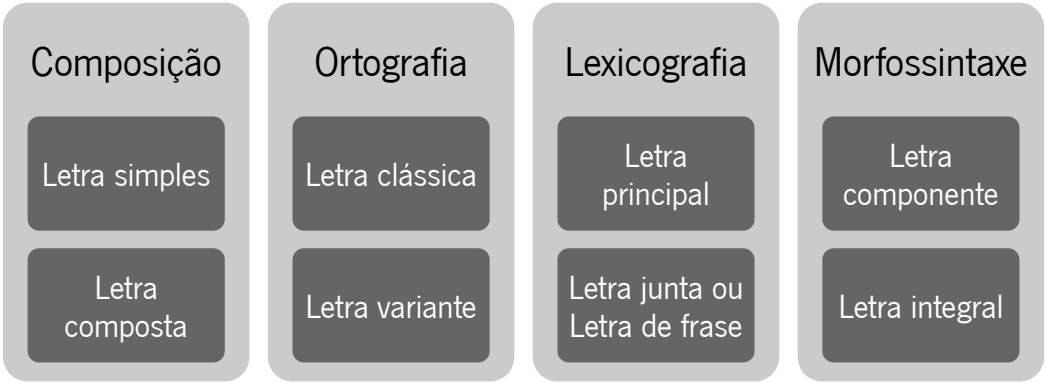
[37] Vale notar que, na interpretação de Wang e Lu (2015, p. 182), esta expressão é traduzida como "詞 [*cí* 'palavra']/ 片語 [*piànyǔ* 'locução'] (letra de frase)" juntamente como a seguinte pequena nota de rodapé: "句子中的字 [*jùzi zhōng de zì* 'caráter inserido em frase']". Esta tradução não é totalmente precisa ou esclarecedora, pois o conceito denotado pela palavra "frase" difere do uso contemporâneo. Por exemplo, no método de Gonçalves, este termo distingue-se do outro, "sentença", uma vez que "frase" designa qualquer construção sintática composta por mais de um caráter, enquanto "sentença" se refere especificamente a unidades sintáticas de maior complexidade.

excerto indica que se trata dos carateres agregados aos centrais de cada entrada, ou seja, uma designação alternativa da "letra junta". Num outro parágrafo, Gonçalves menciona que "as Differenças passam de 1300, advertindo, que algumas se metteram como letras de frase" (Gonçalves, 1829a, p. IV), e sugere que as "letras de frase" designam carateres que aparecem no seu alfabeto apenas como componentes de palavras ou locuções, sem constituirem elementos centrais da entrada, ao contrário das "letras principais", sejam estas os "géneros" ou as "diferenças" dos carateres chineses.

Na Lista das Diferenças no método de Gonçalves (ver Anexo I), que reúne todos os lemas classificados como "diferença" no *Alphabeto China* da *Arte China*, identificamos 1279 carateres, excluindo as respetivas variantes. Esse número, embora próximo das quantidades indicadas pelo próprio autor — 1411 e 1300, conforme mencionado anteriormente — difere ligeiramente de ambas. A discrepância pode ser atribuída a variações no método de contagem ou a interpretações distintas dos critérios para definir uma "diferença". Notavelmente, ao somarmos os 1279 itens categorizados como "diferença" aos 132 "géneros" incluídos no mesmo alfabeto, obtém-se precisamente o número 1411. Essa coincidência sugere que a contagem total de 1411 "letras", conforme declarada por Gonçalves no final do seu alfabeto sínico, abrange tanto os elementos denominados "diferenças" quanto os classificados como "géneros" na sua divisão tripartida dos componentes mínimos do sistema de escrita chinês.

No tocante ao último conceito mencionado na contagem das "diferenças", ou seja, as "variações", Gonçalves refere-se à diversidade ortográfica dos carateres chineses. Esta variabilidade resulta tanto dos hábitos caligráficos individuais quanto da composição morfológica do caráter em questão, como discutido no Prólogo da *Arte China* (ver 2.1.1 acima). Para clarificar os múltiplos conceitos introduzidos no estudo dos carateres chineses no método de ensino de Gonçalves, a relação entre os termos mencionados, de forma explícita ou implícita, pode ser observada na Figura 1.

Figura 1 Conceitos relacionados com as "letras chinas" no método de Joaquim Gonçalves



Fonte: Elaborada pela autora de acordo com o Prólogo da *Arte China*.

Do ponto de vista composicional, Gonçalves distingue entre carateres formados por um único elemento, as "letras simples", e carateres compostos por múltiplos componentes, as "letras complexas" ou "letras compostas". Em termos ortográficos, supõe-se que cada "letra clássica" possui uma figura prototípica ou padrão, que pode apresentar variantes chamadas "letra variante" ou "variações". Para fins lexicográficos, Gonçalves introduz os conceitos de "letra junta" ou "letra de frase", em contraste com o de "letra principal", referindo-se, respetivamente, aos carateres usados exclusivamente na formação de palavras ou locuções e aos carateres ou componentes centrais das entradas do seu alfabeto sínico. Finalmente, na dimensão morfossintática, o padre lazarista propõe o termo "letra componente" para elementos que normalmente não ocorrem isoladamente, dividindo-os em "rasgos", "géneros" e "diferenças". Estes constituem os elementos fundamentais dos carateres chineses, denominados de forma abrangente como "letras chinas" ou "letras integrais".

Considerando os números mencionados pelo próprio autor, bem como a classificação dos três grupos de constituintes analisados anteriormente, a relação entre esses componentes pode ser observada no esquema ilustrado na Figura 2:

Figura 2 Relação entres os três elementos constituintes dos carateres chineses segundo Joaquim Gonçalves

Fonte: Elaborada pela autora de acordo com a contagem de Gonçalves no Prólogo da *Arte China*.

Dos nove "rasgos" exemplificados na Tabela 4, o segundo, o terceiro, o quarto e o quinto também integram a lista dos "géneros" de um só traço (cf. Gonçalves, 1829a, p. 76, 1833, página não numerada entre a p. V e a p. 1). Os cinco "rasgos" restantes, no entanto, não se qualificam nem como "géneros" nem como "diferenças" na divisão de Gonçalves. No que respeita à relação entre "géneros" e "diferenças", Gonçalves esclarece que "algumas vezes os generos servem de differenças, mas naõ vice-versa" (Gonçalves, 1829a, p. IV). Para a formação de um caráter chinês, é obrigatório haver pelo menos um "género", enquanto as "diferenças", no sentido restrito definido por Gonçalves, nem sempre são necessárias. Em certos casos, os "géneros" podem desempenhar a função de "diferença", ou seja, qualquer elemento que permita distinguir carateres do mesmo "género" no sentido amplo.

Em síntese, as "letras" chinesas, conforme descritas e analisadas por Joaquim Gonçalves numa perspetiva comparativa entre os sistemas de escrita chinês e romano, podem designar tanto os carateres chineses em si, isto é, elementos fundamentais para a literacia na academia chinesa, quanto os componentes que constituem esses carateres no seu método didático. Enquanto constituintes ortográficos e morfológicos, as "letras chinas" são subdivididas em três grupos: "rasgos", "géneros" e "diferenças". O primeiro grupo, os "rasgos", consiste em nove traços básicos, cada um representado por um único movimento da ferramenta de escrita. O segundo grupo, os "géneros", representa componentes que indicam o sentido geral do caráter como um todo. Gonçalves propõe uma simplificação contínua no número de "géneros", que varia constantemente nas suas obras, para facilitar a memorização. O sinólogo português acaba por reduzir o conjunto a aproximadamente 130 elementos, em contraste com os 214 da tradição lexicográfica chinesa. O último grupo, as "diferenças", é composto por cerca de 1300 elementos cuja função, além de diferenciar carateres do mesmo género, é fornecer pistas de pronúncia para o caráter integral.

Esses três grupos de elementos formam o "alfabeto chinês" de Gonçalves, desenvolvido para proporcionar uma aprendizagem integral e gradual do sistema de escrita. Do ponto de vista estrutural, os carateres chineses e os seus componentes podem ser simples ou compostos, enquanto, a nível ortográfico, cada caráter pode apresentar uma forma prototípica ou variantes estilísticas. No alfabeto proposto por Gonçalves, esses carateres podem aparecer como letras principais ou secundárias, usadas em combinação com a principal para esclarecimentos lexicográficos, constituindo assim o primeiro passo essencial do seu método pedagógico. Por fim, tanto as unidades componentes como as unidades integrais são consideradas como "letras" no método de Gonçalves. Para complementar a análise dos componentes fundamentais do sistema de escrita chinês, a próxima subsecção examina como esses elementos são dispostos e organizados no *Alphabeto China* e no *Diccionario China-Portuguez*, nos quais Gonçalves aplica o seu método didático e estrutural, oferecendo uma visão detalhada da disposição e consulta prática dos constituintes dos carateres chineses segundo a sua abordagem inovadora.

2.1.3. Organização dos elementos: *Alphabeto China* e *Diccionario China-Portuguez*

Tendo examinado os constituintes mínimos do sistema de escrita no método didático de Joaquim Gonçalves, investigaremos nesta subsecção a organização desses constituintes no alfabeto sínico proposto pelo sinólogo português, com o objetivo de analisar os constituintes de cada entrada, assim como a disposição dessas entradas. Adicionalmente, procuraremos analisar as regras estabelecidas pelo

professor de língua chinesa para a identificação do "género" de um carácter chinês, de modo a facilitar a consulta do seu dicionário chinês-português.

2.1.3.1. *Alphabeto China*

Os elementos constituintes do alfabeto chinês de Joaquim Gonçalves são organizados em colunas, seguindo, pedagogicamente, uma ordem crescente de acordo com o número de "rasgos", como explica o próprio autor nas advertências do seu alfabeto, após definir as três espécies de letras chinesas e abordar as variações tonais dessa língua:

> Sendo os elementos mais simplices, os que tem menos rasgos, se ordenaõ pelo numero dos rasgos, de que constaõ, pincipiando pelo numero menor: e os do mesmo numero de rasgos se ordenaõ pela ordem alphabetica dos mesmos rasgos. (Gonçalves, 1829a, p. V)

O autor especifica o conteúdo de cada coluna na página seguinte (cf. Gonçalves, 1829a, p. VI): na primeira coluna, a "letra" principal (ver 2.1.2) é apresentada, seguida pelo seu uso em combinação com letras previamente ensinadas, também referidas como "letra junta" ou "letra de frase" (ver 2.1.2); a segunda coluna contém elementos que indicam o som das "letras" ou dos componentes correspondentes da coluna à esquerda, geralmente romanizados conforme as regras estabelecidas por Gonçalves. Contudo, por vezes também são incluídos carateres chineses homófonos, destinados aos docentes nativos que possam eventualmente utilizar este método de ensino; na terceira e última coluna, o autor fornece expressões em português ou em chinês (quando é possível explicar a nova "letra" com "letras" já estudadas) para indicar o sentido correspondente de cada "letra".

Dada a natureza progressiva do seu método para o ensino-aprendizagem dos carateres chineses, o autor chama a atenção para a necessidade de uma compreensão sólida das bases antes de avançar para carateres mais complexos (cf. Gonçalves, 1829a, p. VI). Em termos concretos, para as "letras" que possuem nove ou mais "rasgos", o autor destaca que o caráter usado para indicar o som pode estar num tom distinto, por isso é essencial garantir que os conteúdos estudados anteriormente sejam bem dominados. Finalmente, as "letras" principais até ao "rasgo" 10 são apresentadas em letra redonda manuscrita, enquanto as "letras" posteriores aparecem em "letra" redonda impressa (ver 2.1.1 acima), formato também utilizado para os carateres da segunda e terceira colunas desde o início.

Tendo em conta os esclarecimentos de Gonçalves, a Tabela 6 oferece um guia de consulta do seu alfabeto chinês, com base na entrada do caráter "来 *lái* 'vir'"[38], que surge acompanhada de nove exemplos quanto ao seu uso (cf. Gonçalves, 1829a, p. 28).

Tabela 6 Guia de consulta do Alfabeto Chinês de Joaquim Gonçalves

1ª Coluna	**[Entrada e uso]**			**2ª Coluna**	**[Som]**	**3ª Coluna**	**[Uso]**
木 。來 来 [*lái*]	"Género"	Lema + tom	Variação	*lai*	*roman.*	vir	em PT
丨゜往 [*wăng*]	Exemplo 1			*vam*	*roman.*	cŏmunicação	em PT
向丨[*xiàng*]	Exemplo 2			/	/	向日也 [*xiàngrì yĕ* 'significa sempre']	em CH
將丨[*jiāng*]	Exemplo 3			**扙** [*jiāng*]	caráter	para o futuro	em PT
出丨[*chū*]	Exemplo 4			/	/	sahir para ca	em PT
起丨[*qĭ*]	Exemplo 5			/	/	起也[*qĭ yĕ* 'significa levantar']	em CH
就゜丨[*jiù*]	Exemplo 6			*chieu* chegar	*roman.* + sentido em PT	logo virá	em PT
特。丨[*tè*]	Exemplo 7			忒 [*tè*] somente	caráter + sentido em PT	vir deproposito	em PT
叫丨[*jiào*]	Exemplo 8			/	/	召 也 [*zhào yĕ* 'significa convocar']	em CH
拿丨[*ná*]	Exemplo 9			那 [*nà*] pegar	caráter + sentido em PT	trazer	em PT

Fonte: Elaborada pela autora com base na entrada do caráter "來 *lái* 'vir" (cf. Gonçalves, 1829a, p. 28).

Nota. As colunas com o fundo cinzento são transcrições adaptadas da entrada do caráter "来 *lái* 'vir". As interpretações nas colunas com o fundo branco, assim como as informações entre parênteses retos, são acrescentadas pela autora. O sinal " 丨 " é usado na trilogia de Gonçalves para representar a letra principal ou repetir a letra antecedente (cf. Gonçalves, 1829a, p. VIII). A abreviatura "roman." corresponde a "romanização". O símbolo "/" implica campo vazio.

Cada entrada ou lema aparece sempre num tamanho superior ao das restantes partes do alfabeto de Gonçalves, com a indicação do tom num dos quatro cantos do caráter principal, de acordo com o método tradicional chinês (ver 2.2.1 abaixo). Quando o caráter principal representa uma "diferença", este geralmente vem acompanhado pelo seu "género" do lado esquerdo, a menos que o "género" ainda não tenha sido completamente determinado no momento da impressão da *Arte China* (cf. Gonçalves, 1829a, p. V). Do lado direito do caráter principal encontram-se as variantes ortográficas, quando aplicável.

A pronúncia pode ser indicada tanto através da romanização como por meio de carateres homófonos previamente abordados no mesmo alfabeto. De forma semelhante, o sentido pode ser expresso tanto em português, como nos exemplos 1, 3, 4, 6, 7 e 9, quanto em chinês, utilizando carateres e palavras já estudados para indicar sinónimos, geralmente acompanhados da partícula expletiva final do estilo sublime "也 *yĕ*", que é usada frequentemente para enfatizar uma afirmação ou

[38] A escolha deste caráter deve-se às diversas aceções que apresenta.

para finalizar uma sentença declarativa, dando-lhe um tom explicativo, conclusivo ou afirmativo (ver 2.4.2.4 abaixo), como demonstrado nos exemplos 2, 5 e 8. Por outro lado, o uso de um caráter é apresentado por meio da sua combinação com outros carateres, denominados como "letra junta" ou "letra de frase" na terminologia lexicográfica de Gonçalves (ver 2.1.2 acima), os quais, em regra, ainda não foram ensinados no seu alfabeto. No entanto, sempre que um sinograma novo é introduzido, a sua pronúncia é indicada na segunda coluna, utilizando romanização ou carateres homófonos, como ilustrado nos exemplos 1, 3, 6, 7 e 9, e o seu significado é explicado em português, especialmente quando difere do sentido do caráter principal, como exemplificado nos casos 6, 7 e 9. Por fim, embora não conste da entrada acima mencionada, à esquerda da primeira coluna podem surgir três símbolos distintos: "ο", "ᵕ" e "ᵔ", que indicam, respetivamente, "letra usada só no sentido sublime", "letra usada apenas como elemento" ou "letra usada, mas não clássica, sendo, por vezes, utilizada em estilo alternativo de escrita" (cf. Gonçalves, 1829a, p. VIII). Em suma, o método de Gonçalves proporciona uma estrutura clara e acessível para entender o significado, a pronúncia e o uso dos carateres, facilitando a aprendizagem da língua chinesa.

A estrutura das entradas no alfabeto sínico de Gonçalves permite uma apresentação progressiva e organizada das "letras" chinesas e dos seus significados, conforme a complexidade e o número de "rasgos" de cada uma. A primeira coluna, com as formas original e variantes da "letra" principal, apresenta também o tom, que é anotado segundo o método tradicional chinês, bem como os exemplos de uso através da combinação com "letras de frase". Estes exemplos auxiliam na compreensão contextual das "letras" e do seu emprego na língua. Na segunda coluna, as indicações fonológicas são disponibilizadas, seja por meio de um caráter homófono, que facilita a associação auditiva, seja por meio da romanização, aplicada conforme as regras detalhadas no Prólogo. Esta coluna torna-se especialmente útil para estudantes que necessitam de apoio na pronúncia correta dos carateres. A terceira coluna destina-se à explicação semântica das "letras" principais da primeira coluna, oferecendo o sentido em português ou, em alguns casos, uma explicação adicional em chinês. Esta última coluna facilita o entendimento da função e do significado de cada "letra", sendo complementada por traduções e descrições para estudantes lusófonos. Embora a primeira linha da entrada seja obrigatória, contendo as informações essenciais da "letra" principal, todas as demais informações (exemplos, variantes, indicações fonológicas e explicações semânticas) podem ser omitidas conforme a necessidade do contexto de ensino. Essa flexibilidade permite ao professor adaptar o conteúdo ao nível de conhecimento do aluno, dando prioridade às informações mais relevantes para cada etapa didática.

Após averiguar a organização tipográfica das informações nas entradas do alfabeto sínico de Joaquim Gonçalves, é relevante examinar também a ordenação dos 1411 "géneros" e "diferenças" ali reunidos, uma vez que esses dois grupos de constituintes não dispõem de uma ordem fixa, como ocorre com os nove "rasgos" inicialmente identificados. No *Alphabeto China*, os "géneros" são organizados pelo número de "rasgos" e, para "géneros" com igual número de "rasgos", pela ordem dos mesmos, seguindo a disposição do *Catalogo dos generos* da mesma obra (cf. Gonçalves, 1829a, p. 76). Quanto à organização das "diferenças", o sinólogo português explica: "as differenças do mesmo numero de rasgos se ordenaõ so pela ordem dos rasgos, o que tambem fiz nos indices, e naõ pela ordem dos generos, e rasgos das differenças ao mesmo tempo, como acontecera no Diccionario" (Gonçalves, 1829a, p. V). Ou seja, no alfabeto, as "diferenças" são ordenadas, tal como os "géneros", pelo número e pela ordem dos "rasgos", começando pelo número mais baixo. Na parte final do alfabeto chinês, encontra-se ainda uma secção exclusivamente em chinês, intitulada "目錄 *mùlù* 'índice'" (cf. Gonçalves, 1829a, p. 88) e designada como "Indice das letras de frase" no *Indice* disponibilizado no final da *Arte China*. Essa secção reúne os carateres usados para exemplificar o uso das "letras" principais nas entradas do alfabeto, organizando-os pelo número de "rasgos" e pela ordem dos mesmos para carateres com igual número de "rasgos".

2.1.3.2. *Diccionario China-Portuguez*

Conforme mencionado anteriormente, no *Alphabeto China* basta contar o número de "rasgos" para localizar um constituinte, seja este um "rasgo", "género" ou "diferença". No entanto, no *Diccionario China-Portuguez* a organização das "diferenças" segue um critério adicional: o "género" do caráter. Assim, a consulta dos carateres nesse dicionário exige a identificação do "género" de cada um, tornando-se essencial o domínio das regras para a correta identificação de um "género". Por este motivo, no *Diccionario China-Portuguez* Gonçalves introduziu uma secção inicial intitulada "Regras dos generos pela inspecçaõ das letras" para facilitar a identificação do "género" de um caráter chinês.

A secção das regras de identificação de "género" está subdividida em três partes: a primeira, composta por "Advertencias previas"; a segunda, dedicada à explicação detalhada de um conjunto de 14 regras específicas, e a última, uma coleção de "Generos difficeis" (cf. Gonçalves, 1833, p. III–V). Na primeira, o autor começa por afirmar que os carateres compostos podem sempre ser divididos em duas partes e apresenta cinco estruturas comuns desses carateres (cf. Gonçalves, 1833, p. III), as quais foram reorganizadas na Tabela 7 para facilitar a visualização.

Tabela 7 As cinco estruturas dos carateres chineses na análise de Joaquim Gonçalves

Posição das duas partes	Exemplo	Componentes
Esquerda + Direita	如 *rú*	女 *nǚ* +口 *kǒu*
Cabeça + Pé	安 *ān*	宀 *mián* +女 *nǚ*
Includente + Inclusa	囚 *qiú*	口 *wéi* +人 *rén*
Entalada + Repetida	讎 *chóu*	言 *yán* +隹 *zhuī*
Entressachada + Encravada	衰 *āi*	衣 *yī* +口 *kǒu*

Fonte: Elaborada de acordo com Gonçalves (1833, p. III).
Nota. A transliteração em *Pinyin* dos "géneros" que não podem ser usados como carateres integrais tem como base a romanização de Gonçalves no *Alphabeto China* da *Arte China* (1829). O símbolo "+" é usado no sentido de "junção".

Podemos ver que as relações espaciais entre as componentes são destacadas para facilitar a compreensão dos padrões estruturais fundamentais dos carateres chineses.

Além destes cinco padrões formais dos carateres chineses, baseados na posição relativa das duas componentes dos carateres compostos, Gonçalves introduz ainda dois conceitos opostos nas "Advertencias previas" das suas regras para a identificação do "género": o contraste entre "géneros" cativos e livres, conforme ilustrado na Tabela 8.

Tabela 8 "Géneros" cativos e livres na análise de Joaquim Gonçalves

Tipo	Critério	Exemplo:
		暹 *xiān* = 辶 *zǒu* +日 *rì* + 隹 *zhuī*
Cativo	Forma "letra" com a parte que lhe esta junta	辶 *zǒu* + 隹 *zhuī* = 進 *jìn*: "辶 *zǒu*" é cativo.
Livre	Não forma "letra" com a parte que lhe esta junta	日 *rì* + 隹 *zhuī* = ø: "日 *rì*" é livre.

Fonte: Elaborada de acordo com Gonçalves (1833, p. III).
Nota. A transliteração em *Pinyin* dos "géneros" que não podem ser usados como carateres integrais tem como base a romanização de Gonçalves no *Alphabeto China* da *Arte China*. O símbolo "+" indica "junção" e o símbolo "=" implica a "equivalência" entre os elementos dos dois lados.

A distinção entre os dois tipos de "género" reside na capacidade de formar um caráter com a componente adjacente: aqueles que têm essa capacidade são chamados "géneros cativos", enquanto os que não a possuem são denominados "géneros livres". Por fim, nesta primeira subsecção o autor alerta para a existência de um Índice Geral, que deve ser consultado caso não seja possível determinar o "género" de um caráter, ou caso este não seja encontrado no local apropriado, devido a eventuais lapsos nesta primeira impressão (cf. Gonçalves, 1833, p. III). Os esclarecimentos apresentados são essenciais para a compreensão das regras específicas que Gonçalves estabeleceu para a identificação do "género" de um caráter chinês.

A segunda subsecção apresenta um conjunto de 13 regras[39], acompanhadas de exemplos concretos, para o reconhecimento do "género" de uma "letra" chinesa, seja esta um caráter integral ou

[39] Na verdade, a numeração das regras vai até 14; no entanto, não há uma regra correspondente ao número 12, resultando em apenas 13 regras concretas.

um caráter constituinte, com base nos conceitos estruturais previamente estabelecidos. Estas regras estão sintetizadas na Tabela 9.

Tabela 9 Regras dos "géneros" pela inspeção das "letras" no *Diccionario China-Portuguez* de Joaquim Gonçalves

Nº	Regra	Exemplo(s): "género" em negrito	Observações
1º	Esquerda > Direita	如 *rú*: **女 *nǚ*** >口 *kǒu*	Exceções: 刂 *dāo*; 彡 *shān*; 欠 *qiàn*; 斤 *jīn*.
2º	Cabeça > Pé	安 *ān*: **宀 *mián*** > 女 *nǚ* 老 *lǎo*: **土 *tǔ*** > 匕 *bǐ* 夷 *yí*: **大 *dà*** > 弓 *gōng* 束 *shù*: **木 *mù*** > 口 *kǒu* 乘 *chéng*: **禾 *hé*** > 比 *bǐ*	Exceções: 儿 *ér*; 又 *yòu*; 大 *dà*; 夂 *zhì*; 火 *huǒ*; 日 *rì*; 血 *xiě*
3º	Includente > Inclusa	囚 *qiú*: **口 *wéi*** > 人 *rén* 句 *jù*: **勹 *bāo*** > 口 *kǒu* 聞 *wén*: **門 *mén*** > 耳 *ěr*	/
4º	Entalado > Repetido	讎 *chóu*: **言 *yán*** > 隹 *zhuī*	/
5º	Entressachado > Encravado	哀 *āi*: **衣 *yī*** > 口 *kǒu*	/
6º	Livre > Cativo	暹 *xiān*: **日 *rì*** > 辶 *zǒu* 脚 *jiǎo*: **月 *yuè*** > 阝 *jié* 傲 *qī*: **亻 *rén*** > 欠 *qiàn*	/
7º	Repetido > Cativo	蠢 *lǐ*: **虫 *chóng*** > 豕 *shǐ* 能 *néng*: **匕 *bǐ*** > 厶 *sī* / 月 *yuè*	/
8º	A face cativa desembaraçada é "género" na necessidade.	巽 *xùn*: **八 *bā*** 岔 *fēn*: **刀 *dāo***	/
9º	Prefere-se o "género" da parte preferível quando nenhuma das duas partes for "género".	萌 *huāng*: 亡 *wáng* (**宀 *tóu***) >明 *míng* 釐 *lí*: 未 攵(**攴 *pū***) > 厘 *lí* 豐 *xìn*: 興 (**臼 *jiù*** > 同 *tóng*) > 且 *qiě* 炯 *kē*: 丬 *pán* (**乙 *yǐ***) > 可 *kě*	/
10º	Quando não houver "género" claro, o será o primeiro rasgo.	長 *cháng*: **一 *huà*** 吏 *lì*: **一 *huà*** 奉 *fèng*: **一 *huà*** 良 *liáng*: **一 *huà*** 禹 *yǔ*: **丿 *piě*** 歸 *guī*: **丿 *piě***	/
	Quando o primeiro "rasgo" não for "género", o será o segundo ou os dois primeiros juntos.	之 *zhī*: 冖 *gōu* 辰 *chén*: 厂 *hàn* 冊 *cè*: 冂 *qióng*	/
11º	Organização dos "géneros": número e ordem dos "rasgos" da forma original; Ordenação das "letras" do mesmo "género": número e ordem dos "rasgos" da "diferença".	油 *yóu*: 氵 = **水 *shuǐ*** > 由 *yóu*;	"Assim em 油[*yóu* 'óleo'] há 5 rasgos, e o primeiro he 丨, que he o sexto da ordem alphabetica."
12º	A ordem dos "géneros" dos mesmos "rasgos" é fixa.	儿 *ér* > 几 *jǐ* 八 *bā* > 人 *rén* > 又 *yòu* 刀 *dāo* > 力 *lì* 阝 *jié* > 阝 *yì* 土 *tǔ* > 士 *shì* 口 *kǒu* > 口 *wéi*	/
13º	"Letras" cujos "rasgos" são difíceis de contar, às vezes por estarem mal escritas.	2 "rasgos": 叉[?]; 乃 *nǎi*; 阝 *yì* 3 "rasgos": 丰 *kuà*; 之 *zhī*	/

	4 “rasgos”: 冂[?]; 止[?]、止 *zhǐ*; 比、比 *bǐ*
	5 “rasgos”: 正 *zhèng*; 包 *bāo*; 凹 *āo*; 矛 *máo*;
	6 “rasgos”: 年 *nián* ; 卉 *huì*、卉 *huì*;
	7 “rasgos”: 攸 *yōu*、攸 *yōu*;
	8 “rasgos”: 花 *huā*、花 *huā*; 亞 *yà*; 并 *bìng*、幷 *bēn*
	9 “rasgos”: 革 *gé*
	10 “rasgos”: 馬 *mǎ*; 玆 *zī*、茲 *zī*
	11 “rasgos”: 鳥 *niǎo*; 婁 *lóu*; 貫 *guàn*;
	12 “rasgos”: 華 *huá*、華 *huá*; 路 *lù*
	13 “rasgos”: 黽 *mǐn*

Fonte: Elaborada pela autora de acordo com Gonçalves (1833, pp. IV-V).
Nota. A transliteração em Pinyin dos “géneros” tem como base a romanização de Gonçalves no *Alphabeto China* da *Arte China*, nomeadamente aqueles que não podem ser usados como carateres integrais, ainda que a pronúncia transcrita possa diferir do chinês moderno. O símbolo “>” indica “preferência”, sendo o item da esquerda o preferível em relação ao da direita, e o símbolo “=” implica a “equivalência” entre os elementos dos dois lados. O símbolo “/” indica campo vazio.

As primeiras sete regras baseiam-se nos conceitos estruturais previamente estabelecidos por Joaquim Gonçalves, definindo a hierarquia entre as duas componentes de uma “letra” chinesa em diversas estruturas. A oitava regra, porém, é mais ambígua, uma vez que o conceito de “face cativa desembaraçada” não é claramente explicado nas advertências do autor. Pelo seu sentido literal, “face” parece referir-se à parte mais visível de um caráter chinês; “cativa” implica a capacidade de formar uma “letra” chinesa, conforme descrito na Tabela 8; e “desembaraçada” sugere algo não preso ou independente. Assim, “a face cativa desembaraçada” poderia referir-se a uma parte de um caráter que é independente e claramente visível, mas ainda capaz de se combinar para formar uma “letra”. Esta regra é opcional, já que a condição “pela necessidade” indica uma aplicação circunstancial. Nas nona e décima regras, os critérios para identificar o “género” de uma “letra” chinesa passam a ser condicionais. A décima primeira regra esclarece a organização dos “géneros” e dos carateres do mesmo “género” no dicionário chinês-português de Gonçalves. A penúltima regra define a ordem dos “géneros” com o mesmo número de “rasgos”, que são relativamente poucos em número. Finalmente, a última regra cobre as “letras” cujos “rasgos” são difíceis de contar devido à variação nas formas manuscritas dos carateres chineses.

Na última subsecção, intitulada “Géneros difficeis”, Gonçalves apresenta um conjunto de “letras” chinesas cujo “género” é difícil de identificar. Estas “letras” são organizadas em diferentes grupos de “géneros”, conforme transcrito e adaptado na Tabela 10.

Tabela 10 "Géneros" difíceis no *Diccionario China-Portuguez* de Joaquim Gonçalves

Género	Exemplos	Género	Exemplos	Género	Exemplos
一 *yī*	堇 *jǐn*; 丞 *chéng*; 丑 *chǒu*; 才 *cái*; 吏 *lì*	几 *jǐ*	夙 *sù*	口 *kǒu*	弗 *chǎn*
亅 *gōu*	予 *zǐ*; 也 *yě*	勹 *bāo*	匄 *gài*	口 *wéi*	匄 *xīn*
丿 *piě*	胤 *yìn*; 少 *shǎo*; 丹 *dān*; 自 *zì*	人 *rén*	以 *yǐ*	木 *mù*	未 *wèi*
乙 *yǐ*	飛 *fēi*; 毋 *wù*; 匕 *bǐ*; 凶 *xiōng*; 凹 *āo*	八 *bā*	嘗 *zhǐ*; 小 *xiǎo*; 並 *bìng*	牛 *niú*	先 *xiān*; 生 *shēng*
亠 *tóu*	午 *wǔ*; 乞 *qǐ*	冂 *qióng*	曲 *qǔ*	月 *yuè*	腐 *fǔ*
卩 *jié*	危 *wēi*	卜 *bǔ*	上 *shàng*	日 *rì*	由 *yóu*
阝 *yì*	鄉 *xiàng*	土 *tǔ*	在 *zài*; 里 *lǐ*	玉 *yù*	王 *wáng*
厂 *hàn*	后 *hòu*; 盾 *dùn*	彐 *jì*	尹 *yǐn*; 艮 *gèn*	臼 *jiù*	舉 *jǔ*
十 *shí*	左 *zuǒ*	弓 *gōng*	弗 *fú*	月 *yuè*	用 *yòng*

Fonte: Elaborada pela autora de acordo com Gonçalves (1833, p. V).
Nota. A transliteração em *Pinyin* dos "géneros" que não podem ser usados como carateres integrais tem como base a romanização de Gonçalves no *Alphabeto China* da *Arte China*.

De forma resumida, os "géneros difíceis" são aqueles cujo reconhecimento e categorização não são imediatos, devido a fatores como ambiguidade estrutural, variedade de formas, complexidade de composição e polissemia. Este quadro adaptado de Gonçalves destaca exemplos específicos que ilustram essas dificuldades, oferecendo uma visão clara dos desafios na identificação dos "géneros" de certos carateres chineses e seus componentes.

Em termos concretos, alguns carateres possuem componentes que podem ser confundidos com outros. Por exemplo, "一 *yī*" é um traço simples, mas aparece em carateres como "堇 *jǐn*" e "丞 *chéng*", nos quais a sua identificação pode ser desafiadora devido a diferentes posições e contextos. Em segundo lugar, carateres com o mesmo "género" podem ter formas visualmente variadas, tornando difícil a associação direta. Por exemplo, "乙 *yǐ*" surge em formatos bastante diferentes em carateres como "飛 *fēi*" e "毋 *wù*". Além disso, alguns carateres têm composições complexas com múltiplos componentes, como "阝 *yì*" em "鄉 *xiàng*", onde o "género" não é facilmente isolável. Finalmente, carateres que possuem múltiplos significados ou são homófonos aumentam a dificuldade de identificação. Por exemplo, "月 *yuè*" aparece em "腐 *fǔ*" e em "用 *yòng*", assumindo uma forma variante, "肉 *ròu*" (significando "carne") no primeiro, mas mantendo a sua forma original no segundo. É importante notar que este último caráter, "用 *yòng*", também é considerado um "género" na tradição lexicográfica chinesa, como exemplificado no "《字汇》 *Zìhuì* ['*Coleção de Carateres*']" (1615)[40]. No

[40] O *Zihui*, compilado por 梅膺祚 *Méi Yīngzuò* (que viveu no século XVII) e publicado pela primeira vez em 1615, é um dicionário chinês renomado por introduzir uma das maiores inovações no campo da lexicografia chinesa, ao condensar os 540 radicais do "《说文解字》 *Shuōwén Jiězì* ['*Explicação e análise dos carateres* (da dinastia Han)']" em apenas 214 radicais. Esse sistema, que permanece em uso até hoje, facilitou significativamente a consulta dos carateres.

método de Joaquim Gonçalves, este foi excluído como "género" para reduzir o número de elementos, sendo novamente realocado.

Em síntese, a complexidade das regras para a identificação do "género" de um caráter chinês deriva principalmente de dois fatores. Em primeiro lugar, a estrutura interna dos carateres chineses é intrinsecamente complicada, com múltiplos componentes que podem ter diversas formas, funções e significados. Em segundo lugar, a redução significativa do número de "géneros" tradicionais, proposta por Joaquim Gonçalves para facilitar a memorização, exigiu a reorganização e fusão de carateres de diferentes grupos, criando a necessidade de novas regras para acomodar esses novos agrupamentos. Essa simplificação, embora útil para o ensino, acrescenta uma camada adicional de dificuldade ao processo de classificação dos carateres.

O próprio autor deixou o seguinte comentário relativamente à abundância das regras por si estabelecidas na sétima advertência do seu *Diccionario Generico, e Tonico*:

> As regras dos generos abaixo postas ficaraõ hum pouco mais complicadas, para fazer quanto foi possivel, entrar as letras nos generos, que indicaõ a sua significaçaõ em geral; mas sem grande difficuldade, e applicaçao ficara o Estudante habil a entrar o Diccionario, e achar as letras com igual facilidade, e methodo, que nos Diccionarios Europeos se achaõ as palavras, o que nos Diccionarios Chinas se naõ pode fazer. (Gonçalves, 1833, p. I)

Assim, embora as regras para identificar o "género" dos carateres chineses sejam complexas, a abordagem de Joaquim Gonçalves procura facilitar a consulta e a organização desses carateres, aproximando-se dos métodos utilizados nos dicionários europeus. Com a familiarização das regras e dedicação ao método, os estudantes podem superar as dificuldades iniciais e alcançar um domínio que lhes permitirá consultar o dicionário de forma mais eficiente e intuitiva. Para Gonçalves, a simplificação dos "géneros" e a estruturação de regras específicas não apenas auxilia na memorização, mas também proporciona aos estudantes um sistema que reduz as barreiras de acesso aos carateres chineses. Dessa maneira, o seu engenho lexicográfico busca oferecer uma ferramenta prática e inovadora, especialmente adaptada para aprendentes ocidentais.

Tendo verificado as regras dos "géneros" estabelecidas por Joaquim Gonçalves nas notas iniciais do seu *Diccionario China-Portuguez*, é pertinente examinar a organização estrutural do corpo lexicográfico, nomeadamente os elementos constituintes das entradas. Sobre a organização do seu dicionário, o autor oferece o seguinte esclarecimento na oitava advertência inicial:

> Abrindo pois o Diccionario se ve no alto da pagina o genero de que se trata, e desde os generos de 3 rasgos por diante se vera de frente a direita o numero dos rasgos do genero em que vai: logo ao lado esquerdo o numero dos rasgos das differenças da columna, e se este variar, hum algarismo sobre a letra o mostrara: vera logo na columna

> esquerda huma letra grande na forma de letra redonda com o tom notado com hum zero, ou triangulo; logo a direita a mesma letra na forma de letra corrida, e mais adiante huma letra mais pequena, que indica a pronuncia da letra grande, e esta he sempre do mesmo som, mas nem sempre do mesmo tom, por naõ a haver; e ainda alguma rara vez falta, por naõ haver outra do mesmo som; por baixo desta letra se acha a pronuncia em Europeo: as regras della estaõ na Arte, que o estudante deve ter; advertindo que nas pronuncias em *e*, como *che* o *e* sera o *ē* da Arte: quando estaõ duas pronuncias juntas com huma so China, a segunda he vulgar, e naõ classica. (Gonçalves, 1833, p. II)

O autor detalha um sistema organizado para facilitar a navegação no seu dicionário chinês-português, com indicações claras sobre o "género" e o número de rasgos dos carateres. A inclusão de transliteração e notação de tom visa ajudar os estudantes a utilizar o dicionário de maneira eficaz, sendo necessário, para uma compreensão completa, dominar previamente as regras de romanização estabelecidas na *Arte China*, as quais serão abordadas na secção 2.2.

Para carateres polifónicos, Gonçalves indica a leitura alternativa por meio de outro caráter homófono, marcado na margem esquerda do exemplo em questão, utilizando a expressão chinesa "音 *yīn* 'lê-se'", conforme descrito na décima primeira advertência (cf. Gonçalves, 1833, p. II). No caso de carateres com múltiplos significados, a polissemia é assinalada pela expressão "又 *yòu* 'também [significa]'", como ocorre com o caráter "李 *lǐ*", que pode significar tanto "abrunheiro" ou "abrunho" quanto um sobrenome (cf. Gonçalves, 1833, p. 393). Para carateres que podem ser usados de forma intercambiável, representando palavras com sons semelhantes ou significados próximos, os usos alternativos são indicados através da expressão "又与...同 *yòu yǔ...tóng* 'também equivale a ...'", localizada no final da entrada. Finalmente, as referências cruzadas são marcadas pela expressão "见... 字註 *jiàn ... zì zhù* 'veja-se a explicação do caráter...'" (cf. Gonçalves, 1833, p. III). Assim, o sistema de notação desenvolvido por Gonçalves proporciona uma ferramenta auxiliar para lidar com a complexidade dos carateres chineses, facilitando o entendimento das suas variações de pronúncia, significado e uso.

A título de exemplo, a Tabela 11 apresenta um guia de consulta do *Diccionario Generico*, elemento central do *Diccionario China-Portuguez*, com base na entrada do caráter "㪚 *xiè* 'lançar'"[41], que contém cinco exemplos de uso e uma equivalência alternativa (cf. Gonçalves, 1833, p. 555).

[41] A escolha deste caráter deve-se às diversas aceções que apresenta.

Tabela 11 Guia de consulta do *Diccionario Generico* do *Diccionario China-Portuguez* de Joaquim Gonçalves

1* Coluna			[Entrada]			2* Coluna	[Equivalência em PT]
渫。		屑 Sie	Lema + tom	Lema em letra corrida	Caráter homófono + roman.	Lançar, verter; desprezar.	Sentido 1; sentido 2.
	｜除。｜漏。		Exemplo 1。Exemplo 2			—. —, descobrir o segredo.	Tradução do Ex. 1, tradução do Ex. 2.
	｜狎。｜慢。		Exemplo 3。Exemplo 4			Tratar com muita confiança. Desprezar.	Tradução do Ex. 3. Tradução do Ex. 4.
音迭	长波浢｜。		Pronúncia alternativa: 'lê-se *dié*'	Exemplo 5 com a indicação do tom da nova pronúncia。		Grandes ondes seguidas.	Tradução do Ex. 5.
	又与泄同		'Também equivale a "泄 *xiè*"'			/	/

Fonte: Elaborada pela autora com base no verbete do caráter "渫 *xié* 'lançar'" (cf. Gonçalves, 1833, p. 555).

Nota. As colunas com fundo cinzento contêm transcrições adaptadas da entrada "渫 *xiè* 'lançar'", enquanto as interpretações nas colunas de fundo branco são acrescentadas pela autora. O sinal " ｜ " é utilizado na trilogia de Gonçalves para substituir a letra principal ou repetir a letra anterior, enquanto o símbolo "—" indica a repetição da palavra ou sentença da linha de cima (cf. Gonçalves, 1829a, p. VIII). A abreviatura "roman." refere-se a "romanização", e o símbolo "/" indica campo vazio. O ponto final chinês "。" separa exemplos apresentados numa mesma linha.

Os lemas estão destacados em "letra redonda", com tamanho superior aos restantes constituintes da entrada, e são acompanhados da variação caligráfica em "letra corrida" (para as variedades caligráficas na descrição de Gonçalves ver 2.1.1) ao seu lado direito. A pronúncia prototípica é indicada a seguir por meio de um caráter homófono e da respetiva romanização, conforme as regras estabelecidas na *Arte China*. No entanto, pode haver casos em que esse homófono esteja ausente ou tenha um tom diferente do principal, por não existir um candidato com a leitura exata (cf. Advertência 8 em Gonçalves, 1833, p. II). Os exemplos são sempre apresentados em textos bilingues chinês-português. Contudo, o autor adverte que não pode garantir a exatidão total das traduções, uma vez que muitas expressões chinesas permitem múltiplas interpretações, mesmo entre académicos nativos (cf. Advertência 10 em Gonçalves, 1833, p. II). Podemos ver que a estrutura é semelhante ao alfabeto chinês, mas oferece exemplos de uso mais detalhados, enriquecendo a compreensão dos carateres.

Para além da coleção principal designada *Diccionario Generico*, Gonçalves apresenta duas soluções complementares para facilitar a consulta dos carateres chineses no seu dicionário sino-luso: um apêndice intitulado *Diccionario Tonico* e um *Índice Geral*, que juntos abrangem um conjunto mais amplo de carateres chineses. O *Diccionario Tonico* é organizado de acordo com a ordem alfabética da pronúncia dos carateres[42], seguindo a romanização adotada pelo próprio autor. O *Índice Geral*, por sua vez, destina-se a acomodar carateres que possam não ser encontrados no corpo principal do dicionário[43], por três

[42] Os carateres homófonos são ordenados pela quantidade de "rasgos", com indicação do tom de acordo com a marcação tradicional chinesa e o significado expresso de forma concisa em português.

[43] Segundo o autor, este índice dispõe de duas colunas: em geral, a coluna da esquerda exibe a "letra" clássica correspondente à "letra" da coluna à direita; se o caráter "入 *rù* 'entrar'" estiver presente, a "letra" da coluna esquerda passa a ser o "género" da coluna direita; se, em vez de uma "letra", houver uma romanização na coluna esquerda, deve-se consultar o *Diccionario Tonico* para obter o significado do caráter da coluna direita.

razões: o caráter pode ser uma variante ou abreviatura da "letra" clássica; pode ter sido inserido no "género" errado por descuido ou pode estar ausente do dicionário (cf. Advertência 12 em Gonçalves, 1833, p. II). Trata-se, portanto, de um método lexicográfico inovador, composto por três coleções de carateres chineses interdependentes e complementares, que visa equiparar a facilidade de uso dos dicionários chineses à dos dicionários europeus, superando as dificuldades tradicionais desses recursos, em sintonia com as práticas lexicográficas modernas da língua chinesa[44].

Em síntese, esta subsecção analisou a organização estrutural do *Alphabeto China* incluído na *Arte China* e das três coleções lexicográficas do *Diccionario China-Portuguez*: o *Diccionario Generico*, o *Diccionario Tonico* e o *Índice Geral*. No alfabeto sínico de Joaquim Gonçalves, os carateres ou os seus componentes são classificados em três categorias — "rasgos", "géneros" e "diferenças" — e organizados de acordo com o número de "rasgos". No dicionário chinês-português do mesmo autor, a estrutura considera também os "géneros", com os carateres agrupados por "géneros" e ordenados segundo o número e a sequência dos "rasgos" no *Diccionario Generico*. Para consultar este dicionário, é essencial dominar as regras dos "géneros" pela inspeção dos carateres, descritas no início da obra. Estas regras apresentam um certo grau de complexidade, devido tanto à estrutura interna intrincada dos carateres quanto à necessidade de novas normas para acomodar os agrupamentos resultantes da simplificação dos "géneros" no método analítico de Gonçalves. Em face dessas dificuldades, o autor utiliza o *Diccionario Tonico* e o *Índice Geral* para complementar o *Diccionario Generico*, criando assim um método inovador e completo para a consulta de carateres chineses.

2.1.4. Discussão e conclusão

Nas três subsecções anteriores, analisámos o método desenvolvido por Joaquim Gonçalves para o ensino-aprendizagem da escrita chinesa, explorando as inovações que visam tornar o estudo dos carateres mais acessível aos estudantes ocidentais. Demonstrámos como Gonçalves aplicou uma abordagem estruturada e progressiva, fundamentada numa análise detalhada da morfologia dos carateres, para criar um sistema que facilite a compreensão e a memorização. Combinando simplificação prática e análise comparativa, o autor procurou estabelecer uma ponte entre os sistemas de escrita ocidentais e a estrutura visual dos carateres chineses, oferecendo ferramentas adaptadas às necessidades dos estudantes.

[44] Por exemplo, o *Dicionário do Chinês Moderno*, cuja primeira edição foi lançada em 1978, também apresenta um sistema de consulta tripartido, incluindo um catálogo de consulta por radicais, um catálogo por número de traços para carateres complexos e uma coleção central organizada de acordo com o *Pinyin*, muito próximo da prática de Joaquim Gonçalves.

Na primeira subsecção, identificámos as características singulares da escrita chinesa numa perspetiva comparativa, com destaque para os aspetos visuais e estruturais dos carateres, semelhantes aos hieróglifos egípcios e aos algarismos árabes na descrição de Gonçalves, bem como as dificuldades acrescidas com a variação ortográfica. Explorámos também a importância das quatro variantes estilísticas dos carateres – Redonda, Corrida, Quadrada e Antiga – de entre as quais Gonçalves considera as duas primeiras como fundamentais para uma leitura fluente e legível, por permitirem identificar os carateres de forma mais simplificada.

Na segunda subsecção, abordámos a classificação das "letras" chinesas em três categorias: "rasgos", "géneros" e "diferenças". Verificámos como Gonçalves estrutura o "alfabeto chinês" com base nesses três grupos, sendo os "rasgos" traços básicos, os "géneros" componentes que indicam o sentido geral do caráter e as "diferenças" elementos que distinguem carateres semelhantes e fornecem pistas de pronúncia. Através da redução do número tradicional de "géneros" para aproximadamente 130, Gonçalves adota uma simplificação prática que visa facilitar a memorização, permitindo aos estudantes uma aprendizagem mais gradual e acessível do sistema de escrita chinês.

Na terceira subsecção, examinámos a organização estrutural do *Alphabeto China* e das três coleções lexicográficas do *Diccionario China-Portuguez* – o *Diccionario Generico*, o *Diccionario Tonico* e o *Índice Geral*. Observámos como os carateres no *Diccionario Generico* são organizados segundo os "géneros" e o número e sequência dos "rasgos", com o propósito de orientar o utilizador na busca de cada caráter. Analisámos ainda o uso complementar do *Diccionario Tonico*, que organiza os carateres pela sua pronúncia segundo a romanização de Gonçalves, e do *Índice Geral*, concebido para acomodar variantes, abreviaturas e carateres que possam ter sido classificados incorretamente ou omitidos.

Em suma, a secção 2.1 permitiu-nos compreender a abordagem inovadora de Joaquim Gonçalves, que, ao combinar análise estrutural e organização prática, visa tornar o estudo dos carateres chineses mais sistemático e acessível. Através da aplicação de princípios de simplificação e ordenação inspirados nos dicionários europeus, Gonçalves transforma o desafio de aprender carateres chineses numa experiência imersiva, criando ferramentas que, ao mesmo tempo, respeitam a complexidade da língua e facilitam a consulta e o entendimento dos carateres para estudantes ocidentais.

Os conteúdos abordados nesta secção foram principalmente baseados nas observações preliminares de Joaquim Gonçalves, encontradas nas páginas iniciais das suas obras e disponíveis exclusivamente em português. A exceção é o Prólogo da *Arte China*, que foi parcialmente traduzido para o chinês por Wang e Lu (2015), mas sem a segunda parte dedicada ao alfabeto chinês. Esta tradução, no entanto, apresenta lacunas significativas, nomeadamente vários conceitos-chave que não foram

adequadamente vertidos para o chinês, conforme verificámos ao longo desta secção, o que limita a compreensão da metodologia de Gonçalves por parte de um público mais vasto e, sobretudo, dos investigadores chineses.

Esta secção clarifica o sistema original de Joaquim Gonçalves, documentando o seu pensamento pedagógico e a estrutura do seu método para o ensino da escrita chinesa. Com uma abordagem inovadora, que antecipa muitos métodos modernos de ensino do chinês como língua estrangeira, Gonçalves propôs a sistematização dos carateres em categorias como "rasgos", "géneros" e "diferenças", criando também um "alfabeto chinês" específico. Adaptando o estudo dos carateres a um público não nativo, o docente ofereceu ferramentas lexicográficas e pedagógicas – o *Diccionario Generico*, o *Diccionario Tonico* e o *Índice Geral* – que aliam elementos da lexicografia chinesa a princípios organizacionais dos dicionários europeus. A sua disposição metodológica tripartida antecipa a organização encontrada em dicionários modernos, demonstrando a continuidade e a evolução no tratamento lexicográfico do chinês.

A sua obra constitui um marco na história do ensino do chinês, ainda que permaneça relativamente desconhecida fora da comunidade lusófona. Este estudo, portanto, torna-se essencial para preservar e divulgar o seu legado, sublinhando a necessidade de novas traduções e interpretações que respeitem a complexidade do seu trabalho e promovam o seu reconhecimento no contexto do ensino do chinês como língua estrangeira. Em futuras investigações, vários aspetos da análise composicional da escrita chinesa de Joaquim Gonçalves podem ser ampliados para uma compreensão mais completa do seu método e das suas contribuições para o ensino dos carateres chineses. Embora no Anexo I se apresente uma lista das "diferenças" conforme delineadas na *Arte China*, um estudo aprofundado sobre este tipo de constituintes poderia fornecer uma visão mais detalhada sobre o processo de categorização proposto por Gonçalves e de como este difere ou se aproxima das tradições lexicográficas chinesas e ocidentais. Analisar as "diferenças" em contexto, incluindo as variantes e a forma como cada uma se relaciona com o sentido e a pronúncia dos carateres, poderia revelar o raciocínio por detrás das escolhas de Gonçalves e enriquecer o entendimento do seu "alfabeto chinês".

Outro tema promissor para futuras investigações é o estudo das traduções que Gonçalves oferece para cada um dos elementos constituintes da escrita chinesa, ou seja, as equivalências em português que ele apresenta para cada uma das "letras" do alfabeto chinês. A tradução de carateres isolados é uma tarefa desafiadora, pois os carateres chineses têm, muitas vezes, múltiplos significados e associações contextuais. Assim, é interessante observar qual o sentido que Gonçalves considera como "prototípico" e decide fixar no seu alfabeto. Analisar a terminologia e os significados que Gonçalves atribui

aos carateres permitiria não só avaliar o rigor e a adequação das suas escolhas, mas também compreender melhor as suas intenções pedagógicas ao adaptar conceitos complexos para um público lusófono. Nesse sentido, o estudo das traduções apresentadas por Gonçalves poderá ainda suscitar futuros trabalhos lexicográficos, oferecendo uma base para abordagens que lidem com as complexidades do vocabulário chinês em contextos multilingues.

Estes aspetos, devido às limitações de espaço e tempo da presente investigação, não puderam ser explorados em profundidade, mas representam oportunidades importantes para o desenvolvimento futuro deste campo. Dando seguimento à análise dos métodos de Gonçalves, a próxima secção será dedicada ao estudo da romanização dos carateres chineses, um tema central para compreender as estratégias do autor na adaptação fonética e no ensino da pronúncia da língua chinesa aos estudantes lusófonos.

2.2. Romanização dos carateres chineses

O chinês, como uma das línguas vivas em constante evolução, passou por um longo processo de desenvolvimento desde a sua origem. Na área dos estudos linguísticos, a evolução histórica da língua chinesa é geralmente dividida em três períodos: o período do chinês antigo, o período do chinês médio e o período do chinês pré-moderno. Especificamente no campo da fonética e fonologia chinesa, Mai (2009, pp. 1–2) apresenta a seguinte periodização:

1) Período do chinês antigo: refere-se ao período anterior à dinastia Qin (221 – 206 a. C) em sentido restrito, mas inclui também as dinastias Han (206 a. C – 220), Três Reinos (220 – 280) e Jin Ocidental (265 – 317) em sentido amplo;
2) Período do chinês médio: abrange as dinastias do Sul e do Norte (420 – 479) até à dinastia Song do Norte (960 – 1127);
3) Período do chinês pré-moderno: desde a dinastia Yuan (1206 – 1368) até à contemporaneidade em sentido amplo, ou até ao século XIX em sentido restrito[45].

Dado que o chinês é uma língua em que a pronúncia nem sempre é refletida de forma direta e intuitiva pela ortografia, especialmente no que respeita aos tons, os estudos linguísticos periféricos, que recorrem

[45] As designações "chinês antigo", "chinês médio" e "chinês pré-moderno" correspondem respetivamente a "上古汉语 *shàng gǔ hànyǔ*", "中古汉语 *zhōng gǔ hànyǔ*" e "近代汉语 *jìndài hànyǔ*".

a metalínguas alfabéticas, podem fornecer dados valiosos para o entendimento da variação fonética e fonológica desta língua.

Esta secção examina a representação do sistema fonético chinês nas obras de Joaquim Gonçalves, com especial enfoque na descrição dos tons e na transcrição dos carateres chineses em letras latinas. Na primeira subsecção (2.2.1) analisaremos os aspetos tonais do mandarim, destacando a forma como Gonçalves descreve e categoriza os tons chineses, considerando as influências indígenas e sinológicas da época e a complexidade de representar tons na romanização. Em seguida, na segunda subsecção (2.2.2), exploraremos os sistemas consonânticos e vocálicos do mandarim do início do século XIX, conforme representados nas obras de Gonçalves, e avaliaremos as estratégias que ele utiliza para transcrever sons específicos do chinês para um público lusófono. Finalmente, na terceira subsecção (2.2.3) discutiremos criticamente os sistemas e escolhas de Gonçalves, avaliando o impacto e a adequação das suas representações fonéticas face ao conhecimento atual e ao contexto histórico em que foram produzidas.

2.2.1. Aspetos tonais do mandarim

Os tons são um dos aspetos mais distintivos e desafiadores do chinês em comparação com a maioria das línguas europeias, sem marcação tonal. Enquanto estas últimas geralmente utilizam a entonação para expressar variações emocionais ou gramaticais, o chinês emprega os tons como uma característica fonémica, essencial. Cada sílaba pode ser pronunciada com diferentes tons, que alteram completamente o significado das palavras, tornando a tonalidade fundamental para a comunicação eficaz. Este fenómeno tem sido amplamente estudado nas obras de linguística missionária, que frequentemente enfatizam a importância dos tons na aquisição e ensino do chinês.

Na *Arte China*, Gonçalves adota uma divisão em quatro tons para o mandarim, conforme indica na seguinte observação, nas advertências do seu *Alphabeto sínico*:

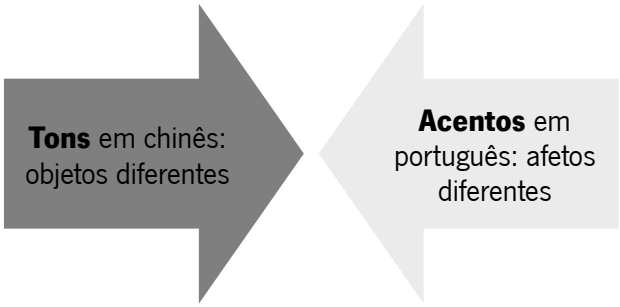
> Quasi todos os sons, ou syllabas admittem quatro variações, a que chamamos *Tons*: o primeiro he *Plano*, se subdivide em *Plano Alto*, e *Plano Baixo*; o segundo he *Ascendente*; o terceiro *Descendente*: e o quarto *Entrante*, que no Dialecto de Pekim naõ esta em uso, e se lhe substitue hum dos outros, que de ordinario he o *Plano Alto* (Gonçalves, 1829a, p. V).

Este excerto da *Arte China* oferece três observações importantes sobre os tons chineses no século XIX, segundo Gonçalves: a coexistência dos quatro tons "Plano", "Ascendente", "Descendente" e "Entrante"; a subdivisão do tom "Plano" em "Plano Alto" e "Plano Baixo"; e a fusão comum do tom "Entrante" com o tom "Plano Alto" no dialeto de Pequim da época.

Em termos concretos, a distinção entre os quatro tons — "Plano", "Ascendente", "Descendente" e "Entrante" — corresponde à prática tradicional de classificar os tons em quatro categorias desde o início do período do chinês médio, nomeadamente: "平 *Píng* 'plano'", "上 *Shǎng* 'subir", "去 *Qù* 'ir'" e "入 *Rù* 'entrar'". A observação de Gonçalves quanto à subdivisão do primeiro tom em "Plano Alto" e "Plano Baixo" reflete uma alteração posterior a esta categorização inicial, uma vez que a divisão do tom "Plano" em duas variantes — "阴平 *Yīn Píng* 'plano *Yin*'" e "阳平 *Yáng Píng* 'plano *Yang*'" —, que marca uma significativa variação tonal no chinês pré-moderno, remonta a um estudo fonológico chinês da dinastia Yuan (1206–1368), intitulado "《中原音韵》*Zhōngyuán Yīnyùn* 'Pronúncia e Rima da Planície Central da China' (1333)[46]" (cf. Mai, 2009, p. 161). Gonçalves observa ainda que o quarto tom, "Entrante", é frequentemente substituído por um dos outros tons, geralmente o "Plano Alto", no dialeto de Pequim do século XIX.

A mera descrição dos tons na língua chinesa, uma característica fonética praticamente ausente na maioria das línguas europeias, não parece suficiente para a sua compreensão e ensino. Numa perspetiva comparativa, Gonçalves explica que os tons chineses têm um equivalente em português, designado por "acento" ou "ar de falar", que, na sua língua materna, é usado para expressar graus variados de afeto, ao contrário do chinês, em que os tons servem para diferenciar significados entre palavras distintas (cf. Gonçalves, 1829a, p. V). Esta analogia entre os tons chineses e os acentos portugueses está ilustrada na Figura 3.

Figura 3 Comparação entre tons chineses e acentos portugueses



Fonte: Elaborada pela autora de acordo com a comparação entre os tons e os acentos na *Arte China* (cf. Gonçalves, 1829a, p. V).

Dessa forma, Gonçalves compara as variações tonais em chinês com as entoações do português, ilustrando como diferenças subtis de entoação podem alterar o significado, tal como os tons chineses diferenciam palavras distintas.

[46] Segundo Mai (2009, p. 140), *Zhongyuan Yinyun*, originalmente destinado ao estabelecimento de padrões de rima para a composição de "元曲 *Yuán qǔ* 'cantiga da dinastia Yuan'" (principalmente para a composição de "散曲 *sǎnqǔ* 'cantiga solta'"), foi compilado por Zhou Deqing (1277 – 1365) em 1333, e o sistema fonético preservado nesta obra é representativo do chinês pré-moderno.

Para tornar a pronúncia dos diferentes tons mais prática e intuitiva, Gonçalves utiliza exemplos de entoações presentes na língua portuguesa (cf. Gonçalves, 1829a, p. V), conforme resumido na Tabela 12:

Tabela 12 Exemplificação dos tons em chinês através de expressões em português conforme registadas na *Arte China*

Nº	Tons chineses		Exemplos portugueses
1°	Plano	Plano Alto	*Ihi!* (Interjeição) *Ai!* (na dor repentina)
		Plano Baixo	*Quero.* (Resposta com firmeza à pergunta lançada com espanto "Pois queres isto assim?") *Bravo!*
2°	Ascendente		*Não?* (Pergunta com firmeza ao comentário "Ele não quer obdecer")
3°	Descendente		*Porque não?* (Resposta com firmeza ao comentário "Isso não hás tu de conseguir")
4°	Entrante		*Tope!* (Quando chega o momento na contagem do tempo por um relógio)

Fonte: Elaborada pela autora de acordo com a exemplificação dos tons chineses na *Arte China* (cf. Gonçalves, 1829a, p. V).

Para as duas variantes do primeiro tom, "Plano Alto" e "Plano Baixo", os exemplos indicam uma entoação mais elevada para o primeiro e mais grave para o segundo, sem, contudo, especificar de forma inequívoca as suas tipologias tonais. Contudo, para um transmontano, bastante expressivo na forma de falar, e mesmo para o falante português em geral, fica relativamente claro, pois em *Ihi!* e *Ai!* a realização fonética é sempre alta, aguda, elevada, enquanto para um *Quero.* definitivo e um *Bravo!* exclamativo, sobretudo sendo palavras graves, o acento tónico e a intensidade ficam na primeira sílaba e a pronúncia/tom descai na segunda, quase como se nem precisasse de ser pronunciada. Relativamente à distinção entre o segundo e o terceiro tons, Gonçalves sublinha a diferença de entoação no uso repetido do advérbio de negação *não* nos dois exemplos: "Repara-se, que na inflexaõ, que damos ao naõ nos dois exemplos acima, como que duplicamos o naõ; pois o mesmo succede nos tons Chinas, particularmente no Ascendente, e Descendente" (Gonçalves, 1829a, p. V). No primeiro caso, *não* recebe uma entoação aguda e alongada com final ascendente; no segundo, uma entoação grave e breve com final descendente. Este contraste ilustra como as variações tonais são fatores distintivos de significado na língua chinesa.

Finalmente, quanto ao último tom, o "Entrante", o exemplo fornecido por Gonçalves caracteriza-se pela presença de uma oclusiva bilabial surda [p] em posição final da palavra, seguida por um "e" final mudo ou semissilábico. Esta terminação em "e" é uma convenção ortográfica portuguesa para suavizar o encerramento consonântico sem acrescentar valor fonético adicional. A oclusiva surda distingue o tom "Entrante" dos outros tons e reflete a característica fonética do tom "入 *Rù* 'entrar'". Segundo Chen (1976, p. 151), este tom chinês não corresponde a uma categoria prosódica, mas sim a uma categoria segmentar, referindo-se a sílabas que terminam numa consoante surda, resultando em sílabas foneticamente fechadas. Para confirmar a relação entre os termos empregues por Gonçalves e os da

tradição fonológica chinesa, é necessário examinar tanto as características tonais dos referidos tons quanto os significados das respetivas designações.

2.2.1.1. O primeiro e o último tom

No caso do primeiro tom na análise de Gonçalves, denominado "Plano", a correspondência com o primeiro tom "平 *Píng* 'plano'" do chinês médio parece óbvia, pois o caráter chinês significa literalmente "plano". No entanto, a correspondência entre as duas variantes desta categoria em Gonçalves — o tom "Plano Alto" e o tom "Plano Baixo" — e os tons derivados da tradição fonética chinesa — "阴平 *Yīn Píng* 'plano Yin'" e "阳平 *Yáng Píng* 'plano Yang'" — exige uma verificação mais detalhada das respetivas tipologias tonais. A falta de correspondência exata entre os adjetivos dimensionais portugueses "alto" e "baixo" e os conceitos filosóficos chineses de *Yin* e *Yang*, que representam a dualidade essencial do universo, torna esta análise mais complexa. Além disso, os exemplos em português apresentados pelo próprio Gonçalves para ilustrar esses tons também não oferecem uma explicação suficientemente clara para estabelecer uma relação definitiva.

Relativamente ao valor dos dois tons variantes, resultantes da divisão do primeiro tom durante o período de transição do chinês médio para o chinês pré-moderno, Mai afirma o seguinte:

> Todos os materiais disponíveis indicam que naquela época o tom "Plano *Yang*" era alto e o tom "Plano *Yin*" era baixo. Isso também pode ser inferido a partir dos nomes escolhidos por Zhou Deqing para os dois: "阳 *Yáng* '*Yang*, sol'" tem significados como "brilhante" e "excitado", enquanto "阴 *yīn* '*Yin*, lua'" tem significados como "sombrio" e "baixo"[47]. (2009, p. 161)

Para Mai, o tom "Plano *Yang*" representa um tom alto, enquanto o tom "Plano *Yin*" é um tom baixo, numa correspondência etimológica clara. No entanto, outros autores, como Xiang, consideram os valores destes dois tons descritos no *Zhongyuan Yinyun* como indeterminados (cf. 2009, p. 175). Na *História da Fonologia Chinesa*, Wang aborda as condições subjacentes à divisão dicotómica dos tons em *Yin* e *Yang*, afirmando o seguinte:

> De modo geral, os tons do tipo *Yin* são altos e os tons do tipo *Yang* são tons baixos. Isso é resultado da influência do vozeamento das consoantes iniciais. Houve experiências fonéticas que comprovaram que as sílabas com consoantes

[47] Tradução da autora da seguinte nota de rodapé: "各種材料都證明當時陽平高而陰平低。從周德清為它們取的名也可看出來：“陽”有明亮、亢奮的意思，“陰”有幽暗、低沉的意思。*Gèzhǒng cáiliào dōu zhèngmíng dāngshí yángpíng gāo ér yīnpíng dī. Cóng Zhōu Déqīng wèi tāmen qǔ de míng yě kě kàn chūlái: "Yáng" yǒu míngliàng, kàngfèn de yìsi, "yīn" yǒu yōu'àn, dīchén de yìsi."*

iniciais surdas têm tons mais altos, enquanto as sílabas com consoantes iniciais sonoras têm tons mais baixos.[48] (1985/2014, p. 580)

Portanto, apesar das possíveis indicações históricas sobre a tipologia dos tons "Plano *Yin*" e "Plano *Yang*", é difícil estabelecer uma correspondência exata com os termos adotados por Gonçalves, dada a multiplicidade de interpretações e a falta de consenso entre os estudos.

Essas duas variantes do tom "Plano", embora tradicionalmente designadas como "Plano *Yin*" e "Plano *Yang*", passaram também a ser referidas como "上平 *Shàng Píng* 'Plano de Cima'" e "下平 *Xià Píng* 'Plano de Baixo'" em estudos fonológicos posteriores ao *Zhongyuan Yinyun*, como no caso da obra "《五方元音》*Wǔfāng Yuányīn* 'Sons Primários das Cinco Direções' (cerca de 1654 – 1664)" (cf. B. 叶宝奎 Ye, 1998, p. 95). A relação entre os adjetivos "alto" e "baixo" utilizados nas obras de Joaquim Gonçalves e os termos direcionais "上 *shàng* 'cima'" e "下 *xià* 'baixo'", contidos nas duas designações alternativas, parece, por sua vez, mais intuitiva e inequívoca, correspondendo o "Plano de Alto" ao "Plano de Cima" e o "Plano Baixo" ao "Plano de Baixo".

As designações alternativas "Plano de Cima" e "Plano de Baixo", em vez dos termos tradicionais "Plano *Yin*" e "Plano *Yang*", também aparecem em obras metalinguísticas de sinólogos ocidentais do século XIX, como Robert Morrison (1782–1834), Thomas T. Meadows (1815–1868) e Thomas Francis Wade (1818–1895). A Tabela 13 apresenta uma comparação da ordenação, designação, descrição, subdivisão e marcação dos tons chineses nas obras desses autores.

Tabela 13 Tons chineses em Morrison, Meadows e Wade

Autor	Ord.	Desig.	Descrição	Subdivisão	Marc.
Robert Morrison (1815, pp. 19–20)	1º	"平 *píng* 'even'"	"an even path (tone) neither low nor high"	"上平 *shàng píng* 'upper ping'" ou "清平 *tsīng píng* 'clear ping'"	¯
				"下平 *hiá píng* 'lower ping" ou "浊平 *chû píng* thick ping'"	ˆ
	2º	"上 *shàng* 'high'"	"a high exclamation, violent and strong [tone]"	/	ˋ
	3º	"去 *keŭ* 'going'"	"distinct, clear, and delights in a lengthened path"	/	ˊ
	4º	"入 *jò* 'entering'"	"short, quick, and suppressed"	/	˘
Thomas T. Meadows	1º	"上平 shang	"Commences at a high note, and keeps high and even"	/	1

[48] Tradução da autora do texto seguinte: "一般地说，阴调类是高调，阳调类是低调。这是清浊声母影响的结果。有人做过语音实验，证明清音的音节 声调较高，浊音音节声调较低。*Yìbān de shuō, yīn diào lèi shì gāo diào, yáng diào lèi shì dī diào. Zhè shì qīng zhuó shēngmǔ yǐngxiǎng de jiéguǒ. Yǒurén zuò guò yǔyīn shíyàn, zhèngmíng qīng yīn de yīnjié shēngdiào jiào gāo, zhuó yīn yīnjié shēngdiào jiào dī.*"

(1847, p. 63)		ping, first even"			
	2°	"下平 hsia ping, second even"	"Commences at a high note, and rises still higher"	/	2
	3°	"上 shang, rising"	"Commences at a low note, and rises to a higher one"	/	3
	4°	" 去 chŭ, departing"	"Commences at a low note, and sinks still lower"	/	4
Thomas F. Wade (1859, p. 85)	1°	"*shang-p'ing*, upper-even"	"it may be enough to observe, the vowel sound, whether the word be pronounced quickly or slowly, proceeds without elevation or depression"	/	1
	2°	"*hs'a-p'ing*, lower even"	"the voice is jerked, much as when in English we utter words expressive of doubt and astonishment"	/	2
	3°	"*shang*, ascending"	"the sound becomes nearly as abrupt, but more resembling what with us would indicate indignation and denial"	/	3
	4°	"*ch'ü*, receding"	"the vowel sound is prolonged as it were regretfully"	/	4
	5°?	"*ju*, entering"	"an abrupt tone still recognised in studying the written language, that is to say in committing Chinese books to memory, is now ignored in the practice of the spoken language of Peking; most of the words or characters ranged under it in the vocabularies having been transferred to the 2d tone"	/	/

Fonte: Elaborada pela autora com base na adaptação das informações obtidas nas fontes identificadas.

Este quadro mostra que as designações *Shang Ping* e *Xia Ping*, em substituição dos termos tradicionais *Yin Ping* e *Yang Ping*, são usadas consistentemente nas obras dos três autores citados.

A equivalência entre os tons *Shang Ping* e *Yin Ping*, e entre os tons *Xia Ping* e *Yang Ping*, é evidente na obra de Morrison, na qual *Shang Ping* e *Xia Ping* resultam da bifurcação do tom *Ping* do chinês médio. Além disso, *Shang Ping* e *Xia Ping* são reconhecidos como equivalentes dos termos *Yin Ping* e *Yang Ping* em vários estudos modernos (cf. Gao, 2009, p. 97; Wang, 1989, p. 55; B. Ye, 1998, p. 95). A correspondência entre os sentidos literais dos adjetivos usados por Gonçalves e os termos chineses alternativos sugere que os tons "Plano Alto" e "Plano Baixo" corresponderiam respetivamente a *Shang Ping* e *Xia Ping*, e, por extensão, aos termos tradicionais *Yin Ping* e *Yang Ping*.

Tendo em conta o exposto, há duas hipóteses a respeito da relação entre a designação dos tons resultantes da bifurcação do tom *Ping* do chinês médio ao chinês pré-moderno, conforme a terminologia

de Joaquim Gonçalves, e a denominação tradicional chinesa. Por um lado, os valores tonais sugeridos pela etimologia dos termos "阴平 *Yīn Píng* 'plano Yin'" e "阳平 *Yáng Píng* 'plano Yang'" indicam que o primeiro é um tom mais baixo e o segundo, mais alto, o que sugere uma correspondência com os tons "Plano Baixo" e "Plano Alto" na designação de Gonçalves. Por outro lado, as denominações alternativas "上平 *Shàng Píng* 'Plano de Cima'" e "下平 *Xià Píng* 'Plano de Baixo'", que surgem frequentemente em obras chinesas posteriores e em estudos sinológicos do século XIX, apontam para uma correspondência inversa, em que o "Plano de Cima" e o "Plano de Baixo" se relacionariam com os tons "Plano Alto" e "Plano Baixo" de Gonçalves, respetivamente.

Essa segunda hipótese, contudo, entra em conflito com a descrição de Wade sobre a redistribuição do tom *Ru* (isto é, o tom "Entrante" na terminologia de Gonçalves) para o segundo tom da sua ordenação, que corresponde a *Xia Ping* ou "Plano Baixo" na nomenclatura de Gonçalves. Segundo Wade, o tom "Entrante" teria sido transferido para *Xia Ping*, enquanto Gonçalves afirma que, no dialeto de Pequim, o tom "Entrante" foi principalmente substituído pelo tom "Plano Alto". Assim, a evolução do tom *Ru* ou o tom "Entrante" no dialeto de Pequim torna-se essencial para validar a correspondência entre os termos "Plano Alto" e "Plano Baixo" em português e os termos chineses "Plano *Yin*" e "Plano *Yang*".

Antes de mais, a equivalência entre o tom "Entrante" e o tom "入 *Rù* 'entrar'" é evidente, dada a correspondência entre os sentidos literais dos dois termos, bem como o exemplo português oferecido por Gonçalves, que demonstra inequivocamente tratar-se de um tom com uma terminação consonântica. No contexto da evolução do tom "Entrante" — o tom *Ru* no chinês pré-moderno — em relação ao enfraquecimento e apócope das terminações consonânticas, o compêndio de rima *Zhongyuan Yinyun* é o primeiro registo documental da recategorização tríptica deste tom com base no modo de articulação da consoante inicial. Segundo este compêndio, os carateres cuja consoante inicial era surda no chinês médio foram recategorizados no tom *Shang*, aqueles que apresentavam consoante inicial sonora passaram para o tom *Yang Ping*, e os que possuíam consoante inicial parcialmente sonora transferiram-se para o tom *Qu* (cf. Mai, 2009, pp. 160–164; Wang, 1985/2014, p. 582). Embora o *Zhongyuan Yinyun* mostre um padrão regular para a reclassificação do tom *Ru* no chinês médio, o dialeto de Pequim constitui uma exceção a essa harmonia.

No dialeto moderno de Pequim, "os carateres classificados no grupo do tom *Ru* cuja consoante inicial era totalmente sonora mudaram para o tom *Yang Ping*, os que apresentavam consoante inicial parcialmente sonora passaram para o tom *Qu* e os que se iniciavam com consoante surda foram redistribuídos entre os quatro tons — *Yang Ping*, *Yin Ping*, *Shang* e *Qu* —, sem apresentar uma

regularidade óbvia[49]" (Wang, 1985/2014, p. 582). Assim, o tom "Entrante" do chinês médio acabou por se difundir pelos quatro tons do dialeto moderno de Pequim, num processo aparentemente irregular, especialmente entre os carateres com consoante inicial surda. Liu (2004, pp. 106–107), com base na subdivisão desse grupo de carateres do tom *Ru* com consoante inicial surda no chinês médio, demonstra que a maior parte desses carateres passou a integrar os tons *Yang Ping* e *Qu* no dialeto de Pequim, formando uma distribuição quase dicotómica, em contraste com a divisão tripartida registada no *Zhongyuan Yinyun*.

A Tabela 14 apresenta um resumo comparativo da evolução do tom *Ru*, conforme conservado no dialeto de Pequim e no *Zhongyuan Yinyun*, respetivamente.

Tabela 14 Evolução do tom *Ru*

Tipo de carateres	Dialeto moderno de Pequim	*Zhongyuan Yinyun*
Carateres do tom *Ru* cuja consoante inicial era surda e aspirada no chinês médio	Tom *Qu* (51,6%) Tom *Yin Ping* (33,7%)	Tom *Shang*
Carateres do tom *Ru* cuja consoante inicial era surda e não aspirada no chinês médio	Tom *Yang Ping* (45,1%) Tom *Yin Ping* (24,1%)	Tom *Shang*
Carateres do tom *Ru* cuja consoante inicial era parcialmente sonora no chinês médio	Tom *Qu* (cerca de 80%)	Tom *Qu*
Carateres do tom *Ru* cuja consoante inicial era totalmente sonora no chinês médio	Tom *Yang Ping* (cerca de 90%)	Tom *Yang Ping*

Fonte: Adaptado da Tabela 3 de Liu (2004, p. 107).

Este quadro revela que, no dialeto moderno de Pequim, os carateres do tom *Ru* com consoantes iniciais surdas e aspiradas ou parcialmente sonoras foram predominantemente redistribuídos para o tom *Qu*, enquanto os iniciados por consoantes totalmente sonoras e parcialmente sonoras passaram para o tom *Yang Ping*; no entanto, o tom *Yin Ping* também desempenha um papel significativo na redistribuição, indicando uma variação tonal mais complexa e menos regular em comparação com a estrutura rígida do *Zhongyuan Yinyun*.

Além disso, Liu (2004, p. 107) destaca ainda que o tom *Yin Ping* aumentou significativamente no dialeto moderno de Pequim, substituindo os tons *Yang Ping* e *Shang*, deixando inferir que "no início da dinastia Qing (1616–1911), ou até mesmo antes disso, o número de carateres lidos com o tom *Yang Ping* no dialeto de Pequim cuja consoante inicial era surda e não aspirada no chinês médio certamente excedia em muito o número atual[50]". Assim, os carateres que tinham o tom *Ru* e passaram a ser lidos com o tom *Yang Ping* superaram em quantidade aqueles que se transformaram no tom *Yin Ping* no

[49] Tradução da autora do seguinte texto: "全浊入声转为阳平，次浊转为去声，清音入声转入阴平、阳 平、上声、去声，没有明显的规律性。*Quán zhuó Rù shēng zhuǎn wèi Yáng Píng, cì zhuó zhuǎn wèi Qù shēng, qīng yīn Rù shēng zhuǎn rù Yīn Píng, Yáng Píng, Shàng shēng, Qù shēng, méiyǒu míngxiǎn de guīlǜ xìng.*"

[50] Tradução da autora do seguinte texto: "在清初或更早的时间，北京话古不送气清声母的阳平字肯定大大超过今天的数目。 *Zài Qīng chū huò gèng zǎo de shíjiān, Běijīng huà gǔ bú sòngqì qīng shēngmǔ de Yáng Píng zì kěndìng dàdà chāoguò jīntiān de shùmù.*"

dialeto de Pequim pré-moderno. Os dados citados de Liu parecem estar de acordo com a afirmação de Wade sobre a evolução do tom *Ru* no dialeto de Pequim do século XIX. No entanto, do ponto de vista diacrónico, o percurso do desenvolvimento deste tom "Entrante" é mais complexo do que aparenta, pois envolve não apenas diferenças entre leituras populares e clássicas e a coexistência de tons distintos para o mesmo caráter, mas também a influência de múltiplos dialetos.

Com base num estudo estatístico de 852 carateres com o tom *Ru*, coligidos no *Yü-yen Tzŭ-êrh Chi* de Thomas Wade, Gao (2009, p. 112) demonstra que 586 apresentam apenas uma leitura, estando 76 destes no tom *Yin Ping*, 153 no tom *Yang Ping*, 22 no tom *Shang* e 335 no tom *Qu*. Gao conclui que, "embora Wade considerasse subjetivamente que os carateres do tom *Ru* assumiam o segundo tom (tom *Yang Ping*) no dialeto de Pequim, a situação real refletida no seu livro contradiz esta hipótese[51]". No caso deste sinólogo britânico, o próprio indica explicitamente que o seu informante era o seu professor, um falante nativo educado e natural de Pequim:

> The late Dr. WILLIAMS has emphatically protested against the disappearance of the 5th or re-entering tone. As I explained in the "Hsin Ching Lu", or Book of Experiments, in which the first edition of my Syllabary was published in 1859, the non-existence any longer of this tone in the *colloquial* language of Peking was first brought to my notice by YING LUNG-T'IEN, a fairly educated Pekingese and an admirable speaker, who of his own motion has re-arranged a complete vocabulary for me, under the tone categories practically in use. In his tables the whole of the 5th tone was merged in the 2nd, and when a year later I took up my abode in Peking, I found that YING LUNG-T'IEN was right (Wade & Hiller, 1886, p. ix).

Ainda assim, a exposição de Wade sobre a evolução do tom *Ru* é posta em causa pela contradição entre a sua descrição e as variações tonais registadas na sua própria obra, sugerindo a falta de consenso sobre o tema na época.

Dada essa discrepância e a ausência de dados que esclareçam a fonte primária por trás da afirmação de Gonçalves, não é possível inferir com certeza a correspondência entre o tom "Plano Alto" e os termos tradicionais *Yin Ping* e *Yang Ping*, com base na alegada substituição predominante do tom "Entrante" pelo tom "Plano Alto" no dialeto de Pequim do início do século XIX. Esta observação pode, no entanto, ser considerada como uma das possíveis características da evolução tonal do dialeto de Pequim, sujeita à confirmação da correspondência entre as designações de Gonçalves e a nomenclatura local.

---

[51] Tradução da autora da seguinte passagem: "所以威妥玛虽然主观上认为当时北京话入声字归第二声（阳平），但他在书中反映的实际情况却并非如此。*Suǒyǐ, Wéi Tuǒmǎ suīrán zhǔguān shàng rènwéi dāngshí Běijīnghuà Rù shēng zì guī dì èr shēng (Yáng Píng), dàn tā zài shūzhōng fǎnyìng de shíjì qíngkuàng què bìngfēi rúcǐ.*"

Outra ocorrência do termo "Plano Alto" no contexto das regras para a sinalização dos tons chineses, conforme descritas e exemplificadas no prólogo da *Arte China*, pode oferecer indicações mais fidedignas para a identificação desta variante tonal. O próprio Gonçalves explica que a marcação tonal dos sinogramas na sua obra segue a tradição local, utilizando um pequeno círculo num dos quatro cantos dos carateres chineses[52] para assinalar os diferentes tons:

> Para notar o tom usaõ os Chinas de hum zero em hum dos quatro cantos da letra da forma seguinte 於。予。雨 遇。玉。de maneira, que o primeiro he no canto esquerdo inferior, e naõ o exprimimos quando he *plano alto* para distincçaõ do *plano baixo*; algumas vezes com tudo usamos de hum triangulo para evitar equivocações: e os outros se seguem por sua ordem, dando volta pela esquerda. (Gonçalves, 1829a, p. V)

O método tradicional chinês não distingue as duas variantes do primeiro tom de forma explícita. Para contornar essa limitação, Gonçalves indica que, nos seus estudos, os carateres com o tom "Plano Alto" aparecem sem qualquer sinal, para diferenciá-los do tom "Plano Baixo", que, por sua vez, é marcado com um pequeno círculo no canto inferior esquerdo. Alternativamente, o tom "Plano Alto" pode ser assinalado com um triângulo na mesma posição. Como exemplo, o autor apresenta cinco carateres chineses, todos transliterados como *iu* na sua obra, correspondendo a *yu* em *Pinyin*.

Este método tradicional também é mencionado no compêndio gramatical de Morrison (1815, p. 20): "The Chinese place this mark 。thus。天 to denote *pīng-shîng*; — thus 。天 to denote *shàng-shîng*; thus 天。*keú-shîng*; and thus 天。*jŏ-shîng*. They mark the tones only on some occasions". No entanto, Morrison opta pela sinalização mais familiar aos europeus, conforme explica: "Europeans have appropriated to each of these a mark, which in writing they place over the syllable like an accent". A observação de Morrison deixa claro que existia um sistema de marcação próprio na comunidade académica europeia, distinto dos hábitos de sinalização locais. Além disso, a marcação dos tons nos estudos linguísticos chineses era usada apenas ocasionalmente, não correspondendo a uma prática sistemática como nos estudos sinológicos europeus.

A partir da Tabela 13 verifica-se que em estudos posteriores surgiu uma preferência por outro mecanismo de marcação, utilizando algarismos árabes — uma prática que também aparece no apêndice da *Arte China*, intitulado *Arte China sem letras chinas, com a pronuncia mandarina, e de cantaõ*. Neste apêndice, Gonçalves (1829a, p. 1 do Apêndice) introduz um sistema de sinalização dos tons por meio de um símbolo e quatro números, explicando-o do seguinte modo: "Para notar os tons, usaremos de ˙,

[52] Este método de marcação dos tons em chinês é tradicionalmente conhecido como "分四声法 *Fēn sì shēng fǎ* 'Método de distinguir os quatro tons'" ou "圈发式标调法 *Quān fā shì biāo diào fǎ* 'Método de marcação de tons por círculos'". O sinal utilizado pode ser um círculo pequeno ou meio círculo pequeno.

1, 2, 3, ou 4, adiante de cada som, para designar o *Plano alto*, *Plano baixo*, *Ascendente*, *Descendente*, e *Entrante*". Esse contraste entre os métodos de marcação reflete as adaptações feitas para facilitar a compreensão dos tons chineses por falantes europeus.

Num estudo de Ai (2016, p. 67) sobre o sistema tonal no *Diccionario China-Portuguez* de Joaquim Gonçalves, descreve-se a marcação dos tons conforme praticada nesta obra:

> O *Diccionario China-Portuguez* não marca os tons na romanização, apenas utiliza um método semelhante ao método tradicional de marcação de tons chinês, usando círculos pequenos em torno dos carateres chineses. Existem cinco tons: *Yin Ping*, *Yang Ping*, *Shang Sheng*, *Qu Sheng* e *Ru Sheng*. O método de marcação dos tons é o seguinte: os carateres com o tom *Yin Ping* têm um pequeno triângulo desenhado no seu canto inferior esquerdo, enquanto os carateres *Yang Ping*, *Shang Sheng*, *Qu Sheng* e *Ru Sheng* têm um pequeno círculo desenhado no canto inferior esquerdo, superior esquerdo, superior direito e inferior direito, respetivamente[53] (Ai, 2016, p. 67).

Sem fornecer justificações adicionais, Ai assume que o tom marcado com um pequeno triângulo corresponde ao tom *Yin Ping*, estabelecendo assim uma correspondência entre este e o tom "Plano Alto" na descrição de Gonçalves. Para validar a correspondência entre as duas variantes do primeiro tom de Gonçalves e os termos tradicionais chineses, é necessário investigar os tons históricos dos dois primeiros carateres usados por este para ilustrar as regras de sinalização, nomeadamente "於" e "予", ambos transcritos como *iu*, no contexto do século XIX.

Sun (2002) explica que a preposição "於", inicialmente classificada com o tom *Yang Ping*, deveria ser lida com o tom *Yin Ping* de acordo com as regras de bifurcação do tom *Ping*, um marco importante na transição do chinês médio para o chinês pré-moderno, uma vez que a sua consoante inicial era uma oclusiva glotal surda [ʔ]. Contudo, sob a influência dos tons adjacentes nos carateres com os quais costuma ser usado (sendo um morfema dependente), "於" acabou por adquirir o tom *Yang Ping*, uma mudança que teria ocorrido aproximadamente entre o final do século XVIII e o início do século XIX. O mesmo autor observa que "a primeira aparição explícita do caráter '於' lido com o tom *Yang Ping* foi no final do período Qing[54]"(J. Sun, 2002, p. 46), em obras como *A Chinese-English Dictionary* (1892), do diplomata e sinólogo britânico Herbert A. Giles (1845–1935), e *A Pocket Dictionary (Chinese-English) and Pekingese Syllabary* (1891), do missionário norte-americano Chauncey Goodrich (1836–1925).

---

[53] Tradução da autora do seguinte texto: "《漢洋合字彙》未在拼音上標示聲調，只在漢字上用類似中國傳統的發圈法的方式標註聲調。共五個聲調: 陰平、陽平、上聲、去聲、入聲。標註聲調的方式為: 陰平字在漢字的左下角畫一個小三角，陽平、上聲、去聲、入聲分別在漢字的左下、左上、右上和右下畫一個小圓圈。Hàn Yáng Hé Zìhuì *wèi zài pīnyīn shàng biāoshì shēngdiào, zhǐ zài hànzì shàng yòng lèisì Zhōngguó chuántǒng de fā quān fǎ de fāngshì biāozhù shēngdiào. Gòng wǔ gè shēngdiào: Yīn Píng, Yáng Píng, Shǎng shēng, Qù shēng, Rù shēng. Biāozhù shēngdiào de fāngshì wèi: Yīn Píng zì zài hànzì de zuǒxià jiǎo huà yí gè xiǎo sānjiǎo, Yáng Píng, Shǎng shēng, Qù shēng, Rù shēng fēnbié zài hànzì de zuǒxià, zuǒshàng, yòushàng hé yòuxià huà yí gè xiǎo yuánquān.*"

[54] Tradução da autora do seguinte texto: "明确指出"於"字读阳平的首见于清代晚期。*Míngquè zhǐchū "yú" zì dú Yáng Píng de shǒu jiàn yú Qīng dài wǎnqí.*"

Quanto ao período específico em que essa mudança tonal se completou, este sugere que é razoável supor que o caráter "於" passou do tom *Yin Ping* para o *Yang Ping* já em meados da dinastia Qing, levando em conta que as mudanças fonéticas registadas em documentos escritos tendem a surgir com algum atraso (J. Sun, 2002, p. 46). Dessa forma, considerando o desenvolvimento histórico da leitura do caráter "於", surgem duas hipóteses quanto à correspondência entre a terminologia de Gonçalves e a tradicional chinesa: se o tom "Plano Alto" equivale ao tom *Yin Ping*, isso indicaria que a variação tonal do caráter "於" ainda não havia ocorrido, ou ao menos estabilizado, à época da publicação da *Arte China*, ou que Gonçalves optou pela leitura antiga. Se, por outro lado, o tom "Plano Alto" equivale ao tom *Yang Ping*, isso sugeriria que a referida variação tonal já teria ocorrido e foi registada nas obras de Gonçalves.

Diante das duas hipóteses, é necessário verificar a evolução fonética do segundo caráter exemplificativo, "予", que apresenta mais de uma leitura possível. De acordo com o *Dicionário da Evolução Fonética dos Carateres Chineses* (cf. L. Jiang et al., 2012, pp. 23–24), este caráter "予" segue dois ramos de desenvolvimento: no primeiro, sempre foi pronunciado com o tom *Shang*, tal como ocorre até hoje; no segundo, enquanto variante alternativa do pronome pessoal da primeira pessoa do singular, apresentava o tom *Ping* no chinês médio, evoluindo para o tom *Yang Ping* no chinês pré-moderno e moderno. No *Diccionario China-Portuguez* (cf. Gonçalves, 1833, pp. 13, 109), ambas as pronúncias desse caráter são registadas: a primeira leitura, com o tom *Shang*, é indicada através de um pequeno círculo no canto superior esquerdo do caráter "予", traduzido como "dar o superior"; já a segunda leitura, representada pelo caráter homófono "余 'eu'", do qual "予" é sinónimo, é marcada com um pequeno círculo no canto inferior esquerdo, correspondendo ao tom *Yang Ping*.

Assim, verifica-se que nenhuma das leituras do caráter "予" utiliza o tom *Yin Ping*, restando apenas a possibilidade de que o caráter "於" seja lido com esse tom. Dessa forma, o tom "Plano Alto" pode ser associado exclusivamente ao tom *Yin Ping*, esclarecendo a correspondência com a terminologia tradicional chinesa. Essa constatação sugere que a variação tonal do caráter "於" — que, segundo Sun (2002), teria ocorrido na oralidade desde meados da dinastia Qing — ainda não se havia consolidado na época da publicação da *Arte China*, a menos que Gonçalves tenha optado intencionalmente pela leitura tradicional. Quanto à evolução do tom *Ru* no dialeto de Pequim, que, de acordo com Gonçalves, teria migrado para o grupo do tom "Plano Alto", resta apenas a hipótese de o tom *Ru*, característico do chinês médio, ter sido substituído pelo tom *Yin Ping* na variante diatópica e diacrónica de Pequim do século XIX, em oposição à opinião de Wade, conforme discutido anteriormente.

Em síntese, a correspondência entre o tom "Entrante" na terminologia de Gonçalves e o tom *Ru* da tradição chinesa é evidente, dada a equivalência de significado entre os dois termos. No entanto, a correspondência entre os tons "Plano Alto" e "Plano Baixo" de Gonçalves e os tons *Yin Ping* e *Yang Ping* da tradição chinesa não é tão inequívoca. Considerando, contudo, as designações alternativas usadas por outros sinólogos da mesma época e a análise da evolução fonética dos dois carateres exemplificativos desses tons, foi possível estabelecer uma correspondência mais clara entre estes. Concretamente, as duas variantes do primeiro tom na classificação de Gonçalves — "Plano Alto" e "Plano Baixo" — correspondem, respetivamente, aos tons *Yin Ping* e *Yang Ping*, resultantes da subdivisão do tom *Ping* durante a transição do chinês médio para o chinês pré-moderno.

2.2.1.2. O segundo e o terceiro tons

Do ponto de vista tipológico, a correspondência entre os restantes dois tons — o tom "Ascendente" e o tom "Descendente" na classificação de Gonçalves e os tons *Shang* e *Qu* na tradição linguística chinesa — parece ser mais evidente. Mai (2009, p. 95), com base num ditado conhecido desde a dinastia Tang (618–907), apresenta duas hipóteses sobre a tipologia do tom *Shang* no chinês médio:

> O tom *Shang* possivelmente corresponde a uma entonação ascendente. No chinês médio, o caráter "上 *shǎng / shàng* 'subir/cima'" tem duas leituras: enquanto verbo lê-se com o tom *Shang*, enquanto palavra de direção lê-se com tom *Qu*. Quando "上" é lido com o tom *Shang*, significa "subir"; "厲而舉 *lì ér jǔ* 'agudo e elevado'" também tem o significado de elevação. Além desta hipótese, o tom *Shang* também pode ser um tom mais curto, pois na transliteração do sânscrito para o chinês usam-se frequentemente carateres com o tom *Shang* para representar vogais breves[55] (Mai, 2009, p. 95).

Isso sugere que, no chinês médio, o tom *Shang* poderia representar tanto uma entoação ascendente quanto um tom curto. No entanto, considerando a evolução da língua, é provável que os tons tenham sofrido mudanças significativas do chinês médio para o chinês pré-moderno. Nesse sentido, encontramos duas hipóteses distintas sobre a representação tipológica do tom *Shang* no chinês pré-moderno. Com base no papel do tom *Shang* nas cantigas da dinastia Yuan, Mai propõe que ele mantinha uma entoação ascendente (cf. 2009, p. 160). Em contraste, Wang Li, apoiando-se na descrição dos quatro tons contida

[55] Tradução da autora da seguinte passagem: "上聲可能是個升調。中古"上" 字有兩讀，一讀上聲，是動詞，一 讀去聲，是方位詞。上聲的"上"讀上聲，義為上升；"厲而舉"也有上升 的意思。此外，上聲還可能是比較短的，因爲梵漢對音中常用上聲字對譯梵文的短元音字。*Shǎng shēng kěnéng shìgè shēng diào. Zhōnggǔ "shǎng / shàng" zì yǒu liǎng dú, yī dú Shǎng shēng, shì dòngcí, yī dú Qù shēng, shì fāngwèi cí. Shǎng shēng de "shǎng" dú shǎng shēng, yì wéi shàng shēng; "lì ér jǔ" yěyǒu shàngshēng de yìsi. Cǐwài, Shǎng shēng hái kěnéng shì bǐjiào duǎn de, yīnwèi fàn hàn duì yīn zhōng chángyòng shǎng shēng zì duì yì fànwén de duǎn yuányīn zì."*

no prólogo do *Dicionário de Kangxi*[56] (1716), argumenta que "o tom *Shang* deveria ser uma entoação alta e plana[57]" (cf. 1985/2014, p. 524).

Quanto às características prosódicas do tom *Qu*, tanto Mai como Wang concordam que o seu valor é difícil de determinar. Em relação à pronúncia do tom *Qu* no chinês médio, Mai apresenta as seguintes hipóteses:

> É difícil determinar o tipo de tom *Qu*. De várias fontes, parece que o tom *Qu* na pronúncia de Chang'an, capital chinesa durante a dinastia Tang (618 – 907), era provavelmente um tom descendente; no entanto, com base na correspondência entre o sânscrito e o chinês na transliteração de Xuanzang[58], o tom *Qu* na pronúncia de Luoyang pode ter sido um tom plano. Em termos de altura, o tom *Qu* pode ser relativamente baixo[59] (Mai, 2009, p. 95).

Assim, no chinês médio, o tom *Qu* parece ter sido um tom baixo, com entoação possivelmente descendente ou plana. Em relação ao seu valor no chinês pré-moderno, e dada a falta de evidências diretas, Mai (2009, p. 161) sugere que "poderia apresentar uma entoação contrastiva do tom *Shang*, possivelmente sendo um tom descendente[60]". Por outro lado, Wang (1985/2014, p. 524) considera que o tom *Qu* "provavelmente era um tom baixo e prolongado, com uma entoação ascendente[61]".

Quanto à tradução dos nomes desses dois tons nas obras metalinguísticas dos sinólogos europeus do século XIX, entre os três autores mencionados na Tabela 13, o tom *Shang* e o tom *Qu* são traduzidos, respetivamente, como "rising/ascending" e "departing/receding". Considerando o significado literal do caráter "上 *shǎng* 'subir'" enquanto verbo (que utiliza o tom *Shang*), o contraste entre os tons *Shang* e *Qu*, e algumas traduções europeias para esses termos, conclui-se que o tom *Shang* era, de facto, um tom ascendente, enquanto o tom *Qu* era descendente no chinês pré-moderno. Assim, o tom "Ascendente" e o tom "Descendente" na classificação de Gonçalves correspondem respetivamente aos tons *Shang* e *Qu* da tradição linguística chinesa.

---

[56] Refere-se à seguinte passagem: "平声平调莫低昂， 上声高呼猛烈强， 去声分明哀远道， 入声短促急收藏。*Píng shēng píng diào mò dī áng, Shǎng shēng gāo hū měng liè qiáng, Qù shēng fēnmíng āi yuǎn dào, Rù shēng duǎncù jí shōucáng.* 'O tom Ping é estável, nem baixo nem alto, o tom Shang é alto e forte, o tom Qu é claro e distante, O tom Ru é curto e rápido'". O *Dicionário de Kangxi* (《康熙字典》*Kāngxī Zìdiǎn*) é um dicionário chinês publicado em 1716 durante o reinado do Imperador Kangxi (1662-1723). Vale referir que a descrição dos quatro tons chineses no compêndio gramatical de Morrison também se baseou na tradução deste mesmo excerto: "The fist *píng*, denotes na 'even path (tone) neither low nor high.' The second, *shàng*, denotes "a high exclamation, violent and strong." The third, *keú*, "is distinct, clear, and delights in a lenghened path", (tone). The fourth *jŏ* is "short, quick, and suppressed".

[57] Tradução da autora do seguinte texto: "上声应该是个高平调 *Shǎng shēng yīnggāi shì gè gāo píng diào*."

[58] Refere-se a um monge budista chinês (602 – 664), natural de Luoyang, que peregrinou até à Índia e trouxe de volta muitos textos budistas em sânscrito, contribuindo assim para o aumento significativo da quantidade de literatura budista disponível na China.

[59] Tradução da autora. Texto original: "去聲的調型不太好判斷。從多種資料看，唐代首都長安音的去聲大約是個降調；但從玄奘的梵漢對音看，洛陽音的去聲可能是個平調。就音高而言，去聲可能是比較低的。*Qù shēng de diào xíng bù tài hǎo pànduàn. Cóng duōzhǒng zīliào kàn, Táng dài shǒudū Cháng'ān yīn de Qù shēng dàyuē shìgè jiàng diào; dàn cóng Xuánzàng de fàn hàn duì yīn kàn, Luòyáng yīn de Qù shēng kěnéng shìgè píng diào. Jiù yīn gāo ér yán, Qù shēng kěnéng shì bǐjiào dī de.*"

[60] Tradução da autora do seguinte texto: "它跟上聲讀法很不相同，有可能是個降調。*Tā gēn Shǎng shēng dú fǎ hěn bù xiāngtóng, yǒu kěnéng shìgè jiàng diào.*"

[61] Tradução da autora do seguinte texto: "可能是较长的低升调。*Kěnéng shì jiào cháng de dī shēng diào*."

2.2.1.3. Correspondência entre a terminologia de Gonçalves e a tradição chinesa

A relação entre os termos descritivos dos tons chineses no método gramatical de Joaquim Gonçalves e a terminologia tradicional chinesa está sintetizada na Tabela 15, que inclui também a marcação e exemplificação dos respetivos tons, conforme se registam na obra do sinólogo português.

Tabela 15 Correspondência entre os termos tonais de Gonçalves e a terminologia chinesa

Nº	Tons	Equivalentes	Marcação tradicional	Alternativa	Exemplificação
1°	Plano:	平 *Píng* 'plano':			
	Plano Alto	阴平 *Yīn Píng* 'plano *Yin*'	Sem marcação, ou com um triângulo no canto inferior esquerdo	"˙"	*Hui!* (Interjeição) *Ai!* (na dor repentina)
	Plano Baixo	阳平 *Yáng Píng* 'plano *Yang*'	Com um círculo pequeno no canto inferior esquerdo	"1"	*Quero.* (Resposta com firmeza à pergunta lançada com espanto "Pois queres isto assim?") *Bravo!*
2°	Ascendente	上 *Shǎng* 'subir'	Com um círculo pequeno no canto superior esquerdo	"2"	*Não?* (Pergunta com firmeza ao comentário "Ele não quer obdecer")
3°	Descendente	去 *Qù* 'ir'	Com um círculo pequeno no canto superior direito	"3"	*Porque não?* (Resposta com firmeza ao comentário "Isso não hás tu de conseguir")
4°	Entrante	入 *Rù* 'entrar'	Com um círculo pequeno no canto inferior direito	"4"	*Tope!* (Quando chega o momento na contagem do tempo por um relógio)

Fonte: Elaborada pela autora com base na descrição dos tons na *Arte China* (cf. Gonçalves, 1829a, p. V).

Os quatro tons descritos na *Arte China* por Joaquim Gonçalves — "Plano", "Ascendente", "Descendente" e "Entrante" — correspondem aos tons *Ping*, *Shang*, *Qu* e *Ru* na terminologia chinesa tradicional, respetivamente. O primeiro tom apresenta duas variantes que refletem a subdivisão do tom *Ping*, uma característica fonética marcante da transição do chinês médio para o chinês pré-moderno. Os dois termos utilizados por Gonçalves — "Plano Alto" e "Plano Baixo" — correspondem respetivamente às designações locais *Yin Ping* e *Yang Ping*.

Em termos de marcação tonal, Gonçalves segue predominantemente o método tradicional chinês, diferentemente da prática comum na comunidade sinológica da sua época, usando um pequeno círculo nos quatro cantos de um caráter para marcar os tons, começando pelo canto superior esquerdo e seguindo o sentido dos ponteiros do relógio. A única exceção é o tom "Plano Alto" (ou *Yin Ping*), que surge sem marcação ou, alternativamente, com um triângulo para diferenciá-lo do tom "Plano Baixo". Na maior parte das romanizações na trilogia de Gonçalves os tons não são indicados, exceto no apêndice da *Arte China*, intitulado *Arte China sem Letras Chinas*, onde o autor adota um método alternativo de sinalização com algarismos no final da transliteração latina para indicar o tom de uma sílaba.

Quanto à exemplificação dos tons, Gonçalves compara-os aos acentos do português, observando que, ao contrário dos tons chineses, os acentos portugueses raramente servem para distinguir significados. A maioria dos exemplos fornecidos oferece apenas uma indicação indireta e ambígua quanto à tipologia dos tons chineses com os quais são comparados, com exceção do exemplo para o último tom, o "Entrante", que indica inequivocamente uma terminação consonântica final — uma característica única do tom *Ru*. De modo geral, o trabalho de Gonçalves proporciona uma compreensão diferenciada e detalhada da tonalidade do chinês, destacando a complexidade e especificidade do sistema tonal em contraste com as características prosódicas do português.

2.2.2. Sistemas consonânticos e vocálicos do mandarim do início do século XIX

Para além dos tons chineses, o sistema de consoantes e vogais da língua chinesa é igualmente essencial para a compreensão das regras de transliteração dos carateres nas obras de Joaquim Gonçalves. O objetivo desta subsecção é decifrar a romanização dos carateres chineses conforme praticada pelo sinólogo português, buscando identificar e inventariar as letras latinas utilizadas para a transcrição do chinês, além de investigar as características articulatórias dessa língua na perspetiva de Gonçalves.

Antes de avançar para a análise, é importante considerar o estudo de Ai (2016), intitulado *Study on the Phonetic System of Joaquim Gonçalves' Diccionario China-Portuguez*, que examina o sistema fonológico utilizado pelo padre lazarista. Este estudo oferece uma visão geral dos sons consonânticos e vocálicos na romanização de Gonçalves, mas não detalha os diacríticos empregues pelo mesmo.

O artigo divide-se em quatro partes, com uma breve apresentação inicial de Joaquim Gonçalves e do seu dicionário de chinês-português. Na segunda parte, Ai traça uma comparação entre o sistema de romanização do vicentino Joaquim Gonçalves e o método utilizado pelo jesuíta e sinólogo belga-francês Nicolas Trigault (1577–1628):

> O *Diccionario China-Portuguez* de Joaquim Gonçalves adota um sistema de romanização semelhante ao método português utilizado por Nicolas Trigault em *Xīrú Ěrmù Zī*[62] de 1626, o qual reflete influência clara do português. Assim como *Xīrú Ěrmù Zī*, este apresenta inconsistências na representação dos sons vocálicos, podendo uma mesma vogal estar registada de diferentes formas.[63] (Ai, 2016, p. 65)

---

[62] O título original em chinês desta obra publicada em 1626 é "《西儒耳目資》 *Xīrú Ěrmù Zī* ['Uma ajuda para os olhos e ouvidos de literatos ocidentais']". Trata-se da terceira tentativa, do ponto de vista histórico, para transcrever a fonologia chinesa completa em letras alfabéticas (Shen, 2020, p. 342). Mao (2011) alega que um académico chinês, Wang Zheng, deve ser reconhecido como co-autor deste estudo.

[63] Tradução da autora do seguinte texto: "江沙維的《漢洋合字彙》采用類似 1626 年金尼閣的《西儒耳目資》那樣的葡式標音法，有着鮮明的葡文色彩，並且像《西儒耳目資》一樣存在韻母標寫不統一，同一個韻母用不同形式來記錄的情況。*Jiāng Shāwéi de "Hàn Yáng Hé Zì Huì" cǎiyòng lèisì 1626 nián Jīn Nígé de "Xī Rú Ěrmù Zī" nà yàng de Púshì biāoyīn fǎ, yǒuzhe xiānmíng de Púwén sècǎi, bìngqiě xiàng "Xī Rú Ěrmù Zī" yíyàng cúnzài yùnmǔ biāoxiě bù tǒngyī, tóng yígè yùnmǔ yòng bùtóng xíngshì lái jìlù de qíngkuàng.*"

Após este comentário, Ai apresenta duas tabelas que documentam os segmentos fonológicos iniciais (声母 *shēngmǔ*) e finais (韵母 *yùnmǔ*) das sílabas chinesas, conforme documentado no *Diccionario China-Portuguez*. Essa apresentação não detalha, contudo, as fontes ou os métodos de recolha e seleção dos dados.

Para facilitar a revisão e oferecer uma visão de conjunto mais clara, o quadro dos sons iniciais e finais de Ai é reproduzido integralmente na Tabela 16 e na Tabela 18. Esta opção permite ao leitor acompanhar de forma imediata a sistematização proposta, evitando dispersões e assegurando um acesso direto às informações fonéticas essenciais para a compreensão do método.

Tabela 16 Os 23 sons iniciais registados no *Diccionario China-Portuguez* conforme apresentados no estudo de Ai (2016)

p 百巴	p‘ 皮平	m 媽芒	f 法方	v[w] 瓦王忘未威尾為窩溫問
t 打丹	t‘ 太他	n 那乃	l 来冷	
ç 早雜	ç‘ 草錯	s 三歲 / 小雪	j 仍人染	
ch 章真 / 劑將	ch‘ 尺察 / 七 且	x 沙上瑟		
c 歌更	c‘ 看科	h 害很 / 霞喜	g 艾愛安我	ø 燕又五魚
k 家街	k‘ 江琴			

Fonte: Reproduzido pela autora de acordo com a Tabela 1 de Ai (2016, p. 65).

O quadro dos sons iniciais de Ai, reproduzido na Tabela 16, apresenta 23 grafemas, todos representados por letras latinas usadas na romanização de Gonçalves e acompanhados de carateres chineses exemplificativos, conforme a seleção da autora. Entre parênteses retos, surge uma letra “w”, acrescentada pela autora, indicando que o grafema “v” não simboliza uma verdadeira fricativa labiodental na transcrição de Gonçalves (cf. Ai, 2016, p. 67). O símbolo “ø” denota a ausência de som consonântico inicial, ou seja, uma consoante zero.

Quanto às características dos sons iniciais transcritos no *Diccionario China-Portuguez* de Gonçalves, Ai destaca três aspetos principais. Em primeiro lugar, “a romanização revela uma oposição entre iniciais velares e alveolares[64], mas as consoantes iniciais dos grupos *jīng* e *jiàn* mostram uma clara tendência para a palatalização diante das vogais fechadas[65]” (Ai, 2016, p. 66). Para facilitar a compreensão deste contraste, Ai apresenta uma tabela que sintetiza essa oposição observada no dicionário de Gonçalves, reproduzida na Tabela 17 juntamente com a tradução dos termos chineses para o português.

[64] Esta oposição, designada como “尖团对立 *jiān tuán duìlì*” na tradição fonológica chinesa, refere-se ao contraste entre os iniciais do grupo “尖 *jiān*”e os do grupo “团 *tuán*”. O grupo *jiān* abrange os iniciais do grupo “精 *jīng*” (*i.e.,* [ts-], [tsʲ-], [dz-], [s-] e [z-]) do chinês médio enquanto o grupo *tuán* abrange os iniciais dos grupos “见 *jiàn*”(*i.e.,* [k-], [kʲ-] e [g-]), “晓 *xiǎo*”(*i.e.,* [h-]) e “匣 *xiá*” (*i.e.,* [ɦ-]) do chinês médio.

[65] Tradução da autora da seguinte passagem: “記音上存在尖團對立，但精見組聲母在細音韻母前呈現出明顯的顎化傾向。*Jìyīn shàng cúnzài jiān-tuán duìlì, dàn jīng-jiàn zǔ shēngmǔ zài xì yīn yùnmǔ qián chéngxiàn chū míngxiǎn de è huà qīngxiàng.*”

Tabela 17 Oposição entre sons iniciais dos grupos *Jīng* e *Jiàn* na romanização de Gonçalves

		洪音韻母前 [Precedente de vogais abertas]	細音韻母前 [Precedente de vogais fechadas]
精組	塞擦音[Africada] (ts, ts‘)	ç, ç‘: 再 çai、才 ç‘ai	ch, ch‘: 晶 chim、清 ch‘im
[Grupo *Jīng*]	擦音[Fricativa] (s)	s: 三 san、想 siam	
見組	塞音[Oclusiva] (k, k‘)	c, c‘: 廣 coam、看 c‘an	k, k‘: 京 kim、轻 k’im
[Grupo *Jiàn*]	擦音[Fricativa] (h)	h: 杭 ham、向 hiam	

Fonte: Reproduzido pela autora de acordo com a Tabela 3 de Ai (2016, p. 66).
Nota. Entre parênteses retos acrescentamos a tradução dos termos chineses em português. A tradução dos dois termos tradicionais "洪音 *hóngyīn* 'som forte, robusto ou intenso'" e "细音 *xìyīn* 'som fino, delicado ou suave'" segue a interpretação de Mai, segundo o qual os mesmos se referem ao grau de abertura da boca ao pronunciar as vogais: uma abertura maior resulta num som forte (*hongyin*), enquanto uma abertura menor resulta num som delicado (*xiyin*) (cf. 2009, p. 9).

Em segundo lugar, "os carateres cuja consoante inicial pertencia aos grupos '影 *yǐng*' (*i.e.*, [ø] ou [ʔ]) e '疑 *yí*'(*i.e.* [ŋ-]) e cuja vogal final era aberta no chinês médio são frequentemente transcritos com o grafema inicial g- [ŋ-][66]" (Ai, 2016, p. 66). Por fim, "verifica-se a presença do som inicial v-"[67]; no entanto, esse som representa na verdade uma consoante zero com arredondamento labial. A autora sugere o uso do grafema *w-* para esse som, explicando que "isso também está relacionado com as características ortográficas do português, no qual não existem palavras que comecem com a letra *w*, de modo que, no *Diccionario China-Portuguez*, cuja romanização segue a ortografia portuguesa, a letra 'v-' é utilizada para representar essas sílabas[68]" (Ai, 2016, p. 67).

A Tabela 18 apresenta os 40 sons finais registados no *Diccionario China-Portuguez*, conforme foram sistematizados por Ai (2016).

Tabela 18 Os 40 sons finais registados no *Diccionario China-Portuguez*

ɿ (ū) 詞泗死四思此次子自	i (i) 寂齊七喜 密米	u (u) 祝古骨苦粗促注助富府父	y (iu) 聚取許漁語玉旅
ㇾ (e、ê) 止翅日士汁治知尺室 十失			
a (a) 雜查渣法	ia (ia) 霞廈匣	ua (oa) 瓜誇刮化	
o (o、ō) 戈歌各鵝作錯額我波百北白灼或若樂 洛挪糯諾朵多拖託	io (iŏ、eŏ)雀鵲學樂虐藥躍掠	uo (ŏo、ōŏ) 果過國吶蓋揀坐左濁琢桌戳熱惹	
ɛ (oŏ) 宅澤責 摘側冊浙這遮車 色社舌攝蛇	iɛ (ie) 解街界接切且鞋械諧蟹 介也治碟爹		yɛ (iue) 絕穴靴血月決缺雪
ei (ei) 非肥雷妹杯北		uei (oei) 愧恢醉追垂銳隋	
ɚ (olr) 而兒二			
ai 該海材再拆艾		uai (oai) 乖怪塊揣	
au (au、aŏ) 早草找爪炒澳浩 豪好毛貓	iau (iau、eau) 悄劉效聊	uɔn (uon) 官關寬般	

[66] Tradução da autora da seguinte passagem: "古影疑母開口字多帶 g-[ŋ-]聲母。*Gǔ yǐng yí mǔ kāikǒu zì duō dài* g- [ŋ-] *shēngmǔ.*"
[67] Tradução da autora da seguinte passagem: "記有 v- 聲母。 *Jì yǒu* v- *shēngmǔ.*"
[68] Tradução da autora da seguinte passagem: "這也跟葡文的拼寫特點有關係，葡文中沒有 w 字母開頭的詞，所以用葡文標音的《漢洋合字彙》只能用 v- 來拼寫這類字的讀音。*Zhè yě gēn Púwén de pīnxiě tèdiǎn yǒu guānxì. Púwén zhōng méiyǒu* w *zìmǔ kāitóu de cí, suǒyǐ yòng Púwén biāoyīn de "Hànyáng hé zìhuì" zhǐnéng yòng* v- *lái pīnxiě zhèlèi zì de dúyīn.*"

æu (âu) 潮召兆照			
ou (ou、ôu) 狗走肉湊愁浮不樓叟瘦宙洲丑守手受	iəu (ieu、eu) 酒秋休有又流劉		
an (an) 干贊站慚煩安汗盤半般	iɛn (ien) 前咸現燕宴連	uan (oan) 鑽竄撰穿喘亂暖	yɛn (iuen) 全鐫玄元
aŋ (am) 康章藏仗長方昂	iaŋ (iɑm、 eɑm) 將槍香向梁兩	uaŋ (oam) 光狂黃窗	
əŋ (ām) 更耕争橙曾正稱橫亨仍扔冷能	iŋ (im、em) 靜井晴興嬰零平冰病	uŋ (um、ūm、 om) 宮宗聰空風縫猛萌夢氓蒙崩朋	yŋ (ium) 永勇用
ən (en、ên、 ān) 怎岑珍枕真門本盆滲森診震臣晨身深根恩恨	in (in) 津沁寅飲	un (un、oen、 uen、ōn、 oān) 滾捆尊分粉芬紛倫潤	yn (iun) 竣逡云暈

Fonte: Reproduzido pela autora de acordo com a Tabela 2 de Ai (2016, pp. 65-66).
Nota. Os símbolos do Alfabeto Fonético Internacional (AFI) antes dos parênteses foram propostos por Ai, enquanto os símbolos dentro dos parênteses correspondem à romanização de Gonçalves. Os carateres chineses servem como exemplos de palavras cuja romanização contém as respetivas formas ortográficas latinas (cf. Ai, 2016, pp. 65–67).

Estes sons são representados pelas letras latinas usadas na romanização de Joaquim Gonçalves e acompanhados de exemplos de carateres chineses que ilustram a pronúncia dos sons, conforme o critério implícito da autora. Além disso, Ai propõe uma transcrição fonética em Alfabeto Fonético Internacional (AFI) para facilitar a compreensão dos valores fonéticos representados. Em alguns casos, grafemas distintos, diferenciados apenas por diacríticos, aparecem como formas homófonas, sem que se explicite a distinção funcional entre eles.

Quanto às particularidades do sistema vocálico documentado no *Diccionario China-Portuguez*, Ai (2016, p. 67) realça as seguintes sete características:

1) Os carateres do tom *Ru* são misturados com os do tom *Yin Ping* ("入聲韻混同陰聲 [*Rùshēng yùn hùntóng yīnshēng*.]");
2) Alguns carateres do tom Ru que possuíam a consoante terminante *-k* no chinês médio apresentam pronúncias diferentes entre o registo literário e o coloquial ("部分古 -k 尾入聲字有文白異讀 [*Bùfèn gǔ* -k *wěi rùshēngzì yǒu wénbái yì dú*.]")
3) Os carateres cuja vogal final pertencia ao agrupamento vocálico '果 *guǒ*' dividem-se em "o" e "ǒo[uo]" ("果攝字韻母分 o 和 ǒo[uo] [*Guǒ shè zì yùnmǔ fēn* o *hé* ǒo [uo]]");
4) Não se encontra registada a rima *-iai* no *Diccionario China-Portuguez*; os carateres que tinham uma consoante velar da série '见 *jiàn*' e uma vogal final aberta da segunda classe do agrupamento vocálico '蟹 *xiè*' são lidos como *-ie* ("《漢洋合字彙》沒有 -iai 韻母，蟹攝開口二等見系字讀 -ie [Hàn Yáng Hé Zì Huì *méiyǒu -iai yùnmǔ, xiè shè kāikǒu èrděng jiàn xì zì dú* -ie.]");

5) Os carateres que tinham uma consoante inicial bilabial ou labiodental e uma vogal final fechada da primeira e da terceira classes do agrupamento vocálico '通 *tōng*' são lidos com a vogal final fechada *-om* [-uŋ] ("通攝合口一三等幫組字讀合口呼韻母 -om [-uŋ] [*Tōng shè hékǒu yī sān děng bāng zǔ zì dú hékǒu hū yùnmǔ* -om [-uŋ].]");
6) Os carateres da rima '蟹 *xiè*', da primeira classe com as consoantes nasais iniciais *n* e *l*, são lidos com a vogal aberta *-ei* ("蟹攝合口一等泥來母字讀開口呼的 -ei [*Xiè shè hékǒu yīděng ní lái mǔ zì dú kāikǒu hū de* -ei.]");
7) Os carateres do agrupamento vocálico '止 *zhǐ*', da terceira classe com a consoante inicial retroflexa *r* são lidos com uma consoante zero e vogal retrógrada *-olr* (止攝開口三等日母字讀零聲母捲舌韻母 olr [*Zhǐ shè kāikǒu sānděng rì mǔ zì dú líng shēngmǔ juǎnshé yùnmǔ* olr.]);

De seguida, Ai (2016, pp. 67–70) comenta as características históricas do sistema fonético documentado no *Diccionario China-Portuguez*, comparando-o ao *Yü-yen Tzŭ-êrh Chi* (1867), o método gramatical do diplomata e sinólogo britânico Thomas Wade. Ai conclui que, embora o sistema fonético de Gonçalves apresente alguns elementos conservadores, este reflete, em diversos pontos relevantes, a fonologia do mandarim falado em Pequim no século XIX. Publicada três décadas antes da primeira edição do *Yü-yen Tzŭ-êrh Chi*, a obra de Gonçalves antecipa, em muitos aspetos, o trabalho de Wade, que, segundo Ai (2016, p. 70), é amplamente considerado como a documentação ocidental mais antiga e sistemática sobre a fonologia do dialeto de Pequim. Thomas Francis Wade, radicado no vizinho território de Hong-Kong, já anunciara na sua obra de 1859 que era seu propósito seguir os passos de Joaquim Afonso Gonçalves, radicado em Macau, produzindo uma obra semelhante à sua *Arte China*, conforme referiu Barros (2014, p. 107), citando as suas palavras.

Em suma, o estudo de Ai representa a primeira análise detalhada e rigorosa das características fonológicas da romanização de Joaquim Gonçalves, oferecendo, além de uma inspeção meticulosa do sistema fonético do sinólogo português com base na variação diacrónica do mandarim de Pequim do século XIX, uma perspetiva comparativa que considera observações sinológicas contemporâneas. Contudo, para a maioria dos grafemas utilizados na transliteração dos carateres chineses, Ai não analisou as regras de transcrição apresentadas por Gonçalves no "Valor das Letras Europeas na Pronuncia do China", nem detalhou de forma abrangente os diacríticos empregues na romanização do padre vicentino.

Tendo como ponto de partida o estudo de Ai (2016), esta investigação pretende analisar os valores fonéticos dos grafemas usados por Joaquim Gonçalves na transliteração dos carateres chineses. A interpretação dos critérios de romanização será baseada na secção intitulada "Valor das Letras Europeas

na Pronuncia do China", que aparece em três versões na *Arte China* de Gonçalves. Esse texto está presente no prólogo e no apêndice do exemplar digitalizado pela Biblioteca Nacional de Portugal (1829a, pp. VII-VIII, 1-3 do apêndice), assim como no prólogo e no apêndice da impressão/edição da Wellcome Historical Medical Library, com uma alteração no prólogo (Gonçalves, 1829b, p. VII), mas sem alterações no apêndice (Gonçalves, 1829b, pp. 1-3 do apêndice). Para interpretar a ortografia e as particularidades do português oitocentista, assim como os seus valores fonéticos — atendendo muito genericamente a eventuais traços fonéticos dialetais de Trás-os-Montes, já que não sabemos até que ponto se preocupou Gonçalves em seguir uma realização fonética que pudesse orientar qualquer português ou europeu, tendo vivido por um período relativamente longo em Lisboa e convivido sempre com padres e estudantes de diversas proveniências — a principal referência será *Introdução à História do Português* de Ivo Castro (2004/2011). A análise desenvolvida, portanto, não se centra na descrição pormenorizada dos falares regionais, mas privilegia uma perspetiva mais geral, pois, sendo a autora deste trabalho estrangeira, o seu português só com dificuldade lhe permitiria avaliar em cada romanização quais as formas que espelham o falar transmontano, especialmente num passado ainda pouco estudado em termos dialetais, podendo a variação ser imensa e surpreendente — achando-se muito mais entrelaçadas certas características do que quando academicamente se simplifica atribuindo certos traços ao Norte e outros ao Sul, por exemplo, havendo locais de uma e outra região ou província em que os mesmos traços acontecem, como alguns estudos na área têm mostrado; assim, será trabalho futuro avaliar até que ponto existem propostas de romanização semelhantes aos traços fonéticos transmontanos da época, que variavam significativamente de povoação para povoação.

A conjugação entre os sons iniciais e finais transcritos por Gonçalves será analisada com base nas combinações extraídas do *Diccionario Tonico*, um apêndice do *Dicionario China-Portuguez*, por três motivos principais. Em primeiro lugar porque o *Diccionario China-Portuguez* é a última das três obras principais de Gonçalves, sendo a mais sistemática e consistente na transcrição fonética em comparação com o compêndio gramatical *Arte China*[69]. Em segundo lugar, como obra de natureza lexicográfica, o *Diccionario China-Portuguez* é a fonte mais extensa e representativa da romanização feita por Gonçalves, com destaque para o *Diccionario Tonico*, que organiza os carateres chineses por pronúncia, agrupando homófonos em colunas alfabéticas, com marcação tonal e tradução para o português. Em terceiro lugar,

[69] A variação no número de géneros nas diferentes versões do *Alphabeto*, abordada na subsecção 2.1.2, evidencia o contínuo aperfeiçoamento do estudo linguístico de Gonçalves desde a publicação da *Arte China* até à elaboração final do *Diccionario China-Portuguez*. Além disso, na oitava advertência preliminar do seu dicionário sino-lusitano, Gonçalves (1833, p. II) esclarece que as regras de transcrição fonética aplicadas no dicionário seguem, em grande parte, as normas estabelecidas na *Arte China*, com uma exceção: a letra "e", que na *Arte China* leva o acento longo "ē", aparece sem acentuação no *Diccionario China-Portuguez*. Em conclusão, o *Diccionario China-Portuguez* representa a versão mais fidedigna e refinada da transcrição fonética estabelecida por Gonçalves, consolidando o avanço contínuo das suas investigações desde a *Arte China* até ao dicionário final.

o *Diccionario Tonico* contém um conjunto mais amplo de carateres em comparação com o *Diccionario Generico*, o corpo principal do *Diccionario China-Portuguez*, que omitiu alguns carateres menos usados para torná-lo mais prático para os estudantes, com esses carateres adicionais disponíveis apenas no *Diccionario Tonico* ou no *Indice Geral* (para mais pormenores, ver subsecção 2.5.1.3 abaixo). O *Indice Geral*, que cataloga os carateres pelo número de traços e indica a pronúncia por meio de um caráter homófono mais comum ou de romanização, não será usado aqui, devido à falta de romanização direta e de marcação tonal. Portanto, o *Diccionario Tonico* será a principal fonte para consultar as possíveis formas das sílabas chinesas e seus exemplos de carateres, sendo o *Diccionario Generico* consultado em casos de ambiguidade.

2.2.2.1. Consonantismo

Para começar, é essencial valorizar os esclarecimentos oferecidos pelo próprio autor sobre o valor das letras latinas usadas na representação dos sons chineses, apresentados na secção intitulada "Valor das Letras Europeas na Pronuncia do China." Esta secção, conforme mencionado anteriormente, está presente em três versões na sua *Arte China*, destacando a importância atribuída por Gonçalves à padronização e clareza da romanização para a compreensão do sistema fonético do chinês.

A Tabela 19 fornece uma visão geral dos valores das letras latinas utilizadas para representar os sons consonânticos de uma sílaba chinesa, conforme descrito por Gonçalves[70].

Tabela 19 Letras europeias na representação da pronúncia dos sons consonânticos de uma sílaba chinesa

Nº	Grafema(s)	Explicações	Fonte
1° - 2°	*ç(a)*, *c(e)*, etc.	"pronunciam-se como *tsa*, *tse*, etc., sem, contudo, ouvir distintamente o *t*, como quando se açulam os cães, exceto se o *ç'a*, etc., for aspirado, que então se deixa ouvir o *t*"	P + A
3° - 4°	*ch(e)*	"pronuncia-se passando o vento, como quem assobia, semelhante a *chge*"	Pa + A
	ch(ē)		Pb
	ch(i)	"pronuncia-se com a língua mais próxima dos dentes e menos força que o nosso, próximo a *ci*"	Pa
5°	*g*	"pronuncia-se mais na garganta, não tão claro como o nosso"	P + A
6°	*h*	"é sempre aspirado; mas o *hi* é próximo a *si* mas mais assobiado, com a língua mais encolhida"	P + A
7°	*i*	"muitos aspiram levemente as palavras que principiam por *i*"	Pa + A
		"As palavras achadas em *iau* e *ien* têm sempre ao menos aspiração leve"	A
8°	*j*	"pronuncia-se com a língua mais encolhida"	P + A
9° - 10°	*k*	"*k* junto com *i* pronuncia-se semelhante ao *chi*, mas com a língua mais encolhida e com mais força, e assim se pronunciará o *tchi* no dialeto de Cantão; em algumas províncias pronuncia-se como os Ingleses em *king*, rei"	Pa + A
		"O *k* que só serve junto com *i* pronuncia-se semelhante ao *chi*, mas este com a língua mais chegada aos dentes e menos força que o nosso, e aquele com a	Pb

[70] A grafia das afirmações do autor foi modernizada para facilitar a compreensão dos modos e pontos de articulação aos quais ele se refere.

		língua mais encolhida e com mais força que o nosso; em algumas províncias pronuncia-se como os Ingleses em *king*, rei"	
11°	*m*	"soa sempre como em português"	P + A
12°	*n*	"final soa como em latim"	P + A
13°	*s*	"pronuncia-se como em Lisboa"	P + A
14° até 19°	*c*, *ch*, *k*, *p*, *t*	"admitem aspiração às vezes, pronunciando a letra e aspirando-a ao mesmo tempo: assim, *t'u*, terra, se pronunciará como thu (aspirando o h), assim a vírgula indica aspiração"	Pa + A
		"admitem aspiração às vezes, pronunciando a letra e aspirando-a ao mesmo tempo; assim, t'u, terra, se pronunciará como *thu* (aspirando o *h*)"	Pb
	p, *t*	"seguidos de *i* têm sempre ao menos aspiração leve"	P
	k	"No Dialeto de Cantão o *k* sempre é forte, e o *h* sempre denota aspiração; os sons acabados em *c*, *p*, *t* ou com acento breve são entrantes[a]"	A
20°	*v*	"é mais leve que em português"	P + A
21°	x	"é menos[b] assobiado, com a língua mais encolhida, que em português"	Pa + A
		"é mais assoabiado que em português"	Pb

Fonte: Elaborada pela autora de acordo com as três versões do "Valor das Letras Europeas na Pronuncia do China" (cf. Gonçalves, 1829a, pp. VII-VIII, 1-3 do apêndice, 1829b, p. VII).

Nota. As contagens na primeira coluna incluem as respetivas variantes aspiradas. Na última coluna, a letra "P" é abreviatura de "prólogo", "A" é abreviatura de "apêndice", "a" indica "Gonçalves (1829a)" enquanto "b" indica "Gonçalves (1829b)".

[a] Lê-se *entretantes* no original (cf. Gonçalves, 1829a, p. 3 do apêndice, cf. 1829b, p. 3 do apêndice).

[b] A grafia no prólogo de Gonçalves (1829a, p. VIII) *meoos* é equívoca; no prólogo de outra reimpressão da obra de Gonçalves (1829b, p. VII) e em ambas as versões (idênticas) do apêndice, surge o contrário, *mais*.

Este quadro apresenta 21 formas ortográficas cuja pronúncia é esclarecida pelo próprio autor, maioritariamente numa perspetiva contrastiva com o português oitocentista, a sua língua materna, e quiçá com alguma presença de traços de Trás-os-Montes. No entanto, Gonçalves refere explicitamente o dialeto de Lisboa, como acontece para ilustrar a pronúncia do grafema <s> na representação do mandarim, pelo que se mostra bem atento à descrição seguindo os traços portugueses mais consensuais, já que identifica os sons marcados, como no caso desta pronúncia de <s>, diferente da sua transmontana, ápico-alveolar. A fim de garantir uma compreensão cabal da pronúncia, o autor recorre adicionalmente a outras línguas europeias, como o inglês e o latim, para esclarecer a articulação do <k> seguido de <i> e do <n> em posição final de sílaba, respetivamente. Embora os grafemas <m> e <n> apareçam como codas no segmento vocálico, a maioria das consoantes explanadas surge apenas na posição inicial da sílaba. Duas grafias, <f> e <l>, usadas para representar, respetivamente, a fricativa /f/ e a lateral /l/, e mencionadas no inventário de Ai, não recebem explicações específicas na secção "Valor das Letras Europeas na Pronuncia do China", presumindo-se que a sua articulação se mantém inalterada entre as duas línguas.

As observações contrastivas de Gonçalves abrangem diferentes modos de articulação para os sons consonânticos iniciais do chinês, incluindo características como aspiração, intensidade sonora, frequência de assobio e o grau de retração da língua. Assim, sons transcritos com as grafias <c>, <ch>, <k>, <p> e <t> são produzidos com aspiração, enquanto a combinação <hi> é mais assobiada do que <si>, com uma maior retração da língua. Já <ki> é descrito como semelhante a <chi>, mas com a língua

ainda mais encolhida e com maior intensidade. Quanto aos pontos de articulação, Gonçalves faz referência aos dentes e à garganta como posições-chave: por exemplo, <chi> corresponde a um som produzido com a língua mais próxima dos dentes, enquanto <g> é caracterizado por uma articulação mais profunda, próxima da garganta.

Existem, na verdade, duas representações ortográficas adicionais adotadas por Gonçalves na transcrição dos carateres chineses, que não foram abordadas na sua descrição inicial nem na análise de Ai: as grafias <tz> e <ts'>. O uso dessas formas é restrito à combinação com a vogal final <ū>, como esclarece uma nota no *Diccionario Tonico* de Joaquim Gonçalves: "Çū *Ve* Tzū, e Ts'ū" (1833, p. 11 do apêndice). Considerando esses dois grafemas adicionais e os outros dois, <f> e <l>, que também ficaram ausentes da análise, a romanização de Gonçalves abrange um total de 25 representações ortográficas para transcrever os segmentos consonânticos iniciais das sílabas chinesas.

Na lista das "Abreviaturas, e Signaes" anexada logo após o "Valor das Letras Europeas na Pronuncia do China", Joaquim Gonçalves introduz dois símbolos relevantes para a análise da sua romanização: o espírito áspero grego (ʿ) e o apóstrofo (ʼ). Segundo o autor, ambos são posicionados "adiante da consoante" e indicam, respetivamente, "aspiraçaõ leve nos beiços" e "aspiraçaõ grave da garganta" (cf. Gonçalves, 1829a, p. VIII). Assim, para Gonçalves, a aspiração — que é ausente como contraste fonémico na sua língua materna — é realizada em dois modos articulatórios distintos no chinês: uma forma suave nos lábios e uma forma forte na garganta.

No entanto, a aplicação dessa distinção não é consistente na trilogia de Gonçalves, sendo mencionada apenas no seu compêndio gramatical, *Arte China*. Na prática, a marcação do contraste ocorre exclusivamente na romanização dos elementos componentes dos carateres chineses apresentados no primeiro capítulo, *Alphabeto*, do referido compêndio. Posteriormente, o sinal de aspiração leve nos lábios foi abandonado na romanização apresentada no *Diccionario China-Portuguez*, conforme ilustrado na Tabela 20.

Tabela 20 Marcação dos modos de aspiração nas obras de Joaquim Gonçalves

Carateres chineses	***Arte China* (Gonçalves, 1829)**	***Diccionario China-Portuguez* (Gonçalves, 1833)**
才 *cái* 'talento'	*ç'ai* (p. 3)	*Ç'ai* (p. 3)
片 *piàn* 'folha'	*p'ien* (p. 4)	*P'ien* (p. 18)
船 *chuán* 'barco'	*ch'oan* (p. 12)	*Xoan*, *ch'oan* (p. 695)

Fonte: Elaborada pela autora comparando a marcação dos modos de aspiração dos carateres chineses nas duas obras mencionadas.

Por este motivo, neste trabalho, deixaremos de considerar a distinção entre os dois modos de aspiração referidos na *Arte China*. O apóstrofo será, portanto, entendido como o sinal universal para indicar aspiração.

Para facilitar a visualização dos grafemas utilizados na romanização de Gonçalves, bem como as suas descrições, reorganizamos as informações da Tabela 19 na Tabela 21. Nesta nova tabela, acrescentámos os valores fonéticos correspondentes no português oitocentista de Trás-os-Montes (cf. Castro, 2004/2011; Cintra, 1971)[71], assim como as possíveis pronúncias na representação do chinês, baseadas na história fonológica do mandarim durante a dinastia Qing (1644–1912) (cf. Shen, 2020, pp. 360–377).

Tabela 21 Grafemas usados na romanização dos sons iniciais do chinês no método de Gonçalves

Nº	Grafia(s)	Descrição	Valor PT	Valor CH	*Pinyin*	PdA	MdA
1º	p-	(como em português)	[p]	[p]	*b*	Bilabiais	Oclusivas
	pi(-)	aspiração leve					
2º	p’	aspirado	-	[pʰ]	*p*		
3º	m-	sempre como em português	[m]	[m-]	*m-*		Nasais
	-m		nasalidade	[-ŋ]	*-ng*		
4º	f	(como em português)	[f]	[f]	*f*	Labiodentais	Fricativa
5º	v	mais leve	[v]	[ʋ]	ø (*w*)		Aproximante
6º	t-	(como em português)	[t]	[t]	*d*	Alveolares	Oclusivas
	ti(-)	aspiração leve					
7º	t’	aspirado como *thu*	-	[tʰ]	*t*		
8º	n-	(como em português)	[n]	[n-]	*n-*		Nasais
	-n	como em latim	-	[-n]	*-n*		
9º	l	(como em português)	[l]	[l]	*l*		Lateral
10º	ç-	como *ts-*, sem ouvir o *t*	[ts]	[ts]	*z*	Alveolares	Africadas
	tz(ū)		[ts]	[ts]	*z*		
11º	ç’	aspirado, como *ts-*, deixando ouvir o *t*	-	[tsʰ]	*c*		
	ts’(ū)		-	[tsʰ]	*c*		
12º	s	como em Lisboa	[s]	[s]	*s*		Fricativa
13º	ch	como quem assobia, *chge*	[tʃ]	[ʈʂ]	*zh*	Retroflexas	Africadas
	chi(-)	com a língua mais próxima dos dentes, como *ci*	-	[tsj]	-	/Alveolopalatais	
14º	ch’	aspirado	-	[ʈʂʰ/tsʰj]	*ch* /-		
15º	x	menos assobiado com a língua mais encolhida	[ʃ]	[ʂ]	*sh*		Fricativas
		mais assobiado					
16º	j	com a língua mais encolhida	[ʒ]	[ʐ]	*r*		
17º	ki(-)	só serve junto com *i*, próximo a *chi*, mas com a língua mais encolhida e com mais força; como *tchi* em cantonês; como *king* noutras províncias	[k]	[tɕj]	*j*	Alveolopalatais	Africadas
18º	k’i(-)	aspirado	-	[tɕʰj]	*q*		
19º	c-	(como em português)	[k]	[k]	*g*	Velares	Oclusivas
20º	c’-	aspirado	-	[kʰ]	*k*		

[71] Consideramos nesta tese os seguintes cinco traços fonéticos como diferenciadores dos dialetos transmontanos, que pertencem ao grupo dialetológico do português setentrional, conforme apurados na *Nova Proposta* de Cintra (1971): 1) “o desaparecimento da oposição fonológica entre os fonemas /v/ e /b/ e a sua fusão num fonema único /b/, realizado ora como oclusiva, ora como fricativa (ou espirante) b ou b — a constritiva [β]; 2) “a realização do fonema /s/ e do seu correlativo sonoro /z/, como fricativas ápico-alveolares, mais ou menos palatalizadas (é a variante mais palatalizada que é vulgarmente conhecida pelo nome de *s* beirão)”; 3) “a permanência da distinção fonológica em posição inicial de sílaba entre o fonema /tS/, representado pelo grafema *ch* e o fonema /S/ representado pelo grafema *x*”; 4) “a conservação do ditongo /ou/, nas suas diversas realizações possíveis, correspondendo à grafia tradicional ou mantida na ortografia oficial”; 5) a conservação do ditongo /ej/ representado pela grafia <ei>.

21º	g	mais na garganta e não tão claro	[g]	[ŋ]	ø		Nasal
22º	h-	sempre aspirado	ø	[x]	*h*		Fricativas
	hi(-)	próximo a *si*, mas mais assobiado, com a língua mais encolhida	ø	[ɕj]	*x*		
23º	ø (u, iu-)	-	-		-	ø	-
	i-	aspiração leve	[i]	[j]	ø (*y*)	Palatal	Aproximante

Fonte: Elaborada pela autora.

Tendo em conta o conteúdo apresentado neste quadro, prosseguiremos com a análise das características de cada grupo de consoantes, considerando os pontos e modos de articulação descritos e comparando-os com as possíveis correspondências no sistema fonológico do mandarim da dinastia Qing.

As consoantes labiais /p/, /m/, labiodentais /f/ e /v/, assim como as alveolares oclusiva /t/, nasal /n/ e lateral /l/, permanecem estáveis desde o português antigo até ao português moderno[72]. A maioria dessas consoantes também apresenta uma correspondência direta com a pronúncia do mandarim no início do século XIX, embora as oclusivas possam ser aspiradas na língua chinesa, e as nasais em coda tenham um tratamento específico, que será abordado em conjunto com o sistema vocálico.

Concentrando-nos inicialmente na fricativa labiodental sonora grafada como <v>, encontramos uma particularidade significativa na romanização de Gonçalves, sobre a qual temos a seguinte observação de Ai a respeito da evolução fonética dos carateres romanizados com este grafema inicial:

> No *Diccionario China-Portuguez*, o som inicial *v-* já não se restringe aos carateres cuja consoante inicial pertencia ao grupo "微 *wēi*" (*i.e.*, [ɱ]) no chinês médio, como "武[*wǔ*] vu", "问 [*wèn*] vem" e "尾 [*wěi*] vei", tal como registado em obras como *Zhongyuan Yinyun*, abrangendo também carateres dos grupos "影 *yǐng*" (*i.e.*, [ø] ou [ʔ]) e "疑 *yí*" (*i.e.*, [ŋ]) cujo som final era simultaneamente fechado no chinês médio, como "温 [*wēn*] ven", "为 [*wèi*] vei" e "玩 [*wán*] van", bem como casos escassos de carateres do grupo "匣 *xiá*" (*i.e.*, [ɣ] ou [ɦ]), como "完 [*wán*] van"[73]. (Ai, 2016, p. 67)

Considerando a descrição de Gonçalves, segundo a qual <v> representa uma consoante mais "leve" que a fricativa labiodental sonora [v] em português, e a tendência de labiodentalização da consoante zero em sílabas com som medial [-w-] no dialeto de Pequim (cf. C. Zhou, 2018, p. 10), é mais apropriado afirmar

[72] De acordo com as propostas de periodização da língua portuguesa analisadas por Castro (2004/2011, p. 73), o período do português antigo vai até 1385 ou 1520, o português médio até 1536-1550, o português clássico até ao século XVIII e o português moderno estende-se aos séculos XIX-XX.

[73] Tradução da autora da seguinte passagem: "《漢洋合字彙》中的 v- 聲母已經不像《中原音韻》等著作那樣僅限於古微母字，如：武 vu、問 ven、尾 vei 等，也還包括影疑母合口字，如:温 ven、 為 vei、玩 van，以及少量曉匣母字，如：完 van。 Hàn Yáng Hé Zì Huì *zhōng de* v- *shēngmǔ yǐjīng bú xiàng* Zhōngyuán Yīnyùn *děng zhùzuò nàyàng jǐn xiànyú gǔ wēi mǔ zì, rú: wǔ (vu), wèn (ven), wěi (vei) děng, yě hái bāokuò yǐng yí mǔ hé kǒu zì, rú: wēn (ven), wéi (vei), wán (van), yǐjí shǎoliàng xiāo xiá mǔ zì, rú: wán (van)*."

que a grafia <v> na romanização de Gonçalves indica uma aproximante labiodental [ʋ][74]. Essa interpretação contrasta com a interpretação de Ai (2016, p. 67), que propõe que o som <v> representa uma consoante zero labializada.

Além disso, no *Diccionario Tonico* encontramos evidências que corroboram essa hipótese. A romanização *Vu* acolhe carateres como "武 [*wǔ*]", "巫 [*wū*]" e "物 [*wù*]", enquanto outro grupo de carateres considerados homófonos no chinês contemporâneo aparece sob a romanização *U*, como "污 [*wū*]", "五 [*wǔ*]" e "吴 [*wú*]" (cf. Gonçalves, 1833, pp. 92, 94). Essa separação sugere que, para Gonçalves, *Vu* e *U* não eram considerados equivalentes fonéticos absolutos. Caso <v> correspondesse exatamente a [w], não haveria a necessidade de diferenciar os dois conjuntos de carateres com grafias distintas na romanização. Essa distinção implica que o som inicial <v> reflete uma diferença articulatória, sendo mais próximo de uma aproximante labiodental [ʋ], enquanto <u> possivelmente representa uma semivogal com ausência de consoante inicial. Assim, conclui-se que, embora as consoantes labiais portuguesas usadas como base na romanização de Gonçalves correspondam de forma consistente à pronúncia chinesa, com exceção das variantes aspiradas para as oclusivas, a grafia <v> reflete uma adaptação específica, representando uma aproximante labiodental característica do dialeto de Pequim.

As consoantes sibilantes no sistema de romanização de Gonçalves podem ser subdivididas em três grupos com base no ponto de articulação: alveolares, retroflexas e alveopalatais. Para o grupo das sibilantes alveolares, Gonçalves utiliza as grafias <ç> e <s>, sendo que <ç> possui ainda uma variante aspirada <ç'>. Segundo a descrição de Gonçalves, <ç> corresponde a uma consoante africada, aproximando-se do som [ts], cujo elemento oclusivo se torna mais evidente na sua forma aspirada. Já a pronúncia do grafema <s> requer atenção devido à coexistência de quatro sibilantes distintas nos dialetos transmontanos durante o período do português clássico: as pré-dorsodentais /s/ e /z/, oriundas das africadas [ts] e [dz], e as ápico-alveolares /s̻/ e /z̻/, preservadas do português antigo (cf. Castro, 2004/2011, pp. 188–189). Gonçalves especifica que a pronúncia do grafema <s> deve alinhar-se com a forma praticada em Lisboa, onde predominam as sibilantes pré-dorsodentais, afastando-se, portanto, da realização ápico-alveolar típica do seu dialeto transmontano. Dessa forma, o som representado por <s> na romanização de Gonçalves aproxima-se mais da sibilante pré-dorsodental do que da ápico-alveolar, com recurso à influência da norma lisboeta na sua abordagem fonética.

[74] Contudo, para confirmar essa hipótese é imprescindível estudar a evolução histórica do processo de labiodentalização mencionado, a fim de verificar, com base em evidências históricas, se esta variação já havia ocorrido no início do século XIX.

O segundo grupo de sibilantes na romanização de Gonçalves, grafado como <ch>, <x> e <j>, corresponde às consoantes africadas e fricativas pós-alveolares[75], nomeadamente /tʃ/, /ʃ/ e /ʒ/, preservadas nos dialetos transmontanos do português moderno. Diferentemente das variedades do sul de Portugal, onde a africada /tʃ/ foi substituída pela fricativa /ʃ/, essa transformação não ocorreu em Trás-os-Montes, mantendo-se as distinções tradicionais (cf. Castro, 2004/2011, p. 25). As descrições de Gonçalves para essas grafias enfatizam traços como a posição mais retraída da língua, sugerindo que a sua realização no chinês se desvia ligeiramente das consoantes portuguesas correspondentes. No chinês, as consoantes retroflexas /tʂ/, /tʂʰ/ e /ʂ/, resultantes da fusão dos grupos "知 *zhī*" (*i.e.*, [ʈ] ou [ʧ]) e "照 *zhào*" (*i.e.*, [tɕ] ou [tʂ]) do chinês médio[76], bem como a fricativa retroflexa sonora /ʐ/, com origem no grupo "日 *rì*" (*i.e.*, [nʱʑ] ou [ɳʐ]), já apresentavam formas estáveis e próximas às do chinês contemporâneo desde o início do período pré-moderno (cf. Mai, 2009, pp. 154–157). Levando em conta as particularidades do português transmontano de Gonçalves, as suas observações fonéticas e a evolução fonológica do chinês, conclui-se que a grafia <ch> e a sua variante aspirada <ch'> são usadas para representar as africadas retroflexas /tʂ/ e /tʂʰ/, enquanto <x> e <j> representam as fricativas retroflexas /ʂ/ e /ʐ/. Estas grafias refletem, na maior parte do sistema de romanização de Gonçalves, as características retroflexas da língua chinesa, com exceção dos casos em que <ch> ocorre com sons mediais palatais.

O último grupo de sibilantes alveopalatais, representado pelas grafias <ch(i)> e <k(i)>, refere-se a duas consoantes africadas palatalizadas e às suas variantes aspiradas. Para a combinação específica entre <ch> e <i>, Gonçalves faz uma observação separada, destacando que o ponto de articulação é mais próximo dos dentes, pelo que resulta num som semelhante a /tsj/, grafado como <ci>. Isso indica que essa combinação reflete a palatalização da africada alveolar /ts/ em vez da africada retroflexa /tʂ/, apesar da coincidência ortográfica. De maneira semelhante, na romanização de Gonçalves, o grafema <k> ocorre exclusivamente em combinação com o som medial palatal /j/, sendo articulado de forma similar a /tʃj/, grafado como <chi>, mas com a língua mais retraída e com maior força articulatória. Essa diferença na posição da língua durante a produção das duas consoantes evidencia que <k(i)> é mais palatalizado do que <ch(i)>. Assim, a consoante representada por <k(i)> aproxima-se da africada alveopalatal /tɕ/, que é resultado da fusão das consoantes iniciais velares e alveolares diante de sons vocálicos palatais em posição medial ou final de sílaba, marcando uma das transformações mais

[75] Castro (2004/2011) refere os fonemas /ʃ/, /ʒ/ e /tʃ/ simplesmente como palatais.

[76] Porém, quanto ao valor fonético das consoantes iniciais após a fusão destes dois grupos, Mai (cf. 2009, pp. 156–157) refere que há estudos que defendem a subdivisão em consoantes retroflexas ([tʂ], [tʂʰ] e [ʂ]), e não retroflexas ([tɕ], [tɕʰ] e [ɕ] ou [tʃ], [tʃʰ] e [ʃ]), podendo as não retroflexas combinar-se com o som medial [j]; por outro lado, há quem defenda a uniformização dessas consoantes como retroflexas nos sistemas fonológicos do chinês pré-moderno.

significativas do mandarim durante a dinastia Qing (cf. Shen, 2020, p. 360). Assim, na trilogia de Joaquim Gonçalves, a grafia <ch> abrange tanto a consoante retroflexa /tʂ/ quanto a africada alveolar palatalizada /ts(j)/, enquanto <k> remonta à africada alveopalatal /tɕ/, refletindo as subtilezas da evolução fonológica do mandarim.

A romanização de Gonçalves inclui um grupo de consoantes velares, grafadas como <c>, <g> e <h>, possuindo a primeira uma variante aspirada e a última uma variante palatalizada. A oclusiva velar surda /k/, representada pela grafia <c>, já está presente no sistema fonológico do português, pelo que Gonçalves ressalta somente a existência da sua variante aspirada, uma característica distintiva no chinês. A nasal velar /ŋ/, representada por <g>[77], quando aparece em posição inicial de sílaba, precedendo vogais abertas, é descrita por Gonçalves como sendo "mais na garganta e menos clara que em português" (ver Tabela 19 e Tabela 21). Este som é considerado como um dos traços mais conservadores da romanização de Gonçalves (cf. Ai, 2016, p. 69), já que as consoantes iniciais do grupo "疑 *yí*"(*i.e.*, [ŋ]) teriam começado a desaparecer na oralidade durante a compilação do *Zhongyuan Yinyun* e se tornaram cada vez mais raras em estudos fonológicos subsequentes, especialmente no período tardio do chinês pré-moderno (cf. Mai, 2009, p. 158). A fricativa velar /x/, grafada como <h>, é destacada por Gonçalves tanto pela sua forma aspirada quanto pela sua variante palatalizada, que ocorre quando é seguida pela semivogal palatal /j/. Essa variante palatal é articulada de forma semelhante à sibilante [s(i)], grafada <s(i)>, mas com uma qualidade mais assobiada e com a língua mais retraída, aproximando-se da fricativa alveopalatal chinesa /ɕ/.

As observações de Gonçalves sobre a palatalização das consoantes velares e alveolares no período final do chinês pré-moderno estão em consonância com o desenvolvimento histórico da fusão entre essas consoantes. Esse processo corresponde à segunda fase de evolução, na qual a africada alveopalatal /tɕj/ (bem como sua variante aspirada /tɕʰj/ e a fricativa correspondente /ɕj/) era ainda uma variação condicional da oclusiva velar /k/ (e a sua variante aspirada /kʰ/ e a fricativa correspondente /x/). Nesse estágio, a africada alveopalatal ainda não havia substituído a africada alveolar /ts/ (incluindo a sua variante aspirada /tsʰ/ e a fricativa correspondente /s/) como som predominante (cf. Shen, 2020, p. 361). De acordo com a análise de Ai (2016, p. 66), a palatalização, que afetou as africadas alveolares

[77] Shen observa que, no *Xīrú Ěrmù Zī* de Trigault, o uso das letras latinas na transcrição apresenta limitações para representar sons chineses, destacando que "as letras latinas usadas na transcrição não eram adequadas para o chinês, e os valores intrínsecos das letras não podem ser tomados como indicações dos sons chineses. Por exemplo, este usou a letra ‹g› para a nasal velar inicial, mas a letra ‹m› para a coda nasal velar [tradução da seguinte passagem: 'Since the Latin letters used in the transcription were not suitable for Chinese, the intrinsic values of the letters cannot serve as hints for the Chinese sounds. For example, he used the letter ‹ g › for the velar nasal initial, but the letter ‹m› for the velar nasal coda.']" (Shen, 2020, p. 345). Esse uso da letra <g> para representar a nasal velar parece, portanto, ser uma prática comum na comunidade sinológica da época, ou ao menos entre sinólogos que desenvolveram sistemas de transcrição baseados no português.

/ts/ e /tsʰ/ e as oclusivas velares /k/ e /kʰ/ diante de vogais fechadas, parece não ter influenciado as fricativas /s/ e /x/, refletindo-se na consistência ortográfica das fricativas alveolar /s/ e alveopalatal /x/, independentemente da vogal que as segue. Embora não faça menção explícita à pronúncia da variante palatal da fricativa sibilante /s/, Gonçalves descreve a variante palatal da fricativa velar /x/ numa nota separada, enfatizando a sua tendência para a palatalização.

Além do facto de o processo de palatalização das consoantes alveolares ter ocorrido mais tarde do que o das velares (cf. Shen, 2020, p. 360), a assimetria entre a evolução das fricativas alveolar /s/ e velar /x/ pode estar relacionada com a coexistência de quatro sibilantes no dialeto transmontano de Joaquim Gonçalves. A distinção entre a pré-dorsodental /s/ e a ápico-alveolar /s̻/ na língua materna do sinólogo transmontano possivelmente influenciou a sua percepção das variantes fonológicas no mandarim. Assim, a tendência de palatalização da sibilante /s/ pode ter sido vista como uma diferença menos relevante ou perceptível, quando comparada com a variação análoga da fricativa velar /x/. Esse fator pode explicar por que não se observa na romanização de Gonçalves a diferenciação explícita entre o /s/ canónico e a sua variante palatalizada, limitando-se à indicação de que a sua pronúncia corresponde à de <s> no dialeto de Lisboa, sem referências adicionais à sua palatalização.

O último grupo de consoantes no sistema fonológico da romanização de Joaquim Gonçalves corresponde à consoante zero. Antes do período do chinês pré-moderno, a estrutura silábica chinesa exigia que todas as sílabas começassem com uma consoante, característica que foi substituída pelo surgimento da consoante zero no chinês pré-moderno (cf. Mai, 2009, p. 160). Na descrição de Gonçalves, há uma breve observação sobre esse fenómeno: palavras iniciadas pela letra *i* implicam sempre uma leve aspiração. Contudo, no *Diccionario Tonico* verifica-se não apenas a ocorrência de sílabas iniciadas por *i*, mas também por *iu* e uma categoria singular designada por *u*, conforme apresentado no Anexo II. É relevante destacar que as consoantes iniciais documentadas no sistema de romanização de Gonçalves incluem ainda a nasal velar /ŋ/, em posição inicial de sílaba, precedendo vogais abertas, e a aproximante labiodental /ʋ/, ambas atualmente representadas pela consoante zero no chinês contemporâneo. Assim, a abordagem de Gonçalves reflete uma etapa de transição na fonologia chinesa, preservando características que já haviam desaparecido em alguns contextos, mas que ainda estavam presentes em outros.

Tendo examinado todas as consoantes iniciais presentes no sistema de romanização de Joaquim Gonçalves, apresentamos na Tabela 22 um resumo das letras utilizadas para transcrever as consoantes chinesas, comparando-as com o *Pinyin*, juntamente com os respetivos valores fonéticos conforme o AFI.

Tabela 22 O sistema consonântico da romanização de Joaquim Gonçalves em comparação com o do *Pinyin*

Romanização de Joaquim Gonçalves [AFI]					**Pinyin [AFI]**				
p- [p]	p'- [pʰ]	m- [m]	f- [m]	v- [ʋ]	b [p]	p [pʰ]	m [m]	f [f]	ø
t- [t]	t'- [tʰ]	n- [n]		l- [l]	d [t]	t [tʰ]	n [n]		l [l]
ç-/tz(ū) [ts]	ç'-/ts'(ū) [tsʰ]		s- [s]		z [ts]	c [tsʰ]		s [s]	
chi- [tsj]	ch'i- [tsʰj]				-	-			
ch- [tʂ]	ch'- [tʂʰ]		x- [ʂ]	j- [ʐ]	zh [tʂ]	ch [tʂʰ]		sh [ʂ]	r [ʐ/ɻ]
ki- [tɕj]	k'i- [tɕʰj]		hi- [ɕj]		j [tɕ]	q [tɕʰ]		x [ɕ]	
c- [k]	c'- [kʰ]	g- [ŋ]	h- [x]	ø	g [k]	k [kʰ]	ø	h [x]	ø

Fonte: Elaborada pela autora.

Além das diferentes escolhas ortográficas, há principalmente três diferenças fonológicas entre o sistema de romanização adotado pelo sinólogo português e o sistema fonológico do chinês contemporâneo representado pelo *Pinyin*. Em primeiro lugar, a consoante zero do chinês moderno é representada de três formas distintas: pela grafia <v> que representa a aproximante labiodental [ʋ] na maior parte das sílabas iniciadas pela semivogal labiovelar [w] no chinês do século XXI; como nasal velar [ŋ] (em *ga-*, *go* e *gou*) e como consoante zero em *i-*, *iu-* e *u*. Em segundo lugar, as africadas alveolares [ts] e [tsʰ] assumem grafias distintas, <tz> e <ts'> quando precedem a vogal anterior fechada apical [ɿ][78]. Em terceiro lugar, as africadas alveolares em processo de palatalização registadas na romanização de Gonçalves não estão presentes no chinês contemporâneo. Em resumo, essas diferenças evidenciam a variação histórica e dialetal na representação e pronúncia dos sons chineses entre o sistema de romanização de Gonçalves e o Pinyin moderno, sublinhando a relevância da romanização de Gonçalves como um retrato fonológico do mandarim de Pequim no século XIX.

2.2.2.2. Vocalismo

Após examinar as consoantes iniciais do sistema de romanização de Joaquim Gonçalves, é essencial abordar os segmentos vocálicos finais, que desempenham um papel igualmente fundamental na estruturação das sílabas chinesas e na fidelidade da sua transcrição fonética. Quanto aos segmentos vocálicos finais das sílabas chinesas, o sinólogo português esclarece que "as vogaes finaes saõ agudas, quando naõ tem accento; porem o e será circunflexo, excepto depois de i" (Gonçalves, 1829a, pp. VIII, 2 do apêndice). Isto indica que a maioria das vogais não assinaladas leva, por padrão, o acento agudo, com exceção do grafema <e>, que assume o acento circunflexo, salvo quando precedido pela semivogal palatal <i> em posição intermédia.

[78] Desde o início do século XX, os símbolos "ɿ" e "ɻ" têm sido amplamente utilizados para transcrever as chamadas "vogais apicais" típicas da língua chinesa. No entanto, tais símbolos não são aceites pelas normas do Alfabeto Fonético Internacional, uma vez que essas vogais apicais são frequentemente interpretadas como prolongamentos fricativos (cf. Shao & Ridouane, 2023, p. 2). Nesta tese adota-se a terminologia "vogais apicais" e mantém-se o uso desses símbolos para a sua transcrição.

Para complementar a descrição dos sons consonânticos, a Tabela 23 apresenta uma visualização organizada do sistema vocálico utilizado na romanização de Gonçalves, com base nas explicações fornecidas no "Valor das Letras Europeas na Pronuncia do China" (apresentamos abaixo a lição modernizada das suas explicações).

Tabela 23 Letras europeias na representação da pronúncia dos sons vocálicos finais de uma sílaba chinesa

Nº	Grafema(s)	Explicações	Fonte
1º	/	"As vogais finais são agudas quando não têm acento, porém o *e* será circunflexo, exceto depois de *i*"	Pa + A
		"As vogais finais são agudas quando não têm acento"	Pb
2º	ām	"pronuncia-se como quem tem os queixos presos, um pouco semelhante a *im*, como *ch□m* ["爭 *zhēng* 'brigar'"] brigar"	P + A
3º	án	"pronuncia-se mais aberto, como *xán* ["籩 *shān* 'bodum'"] bodum"	P + A
4º	ē	"soa como circunflexo, como *xē* ["尸 *shī* 'cadáver'"] cadáver"	Pb
5º	é	"é mais agudo; alguns o pronunciam como *ei* ou *ai*, como *kié* ["街 *ji□* 'rua'"] rua"	P + A
6º	ō	"soa como ôŏ, como *çō* ["作 *zuò* 'fazer'"] fazer"	P + A
7º	ōŏ	"soa como acima, estendendo mais os beiços, como *çl□* ["左 *zuǒ* 'esquerda'"] esquerda (a)*"	P
8º	oŏ	"pronuncia-se encolhendo os beiços de modo que se veem os dentes, *çoŏ* ["仄 *zè* 'inclinado'"] inclinado"	P + A
9º	ōn	"soa como circunflexo, como lōn ["輪 *lún* 'roda'"] roda"	Pa
10º	u	"soa como o nosso"	P + A
		"mas depois de *i* ou antes de *n* é semelhante ao francês, como *iu* ["魚 *yú* 'peixe'"] peixe, e *lun* ["論 *lùn* 'falar'"] conversar"	P
		"depois de *i* é semelhante ao francês, como *iu* ["魚 *yú* 'peixe'"] peixe, como também depois de *l*, como *lun* ["論 *lùn* 'falar'"] conversar, exceto antes de *m*, como *lum* ["龍 *lóng* 'dragão'"] dragão"	Pb + A
11º	ū	"pronuncia-se encolhendo os beiços, à semelhança de *i* como *sū* ["四 *sì* 'quatro'"] quatro"	P + A
12º	ūm	"pronuncia-se estendendo mais os beiços, (a)** como *cūm* ["弓 *gōng* 'arco'"] arco"	P
13º	cincunflexo	"O circunflexo sobre a vogal indica também que a palavra se há de pronunciar com a língua mais encolhida, como *châm* ["正 *zhèng* 'reto'"] reto, *chôu* ["洲 *zhōu* 'ilhota'"], ilheta"	P + A
		"O acento circunflexo sobre a vogal indica que a consoante antecedente se pronuncia com a língua mais encolhida (a)* e a vogal sobre que está como tendo o acento longo (-) (*vê acima*), como *châm* ["正 *zhèng* 'reto'"] reto: exceto se for ditongo, como *chôu* ["洲 *zhōu* 'ilhota'"], ilheta, que se pronuncia naturalmente"	Pb
14º	vogal final	"A vogal final breve deve-se ouvir melhor que entre nós, como *haŏ* ["好 *hăo* 'bom'"] bom"	P + A
		"Em cantonês, os sons acabados com acento breve são entrantes"	A
15º	*toū*, *olr*	"As adições *to□*, *olr* são só para encher, nada significam; elas pronunciam-se breves, e o *olr* fica fazendo uma sílaba com a antecedente; assim, *t'ou olr* ["头儿 *tóu-r* 'cabeça, chefe'"], chefe, soará *t'oulr*"	Pa + A

Fonte: Elaborada pela autora de acordo com as três versões do "Valor das Letras Europeas na Pronuncia do China" (cf. Gonçalves, 1829a, pp. VII-VIII, 1-3 do apêndice, 1829b, p. VII).

Nota. Na última coluna, a letra "P" é abreviatura de "prólogo", "A" é abreviatura de "apêndice", "a" indica "Gonçalves (1829a)" enquanto "b" indica "Gonçalves (1829b)"; entre parênteses retos apresentam-se carateres chineses acrescentados pela autora de acordo com a romanização e a tradução oferecidas por Gonçalves; *A primeira e a terceira "(a)" remetem para a seguinte nota de rodapé "Esta distincçaõ he insensivel."; ** A segunda "(a)" não dispõe de explicação extratextual, pressupondo-se que remete para a mesma nota de rodapé do mesmo símbolo da página anterior.

As explicações sintetizadas neste quadro visam clarificar os símbolos utilizados para a transcrição dos sons vocálicos chineses, com particular atenção para os seguintes diacríticos aplicados às letras

europeias: o longo (¯) e o breve (˘) para indicar a quantidade das vogais latinas; os acentos agudo (´) e circunflexo (ˆ) para distinguir as pronúncias das vogais portuguesas; e combinações entre esses sinais.

Além dos diacríticos, Gonçalves sublinha a polivalência da letra *u*, cujo valor fonético varia conforme o contexto. Este grafema é comparado ao "ü" francês, não apenas quando precedido de *i*, mas também em posição anterior a *n* (como explicado no prólogo) ou posterior a *l*, exceto quando seguido por *m* (como esclarecido no apêndice). O autor chama também a atenção para as vogais em posição final de sílaba, quando a coda do segmento final é exclusivamente vocálica, e para as variações na pronúncia de vogais em adições nominais específicas, como *-to͡u* e *-olr*, destacando os seus valores fonéticos distintos.

Para facilitar a visualização do valor dos diacríticos, os exemplos da Tabela 23 são reorganizados na Tabela 24 de acordo com os símbolos colocados e explicitados por Gonçalves.

Tabela 24 Valor dos diacríticos usados na romanização das vogais chinesas de Joaquim Gonçalves

Diacrítico	Grafema(s)	Explicações	Exemplos
sem símbolo	*u* [normal] e *u* antes de *m*	como em português	[*tu* "土 *tŭ* 'terra'" grande]; *lum* ["龍 *lóng* 'dragão'"] dragaõ
	u depois de *i* ou antes de *n*	semelhante ao francês	*iu* ["魚 *yú* 'peixe'"]; *lun* ["論 *lùn* 'falar'"] conversar
	vogais finais sem acento exceto *e*	agudas	[*ta* "大 *dà* 'grande'" grande]; [*cam* "鋼 *gāng* 'aço'" aço]; [*çou* "走 *zŏu* 'andar'" andar]
longo (¯)	*ām*	como quem tem os maxilares presos, um pouco semelhante ao *im*	*chām* ["爭 *zhēng* 'brigar'"] brigar
	ō	como *ôŏ*	*çō* ["作 *zuò* 'fazer'"] fazer
	ōn	como circunflexo	*lōn* ["輪 *lún* 'roda'"] roda
	ē	como circunflexo	*xē* ["尸 *shī* 'cadáver'"] cadaver
	ū	encolhendo os beiços, à semelhança de *i*	*sū* ["四 *sì* 'quatro'"] quatro
	ūm	estendendo mais os beiços	*cūm* ["弓 *gōng* 'arco'"] arco
breve (˘)	vogal final breve	ouve-se melhor que em português	*haŏ* ["好 *hăo* 'bom'"] bom
		é [do tom] entrante no cantonês	-
agudo (´)	*án*	mais aberto [que em português]	*xán* ["羶 *shān* 'bodum'"] bodum
	é	mais agudo [que em português] ou em alternativa como *ei* ou *ai*	*kié* ["街 *jiē* 'rua'"] rua
circunflexo (ˆ)	*e* sem acento exceto depois de *i*	a consoante antecedente é pronunciada com a língua mais encolhida, e a vogal como tendo o acento longo (-)	[*fei* "吠 *fèi* 'Ladrar'" ladrar]
	âm		*châm* ["正 *zhèng* 'reto'"] recto
	exceto se for ditongo, como *ôu*	pronuncia-se naturalmente	*chôu* ["洲 *zhōu* 'ilhota'"], ilheta
combinações vocálicas e diacríticas	*ōŏ*	como *ō* estendendo mais os lábios	*çōŏ*["左 *zuŏ* 'esquerda'"] esquerda
	oŏ	encolhendo os lábios de modo que se veem os dentes	*çoŏ* ["仄 *zè* 'inclinado'"] inclinado
	ôŏ	[como *ō**]	[*xôŏ* "舌 *shé* 'língua'" lingoa]
adições	*toū*, *olr*	sem significado, pronunciam-se breves e o *olr* junta-se à sílaba anterior	*t'ou olr* ["头 儿 *tóu-r* 'cabeça, chefe'"], chefe, soa como *t'oulr*

Fonte: Elaborada pela autora de acordo com as três versões do "Valor das Letras Europeas na Pronuncia do China" (cf. Gonçalves, 1829a, pp. VII-VIII, 1-3 do apêndice, 1829b, p. VII), conforme apresentados na Tabela 23.

Nota. Entre parênteses retos apresentam-se informações acrescentadas pela autora de acordo com a comparação implícita entre as pronúncias do chinês e do português de Gonçalves, carateres chineses adicionados pela autora de acordo com a romanização e a tradução oferecidas por Gonçalves, ou exemplos

encontrados e transcritos do *Diccionario Tonico* do mesmo (cf. Gonçalves, 1833, pp. 1–99 do apêndice); * Esta equivalência carece de validação, pois, por exemplo, a consoante inicial representada por *x* dispõe de combinações tanto com a vogal final representada por *ō* como com a romanizada por *ôŏ*.

Este quadro demonstra que os diacríticos de Gonçalves não só afetam a quantidade e qualidade das vogais como também introduzem variações articulatórias que buscam refletir características fonéticas precisas da língua falada. Veremos em detalhe a implicação de cada diacrítico, considerando como estes influenciam a pronúncia, a tensão articulatória, o ritmo da fala e a distinção entre as vogais e combinações vocálicas no sistema de romanização adotado pelo autor.

As vogais sem diacrítico, na romanização de Joaquim Gonçalves, são geralmente pronunciadas de forma semelhante ao português, com exceção da vogal anterior fechada e arredondada /y/, grafada como <iu>, cuja pronúncia é comparável à do francês. O sinal longo (¯) parece indicar uma vogal prolongada ou tensificada, aplicada a vogais ou combinações vocálicas específicas, com descrições que incluem tensões nos maxilares e ajustes na posição dos lábios, refletindo subtilezas fonéticas observadas na fala. O sinal breve (˘), por sua vez, é exclusivo de vogais em posição de coda, assinalando uma articulação mais precisa em mandarim do que em português. O acento agudo (´) denota uma maior abertura da vogal, coerente com a regra de que vogais não acentuadas são todas agudas. Já o acento circunflexo (ˆ) modifica a articulação da consoante precedente, retraindo ligeiramente a posição da língua; quando aplicado às vogais, o circunflexo funciona como o sinal longo, exceto em ditongos, que mantêm uma pronúncia mais natural. As combinações de sinais indicam alterações específicas na pronúncia, muitas vezes difíceis de representar apenas com um sinal isolado. Essa riqueza descritiva, embora útil para uma representação mais fiel, pode criar desafios na interpretação dos seus valores fonéticos.

Em conclusão, Gonçalves utiliza uma variedade de diacríticos — o longo (¯), o breve (˘), o agudo (´) e o circunflexo (ˆ) — para modificar os grafemas vocálicos básicos, indicando variações na qualidade, quantidade e articulação das vogais. Esses diacríticos não apenas afetam as vogais em si, mas, em alguns casos, influenciam a articulação da consoante precedente, como observado com o uso do circunflexo. A distinção entre vogais com e sem diacríticos frequentemente reflete diferenças fonéticas subtis, difíceis de precisar, especialmente considerando o contexto histórico e possível variação dialetal do chinês na época de Gonçalves.

O *Diccionario Tonico* de Joaquim Gonçalves abrange um conjunto de 60 unidades gráficas, conforme se apresentam na Tabela 25, para representar o vocalismo sínico de acordo com as suas regras de romanização.

Tabela 25 Grafias usadas para representar o vocalismo chinês no *Diccionario Tonico*

Núcleo		**Coda** / **Medial**	**ø**	**i**	**u**	**ŏ**	**n**	**m**
s/d	**c/d**							
a	a	ø	a	ai	au	aŏ (m, l, h)	an	am
	â				âu (ch, ch', x)			âm (ch, ch')
	á						án (ch, ch', x, j)	
	ā						ān (l, c, c', g, h)	ām
	a	i	ia		iau/eau (l)			iam/eam (l)
		u					uan(l)	
	a	o	oa[a]	oai			oan	oam
	ā						oān (j)	
o	o/ó	ø	o/ó (l)		ou	oŏ		om (p, p', m, f)
	ô		ô (x)		ôu (ch, ch', x)	ôŏ (x)		
	ō		ō			ōŏ (ç, ch, ch')	ōn (l)	
	ŏ	i	iŏ/eŏ (l)					
	o	u					uon (c, c')	
	o	ŏ	ŏo (c, h)					
e	e	ø	e (ch, ch', x, j)	ei			en	
	ê		ê (ch, ch', x)				ên (ch, ch', x, j[b])	
	e	i	ie		ieu[c]/eu		ien	
	é		ié (k, k', h, ø)					
	ĕ		eĕ (l)					
	e	u	ue (j)				uen (f)	
		o		oei				
		iu	iue				iuen	
olr	olr		olr					
i	i	ø	i				in	im[d]
u	u	ø	u				un[e]	um
		i						ium (k', h, ø)
	ū	ø	ū[f] (tz, ts', s)					ūm (c)
iu	iu	ø	iu				iun	

Fonte: Elaborada pela autora de acordo com o *Diccionario Tonico* de Joaquim Gonçalves (1833, pp. 1-99 do apêndice).

Nota. As abreviaturas "s/d" e "c/d" significam "sem diacríticos" e "com diacríticos", respetivamente. Entre parênteses redondos figuram as letras usadas para representar os sons consonânticos iniciais do chinês, com os quais a vogal representada pela respetiva grafia antecedente combina no *Diccionario Tonico*.

[a] Na página 23, há um erro de impressão em que "chou" deveria ser lido como "choa", visto que está inserido entre as sílabas "ch'ō" e "choai", e porque a forma "chou" aparece corretamente na página 25.

[b] Na página 48, encontramos uma leitura alternativa "nin" para a sílaba "jên".

[c] Na página 74, encontramos uma leitura alternativa "pou" para a sílaba "pieu".

[d] Na página 74, há um erro de impressão em que "pem" deveria ser lido como "pim", visto que está inserido entre as sílabas "Pieu, pou" e "P'im", e porque os carateres reunidos neste grupo, como o "冰 [*bīng*] Gelo", são transliterados como "Pim" (cf. Gonçalves, 1833, p. 36) no *Diccionario Generico* da mesma obra lexicográfica.

[e] Na página 63, encontramos uma referência "*Ve* Lōn" para a sílaba "Lun".

[f] Na página 11, encontramos uma referência "Çū *Ve* Tzū, *e* Ts'ū".

Este quadro divide os grafemas em três componentes: núcleo, medial e coda, de acordo com a estrutura tradicional das sílabas chinesas e os critérios adotados por Gonçalves para a sua romanização. O núcleo refere-se à vogal principal da sílaba, a medial corresponde à semivogal que pode preceder o núcleo, e a coda designa o segmento final, que pode ser uma vogal ou uma consoante nasal. Com base nessa divisão, examinemos, posição por posição, as grafias utilizadas por Gonçalves para representar cada componente, avaliando as suas características e correspondências fonéticas.

Em posição de som medial, temos as seguintes grafias <i>, <u>, <o>, <ŏ> e <iu>. As duas primeiras, <i> e <u> representam as semivogais aproximantes palatal /j/ e labiovelar /w/, respetivamente, de forma semelhante às vogais átonas /i/ e /u/ semivocalizadas em ditongos portugueses (cf. Castro, 2004/2011, pp. 159–160). Já a última, <iu>, simboliza a aproximante labiopalatal /ɥ/, correspondente à vogal anterior fechada arredondada semivocalizada /y/. As grafias <o> e <ŏ> apresentam maior complexidade interpretativa, uma vez que no chinês contemporâneo existem apenas os três sons mediais anteriormente especificados.

O grafema <o>, em posição medial, forma combinações vocálicas com uma variedade maior de letras do que <u>. No entanto, as vogais formadas com <u> revelam uma menor flexibilidade em comparação com as formadas com <o>, como se observa nos casos de <oan> e <uan>, sendo a última combinação restrita à consoante inicial /l/. Essa diferença sugere que os sons representados por <o> e <u> poderiam inicialmente ser considerados alofones, ambos relacionados com a aproximante labiovelar /w/. Contudo, em termos de distribuição, tanto <oan> quanto <uan> aparecem em combinação com a lateral /l/, o que impede que sejam tratados como alofones no sistema de Gonçalves. Quanto à grafia <ŏ>, esta surge exclusivamente em posição medial e apenas em combinação com a mesma letra sem diacrítico, formando a sequência <ŏo>, que, por sua vez, ocorre somente associada às consoantes velares /k/ e /x/. Assim, pode-se presumir que as grafias <u>, <o> e <ŏ> correspondem, respetivamente, à semivogal labiovelar /w/, à vogal semifechada posterior /o/ e à vogal fechada posterior /u/. No entanto, a relação específica entre essas grafias e os seus valores fonéticos exatos permanece aberta a interpretações, devido à ambiguidade na distribuição e nas combinações observadas no sistema de Gonçalves, que podem refletir variações dialetais ou traços históricos da fonologia chinesa do século XIX.

Em posição de coda, temos os grafemas <i>, <u>, <ŏ>, <n> e <m>, cada um desempenhando um papel distinto no sistema de romanização de Gonçalves. Os dois primeiros, <i> e <u>, mantêm os respetivos valores fonéticos como semivogais, semelhantes à sua articulação em posição medial. Já o grafema <ŏ> apresenta uma ocorrência mais limitada, restringindo-se principalmente a combinações específicas, como em <aŏ>, além de interagir de maneira única com outras variantes da mesma letra. Gonçalves salienta que as vogais breves em posição final devem ser pronunciadas com maior clareza do que em português, indicando uma tentativa de diferenciar as articulações vocálicas finais no sistema fonético chinês. Contudo, considerar <ŏ> como um alofone de <u> levanta questões, principalmente devido à sobreposição problemática entre combinações como <au> e <aŏ>, encontradas em sílabas como <mau> e <maŏ>, que representam carateres distintos no *Diccionario Tonico*. Baseando-nos na

evolução das vogais átonas em português (cf. Castro, 2004/2011, pp. 145–146), o grafema <ŏ> parece corresponder à vogal fechada /u/, não semivocalizada e sem formar ditongo com a vogal precedente.

No que diz respeito às terminações nasais, as grafias <n> e <m> em posição de coda correspondem possivelmente às consoantes nasais alveolar /n/ e velar /ŋ/, ambas amplamente atestadas nessa posição desde o final do período do chinês pré-moderno[79]. A hipótese sobre <n> não apresenta grandes desafios, já que Gonçalves a associa explicitamente à articulação do latim em posição final. No entanto, a grafia <m> suscita dúvidas devido à explicação do autor, que a equipara à pronúncia portuguesa da sua época. Historicamente, por causa da próclise, tanto <n> quanto <m> em posição final permaneceram como <n> nos monossílabos em latim vulgar, e em português nasalizaram a vogal precedente mas perderam o seu caráter consonântico, ou seja, apocoparam (E. B. Williams, 1938/1991, p. 101). De modo geral, <m> final é a grafia universal para a nasalação do vocalismo em português desde o período medieval:

> Quando a consoante nasal termina a palavra, a grafia mais comum foi por muito tempo *-n*. Porém, desde o período do galego-português medieval, começam a aparecer nesta posição grafias em *-m*: *quen* passa a *quem*, *cantan* a *cantam*, etc. E esta grafia em -m que se vai generalizar em português. (Teyssier, 1982/2004, p. 25)

Isto significa que <m> em posição final da sílaba implica a nasalização da vogal precedente em português[80], mas não necessariamente a presença de uma terminação consonantal nasal em posição velar, como é o caso da terminação /ŋ/ em chinês. Portanto, enquanto a grafia <n> se alinha mais claramente com o padrão do chinês pré-moderno, <m> parece ser mais uma convenção gráfica do português medieval, causando potenciais ambiguidades no seu uso para representar o som velar nasal /ŋ/ em chinês.

No que diz respeito ao núcleo do segmento vocálico final de uma sílaba chinesa, encontramos sete grupos de candidatos, <a>, <o>, <e>, <olr>, <i>, <u> e <iu>, que se apresentam na primeira coluna da Tabela 25. Dentre eles, dois grupos não possuem equivalentes em português, a saber, os sons representados pelas grafias <olr> e <iu>. Os carateres romanizados com a grafia <olr>, como "兒 [*ér*] Filho" e "耳 [*ěr*] Orelha" (cf. Gonçalves, 1833, p. 69 do apêndice), indicam que esta representa a vogal

[79] Na tradição dos estudos fonológicos chineses, as codas do chinês médio são divididas em três grupos: as vocálicas [-ø], [-i] e [-u], as nasais [-ŋ], [-n] e [-m] e as oclusivas [-k], [-t], [-p] (cf. Mai, 2009, pp. 11–12, 69). Na segunda metade do chinês pré-moderno, restavam apenas cinco das nove terminações silábicas, a saber as vocálicas [-ø], [-i] e [-u] e as nasais [-ŋ], [-n], tendo a coda nasal bilabial assim como as codas oclusivas deixado de existir a partir do século XVI (cf. Mai, 2009, p. 146).

[80] A nasalidade é um fenómeno que tende a ocorrer naturalmente em muitas línguas e dialetos, especialmente como resultado de coarticulação entre vogais e consoantes nasais adjacentes. No caso do chinês, esse fenómeno é particularmente evidente em certos dialetos regionais, nos quais a nasalidade desempenha um papel fonético e, por vezes, fonológico (cf. Shi, 2011), como no dialeto de Shantou, região geograficamente próxima do local onde Gonçalves atuava, no qual as vogais se subdividem em vogais bucais e nasais (cf. X. Liu & Chen, 2020).

retroflexa /ɚ/, a qual teria nascido na língua chinesa por volta do século XV[81] (cf. Mai, 2009, p. 147). A combinação <iu>, de acordo com a descrição de Gonçalves, que a compara ao som do francês, representa a vogal anterior fechada arredondada /y/.

Quanto às restantes cinco letras cujas pronúncias são baseadas no português, Gonçalves esclarece que as letras sem acento são agudas, exceto <e>, que é circunflexa de forma pré-determinada. De acordo com Castro (2004/2011, p. 145), o sistema vocálico tónico do português, que conta com sete unidades distintivas — /i/, /u/, /e/, /o/, /ɛ/, /ɔ/, e /a/ —, formou-se a partir da perda da distinção de quantidade latina, compensada pela introdução de dois graus de abertura para as vogais /e/ e /o/. Esse sistema, ao qual se acrescentou um [ɐ] fechado de baixa produtividade no período do português moderno, já estava consolidado desde o período do português antigo. Portanto, podemos inferir que os cinco grafemas utilizados na romanização de Gonçalves correspondem, por padrão, aos seguintes valores fonéticos do português: /a/, representada por <a>, /ɔ/, representada por <o>, /e/, representada por <e>, /i/, representada por <i>, e /u/, representada por <u>.

Para além das formas canónicas das letras usadas em posição nuclear, estas também assumem variação diferenciada por meio da aplicação de um dos quatro diacríticos previamente mencionados: longo, breve, agudo e circunflexo, sendo as grafias <a>, <o> e <e> mais produtivas do que <i>, <u> e <iu>. No caso destas últimas três grafias, somente <u> dispõe de uma variante com o sinal longo <ū>, cuja pronúncia é semelhante à de <i>, isto é, a vogal anterior fechada /i/, mas com os lábios mais encolhidos (ver Tabela 23 e Tabela 24). Pela sua distribuição limitada às africadas e fricativa alveolares /ts/ e /tsʰ/ e /s/, é possível afirmar que corresponde à variante apical da vogal /i/, geralmente representada pelo símbolo /ɿ/, uma vogal característica da língua sínica que marca presença no sistema fonológico chinês desde o final do período do chinês médio (cf. Mai, 2009, p. 79). A variante <ū> surge ainda em conjunto com a coda nasal <m>, formando assim <ūm>, cuja pronúncia destaca a maior extensão dos lábios (ver Tabela 23 e Tabela 24).

[81] Mai (2009, p. 147) sugere que a vogal em questão teria surgido no século XV, baseando-se na evidência de que, na obra "《重订司马温公等韵图经》 *Chóngdìng Sīmǎ Wēn gōng Děng Yùn Tú Jīng* 'Revisão do Mapa de Rimas de Sima Wen'"(1606), os carateres anteriormente categorizados no grupo "日 *rì*" (*i.e.*, [ɳʐ] ou [ɳʐ̩]) foram reclassificados como tendo uma consoante zero em vez de uma consoante nasal, o que indica uma mudança fonética desde a pronúncia descrita em *Zhongyuan Yinyun* até à transliteração posterior como "ul" na romanização de Trigault de 1626. Quanto à evolução diacrónica do caráter "兒 *ér* 'filho'", representativo desta vogal retroflexa, Yang e Zhang (1997) alega que a pronúncia de caráter como [ɚ] surgiu na China durante o período do Império Mongol, pelo século XIII, e que se originou a partir da tradução direta do "r" em palavras emprestadas. Inicialmente restrita à posição de coda, essa pronúncia evoluiu para uma sílaba independente, resultando numa mudança repentina devido à influência de uma língua externa. O processo de transformação da pronúncia envolveu uma difusão lexical gradual, que se completou durante a dinastia Qing, quando a nova pronúncia substituiu a anterior nos dialetos do norte da China.

Além de <ū> e <ūm>, o sinal longo também aparece em combinações de <a> com as duas codas nasais, ou seja, <ān> e <ām>, bem como em <ō> e nas suas formas combinadas <ōŏ> e <ōn>[82]. Segundo a descrição de Gonçalves, <ām> deve ser articulado com os maxilares fixos e de forma semelhante a <im>, <ō> equivale a <ôŏ>, e <ōn> é descrito como similar a uma vogal marcada com circunflexo (ver Tabela 23 e Tabela 24). Assim, o sinal longo parece indicar, de maneira geral, a elevação da vogal em <ān>, <ām> e <ōn>, enquanto denota prolongamento no caso de <ō>, destacando características específicas de altura e duração vocálica.

O sinal breve, por sua vez, restringe-se às grafias <ŏ> e <ĕ> em posição nuclear, ambas em combinação com o som medial /j/ e sem coda. Conforme descrito por Gonçalves, as vogais finais breves devem ser pronunciadas de forma mais clara em chinês do que em português (ver Tabela 23). Assim, o sinal breve parece estar associado a uma descensão vocálica, enfatizando a clareza e a articulação distintiva dessas vogais no sistema fonético do chinês.

Quanto ao acento agudo, este é utilizado em apenas duas grafias: <án> e <ié>[83], ambas caracterizadas por uma maior abertura em comparação com o português. A distribuição da primeira grafia é limitada às retroflexas /tʂ/, /tʂʰ/, /ʂ/ e /ʐ/, enquanto a da segunda se restringe às velares /k/, /kʰ/ e /x/, além da consoante zero (cf. Gonçalves, 1833, pp. 1–99 do apêndice). Em algumas ocasiões, a grafia <ié> pode ser articulada de forma alternativa com <ei> ou <ai> (ver Tabela 23), destacando variações específicas no uso e pronúncia vocálica.

Por fim, o acento circunflexo faz com que a consoante precedente seja pronunciada com a língua mais retraída, enquanto a vogal sobre a qual está marcado assume uma pronúncia longa, exceto quando se trata de um ditongo, que é articulado de maneira natural (ver Tabela 23). Assim, esse sinal destaca-se pela sua dupla função: não apenas promover a elevação vocálica, mas também influenciar a articulação da consoante, modificando a sua posição na cavidade oral. O circunflexo é usado de forma isolada em <ô> e <ê>, de forma combinada em <âm>, <ôŏ> e <ên>, assim como nos ditongos <âu> e <ôu>, sendo a distribuição de todas essas grafias reservada às retroflexas.

Dada a complexidade e a ambiguidade que permeiam o sistema de romanização de Gonçalves, torna-se um desafio estabelecer valores fonéticos definitivos para muitos dos grafemas. Ainda assim,

---

[82] Na realidade, as explicações de Gonçalves abrangem ainda a grafia <ē>, que deveria ser pronunciada como se tivesse o circunflexo <ê>. Contudo, no seu *Diccionario Tonico*, essa primeira grafia com o longo não aparece; encontra-se apenas a variante marcada com o sinal circunflexo (ver Tabela 24). Por exemplo, o caráter "尸 *shī* 'cadáver'", usado como exemplo no Valor das Letras Europeas na Pronuncia da China sob a transcrição "xē" (ver Tabela 23), surge transliterado como "xe", sem diacrítico, no *Diccionario Tonico* (cf. Gonçalves, 1833, p. 96 do apêndice). Além disso, o próprio autor também afirma nas advertências do *Diccionario China-Portuguez* o seguinte: o que é escrito como "è" na *Arte China* passa a ser escrito como "e" nesta obra (cf. Gonçalves, 1833, p. I–II). Por estes motivos, não será discutido o valor fonético do grafema <ē> no âmbito deste trabalho.

[83] Também encontramos a grafia [ó], cuja distribuição, restrita à lateral /l/, se complementa com a grafia <o>, sendo, portanto, considerada uma variante alofónica.

uma análise detalhada das descrições fornecidas pelo autor, em conjunto com a distribuição e uso das grafias no *Diccionario Tonico*, permite inferir representações fonéticas aproximadas para algumas vogais e as suas combinações. Apresentamos na Tabela 26 um resumo das letras usadas para transcrever as vogais chinesas, comparando-as com o *Pinyin* moderno e os valores fonéticos aproximados AFI.

Tabela 26 O sistema vocálico da romanização de Joaquim Gonçalves em comparação com o do *Pinyin*

Romanização de Joaquim Gonçalves [AFI]			**Pinyin [AFI]**		
Mediais	**Núcleo**	**Coda**	**Mediais**	**Núcleo**	**Coda**
-i- [j]	a [a]; á [ʌ]; â [ɑ]; ā [ə];	-i [j]	-i-/-y- [i/j]	a [ʌ/a/ɑ/ɛ]	-i [i/j]
-u- [w]	o [ɔ]; ô[?]; ō[?]; ŏ[?]	-u [w]	-u-/-w- [u/w]	o [o/ɤ/ʊ]	-u/-o [u/w]
-o- [o]; -ŏ- [u]	e [ɿ/e]; ê [?]; é [ɛ]; ĕ [?]	-ŏ [u]		e [ə/ɤ/ɛ/e]	
-iu- [ɥ]	olr [ɚ]	-n [n]	-ü-/-u-/yu- [y/ɥ]	er [ɚ]	-n [n]
	i [i]	-m [(nasalação ou) ŋ]		i/yi [i/ɿ/ʅ/ⁱi]	-ng [ŋ]
	u [u]; ū [ʅ]			u/wu [u/uᵉ]	
	iu [y]			ü/u/yu [y]	

Fonte: Elaborada pela autora.

Nota. Os valores fonéticos do sistema vocálico de *Pinyin* seguem a proposta de Mai (2009, pp. 24–26). Os valores fonéticos aproximados são inferidos com base nas descrições de Gonçalves e no conhecimento fonético atual do português oitocentista. A correspondência exata pode variar devido a diferenças históricas e dialetais.

Este quadro ajuda a visualizar as possíveis correspondências entre os grafemas utilizados por Gonçalves e os sons vocálicos do chinês. No entanto, os grafemas mais complicados na romanização de Joaquim Gonçalves, cujos valores fonéticos permanecem incertos ou ambíguos, são marcados com um ponto de interrogação neste quadro.

A análise do sistema vocálico na romanização de Joaquim Gonçalves evidencia que a maior complexidade reside na interpretação dos diacríticos, especialmente no que diz respeito às variantes associadas às vogais <o> e <e>. Enquanto para a vogal <a> acompanhada de diacríticos é possível propor valores fonéticos aproximados, atribuindo ao sinal de longo (¯) uma articulação com maxilares presos, ao acento agudo (´) uma maior abertura da boca, e ao circunflexo (ˆ) uma retração da língua, no caso de <o> e <e>, torna-se significativamente mais desafiador determinar as subtis distinções fonéticas que esses diacríticos poderiam representar. As descrições oferecidas por Gonçalves para essas vogais carecem do detalhe necessário para uma atribuição precisa de valores fonéticos, resultando em ambiguidades e incertezas na interpretação das suas propriedades acústicas e articulatórias.

Em conclusão, a análise do vocalismo no sistema de romanização de Joaquim Gonçalves revela uma complexa interação entre grafemas, diacríticos e os seus valores fonéticos pretendidos, refletindo um esforço para capturar as subtilezas dos sons vocálicos do chinês. Diferentemente do consonantismo, em que os valores fonéticos são relativamente mais diretos, o vocalismo apresenta desafios significativos devido ao uso intrincado de diacríticos e à variação na pronúncia que eles introduzem. Investigações futuras poderiam aprofundar a análise comparativa com outros sistemas de romanização e dados

fonológicos históricos, buscando esclarecer ainda mais as representações fonéticas dos grafemas de Gonçalves e contribuindo para a compreensão da evolução da fonética chinesa e sua transcrição.

2.2.3. Discussão e conclusão

A secção 2.2 foi dedicada à abordagem de Joaquim Gonçalves em relação aos tons e ao sistema de romanização da língua chinesa. Na primeira subsecção, analisámos a abordagem de Joaquim Gonçalves em relação aos aspetos tonais do chinês, com ênfase na descrição, interpretação, marcação e exemplificação dos tons na *Arte China*. Verificámos uma correspondência direta entre a terminologia tonal adotada por Gonçalves e a nomenclatura tradicional da fonologia chinesa: o tom "Plano Alto" corresponde ao *Yin Ping*, o "Plano Baixo" ao *Yang Ping*, o "Acrescente" ao *Shang*, o "Decrescente" ao *Qu* e o "Entrante" ao *Ru*. Além disso, verificámos que a marcação dos tons na sua obra segue a tradição chinesa, ao ser anotada diretamente num dos quadrantes do caráter, diferentemente da prática dominante entre sinólogos ocidentais da época, que preferiam marcar os tons na romanização. Essa escolha reflete a importância que Gonçalves dava aos carateres enquanto elementos estruturantes da língua chinesa. Esta análise evidencia não apenas a sensibilidade linguística do autor, mas também o seu esforço para aproximar o público ocidental de uma compreensão mais precisa e fiel de um dos aspetos mais complexos da língua chinesa.

A segunda subsecção, tendo como ponto de partida o estudo pioneiro de Ai (2016), buscou analisar em profundidade o sistema de romanização de Joaquim Gonçalves para a transcrição dos carateres chineses, com foco nos valores fonéticos representados pelos grafemas utilizados. Tivemos como base o "Valor das Letras Europeas na Pronuncia do China", presente em três versões na *Arte China* (1829), complementada pelo exame detalhado do *Diccionario Tonico*, um apêndice do *Diccionario China-Portuguez* (1833). Para interpretar a ortografia e as especificidades fonéticas do português de Trás-os-Montes, língua materna de Gonçalves, recorremos ao trabalho de Ivo Castro (2004/2011), além de outras fontes históricas e fonológicas.

No que diz respeito ao consonantismo, a análise revelou a presença de 25 configurações ortográficas utilizadas para a transcrição dos sons iniciais das sílabas chinesas, com variações baseadas nos pontos e modos de articulação. Entre as principais descobertas, destacam-se as diferenças entre o sistema de Gonçalves e o *Pinyin* moderno, como a representação da consoante zero de formas distintas (aproximante labiodental, nasal velar e consoante zero) e a presença de africadas alveolares em processo de palatalização, que não aparecem no sistema contemporâneo. A romanização de Gonçalves reflete,

portanto, características do mandarim de Pequim do século XIX, oferecendo um retrato fonológico detalhado e histórico de referência.

No que concerne ao vocalismo, a análise evidenciou uma complexa interação entre grafemas, diacríticos e seus valores fonéticos pretendidos. A utilização de diacríticos como o longo, o breve, o agudo e o circunflexo destacou-se como uma tentativa de capturar as subtilezas dos sons vocálicos chineses. No entanto, observou-se que, enquanto algumas vogais marcadas com diacríticos apresentam descrições que permitem inferências fonéticas aproximadas, a interpretação de outras variantes permanece ambígua, dada a falta de detalhes nas explicações do autor. A distribuição limitada de certas grafias e combinações vocálicas reforça a complexidade do sistema, exigindo maior atenção à variação dialetal e à transição histórica do chinês pré-moderno para o mandarim contemporâneo.

Quanto às características fonéticas evidenciadas no sistema fonológico de Gonçalves, surge a intrigante questão sobre a origem de suas principais fontes. Conforme destacado por Ai (2016, p. 70)[84], o registo de Gonçalves combina traços inovadores e conservadores, captando aspetos específicos do mandarim de Pequim no século XIX. Além das observações de Ai, o presente estudo identificou dois aspetos adicionais de relevância: o uso do grafema <v> inicial para representar uma aproximante labiodental [ʋ] e o emprego do grafema <m> final como marcador de nasalação da vogal precedente. O primeiro aspeto pode indicar que a labiodentalização da consoante zero em sílabas com som medial [-w-], característica do dialeto de Pequim moderno, já se teria iniciado no início do século XIX. Já o segundo aspeto, ausente tanto no panorama histórico do mandarim como em outras abordagens sinológicas da época, pode refletir variações específicas relacionadas com o(s) informante(s) de Gonçalves. Esses traços indicam que o sistema de Gonçalves não apenas regista as características fonológicas do mandarim de Pequim no período, mas também incorpora influências de variantes dialetais e escolhas interpretativas do autor, possivelmente moldadas pela sua experiência de recolha de dados.

Apesar das contribuições desta análise, algumas limitações merecem ser destacadas. Este trabalho concentrou-se na análise do *Diccionario Tonico*, que oferece uma representação mais sistemática e detalhada da romanização de Gonçalves. Contudo, o *Diccionario Generico* também apresenta variação interessante em relação às romanizações no *Tonico*, o que poderia enriquecer a análise comparativa.

---

[84] Ai (2016, p. 70) destaca que o sistema fonológico apresentado no *Diccionario China-Portuguez* possui características distintivas: em diversos aspetos, este reflete com precisão as particularidades da pronúncia de Pequim no século XIX, como a fusão das sílabas do tom *Ru* com sílabas abertas; as variações entre as leituras formais e coloquiais para os carateres terminados em *-k* no chinês médio e a representação *-ie* para o agrupamento vocálico '蟹 *xiè*' de segunda classe. Ao mesmo tempo, o sistema conserva elementos mais tradicionais, como o reconhecimento do tom *Ru* como um quinto tom separado, a preservação da nasal velar inicial [ŋ-] nos grupos "影 *yīng*" e "疑 *yí*", e a distinção entre iniciais palatalizadas e não palatalizadas nos grupos "精 *jīng*" e "見 *jiàn*". Esses traços indicam que o sistema pode ter registado uma fase transitória na fusão das iniciais no dialeto de Pequim ou, alternativamente, refletido uma abordagem deliberadamente conservadora na sua notação.

Além disso, um estudo que explore a evolução do sistema de romanização de Gonçalves, desde o *Alphabeto China* até ao *Diccionario China-Portuguez*, seria valioso para identificar possíveis alterações ao longo do tempo, compreender que mudanças ocorreram e investigar os motivos que possam ter levado a essas modificações. Futuras investigações poderiam também expandir o escopo para incluir comparações com outros sistemas de romanização anteriores e posteriores, como o de Trigault, que, segundo Ai (2016), apresenta semelhanças metodológicas por também se basear no sistema fonológico do português. Essas abordagens complementares ajudariam a clarificar melhor o desenvolvimento e a coerência metodológica do trabalho de Gonçalves no contexto da sinologia.

Por fim, a análise diacrónica das transições fonéticas do chinês pré-moderno para o mandarim contemporâneo, com especial atenção para os carateres exemplificativos de cada sílaba, aliada a estudos comparativos das abordagens sinológicas da época, pode oferecer uma compreensão mais ampla das escolhas fonéticas e metodológicas de Gonçalves. Dentre eles, destaca-se a interpretação dos valores fonéticos no sistema de romanização apresentada pelo sinólogo norte-americano Samuel Williams (1874), que pode contribuir para a validação e o enriquecimento da análise apresentada nesta subsecção. Esses esforços não apenas aprofundariam o conhecimento sobre a fonologia chinesa do período, mas também destacariam a relevância histórica do sistema de Gonçalves como um marco precursor na documentação da língua chinesa no contexto ocidental. Além disso, examinar a forma como Gonçalves representou as variantes fonéticas no seu sistema de romanização pode lançar luz sobre a interação entre o registo escrito e a oralidade na língua chinesa, bem como sobre os desafios enfrentados ao adaptar uma língua não alfabética a sistemas ocidentais de transcrição. Este ponto liga-se diretamente à próxima secção, na qual serão abordadas as variedades estilísticas e diatópicas do chinês, incluindo as dinâmicas entre o chinês clássico e o vernacular, e entre os dialetos e a fala comum.

2.3. Variação na língua chinesa

A distinção entre fala e escrita é uma característica fundamental na análise linguística, refletindo diferenças profundas em termos de estrutura, estilo e função. No caso específico do chinês, esta distinção adquire uma complexidade particular, pois a língua escrita carrega um forte legado histórico, muito maior em relação às línguas alfabéticas, devido à natureza semiótica dos carateres chineses, enquanto a oralidade evolui conforme as práticas e variação contemporâneas. Conforme defende Tao (1999), as diferenças entre o registo da oralidade e o registo da escrita são fundamentais para a

compreensão da gramática chinesa, por isso, antes de avançar para a análise gramatical de Joaquim Gonçalves, é fundamental identificar a língua-alvo do seu método de ensino-aprendizagem contrastivo.

Nesta secção propomos uma abordagem estruturada para explorar os principais tipos de variação na língua chinesa, com foco na diversidade de registos e estilos, assim como na interpretação dessas variedades no método gramatical de Joaquim Gonçalves. Inicialmente, apresentaremos uma contextualização das principais variedades linguísticas, incluindo conceitos fundamentais que esclarecem a riqueza dos registos e estilos da língua chinesa (2.3.1). Em seguida, analisaremos como Gonçalves interpretou e categorizou essas variedades no seu método, utilizando os adjetivos *sublime* e *vulgar* para diferenciar entre diferentes níveis de registo e estilo (2.3.2). Posteriormente, situaremos a abordagem do sinólogo português no panorama da história da sinologia europeia, comparando a sua contribuição com outros estudos relevantes da época ou anteriores (2.3.3). Finalmente, apresentaremos uma síntese crítica das principais reflexões e *insights* levantados ao longo da análise (2.3.4). Assim, esta secção busca explorar as variedades da língua chinesa segundo a perspetiva de Gonçalves, contextualizando a sua análise no âmbito mais amplo da sinologia europeia e destacando a relevância histórica e metodológica do seu trabalho.

2.3.1. Conceitos fundamentais sobre a variação na língua chinesa

A língua chinesa, com mais de três mil anos de história documentada, destaca-se pela continuidade e preservação ao longo dos séculos, uma característica singular entre as línguas do mundo. O sistema de escrita chinês, baseado em carateres logográficos, desempenha um papel central nesse processo de preservação. Para além de representar sons e significados específicos, os carateres contêm elementos semióticos que permanecem relativamente estáveis, mesmo diante de profundas mudanças na pronúncia, vocabulário e estrutura gramatical. Essa longevidade e estabilidade tornam o chinês escrito mais do que um simples meio de comunicação prática: o sistema da escrita funciona como um elo cultural e histórico que conecta diferentes épocas, transmitindo valores, ideias e tradições através do tempo. Assim, enquanto a língua falada se adapta e evolui com as práticas contemporâneas e as variedades regionais, a escrita chinesa mantém-se como um pilar de continuidade, refletindo a profundidade cultural e histórica da civilização chinesa.

No que diz respeito à variação estilística da escrita chinesa, dois termos são fundamentais: "文言 *wényán* 'chinês clássico'" e "白话 *báihuà* 'chinês vernacular'", os quais refletem a dualidade entre o estilo clássico e o vernacular. O primeiro termo, que se traduz literalmente como "linguagem literária"

ou "linguagem escrita", combina os morfemas "文 *wén* 'escrita' ou 'literatura'" e "言 *yán* 'linguagem'". Refere-se ao chinês clássico, um estilo reservado exclusivamente ao registo escrito e amplamente utilizado em textos literários, filosóficos e documentos oficiais desde tempos remotos. Já o segundo termo, "白话 *báihuà*", traduzido como "linguagem vernacular" ou "linguagem oral", resulta da junção de "白 *bái* 'fala'" e "话 *huà* 'palavra' ou 'linguagem'". Esse termo designa a linguagem vernacular ou coloquial que emergiu para promover a literacia popular[85] e se estabeleceu como o estilo predominante na literatura contemporânea. No contexto moderno, ambos os termos passaram a referir-se exclusivamente à linguagem escrita, normalmente combinados com o morfema "文 *wén* 'texto, escrita'" para formar os termos relacionados "文言文 *wényánwén* 'texto em chinês clássico'" e "白话文 *báihuàwén* 'texto em chinês vernacular'". Essa evolução faz ressaltar a distinção entre os registos estilísticos da escrita chinesa e a adaptação dos mesmos às mudanças sociais e culturais.

Esses dois conceitos contrastivos têm sido amplamente analisados em diversos estudos, incluindo os de Lyu (1944/1982), Zhang (1992/2014) e Jiang (2019). No entanto, os critérios de distinção entre ambos nem sempre são tão claros e intuitivos como parecem. Zhang (1992/2014, p. 262) descreve o *wenyan* como uma escrita normalizada, baseada no registo literário das dinastias Qin e Han, distinta da língua falada da época, sendo restrita ao uso formal e exclusivamente escrito; em contraste, o *baihua* refere-se à escrita fundamentada diretamente na língua falada contemporânea, refletindo, assim, a oralidade da época em que é utilizada. Por sua vez, Lyu (1944/1982, p. 77) observa que o *baihua* é uma forma de escrita coloquial, originada nas dinastias Tang e Song, que permanece acessível auditivamente para leitores modernos, embora textos mais antigos nesse estilo possam exigir conhecimento específico prévio; por outro lado, o *wenyan*, uma linguagem escrita de elevada formalidade, afasta-se do uso quotidiano, necessitando de compreensão visual, mais distante da oralidade atual. Jiang (2019, p. 7) defende que a diferença fundamental entre o *wenyan* e o *baihua* reside nos seus sistemas de vocabulário e gramática: o *wenyan* baseia-se no sistema do chinês antigo, enquanto o *baihua* segue os sistemas do chinês pré-moderno e moderno[86]. Neste trabalho aderimos a

[85] Com o "新文学运动 *Xīnwénxué Yùndòng* 'Movimento da Nova Literatura'", também conhecido como "文字革命 *Wénzì Gémìng* 'Revolução da Escrita'" e "白话文运动 *Báihuàwén Yùndòng* 'Movimento da Escrita Vernacular'", que teve início no começo do século passado e visava democratizar o conhecimento e tornar a educação mais acessível através da uniformização entre escrita e fala, intelectuais chineses como 陈独秀 *Chén Dúxiù* (1879 – 1942) e 胡适 *Hú Shì* (1891 – 1962) passaram a defender a substituição do chinês clássico pelo chinês vernacular na escrita e no ensino.

[86] A periodização da história da língua chinesa geralmente admite quatro períodos distintos: 1. Período do chinês antigo ou arcaico (上古汉语 *shànggǔ hànyǔ*): antes do século III d.C.; 2. Período do chinês médio (中古汉语 *zhōnggǔ hànyǔ*): vai do século IV ao século XII, com uma fase de transição entre os séculos XII e XIII; 3. Período do chinês pré-moderno (近代汉语 *jìndài hànyǔ*): abrange do século XIII ao século XIX, com uma transição que se estende desde a Guerra do Ópio de 1840, até ao Movimento do Quatro de Maio de 1919; 4. Período do chinês moderno (现代汉语 *xiàndài hànyǔ*): inicia-se no século XX, após o Movimento do Quatro de Maio. Essa periodização, conforme apresentada em Wang (2013, p. 35), pode variar ligeiramente quando relacionada com os estudos específicos de fonética e fonologia do chinês (ver secção 2.2).

esta última perspetiva, que sublinha a distinção estrutural entre os dois estilos literários, considerando as suas especificidades léxico-gramaticais como fundamentais para a análise.

Tanto o *wenyan* como o *baihua* passaram por várias fases de desenvolvimento. Para descrever a evolução histórica do *wenyan*, que é mais complexa devido à sua longa trajetória, Zhang (1992/2014, pp. 144–145) propõe dividir as obras escritas nesse estilo em dois grupos principais: prosa livre sem rimas e prosa ritual com rima[87]. A Tabela 27 sintetiza os percursos evolutivos do primeiro grupo, que corresponde à maior parte da produção escrita em *wenyan*.

Tabela 27 História do *Wenyan* na produção literária sem rima da língua chinesa

Período	Características	Exemplos
Pré-definitivo: Antes das dinastias Qin e Han	Linguagem arcaica: Vocabulário e gramática próprios.	甲骨文 *jiǎgǔwén* 'Escrita em ossos oraculares'; 金文 *jīnwén* 'Escrita em bronzes'; 《尚书》*Shàngshū* 'Livro dos Documentos' (c. 500 a.C.).
Definitivo: Dinastias Qin e Han	Linguagem normalizada: estabelecida como padrão de referência.	《左传》*Zuǒzhuàn* 'Crónica de Zuo' (c. 389 a.C.); 《论语》*Lúnyǔ* 'Analectos de Confúcio' (c. 475 - 221 a.C.); 《孟子》*Mèngzǐ* 'Mêncio' (c. 300 a.C.).
Imitativo: Pós-Han até o final de Qing	Imitação rigorosa do estilo literário das dinastias Qin e Han.	《全唐文》*Quán Táng Wén* 'Textos Completos da Dinastia Tang' (compilado no século X); 《资治通鉴》*Zīzhì Tōngjiàn* 'Espelho Abrangente em Auxílio da Governança' (1084); 《中说》*Zhōngshuō* 'Discurso Médio' (c. 1043); 《十三经注疏》*Shísān Jīng Zhùshū* 'Comentários e Anotações dos Treze Clássicos' (finalizado em 1292).

Fonte: Elaborada pela autora de acordo com Zhang (1992/2014, pp. 144–162).

Este quadro demonstra que o principal critério para identificar o *wenyan* é a adoção do sistema lexical e gramatical do chinês arcaico, padronizado durante as dinastias Qin e Han. Jiang (2019, p. 5) observa que os textos em *wenyan* anteriores à dinastia Qin e da dinastia Han Ocidental refletem mais de perto a língua falada da época, enquanto os documentos produzidos após a dinastia Han Oriental se afastam progressivamente da oralidade, submetendo-se a um conjunto de normas textuais rigorosamente regulamentadas com base no padrão de referência anteriormente estabelecido. Apesar dessa progressiva desconexão em relação à linguagem quotidiana, todos esses textos partilham uma base lexical e gramatical consistente, consolidando o *wenyan* como uma escrita formal e altamente uniformizada.

Quanto à literatura rimada, Zhang (1992/2014, pp. 163–178) propõe uma categorização tripartida, organizada em ordem decrescente de produtividade: "诗 *shī* 'poesia'", "词 *cí* 'verso lírico'"

[87] Segundo Zhang (1992/2014, pp. 144–145), o primeiro grupo é designado como o fluxo principal e abrange a prosa sem rima utilizada principalmente para questões práticas e administrativas. Esse tipo de prosa livre, associado ao quotidiano, teve uma alta produção e foi essencial para registos não artísticos, distinguindo-se da prosa rimada em forma e função. O segundo grupo, visto como secundário, inclui textos rimados e cantados, ligados a rituais e à expressão artística, como hinos e poesia, com função cerimonial ou de entretenimento, e, portanto, menos frequentes que a prosa de uso utilitário.

e "赋 *fù* 'ensaio rimado'"[88]. Essa classificação reflete a diversidade estilística e funcional da produção literária em *wenyan*, destacando as diferentes trajetórias históricas e culturais de cada categoria. A Tabela 28 apresenta uma visão geral do desenvolvimento histórico dessas formas literárias, mostrando como cada uma delas se adaptou e evoluiu em resposta às mudanças estéticas, sociais e políticas ao longo das dinastias chinesas.

Tabela 28 História do *wényán* em produções literárias com rima da língua chinesa

Categoria	Período	Características	Exemplos
诗 *shī* 'poesia'	Pré-Qin	Poesia tradicional chinesa, composta por versos rimados e estruturados com foco em temas sociais e naturais, caracterizando-se pela simplicidade e regularidade métrica.	《诗经》*Shījīng* 'Clássico das Odes' 《楚辞》*Chǔcí* 'Versos de Chu'
	Han Ocidental a pré-Tang	Refere-se tanto a poemas designados "乐府 *yuèfǔ* '[canções coligidas pelo] Departamento de Música'" como aos chamados "古诗 *gǔshī* 'poesia antiga'". Inclui tanto canções populares coligidas como criações literárias de intelectuais que imitavam o estilo popular. Caracteriza-se por um estilo direto e simples, refletindo o folclore, com temas populares e do quotidiano.	《乐志》*Yuè Zhì* 'Registos da Música' 李白《子夜吴歌》*Zǐyè Wú Gē* 'Canção da meia-noite em Wu', de Li Bai 杜甫《羌村三首》*Qiāng Cūn Sān Shǒu* 'Três poemas da aldeia Qiang', de Du Fu 白居易《长恨歌》《琵琶行》*Cháng Hèn Gē* 'Canção da dor eterna' e *Pípá Xíng* 'Canção do *Pipa*', de Bai Juyi 吴伟业《永和宫词》*Yǒnghé Gōng Cí* 'Poema do Palácio Yonghe', de Wu Weiye
	Tang	Refere-se a "近体诗 *jìntǐshī* 'poesia moderna'": Estrutura formal e métrica rigorosa, com padrões fixos. Inclui: "律诗 *lǜshī* 'poesia regulada'": com oito versos, incluindo a exigência de rimas e alternância tonal entre versos. "绝句 *juéjù* 'quadras'": forma breve e condensada com quatro versos, abordando temas líricos e sentimentais.	杜甫《登高》*Dēng Gāo* 'Subir a grande altura', de Du Fu 陶渊明《饮酒》*Yǐn Jiǔ* 'Beber aguardente', de Tao Yuanming 李商隐《隋宫》*Suí Guān* 'Oficial de Sui', de Li Shangyin
词 *cí* 'verso lírico'	Tang a Cinco Dinastias	Poesia lírica ajustada a diferentes melodias, com grande variedade de formas e estruturas, adaptada ao estilo da música de época.	赵崇祚《花间集》*Huā Jiān Jí* 'Coleção entre as flores', de Zhao Chongzuo
	Song	Continuou a evoluir e se diversificar, consolidando-se com a criação de estilos pessoais.	唐圭璋《全宋词》*Quán Sòng Cí* 'Compêndio completo da lírica Song', de Tang Guizhang
	Pós-Song	Deixou de ser usado como verso lírico, mas, tal como a poesia, continuou a ser imitado por escritores ao longo das dinastias	陈乃乾《清名家词》*Qīng Míngjiā Cí* 'Lírica dos mestres da dinastia Qing', de Chen Naiqian

[88] Segundo o autor, o "曲 *qǔ* 'canção'" foi excluído da classificação como forma de *wényán* devido à sua natureza híbrida e à utilização de linguagem acessível ao público em geral, contendo elementos de *báihuà*. Com o tempo, este estilo rimado misturou-se também com traços do "词 *cí* 'verso lírico'" e do próprio *wényán*, dificultando a sua categorização como estilo puramente clássico e justificando assim a sua exclusão.

		subsequentes, tendo atingido o auge durante a dinastia Qing.	
赋 *fù* 'ensaio rimado'	Pré-Qin	Destacava-se pela sua brevidade, conteúdo exagerado e forma rimada, refletindo um caráter ornamental e retórico que era popular especialmente entre o público intelectual.	《成相篇》*Chéng Xiàng Piān* 'Capítulo de Cheng Xiang' 《赋篇》*Fù Piān* 'Capítulo do Fu'
	Han	"古赋 *gǔfù* 'ensaios antigos'": Longos ensaios rimados, altamente descritivos e decorativos, com complexas figuras de retórica.	萧统《文选》*Wén Xuǎn* 'Antologia literária', de Xiao Tong
	Seis dinastias	"骈赋 *piánfù* 'ensaios paralelísticos'": Ensaios rigorosamente estruturados, com pares de frases paralelas e rimadas, destacando-se pelo estilo formal e ornamentado típico.	庾信《哀江南赋》*Āi Jiāngnán Fù* 'Rapsódia de lamentação por Jiangnan', de Yu Xin
	Desde Tang	"律赋 *lǜfù* 'ensaios regulados'": Composição rígida que passou a integrar os exames imperiais após a dinastia Tang, exigindo precisão métrica e tonal. "文赋 *wénfù* 'ensaios literários'": Uma forma mais livre e expressiva, destinada à reflexão e à expressão de sentimentos pessoais, muitas vezes sem as restrições de métrica rígida.	苏轼《赤壁赋》*Chìbì Fù* 'Rapsódia da Falésia Vermelha', de Su Shi

Fonte: Elaborada pela autora de acordo com Zhang (1992/2014, pp. 163–178).

A evolução da produção literária rimada no estilo *wenyan* reflete a interação dinâmica entre a tradição e a inovação na literatura chinesa. A primeira categoria evoluiu de formas simples e direta no período pré-Qin para estruturas altamente formalizadas durante a dinastia Tang, como a poesia regulada e as quadras, consolidando-se como uma das expressões literárias mais influentes. A segunda classe, inicialmente associada à Música, floresceu na dinastia Song, caracterizando-se por estilos pessoais e diversidade estrutural, mas posteriormente perdeu a sua vitalidade, permanecendo como um modelo imitado em dinastias subsequentes. Já o último grupo, com origem em textos ornamentais e retóricos, adaptou-se às demandas culturais e educacionais, resultando em subgéneros como os ensaios paralelísticos e regulados. Apesar das diferenças na forma, função e evolução, todas essas produções literárias compartilham um ponto em comum fundamental: a sua expressão no estilo *wenyan*, destacando-se como manifestações distintas, mas interligadas, da tradição literária formal e erudita da língua chinesa.

No contexto da história do *baihua*, Lyu (1944/1982, p. 77) descreve-o como uma "escrita coloquial" que emergiu durante as dinastias Tang e Song, refletindo e aproximando-se do registo oral da época. Este estilo literário tornava os textos acessíveis e compreensíveis para o público contemporâneo a que se destinavam. Zhang (1992/2014, p. 229) propõe uma divisão em três etapas principais para a evolução do *baihua*: inicialmente, este estilo era subordinado ao *wenyan*, aparecendo apenas em canções e textos informais; durante o período entre as dinastias Tang e Qing, o *baihua* ganha maior independência, sendo amplamente utilizado em romances, teatro e outros géneros populares, até se

consolidar como um meio literário autónomo; finalmente, com o Movimento do Quatro de Maio, o *baihua* torna-se no principal meio de escrita na educação e na literatura, enquanto o *wenyan* assume um papel mais restrito como referência histórica. Acompanhando as transformações das línguas vivas, especialmente na oralidade, o *baihua* passou por várias mudanças ao longo do tempo, adaptando-se à evolução linguística desde o período pré-moderno até à contemporaneidade e consolidando-se como uma forma escrita em constante renovação.

Conforme discutido anteriormente, tanto o *wenyan* como o *baihua* pertencem exclusivamente ao registo escrito da língua chinesa, sendo cada um regido por normas lexicais e gramaticais distintas. Em contraste, o registo oral é representado por dois conceitos principais: "通用语 *tōngyòngyǔ*i 'fala comum' ou 'língua franca'" e "方言 *fāngyán* 'dialeto'". O primeiro refere-se a uma forma padronizada de língua falada, desenvolvida para facilitar a comunicação entre diferentes regiões e grupos sociais, promovendo a intercomunicação tanto em contextos oficiais como informais. Historicamente, a fala comum surgiu como uma solução para superar as barreiras linguísticas criadas pelos diversos dialetos regionais. Por outro lado, *fangyan* designa a variação diatópica, caracterizada por diferenças no vocabulário, na pronúncia e na gramática, refletindo a identidade cultural e linguística de cada localidade. Esses dialetos são geralmente compreendidos principalmente pelos habitantes locais e desempenham um papel significativo na preservação das tradições regionais. A Tabela 29 apresenta uma síntese do desenvolvimento histórico das designações para a língua chinesa comum, destacando os esforços ao longo dos séculos para padronizar e unificar a comunicação oral no vasto território chinês.

Tabela 29 Designações históricas da língua comum da nação chinesa

Período	Designação
Pré-Qin	雅言 *yǎ yán* 'língua elegante
Dinastia Han Ocidental	通语 *tōng yǔ* 'língua comum'
Dinastias Han Oriental, Wei e Jin	洛生咏 *Luòshēng yǒng* 'canto de Luoyang', 洛语 *Luò yǔ* 'fala de Luoyang' ou 晋语 *Jìn yǔ* 'fala de Shanxi'
Dinastias do Norte e do Sul	北语 *Běi yǔ* 'fala do Norte' ou 吴音 *Wú yīn* 'pronúncia dos dialetos *Wu*'
Dinastias Sui e Tang	汉音 *Hàn yīn* 'pronúncia da etnia Han' ou 秦音 *Qín yīn* 'pronúncia de *Qin*'
Dinastias Song e Yuan	正音 *zhèng yīn* 'pronúncia correta' ou 雅音 *yǎ yīn* 'pronúncia elegante'
Dinastias Ming e Qing	官话 *guān huà* 'língua oficial' ou 官音 *guān yīn* 'pronúncia oficial'

Fonte: Elaborada pela autora de acordo com Xu (2007, p. 217).

Essa evolução nas designações reflete como a língua chinesa comum se adaptou ao longo dos séculos às transformações políticas, geográficas e culturais de cada período. Inicialmente associada ao prestígio cultural e literário, a língua foi gradualmente assumindo o papel de língua franca, facilitando a comunicação entre diversas regiões e grupos sociais, até se consolidar como a língua oficial do governo,

abrangendo a diversidade linguística do território chinês sob uma norma única, amplamente reconhecida e funcional.

Nos tempos recentes, três termos têm sido amplamente utilizados para designar a língua comum do povo chinês: "官话 *guānhuà* 'língua oficial'", "国语 *guóyǔ* 'língua nacional'" e "普通话 *pǔtōnghuà* 'língua comum'" (cf. Xu, 2007, pp. 218–220). O primeiro termo, *guanhua*, remonta à burocracia imperial, referindo-se à língua utilizada pelos funcionários do governo, com base principalmente no dialeto do Norte da China, promovida durante as dinastias Ming e Qing como uma língua franca para facilitar a comunicação entre as diversas regiões do império. O segundo, *guoyu*, emerge no final do período imperial e início da era republicana, com a finalidade de consolidar uma língua padrão que reforçasse a identidade nacional e promovesse a unidade linguística num contexto de modernização. Por fim, o *putonghua*, oficialmente adotado em 1955, estabelece-se como o padrão linguístico contemporâneo da China, com fundamento na pronúncia de Pequim e projetado para uniformizar a educação e a comunicação à escala nacional. Esses três termos, cada um marcando uma fase distinta na história sociolinguística chinesa, refletem uma oposição sistemática aos dialetos regionais e a busca contínua de uma língua unificada que facilite a comunicação e fortaleça a coesão cultural e política no vasto território chinês.

Em resumo, as relações terminológicas analisadas permitem sintetizar a variação entre os registos escrito e oral da língua chinesa, conforme se apresenta na Tabela 30.

Tabela 30 Resumo da variação escrita e oral da língua chinesa

Registo	Categoria	Definição
Escrita	文言 *wényán*	Chinês clássico: estilo literário do registo escrito que segue o sistema lexical e gramatical do chinês antigo, utilizado em textos formais e históricos.
	白话 *báihuà*	Chinês vernacular: estilo escrito que se aproxima da linguagem falada, baseando-se no sistema lexical e gramatical do chinês pré-moderno e moderno, predominante na literatura popular.
Oral	通用语 *tōngyòngyǔ*	Fala comum ou língua franca: forma padronizada de comunicação oral adotada para facilitar o entendimento entre diferentes regiões e grupos sociais.
	方言 *fāngyán*	Dialetos locais: variedades regionais da língua chinesa, com vocabulário, pronúncia e gramática próprios, predominantemente compreendidos pelos habitantes das respetivas regiões.

Fonte: Elaborada pela autora.

No registo escrito, encontramos o contraste entre *wenyan* (chinês clássico) e *baihua* (chinês vernacular). O *wenyan* é uma variedade escrita formal e altamente codificada, com estabilidade histórica, sendo fundamental para textos literários e documentos oficiais. Em contrapartida, o *baihua* oferece uma abordagem mais acessível, aproximando-se da oralidade e refletindo o uso coloquial da língua em diferentes períodos históricos. Já no registo oral, destacam-se o *tongyongyu* (língua franca) e os *fangyan* (dialetos locais). O *tongyongyu* do século XIX, época em que viveu Joaquim Gonçalves, era conhecido

como *guanhua* (língua oficial), uma variante oral padronizada que facilitava a comunicação entre diferentes regiões do império chinês e era amplamente utilizada na administração burocrática. Enquanto o *tongyongyu* desempenha um papel unificador em contextos oficiais e informais, os *fangyan* preservam as características linguísticas regionais, enriquecendo a diversidade cultural e linguística da China, mas restringindo a compreensão aos habitantes locais. Esta distinção evidencia não apenas as diferentes funções dos registos da língua chinesa, mas também como cada um contribui para a preservação da identidade cultural e para a comunicação, num país linguística e culturalmente diverso.

2.3.2. O contraste entre "vulgar" e "sublime" no método de Joaquim Gonçalves

Após explorar as distinções entre fala e escrita na língua chinesa, com atenção às suas variedades estilísticas e regionais, podemos agora examinar como aborda Joaquim Gonçalves essas relações no contexto do seu método de ensino-aprendizagem do chinês no século XIX. Em particular, analisaremos o uso contrastivo dos adjetivos "vulgar" e "sublime" na *Arte China*, que aparecem recorrentemente e de forma estratégica ao longo da obra. Esses termos, utilizados por Gonçalves em contraste direto, não apenas refletem um entendimento sobre as hierarquias linguísticas e sociais da época, mas também desempenham um papel fundamental na organização e no foco do seu método didático.

O termo "sublime" surge pela primeira vez no prólogo da *Arte China*, mais especificamente na secção das "Abreviaturas, e Signaes", referente ao símbolo "O", posicionado do lado esquerdo da letra para indicar que o seu uso é exclusivo do estilo sublime. Em contrapartida, o adjetivo "vulgar" aparece inicialmente nas advertências do *Alphabeto*, para esclarecer casos em que um caráter chinês é acompanhado de dois sons mas apenas um sentido, representando o segundo a leitura no estilo vulgar, geralmente omitido nos dicionários indígenas (cf. Gonçalves, 1829a, p. V). Os adjetivos "vulgar" e "sublime" reaparecem em contraste no título do segundo capítulo da mesma obra, "Frases vulgares e sublimes". Na segunda advertência do início deste segundo capítulo, Gonçalves faz a seguinte observação, importante para a interpretação dos dois termos: "Quem quizer somente applicar-se a fallar, poderá sem inconveniente passar em claro as Frases sublimes" (Gonçalves, 1829a, p. 89). Esta declaração evidencia a relação funcional que o autor estabelece entre os dois estilos: o "vulgar" é claramente vinculado à oralidade e à comunicação prática, enquanto o "sublime" é associado à escrita e à erudição. Assim, Gonçalves sugere uma divisão pragmática, em que o estilo "vulgar" é suficiente para os que buscam competência oral, enquanto o estilo "sublime" é indispensável para os interessados na escrita formal e no estudo profundo da literatura e cultura chinesas.

No prólogo do terceiro capítulo, *Grammatica*, a distinção entre os dois estilos volta a ser enfatizada:

> Sendo indispensável, que o Estudante aprenda os dois estilos de fallar, e escrever, e sendo geralmente as regras as mesmas, na Grammatica, posta a regra, ponho cada exemplo nos dois estilos, com o que abreviei, e com huma vista se nota facilmente a differença delles, e quando se naõ virem dois estilos correspondendo a huma palavra, ou sentença Portugueza, he porque a letra, ou frase he cõmum a ambos, excepto nos Exercicios de Syntaxe, que saõ inteiramente em estilo sublime. (Gonçalves, 1829a, página não numerada entre pp. 127–128)

Essa anotação de Gonçalves sublinha a importância atribuída ao estudo dos dois registos distintos da língua chinesa — a fala e a escrita. Ao colocar exemplos nos dois estilos após cada regra gramatical, Gonçalves proporciona uma visão contrastiva que permite ao estudante identificar de imediato as diferenças entre o chinês "vulgar" (falado) e o "sublime" (escrito). No último parágrafo deste prólogo, essa distinção é reforçada:

> Ainda que procurei incluir todos os torneios mais avessos a nossa lingua na Grammatica, foi necessario para o exercicio do estilo vulgar multiplicar os dialogos, pela falta de livros neste estilo, e para a intelligecia do sublime, dar noticia da Historia, e differente Composições Chinas. (Gonçalves, 1829a, página não numerada entre pp. 127–128)

Neste excerto, Gonçalves reforça a distinção entre o "estilo vulgar", correspondente à língua falada, e o "estilo sublime", relacionado com o registo escrito do chinês. Para suprir a carência de recursos escritos no estilo vulgar, o docente incluiu um capítulo exclusivo de *Diálogos* (capítulo cinco), focado em expressões do quotidiano. Em contraste, a compreensão do estilo sublime exigiu a elaboração de capítulos voltados para temas históricos e literários, evidenciando a intenção do padre lazarista de proporcionar uma base sólida tanto para a comunicação oral como para a apreciação da literatura clássica e da escrita formal chinesa.

Para compreender melhor o alcance qualitativo dos dois termos, examinemos também o uso dos adjetivos "vulgar" e "sublime" em exemplos bilingues destacados na *Arte China*, conforme transcritos em (1):

(1) a. O vulgo naõ chega a isto; [isto naõ he vulgar.]
平常人不能這樣 [*Píng cháng rén bù néng zhè yàng*]]△非夷所及 [*Fēi yí suǒ jí*] (Gonçalves, 1829a, p. 144)[89]
Plano normal pessoa NEG poder DEM.PROX forma△NEG estranho que chegar
'O vulgo não consegue assim.△ Os estranhos não conseguem chegar.'

b. Aos homens vulgares naõ se pode communicar a claridade sublime.
凡夫俗子不能通交神明 [*Fán fū sú zǐ bù néng tōng jiāo shén míng*]
俗子凡夫不能交通神明 [*Sú zǐ fán fū bù néng jiāo tōng shén míng*]
(Gonçalves, 1829a, p. 200)[90]
Comum homem vulgar pessoa NEG poder comunicar entregar divino clareza
Vulgar pessoa comum homem NEG poder entregar comunicar divino clareza
'Pessoas vulgares não podem comunicar-se com o divino.'

[89] Na última secção do terceiro capítulo, dedicada aos verbos difíceis e chinismos.
[90] Na segunda secção dos exercícios de sintaxe, sob a designação de "a mesma sentença com deversa posição".

c. ...sendo a pobreza vulgar, e natural mesmo ao letrado, he escusado fallar na dele.

貧乃士之常、習而成自然者也何足道哉 [*Pín nǎi shì zhī cháng, xí ér chéng zì rán zhě yě hé zú dào zāi*] (Gonçalves, 1829a, p. 404)[91]

Pobreza PTC erudito PTC normal, habituar e tornar natural PTC PTC que suficiente mencionar PTC
'Sendo a pobreza comum entre os estudiosos, com tempo, torna-se natural para eles. Que vale a pena mencionar isso?'

d. O assumpto exquisito naõ se faça vulgar pelo estilo.

題雅不可令俗 [*Tí yǎ bù kě lìng sú*] (Gonçalves, 1829a, p. 428)[92]

Tema elegante NEG poder fazer vulgar
'Um tema elegante não pode ser feito vulgar.'

No exemplo (b), observamos que os adjetivos portugueses "vulgar" e "sublime" aparecem em contraste, mesmo fora do contexto metalinguístico, correspondendo respetivamente aos adjetivos chineses "凡 *fán* 'comum, ordinário'" ou "俗 *sú* 'popular, vulgar'" e "神 *shén* 'divino, sublime'". Nos exemplos restantes, o termo "vulgar" dispõe de uma variedade de equivalentes em chinês, como "平常 *píng cháng* 'normal, comum'", "常 *cháng* 'normal, habitual'" e "俗 *sú* 'vulgar, popular'". Dessa forma, podemos afirmar que "vulgar" é associado ao caráter popular ou ordinário, enquanto "sublime" é prestigiado como algo imponente ou de natureza elevada.

Além de *Arte China*, o título completo do segundo elemento da trilogia de Gonçalves para o ensino-aprendizagem do chinês, *Diccionario Portuguez-China no Estilo Vulgar Mandarim e Clássico Geral*, também esclarece a sua conceção sobre a distinção entre os estilos "vulgar" e "sublime": o primeiro termo refere-se, por defeito, à variedade coloquial do mandarim, em contraste com outras variedades dialetais igualmente comuns na época, sobretudo na sua região de atividade; o segundo designa o estilo clássico geral, sem discriminar as variedades diacrónicas, incluindo não apenas o chinês clássico confuciano, mas também posteriores imitações desse estilo canónico. Embora não pareça fazer distinção entre os estilos clássicos que se tinham vindo a modificar desde a altura de Confúcio até à dinastia Qing, como se evidenciará na subsecção subsequente (2.3.3), o autor demonstra consciência da diversidade de estilos literários então vigentes, reconhecendo implicitamente a riqueza e complexidade do panorama linguístico e literário.

Em conclusão, o contraste entre "vulgar" e "sublime" no método gramatical de Joaquim Gonçalves vai além de uma simples distinção entre os registos oral e escrito da língua chinesa; esta abordagem reflete uma compreensão sofisticada dos níveis de formalidade e do prestígio linguístico inerentes ao

[91] Na terceira secção "Allusões à História, e Fabula" do sétimo capítulo, *Historia, e Fabula*.
[92] Nas "Regras de Compor" do oitavo capítulo, *Composições Chinas*.

contexto cultural e literário da época. Essa dualidade, que associa o "vulgar" à funcionalidade prática e quotidiana da fala, e o "sublime" à sofisticação e ao prestígio da escrita erudita, reflete não apenas uma análise cuidadosa das variedades linguísticas da tradição chinesa, mas também uma adaptação pedagógica que facilita a aprendizagem integrada da língua. Ao articular essa distinção, Gonçalves alinha-se com as variedades e variação estilísticas e diatópicas da língua chinesa previamente discutidas, demonstrando sensibilidade tanto com respeito à oralidade como relativamente à riqueza histórica e cultural da escrita. A sua abordagem permite que o estudante explore tanto os usos pragmáticos e quotidianos da língua falada como as formas mais elevadas e formais da literatura chinesa, promovendo uma compreensão abrangente e equilibrada da língua.

2.3.3. A abordagem de Joaquim Gonçalves na história da sinologia europeia

Examinada a distinção entre os termos "sublime" e "vulgar" na obra de Joaquim Gonçalves, passemos agora a situar essa abordagem no contexto mais amplo da sinologia europeia, investigando como o método de Gonçalves reflete e enriquece a compreensão ocidental do chinês no século XIX. Esta secção tem como objetivo enquadrar a visão deste sinólogo português num panorama seletivo da sinologia ocidental, identificando e caracterizando, numa perspetiva diacrónica, os dois estilos de língua que ele explorou e ensinou.

De acordo com um estudo comparativo sobre as perceções de sinólogos ocidentais, sobretudo missionários, entre os séculos XVI e XIX, a divergência entre a fala e a escrita foi imediatamente observada pelos primeiros estudiosos (cf. Uchida, 2010, pp. 201–202). À medida que o conhecimento linguístico se aprofundou, essa distinção foi sendo detalhada de modo crescente. A Tabela 31 sintetiza as diferentes perspetivas das figuras e obras listadas em Uchida (2010), no âmbito dessa relação entre estilos e registos na língua chinesa.

Tabela 31 Síntese das visões sinológicas sobre os estilos da língua chinesa

Autor	Designação dos estilos	Tipo
Juan G. de Mendoza (1545-1618) (vd. Mendoza, 1585, p. 104)	*Lengua escrita* **vs.** *Lengua hablada*	1v1
Matteo Ricci (1552-1610) (vd. Ricci & Trigault, 1615, p. 25)	*Ratio scribendi* **vs.** *Ratio Loquendi (idioma vulgatus: sermo vernaculus cuique Prouinciae; sermo vniuerso regno communis "Quonhoa")*	1v2
Alvaro Semedo (1585-1658) (vd. Semedo, 1642/1994, p. 75)	Escrita **vs.** Conversa vulgar (Idioma próprio de cada região; Língua de mandarins "*quonhoa*")	1v1
Francisco Varo (1627-1687) (vd. Varo, 1703, p. 2)	*Alto y elegante (letrados)* **vs.** *Medio (la maior parte)* **vs.** *Tosco y grosero (mugeres e aldeanos)*	1v1v1
Joseph Prémare (1666-1736) (vd. Premare, 1724/1819, p. 467)	*Langage des livres* **vs.** *Langage des honnêtes gens* **vs.** *Langage du peuple*	1v1v1

Chrétien de Guignes (1759-1845) (vd. Guignes, 1807, p. 11)	Ø **vs. "**Kouan-hroa" *(la langue mandarine et des lettrés)*; "Shiang-tan" *(patois/langage du peuple)*	Øv2
Robert Morrison (1782-1834) (vd. Milne, 1820, p. 89)	*High (classical) style* **vs.** *Middle (between the two) style* **vs.** *Low (colloquial) style*	1v1v1
Jean P. A. Rémusat (1788-1832) (vd. Rémusat, 1822, pp. 35–36)	"Koù wên" *(style antique)* **vs.** "Wên tchhâng" (*style littéraire)* **vs.** "Kouân hoá" (*langue des magistrats/langue mandarinique)*	1v1v1
Robert Thom (1807-1846) (vd. Thom, 1840, pp. VI–VIII)	*Written Language (ancient literature; modern literature)* **vs.** *Spoken Language (Mandarine Language; local dialects)*	2v2
Antoine P. L. Bazin (1799-1862) (vd. Bazin, 1845, pp. 5–6)	"Wen-tze" *(langue savante et idiome factice)* **vs.** "Kouan-hoa" *(langue naturelle)* **vs.** "Hiang-tan" *(les patois)*	1v1v1
Thomas T. Meadows (1815-1868) (vd. Meadows, 1847, pp. 19–20)	*Written Chinese (Ancient style; Literary style; Business style; Familiar style)* **vs.** *Colloquial Chinese*	4v1
Friedrich Hirth (1845-1927) (vd. Hirth, 1888, pp. 1–2)	*Ancient written style* **vs.** *Documentary language (business style)* **vs.** *Modern colloquial style*	1v1v1
Calvin W. Mateer (1836-1908) (vd. Mateer, 1892, pp. ii–iii)	*Language of books* **vs.** *Mixture of high Mandarin and of expressions taken from books* **vs.** *Spoken language (general Mandarin)*	1v1v1

Fonte: Adaptada de Uchida (2010), recorrendo às fontes bibliográficas originais de cada obra dos autores por este referidos.
Nota. Os autores foram reorganizados de acordo com a data de publicação da primeira edição das fontes citadas.

Neste quadro, as diferentes perspetivas dividem-se principalmente em dois grupos: a divisão dicotómica e a divisão tricotómica. No primeiro grupo, a diferença essencial reside na distinção entre escrita e fala, com subdivisões mais específicas em cada uma. No segundo grupo, uma zona de transição, com características de ambas, situa-se entre a escrita e a fala. A mistura dos dois estilos resulta da variação diacrónica da língua chinesa, refletindo a discrepância entre a escrita refinada da literatura clássica e o estilo popular de cada época. Observa-se uma tendência de crescente detalhamento entre os autores citados, especialmente na especificação interna dos estilos de escrita e fala.

A visão de Gonçalves encaixa-se claramente no primeiro grupo, em consonância com os primeiros missionários sinólogos. No âmbito da escrita, Gonçalves observa que as "letras Chinas" (ou seja, os carateres chineses) têm uso comum em todo o império chinês, ao passo que a pronúncia varia conforme os dialetos locais, que ele reduz a três: *Mandarino*, de *Fokien* e de *Cantão*. Entre estes, o sinólogo português considera o primeiro o mais universal, sendo amplamente utilizado pela população culta em todo o país e pelo público em geral nas províncias do Norte e Oeste. Esta variante, designada por Gonçalves como "Mandarim", corresponde etimologicamente ao termo português "mandar"[93], em alusão aos "mandarins", oficiais do governo imperial, que usavam essa forma padronizada de fala conhecida

[93] Segundo Bluteau (1716, pp. 284–285), o termo "Mandarim", com originem no português "mandar", era usado para designar a nobreza e os oficiais administrativos da China, conhecidos em chinês com "quoan", significando 'governar' ou 'administrar'. Esses oficiais eram organizados em diversas hierarquias, cada uma com diferentes classes, insígnias e funções, destacando-se os mandarins de letras, responsáveis pela justiça e administração civil, e os de armas, que comandavam as forças militares. Diferentemente dos títulos nobiliárquicos europeus, como duques ou condes, os mandarins eram classificados unicamente pela sua função administrativa, ostentando vestes com dragões como símbolo de autoridade. Reverenciados pela população, que se ajoelhava à sua passagem, detinham amplos poderes, incluindo a aplicação de punições severas, como açoites. Representavam a máxima dignidade a que um letrado chinês poderia aspirar, simbolizando não apenas o governo centralizado, mas também o prestígio e a ordem cultural do império chinês, tal como interpretado pelos portugueses. Sobre as entradas e equivalentes relativos aos mandarins num dicionário de português-chinês inédito do século XVIII vejam-se os artigos de Barros, Ng Cen e Wang (2024, 2025).

como *guanhua* (língua oficial, ou língua dos oficiais). Em termos didáticos, esta variante é também a mais acessível no tocante à pronúncia, dada a sua semelhança com a língua materna dos falantes de português, por não possuir o tom entrante (Gonçalves, 1829a, pp. III-IV). Assim, além de sustentar a distinção entre os estilos de escrita e de fala, Gonçalves subdivide a oralidade em variante de circulação comum e dialetos regionais, estabelecendo um paralelo direto com a divisão entre o *tongyongyu* (língua franca) e os *fangyan* (dialetos locais) da tradição linguística chinesa, conforme discutido anteriormente.

Em relação ao estilo da fala, conforme indicado pelo próprio autor e apontado em estudos sobre Gonçalves, como os de Uchida (2011b) e Wang (2019), o estilo coloquial ensinado nas suas obras corresponde ao mandarim do Norte, com destaque especial para o dialeto de Pequim. Já em relação ao estilo da escrita, os exemplos do estilo sublime apresentados no segundo e quarto capítulos da *Arte China* incluem tanto citações de obras clássicas como excertos de literatura popular da sua época[94]. Uma análise preliminar desses exemplos[95] revela que o estilo sublime ensinado por Gonçalves abrange tanto o estilo literário antigo (isto é, o *wenyan*) como o estilo literário pré-moderno (isto é, o *baihua*), sem estabelecer uma distinção rígida entre os dois estilos.

No capítulo VIII da *Arte China*, intitulado "Composições Chinas", Gonçalves organiza os textos chineses em duas categorias principais: orações "Antiga ou Solta" e orações "Moderna ou Periódica", observando que as regras do estilo antigo são amplamente aplicáveis ao estilo moderno (cf. Gonçalves, 1829a, p. 422). Para o sinólogo português, os estilos da escrita podem ser subdivididos, ao menos, em dois grupos distintos: o antigo e o moderno, absorvendo o estilo moderno as normas do estilo antigo e incorporando normas próprias. Nas segunda e terceira secções do mesmo capítulo, o sinólogo apresenta as designações chinesas correspondentes a cada categoria, além de um conjunto de exemplos representativos, conforme mostrado na Tabela 32.

Tabela 32 Estilos literários da língua chinesa na perspetiva de Joaquim Gonçalves

Categoria	Exemplos textuais	Período
Orações soltas ou antigas 古文 [*gǔwén* 'texto antigo']	O Fidalgo *Choam* do reino *Cham* instrue [bem] os empregados das conquistas. *ÇOO-CHOAN* 《鄭莊公戒飭守臣》[*Zhèng Zhuānggōng Jièchì Shǒuchén*]《左傳》[*Zuǒzhuàn*]	século IV a.C
	Exposição de dez reflexões admoestando o imperador *T'ai-çum. VEI-CHAM* 《諫太宗十思疏》[*Jiàn Tàizōng Shí Sī Shū*] 魏徵 [Wèi Zhēng]	629 d. C

[94] Devido a limitações de espaço, as citações de Gonçalves não serão aqui inventariadas. No entanto, a dissertação de mestrado de Tao Yang (2013), que apresenta a primeira tentativa de investigar as fontes utilizadas por Joaquim Gonçalves, também destaca a diversidade das referências e materiais escritos consultados pelo sinólogo português, reforçando a heterogeneidade das suas fontes.

[95] Com recurso aos critérios de distinção entre o estilo clássico, o estilo vernacular e o estilo coloquial propostos por Yakhontov (1969/1986) — que classifica as 25 "partículas sublimes" em três grupos correspondentes a esses estilos —, e complementados pela análise de Uchida (2010) com a inclusão de mecanismos linguísticos próprios do estilo vernáculo do chinês pré-moderno. Aqui, a designação "partícula sublime" é usada pelo padre Joaquim Gonçalves para se referir a um grupo de palavras funcionais reservadas ao estilo clássico do chinês escrito, comummente conhecidas como "虛字 *xūzì*" ou "palavras vazias" (ver subsecção 2.4.2.4).

	Descripção do Banquete da primavera, no Pomar dos pecegeiros, e abrunheiros. *LI-PO* 《春夜宴桃李園序》[*Chūn Yè Yàn Táo Lǐ Yuán Xù*] 李白 [Lǐ Bái]	742 d. C
	Quarta Oração Solta. Epitaphio de *Ki-çu*. Por *LEU-ÇUM-IUEN* 《箕子碑》[*Jīzǐ Bēi*] 柳宗元 [*Liǔ Zōngyuán*]	819 d. C
Orações periódicas ou modernas 文章 [*wénzhāng* 'ensaio']	*Estando os pais vivos, naõ viajes longe.* Confucio. *TAI-VEM* 《父母在不遠游》[*Fùmǔ Zài Bù Yuǎn Yóu*] 戴文 [*Dài Wén*]	Possivelmente durante Ming e Qing
	Não resistas ao marido. Mom-çu. *IU-CHAM-CH'AM* 《無違夫子》[*Wú Wéi Fūzǐ*] 俞長城 [*Yú Chángchéng*]	
	A Lei não se observa, subo para hum bote, vou para o mar. Confucio. 《道不行乘桴浮於海》[*Dào Bù Xíng Chéng Fú Fú Yú Hǎi*]	
	P-li-hi não admostou, conheceo, que o fidalgo de lu era incorrigível, e retirou-se para Ch'im. Mom-çu. *XE-XAM-CHO* 《百里奚不諫知虞公之不可諫而去之秦》[*Bǎilǐ Xī Bù Jiàn Zhī Yú Gōng Zhī Bù Kě Jiàn Ér Qù Zhī Qín*] 史尚輸 [*Shǐ Shàngzhé*]	

Fonte: Elaborada pela autora com base nos títulos extraídos das segunda e terceira secções do oitavo capítulo da *Arte China*.
Nota. As informações entre parênteses retos foram acrescentadas pela autora, com exceção do advérbio "bem", que se encontra no título da primeira obra literária e segue a impressão original.

Os quatro textos usados como exemplos da primeira categoria, "orações soltas ou antigas", cobrem um amplo espaço temporal, desde o período pré-Qin até perto do final da dinastia Tang. Portanto, o primeiro grupo corresponde a textos escritos em *wényán* dos períodos pré-definitivo e definitivo e ainda da primeira parte do período imitativo (ver Tabela 27), estendendo-se até ao final da dinastia Tang. Em contraste, os textos da segunda categoria, "orações periódicas ou modernas", são mais difíceis de datar com precisão, uma vez que refletem em grande parte reinterpretações posteriores de temas clássicos, como os Analectos de Confúcio e Mêncio.

Para melhor entender a natureza das orações periódicas ou modernas, a introdução da terceira secção do oitavo capítulo fornece pistas valiosas:

> A Oraçaõ Periodica, segundo a verdadeira regra, deve constar de quatro pares [de] períodos correspondentes, que fazem o total de oito períodos; (alem do exordio, e conclusaõ); se bem que as vezes saõ menos, outras mais, e outras alguns períodos naõ tem correspondente, o que aindaque naõ he conforme a legitima regra, se permitte: quanto a oraçaõ total, ella constara de 700 letras, ou de menos, mas naõ de mais. (Gonçalves, 1829a, p. 437)

Esta descrição mostra que este estilo literário é altamente rigoroso, pois tanto a estrutura como a extensão são regidas por regras restritas. Numa nota sem tradução chinesa (Gonçalves, 1829a, p. 437), o padre vicentino observa que o formato conhecido como "八股文 *bāgǔwén* 'ensaio em oito seções'"[96],

[96] A introdução em português corresponde à seguinte descrição em chinês: "文章以四對八比/股為正式。其或多或少。或段落。雖非正局。然亦可行。至如一篇以七百字為率。少則可行。多則不能行矣。 [*Wénzhāng yǐ sì duì bā bǐ/gǔ wéi zhèngshì. Qí huò duō huò shǎo. Huò duànluò. Suī fēi zhèng jú. Rán yì kěxíng. Zhí rú yì piān yǐ qībǎi zì wéi shuài. Shǎo zé kěxíng. Duō zé bùnéng xíng yǐ.* 'Os ensaios oficiais consistem em quatro pares de oito comparações/secções. Pode variar a quantidade exata, ou mais ou menos, assim como a disposição dos parágrafos. Embora não esteja rigorosamente em conformidade com as regras, é viável. A extensão padrão de uma peça é setecentos carateres, sendo que se for menos é aceitável, mas não o contrário.']" (Gonçalves, 1829a, p. 438), que está disponível na página seguinte. Os textos modelo do oitavo capítulo são apresentados em formato bilingue, com as páginas em chinês e português intercaladas, facilitando a comparação direta entre as versões.

surgido durante a dinastia Tang[97], se tornou o padrão nos exames imperiais, destacando a sua natureza formal e estruturada. Além disso, o autor critica essa forma literária, mencionando que, apesar da sua complexidade, é reconhecido pelos nativos que pode limitar o fluxo do pensamento e restringir a abrangência dos temas abordados. Em conclusão, as orações periódicas ou modernas, conforme as descreveu Gonçalves, correspondem ao estilo literário dos textos escritos em *wenyan* durante a segunda parte do período imitativo (ver Tabela 27), que se estende desde a dinastia Tang até às dinastias Ming e Qing. Este estilo, regulado por normas artificiais escrupulosas, integra os exames oficiais, refletindo uma tradição que valoriza a precisão formal em detrimento da expressividade e fluidez do pensamento.

Além das "orações" anteriormente discutidas, o oitavo capítulo da *Arte China* apresenta ainda outro estilo literário, a poesia, que se divide em poesia antiga e poesia regular ou moderna, conforme detalhado na Tabela 33.

Tabela 33 Poesia e outros estilos literários da língua chinesa na perspetiva de Joaquim Gonçalves

Categoria	Subdivisão	Exemplos textuais
古诗 [*gǔshī*] Poesia antiga	Cantiga	Ao Vento forte. 《大風歌》[*Dà fēng gē*]
	Cantiga de 7 letras 七言 [*qīyán*]	À Primavera, e Paço 《春宮曲》[*Chūn gōng qǔ*]
	Versos de 5 letras 五言[*wǔyán*]	O Solitario. 《幽居》[*Yōu jū*]
	Quadras soltas 绝句 [*juéjù*]	Vai a huma casa de bebedos. 《過酒家》[*Guò jiǔ jiā*]
		Influxos da primavera. 《春思》[*Chūn sī*]
律詩 [*lǜshī*] Poesia Regular, ou Moderna.	Versos 5 letras. 五言律 [*Wǔ yán lǜ*]	Banquete nocturno na cidade de Ieu. 《幽州夜飲》[*Yōu zhōu yè yǐn*]
		Acompanhando o Academico Cham-sŭ-ma, que ia para o mar do Sul, pôr hum epitaphio. 《送翰林張司馬南海勒碑》[*Sòng hànlín zhāng sīmǎ nánhǎi lè bēi*]
	Versos 7 letras. 七言律 [*Qī yán lǜ*]	Feitos na cidade de Ieu [terras das raias] no principio do anno. 《幽州新歲作》[*Yōu zhōu xīn suì zuò*]
	Poesia regular *PAI* (sesquioitava) de 5 letras. 五言排律 [*Wǔ yán pái lǜ*]	Recordando as antiguidades de Po-ti. 《白帝懷古》[*Bái dì huái gǔ*]

Fonte: Elaborada pela autora com base nos títulos extraídos da quarta secção do oitavo capítulo da *Arte China*.

Com exceção do primeiro poema, escrito por Liu Bang em 195 a.C., os demais foram todos criados durante a dinastia Tang, indicando que a divisão entre poesia antiga e moderna na análise de Gonçalves não se baseia estritamente em critérios cronológicos. Cada tipo é precedido por uma breve introdução,

[97] O "古文运动 *Gǔwén Yùndòng* 'Movimento da Escrita Clássica'", que teve início durante a dinastia Tang, defende que os escritores deveriam captar o espírito dos antigos sábios, especialmente Confúcio e Mêncio, em vez de seguir cegamente as palavras dos mesmos. Este movimento pretendia substituir a prosa frívola da época por uma literatura com substância moral e filosófica. Esta iniciativa foi continuada durante a dinastia Song, evoluindo progressivamente para o estilo "八股文 *bāgǔwén* 'ensaio em oito secções'", caracterizado por uma estrutura rígida e formulaica usada nos exames imperiais (cf. Z. Zhang, 1992/2014, pp. 155–156). Embora destinado a promover o conhecimento clássico, este estilo foi criticado por restringir a inovação e a expressividade individual, tornando-se num estilo visto como estéril e artificial, que limitava a expressão criativa em vez de a incentivar.

disponibilizada tanto em português como em chinês, facilitando a compreensão e a contextualização por parte do leitor.

Para uma melhor identificação das duas categorias de poesia referidas por Gonçalves, é essencial examinar as suas palavras introdutórias a respeito de cada estilo. Sobre o primeiro estilo, denominado poesia antiga, o autor descreve da seguinte forma:

> A poesia antiga, (como a moderna) consta de cantigas de quatro qualidades, sonetos, sonetos fúnebres, &c. cuja lei geral he so constar de toantes geralmente no segundo, e quarto verso; podendo o verso ser de 3, 4, 5, 6 e 7, letras, e ainda na mesma peça huns compridos, outros curtos. (Gonçalves, 1829a, p. 453)
>
> 古詩曲操歌謠辭誄等。只叶韻而已。其韻押在第二第四之句。一句有三四五六七言。一首有長短之句。總無一定。任筆所知 [*Gǔshī qǔcāo gēyáo cíchī děng. Zhǐ yè yùn ér yǐ. Qí yùn yā zài dì èr dì sì zhī jù. Yí jù yǒu sān sì wǔ liù qī yán. Yì shǒu yǒu cháng duǎn zhī jù. Zǒng wú yídìng. Rèn bǐ suǒ zhī.*] (Gonçalves, 1829a, p. 454)

A poesia antiga apresenta-se em diversas formas, incluindo cantigas, sonetos, sonetos fúnebres, entre outros. O excerto em chinês esclarece as diferentes qualidades dessas formas poéticas, descritas de modo não exaustivo na introdução em português, correspondendo a "古詩 *gǔshī*, 'poesia antiga'", "曲操 *qǔcāo*, 'melodias e peças instrumentais'", "歌謠 *gēyáo*, 'canções e baladas'" e "辭誄[98] *cíchī*, 'hinos e elegias'". Segundo Gonçalves, esse género rimado é caracterizado por uma flexibilidade distintiva e pela ausência de regras rígidas de simetria, refletindo a liberdade criativa na sua composição.

Entre o terceiro e o quarto poema modelo há uma anotação bilingue que menciona o "绝句 *juéjù* 'quadras'" ou "quadras soltas" (cf. Gonçalves, 1829a, pp. 455–456), um estilo de quatro versos, rimado no segundo e quarto, que combina simetria e flexibilidade dentro de uma estrutura fixa. Popularizado nas dinastias Tang e Song, este género poético contrasta com a "律诗 *lǜshī* 'poesia regulada'" ou "poesia regular", composta por oito versos divididos em exórdio, ligação, digressão e conclusão (cf. Gonçalves, 1829a, pp. 455–456). Esta última exige alternância entre tons planos e oblíquos, com rima tonal nas segundas, quartas e sextas sílabas, enquanto as demais posições permitem variação. As observações de Gonçalves sobre a "Poesia Regular ou Moderna" sublinham a sua estrutura formal e rigorosa. É importante notar que, tipograficamente, as "quadras soltas" não estão incluídas na secção destinada à poesia moderna, mas aparecem antes, em posição inicial da mesma folha, o que sugere que, para Gonçalves, talvez este estilo esteja associado à poesia antiga ou seja, possivelmente, uma forma de transição entre as duas. De forma geral, a distinção entre poesia antiga e moderna estabelecida

[98] A tradução desta palavra é provisória e sujeita a revisão, dado que o sentido exato deste termo não está plenamente claro nos estudos disponíveis.

por Gonçalves segue a evolução histórica da poesia chinesa (ver Tabela 28), embora se limite aos poemas, excluindo outros textos rimados.

Por fim, os textos bilingues apresentados no oitavo capítulo da *Arte China* incluem ainda um conjunto de formulários destinados a textos de uso prático, conforme resumido na Tabela 34.

Tabela 34 Redações práticas na perspetiva de Joaquim Gonçalves

Formulários de ordens, escrituras, etc. 諭契等式 [*yù qì děng shì*]	Decreto. 上諭 [*Shàng yù*]	Estimar a agricultura, e amoreiras, para ter, que vestir, e comer. 重農桑以足衣食 [*Zhòng nóng sāng yǐ zú yī shí*]
	Representação	A pedir a prohibição de direitos adiantados. 請禁預徵奏 [*Qǐng jìn yù zhēng zòu*]
	Edital	Exhortando a vir à escola pia. 勸入義學諭 [*Quàn rù yì xué yù*]
		A prohibir as mulheres de ir aos pagodes, a offerecer incensos. Por Hoam-leu-ham. 禁婦女入廟燒香示 [*Jìn fùnǚ rù miào shāo xiāng shì*]
	Aviso	A prohibir andar de noite. 禁夜行約 [*Jìn yè xíng yuē*]
	Petição	Para mandar tirar as Choupanas. 請飭除蓬稟 [*Qǐng chì chú péng bǐng*]
	Despacho	Sobre huma Beatificação de provincia, (de Vicerei.) 入鄉賢批 [*Rù xiāngxián pī*]
	Outros	Termo de Arribação de Navio Mercante. 貨船出口復入結 [*Huò chuán chū kǒu fù rù jié*]
		Escritura de Emprestimo. 借約 [*Jiè yuē*]
		Escritura de Venda de Casas. 賣屋文契 [*Mài wū wén qì*]
		Escritura de Arrendamento de Casas. 賃屋文契 [*Lìn wū wén q*]
		Inscripção de Estrada. 修路碑 [*Xiū lù bēi*]
	Formulário de cartas	Carta a Saudar 問候 [*Wèn hòu*]
		Carta a Mandar procurar criado. 託尋工人 [*Tuō xún gōng rén*]
		Carta a Mandar presentes. 饋物 [*Kuì wù*]
		Carta a Mandar presente. 饋物 [*Kuì wù*]
		Carta a Saudar depois da partida. 別後問候 [*Bié hòu wèn hòu*]
		Carta a Recommendar huma pessoa. 相託 [*Xiāng tuō*]

Fonte: Elaborada pela autora com base nos títulos extraídos da quinta secção do oitavo capítulo da *Arte China*.

Este quadro destaca uma variedade de documentos comuns na prática administrativa e social da China imperial. Os textos incluem decretos que enfatizam políticas como o incentivo à agricultura, representações e petições ao governo, editais que convocam para atividades como a educação pública e ainda regulamentos sociais como o controlo do comportamento das mulheres em locais religiosos. Além disso, a tabela expõe diferentes tipos de contratos, como escrituras de arrendamento e empréstimo, assim como avisos e despachos de caráter administrativo. A secção sobre a correspondência revela a formalidade das relações interpessoais e administrativas, apresentando modelos para saudações, recomendações e até para o envio de presentes. A inclusão destes modelos bilingues, cujos textos seguem o estilo sublime, isto é, o estilo da escrita em *wenyan*, na classificação do autor, reflete a atenção de Gonçalves à diversidade textual na sociedade chinesa e evidencia a sua tentativa de oferecer ao leitor

um manual prático que fosse além da gramática, literatura clássica e poesia, abrangendo uma gama de contextos da vida quotidiana e burocrática, e incluindo as regras de etiqueta.

Em síntese, a visão de Joaquim Gonçalves em relação às variedades da língua chinesa pode ser resumida na Tabela 35.

Tabela 35 Visão de Joaquim Gonçalves sobre as variedaes da língua chinesa

Registo	Divisão	Critérios interpretativos
Escrita (sublime)	Oração solta ou antiga 古文 *gǔwén*	Textos escritos em *wenyan*, produzidos desde o período pré-Qin até ao final de Tang
	Oração periódica ou moderna 文章 *wénzhāng*	Textos escritos em *wenyan*, produzidos desde Tang até Ming e Qing; regulado por regras artificiais rigorosas, e integrando os exames oficiais
	Poesia antiga 古诗 *gǔshī*	Poemas escritos em *wenyan*
	Outros 其他 *qítā*	Textos oficiais escritos em *wenyan* com finalidades próprias
Oral (vulgar)	Mandarim 官话 *guānhuà*	A variante mais universal, sendo amplamente utilizada pela população culta em todo o país e pelo público em geral nas províncias do Norte e Oeste
	Dialetos 方言 *fāngyán*	Variedades geográficas, como, por exemplo, os dialetos de Fujian e Cantão.

Fonte: Elaborada pela autora.

Essa visão destaca a evolução contínua e a complexidade da escrita chinesa, reconhecendo uma linha de continuidade entre os dois estilos. A divisão dicotómica entre a oralidade e a escrita de Gonçalves, caracterizando o primeiro como popular e prestigiando o segundo como imponente, ressoa com a posição dos primeiros sinólogos, enquanto se distingue das especificações mais pormenorizadas dos seus contemporâneos. Gonçalves destaca de forma distintiva os estilos de fala e escrita na língua chinesa: na esfera da fala, o mandarim prevalece como dominante, enquanto o cantonense e o fokiense se destacam como dialetos notáveis; quanto à escrita, o autor estabelece uma distinção diacrónica entre textos antigos e modernos. Notavelmente, a sua obra não aborda o estilo intermediário, que combina os dois registos por si diferenciados, um enfoque evidenciado por muitos dos seus contemporâneos.

2.3.4. Discussão e conclusão

Nesta secção, analisámos as variedades da língua chinesa segundo a perspetiva de Joaquim Gonçalves, organizando a nossa análise em três subsecções principais. Na primeira subsecção apresentámos os conceitos fundamentais sobre as variedades da língua chinesa, explorando a dicotomia entre os registos oral e escrito. Demonstrámos que o *wenyan* (chinês clássico) e o *baihua* (chinês vernacular) ocupam posições opostas no registo escrito, com o primeiro a caracterizar-se pela formalidade e estabilidade histórica, enquanto o segundo reflete a oralidade e se adapta às transformações linguísticas. No registo oral, analisámos a distinção entre o *tongyongyu* (língua franca), designado como *guanhua* no século XIX,

e os *fangyan* (dialetos regionais), destacando as suas funções contrastantes na comunicação inter-regional e na preservação da identidade cultural local.

Na segunda subsecção explorámos como Joaquim Gonçalves interpreta as variedades linguísticas no seu método gramatical, introduzindo uma dicotomia própria entre os adjetivos "sublime" e "vulgar". Concluímos que o autor associa o "vulgar" à funcionalidade prática da fala e o "sublime" à sofisticação da escrita, alinhando-se com uma compreensão hierárquica das variedades linguísticas chinesas. Gonçalves adapta essas distinções ao contexto pedagógico, permitindo que os aprendizes dominem tanto os usos quotidianos da língua falada como as formas de expressão literárias e eruditas.

Na terceira subsecção contextualizámos a abordagem de Gonçalves no âmbito da sinologia europeia, demonstrando como o seu método reflete e amplia o entendimento ocidental do chinês no século XIX. Constatámos que, ao dividir a língua entre oralidade e escrita, Gonçalves presta especial atenção ao *guanhua*, identificado como a variante oral padronizada, e ao *wenyan*, subdividido em estilos literários e funcionais, que predomina no registo escrito clássico. Apesar de se alinhar com os sinólogos da época na valorização da escrita, Gonçalves distingue-se pela sua ênfase prática na oralidade e pela descrição da coexistência dos dialetos regionais.

Uma limitação da nossa análise reside na ausência de uma avaliação detalhada do estilo de todos os textos tratados por Gonçalves, particularmente no que se refere ao *baihua* e à interação entre o *wenyan* e o *baihua* na prática linguística do autor. Embora Gonçalves não mencione explicitamente uma distinção formal entre o estilo vernacular na escrita e na oralidade, como observado por alguns sinólogos seus contemporâneos, essa ausência pode indicar a proximidade funcional entre os dois registos no contexto linguístico da época. Uma análise mais aprofundada dos seus dados bilingues poderia revelar indícios até então não abordados, esclarecendo o uso de recursos linguísticos vernaculares e enriquecendo a compreensão da transição entre os estilos de língua no século XIX.

Em conclusão, a nossa análise evidencia que Joaquim Gonçalves demonstra uma compreensão sofisticada das variedades linguísticas da língua chinesa, integrando-as no seu método didático de maneira inovadora e detalhada para a época. Contudo, para uma apreciação completa do contributo do padre vicentino, sugerimos investigações futuras que se debrucem sobre os seus textos bilingues, com especial atenção para as especificidades do *baihua* e as dinâmicas entre os registos oral e escrito na sua obra. Tais estudos poderiam aprofundar a compreensão das suas escolhas metodológicas e do impacto histórico do seu trabalho, destacando os aspetos de evolução mais característicos da transição entre o estilo clássico e o vernacular no registo escrito. Esse aprofundamento incluiria uma análise detalhada a

vários níveis da língua, como o léxico, a semântica e a sintaxe[99], proporcionando uma visão mais abrangente das transformações linguísticas do período.

2.4. Estruturação gramatical do chinês

Tendo explorado a riqueza dos carateres chineses, Gonçalves não se limitou à análise da sua forma e significado isolados. Pelo contrário, o sinólogo português adentrou-se na gramática que sustenta essa língua milenar, destacando-se pela abordagem detalhada e inovadora. A gramática chinesa, com as suas particularidades, revela uma lógica singular que organiza as palavras e constrói o sentido das frases. Esta secção examina a abordagem de Joaquim Gonçalves da estrutura gramatical do chinês, desvendando como decifrou o sinólogo português as regras e padrões que transformam os carateres num discurso eficaz e estruturado.

As reflexões de Gonçalves sobre a gramática chinesa concentram-se principalmente no terceiro capítulo, *Grammatica*, e no quarto capítulo, *Syntaxe*, da sua obra *Arte China*. Na subsecção 2.4.1 apresentaremos uma síntese da análise sobre a formação e a classificação das palavras, explorando a perspetiva contrastiva do lazarista, conforme detalhada nesses dois capítulos. Em seguida, na subsecção 2.4.2 analisaremos a ordem sintática das diferentes partes da oração, conforme as regras estabelecidas no capítulo IV da *Arte China*, tendo como base o modelo analítico e descritivo greco-latino, em combinação com a tradição filológica chinesa. Finalmente, na subsecção 2.4.3 comentaremos os principais aspetos abordados ao longo da análise, oferecendo assim uma visão geral da conceção gramatical de Joaquim Gonçalves e da sua relevância no contexto da sinologia europeia.

2.4.1. Formação e classificação das unidades lexicais

Em comparação com outros estudos da sinologia europeia, as obras de Joaquim Gonçalves distinguem-se pela relativa escassez de explicações gramaticais formais, lacuna amplamente compensada pela abundância de recursos linguísticos apresentados em textos bilingues. As poucas descrições gramaticais encontradas no prólogo geral e no prólogo do terceiro capítulo da *Arte China* fornecem apenas uma visão parcial da abordagem do autor, revelando, contudo, princípios organizativos consistentes e uma atenção cuidadosa à funcionalidade prática do ensino da língua. Em vez de apresentar um sistema teórico

[99] Em linha com as tendências identificadas em Xu (2007, pp. 227–292), por exemplo.

exaustivo, Gonçalves organiza sua gramática de forma pragmática, estruturando-a a partir das categorias utilizadas para organizar os exemplos bilingues nos capítulos três (*Grammatica*) e quatro (*Syntaxe*).

Com base nessas categorias, Li Ling (2024) analisou a conceção gramatical de Gonçalves, destacando a formação e a classificação das palavras como elementos centrais do seu método. Nesta subsecção, propõe-se uma revisão sumária dos principais pontos abordados nesse estudo, complementada por uma reflexão sobre aspetos ainda pouco explorados, com o objetivo de aprofundar a análise da abordagem de Gonçalves sob uma perspetiva interlinguística. Essa revisão permitirá não apenas examinar as especificidades de sua categorização gramatical, mas também avaliar como seu trabalho se relaciona com os paradigmas linguísticos ocidentais e com as particularidades do chinês no século XIX, iluminando a interação entre observação empírica, organização prática e intenção pedagógica que caracteriza a sua obra. Ao mesmo tempo, permitirá refletir sobre o modo como Gonçalves conciliava rigor acadêmico e funcionalidade didática, oferecendo ferramentas eficazes para o aprendizado do chinês fora do contexto cultural original.

2.4.1.1. Formação das palavras chinesas

A formação de palavras em chinês, elemento essencial para entender os fundamentos desta língua, é abordada logo na primeira secção[100] do terceiro capítulo da *Arte China*. Gonçalves categoriza as palavras chinesas em simples e complexas: as simples referem-se às palavras monomorfémicas que possuem somente um caráter chinês, enquanto as complexas resultam de quatro processos de formação, nomeadamente, a afixação, a composição, a reduplicação e a negação (L. Li, 2024, p. 62).

A Tabela 36 apresenta uma síntese dessa análise morfológica, ilustrando como conceptualiza Gonçalves os mecanismos de formação de palavras na língua chinesa, e evidenciando tanto a simplicidade estrutural como a riqueza combinatória, ambas inerentes ao sistema lexical. Essa abordagem não apenas demonstra a tentativa de aplicar princípios ocidentais à análise da morfologia chinesa, mas também reflete a sua sensibilidade relativamente ao funcionamento interno da língua.

[100] Embora esta secção tenha sido originalmente organizada e intitulada "1. *Palavras Simplices*", a estrutura apresentada, dividindo as palavras chinesas em cinco grupos — palavras simples, palavras com adição, palavras compostas, palavras repetidas e palavras negativas —, sugere que a renomeação para "Formação de palavras" seria mais apropriada, conforme proposta em Li (2024, p. 51).

Tabela 36 Formação das palavras chinesas na perspetiva de Joaquim Gonçalves

Tipo	Formação	Critérios	Exemplos	Interpretação
Palavras simples	Palavras simples	Palavras formadas por um único caráter.	書 [*shū* 'livro']; 惡 [*è* 'mau']; 想 [*xiǎng* 'pensar']; 只 [*zhǐ*, somente]; 不 [*bù*, não].	Palavras formadas por uma única palavra (radical) livre.
Palavras complexas	Palavras com adição	1º A junção de uma palavra primitiva a uma das seguintes adições: *-zi* (子), *-r* (儿), *-tou* (头), *-de* (的) e *-zhě* (者); 2º No estilo sublime só adjetivos e números têm adições; 3º A adição do adjetivo é: *-de* (的), *-zhě* (者) e *-zhī* (之); 4º A adição é dispensada quando o núcleo possui já dois morfemas.	屋子 [*wū-zi* 'quarto']; 頭児 [*tóu-r* 'chefe']; 石頭 [*shí-tou* 'pedra']; 黃的 [*huáng-de* 'amarelo']; 黃者[*huáng-zhě* 'amarelo'].	Sufixação: associação de um sufixo formador de palavras a uma forma de base.
	Palavras compostas	Subdividem-se em cinco tipos:		
		1º Palavras compostas por dois sinónimos para evitar ambiguidade;	行為 [*xíngwéi* 'ação']; 驕傲 [*jiāoào* 'arrogante']; 庖廚 [*páochú* 'cozinha']; 良善的 [*liángshàn-de* 'manso']; 良善者 [*liángshàn-zhě* 'manso']; 思想 [*sīxiǎng* 'pensar'].	Composição morfológica: associação de um radical e outro(s) radical(is) ou a uma ou mais palavras.
		2º Palavras compostas por mais que um morfema, sendo o último um radical preso;	農夫 [*nóngfū* 'lavrador']; 鞋匠 [*xiéjiàng* 'sapateiro']; 履工 [*lǚgōng* 'sapateiro']; 醫家 [*yījiā* 'médico']; 道家 [*dàojiā* 'Daoismo'].	Composição morfológica: associação de um radical preso ou uma palavra (radical) livre a uma forma de base.
		3º Palavras compostas por mais que um morfema, sendo o primeiro um prefixo adjetival;	小屋子 [*xiǎo wū-zi* 'pequeno quarto']; 小舍 [*xiǎo shè* 'pequeno quarto'].	Prefixação (parassíntese): associação de um prefixo (e um sufixo em simultâneo) a uma forma de base.
		4º Verbos resultativos compostos por dois ou três constituintes verbais;	拿来 [*ná lái* 'trazer']; 攜來 [*xié lái* 'trazer']; 拿起来 [*ná qǐ lái* 'levantar']; 提起 [*tí qǐ* 'levantar'].	Composição morfossintática: associação de duas ou mais palavras.
		5º Alguns advérbios	到底 [*dào dǐ* 'porém']; 實在 [*shí zài* 'realmente']; 其實 [*qí shí* 'na realidade']; 自然 [*zì rán* 'naturalmente'].	Composição morfossintática: associação de duas ou mais palavras.
	Palavras repetidas	Subdividem-se em três padrões:		
		1º "AA"	黑黑的 [*hēi hēi-de* 'apretalhado']; 重重的 [*zhòng zhòng-de* 'muito gravemente']; 單單 [*dān dān* 'somente'];	Reduplicação: processos de formação de palavras únicos do chinês e inexistentes em português.

			人人都是這樣 [*rén rén dōu shì zhè yàng* ‘todos são assim’].	
	2º	“A *yi* A”	講一講 [*jiǎng yi jiǎng* ‘contar um pouco’]	
	3º	“AABB”	良良善善的 [*liáng liáng shàn shàn-de* ‘mansinho’]; 時時刻刻罵人 [*shí shí kè kè mà rén* ‘estar sempre a injuriar’].	
Palavras negativas	Subdividem-se em quatro grupos:			
	1°	Sintagmas adjetivais que contêm o advérbio de negação *bù*	不便 [*bú biàn* ‘inconveniente’]; 不小心 [*bù xiǎo xīn* ‘descuidado’]; 不相对的 [*bù xiāng duì-de* ‘não correspondente’]; 不相合者 [*bù xiāng hé-zhě* ‘não correspondente’]; 不順的 [*bú shùn-de* ‘desfavorável’].	Expressões de negação.
	2°	Verbos resultativos com o advérbio de negação *bù*	樂的了不得 [*lè de liǎo-bu-dé* ‘excecionalmente alegre’]; 想不到的 [*xiǎng-bú-dào-de* ‘não imaginável’]; 想所不到者 [*xiǎng suǒ bú dào-zhě* ‘não imaginável’]; 不可赦的 [*bù kě shè-de* ‘não perdoável’] 挽不過來的 [*wǎn-bú-guò lái-de* ‘irremediável’]; 不能挽回者 [*bù néng wǎn huí-zhě* ‘irremediável’].	
	3°	Construções com o advérbio de negação de existência ou posse *méiyǒu* e *wú*	沒有規矩的 [*méi yǒu guī ju-de* ‘irregular’]; 無規矩者 [*wú guī ju-zhě* ‘irregular’]; 無数的 [*wú shù-de* ‘inumerável]; 一點兒也沒有 [*yì diǎn-r yě méi yǒu* ‘nem um pouco tem’]; 毫無 [*háo wú* ‘nada tem’]; 全無 [*quán wú* ‘sem nada’].	
	4°	Advérbio de negação *fēi*	非理的 [*fēi lǐ-de* ‘irracionável’].	

Fonte: Elaborada pela autora de acordo com Li (2024, pp. 54–62), com reestruturação da descrição e eliminação dos exemplos não relacionados.

A análise formal das palavras chinesas por Joaquim Gonçalves, apresentada no quadro, revela uma forte influência do paradigma linguístico tradicional da sua língua materna, o português. Essa abordagem inclui processos de formação como a afixação e a composição, tanto a nível morfológico como morfossintático, refletindo a tentativa de alinhar o chinês com os princípios gramaticais ocidentais. No entanto, alguns processos comuns em português, como a conversão ou a derivação não afixal, não estão presentes, devido à ausência de flexão nominal e verbal no chinês.

Além da adaptação de categorias tradicionais, os dois últimos processos destacados por Gonçalves, reduplicação e formação de palavras negativas, refletem as especificidades do chinês. A reduplicação, que consiste na repetição de uma sílaba ou caráter dentro de uma mesma palavra, é um mecanismo típico do chinês e não é considerado um processo de formação de palavras no português. As palavras negativas, por sua vez, incluem um conjunto mais diversificado de mecanismos de expressão da negação do que o português, evidenciando outra particularidade morfológica do chinês. Em síntese, a análise de Joaquim Gonçalves sobre os processos de formação de palavras no chinês combina elementos da tradição analítica greco-latina com uma avaliação criteriosa das singularidades da língua chinesa, demonstrando uma abordagem contrastiva que busca integrar os dois sistemas linguísticos.

Em suma, a análise de Gonçalves sobre a formação das palavras em chinês baseia-se no "字 *zi*", ou caráter chinês, como unidade essencial. A sua abordagem busca equilibrar os conceitos gramaticais ocidentais com as particularidades intrínsecas da língua chinesa. Embora incorpore processos tradicionais, como a afixação e a composição, Gonçalves demonstra sensibilidade às singularidades do chinês, destacando elementos únicos como a reduplicação e a diversidade dos mecanismos de negação. Essa análise reflete não apenas uma tentativa de adaptar a tradição analítica greco-latina às características específicas da língua chinesa, mas também uma perspetiva contrastiva que vai além da mera aplicação de modelos europeus, reconhecendo e valorizando a complexidade do sistema chinês.

2.4.1.2. Classificação das partes da oração

Na classificação das palavras chinesas, que se reflete na terminologia adotada no terceiro e quarto capítulos da *Arte China*, Joaquim Gonçalves mostra uma tentativa de adaptação das tradições gramaticais ocidental e chinesa. Adotando as nove classes de palavras do modelo greco-latino como base, o sinólogo integra a influência da filologia chinesa e introduz categorias adicionais para lidar com as peculiaridades do léxico chinês (cf. L. Li, 2024, p. 63). Esse esforço resulta numa análise que, embora enraizada no modelo europeu, reconhece a necessidade de flexibilidade para acomodar a diversidade

funcional e estrutural da língua chinesa. A síntese apresentada na Tabela 37 evidencia essa abordagem híbrida e inovadora, contribuindo para uma melhor compreensão da gramática chinesa no contexto da sinologia do século XIX.

Tabela 37 Classificação das palavras chinesas na análise gramatical de Joaquim Gonçalves

Origem	Categoria	Especificações	Contexto
Tradição ocidental	Nome	Número: singular e plural	Gramática
		Género: masculino e feminino	
		Caso: nominativo, genitivo, dativo, acusativo, vocativo e ablativo	Sintaxe
		Conteúdo: concreto e abstrato	
	Artigo	Definido	Gramática
	Adjetivo	Grau: normal, comparativo e superlativo	Gramática
	Pronome	Pessoal e possessivo	Gramática
		Relativo: *que*	
		Interrogativo: *quem*, *que*, *qual*	
		Indefinido: *ambos*, *nenhum*, *alguém*, *algum*, *qualquer*, *muitos*, *outro*	
		Demonstrativo: *mesmo*	
	Verbo	Tempo: presente, pretérito, futuro	Gramática
		Modo: formas verbais finitas e infinitas – Finito: indicativo, imperativo, conjuntivo – Infinito: infinitivo, gerúndio, particípio	
		Aspeto: perfeito, imperfeito, plusquam	
		Voz: ativa e passiva	
		Outro: impessoal	
	Preposição		Sintaxe
	Advérbio		Sintaxe
	Conjunção		Sintaxe
	Interjeição	Função: emotiva, interrogativa	Sintaxe
Tradição chinesa	Partículas sublimes	Referem-se às 21 "虛字 *xūzì* 'palavras vazias'": 1) 之 [*zhī* (terminção de genitivo e expletiva; pronome 'ele', verbo 'chegar')]; 2) 于/於 [*yú* (preposição 'em, a')]; 3) 夫 [*fú* (expletiva inicial; expletiva final; artigo e pronome)]; 4) 而 [*ér* (conjuntiva; expletiva final)]; 5) 焉 [*yān* (expletiva final para ênfase; expletiva média ou pausa na oração; expletiva inicial interrogativa)]; 6) 哉 [*zāi* (expletiva interrogativa final; expletiva média de admiração; 'principiar')]; 7) 者 [*zhě* (artigo; terminação de particípio)]; 8) 耳 [*ěr* (expletiva final terminante; expletiva média)]; 9) 耶 [*yé* (expletiva final interrogativa; expletiva de dúvida)]; 10) 也 [*yě* (expletiva final, terminante, suspensiva ou inicial)]; 11) 乎 [*hū* (expletiva final interrogativa; expletiva)]; 12) 乃 [*nǎi* (partícula conjuntiva)]; 13) 與 [*yǔ*] / 欤 [*yú* (expletiva de dúvida; 'dar')]; 14) 與 [*yǔ* 'com']; 15) 矣 [*yǐ* (expletiva final; expletiva terminante; expletiva)]; 16) 蓋/盖 [*gài* (explicativa; expletiva de incerteza)]; 17) 且 [*qiě* ('quanto mais'; expletiva de dúvida; 'sem regra')]; 18) 雖 [*suī* 'indeterminado; quanto mais')]; 19) 以 [*yǐ* (expletiva 'para'; expletiva de instrumento)]; 20) 無如 [*wúrú* 'não há remédio']; 21) 將無 [*jiāngwú* 'poderá deixar de...']	Sintaxe

Categorias novas	Numeral	Números (cardinais)	Gramática
		Adições numerais	
		(Números) ordinais	
	Vozes de animais		Sintaxe
	Tratamentos		Sintaxe

Fonte: Elaborada pela autora com base em Li (2024, pp. 63–72), com as especificações categoriais revistas e completas.

Este resumo evidencia uma transposição bidirecional das categorias gramaticais, integrando as classes de palavras da tradição ocidental na análise do chinês e incorporando elementos da classificação nativa, como as partículas. Além disso, Gonçalves inclui categorias não convencionais que refletem peculiaridades do chinês, como a subclasse das adições numerais, destinada aos classificadores — elementos característicos da língua chinesa que não possuem equivalentes diretos no português. Também se destacam categorias como as vozes dos animais e as formas de tratamento, que demonstram diferenças sociolinguísticas significativas entre as duas línguas, reforçando a abordagem contrastiva e adaptativa adotada pelo autor.

As próximas subsecções dedicam-se à exploração das categorias lexicais descritas no terceiro capítulo da *Arte China*. No ponto 2.4.1.3 examinaremos as características formais das classes de nomes, adjetivos e verbos, enquanto no ponto 2.4.1.4 abordaremos os artigos, numerais e pronomes. Inspirando-se na tradição analítica ocidental, outras quatro partes da oração — preposições, advérbios, conjunções e interjeições — são discutidas no quarto capítulo da obra de Gonçalves e serão analisadas na subsecção 2.4.2, em conjunto com a ordem sintática dos constituintes frásicos. Quanto às partículas sublimes, oriundas da tradição filológica chinesa, serão abordadas no último ponto da subsecção 2.4.2. Por outro lado, as duas categorias adicionais introduzidas por Gonçalves — vozes dos animais e termos de tratamento —, concebidas numa perspetiva contrastiva para abarcar expressões com correspondentes em ambas as línguas, mas de forma distinta, não serão examinadas em detalhe neste estudo. A primeira refere-se a verbos descritivos das vozes de animais, enquanto a segunda, amplamente discutida por Wang (2015, pp. 13–24), se foca nas formas de tratamento interpessoal.

2.4.1.3. Nome, adjetivo e verbo

As especificações das três classes abertas de palavras principais, nome, adjetivo e verbo, fundamentam-se nas propriedades flexionais da língua portuguesa, características comuns à maioria das línguas europeias de origem latina. Contudo, dada a ausência de marcações flexionais no chinês, Joaquim Gonçalves adaptou essa descrição formal à realidade da língua chinesa, buscando apresentar aos leitores mecanismos expressivos equivalentes, em vez de correspondências exatas, pois, conforme o próprio autor afirma, a terminologia latina é adotada para designar as regras gramaticais no seu método por ser

a metalinguagem mais esclarecedora (cf. L. Li, 2024, p. 50). Por esse motivo, certas classes e subclasses gramaticais, como preposição, advérbio, conjunção e interjeição, aparecem somente no quarto capítulo da *Arte China*, dedicado à sintaxe do chinês, como recursos suplementares para a compreensão das regras sintáticas dessa língua, sem, contudo, implicarem critérios formais ou sintáticos de classificação das respetivas palavras.

Em termos concretos, os substantivos chineses são analisados segundo os cinco atributos da tradição greco-latina: género, tipo, forma, número e caso, com a inclusão adicional do conteúdo, que é discutido apenas na análise sintática (cf. L. Li, 2024, p. 64). A Tabela 38 ilustra os mecanismos expressivos dessas propriedades gramaticais em chinês, com base nos exemplos bilingues oferecidos por Gonçalves nas subsecções correspondentes.

Tabela 38 Nome na análise gramatical de Joaquim Gonçalves

Atributo	**Especificações**	**Meios expressivos**	**Exemplo(s)**
Género	Masculino e feminino	Conteúdo semântico	男 [*nán* 'homem'] vs. 女 [*nǚ* 'mulher']
			爷 [*yé* 'homem'] vs. 奶 [*nǎi* 'mulher']
			夫 [*fū* 'marido'] vs. 妇 [*fù* 'mulher']
			父 [*fù* 'pai'] vs. 母 [*mǔ* 'mãe']
			儿 [*ér* 'filho'] vs. 女 [*nǚ* 'filha']
			公 [*gōng* 'macho'] vs. 母 [*mǔ* 'fêmea']
			牝 [*pìn* 'fêmea'] vs. 牡 [*mǔ* 'macho']
			雌 [*cí* 'fêmea'] vs. 雄 [*xióng* 'macho']
Tipo Forma	Palavras simples (primárias) e complexas (com adição, compostas, repetidas e negativas)	Formação de palavras	(ver Tabela 36)
Número	Singular e plural	Sufixo gramatical: "们 *men* 'marcador de pluralidade'"	先生 [*xiānsheng* 'senhor'] vs. 先生们 [*xiānsheng men* 'senhores']
			老爷 [*lǎoyé* 'senhor'] vs. 老爷们 [*lǎoyé men* 'senhores']
			我 [*wǒ* 'eu'] vs. 我们 [*wǒ men* 'nós']
			你 [*nǐ* 'tu'] vs. 你们 [*nǐ men* 'vós, vocês']
			他 [*tā* 'ele, ela'] vs. 他们 [*tā men* 'eles']
		Quantificador indefinido: "些 *xiē* 'algum'"	那一只船 [*nà yì zhī chuán* 'aquele barco'] vs. 那些船 [*nà xiē chuán* 'aqueles barcos']
		Valor semântico: genericidade	公道的人 [*gōngdào de rén* 'os justos']
			受苦的人 [*shòu kǔ de rén* 'os que sofrem']
Caso	Nominativo, genitivo, dativo, acusativo, vocativo e ablativo	Ordem sintática, valor semântico, entre outros	(ver subsecção 2.4.2)
Conteúdo	Concreto e abstrato	Os substantivos abstratos resultam de processos de recategorização, como o de conversão.	一虫之微亦可斃人 [*Yì chóng zhī wēi yì kě bì rén* 'A pequenez de um bicho pode matar o homem. ']

Fonte: Elaborada pela autora com base nos exemplos bilingues do terceiro capítulo da *Arte China*.
Nota. Os exemplos em português foram excluídos, enquanto os exemplos em chinês foram abreviados para destacar apenas os constituintes relevantes. "vs." é a abreviatura correspondente à palavra latina "versus".

Este quadro demonstra claramente a adaptação do modelo greco-latino às especificidades da língua chinesa na análise dos substantivos chineses por Joaquim Gonçalves. Em vez de especificações flexionais, típicas das línguas latinas, o género é determinado por distinções semânticas entre masculino e feminino, enquanto o número é expresso por diferentes mecanismos, como o sufixo plural, o quantificador existencial e o valor semântico, na língua chinesa. O caso, por sua vez, contribui para a análise da ordem sintática, sendo definido por uma combinação de fatores contextuais, e não como uma propriedade intrínseca do chinês. Por fim, a identificação dos nomes abstratos reflete processos de recategorização (ver subsecção 2.4.2 para mais exemplos), como o de conversão, um fenómeno de formação de palavras mais comum em chinês do que em português. Neste processo, uma unidade lexical integra uma nova classe de palavras sem que haja alterações formais, evidenciando a natureza não flexional da língua sínica.

No método de Joaquim Gonçalves, os adjetivos chineses são analisados com base na variação nos três graus: normal, comparativo (de superioridade e inferioridade) e superlativo (absoluto analítico e relativo), alteração morfológica comum nas línguas latinas. A Tabela 39 exibe os meios expressivos desta variação na língua chinesa de acordo com os exemplos oferecidos por Joaquim Gonçalves.

Tabela 39 Adjetivo na análise gramatical de Joaquim Gonçalves

Grau	Subdivisão	Exemplos	Interpretação
Normal	Qualificativo	善人 [*shàn rén* 'pessoa bondosa']	Adjetivo qualificativo em posição pré-nominal
		公道王 [*gōngdào wáng* 'rei da justiça']	
		公道的王子 [*gōngdào de wángzǐ* 'príncipe justo']	Adjetivo qualificativo em posição pré-nominal com a adição do marcador de modificação "的 *de*"
		這一隻牛肥 [*zhè yì zhī niú féi* 'esta vaca é gorda']	Predicado adjetival simples sem modificação adverbial
Comparativo	De superioridade	那一个更肥 [*nà yí gè gèng féi* 'aquela (vaca) é ainda mais gorda']	Advérbio de grau "更 *gèng* 'mais'" em posição pré-adjetival
		若要來的遲更好不来 [*ruò yào lái de chí gèng hǎo bù lái* 'se vai chegar tarde, é melhor não vir']	
		更好不去/不去更好[*gèng hǎo bú qù / bú qù gèng hǎo* 'é melhor não ir']	
		你比他高 [*nǐ bǐ tā gāo* 'tu és mais alto que ele']	Marcador de comparação "比 *bǐ* 'em comparação com'"
		哪个好呢 [*nǎ gè hǎo ne* 'qual é melhor?']	Contexto comparativo implícito
		越多越好 [*yuè duō yuè hǎo* 'quanto mais, melhor']	Estrutura de proporcionalidade "越 X 越 Y *yuè* X *yuè* Y 'quanto mais X, mais Y'"
		寧可死不要犯罪 [*nìngkě sǐ bú yào fànzuì* 'preferir morrer do que cometer um crime']	Estrutura comparativa "宁可 X 不要 Y *nìngkě* X *bú yào* Y 'preferir X em vez de Y'"
	De inferioridade	他不如你高 [*tā bùrú nǐ gāo* 'ele não é tão alto quanto você']	Marcador de inferioridade "不如 *bùrú* 'não tanto quanto..., mais vale"

		與其遲到不如不到 [*yǔqí chídào bùrú bú dào* ‘em vez de chegar tarde, mais vale não chegar’]	
		他没有你高 [*tā méiyǒu nǐ gāo* ‘ele não é tão alto quanto você’]	Marcador de negação “没有 *méiyǒu* ‘não tanto quanto...’”
Superlativo	Absoluto analítico	大/好沒有臉的事情 [*dà/hǎo méiyǒu liǎn de shìqíng* ‘coisas muito vergonhosas’]	Advérbios de grau “大 *dà* ‘muito’” ou “好 *hǎo* ‘bem”
		有大分別/大有分別 [*yǒu dà fēnbié/dà yǒu fēnbié* ‘há uma grande diferença’]	
		大不相同 [*dà bù xiāngtóng* ‘muito diferente’]	
		*不大相同 [*bú dà xiāngtóng* ‘não muito igual’]	
		狠矮的 [*hěn ǎi de* ‘muito baixo’]	Advérbio de grau “狠 *hěn* ‘muito’” em posição pré-adjetival
		寬的狠[*kuān de hěn* ‘muito largo’]	Complemento de grau com a palavra funcional “ 的 *de* ‘marcador de resultativo’”[a]
		勉強的利害 [*miǎnqiǎng de lìhài* ‘muito forçado’]	
		喜歡的了不得 [*xǐhuān de liǎobùdé* ‘gostar muitíssimo’]	
		其歡喜無所不及 [*qí huānxǐ wú suǒ bù jí* ‘a sua alegria não tem comparação’]	Locução “無所 *wú suǒ* ‘não ter onde’”
		喜無所可加[*xǐ wú suǒ kě jiā* ‘alegria sem nada a acrescentar’]	
		不勝喜 [*bú shèng xǐ* ‘não conseguir suportar a alegria’]	Locuções “不勝 *bú shèng* ‘não conseguir vencer’” e “不禁 *bú jīn* ‘não conter’”
		喜不自禁 [*xǐ bú zì jīn* ‘não conseguir conter a alegria’]	
	Relativo	最高的有六尺 [*zuì gāo de yǒu liù chǐ* ‘o mais alto tem seis pés’]	Advérbios de grau “最 *zuì* ‘o mais’” ou “至 *zhì* ‘o mais’” em posição pré-adjetival
		至貴的值五兩銀子 [*zhì guì de zhí wǔ liǎng yínzi* ‘o mais caro vale cinco taéis de prata’]	

Fonte: Elaborada pela autora com base nos exemplos bilingues do terceiro capítulo da *Arte China*.
Nota. Os exemplos em português foram excluídos.
* Este exemplo serve, possivelmente, apenas para ilustrar a variação de significado resultante da alteração da ordem sintática, não sendo propriamente um exemplo de superlativo.
[a] Nas obras de Joaquim Gonçalves, assim como noutras da mesma época, não se observava a distinção ortográfica entre as duas palavras funcionais “的 *de*” e “得 *de*”, tal como são diferenciadas hoje. Ambas eram representadas de forma idêntica, apesar de terem funções gramaticais diferentes no chinês. “的”, atua como um marcador de posse ou modificação, ligando adjetivos e pronomes a substantivos, enquanto “得” serve como um marcador de complemento de grau ou resultado, ligando um verbo ou adjetivo ao complemento que descreve a intensidade ou o resultado da ação.

Este quadro destaca a flexibilidade na análise dos adjetivos em chinês e revela modificações significativas em relação às tradições gramaticais ocidentais.

O critério para identificar adjetivos não é rigorosamente delimitado, baseando-se principalmente na função sintática de uma determinada unidade lexical, como a posição pré-nominal e o uso do marcador de modificação “的 *de*”. Além disso, os conceitos de “comparativo” e “superlativo” na análise do chinês vão além da simples variação em grau a nível morfológico, abrangendo padrões de comparação diversos

que podem ser expressos morfológica ou sintaticamente. Em termos concretos, os meios expressivos do comparativo e do superlativo englobam o uso de advérbios de grau, marcadores diversos, estruturas sintáticas específicas e ainda referências contextuais. A observação de Joaquim Gonçalves mostra uma tentativa clara de adaptar essas categorias ocidentais ao chinês, respeitando as suas especificidades e ao mesmo tempo ultrapassando as limitações da aplicação direta de conceitos gramaticais europeus a uma língua não flexional.

A análise dos verbos chineses segue igualmente o paradigma tradicional greco-latino no método de Joaquim Gonçalves, distinguindo pormenorizadamente as categorias inerentes à flexão verbal do português, a saber, o tempo, o modo, o aspeto e a voz (L. Li, 2024, p. 65). Com base na reorganização dessas categorias (cf. L. Li, 2024, p. 66), a Tabela 40 exemplifica os meios expressivos de cada categoria verbal proposta no método gramatical de Gonçalves para a análise contrastiva do chinês, a partir dos respetivos exemplos bilingues, transcritos e interpretados no Anexo III.

Tabela 40 O verbo na análise gramatical de Joaquim Gonçalves

Voz	Categoria verbal	Meios expressivos em chinês	Meios expressivos em português
Ativa	Presente do indicativo	Predicados adjetivais ou verbais sem flexão de tempo, número ou pessoa	Verbos no presente do indicativo, com flexão de número e pessoa
	Pretérito imperfeito do indicativo	Tempo e aspeto refletidos na sequência verbal e/ou na referência contextual	Oração principal: verbos no pretérito imperfeito; Oração subordinada adverbial temporal: verbos no pretérito perfeito ou imperfeito
	Pretérito perfeito do indicativo	Partícula aspetual "了 *le* 'aspeto perfetivo'"	Verbo no pretérito perfeito com ou sem pronomes enclíticos
		Advérbio de predicado com valor aspetual "已经 *yǐjīng* 'já'"	
		Advérbio de negação com valor aspetual "没有 *méiyǒu* 'não'"	
		Partícula aspetual "过 *guò* 'aspeto experiencial'"	
		Referência temporal e aspetual do contexto	
		Referência aspetual a nível semântico "V 着 *zháo*"	
	Pretérito plusquam (mais-que-perfeito) do indicativo	Tempo e aspeto refletidos na sequência verbal e/ou na referência contextual	Verbo da oração principal no pretérito mais que perfeito com verbo da oração subordinada no pretérito prefeito ou imperfeito
		Advérbios de predicado com valor temporal "早 *zǎo* 'cedo, já antes'", "从前 *zǎo* 'antes'" e "頭裡 *tóuli* 'antes'"	
	Futuro do indicativo	Verbo auxiliar com valor temporal "要 *yào* 'ação futura'"	Verbo "haver" no presente do indicativo ou outros verbos no futuro do indicativo
		Modificadores adverbiais e advérbios com valor temporal como "就 *jiù* 'imediatamente, logo'" e "才 *cái* 'somente'"	
		Advérbios de predicado como "慢慢 *mànmàn* 'lentamente'", "必定 *bìdìng* 'obrigatoriamente" e "該當 *gāidāng* 'necessitar'"	

	Valor temporal refletido em estruturas sintáticas específicas	
Imperativo	Referência contextual	Verbo do imperativo
	Verbo "请 *qǐng* 'pedir'"	
	Verbo "让 *ràng* 'deixar'"	
	Partícula modal de sugestão, permissão ou convite "罷 *ba*"	
	Advérbio de predicado com valor modal "定 *dìng* 'obrigatoriamente" e verbo auxiliar com valor temporal "要 *yào* 'ação futura'"	
Presente do conjuntivo	Frases imperativas com advérbio de negação "不要 *búyào* 'não'" ou verbo auxiliar "願 *yuàn* 'desejar'"	Verbo do imperativo
	Advérbio de frase como "大概 *dàgài* 'talvez'" e "恐怕 *kǒngpà* 'receio que, temo que, talvez'"	Verbo depois de "talvez" ou "temo que"
Pretérito imperfeito do conjuntivo	Oração subordinada adverbial condicional com uso opcional da conjunção subordinativa "若 *ruò* 'se'"	Verbo da oração subordinada "se..." no pretérito imperfeito do conjuntivo e verbo da oração principal no condicional ou pretérito imperfeito
	Advérbio de frase para exprimir a suposição "難道 *nándào* 'será que'"	Verbo no futuro do indicativo
Pretérito perfeito e futuro do conjuntivo	Orações subordinadas adverbiais condicionais ou temporais com as conjunções "既然 *jìrán* 'já que'", "若 *ruò* 'se'" ou "多咱 *duōzan* 'quando'"	Verbos no futuro do indicativo ou imperativo
Pretérito plusquam do conjuntivo	Tempo e aspeto da oração subordinada refletidos na sequência verbal e no contexto	Verbos da oração subordinada no pretérito mais que perfeito (formato combinado) do conjuntivo
Infinito	Oração subordinada substantiva completiva não finita quando o verbo da oração subordinante é "讓 *ràng* 'deixar'", auxiliar "能 *néng* 'podar'", "愛 *ài* 'amar'" ou "教 *jião* 'ensinar'"	Verbo no infinitivo enquanto complemento direto do verbo principal
	Sujeito verbal	Verbo recategorizado como substantivo enquanto sujeito da frase
Gerúndio	Construção serial de verbos	Verbo no infinitivo como complemento das preposições "para" ou "de"; outro verbo; oração subordinada substantiva relativa; gerúndio
	Oração subordinada adverbial final	Preposição "para"
	Marcador de modificação "的 *de*"	Complemento nominal
	Partícula aspetual "著 *zhe*" para indicar um ato em dercurso	Gerúndio
	Partícula aspetual "著 *zhe*" para indicar um ato em decurso e advérbio de predicado com valor temporal "就 *jiù* 'imediatamente, logo'	Gerúndio
	Oração subordinada adverbial consecutiva com advérbio de predicado com valor temporal "就 *jiù* 'imediatamente, logo'	Gerúndio
	Oração subordinada adverbial condicional	Oração subordinada adverbial final; gerúndio; artigo definido com

			verbo no infinitivo como sujeito da frase
	Particípio	Uso do marcador de modificação "的 *de*" na formação de oração subordinada substantiva relativa	Sufixo *-ante* ou generalização "os que..."
Passiva	Particípio	Marcador de modificação "的 *de*"	Particípio passado
	Presente do indicativo		Construção da voz passiva com o verbo "ser" no presente do indicativo
	Pretérito imperfeito do indicativo	"被" e "的时候"	Verbo "ser" no pretérito perfeito ou imperfeito em construção na voz passiva
		"头里" e sujeito vago "人 *rén* 'pessoa'"	
	Pretérito perfeito do indicativo	Estrutura específica "是……的"	Construções na voz passiva: verbo principal em particípio passado com verbo principal "ser" no pretérito perfeito
		"被" e "了"	
		Verbo que indica a passividade a nível semântico "受 *shòu* 'sofrer'" e partícula aspetual "了 *le*"	
	Gerúndio	Uso do marcador de modificação "的 *de*"	"que deve ser" + particípio passado ou sufixo *-ável*
	Impessoal	Frases sem sujeito ou com sujeito vago "人 *rén* 'pessoa'"	Frases sem sujeito com o verbo na terceira pessoa do singular ou do plural

Fonte: Elaborada pela autora com base na interpretação dos exemplos bilingues da penúltima secção do terceiro capítulo da *Arte China*, conforme se detalha no Anexo III.

Neste quadro, observamos que, de forma geral, enquanto em português as diferentes informações relacionadas com os tempos, modos e aspetos verbais são transmitidas principalmente por meio da conjugação verbal, em chinês essas mesmas informações são expressas por uma variedade de recursos que abrangem diferentes níveis linguísticos e, em alguns casos, elementos extralinguísticos. Conforme observa Li (2024, p. 66), a análise verbal no método de Gonçalves é claramente estruturada com base na lógica gramatical da língua portuguesa. Em outras palavras, trata-se de uma abordagem que se socorre da categorização gramatical portuguesa, a partir da qual o autor busca identificar e adaptar meios expressivos correspondentes na língua chinesa.

Constatamos que a diferença entre a voz ativa e a voz passiva reside na construção da passividade. Em português, esta construção manifesta-se através da passiva analítica, que utiliza um verbo auxiliar acompanhado de um particípio, ou da passiva sintética, que recorre ao pronome "se". É importante notar que, tanto na voz ativa como na passiva, as conjugações verbais permanecem inalteradas em português, com a única distinção centrada no facto de a conjugação recair sobre o verbo principal ou sobre o verbo auxiliar. Já no caso do chinês, a construção da passividade caracteriza-se pelo uso da partícula "被 *bèi* 'marcador da voz passiva'" ou pela dependência do contexto, envolvendo expressões específicas que interagem com os diversos tempos verbais para transmitir a passividade. Ainda assim, o autor classificou os tempos verbais nas duas vozes, possivelmente como forma de harmonizar a análise com o modelo ocidental, sem deixar de considerar as peculiaridades estruturais do chinês.

A análise verbal no método de Joaquim Gonçalves revela um esforço meticuloso de adaptação entre os paradigmas gramaticais portugueses e os meios expressivos chineses, evidenciando uma abordagem contrastiva que busca equilíbrio entre fidelidade e acessibilidade. Enquanto a conjugação verbal ocupa um papel central na expressão de tempos, modos e aspetos em português, em chinês essas informações são veiculadas por meio de recursos diversificados, incluindo partículas aspetuais, advérbios, sequências verbais e referências contextuais. A distinção entre voz ativa e passiva, assim como a categorização dos tempos verbais, ilustra o compromisso de Gonçalves de enquadrar as especificidades do chinês numa moldura analítica familiar aos leitores europeus, sem ignorar a riqueza e a singularidade da língua chinesa. Assim, a sua sistematização não apenas aproxima duas tradições linguísticas, mas também oferece um contributo pioneiro para o ensino e a compreensão do chinês no contexto ocidental.

Em suma, a análise de Joaquim Gonçalves sobre as três classes abertas de palavras — nome, adjetivo e verbo — destaca-se pelo equilíbrio entre a adaptação aos paradigmas gramaticais ocidentais e a valorização das especificidades do chinês. O autor apresenta propriedades gramaticais tradicionais do português, como género, número, caso, grau e flexão verbal, traduzidas por meios expressivos no chinês, como marcadores semânticos, partículas, estruturas sintáticas e contexto. Essa sistematização reflete o rigor analítico de Gonçalves e a profundidade do seu conhecimento da língua chinesa, enquanto segue a tradição sinológica da época. A sua análise contrastiva contribui para aproximar os leitores europeus da estrutura e funcionalidade do chinês, respeitando tanto os modelos ocidentais como as particularidades do idioma.

2.4.1.4. Artigo, numeral e pronome

Examinada a distribuição sintática de nome, do adjetivo e do verbo, passamos agora à análise das três categorias lexicais fechadas abordadas no terceiro capítulo da *Arte China* de Joaquim Gonçalves: o artigo, o numeral e o pronome.

A segunda classe proposta na análise gramatical do chinês é o artigo, que conta com apenas dois exemplos, um em cada estilo da língua. No estilo vulgar, encontramos o demonstrativo distal "那 *nà*", traduzido como "esse" ou "aquele". A inclusão de um demonstrativo nesta categoria pode refletir a influência da evolução histórica dos artigos no português, que derivaram de demonstrativos latinos e evoluíram de uma função puramente deítica para se tornarem em marcadores gramaticais de definitude. Nesse contexto, Gonçalves parece ter sido um dos primeiros gramáticos a atribuir a certos demonstrativos chineses o estatuto de artigos, conferindo-lhes a distinção de uma classe gramatical

independente (cf. L. Li, 2025, p. 253). No estilo clássico, Gonçalves identifica mais duas partículas como possíveis artigos: "者 *zhě*" e "夫 *fú*", ambas de origem etimológica relacionada com os demonstrativos (cf. L. Li, 2025). Esses exemplos refletem a tentativa de Gonçalves de categorizar a definitude no chinês clássico com base em critérios que ressoam com as categorias gramaticais indo-europeias, mas adaptados à realidade linguística chinesa.

Por outro lado, a ausência do demonstrativo proximal "这 *zhè* 'este'" na classificação de Gonçalves como artigo pode dever-se às limitações impostas pelo desenvolvimento histórico e gramatical da sua língua materna, pois estudos modernos indicam que este também apresenta uma tendência significativa de gramaticalização para funções similares às de um artigo definido (cf. L. Li, 2025). A decisão de Gonçalves de não o incluir pode refletir uma lacuna na interpretação da sua função emergente à época. Essa análise sugere que Gonçalves estava na vanguarda da tentativa de descrever a definitude no chinês, influenciado pela tradição gramatical indo-europeia e pela sua abordagem contrastiva. A categorização dos demonstrativos como artigos revela tanto a inovação do seu método quanto os desafios de transpor conceitos gramaticais ocidentais para uma língua estruturalmente distinta.

A categoria lexical de numeral, na classificação de Joaquim Gonçalves, é dividida em três subclasses: números cardinais, adições numerais e números ordinais. Esta divisão reflete uma tentativa de sistematizar as diferentes funções numéricas no chinês, alinhando-as com as categorias tradicionais da gramática ocidental. A Tabela 41, a seguir apresentada, oferece uma visão resumida e clara desta organização.

Tabela 41 Numeral na análise gramatical de Joaquim Gonçalves

Classe	Especificações	Exemplos em chinês	Equivalentes em português
Números cardinais	Quantidade numérica inteira precisa e aproximada	三四个朋友 [*sān sì gè péngyou*]	três ou quatro amigos
		十幾两银子 [*shí jǐ liǎng yínzi*]	mais de 10 taéis
		二十多兵 [*èr shí duō bīng*]	mais de 20 soldados
		二十三个 [*èr shí sān gè*]	vinte e três
		幾十个人 [*jǐ shí gè rén*]	algumas dezenas de homens
		幾百凶人 [*jǐ bǎi xiōng rén*]	centos de malvados
		八口 [*bā kǒu*]	oito bocas
	Frequência	两天一次 [*liǎng tiān yí cì*]	de dois em dois dias
	Locução adverbial de modo	两个一起 [*liǎng gè yīqǐ*]	dois a dois
Adições numerais	"Para saber a adição numeral de qualquer coisa consulte-se o uso e dicionário; porque não há regras gerais, pode usar-se porém sempre do 个 *gè* 'unidade'" (Gonçalves, 1829a, p. 131)	一百口牲口 [*yī bǎi kǒu shēngkǒu*]	cem cabeças de gado
		一條路 [*yī tiáo lù*]	um caminho
		两根木頭 [*liǎng gēn mùtou*]	duas traves
		三輛車 [*sān liàng chē*]	três carros
		六尾魚 [*liù wěi yú*]	seis peixes
		一隻手 [*yī zhī shǒu*]	uma mão
		两柯樹 [*liǎng kē shù*]	duas árvores
Números ordinais	Ordem ou sucessão	頭一个 [*tóu yí gè*]	primeiro
		第二个 [*dì èr gè*]	segundo

	第三天 [*dì sān tiān*]	terceiro dia
Fração precisa de uma quantidade	三分之一 [*sān fēn zhī yī*]	a terça parte
	十分有六 [*shí fēn yǒu liù*]	os seis décimos
Locuções adverbiais de ordem ou sequência	第一.....第二 [*dì yī……dì èr*]	em primeiro lugar... em segundo lugar
	一来.....二来 [*yī lái……èr lái*]	
Classificação hierárquica	上等、中等、下等 [*shàng děng, zhōng děng, xià děng*]	primeira, segunda e terceira qualidade

Fonte: Elaborada pela autora com base nos exemplos bilingues do terceiro capítulo da *Arte China*.
Nota. Os exemplos foram abreviados e adaptados para destacar apenas os constituintes relevantes.

Podemos observar neste quadro que as regras de formação das expressões numéricas são apresentadas de maneira implícita, ou seja, através de exemplos concretos e, possivelmente, complementadas pela explicação do docente durante as aulas. Além das adições numerais, não há anotações suplementares que detalhem os padrões ou princípios subjacentes, sugerindo que Gonçalves confiava na prática e no contexto didático para esclarecer as estruturas numéricas aos seus estudantes.

Embora o padre vicentino não tenha apresentado uma lista completa dos números básicos de zero a dez, os exemplos oferecidos incluem três números específicos: três, quatro e oito, sendo os dois primeiros combinados para representar uma quantidade numérica inteira aproximada. Para os números entre dez e cem, o autor ilustra os padrões de formação com base nos números básicos, evidenciando a estrutura lógica do sistema numérico chinês. No caso de quantidades a partir de cem, Gonçalves introduz a unidade de medida numérica "百 *bǎi* 'cem'", ampliando o alcance das expressões numéricas apresentadas. Entre os exemplos de quantidades inteiras, destaca-se o uso do quantificador indefinido "幾 *jǐ* 'algum'", que expressa uma quantidade aproximada. A subdivisão dos números cardinais também inclui uma expressão de frequência e uma locução adverbial de modo, enriquecendo a diversidade dos mecanismos expressivos apresentados no seu método didático. Esses exemplos refletem o cuidado de Gonçalves em abordar não apenas os números básicos, mas também as suas aplicações contextuais, promovendo uma aprendizagem mais prática e abrangente.

No método analítico de Gonçalves, a "adição numeral" corresponde à categoria de classificadores da terminologia moderna, uma classe lexical pouco observada na língua portuguesa. Esta subclasse apresenta uma ampla diversidade de exemplos, ilustrando a ausência de regras universais para a sua aplicação, conforme mencionado na nota do autor. Na realidade, a associação entre numerais e classificadores já era uma prática estabelecida na comunidade sinológica. Por exemplo, na obra de Martini, os classificadores são descritos como "partículas numéricas" (cf. Gianninoto, 2014, p. 139). Gonçalves, por sua vez, também utiliza o termo "partícula" para traduzir "虚字 *xūzì* 'palavra vazia'" no quarto capítulo da *Arte China*, aplicando-o para agrupar diversas palavras funcionais do estilo sublime. Contudo, ao abordar as adições numerais, o sinólogo português adota uma designação alternativa,

"adição numeral", que parece intencional e procura enfatizar a natureza simultaneamente dependente, subsidiária e indispensável desta categoria lexical no âmbito das expressões numéricas. Esse detalhe reflete o cuidado de Gonçalves em diferenciar as funções das palavras no seu método, sublinhando a interdependência essencial entre numerais e classificadores na língua chinesa e adaptando-as de forma pedagógica à sua análise contrastiva.

Por fim, na análise dos números ordinais, o autor vai além das expressões de ordem e sucessão, incluindo também quantidades fracionadas, locuções úteis para a introdução de raciocínios lógicos ordenados, e até mesmo expressões de natureza espacial que representam classificações hierárquicas. Esta abordagem evidencia o esforço de Gonçalves para captar a amplitude e a complexidade das funções numéricas e classificatórias no chinês, adaptando-as ao seu método pedagógico. Assim, a análise dos numerais no método de Gonçalves, ainda que maioritariamente ancorada na tradição analítica greco-latina, revela uma abordagem abrangente e inovadora, que integra a lógica estrutural do sistema numérico chinês com aplicações práticas e contextuais. A criação da nova categoria "adição numeral", inexistente na sua tradição linguística, reflete não apenas a tentativa de adaptar conceitos chineses às categorias ocidentais, mas também o esforço deliberado de Gonçalves para traduzir as particularidades da língua chinesa, destacando a dependência funcional entre numerais e classificadores e enfatizando a sua relevância para a compreensão e aplicação do sistema numérico no contexto da língua e cultura chinesas.

A análise dos pronomes chineses no método de Joaquim Gonçalves procura estabelecer equivalências lexicais com o português, enquanto evidencia diferenças estruturais significativas entre as duas línguas, conforme se ilustra na Tabela 42.

Tabela 42 O pronome na análise gramatical de Joaquim Gonçalves

Classe	Pronome	Equivalente	Seleção de exemplos bilingues
Pessoal e possessivo	eu (meu)	我（的） [*wǒ (de)* 'eu (meu)']	Eu é que tenho a culpa de me arruinares. 我的不是你壞我的事 [*wǒ de búshì nǐ huài wǒ de shì*]
	tu (teu)	你（的） [*nǐ (de)* 'tu (teu)']	A tua mesa não chega à deles. 你的那一張桌子不及他們的 [*nǐ de nà yì zhāng zhuōzi bù jí tāmen de*]
	eles (deles)	他们（的） [*tāmen (de)* 'eles (deles)']	
	ele/ela	他 [*tā* 'ele/ela']	Ele de si é mau. 他自己不好 [*tā zìjǐ bù hǎo*]
	si/se	自（己） [*zì (jǐ)* 'próprio']	Faz mal a si mesmo. 自害自己 [*zì hài zìjǐ*]
			Matou-se. 自殺 [*zìshā*]
			Soberbo, cheio de si. 自滿自足 [*zìmǎn zìzú*]
	próprio	自己的 [*zìjǐ (de)* 'próprio']	É meu próprio. 是我自己的 [*shì wǒ zìjǐ de*]
		親 [*qīn* 'próprio, pessoal']	Disse-o com a própria boca. 他親口說過 [*tā qīn kǒu shuō guò*]

Relativo	que	的 [*de* ‘marcador de modificação’]	Não fui eu que matei aquele homem. 那个人不是我殺的 [*nà gè rén bú shì wǒ shā de*]
			Eu amo os que me amam. 我爱爱我的人 [*wǒ ài ài wǒ de rén*]
			O dinheiro que tenho não chega para os gastos. 我所有的錢不彀用 [*wǒ suǒyǒu de qián bú gòu yòng*]
		什么 [*shénme* ‘que, o que’]	Não entendo o que ele diz. 不懂得他說什么 [*bù dǒng de tā shuō shénme*]
			Restitui àquele de quem a coisa é. 是什么人的还什么人 [*shì shénme rén de huán shénme rén*]
		他 [*tā* ‘ele/ela’]	Havia lá um mestre que não tinha muito cuidado em ensinar a lição aos discípulos. 那裡有一个先生他不大用心教徒弟 [*nàlǐ yǒu yī gè xiānsheng tā bú dà yòngxīn jiāo túdì*]
Interrogativo	quem?	誰 [*shéi* ‘quem’]	Venha quem quiser. 誰要誰來 [*shéi yào shéi lái*]
			Quem é aquele Senhor? 那一位是誰 [*nà yí wèi shì shéi*]
			Quem veio? 誰來了 [*shéi lái le*]
		人 [*rén* ‘pessoa’]	Houve quem lhe disse uma palavra de repreensão. 有人說他一句 [*yǒu rén shuō tā yí jù*]
	que?	怎么样 [*zěnmeyàng* ‘que tal’]	Que te parece isto? 你看這个怎么樣 [*nǐ kàn zhège zěnmeyàng*]
		什么 [*shénme* ‘que, o que’]	Que doença tens? 你害什么病 [*nǐ hài shénme bìng*]
			Que doença é a que tens? 你害的是什么病 [*nǐ hài de shì shénme bìng*]
			Não entendo que é o que ele diz. 不懂得他說的是什么 [*bù dǒng de tā shuō de shì shénme*]
		多 [*duō* ‘quão, quanto’]	Que grandeza tem? 有多大 [*yǒu duō dà*]
			Que altura tem? 有多高 [*yǒu duō gāo*]
	qual?	誰 [*shéi* ‘quem’]	Qual deles é melhor? 他們裡頭誰好 [*tāmen lǐtou shéi hǎo*]
			Qual é melhor, o beberrão ou o falador? 會喝酒的爱說話的誰好 [*huì hējiǔ de ài shuōhuà de shéi hǎo*]
		那一个 [*nǎ yí gè* ‘qual’]	Qual destas coisas é melhor? 他們裡頭那一个好 [*tāmen lǐtou nǎ yí gè hǎo*]
Indefinido	ambos	两个 [*liǎng gè* ‘dois, ambos’]	Ambos são espertos. 他們两个都伶俐 [*tāmen liǎng gè dōu línglì*]
			Ambos têm habilidade. 两人各个有本事 [*liǎng rén gè gè yǒu běnshì*]
	nenhum	都不 [*dōu bù* ‘ambos/todos não’]	Nenhum dos dois chora. 他們两个都不哭 [*tāmen liǎng gè dōu bù kū*]
		一个也没有/都没有 [*yí gè yě méiyǒu / dōu méiyǒu* ‘não há nem um’]	Nenhum deles foi. 他們都沒有去 [*tāmen dōu méiyǒu qù*]
			Nenhum deles foi. 一个也沒有去 [*yí gè yě méiyǒu qù*]
	alguém	有人 [*yǒu rén* ‘há pessoa’]	Alguém me rogou. 一定有人呪罵 [*yīdìng yǒu rén zhòumà*]
			Alguém lho disse. 必定有人報他知 [*bìdìng yǒu rén bào tā zhī*]
	algum	有 [*yǒu* ‘há’]	Há algum que não sirva? 有不和式的么 [*yǒu bù hé shì de me*]
			Há alguns anos, *ou* há anos que não chove até à 4ª Lua. 有年不下雨到四月 [*yǒu nián bù xià yǔ dào sìyuè*]
			Há alguns que lhe querem fazer mal e não podem, *ou* há quem lhe quer fazer mal e não pode. 有多少人謀害他不着 [*yǒu duōshǎo rén móuhài tā bù zháo*]
			Há algumas pessoas ali. 有幾个 人在那裡 [*yǒu jǐ gè rén zài nàlǐ*]

	qualquer	不論 [*búlùn* ‘não falar’]	Peço a qualquer dos Senhores que venha. 請一位不論誰來 [*qǐng yī wèi búlùn shéi lái*]
			Matando tu qualquer homem hás de pagar com a vida. 你殺一个不論什么人都要抵償 [*nǐ shā yī gè rén búlùn shénme rén dōu yào dǐcháng*]
		不拘 [*bùjū* ‘não restringir’]	Não se permite a qualquer murmurador falar. 毀謗的人不拘誰不許說話 [*huǐbàng de rén bùjū shéi bù xǔ shuōhuà*]
	muitos	好幾 [*hǎo jǐ* ‘muitos’]	Há muitos dias que o não tenho visto. 好幾天沒有見他 [*hǎo jǐ tiān méiyǒu jiàn tā*]
		好些 [*hǎo xiē* ‘muitos’]	Há muitos dias que não vem. 好些日子不來 [*hǎo xiē rìzi bù lái*]
		多 [*duō* ‘muitos’]	Guardando-se muito tempo, corrompe-se. 放的日子多就爛了 [*fàng de rìzi duō jiù làn le*]
	outro	别的 [*bié de* ‘outro’]	Dá-me outro livro. 給我别的一本書 [*gěi wǒ bié de yī běn shū*]
		再 [*zài* ‘novamente’]	Dá-me outro livro. 再給我一本書 [*zài gěi wǒ yī běn shū*]
			Não há outro tão baixo. *É baixíssimo.* 再沒有這么矮的一个人 [*zài méiyǒu zhème ǎi de yī gè rén*]
		人家的 [*rénjiā de* ‘de outrem’]	Coisa de outrem eu não tenho furtado nem uma palha. 人家的東西我一幹草也沒有偷 [*rénjiā de dōngxī wǒ yī gāncǎo yě méiyǒu tōu*]
		Construções de contraste	Uns estavam sentados, outros andavam. 坐的坐走的走 [*zuò de zuò zǒu de zǒu*]
			Alguns homens são de bom génio e outros de mau. 人有好性子的也有暴性情的 [*rén yǒu hǎo xìngzi de yě yǒu bào xìngqíng de*]
		另一个 [*lìng yí gè* ‘outro’]	É outro diferente. 是另一个的 [*shì lìng yí gè de*]
Demonstrativo	mesmo	那 [*nà* ‘esse, aquele’]	É o mesmo de antes. 還是頭裡那一个 [*háishì tóu lǐ nà yí gè*]
		就 [*jiù* ‘exatamente’]	É ele mesmo. 就是他 [*jiù shì tā*]
		一样 [*yíyàng* ‘mesmo’]	Tudo é o mesmo. 都是一樣 [*dōu shì yíyàng*]
			Da mesma cor. 一樣的顏色 [*yíyàng de yánsè*]
			Ele é da mesma altura que tu. 他同你一樣高 [*tā tóng nǐ yíyàng gāo*]
		同 [*tóng* ‘igual’]	Nós temos o mesmo sobrenome. 我們同姓 [*wǒmen tóng xìng*]

Fonte: Elaborada pela autora de acordo com os exemplos bilingues do terceiro capítulo da *Arte China*.
Nota. Os exemplos em português são apresentados em lição modernizada. As designações apresentadas na primeira coluna seguem a proposta de Li (2024, p. 64), tendo sido revistas e complementadas com base na Tabela 37 acima, que detalha a classificação das palavras chinesas segundo a análise gramatical de Joaquim Gonçalves.

Podemos ver neste quadro que, enquanto o português utiliza pronomes com flexão de caso, pessoa, género e número, o chinês mantém pronomes pessoais invariáveis.

O pronome da terceira pessoa do singular “他 *tā*” é hoje complementado pela variante feminina homófona “她 *tā*”. No entanto, tal como acontece nas obras de Gonçalves, historicamente este primeiro do género masculino era a única forma disponível. Os pronomes possessivos no chinês são formados pela adição da partícula “的 *de*”, marcando a posse de maneira invariável. Assim, pronomes pessoais e possessivos, juntamente com os mecanismos de marcação de reflexividade, ocupam o primeiro espaço na análise pronominal de Gonçalves sem designação específica. Nos pronomes relativos, o chinês usa

amplamente o marcador de modificação "的 *de*" para ligar orações, além do pronome interrogativo "什么 *shénme* 'o que'" e a repetição do sujeito por meio de pronomes pessoais. Os pronomes interrogativos questionam a identidade, as qualidades ou a seleção, enquanto os indefinidos expressam indefinição ou quantidades vagas. Já os pronomes demonstrativos, com um único candidato, "mesmo", enfatizam a identidade ou a igualdade. Todos os mecanismos abrangidos pelas últimas quatro subclasses com designação própria são apresentados como equivalentes das expressões usuais do português.

Em síntese, a análise de Gonçalves sobre os artigos, numerais e pronomes na língua chinesa revela um esforço louvável para estabelecer correspondências entre as categorias gramaticais do chinês e do português, respeitando, contudo, as diferenças estruturais significativas entre as duas línguas. A classificação dos demonstrativos como artigos e a subdivisão detalhada de numerais e pronomes refletem uma abordagem pioneira e contrastiva, na qual conceitos gramaticais do português são adaptados para descrever a estrutura do chinês. Essa transposição não é feita de forma arbitrária; pelo contrário, observa-se uma preocupação em respeitar as especificidades da língua chinesa, como exemplificado na introdução da categoria de "adições numerais". Esta, equivalente aos classificadores chineses – uma classe lexical inexistente em português – evidencia a sensibilidade de Gonçalves ao criar uma análise que alia o rigor da tradição greco-latina às particularidades do chinês, estabelecendo assim um marco inovador no estudo gramatical intercultural.

2.4.2. Ordem sintática dos constituintes da frase

O Capítulo IV da *Arte China*, intitulado *Syntaxe*, é inteiramente dedicado à análise da posição sintática das partes da oração, apresentando um conjunto de regras e exceções fundamentadas numa abordagem comparativa com o português (cf. L. Li, 2024, p. 49). A Tabela 43 oferece uma visão geral dessas regras, formuladas por Gonçalves com base na terminologia gramatical latina. Para uma leitura mais concisa, os exemplos específicos foram omitidos nesta tabela.

Tabela 43 Sintaxe do chinês na análise gramatical de Joaquim Gonçalves

Secção		Ordem relativa	Interpretação
1. Nome	1)	Nominativo antes do verbo Exceção	Sujeito + Verbo (SV)
	2)	Genitivo antes do regente: o regido de verbo reputa-se acusativo Exceção	Genitivo + Nome (GN)
	3)	Dativo depois do verbo, antes do acusativo e, se com partícula, antes do verbo Exceção	Verbo + Dativo + Objeto (VDO) ou Partícula + Dativo + Verbo (ParDV)
	4)	Acusativo depois do verbo Exceções	Verbo + Objeto (VO)

		5)	Vocativo antes do verbo	Vocativo + Verbo (VocV)
		6)	Ablativo antes do verbo Exceções	Ablativo + Verbo (AblV)
		7)	Os [nomes] abstratos ou verbos tomam-se como causa, e não como nominativo Exceção	
2.	Adjetivo	8)	Adjetivo antes do substantivo, não sendo ou compreendendo verbo Exceções	Adjetivo + Nome (AdjN)
			Todo	
			Provável	
			Meio	
3.	Preposição	9)	Preposição antes do nome	Preposição + Nome (PrN)
		10)	As preposições de quietação e movimento tomam-se como substantivos e estão depois do nome	
4.	Advérbio	11)	Advérbio antes do verbo	Advérbio + Verbo (AdvV)
5.	Conjunção	12)	Conjunção tem a mesma posição que em português, mas frequentemente se omite	
6.	Oração incidente	13)	A oração incidente precede	Oração subordinada adverbial + Oração principal
7.	Interjeição	Interjeição emotiva; interjeição interrogativa		
8.	Vozes de animais			
9.	Tratamentos			
10.	Partículas sublimes			
11.	Sintaxe figurada			
12.	Exercícios de sintaxe sublime			

Fonte: Elaborada pela autora com base na designação das doze secções do quarto capítulo da *Arte China*.

Este quadro evidencia que a posição relativa das partes da oração é abordada de forma detalhada, principalmente nas primeiras seis categorias gramaticais. Em contraste, a sétima, oitava, nona e décima secções, dedicadas a classes de palavras não tratadas anteriormente, recebem menor ênfase quanto à colocação sintática, possivelmente devido à sua posição mais fixa nas frases. Já as duas últimas secções do capítulo centram-se na análise retórica e na prática avançada da sintaxe clássica, abordando os aspetos estilísticos e literários da língua.

A ordem das partes da oração segue um conjunto específico de regras formuladas numa perspetiva contrastiva com a estrutura sintática do português. Essas regras, no entanto, são frequentemente acompanhadas de exceções, refletindo a flexibilidade inerente à estrutura do chinês. É importante destacar que, como esclarece o próprio autor, a utilização da terminologia latina, especialmente no que se refere aos casos gramaticais, serve apenas para facilitar a explicação das regras sintáticas, sem sugerir correspondências exatas na estrutura do chinês (cf. L. Li, 2024, p. 50). Nesse sentido, os termos gramaticais europeus são utilizados como ferramentas interpretativas, adaptadas para descrever a ordem sintática do chinês, sem forçar equivalências literais entre os dois sistemas linguísticos. Este método demonstra a abordagem contrastiva e pragmática de Gonçalves ao descrever as especificidades do

chinês a partir de um enquadramento familiar para os estudantes lusófonos, sem negligenciar as peculiaridades da língua estudada.

2.4.2.1. Substantivo, adjetivo e verbo

Os sintagmas substantivais analisados por Gonçalves têm a sua posição determinada pela função sintática que desempenham na frase. Do ponto de vista tipológico, as regras "Nominativo antes do verbo" e "Acusativo depois do verbo" apontam para uma predominância da ordem Sujeito-Verbo-Objeto (SVO) no chinês. Adicionalmente, a regra "Genitivo antes do regente" indica que, em chinês, o genitivo precede o sintagma nominal (GN). Da mesma forma, as regras que regem os adjetivos e preposições mostram uma preferência por estruturas pré-nominais (AdjN e PrN).

Além disso, Gonçalves dedica atenção especial à posição relativa do dativo (D) e do ablativo (Abl). O dativo, que indica o destinatário ou beneficiário de uma ação, é colocado após o verbo e antes do complemento direto (VDO), enquanto o ablativo, que expressa o ponto de partida, a origem ou o meio de uma ação, ocupa preferencialmente uma posição pré-verbal (AblV). Essa descrição reflete uma tentativa de adaptar os termos gramaticais da tradição latina para descrever meios expressivos que são equivalentes em termos sintáticos e semânticos, mas que não possuem correspondência direta ao nível morfológico no chinês.

Tanto as regras como as exceções às regras gerais parecem basear-se, em parte, na estrutura sintática do português. Por exemplo, as exceções à terceira regra sobre a posição do dativo, que normalmente segue o verbo e precede o complemento direto, tomam como referência a norma do português, conforme ilustrado nos exemplos bilingues[101] anotados em (2).

(2) a. Doe-me o braço.
我的肱膊疼 [*Wǒ de gēbo téng*] (Gonçalves, 1829a, p. 147)
Eu DE braço doer
'O meu braço dói.'

b. Tirei-te o tempo.
悞了你的時候 [*Wù le nǐ de shíhou*] (Gonçalves, 1829a, p. 147)
Desperdiçar PTC.PFV tu DE tempo
'Desperdicei o teu tempo.'

c. Tirou-me huma cadeira grande de bambú.
拿了我的一把竹杆的大椅子去 [*Ná le wǒ de yī bǎ zhú gān de dà yǐzi qù*] (Gonçalves, 1829a, p. 147)
Pegar PTC.PFV eu DE um CLF bambu cana de grande cadeira ir
'Levou uma cadeira grande de bambu minha.'

d. Isto he-te impossivel.
你不能得這个 [*Nǐ bù néng dé zhè ge*] (Gonçalves, 1829a, p. 147)
Tu NEG poder obter DEM.PROX CLF
'Tu não podes conseguir isto.'

[101] Nesta subsecção, os exemplos em chinês clássico serão apresentados apenas quando os textos correspondentes em chinês vernacular não forem suficientes.

Em todos estes exemplos, considerados exceções à regra do dativo, os pronomes de complemento indireto em português aparecem como pronomes possessivos ou pessoais em chinês, integrados no sujeito ou complemento direto. Assim, não há sintagmas que possam ser classificados como pertencentes ao caso dativo nos exemplos em chinês. Dessa forma, a análise de Gonçalves reflete uma abordagem que adapta as regras gerais e suas exceções a partir de uma perspetiva comparativa, alinhando as estruturas do chinês com as diretrizes sintáticas do português sem impor correspondências diretas.

Observa-se uma sobreposição significativa da categoria verbal com as outras duas classes formais — nome e adjetivo —, evidenciada pela sétima regra sobre substantivos abstratos e pela oitava regra sobre adjetivos, ambas mencionando a justaposição com verbos. Esta observação de Gonçalves sugere uma interseção entre as funções dos adjetivos, nomes e verbos no chinês, de modo semelhante ao que foi abordado por Chao:

> In Indo-European languages adjectives often have similar inflections, or at least parallel inflections, to those of nouns, and are thus more like nouns than verbs. Adjectives in Chinese, on the other hand, function readily as predicatives as well as attributive modifiers, and in the latter capacity the conditions for adjectives are almost as much circumscribed as for action verbs. (Chao, 1968, p. 685)

Gonçalves, ao propor que substantivos abstratos e adjetivos em chinês tendem a justapor-se aos verbos, antecipa em parte a ideia de Chao sobre a maleabilidade funcional dos adjetivos no chinês. Para ambos os autores, as fronteiras entre essas categorias são mais flexíveis do que nas línguas indo-europeias, e o papel dos adjetivos é modelado mais pela função sintática e pela posição do que por uma configuração morfológica específica, evidenciando uma análise convergente entre as suas observações.

Na análise de Gonçalves, os nomes "abstratos" (ver Tabela 43) representam substantivos com origem em processos de recategorização, como a conversão (ver 2.4.1.3 acima), que em parte se sobrepõem aos verbos, conforme evidenciado em (3).

(3) O muito estudo, *ou* estudar o matou. 因多念書死了[*Yīn duō niànshū sǐ le*]Δ 為讀甚而亡 [*Wèi dú shèn ér wáng*] (Gonçalves, 1829a, p. 149)
Por muito ler livro morrer PTC.PFV Δ Por ler demais então morrer
'Morreu por ter estudado muito.' Δ 'Morreu por ter estudado demais.'

De acordo com a análise de Li (2024, p. 65), neste exemplo bilingue, o sujeito da frase em português, uma oração simples, apresenta duas alternativas: uma primeira formulação com um substantivo abstrato e uma segunda com um verbo no infinitivo. Caso "estudar" substitua "estudo", como parece ser a intenção de Gonçalves, temos um verbo recategorizado como substantivo: *O muito estudar o matou.* Em

contrapartida, os sujeitos nas frases complexas em chinês estão ausentes, sendo a estrutura construída com uma oração subordinada adverbial causal. Os sujeitos dessas orações subordinadas, "念書 *niànshū* 'ler livro'" e "讀 *dú* 'ler'", correspondem ao que Gonçalves designa como "abstratos, ou verbos".

Os adjetivos são, em regra, posicionados antes do nome em chinês, "não sendo ou compreendendo verbo". Sob esta regra, encontramos os exemplos bilingues transcritos e anotados em (4).

(4) a. Os maos naõ podem ter paz
惡人不得平安 [*È rén bù dé píng'ān*] (Gonçalves, 1829a, p. 149)
Mau pessoa NEG obter paz
'Os maus não têm paz.'

b. Os santos saõ poucos.
聖人少 [*Shèng rén shǎou*] (Gonçalves, 1829a, p. 149)
Santo pessoa pouco
'Os santos são poucos.'

c. Todos os doentes cómem pouco.
凡有病的人吃的少 [*Fán yǒu bìng de rén chī de shǎo*]]Δ 凡人有病所食甚少矣 [*Fán rén yǒu bìng suǒ shí shèn shǎo yǐ*] (Gonçalves, 1829a, p. 149)
Ordinário ter doença DE pessoa comer DE pouco Δ Ordinário pessoa ter doença AUX comer bastante pouco PTC
'As pessoas (que são) doentes comem pouco.' Δ 'As pessoas ordinárias, quando estão doentes, comem muito pouco.'

d. Tudo he por tua causa[102].
都是你的缘故 [*Dōu shì nǐ de yuángù*] (Gonçalves, 1829a, p. 149)
Tudo ser tu DE causa
'Tudo é por tua causa.'

Nos dois primeiros exemplos, (a) e (b), os sujeitos seguem rigorosamente essa regra, com os adjetivos "惡 *è* 'mau'" e "聖 *shèng* 'santo'" na posição pré-nominal. No terceiro exemplo (c), porém, o elemento "有病的人 *yǒu bìng de rén* 'pessoa que tem doença'", o único candidato que corresponderia ao "adjetivo" na descrição de Gonçalves, pode, na realidade, ser visto como uma oração subordinada adjetiva relativa. Este caso ilustra uma exceção na qual o adjetivo inclui um verbo, pois na versão em chinês clássico o sintagma verbal "有病 *yǒu bìng* 'ter doença" funciona como oração subordinada adverbial de condição. Por fim, no último exemplo (d), o constituinte correspondente ao adjetivo pode também ser interpretado como um pronome possessivo "你的 *nǐ de* 'teu/tua'".

Por outro lado, entre as exceções a essa regra, o autor apresenta os exemplos listados em (5).

(5) a. Há muita gente, que naõ está por elle.
有人多不服他 [*Yǒu rén duō bù fú tā*] Δ 儘多弗服之者 [*Jìn duō fú fú zhī zhě*] (Gonçalves, 1829a, p. 149)
Haver pessoa muita NEG convencer 3SG Δ Totalmente muito NEG convencer 3SG PTC
'Há muitas pessoas que não estão convencidos por ele.' Δ 'São muitos os que não estão convencidos por ele.'

[102] No original lê-se "cousa", mas possivelmente se trata de um erro tipográfico.

b. Poucos homens chegaõ a oitenta annos.	人到八十岁的少 [*Rén dào bā shí suì de shǎo*] (Gonçalves, 1829a, p. 150) Pessoa chegar oito dez ano DE pouco 'São poucos os que chegam aos oitenta anos.'
c. Deo-lhe muito dinheiro.	给他银子多 [*Gěi tā yín-zi duō*] (Gonçalves, 1829a, p. 150) Dar 3SG prata-PTC muito 'O dinheiro que lhe deu era muito.'

Nestes três exemplos excecionais, os adjetivos de quantidade "多 *duō* 'muito'" e "少 *shǎo* 'pouco'" funcionam predominantemente como predicados adjetivais. Porém, o desvio à regularidade parece residir na ordem das orações adjetivas relativas. No exemplo (a), o sintagma verbal "不服他 *bù fú tā* 'não se submeter a ele'", em posição pós-nominal, atua como predicado da oração subordinada; no exemplo (b), o segmento "到八十岁 *dào bā shí suì* 'chegar aos oitenta anos'", contendo o verbo "到 *dào* 'chegar'", surge após o antecedente "人 *rén* 'pessoa'"; e, no último exemplo, embora o predicado verbal "给他 *gěi tā* 'dar-lhe'" da oração subordinada preceda o substantivo "银子 *yín-zi* 'dinheiro'", o predicado adjetival da oração principal, correspondente ao modificador adjetival "muito" do substantivo "dinheiro" em português, ocorre na posição final da frase.

Assim, a descrição metalinguística de Joaquim Gonçalves sobre a ordem sintática dos adjetivos abrange duas vertentes principais. A primeira refere-se aos adjetivos prototípicos que desempenham função predicativa em posição pré-nominal, enquanto a segunda trata das construções de orações subordinadas adjetivas relativas. Nessas orações, o predicado pode ser não apenas um adjetivo propriamente dito, mas também unidades lexicais de outras categorias, como verbos. Em ambos os casos, a partícula modificadora "的 de" no estilo oral desempenha um papel fundamental como marcador sintático, indicando a função adjetival do constituinte. Adicionalmente, a análise das posições sintáticas dos adjetivos por Gonçalves avança para três categorias específicas: "todo", "provável" e "meio" (ver Tabela 43). Esses termos são baseados em expressões equivalentes nas duas línguas, sendo a primeira associada a meios expressivos de totalidade, a segunda a expressões de probabilidade e a última a construções relacionadas com a proporção.

Em conclusão, a análise de Joaquim Gonçalves sobre a ordem sintática dos substantivos, adjetivos e verbos no chinês reflete uma abordagem contrastiva cuidadosamente estruturada, que adapta termos da tradição gramatical latina para descrever os padrões e exceções sintáticas do chinês. Embora o autor utilize conceitos europeus para facilitar a explicação das regras, observa-se a sensibilidade às particularidades estruturais do chinês, destacando a flexibilidade e a maleabilidade das categorias gramaticais, especialmente no caso dos adjetivos. A descrição metalinguística proposta por Gonçalves explora tanto os padrões predominantes, como a posição pré-nominal dos adjetivos, quanto as exceções

representadas por construções subordinadas mais complexas, como orações relativas e predicados adjetivais. Ao enfatizar a interação entre categorias lexicais, Gonçalves oferece uma visão inovadora e prática, que não só ilustra a lógica estrutural do chinês, mas também facilita a compreensão por parte dos estudantes ocidentais, estabelecendo uma ponte entre as duas tradições linguísticas.

2.4.2.2. Preposição, advérbio, conjunção e oração incidente

Na análise sintática de Joaquim Gonçalves, é igualmente examinada a posição das preposições, advérbios, conjunções e orações incidentes. Embora as preposições sejam uma categoria lexical fechada, estas não são abordadas no capítulo anterior, que se concentra nas características morfológicas das diferentes classes de palavras. No entanto, em termos de ordem sintática, as preposições seguem, na sua maioria, um padrão pré-nominal (PrN), com uma exceção notável: as preposições associadas a "quietação e movimento" (ver Tabela 43) que, diferentemente das demais, aparecem em posição pós-nominal.

Gonçalves chama a atenção para o seguinte no prólogo do terceiro capítulo: "o que nos tomamos v.g. por preposição, o China o toma por substantivo, assim em lugar de dizer: *Entre elles*, diz: *No meio deles*, ficando na regra do genitivo, e naõ do accusativo" (1829a, página não numerada entre pp. 127–128). Essa observação sugere que a divergência na identificação das partes da oração pode levar a uma interpretação alternativa para construções equivalentes às preposições em português. A Tabela 44 apresenta as unidades lexicais consideradas como preposições em português e em chinês na visão contrastiva de Joaquim Gonçalves.

Tabela 44 Preposição na análise gramatical de Joaquim Gonçalves

Tipo	Português	Chinês	Exemplos bilingues
Preposição (normal)	Sem	没 *méi* 'não ter' Δ 無 *wú* 'não ter'	Sem machado não se corta o pau. 没斧子不砍木 [*méi fǔzi bù kǎn mù*] Δ 無斧不可攻木 [*wú fǔ bù kě gōng mù*]
		非 *fēi* 'não ser' / 離了 *lí le* 'separado de' Δ 除 *chú* 'exceto'	Sem mim não podem os mais tratar isto. ? 非離了我別人都辦不来 [*fēi lí le wǒ bié rén dōu bàn bù lái*] Δ 除我無人能辦此事 [*chú wǒ wú rén néng bàn cǐ shì*]
		没有 *méi yǒu* 'não ter' Δ 無 *wú* 'não ter'	Sem causa alguma. 没有什麼緣故/無緣無故 [*méi yǒu shénme yuángù / wú yuán wú gù*] Δ 毫故亦無 [*háo gù yì wú*]
		不 *bù* 'não'	Eu posso fitar os olhos no sol sem se me obscurecer a vista. 我能直看日頭眼睛倒不瞎 [*wǒ néng zhí kàn rìtóu yǎnjīng dǎo bù xuàn*] Δ 吾直視太陽而目不眩 [*wú zhí shì tàiyáng ér mù bù xuàn*]
	Segundo	按 *àn* 'de acordo com'	O estudo deve ser segundo a ordem. 念書該當按次序 [*niàn shū gāi dāng àn cìxù*]

			Δ 學者須分次弟而學焉 [*xuézhě xū fēn cìdì ér xué yān*]
		按着 *àn zhe* 'conforme' Δ 据 *jù*'consoante' /述 *shù* 'contar'	Segundo ele diz, tu não tens crime. 按着他说的你没有罪 [*àn zhe tā shuō de nǐ méi yǒu zuì*] Δ 据/述其所言汝无罪 [*jù / shù qí suǒ yán rǔ wú zuì*]
	A	按 *àn* 'de acordo com' Δ 隨 *suí* 'seguir'	Pega a eito. 按次序拿 [*àn cìxù ná*] Δ 隨次取可也 [*suí cì qǔ kě yě*]
		.....的時候 *de shíhou* 'no momento de' Δ 一 *yī* 'um, assim que'	À sua chegada morreu das feridas. 剛到的時候傷死了 [*gāng dào de shíhou shāng sǐ le*] Δ 恰可一至之時傷殞命 [*qià kě yī zhì zhī shí shāng yǔn mìng*]
	Contra		Ele está irado contra ti. 他怒了你 [*tā nù le nǐ*] Δ 汝為其所怒 [*rǔ wéi qí suǒ nù*]
	Defronte	相对 *xiāng duì* 'frente a frente' Δ 向 *xiàng* 'em direção a'	Defronte do tribunal há barracas. 相对衙門有帳房 [*xiāng duì yá mén yǒu zhàng fáng*] Δ 向衙有帳房 [*xiàng yá yǒu zhàng fáng*]
Preposição de quietação e movimento	Dalém de	那一边 *nà yì biān* 'aquele lado' Δ 外 *wài* 'fora'	Dalém do rio há poucos tigres. 在河那一边老虎少 [*zài hé nà yī biān lǎohǔ shǎo*] Δ 于河外虎甚少 [*yú hé wài hǔ shèn shǎo*]
	Daquem de	這一边 *zhè yì biān* 'este lado' Δ 内 *nèi* 'dentro'	Daquem do rio há muitos salteadores. 河這一边强盜狠多 [*hé zhè yī biān qiángdào hěn duō*] Δ 于河内盜者甚多 [*yú hé nèi dào zhě shèn duō*]
	Em	裡 *lǐ* 'dentro' Δ中 *zhōng* 'meio'	Ele estava em pessoa no tribunal. 他親身在公堂裡 [*tā qīn shēn zài gōng táng lǐ*] Δ 彼躬身在公堂中 [*bǐ gōng shēn zài gōng táng zhōng*]
	Sobre	上 *shàng* 'em cima'	O teu livro está sobre a mesa. 你的書在桌子上 [*nǐ de shū zài zhuōzi shàng*] Δ 尔書在桌上 [*ěr shū zài zhuō shàng*]
			Descarrega isto sobre mim. 把這个放在我身上 [*bǎ zhège fàng zài wǒ shēnshàng*] Δ 以此事置吾身上可也 [*yǐ cǐ shì zhì wú shēn shàng kě yě*]
	Debaixo de	下 *xià* 'em baixo'	Os meus sapatos estão debaixo da cama. 我的鞋在床底下 [*wǒ de xié zài chuáng dǐxià*] Δ 吾之履在床下 [*wú zhī lǚ zài chuáng xià*]
	Entre	裡頭 *lǐtou* 'dentro' Δ中 *zhōng* 'meio'	Entre elles há um bonzo. 在他们裡頭有一个和尚 [*zài tāmen lǐtou yǒu yī gè héshang*] Δ 其中有一位和尚 [*qí zhōng yǒu yī wèi héshang*]
	Diante de, atrás de	裡頭 *lǐtou* 'dentro' 後頭 *hòutou* 'atrás' Δ 先 *xiān* 'antes' 後 *hòu* 'depois'	O chamado *Kiam* ia diante de mim, e o *Ti* atrás. 那个姓姜的在我頭裡走 [*nàgè xìng jiāng de zài wǒ tóulǐ zǒu*] Δ 姜公走我之先狄公走我之後 [*jiāng gōng zǒu wǒ zhī xiān dí gōng zǒu wǒ zhī hòu*]
	Dentro	裡頭 *lǐtou* 'dentro' Δ 内 *nèi* 'dentro'	Encaminhou-o até dentro da cidade. 指引了他到府裡頭 [*zhǐ yǐn le tā dào fǔ lǐtou*] Δ 引彼至府内 [*yǐn bǐ zhì fǔ nèi*]
	A	口児 *kǒur* 'entrada' Δ 間 *jiān* 'entre'	À porta. 在門口児 [*zài mén kǒu ér*] Δ 于門間 [*yú mén jiā*n]
		上 *shàng* 'em cima' Δ 間 *jiān* 'entre'	À janela. 在窻戶上 [*zài chuāng hù shàng*] Δ 在牖間 [*zài yǒu jiān*]
		跟前 *gēnqián* 'frente' Δ 前 *qián* 'frente'	À mesa. 在桌子跟前 [*zài zhuōzi gēnqián*] Δ 於桌前 [*yú zhuō qián*]

Fonte: Elaborada pela autora com base nas regras sintáticas e exemplos bilingues de preposição no capítulo IV da *Arte China*.

Neste quadro, observamos que a maioria das preposições regulares parece ter sido proposta com base nas unidades lexicais habitualmente analisadas como preposições em português.

Em termos concretos, a primeira preposição, "sem", que indica ausência ou carência, corresponde em chinês a uma variedade de mecanismos expressivos de negação. Estes incluem elementos verbais como "没 *méi* 'não ter'", "無 *wú* 'não ter'", "没有 *méi yǒu* 'não ter'", formas adverbiais como "不 *bù* 'não'", e algumas construções preposicionais, como "除 *chú* 'exceto'". A segunda preposição, "segundo", que expressa conformidade ou alinhamento, equivale principalmente às preposições "按 *àn* 'de acordo com'", "按着 *àn zhe* 'conforme'" e "据 *jù* 'consoante'", podendo também ser sugerida contextualmente pelo verbo " 述 *shù* 'contar'". A terceira preposição, "a", possui várias correspondências, como a preposição "按 *àn* 'de acordo com'", o verbo "隨 *suí* 'seguir'" a locução "……的時候 *de shíhou* 'no momento de'" e a partícula temporal "一 *yī* 'um, assim que'". A quarta preposição, "contra", não possui equivalentes claros e é expressa através do sentido contextual da frase[103]. Por fim, o advérbio "defronte", que é tratado como preposição, corresponde ao verbo "相对 *xiāng duì* 'defronte'" ou à preposição "向 *xiàng* 'em direção a'". Essas preposições, tal como são descritas por Gonçalves, revelam uma adaptação funcional, na qual as estruturas gramaticais do português são mapeadas com expressões chinesas de sentido equivalente.

As preposições de quietação e movimento, cuja posição sintática é tipicamente pós-nominal, parecem, por outro lado, fundamentar-se num conjunto de substantivos ou sintagmas substantivais com características específicas, geralmente classificadas como palavras locativas (*place words*) no chinês moderno. Em termos específicos, as expressões identificadas como preposições de quietação e movimento no glossário de Gonçalves correspondem sobretudo às "palavras de posição" (*position words*) e aos compostos do tipo Nome-Localizador e estruturas compostas que envolvem localizadores (*N-L compounds and other compounds involving localizers*) (cf. Chao, 1968, pp. 533–544). Embora Gonçalves não as tenha classificado como localizadores ou como uma subclasse de nomes, como atualmente é feito, a sua descrição — "as preposições de quietação e movimento se tomam como substantivos" (ver Tabela 43) — demonstra uma precisão terminológica notável. Essa anotação revela uma observação minuciosa que captura a função expressiva dessas construções, sem equivalentes formais em português. Assim, a análise de Gonçalves revela uma adaptação analítica inovadora e sensível às especificidades do chinês, refletindo uma tentativa de sistematizar o papel expressivo das unidades lexicais classificadas como preposições de quietação e movimento.

[103] As duas frases em chinês utilizadas como exemplos parecem sugerir um sentido contrário ao indicado pela frase correspondente em português, especialmente quando interpretadas à luz do chinês contemporâneo.

Na análise gramatical de Joaquim Gonçalves, os advérbios seguem uma ordem que os coloca antes do verbo, embora não sejam apresentados com uma subclassificação explícita. Com base nos exemplos fornecidos, observa-se que a categoria de advérbio parece englobar todos os constituintes sintáticos com função de complemento oblíquo, isto é, aqueles que podem modificar desde o predicado até à frase inteira. A Tabela 45 sintetiza as possíveis classes de advérbios conforme são exemplificadas no método de Gonçalves.

Tabela 45 Advérbio na análise gramatical de Joaquim Gonçalves

Classes de advérbios		**Exemplos do chinês vulgar**
Advérbio de predicado ou de frase	Valor de modo	重重的 *zhòngzhòng de* 'pesadamente', 慢慢 *mànmàn* 'lentamente', 直直的 *zhízhí de* 'diretamente', 好好儿的 *hǎohāor de* 'cuidadosamente/bem', 紧紧 *jǐnjǐn* 'firmemente', 干干净净的 *gāngānjìngjìng de* 'limpamente', 快 *kuài* 'rapidamente', 相 *xiāng* 'mutuamente', 慢 *màn* 'devagar', 好 *hǎo* 'bem', 大 *dà* 'grandemente', 偶然 *ǒurán* 'ocasionalmente', 忽然 *hūrán* 'de repente', 莫奈何 *mò nàihé* 'sem opção/inevitavelmente'
	Valor locativo	那里 *nàlǐ* 'ali'
	Valor temporal	常常 *chángcháng* 'frequentemente', 天天 *tiāntiān* 'todos os dias', 暂且 *zànqiě* 'temporariamente', 先 *xiān* 'primeiro', 后来 *hòulái* 'posteriormente', 头里 *tóulǐ* 'antes', 不久 *bùjiǔ* 'em breve', 从来 *cónglái* 'sempre', 又 *yòu* 'de novo'
Advérbio de contingência		原来 *yuánlái* 'originalmente'
Advérbio de negação		万不要/切勿 *wàn bù yào/qiè wù* 'de modo algum/nenhum', 从不 *cóng bù* 'nunca', 永远再不/永不 *yǒngyuǎn zài bù/yǒng bù* 'nunca mais/nunca'
Advérbio de grau		这么 *zhème* 'tão, deste modo', 这样 *zhèyàng* 'desta forma', 越.....越..... *yuè... yuè...* 'quanto mais... mais...', 更 *gèng* 'ainda mais'
Advérbio de inclusão		只 *zhǐ* 'apenas', 不过 *búguò* 'somente', 才 *cái* 'apenas', 也 *yě* 'também', 都 *dōu* 'todos', 几乎 *jīhū* 'quase', 就 *jiù* 'então'
Advérbio interrogativo		多少 *duōshǎo* 'quanto', 怎么 *zěnme* 'como'
Advérbio de avaliação		可 *kě* 'realmente', （一.....）就 *yī... jiù* 'assim que... então...', 倒 *dào* 'pelo contrário'
Outros		如同 *rútóng* 'como', 彼此 *bǐcǐ* 'mutuamente', 从那里 *cóng nàlǐ* 'de lá', 按公道 *àn gōngdào* 'justamente', 比 *bǐ* 'comparativamente', 幸免 *xìngmiǎn* 'felizmente evitar', 看 *kàn* 'ver', 说的好 *shuō de hǎo* 'bem dito', 人人 *rénrén* 'todos', 若 *ruò* 'como, se', 论 *lùn* 'segundo, com base em', 因为 *yīnwèi* 'porque', 喜欢的样儿 *xǐhuan de yàngr* 'como gostar'

Fonte: Elaborada pela autora com base nos constituintes frásicos com função de complemento oblíquo, extraídos dos exemplos bilingues presentes na quarta secção do quarto capítulo da *Arte China*.

A sequência dos exemplos na coleção de advérbios de Gonçalves não parece seguir um critério claro quanto à classificação dos diferentes tipos de advérbios, nem se orienta por critérios específicos de agrupamento. Por exemplo, muitos dos advérbios exemplificados são formados por reduplicação — um dos processos de formação de palavras mais característicos da língua chinesa (ver 2.4.1.1 acima) — mas, tipograficamente, estão dispersos na lista. A última categoria, "outros", reúne expressões que geralmente não pertencem ao grupo adverbial na língua chinesa, mas cujas equivalências em português correspondem a expressões adverbiais. Em termos de abrangência, a coleção de advérbios organizada

por Gonçalves cobre quase todas as categorias comummente propostas para advérbios[104], demonstrando a amplitude e a variedade dos elementos adverbiais no chinês.

Na descrição de Gonçalves, as conjunções em chinês mantêm uma posição relativa semelhante à do português, embora muitas vezes sejam omitidas. A Tabela 46 oferece uma visão geral dos constituintes que desempenham a função de conjunção nos exemplos apresentados pelo sinólogo português, organizados em duas grandes categorias: as conjunções omitidas e as expressas. As omitidas são subdivididas conforme a relação coordenativa que manifestam, enquanto as expressas são classificadas com base nas respetivas características morfossintáticas.

Tabela 46 Conjunção na análise gramatical de Joaquim Gonçalves

Tipo	Subdivisão	Exemplos do chinês vulgar
Implícita	Copulativa	"陆马" *Lù Mǎ* 'Lu e Ma', "高大华丽" *gāo dà huá lì* 'alto, grande, esplêndido e bonito', "你我" *nǐ wǒ* 'tu e eu', "好善恶恶" *hǎo shàn è wù* 'amar o bem e odiar o mal'
	Disjuntiva	"要不要" *yào bù yào* 'quer ou não quer', "准不准" *zhǔn bù zhǔn* 'permitido ou não', "能不能" *néng bù néng* 'pode ou não pode', "能进去不能" *néng jìn qù bù néng* 'pode entrar ou não'
	Conclusiva	"我懂得他有诡獘脱避了他" *wǒ dǒng de tā yǒu guǐ pì tuō bì le tā* 'Tendo entendido que ele usava de dolo, fugi dele', "这个苦的深万舌不能完" *zhè ge kǔ de shēn wàn shé bù néng wán* 'Este sofrimento é tão profundo que não pode ser descrito', "他老走不动" *tā lǎo zǒu bù dòng* 'Ele está demasiado velho para andar'
Explícita	Preposicional	合 *hé* 'juntamente com', 同 *tóng* 'junto com', 连 *lián* 'até mesmo'
	Adverbial	倒 *dào* 'pelo contrário', 后来 *hòulái* 'depois', 只 *zhǐ* 'apenas', 便 *biàn* 'então', 都 *dōu* 'todos', 也 *yě* 'também', 不拘 *bù jū* 'não importa', 不要 *bù yào* 'não deve'
	Correlativa	便是……也是 *biàn shì… yě shì* 'é tanto... como', ……就…… *jiù* 'logo...', 不单……还是…… *bù dān… hái shì…* 'não só... mas também...', 不单……也 *bù dān… yě…* 'não apenas... mas também...', 虽然……到底…… *suī rán… dào dǐ…* 'embora... no final...', 虽……倒…… *suī… dào…* 'embora... pelo contrário...', ……还…… *hái…* 'ainda...', 不是……就是…… *bú shì… jiù shì…* 'ou... ou...', 或是……或是…… *huò shì… huò shì…* 'ou... ou...'

Fonte: Elaborada pela autora com base em exemplos de conjunções implícitas ou em constituintes frásicos que introduzem orações e outros elementos, extraídos dos exemplos bilingues da quinta secção do quarto capítulo da *Arte China*.

Este quadro revela que, na análise de Gonçalves, as conjunções chinesas não oferecem uma correspondência direta com as conjunções em português.

Uma grande parte das conjunções acima identificadas é implícita ou expressa através de outras classes de palavras, como preposições e advérbios, pois em termos de dissemelhanças morfológicas ou funções morfossintáticas, as conjunções dificilmente se distinguem de advérbios e preposições em chinês (cf. Chao, 1968, p. 793). Essa característica demonstra uma particularidade importante na

[104] Por exemplo, no Dicionário Terminológico (2008), as classes de advérbio são as seguintes: advérbio de predicado, advérbio de frase, advérbio conectivo, advérbio de negação, advérbio de afirmação, advérbio de quantidade e grau, advérbio de inclusão e exclusão, advérbio interrogativo e advérbio relativo. Já na Gramática de Chao (1968), temos advérbio de alcance e quantidade, advérbio de avaliação, advérbio de afirmação e negação, advérbio de tempo, advérbio de contingência, advérbio de grau, advérbio de lugar, advérbio de modo e advérbio interrogativo.

estrutura do chinês, no qual a conexão entre frases e orações muitas vezes não exige conjunções explícitas, o que contrasta com a dependência do português de elementos coordenativos ou subordinativos claros para construir relações lógicas entre frases. Além disso, as conjunções correlativas em chinês são notáveis por serem compostas de duas partes, o que reforça a ligação entre as orações e enfatiza relações como contraste, condição ou adição. Gonçalves inclui diversos exemplos desse tipo, evidenciando como essa estrutura contribui para a clareza e fluidez na articulação de ideias complexas em chinês.

A última regra de ordem na análise sintática de Joaquim Gonçalves refere-se às "orações incidentes", que, geralmente, ocupam uma posição precedente. No entanto, são raros os exemplos que Gonçalves reúne sob essa regra: apenas quatro, dos quais três seguem a norma e um é apresentado como exceção, conforme transcrito e anotado em (6).

(6)

a. Já que tu naõ vens, nós vamos sos.

既然你不來我們自己去 [*Jìrán nǐ bù lái wǒmen zìjǐ qù*] Δ 尔既不来我等自往耳 [*Ěr jì bù lái wǒděng zì wǎng ěr*] (Gonçalves, 1829a, p. 158)

Já-que tu NEG vir nós próprio ir Δ Tu já-que NEG vir nós próprio ir PTC

'Já que não vens, vamos nós sós.' Δ 'Já que não vens, nós vamos sós.'

b. Vai com elle, se elle quizer.

若他要你同他去 [*Ruò tā yào nǐ tóng tā qù*] Δ 使其願汝從之以往可也 [*Shǐ qí yuàn rǔ cóng zhī yǐ wǎng kě yě*] (Gonçalves, 1829a, p. 158)

Se 3SG querer tu com 3SG ir Δ Se 3SG desejar tu seguir 3SG para ir poder PTC

'Se ele quiser, vai com ele.' Δ 'Se ele quiser, podes ir com ele.'

c. Eu sempre o amo, ainda que elle me trate mal.

雖然待我不好我只是愛他 [*Suīrán dài wǒ bù hǎo wǒ zhǐshì ài tā*] Δ 雖以吾惡待吾愛之不已[*Suī yǐ wú è dài wú ài zhī bù yǐ*] (Gonçalves, 1829a, p. 158)

Embora tratar eu NEG bom eu apenas amar 3SG Δ Embora com eu mal tratar eu amar 3SG NEG cessar

'Embora ele me trate mal, eu apenas o amo.' Δ 'Embora ele me trate mal, eu sempre o amo.'

d. Quando há abundância de tudo, o povo pode naõ só cantar a abundancia, mas descançar do trabalho.

多咱東西多百姓不但樂其万物豐盛还能歌一歌 [*Duōzán dōngxi duō bǎixìng bùdàn lè qí wànwù fēngshèng hái néng xiē yi xiē*] Δ 万象无数之多百姓可緩其力非但歌[105]其物阜已也 [*Wànxiàng wúshù zhī duō bǎixìng kě huǎn qí lì fēidàn gē qí wù fù yǐ yě*] (Gonçalves, 1829a, p. 158)

Quando coisas muito povo não-só alegria todas-as-coisas abundante ainda poder descansar um descansar Δ Todas-as-coisas sem-número PTC muito povo poder aliviar 3SG esforço não-só cantar 3SG abundância cessar PTC

'Quando há abundância de tudo, o povo não apenas se alegra com a prosperidade de tudo, mas também pode descansar um pouco.' Δ 'Com a abundância de tudo, o povo não só pode aliviar o seu esforço, mas também desfrutar da prosperidade das suas posses.'

Com base nestes exemplos, podemos inferir que a "oração incidente" na terminologia de Gonçalves parece corresponder às orações subordinadas em português — ou seja, orações que se acrescentam à

[105] No original, encontramos o caráter "歌", que não consta no *Diccionario China-Portuguez* de Joaquim Gonçalves. Considerando o verbo correspondente em português, é possível que seja uma variante gráfica do caráter "歌 *gē* 'cantar'."

oração principal para a explicar ou restringir, sendo introduzidas por conjunções e locuções como "já que", "se", "ainda que" e "quando". Em chinês, essas funções são representadas por conjunções como "既然 *jìrán* 'já que'", "若 *ruò* 'se'", "虽然 *suīrán* 'embora'" e "多咱 *duōzán* 'quando'". Entretanto, a razão pela qual o último exemplo é classificado como exceção à regra da precedência não é clara, visto que a oração subordinada mantém, nesse caso, a mesma posição antecedente observada nos outros exemplos. Em suma, a análise de Gonçalves das orações incidentes mostra uma tendência de precedência das orações subordinadas em chinês, refletindo um esforço de sistematização que busca alinhar as particularidades sintáticas dessa língua com a estrutura do português.

Em conclusão, a análise de Joaquim Gonçalves sobre preposições, advérbios, conjunções e orações incidentes no chinês evidencia um esforço pioneiro e detalhado para mapear as estruturas sintáticas dessa língua de acordo com as categorias gramaticais do português, respeitando as suas especificidades. A abordagem do autor destaca quer a flexibilidade funcional quer a economia estrutural do chinês, como se observa na preponderância de preposições pós-nominais, na ausência de uma demarcação rígida entre advérbios e conjunções e na prevalência de conjunções implícitas que articulam ideias sem necessidade de marcadores formais. Ao mesmo tempo, a sistematização das orações incidentes reflete a tentativa de alinhar a ordem sintática chinesa com a lógica do português, sublinhando as diferenças entre as duas línguas e a riqueza expressiva do chinês. Essa análise não só contribui para o ensino-aprendizagem da língua, mas também demonstra a sensibilidade de Gonçalves na interpretação e adaptação dos conceitos linguísticos para descrever de forma funcional e compreensível as complexidades da sintaxe chinesa.

2.4.2.3. Interjeição

Na análise sintática do chinês de Joaquim Gonçalves, a interjeição, última categoria lexical da tradição gramatical ocidental abordada, é tratada numa secção específica do quarto capítulo da *Arte China*. A classificação proposta pelo autor apresenta uma divisão clara entre os exemplos gerais de interjeições e um subtipo mais específico, identificado sob o subtítulo de "interjeição interrogativa." Essa organização reflete a tentativa de Gonçalves de sistematizar a diversidade funcional das interjeições no chinês, alinhando-as com as categorias já consagradas na gramática ocidental, mas sem desconsiderar as particularidades da língua chinesa.

Ao analisar os exemplos, observa-se que o primeiro grupo corresponde ao que denominamos como interjeições emotivas, como "Ai!", "Oh!" e "Hui!", cujos equivalentes chineses são "嗳呀 *ài ya*", "吁

xū" e "噫 *yī*" (Gonçalves, 1829a, p. 159). Além dessas palavras com função exclusivamente emotiva, o sinólogo português inclui nesta subsecção diversas formas de exclamação, tal como se representam em (7).

(7) a. Maravilha! 奇妙[*Qí miào*] ∆妙哉 [*Miào zāi*] (Gonçalves, 1829a, p. 159)
Maravilhoso fantástico ∆ Fantástico PTC
'Maravilhoso!' ∆ 'Fantástico!'

b. Que pena! 可惜了[*Kě xī le*] ∆可惜也哉[*Kě xī yě zāi*] (Gonçalves, 1829a, p. 159)
Poder lamentar PTC ∆ Poder lamentar PTC PTC
'Que lamentável!' ∆ 'Que lamentável!'

c. Terrivel! 了不得 [*Liăo bu de*] ∆可怕 [*Kě pà*] (Gonçalves, 1829a, p. 159)
Resolver NEG conseguir ∆ Poder temer
'Terrível!' ∆ 'Que medo!'

d. Que extravagância! 古怪的[*Gŭguài de*] ∆異哉 [*Yì zāi*] (Gonçalves, 1829a, p. 159)
Estranho DE ∆ Diferente PTC
'Que extravagância!' ∆ 'Que estranho!'

e. Hui, Ah! 阿何[*ā hé*] ∆噫[*yī*]、嗳[*ài*]、嗚呼 [*wū hū*] (Gonçalves, 1829a, p. 159)
Oh que ∆ Ai, Oh, Ó
'O quê?!' ∆ 'Hui! Ai! Ah!'

f. Oh se elle viesse! 他來總好了[*Tā lái cái hăo le*] ∆其来则幸甚[*Qí lái zé xìng shèn*] (Gonçalves, 1829a, p. 159)
3SG vir só bom PTC ∆ 3SG vir então felicidade grande
'Seria ótimo se ele viesse!' ∆ 'Seria uma grande felicidade se ele viesse!'

g. Que loucura! 這个糊涂法兒 [*Zhè ge hútu făr*] ∆迷哉是人[*Mí zāi shì rén*] (Gonçalves, 1829a, p. 159)
DEM.PROX CLF confusão maneira ∆ Confuso PTC DEM.PROX pessoa
'Que confusão!' ∆ 'Que confuso está este homem!'

h. Que pena! 可憐[*Kě lián*] ∆哀哉[*Āi zāi*] (Gonçalves, 1829a, p. 159)
Poder ter-pena ∆ Lamento AUX
'Que pena!'∆ 'Que pena!'

i. Que malvado! 好惡人[*Hăo è rén*] ∆惡哉是人[*È zāi shì rén*] (Gonçalves, 1829a, p. 159)
Bem mau pessoa ∆ Mau PTC DEM.PROX pessoa
'Que malvado!' ∆ 'Que má é esta pessoa!'

Nestes exemplos, destaca-se o uso da partícula auxiliar "哉 *zāi*" como marca exclamativa no estilo sublime da língua chinesa (exemplos a., b., d., g., h. e i.), enquanto no registo vulgar as exclamações são geralmente transmitidas por meio de entoação e marcas prosódicas, sem necessidade de marcas sintáticas ou morfossintáticas adicionais. Resumidamente, a descrição das interjeições canónicas no método de Gonçalves abrange duas vertentes: as interjeições emotivas e as formas exclamativas.

As interjeições interrogativas, apresentadas na segunda subsecção de forma individual, consistem num conjunto de partículas auxiliares com valor modal posicionadas no final de frases interrogativas, cujos exemplos são sistematizados em (8).

(8) a. Pode ser? 使得麼[*Shĭ de me*] ∆可乎[*Kě hū*] (Gonçalves, 1829a, p. 159)
Usar poder PTC ∆ Poder PTC
'Pode ser?' ∆ 'Pode ser?'

b. E o segundo? 第二个呢[*Dì'èr ge ne*] ∆其二乎[*Qí èr hū*] (Gonçalves, 1829a, p. 159)
Segundo CLF PTC ∆ 3sg segundo PTC
'E o segundo?' ∆ 'E o segundo?'

c. E até quando te naõ lembrarás de mim? 到什么時候不記得我呢[*Dào shénme shíhòu bú jì de wǒ ne*] ∆ 亦何時而不致念乎/耶/与[*Yì héshí ér bù zhì niàn hū/yé/yǔ*] (Gonçalves, 1829a, p. 159)
Chegar que tempo NEG lembrar conseguir eu PTC ∆ Também quando então NEG enviar saudade PTC/PTC/PTC
'Até quando deixarás de te lembrar de mim?' ∆ 'Também quando deixarás de te lembrar de mim?'

d. Pediste-lhe, ou deo-to? 是你求他是他自給了你[*Shì nǐ qiú tā shì tā zì gěi le nǐ*] ∆求之欤抑與之欤 [*Qiú zhī yú yì yǔ zhī yú*] (Gonçalves, 1829a, p. 159)
Ser tu pedir 3SG ser 3SG próprio dar PTC tu ∆ Pedir 3SG PTC ou dar 3SG PTC
'Pediste-lhe ou deu-te?' △ 'Pediste-lhe ou deu-te?!'

e. Porque perguntas só isto? 為什么单单的問這个 [*Wèi shénme dāndān de wèn zhè ge*] ∆ 何為止問是哉/胡問此耳[*Hé wéi zhǐ wèn shì zāiī/Hú wèn cǐ ěr*] (Gonçalves, 1829a, p. 159)
Por que somente DE perguntar DEM.PROX CLF ∆ Que por terminar perguntar DEM.PROX AUX/Porque perguntar DEM.PROX PTC
'Por que perguntas só isto?' ∆ 'Por que perguntas só isto?/Porque perguntar isto?'

f. Por ventura pode? 难道能彀么[*Nándào néng gòu me*] ∆焉/烏可哉/耶 [*Yān/wū kě zāi/yé*] (Gonçalves, 1829a, p. 159)
Será-que poder chegar PTC ∆ Como/como poder PTC/PTC
'Por ventura pode?' ∆ 'Como poderá?'

g. Lançou-o de si? 棄了他么 [*Qì le tā me*] ∆安絕之乎 [*Ān jué zhī hū*] (Gonçalves, 1829a, p. 159)
Abandonar PTC 3SG PTC ∆ Como extinguir 3SG PTC
'Expulsou-o?' △ 'Como o afastou!'

h. Porventura levou-o? 難道拿他去了[*Nándào ná tā qù le*] ∆豈攜之以往乎[*Qǐ xié zhī yǐ wǎng hū*] (Gonçalves, 1829a, p. 159)
Será-que levar 3SG ir PTC ∆ Como levar 3SG então ir PTC
'Será que o levou?'∆ 'Poderá tê-lo levado embora?'

Este conjunto de exemplos ilustra uma ampla variedade de partículas e estruturas de frases interrogativas. No estilo coloquial, destaca-se o uso das partículas modais "麼/么 *me*" e "呢 *ne*", que mantêm as mesmas funções no chinês moderno, embora a primeira tenha sido em grande parte substituída pela variante "吗 *ma*". No estilo clássico, sobressaem várias partículas que introduzem perguntas, como "乎 *hū*", "耶 *yé*", "与 *yǔ*", "欤 *yú*", "耳 *ěr*", "哉 *zāi*" e "焉 *yān*", as quais são aprofundadas na penúltima secção do mesmo capítulo da *Arte China*, dedicada exclusivamente às partículas sublimes (ver 2.4.2.4 abaixo). Para Gonçalves, essas partículas auxiliares ou gramaticais, que não têm equivalentes diretos em português, são interpretadas e classificadas como interjeições interrogativas.

Além das partículas, também encontramos na análise de Gonçalves alguns meios expressivos de interrogação que utilizam unidades lexicais de outras categorias formais. Por exemplo, o uso de

estruturas disjuntivas, como "是……（还）是…… *shì...(hái) shì* 'é... (ou) é...'" no exemplo d), que indica uma pergunta de escolha, e "*为什么 wèishéme*" no exemplo e), que é usado para perguntas parciais sobre a causa. Além disso, "*难道/難道 nándào*" nos exemplos f) e h) é usado como uma expressão retórica que introduz uma expectativa ou uma antecipação negativa, sugerindo surpresa ou dúvida quanto à possibilidade do que está sendo dito. Todos estes recursos, classificados sob a categoria de interjeição, demonstram a diversidade das ferramentas linguísticas para formar perguntas em chinês, que vão além do uso de partículas.

Em suma, a análise das interjeições chinesas no método gramatical de Joaquim Gonçalves reflete um esforço para categorizar elementos específicos da língua sem correspondência direta no português, tratando-os como expressões autónomas de emoção e de ênfase interrogativa. Ao destacar tanto as interjeições emotivas como as interrogativas, Gonçalves oferece uma abordagem abrangente que abarca não só as formas canónicas de exclamação, mas também um conjunto de partículas modais e locuções interrogativas que expressam dúvida e questionamento. Essa abordagem evidencia a sensibilidade do autor diante da função expressiva e do contexto de uso das partículas, embora estas não recebam uma categorização independente na sua classificação formal, especialmente no que se refere às do registo informal. Assim, Gonçalves apresenta uma análise adaptada que incorpora modelos gramaticais ocidentais, respeitando as particularidades expressivas e estruturais do chinês clássico e vernacular.

2.4.2.4. Partículas sublimes

Na análise de Joaquim Gonçalves, as partículas sublimes são discutidas na décima secção do quarto capítulo da *Arte China*, sob o título bilingue "Partículas Sublimes 虛字 [*xūzì* 'palavra vazia']". O autor observa o seguinte: "Algumas são às vezes partes principais da oração; às expletivas se corresponde na nossa língua só com um requebro da voz" (Gonçalves, 1829a, p. 161, em lição modernizada). A secção inclui 21 partículas gramaticais do estilo sublime, uma quantidade notavelmente menor em comparação com os estudos filológicos contemporâneos chineses. Por exemplo, obras como "《虛字说》*Xūzì shuō* 'Tratado sobre Palavras Vazias'" (1710), "《助字辨略》*Zhùzì biànlüè* 'Compêndio sobre Partículas Gramaticais'" (1711) e "《经传释词》*Jīng zhuàn shì cí* 'Explicação das Partículas nos Clássicos e Comentários'" (1798)[106], abordam 141 "palavras vazias", 476 partículas gramaticais e 160 partículas retóricas, respetivamente (cf. Chappell & Peyraube, 2014, pp. 110–112).

[106] Os respetivos autores destas três obras são 袁仁林 *Yuán Rénlín*,刘淇 *Liú Qí* e 王引之 *Wáng Yǐnzhī*.

Embora mais restrita, a seleção de Gonçalves reflete uma tentativa de adaptação ao público europeu, dando prioridade aos elementos essenciais para a compreensão e o uso do estilo sublime em chinês. No entanto, a ausência de evidências concretas sobre as fontes do autor levanta questões sobre o processo de compilação do seu glossário, especialmente diante do contraste com a abrangência das tradições filológicas chinesas da época. Essa discrepância sugere que Gonçalves pode ter-se baseado numa seleção funcional, orientada pelo seu objetivo pedagógico, em vez de adotar uma abordagem exaustiva, como era comum nos estudos filológicos chineses.

As 21 partículas apresentadas no quarto capítulo da *Arte China* são acompanhadas de definições e exemplos bilingues em português e chinês, embora as descrições fornecidas nas duas línguas nem sempre correspondam de maneira exata (cf. L. Li, 2024, p. 70). A Tabela 47 é uma transcrição adaptada da Tabela 6 de Li (2024, p. 69), na qual as definições em português foram modernizadas com o intuito de facilitar a análise da equivalência terminológica entre as duas línguas.

Tabela 47 Partículas sublimes analisadas no quarto capítulo da *Arte China*

Nº	Partícula	Definição em chinês	Definição em português
1º	之 [*zhī*] Che	之語助辭也 [*zhī yǔ zhù cí yě* '*Zhi* é partícula auxiliar.']	O CHE é terminação de genitivo e expletiva.
		又有所指之辭也 [*yòu yǒu suǒ zhǐ zhī cí yě* 'Também é uma partícula de referência']	Também é pronome "ele".
		又至也 [*yòu zhì yě* 'Também significa "chegar".']	Também é verbo "chegar".
2º	于/於 [*yú*] Iu	于/於語助又在也 [*yú/yú yǔ zhù yòu zài yě* '*Yu* é partícula auxiliar, também significa "em".']	IU é preposição "em, a".
3º	夫 [*fú*] Fu	夫語端辭也 [*fú yǔ duān cí yě* '*Fu* é partícula inicial.']	FU é expletiva inicial.
		又語已辭也 [*yòu yǔ yǐ cí yě* 'Também é partícula final.']	Também é expletiva final.
		又有所指辭也 [*yòu yǒu suǒ zhǐ cí yě* 'Também é uma partícula de referência.']	Também é artigo e pronome.
4º	而[*ér*] Olr	而語相屬辭也 [*ér yǔ xiāng shǔ cí yě* '*Er* é partícula conetiva.']	OLR é conjuntiva.
		又語助辭也 [*yòu yǔ zhù cí yě* 'Também é partícula auxiliar.']	Também é expletiva final.
5º	焉[*yān*] Ien	焉語已辭也 [*yān yǔ yǐ cí yě* '*Yan* é partícula final.']	IEN é expletiva final: indica ênfase.
		又語助辭也 [*yòu yǔ zhù cí yě* 'Também é partícula auxiliar.']	Também é expletiva média, ou pausa na oração.
		又語端辭也 [*yòu yǔ duān cí yě* 'Também é partícula inicial.']	Também é expletiva inicial interrogativa.
6º	哉[*zāi*] Çai	哉助語詞也 [*zāi zhù yǔ cí yě* '*Zai* é partícula auxiliar.']	ÇAI é expletiva interrogativa final.
		又間辭也 [*yòu jiān cí yě* 'Também é partícula intermédia.']	Também é expletiva média de admiração.
		又始也 [*yòu shǐ yě* 'Também significa "começar".']	Também significa "principiar".
7º	者[*zhě*] Choŏ	者語助也 [*zhě yǔ zhù yě* '*Zhe* é partícula auxiliar.']	CHOŎ é artigo.
		又有所指之詞也 [*yòu yǒu suǒ zhǐ zhī cí yě* 'Também é uma partícula de referência.']	Também é terminação de particípio.
8º	耳[*ěr*] Olr	耳决詞也 [*ěr jué cí yě* '*Er* é partícula terminante.']	OLR é expletiva final terminante.
		又語助也 [*yòu yǔ zhù yě* 'Também é partícula auxiliar.']	Também é expletiva média.
9º	耶[*yé*]	耶語助也 [*yé yǔ zhù yě* '*Ye* é partícula auxiliar.']	IE é expletiva final interrogativa.

	Ie	又疑辞也 [*yòu yí cí yě* 'Também é partícula de dúvida.']	Também é expletiva de dúvida.
10º	也[*yě*] Ie	也语助之终也 [*yě yǔ zhù zhī zhōng yě* '*Ye* é uma partícula auxiliar que demarca o fim.']	IE é expletiva final.
		又决辞也 [*yòu jué cí yě* 'Também é partícula terminante.']	Também é expletiva terminante.
		又語之餘也 [*yòu yǔ zhī yú yě* 'Também é a pausa de um discurso.']	Também é expletiva suspensiva.
		又發語 [*yòu fā yǔ* 'Também é partícula inicial.']	Também é expletiva inicial.
11º	乎[*hū*] Hu	乎疑詞也反喝也 [*hū yí cí yě fǎn hè yě* '*Hu* é partícula de dúvida, também marca a interrogação retórica.']	HU é expletiva final interrogativa.
		又語助辞 [*yòu yǔ zhù cí* 'Também é partícula auxiliar.']	Também é expletiva.
12º	乃[*nǎi*] Nai	乃承上起下之詞也 [*nǎi chéng shàng qǐ xià zhī cí yě* '*Nai* é partícula de transição.']	NAI é partícula conjuntiva.
13º	與 [*yǔ*]/ 欤 [*yú*] Iu	與/欤疑辞也 [*yǔ/ yú yí cí yě* '*Yu* é partícula de dúvida.']	IU é expletiva de dúvida.
		又施也 [*yòu shī yě* 'Também significa "dar".']	Também significa "dar".
14º	與[*yǔ*] Iu	與同也 [*yǔ tóng yě* '*Yu* significa "com".']	IU significa "com".
15º	矣[*yǐ*] I	矣語已辞也 [*yǐ yǔ yǐ cí yě* '*Yi* é partícula final.']	I é expletiva final.
		又决辞也 [*yòu jué cí yě* 'Também é partícula terminante.']	Também é expletiva terminante.
		又語助辞也 [*yòu yǔ zhù cí yě* 'Também é partícula auxiliar.']	Também é expletiva.
16º	蓋 / 盖[*gài*] Cai	蓋/盖申明詞也 [*gài shēn míng cí yě* '*Gai* é partícula explicativa.']	CAI é explicativa.
		又不定之詞也 [*yòu bú dìng zhī cí yě* 'Também é partícula de incerteza.']	Também é expletiva de incerteza.
17º	且[*qiě*] Chie	且况且也 [*qiě kuàng qiě yě* '*Qie* significa "quanto mais".']	CHIE "quanto mais".
		又未定辞也 [*yòu wèi dìng cí yě* 'Também é partícula de incerteza.']	Também é expletiva de dúvida.
		又苟且也 [*yòu gǒu qiě yě* 'Também significa "desleixado".']	Também significa "sem regra".
18º	雖[*suī*] Soei	雖不定也况也 [*suī bù dìng yě kuàng yě* '*Sui* significa "indeterminado, quanto mais".']	SOEI significa "indeterminado, quanto mais".
19º	以[*yǐ*] I	以语助也 [*yǐ yǔ zhù yě* '*Yi* é partícula auxiliar.']	I é expletiva "para".
		又有所挾之辞也又用也將也 [*yòu yǒu suǒ xié zhī cí yě yòu yòng yě jiāng yě* 'Também é partícula de instrumento; significa também "usar".']	Também é expletiva de instrumento.
20º	無如[*wúrú*] Vu-Ju	無如無法也 [*wú rú wú fǎ yě* 'Significa "sem remédio".']	VU-JU "não há remédio".
21º	將 無[*jiāngwú*] Chiam-Vu	將無得無也 [*jiāng wú dé wú yě* 'Significa "será que..."]	CHIAM-VU "poderá deixar de...".

Fonte: Transcrita e adaptada da Tabela 6 de Li (2024, p. 69).

Nota. Em relação à tabela original, foram efetuadas as seguintes modificações: as definições em português foram modernizadas; acrescentaram-se as transcrições em *Pinyin* para as definições em chinês; corrigiu-se a grafia do segundo caráter da expressão "語已辞 *yǔ sì cí*" para "語已辞 *yǔ yǐ cí*" e do primeiro caráter do termo "聞辞 *wén cí*" para "間辞 *jiān cí*".

Este quadro permite concluir que, embora Gonçalves tenha oferecido uma tentativa de aproximar as partículas sublimes do chinês clássico às suas correspondentes em português, a tradução e adaptação dos termos nem sempre garantem uma equivalência exata. Por exemplo, a função da partícula "之 *zhī*" é especificada na definição em português, destacando o seu uso como "terminação de genitivo", ou seja, como marcador de posse, origem ou relação.

Tirando as definições em chinês que explicam o significado e o uso de uma partícula como palavra de conteúdo, a Tabela 47 reúne um total de 23 termos chineses, os quais podem ser organizados em três grupos, com base no núcleo de cada sintagma, que corresponde, na maior parte, ao último caráter de cada expressão, como ilustrado na Tabela 48.

Tabela 48 Termos chineses na descrição das partículas sublimes do glossário de Joaquim Gonçalves

Núcleo		Termos em chinês	Equivalentes em português
"辭 *cí*""	1)	語助辭 *yǔ zhù cí* 'partícula auxiliar'	Terminação de genitivo e expletiva
			Expletiva médica, ou pausa na oração
			Expletiva
	2)	有所指之辭 *yǒu suǒ zhǐ zhī cí* 'partícula de referência'	Pronome
	3)	語端辭 *yǔ duān cí* 'partícula de início'	Expletiva inicial
			Expletiva inicial interrogativa
	4)	語已辭 *yǔ yǐ cí* 'partícula final'	Expletivo final
			Expletiva final, indica ênfase
	5)	有所指辭 *yǒu suǒ zhǐ cí* 'partícula de referência'	Artigo e pronome
	6)	語相屬辭 *yǔ xiāng shǔ cí* 'palavra de conexão'	Conjuntiva
	7)	間辭 *jiān cí* 'partícula intermédia'	Expletiva média de admiração
	8)	疑辭 *yí cí* 'partícula de dúvida'	Expletiva de dúvida
	9)	决辭 *jué cí* 'partícula terminante'	Expletiva terminante
	10)	未定辭 *wèi dìng cí* 'partícula de incerteza'	Expletiva de dúvida
	11)	有所挾之辭 *yǒu suǒ xié zhī cí* 'partícula de instrumento'	Expletiva de instrumento
"詞 *cí*""	12)	助語詞 *zhù yǔ cí* 'partícula auxiliar'	Expletiva interrogativa final
	13)	有所指之詞 *yǒu suǒ zhǐ zhī cí* 'partícula auxiliar'	Terminação de particípio
	14)	决詞 *jué cí* 'partícula terminante'	Expletiva final terminante
	15)	承上起下之詞 *chéng shàng qǐ xià zhī cí* 'partícula de transição'	Expletiva conjuntiva
	16)	申明詞 *shēn míng cí* 'partícula explicativa'	Explicativa
	17)	不定之詞 *bù dìng zhī cí* 'partícula de incerteza'	Expletiva de incerteza
	18)	疑詞 *yí cí* 'partícula de dúvida'	Expletiva final interrogativa
Outros	19)	反喝 *fǎn hè* 'interrogação retórica'	
	20)	語助 *yǔ zhù* 'auxílio de discurso'	Preposição
			Artigo
			Expletiva média
			Expletiva final interrogativa
			Expletiva
	21)	语助之终 *yǔ zhù zhī zhōng* 'partícula auxiliar que demarca o fim de um discurso'	Expletiva final
	22)	語之餘 *yǔ zhī yú* 'pausa de um discurso'	Expletiva suspensiva
	23)	發語 *fā yǔ* 'início de um discurso'	Expletiva inicial

Fonte: Elaborada pela autora com base nos termos extraídos da Tabela 47.

Neste quadro, podemos observar que os dois carateres "辭 *cí*" e "詞 *cí*" são usados de forma intercambiável, funcionando como sinónimos[107] e referindo-se ambos a um vocabulário que não faz parte

[107] O mesmo também acontece em estudos gramaticais de autores chineses, como é o caso da primeira gramática chinesa elaborada por um autor chinês 《马氏文通》*Mǎ Shì Wén Tōng* 'Gramática de Ma' (cf. J. Ma, 1986/2019, pp. 12–24).

da linguagem falada[108]. Assim, muitos dos termos nas primeiras duas categorias, cuja única diferença reside na distinção entre esses dois carateres, podem ser considerados essencialmente idênticos.

Do lado português, o uso frequente do termo "expletiva", que se refere a "palavra ou expressão que se emprega para adornar o discurso, para lhe dar graça ou força, sem contribuir para o sentido da frase" («expletiva», sem data), indica que as partículas sublimes são interpretadas como elementos complementares na construção sintática, frequentemente redundantes ou desnecessários ao sentido. Além disso, os equivalentes em português tendem a ser mais específicos, variando de acordo com a função gramatical de cada partícula, mesmo quando possuem a mesma definição em chinês. Assim, algumas partículas são descritas como terminações de genitivo ou de particípio, enquanto outras são equiparadas a diferentes classes de palavras em português, como pronomes, artigos e preposições.

Em conclusão, ao dedicar uma secção específica às partículas sublimes, Gonçalves destaca a relevância destas unidades lexicais na compreensão das estruturas mais elaboradas e formais do chinês clássico. No entanto, ao descrevê-las como elementos expletivos, cuja posição sintática é maioritariamente fixa, o gramático reconhece que essas partículas desempenham um papel auxiliar, funcionando mais como adornos no estilo literário do que como elementos essenciais ao seu significado. A sua análise revela um esforço para adaptar tanto a terminologia como a análise morfossintática do chinês clássico ao português, especialmente no que concerne à identificação e funcionamento dessas partículas. Desta forma, fica evidente que a sua abordagem gramatical não se limita à tradição greco-latina, mas também incorpora aspetos da tradição filológica chinesa, refletindo uma tentativa de síntese entre os dois sistemas linguísticos.

2.4.3. Discussão e conclusão

Ao longo desta secção, explorámos a abordagem inovadora de Joaquim Gonçalves da gramática da língua chinesa, revelando como o sinólogo português conseguiu adaptar os paradigmas linguísticos ocidentais para descrever a complexidade estrutural desta língua milenar. A sua análise gramatical, concentrada nos capítulos terceiro e quarto da *Arte China*, revela uma abordagem contrastiva que integra o modelo greco-latino e a tradição filológica chinesa. Embora influenciado pela gramática da sua língua materna, Gonçalves adapta cuidadosamente as categorias ocidentais à realidade linguística do chinês,

[108] Segundo Meng (2016), os textos escritos em chinês clássico não são registos autênticos da língua falada na antiguidade, devido à perda de informações, principalmente a entoação, durante a transição das expressões orais para a escrita. Esse problema foi agravado pela ausência de pontuação moderna na era clássica, por isso foi necessário criar, por meio de convenções académicas, um léxico meramente funcional, cujo único propósito era compensar as informações perdidas, mas essenciais para a interpretação dos textos escritos. Como esse glossário foi inventado e rigorosamente definido pelos exames imperiais, conseguiu sobreviver por um longo tempo, resistindo à variação histórica e regional, que poderia ter influenciado a escrita se esta refletisse a verdadeira oralidade da época, especialmente devido à existência de múltiplos dialetos.

sem impor correspondências exatas. Este trabalho distingue-se pela incorporação sensível de tradições filológicas nativas e pela criação de novas categorias analíticas, para além da adoção do paradigma ocidental, revelando um equilíbrio entre a fidelidade à essência da língua e a necessidade de torná-la acessível ao público europeu da época.

Através do exame das categorias lexicais e dos padrões sintáticos, percebemos que Gonçalves não apenas importou conceitos ocidentais, mas também os ajustou de maneira delicada à realidade linguística chinesa. Observámos, por exemplo, como o sinólogo incorporou termos gramaticais latinos para descrever a posição dos substantivos, enquanto reconhecia que estas não tinham equivalentes morfológicos diretos no chinês. Essa adaptação pragmática revela um entendimento profundo da estrutura não flexional do chinês, evidenciado na atenção dada à ordem sintática como um elemento-chave na construção de significado.

Além disso, ficámos impressionados com a maneira como Gonçalves valorizou as especificidades do chinês, como os processos únicos de formação de palavras e a flexibilidade funcional dos adjetivos e verbos. Este identificou, por exemplo, a importância da reduplicação e da diversidade nas formas de negação, destacando elementos que não possuem paralelo direto nas línguas europeias. Esse reconhecimento reflete não apenas uma adaptação técnica, mas também uma abertura cultural e linguística que contribuiu para aproximar os dois mundos.

No domínio sintático, percebemos como Gonçalves foi além de uma mera descrição formal, propondo um conjunto de regras que, embora ancoradas na lógica ocidental, captam as particularidades do uso real do chinês. As suas reflexões sobre a posição do sujeito, do verbo e do objeto, e ainda sobre a flexibilidade dos modificadores adjetivais, mostram uma abordagem contrastiva que enriquece tanto o estudo da língua como o ensino do chinês no Ocidente. Para nós, a forma como integrou as "partículas sublimes" denota um esforço singular para interpretar a profundidade estilística e retórica do chinês clássico, revelando uma preocupação não apenas gramatical, mas também cultural e literária.

Apesar dos nossos esforços para examinar detalhadamente cada categoria lexical adotada no sistema de análise gramatical de Gonçalves, reconhecemos que há ainda aspetos que merecem aprofundamento em futuros trabalhos. Entre estes, destaca-se a necessidade de uma comparação mais sistemática entre a classificação das partes do discurso proposta por Gonçalves e os estudos sinológicos contemporâneos, bem como o seu enquadramento na história da gramática chinesa. Além disso, um exame mais minucioso dos elementos atribuídos a cada classe de palavra, especialmente em relação às categorias que não possuem equivalentes diretos nas línguas europeias, seria fundamental para compreender como foram interpretados e reconhecidos esses fenómenos linguísticos no método de

Gonçalves. Esse esforço permitiria não apenas uma avaliação mais rigorosa da coerência interna do seu sistema, mas também uma análise mais profunda de sua contribuição para o estudo da gramática chinesa.

Em suma, a análise do sistema gramatical de Joaquim Gonçalves revela um esforço notável de síntese e adaptação, que alia uma profunda sensibilidade diante das especificidades da língua chinesa em relação à estrutura analítica ocidental, resultando num modelo inovador e acessível para os seus contemporâneos. Esta abordagem, marcada por um estudo atento das categorias lexicais, dos padrões sintáticos e dos aspetos estilísticos da língua, não só reflete um entendimento avançado do chinês, mas também antecipa a sua aplicação prática. Na secção seguinte exploraremos como esses princípios gramaticais e contrastivos se manifestam na metodologia de ensino desenvolvida por Gonçalves, analisando as estratégias didáticas que este utilizou para transmitir esses conhecimentos a estudantes europeus, num esforço para tornar o ensino da língua chinesa mais abrangente e acessível.

2.5. Didática da língua sínica

Tal como se referiu na secção 2.1, o método de ensino-aprendizagem da língua chinesa desenvolvido por Joaquim Gonçalves emergiu como uma resposta inovadora à ausência de uma abordagem didática eficaz na tradição local. Ao longo desta secção, procuraremos recapitular e analisar os principais elementos que compõem este método, fornecendo uma visão detalhada e prática da sua aplicação.

Inicialmente, examinaremos os objetivos pedagógicos delineados por Gonçalves, os componentes fundamentais do seu processo de ensino-aprendizagem e a sequência didática proposta, com especial atenção para a articulação entre a teoria e a prática na abordagem do autor. Esta análise será acompanhada por uma avaliação do material didático criado por Gonçalves – a trilogia composta pela *Arte China*, o *Diccionario China-Portuguez* e o *Diccionario Tonico* – e da metodologia sugerida para a sua consulta (subsecção 2.5.1). Na sequência, abordaremos as dificuldades específicas que Joaquim Gonçalves identificou no ensino da língua chinesa, observando como foram essas barreiras interpretadas e trabalhadas pelo autor, e exploraremos também a perspetiva contrastiva adotada pelo padre lazarista para colocar em contraste as características estruturais e culturais da língua chinesa e das línguas ocidentais (subsecção 2.5.2). Por fim, na última subsecção, 2.5.3, encerraremos a secção com uma revisão dos principais pontos abordados, assim como uma discussão sobre a relevância histórica do método didático de Gonçalves e as suas implicações para a prática atual, refletindo sobre possíveis avanços e aplicações contemporâneas do seu legado.

2.5.1. Um método de ensino-aprendizagem tripartido e sistemático

No contexto do ensino do chinês no século XIX, Joaquim Gonçalves destacou-se ao desenvolver um método pedagógico inovador, que integrava as competências oral e escrita de maneira estruturada. Logo no início do prólogo da *Arte China*, o autor esclarece que o objetivo central do seu método era capacitar os estudantes não apenas a dominar a língua chinesa falada, mas também a adquirir competências na leitura e escrita (Gonçalves, 1829a, p. I). Para atingir esse propósito abrangente, Gonçalves concebeu um sistema tripartido, composto por três volumes interdependentes: a *Arte China* e dois dicionários bilingues – o *Diccionario Portuguez-China* e o *Diccionario China-Portuguez*. Esta trilogia visava proporcionar uma formação completa e sistemática no ensino-aprendizagem do chinês.

Ainda nessa introdução, o autor especifica as funções de cada obra no seu método. A *Arte China* foi projetada como um guia para o ensino da leitura, tradução e composição, além de oferecer orientações detalhadas para o uso correto dos dois dicionários. Os dicionários, por sua vez, servem como ferramentas de consulta indispensáveis, permitindo que os estudantes acedam à pronúncia, aos significados e aos usos contextuais dos carateres chineses. Essa estrutura interdependente não apenas facilita a navegação entre as obras, mas também promove uma abordagem integrada da didática da língua, como ilustrado na Figura 4.

Figura 4 Objetivos didáticos da trilogia de Joaquim Gonçalves para o ensino-aprendizagem do chinês

Fonte: Elaborada pela autora.

Podemos observar que o método tripartido desenvolvido por Gonçalves proporciona aos estudantes europeus uma abordagem estruturada e sistemática para aprender o chinês, uma língua cultural e tipologicamente distinta. A seguir, analisaremos a composição e os objetivos pedagógicos de cada uma das obras que integram esta trilogia, evidenciando como estas se complementam no processo de ensino-aprendizagem.

2.5.1.1. Metas didáticas da *Arte China*

A *Arte China*, peça central da trilogia didática de Joaquim Gonçalves, ultrapassa a definição simplista de um compêndio gramatical. O seu subtítulo completo, *Constante de Alphabeto e Grammatica Comprehendendo Modelos das Differentes Composiçoens*, já indica a amplitude e organização meticulosa da obra, que abrange três competências essenciais na aprendizagem de uma língua: o alfabeto, a gramática e a composição. Estruturada em oito capítulos interligados — "Alphabeto China", "Frases Vulgares e Sublimes", "Grammatica", "Syntaxe", "Dialogos", "Proverbios", "Historia, e Fabula" e "Composições Chinas" —, a obra oferece uma abordagem holística e detalhada da língua chinesa.

Além disso, o prólogo contextualiza o método de ensino do autor, enfatiza as inovações pedagógicas em relação às práticas locais e apresenta observações sobre variedades linguísticas regionais, sociais e estilísticas. Complementando os capítulos principais, há um apêndice intitulado *Arte China sem Letras Chinas com a Pronúncia Mandarina, e de Cantão*, que propõe um método simplificado para a aprendizagem da língua. Neste apêndice, Gonçalves substitui os carateres chineses por representações fonéticas em letras europeias, oferecendo uma alternativa prática para estudantes que dão a primazia à oralidade. Assim, a *Arte China* é um compêndio que reflete não apenas a riqueza e complexidade da língua chinesa, mas também o compromisso de Gonçalves para adaptar o ensino a diferentes perfis de aprendizagem. Essa estrutura multifacetada reflete a tentativa de Gonçalves de integrar teoria e prática, combinando o ensino formal com a aplicação cultural e linguística da língua chinesa.

O subtítulo da *Arte China* sugere que os oito capítulos principais da obra podem ser organizados em dois módulos distintos: alfabeto e gramática. O primeiro capítulo, *Alphabeto China*, insere-se claramente no módulo inicial, oferecendo aos estudantes uma introdução sistemática aos componentes fundamentais da língua chinesa, especialmente os carateres, um sistema de escrita logográfica milenar que codifica informações tanto fonéticas como semânticas (conforme se refere na secção 2.1). O segundo capítulo, criado muito expressivamente para "aliviar o tédio de estudar letras" (Gonçalves, 1829a, p. VI), permite que os alunos intercalem o estudo aturado dos carateres chineses, apresentados e organizados por complexidade crescente no capítulo anterior, com a prática em unidades sintáticas progressivamente mais extensas e complexas, desde sintagmas até frases completas[109]. Juntos, esses

[109] É importante observar que o conceito de "frase" usado nas obras de Gonçalves apresenta uma leve variação em relação à sua definição linguística moderna. No segundo capítulo, intitulado "Frases vulgares e sublimes", o termo "frase" abrange tanto sintagmas como orações isoladas e frases completas, referindo-se, de forma geral, a qualquer estrutura que exprima uma ideia. Em contraste, o termo "sentença" é utilizado em capítulos posteriores, como no quarto capítulo, dedicado à *Syntaxe*, como, por exemplo, no título da última seção, "Sentenças difíceis", com o sentido que hoje atribuímos ao termo "frase" no seu uso técnico e rigoroso, excluindo estruturas sintáticas menos completas.

dois capítulos formam o primeiro módulo, estimando-se que os estudantes levem cerca de seis meses para dominar essa etapa (Gonçalves, 1829a, p. VII).

O segundo módulo abrange os capítulos três e quatro, dedicados à gramática e à sintaxe, nos quais Gonçalves explora os dois estilos da língua chinesa: o coloquial e o literário. Nesses capítulos, o autor apresenta uma visão gramatical fundamentada numa combinação do modelo analítico greco-latino com a tradição filológica chinesa, propondo categorias específicas para a análise morfológica e sintática da língua sínica (cf. L. Li, 2024). Os capítulos restantes — *Diálogos* (capítulo cinco), *Provérbios* (capítulo seis), *História e Fábula* (capítulo sete) e *Composições Chinas* (capítulo oito) — não se enquadram diretamente nos módulos anteriores. Esses capítulos complementam a aprendizagem com conteúdos que ampliam a prática do vocabulário, apresentam modelos culturais e literários chineses e incentivam os estudantes a explorar usos aplicados da língua, abrangendo contextos conversacionais e literários.

No prólogo do terceiro capítulo, o autor explica os objetivos pedagógicos dos quatro últimos capítulos da *Arte China*, destacando o seu papel complementar no desenvolvimento das competências linguísticas dos estudantes:

> Aindaque procurei incluir todos os torneios mais avessos a nossa lingua na Grammatica, foi necessario para o exercicio do estilo vulgar multiplicar os dialogos, pela falta de livros neste estilo, e para a intelligecia do sublime, dar noticia da Historia, e differente Composições Chinas. (Gonçalves, 1829a, página não numerada entre pp. 127–128)

Com base nesta explicação, podemos entender que o quinto capítulo foi especialmente concebido para proporcionar aos seus estudantes oportunidades de exercitar o estilo oral, suprindo a carência de recursos didáticos desse género. Segundo o autor, os diálogos podem ser estudados de forma intercalada com os exercícios da sintaxe sublime (Gonçalves, 1829a, p. 183). O sétimo capítulo, por outro lado, atua como um reforço cultural indispensável para a compreensão do estilo literário, considerando que o chinês clássico é profundamente marcado por referências extratextuais e culturais (conforme vimos na secção 2.3). Já o oitavo capítulo concentra-se na apresentação dos princípios retóricos da composição em chinês, descritos pelo autor como "resumo das leis e ornatos Rhetoricos na ordem costumada dos Chinas" (Gonçalves, 1829a, p. 422). Este capítulo dedica-se, portanto, à formação na arte da oratória e à composição literária em chinês.

Embora o objetivo pedagógico do sexto capítulo não esteja explicitamente descrito no prólogo, a intenção do autor é esclarecida na primeira nota de rodapé do próprio capítulo: "Pela leitura deste capitulo se formará huma idea da moral dos Chinas, que da sua Mythologia fala[*m*] tão pouco, segundo o exemplo, e conselho de Confucio" (Gonçalves, 1829a, p. 308). Dessa forma, pode-se entender que o sexto capítulo oferece um componente cultural que introduz elementos éticos e morais chineses,

integrando-os no ensino linguístico. Assim, estes quatro capítulos finais complementam os módulos anteriores com uma abordagem prática e cultural. Juntos, estes expandem a aprendizagem para além da gramática e da sintaxe, fornecendo orientações essenciais para a compreensão pragmática da língua chinesa e do seu contexto cultural. Esta integração completa a divisão sistemática do método de ensino-aprendizagem de Gonçalves, conforme se delineia na *Arte China*.

No final da análise do método didático de Joaquim Gonçalves, tornam-se evidentes a clareza e a inovação na sua estrutura, concebida para promover o ensino eficaz da língua chinesa. Segundo o autor, o método foi projetado para que os estudantes possam alcançar em três anos os mesmos progressos que normalmente se obtêm no estudo do latim durante o mesmo período (Gonçalves, 1829a, p. III). A Tabela 49 sintetiza os principais constituintes deste método didático, destacando as abordagens interligadas e os objetivos pedagógicos que refletem a visão sistemática e abrangente de Gonçalves.

Tabela 49 Estrutura do método de Joaquim Gonçalves para a didática do chinês, conforme delineado na *Arte China*

Módulo	**Capítulo**		**Descrição Sumária**
Módulo 1: Alfabeto (6 meses)	*I.*	*Alphabeto*	Análise e estudo sistemático dos carateres chineses
	II.	*Frases vulgares e sublimes*	Exercício dos carateres chineses nos dois estilos
Módulo 2: Gramática (30 meses)	*III.*	*Grammatica*	Formação e classificação das palavras chinesas
	IV.	*Syntaxe*	Estrutura sintática e ordem das palavras
	V.	*Dialogos*	Exercício de oralidade para o domínio do estilo vulgar
	VI.	*Proverbios*	Componente filosófico e cultural da língua
	VII.	*Historia, e Fabula*	Componente histórico e cultural para o domínio do estilo sublime
	VIII.	*Composições Chinas*	Regras retóricas e modelos de composição

Fonte: Elaborada pela autora.

Este quadro apresenta de forma clara e detalhada a estrutura modular do método de Joaquim Gonçalves, delineando cada etapa do ensino da língua chinesa. Desde a introdução dos elementos fundamentais até à prática avançada da retórica e da composição, o método reflete uma abordagem progressiva e integrada. Gonçalves une o ensino linguístico a componentes culturais essenciais, inseparáveis da língua, proporcionando uma formação abrangente e eficaz que capacita os estudantes para o domínio completo do chinês nos seus diferentes níveis e registos.

Os conteúdos abordados na *Arte China* asseguram a realização de dois dos principais objetivos didáticos estabelecidos por Gonçalves no início do prólogo: leitura e composição. No entanto, para alcançar a terceira meta, listada na mesma passagem, isto é, a tradução, o sinólogo sugere numa das notas inseridas entre a última página do seu alfabeto sínico e o catálogo dos géneros que os seus alunos devam começar a traduzir a *Vida de Cristo*, isto é, "《言行纪略》*Yán Xíng Jì Lüè* 'Relato dos Ditos

e Feitos' "[110], palavra por palavra, a partir do décimo mês de estudo segundo o seu método, treinando ao mesmo tempo a escrita dos carateres chineses; com o avanço das capacidades de compreensão escrita e de tradução, no segundo ano, os alunos podem começar a redigir textos temáticos em chinês (Gonçalves, 1829a, p. 75). A Tabela 50 apresenta um possível cronograma das metas pedagógicas de acordo com a proposta de Joaquim Gonçalves.

Tabela 50 Cronograma das metas didáticas do método de Joaquim Gonçalves para o ensino-aprendizagem do chinês

Tempo	Primeiros 6 meses	*A partir do 7º mês	A partir do 10º mês	A partir do 2º ano	*Até final do 3º ano
Objetivo	Análise dos carateres	*Leitura e gramática	Tradução	Composição	*Domínio total
Recurso	Cap. I e II	*Cap. III, IV e V	*Vida de Cristo*	*Cap. VII e VIII	*Cap. VI

Fonte: Elaborada pela autora.
Nota. "Cap." significa "Capítulo(s) da *Arte China*". Os itens marcados com o sinal * foram acrescentados pela autora, baseados em suposições a partir dos demais esclarecimentos de Gonçalves.

Embora o autor não tenha especificado a ordem de estudo dos restantes capítulos além dos primeiros dois, considerando o tempo de introdução da tradução da *Vida de Cristo* e o momento em que se espera que os alunos comecem a treinar a composição, podemos supor que a gramática dos dois estilos, destacada no terceiro e quarto capítulos, deve ser iniciada entre o sétimo e o décimo mês de estudo. As regras retóricas abordadas no oitavo capítulo, assim como as figuras históricas frequentemente referidas na escrita chinesa, provavelmente devem ser introduzidas no início do segundo ano, de modo a desenvolver a capacidade de produção escrita.

Os quinto e sexto capítulos, dedicados à produção oral em chinês e ao conhecimento moral do povo chinês, respetivamente, não se integram diretamente nas componentes estruturais abordadas nos capítulos anteriores. Contudo, uma nota de rodapé no final da penúltima secção do quarto capítulo sugere uma abordagem intercalada para a introdução dos diálogos do capítulo V, alternando-os com os exercícios propostos na última secção do capítulo IV: "Nota. Agora se aprenderá huma lição de Diálogos, que se acharão adiante, e outra de Exercícios do artigo seguinte." (Gonçalves, 1829a, p. 183). Essa planificação visa mitigar o cansaço potencial causado pelo estudo intensivo da sintaxe clássica, particularmente em partes mais desafiadoras, como as duas últimas subsecções do quarto capítulo (mais pormenores serão abordados no ponto 2.5.2.2 abaixo).

[110] Pela designação do título em chinês, juntamente com a descrição em português, é muito provável que se refira a "《天主降生言行紀略》*Tiānzhǔ Jiàngshēng Yán Xíng Jì Lüè* '*Short Record of Words and Deeds of God's Incarnation,* como se traduz em Standaert (1999, p. 39), ou *Life of the Lord of Heaven Incarnate*, tradução em inglês de acordo com Criveller (2016); *Relato de Ditos e Feitos da Encarnação do Dono Celestial*, tradução literal da autora desta tese'", do jesuíta italiano Giulio Aleni (1582-1649). Adaptada da *Vita Jesu Christi e quatuor Evangeliis et scriptoribus orthodoxis concinnata* de Ludolphus de Saxonia (ca. 1295 – 1378), inicialmente publicada em 1474, conforme sugere Standaert (1999, p. 40), esta foi possivelmente a primeira biografia narrativa de Jesus Cristo publicada em chinês, conforme comenta Pan (2009, p. 111). No entanto, de acordo com Braga (1963, p. 69), antes da obtenção da permissão formal para a imprensa em 1819, uma coleção de 24 volumes das vidas dos santos ("Lives of the Saints") foi impressa em chinês em 1815. Dada a proximidade em termos de tradução, é possível que Gonçalves estivesse a referir-se a essa coleção mais recente impressa em Macau, em vez da obra de Aleni, considerando tanto a data de publicação como os conflitos de interesses entre as diferentes ordens religiosas. Nas análises a seguir, esta obra será abreviada como *Vida de Cristo*, sem demais especificação, uma vez que a verificação detalhada dessa fonte bibliográfica não constitui o foco principal desta tese.

Para assegurar o domínio completo dos aspetos práticos da língua chinesa — abrangendo as competências anteriormente desenvolvidas e complementadas pela sensibilidade cultural apresentada no sexto capítulo —, é razoável supor que os conteúdos dessa parte sejam ajustados às necessidades específicas de cada estudante. Essa flexibilidade, aliada à estrutura sistemática do método, permite que os materiais sejam gradualmente concluídos ao longo dos três anos de estudo. Assim, a abordagem proposta por Gonçalves promove um desenvolvimento contínuo e equilibrado das competências em oralidade e escrita, capacitando os estudantes a dominar tanto o estilo vulgar como o sublime da língua chinesa de maneira integrada e culturalmente informada.

É importante destacar que a *Arte China* também possibilita, de modo reversível, que estudantes nativos de chinês aprendam o português por meio dos textos bilingues, conforme mencionado pelo autor nas advertências iniciais do segundo capítulo. Com o intuito de facilitar o domínio da pronúncia portuguesa, Gonçalves apresenta, nesta seção, um conjunto de sete regras ortográficas que orientam a leitura e a pronúncia do português. Adicionalmente, o sinólogo utiliza uma marcação especial para indicar a "vogal longa" sempre que essas regras não forem aplicáveis (cf. Gonçalves, 1829a, p. 89). Para maior clareza e acessibilidade, as referidas regras foram reorganizadas e apresentadas de forma simplificada na Tabela 51.

Tabela 51 Regras fonético-ortográficas para a pronúncia do português na *Arte China*

Nº	Descrição	Exemplos
1º	A sílaba final em *l*, *m*, *r* e *z* será longa.	*Animal, ninguem, mulher, paiz*
	Exceção: quando outra sílaba tiver acento agudo/greve ou circunflexo.	*Hómem*, *morrérem*
2º	A sílaba final em *ão*, *ãos*, *ões*, *ã*, *ães* será longa.	*Capitão*, *cidadãos*, *acções*, *ferrã*, *capitães*
	Exceção: quando outra sílaba tiver acento.	*Amárão*
3º	A sílaba final em *ai*, *ei*, *ao*, *eo*, *eu*, *ou*, *iu* será longa.	*Amai*, *joguei*, *calhao*, *morreo*, *sandeu*, *amou*, *fugiu*
	Atenção: estas vogais nem sempre formam ditongo.	*Saúde*, *raínha*
	Atenção: às vezes têm acento porque a vogal é mais aberta	*Chapéo*, *fiéis*
4º	A sílaba final em vogal ou *s* será breve, a menos que tenha acento	*Ama*, *leve*, *favas.*
5º	Quando a sílaba final não é longa, a penúltima será.	*Obsérvo*, *pancádas*
	Exceção: quando outra sílaba tiver acento.	*Illustríssimo*
6º	As vogais em *ío*, *ía*, soam como *íio*, *íia*.	*Fio*, *tia*
	Exceção: quando outra sílaba tiver acento.	*Ópio*, *providéncia*
	Éa, *êa* soam como *éia*, *eia*	*Idéa*, *candêa*
7º	Os pretéritos em *io* passam a ser escritos como *iu*, mas os em *eo* não se alteram, para evitar confusão com *fio* e *meu*.	*Partiu*, *morreo*

Fonte: Elaborada pela autora de acordo com Gonçalves (1829a, p. 89).

Através dessas regras, podemos inferir que o conceito de "vogal longa" descrito por Joaquim Gonçalves corresponde ao de "sílaba tónica" na terminologia linguística moderna, essencial para a correta pronúncia do português. Além dessas diretrizes, não se encontram outras indicações específicas para quem aprendia ou deseja aprender o português na *Arte China*.

Em conclusão, a *Arte China* destaca-se como uma obra multifacetada, oferecendo uma abordagem estruturada e inovadora para o ensino da língua chinesa, enquanto possibilita que os eventuais estudantes chineses aprendam o português. Dividida em módulos cuidadosamente delineados, a obra abrange desde o estudo sistemático dos carateres até ao domínio avançado da composição retórica e da gramática dos estilos vulgar e sublime. A integração de conteúdos práticos e culturais nos capítulos finais amplia o alcance pedagógico, fornecendo uma base sólida para a compreensão pragmática e cultural da língua chinesa. Além disso, as regras fonético-ortográficas apresentadas para a pronúncia do português revelam a preocupação de Gonçalves em facilitar o ensino bilingue, adaptando-se às necessidades dos estudantes nativos de chinês. Por meio dessa abordagem progressiva, prática e flexível, a *Arte China* reflete não apenas a erudição do autor, mas também o seu compromisso de criar um método eficaz e completo para o ensino-aprendizagem de ambas as línguas.

Investigado o método de ensino e aprendizagem do chinês e do português delineado na *Arte China*, direcionamos agora a atenção para os dois dicionários criados por Joaquim Gonçalves: o *Diccionario Portuguez-China* e o *Diccionario China-Portuguez*. Estes volumes complementam a *Arte China*, formando um sistema didático integrado que apoia o processo de ensino-aprendizagem de forma abrangente. A interdependência entre os três volumes é destacada logo no primeiro parágrafo do prólogo da *Arte China* (cf. Gonçalves, 1829a, p. I), onde o autor ressalta que os tomos devem ser utilizados em conjunto, dada a sua relação intrínseca. Gonçalves enfatiza que o domínio das noções fundamentais do sistema de escrita chinês, conforme as apresentada na *Arte China*, é essencial para que os estudantes possam consultar adequadamente os dicionários. Em contrapartida, os dicionários oferecem um suporte prático: enquanto o *Diccionario Portuguez-China* auxilia na expressão de ideias em chinês, o *Diccionario China-Portuguez* é indispensável para a consulta da pronúncia e do uso das expressões. Dessa forma, os três volumes não apenas se complementam como funcionam como partes interligadas de um sistema didático coeso, projetado para garantir o progresso sistemático e eficaz no domínio da língua chinesa.

2.5.1.2. Objetivos pedagógicos do *Diccionario Portuguez-China*

O *Diccionario Portuguez-China*, publicado em 1831, dois anos após a *Arte China*, é composto por duas partes principais. A primeira parte é dedicada às instruções introdutórias, contendo advertências, abreviaturas, sinais e correções, enquanto a segunda apresenta o corpo principal do dicionário, com entradas bilingues organizadas em ordem alfabética do português para o chinês.

Na secção introdutória, encontram-se quinze advertências escritas em português, destinadas a orientar os leitores no uso correto do dicionário. Estas advertências, que detalham questões de

organização e de uso de símbolos e convenções adotados na obra, foram resumidas de forma concisa e sistematizada na Tabela 52, oferecendo uma visão clara e acessível das diretrizes estabelecidas por Joaquim Gonçalves.

Tabela 52 Visão geral das quinze advertências do *Diccionario Portuguez-China*

Nº	Assuntos abordados	Resumo
1.	Três fontes importantes	1) Consultas com chineses e fontes chinesas impressas/manuscritas; 2) Dicionário do Dr. Morrison para a história natural; 3) Sr. Joaquim José dos Santos.
	Limitações	Termos sobre a história natural e instituições humanas.
	Abrangência	Estilo falado (mandarim) e escrito.
	Dica para consulta	Procurar a raiz ou sinónimo da palavra.
2.	Expressão de tempos verbais, uso das partículas finais ou o som da ação	Procurar as respetivas palavras para encontrar exemplos que ilustrem os respetivos meios de expressão.
3.	Organização tipográfica	Carateres chineses dispostos horizontalmente, da esquerda para a direita, para se alinhar com o português.
4.	O símbolo " "	O caráter seguinte pode substituir o antecedente.
5.	O símbolo "。"	Separa exemplos, sentidos de uma palavra ou espécies do mesmo género.
6.	Distinção organizacional entre o estilo vulgar e o estilo clássico	Exemplos duplos: palavra > expressão vulgar > expressão clássica.
		Exemplos múltiplos: é usado o símbolo "△" para separar os dois estilos.
		Exemplo único: aplicável nos dois estilos.
		Exemplos acompanhados de partículas finais: 1) "的 *de*" (vulgar) > "者 *zhě*" ou "之 *zhī*" (clássico); 2) "了 *le*", "兒 *ér*", "子 *zi*" (vulgar) > omitem-se (clássico)
7.	Empréstimos de origem indiana	Usados quando inevitável.
8.	Relação entre as duas línguas	Diferenças naturais e culturais causam variações: tradução por equivalência, não exata.
9.	Quando não existe equivalência	Palavras portuguesas transliteradas em chinês e vice-versa, ou totalmente omitidas; atenção a sons corrompidos pelo uso.
10.	Tradução de expressões descontextualizadas e explicação de palavras isoladas	Necessário apresentar frases mais amplas para tornar claro o sentido e ao mesmo tempo destacar as peculiaridades da ideologia chinesa (sem necessariamente apoiar).
11.	Uso de sentido figurado	Apenas quando explicitamente indicado.
12.	Consulta do *Diccionario China-Portuguez*	Essencial consultar o dicionário chinês-português antes de usar expressões, para verificar pronúncia e uso.
13.	Marcações do português	Indicação sobre a acentuação correta das sílabas portuguesas.
14.	Exemplos de composições	Exemplos práticos para epitáfios, letreiros, inscrições, bilhetes, etc.
		Deve-se procurar a palavra "formulário" quando não se encontrar o exemplo desejado.
15.	Ausência de marcação da pronúncia nos carateres chineses	Pronúncia impossível sem conhecimento prévio das regras.
		Quem souber pode consultar o *Diccionario China-Portuguez* para carateres desconhecidos.

Fonte: Elaborada de acordo com as advertências iniciais do *Diccionario Portuguez-China* (cf. Gonçalves, 1831, pp. I-II).
Nota. O símbolo ">" indica a sequência textual ou procedimental.

As advertências reunidas neste quadro oferecem orientações essenciais para a consulta e uso eficiente do dicionário, refletindo a preocupação de Joaquim Gonçalves de facilitar a compreensão e a aplicação prática do material pelos estudantes. Além disso, estas evidenciam os desafios enfrentados pelo autor

durante o processo de compilação, bem como as soluções metodológicas adotadas para superar as dificuldades inerentes à organização de um recurso bilingue desta natureza.

Gonçalves indica, logo na primeira advertência, três fontes principais que guiaram a elaboração do seu dicionário: o contacto direto com os chineses e as suas fontes impressas ou manuscritas; o *Dicionário* do Dr. Morrison, provavelmente referindo-se ao *A Dictionary of the Chinese Language* (1815–1823), de Robert Morrison (1782–1834), missionário e sinólogo britânico, especialmente útil em questões de história natural, e a colaboração de Joaquim José dos Santos, boticário[111] contemporâneo de Gonçalves, que ofereceu suporte cultural. Apesar da amplitude das fontes consultadas, o autor reconhece limitações importantes, sobretudo no que concerne às descrições de instituições humanas e termos ligados à história natural, em razão das profundas diferenças culturais entre as duas línguas. Ainda assim, o padre lazarista manifesta confiança na abrangência de seu dicionário, que compreende tanto o estilo oral como o escrito. Além disso, o sinólogo português orienta os leitores, na ausência de uma palavra específica, a buscarem a sua raiz ou recorrerem a um sinónimo como alternativa.

Em termos de meios expressivos de particularidades gramaticais, na segunda advertência, o autor aconselha os estudantes a procurarem exemplos práticos do uso correto de tempos verbais, partículas finais e o "som da ação" em chinês, além de outros elementos que considerem necessários para exprimir um pensamento de forma precisa. Dos tempos verbais, Gonçalves exemplifica o uso do futuro e do conjuntivo. As partículas mencionadas referem-se às palavras funcionais, ou seja, às unidades lexicais do estilo sublime pertencentes à categoria "虛字 *xūzì* 'palavra vazia'" na tradição filológica chinesa. Essas partículas subdividem-se em diversas categorias: iniciativas, finais, conjuntivas, digressivas, de pausa e numerais (cf. entrada «PARTÍCULA» Gonçalves, 1831, p. 602)[112].

Quanto à interpretação do termo "som da ação", amplamente utilizado em chinês, podemos esclarecer o seu significado consultando a entrada referente à palavra "SOM" no dicionário:

> SOM 聲音 [*shēngyīn* 'som']。響聲 [*xiǎngshēng* 'barulho']
>
> — da casa cahindo 綁當倒下來 [*bāngdāng dǎo xiàlái* 'cair com o som de *bangdang*']△砰磅傾下 [*pēngbàng qīng xià* 'cair com o som de *pengbang*']
>
> — dos carros 車走轟｜轔｜[*chēzǒu hōnghōng línlín* 'o carro anda com um rugido de *honghong linlin*']
>
> — da agoa 水華拉流 [*shuǐ huālā liú* 'a água corre com o som de *hualá*']

[111] Dado o seu contributo voltado principalmente para questões da história natural, é provável que este nome corresponda a Joaquim José dos Santos, antigo farmacêutico da Santa Casa da Misericórdia, proprietário do Laboratório Constitucional em Macau, um estabelecimento situado nas Janelas Verdes, notável por comercializar *A Abelha da China*, o primeiro jornal em português publicado em Macau, até que o pôs à venda, em novembro de 1823 (*A Abelha da China. 1822-1823*, sem data, pp. 4, 282).

[112] As partículas sublimes também são abordadas no quarto capítulo da *Arte China* (ver subsecção 2.4.2.4).

— da peça 砲硼 [*pàopéng* 'o som de *paopeng*'] *Ve* RUIDO

— do pao em pedra 杵声[*chǔ shēng* 'o som de pilão']。登登[*dēngdēng* 'o som de *dengdeng*'][113] (Gonçalves, 1831, p. 772)

Através dos exemplos reunidos nesta entrada, podemos entender que o "som da ação" na designação de Joaquim Gonçalves corresponde ao que hoje designamos como "onomatopeia" na linguística descritiva moderna, isto é, palavras criadas pela imitação de sons naturais, as quais variam de língua para língua, refletindo as diferentes perceções dos sons e as suas respetivas transposições para o sistema fonológico de cada idioma. O sinólogo português recomenda que se busquem palavras específicas para obter exemplos que ilustrem as expressões gramaticais, demonstrando como o chinês processa essas formas.

Na questão da organização tipográfica, abordada na terceira advertência, Gonçalves opta por apresentar os carateres chineses em linha horizontal, da esquerda para a direita, para manter conformidade com a estrutura do português, embora essa disposição não siga a ordem tradicional do chinês, que normalmente é exibida em colunas verticais, de cima para baixo e da direita para a esquerda. Essa decisão simplifica a correspondência textual entre as duas línguas e facilita a consulta para estudantes de língua portuguesa, tornando o formato visual mais familiar. Além disso, nas quarta e quinta advertências, o lexicógrafo menciona o uso de um símbolo específico que permite substituir um caráter pelo seguinte, oferecendo expressões alternativas sem criar repetições desnecessárias nas entradas do dicionário. Outro símbolo relevante, o ponto final chinês (um pequeno círculo), é utilizado para separar exemplos ou indicar diferentes sentidos de uma mesma palavra. Quando aparece no meio de uma linha, também pode separar espécies de um mesmo género, facilitando a distinção entre unidades lexicais relacionadas pertencentes ao mesmo campo semântico.

Assim como na *Arte China*, conforme refere na sexta advertência, Gonçalves mantém a distinção entre o estilo coloquial e o estilo literário no uso dos exemplos do seu dicionário luso-sínico, separando-os por meio de um pequeno triângulo quando há mais de um exemplo para cada estilo. Quando existe um único exemplo, este pode ser aplicável a ambos os estilos. Além disso, os exemplos do estilo oral que envolvem partículas finais seguem um conjunto de regras contrastivas entre os dois estilos. Em termos concretos, os sintagmas que incluem a partícula final "的 *de* 'partícula'" podem ser convertidos para o estilo clássico ao substituir essa partícula por "者 *zhě* 'partícula'" ou "之 *zhī* 'partícula'",

[113] O símbolo "—" indica a repetição da palavra da linha de cima, enquanto o símbolo " | " indica a repetição do caráter anterior, conforme legendados no prólogo da *Arte China* (cf. Gonçalves, 1829b, p. VIII), embora não constem nas "Abreviaturass e Signaes" do *Diccionario Portuguez-China* (cf. Gonçalves, 1831, p. III).

enquanto os que englobam as partículas "了 *le* 'partícula'", "兒 *ér* 'partícula'" ou "子 *zi* 'partícula'" (ver subsecção 2.4.2.4 acima para obter mais detalhes sobre as partículas sublimes) se transformam para o estilo literário ao omitir essas partículas. Assim, a organização das aceções de uma entrada segue o seguinte critério: o ponto círculo é usado para separar exemplos dentro de um mesmo estilo, enquanto o triângulo distingue os dois estilos; cada estilo pode apresentar um ou mais exemplos, e esses exemplos podem coincidir nos dois estilos. Este esquema não só facilita a compreensão e o uso dos diferentes registos do chinês como também orienta os estudantes na transição entre os estilos, mantendo a clareza nas correspondências gramaticais e lexicais entre as línguas.

O *Diccionario Portuguez-China*, assim como os demais volumes do tríptico de Gonçalves, está repleto de exemplos contrastivos entre o português e o chinês. Ao criar textos bilingues paralelos, a transferência de informações ocorre não apenas entre as duas línguas em questão, mas também entre as culturas a elas associadas. No contexto das equivalências interculturais, Gonçalves admite na sétima advertência que não hesitou em adotar empréstimos lexicais de origem indiana quando inevitável, referindo-se a essas palavras como "bárbaras da Índia" (Gonçalves, 1831, p. II), uma escolha que parece ser a menos estimada pelo autor. Essa inclusão reflete as influências culturais e comerciais da região, facilitando a tradução de conceitos que não possuem equivalentes diretos no português ou, mais propriamente, que tinham palavras específicas veiculadas pelas comunidades luso-asiáticas com origem em Goa, Diu e Damão e incluídas no português da época (ver Capítulo 4 abaixo para exemplos concretos).

Na oitava advertência, Gonçalves também reconhece que a distância geográfica e as diferenças nas realidades naturais entre os dois países geram discrepâncias linguísticas, sendo as diferenças nas instituições humanas ainda mais acentuadas. Isso sublinha a importância de utilizar a tradução por equivalência, através de uma estratégia de domesticação (cf. L. Li, 2023), em vez de uma correspondência literal, visto que as culturas não compartilham o mesmo universo de referências. Quando não há correspondência direta entre as palavras portuguesas e chinesas, o lexicógrafo opta pela transliteração, isto é, um empréstimo naturalizado consoante as regras ortográficas e fonológicas da língua de chegada, seguindo a estratégia de estrangeirização (cf. L. Li, 2023, p. 176). Contudo, na nona advertência, Gonçalves alerta os leitores para que tenham cuidado com as palavras cuja representação fonética convencional na língua de chegada pode distanciar-se da pronúncia original na língua de partida (cf. L. Li, 2023, pp. 176–178 para exemplos concretos). Em certos casos, quando a equivalência é impossível, algumas palavras são simplesmente omitidas do dicionário.

Na décima advertência, o sinólogo destaca a dificuldade de traduzir recursos linguísticos isolados, sugerindo que estes devem ser inseridos num contexto mais amplo para garantir uma melhor

compreensão. Do ponto de vista didático, o docente aproveita essa dificuldade como uma oportunidade para ilustrar a singularidade doutrinal da língua chinesa, embora sem aprovar os valores morais ou espirituais que esta possa transmitir. Assim, quando é difícil traduzir um vocábulo de forma isolada, Gonçalves opta por integrá-lo numa frase concreta, traduzindo-a dentro de um contexto. Essa abordagem não só facilita a tradução, mas também contribui para o ensino das formas de pensamento chinesas. Por outro lado, conforme mencionado na décima primeira advertência, o uso de sentido figurado só é permitido quando explicitamente indicado. Gonçalves adota uma abordagem direta e literal, evitando interpretações mais subjetivas ou metafóricas, a menos que a interpretação figurativa esteja claramente assinalada no seu dicionário.

Antes de utilizar as expressões encontradas no dicionário português-chinês, o autor recomenda, na décima segunda advertência, que os estudantes consultem primeiro o dicionário chinês-português, garantindo assim que as expressões sejam usadas corretamente e com a pronúncia adequada. Para maximizar a utilidade bilateral da sua trilogia, e em especial para facilitar a aprendizagem do português, Gonçalves sublinha, na décima terceira advertência, a importância da acentuação das sílabas, elemento fundamental para a correta pronúncia das palavras portuguesas por falantes nativos de chinês. Nesse contexto, o lexicógrafo opta por acentuar a sílaba aguda ou circunflexa, sempre que a identificação da sílaba tónica não siga as regras gerais, as quais são apresentadas de forma resumida na advertência n.º 13 do *Diccionario Portuguez-China* (cf. Gonçalves, 1831, p. II) e mais detalhadamente na primeira advertência inserida no prefácio do segundo capítulo da *Arte China* (ver Tabela 51 Regras fonético-ortográficas para a pronúncia do português na *Arte China*).

Além disso, conforme explicado na décima quarta advertência, o dicionário oferece exemplos de composições curtas e práticas, como epitáfios, letreiros, inscrições e bilhetes, complementando os exemplos mais extensos de composições disponíveis no oitavo capítulo da sua *Arte China*. Por fim, na última advertência, Gonçalves justifica a ausência de marcação da pronúncia chinesa ao lado dos sinogramas, explicando que seria inviável para um estudante pronunciar corretamente os carateres sem um conhecimento prévio das regras fonéticas do chinês. Para aqueles que já dominam essas normas, o sinólogo sugere recorrer ao dicionário chinês-português para verificar a pronúncia dos poucos carateres que não forem reconhecidos no seu sistema alfabético.

Das informações paratextuais reunidas nas restantes duas secções introdutórias, destacam-se algumas anotações importantes no *Diccionario Portuguez-China* de Gonçalves. Primeiramente, a indicação "(Hist.) Ve na Arte, Extractos da Historia" remete para referências históricas mais detalhadas na *Arte China*, evidenciando a interconexão entre as suas obras. A abreviatura "*Prop. e fig.* Frase usada

no sentido proprio, e figurado" sinaliza a distinção entre as interpretações denotativas e metafóricas, orientando o leitor para o uso adequado de certos termos. Outras anotações incluem "Ü Deve-se ferir este u, e naõ ficar liquido" e "X[114] Pronuncia-se como Cs, como em Latim", que auxiliam na correta pronúncia das entradas portuguesas. Por fim, a nota de correção "Os verbos acabados em *sar*, que indicaõ fazer, como Immortalizar, fazer immortal, &c. devem acabar em *zar*, assim corrija-se Immortalizar" reflete a confusão dos sons sibilantes no português oitocentista. Esses apontamentos não só facilitam o uso do dicionário, mas também indicam as preocupações de Gonçalves com a clareza e precisão na aprendizagem da(s) língua(s). Assim, explorados os objetivos didáticos do *Diccionario Portuguez-China*, passamos agora a analisar os propósitos instrucionais do *Diccionario China-Portuguez*, uma obra complementar que inverte o foco linguístico para a consulta da pronúncia e do uso do chinês.

Em síntese, o *Diccionario Portuguez-China* revela-se como uma ferramenta didática rica e multifacetada, estruturada para atender às necessidades de estudantes interessados em dominar o chinês e o português de forma interligada. As quinze advertências introduzem diretrizes práticas e estratégicas para a consulta eficiente do dicionário, refletindo as preocupações metodológicas e os desafios enfrentados por Gonçalves na organização de um recurso bilingue de tamanha complexidade. A obra destaca a interdependência com os outros volumes da trilogia, ao mesmo tempo que evidencia a importância do contexto cultural na tradução e interpretação de conceitos entre duas línguas tão distintas. Ao combinar estratégias de equivalência linguística, domesticação e estrangeirização, Gonçalves equilibra a literalidade com a necessidade de adaptação cultural, proporcionando aos leitores não apenas um recurso linguístico, mas também um instrumento de compreensão intercultural. Assim, este dicionário complementa a *Arte China* e antecipa o *Diccionario China-Portuguez*, estabelecendo uma base sólida para a aprendizagem integrada da língua sínica.

2.5.1.3. Propósitos instrucionais do *Diccionario China-Portuguez*

O *Diccionario China-Portuguez*, também conhecido como *Diccionario Generico e Tonico*, foi publicado em 1833, dois anos após o *Diccionario Portuguez-China*, e constitui a segunda grande obra lexicográfica de Joaquim Gonçalves. O volume apresenta uma organização detalhada em cinco partes distintas, cada uma concebida para facilitar diferentes aspetos da aprendizagem e da consulta da língua chinesa, respondendo simultaneamente a necessidades práticas de tradução e a exigências pedagógicas. A estrutura cuidadosamente delineada revela não só a intenção de oferecer um instrumento de trabalho

[114] No impresso lê-se o "X" com omlaut: " ".

sistemático, mas também a preocupação de tornar acessíveis aos leitores europeus os múltiplos níveis de funcionamento da língua, desde a forma gráfica e fonética até à dimensão semântica e pragmática. Nesse sentido, o *Diccionario Generico e Tonico* pode ser entendido como complemento natural do primeiro dicionário, ampliando o horizonte de estudo e reforçando a vocação didática do projeto de Gonçalves.

A primeira parte é composta por notas introdutórias, incluindo doze advertências gerais que orientam no uso do dicionário, além de abreviaturas, sinais adotados e regras para a identificação dos géneros, já discutidos na subsecção 2.1.3 acima. Esta parte também contém uma tábua que organiza os géneros sob a perspetiva de decomposição tríptica dos carateres chineses, conforme apresentado na subsecção 2.1.2 acima. Estas instruções iniciais são essenciais para garantir que os estudantes utilizem o dicionário de forma eficiente e compreendam a lógica subjacente ao sistema de categorização desenvolvido por Gonçalves. A segunda parte constitui o corpo principal do dicionário, designado como *Diccionario Generico*. Este segmento reúne entradas bilingues organizadas de acordo com o alfabeto sínico elaborado pelo autor, proporcionando aos estudantes uma ferramenta prática para consultar os carateres chineses e os seus equivalentes em português.

Na terceira parte, Gonçalves apresenta um conjunto de correções, maioritariamente ortográficas, que refinam e complementam as informações presentes na parte anterior, garantindo maior precisão nas equivalências linguísticas e culturais. A quarta parte, intitulada *Diccionario Tonico*, é um apêndice com numeração própria, no qual os carateres são organizados em ordem alfabética de acordo com a romanização. Este recurso permite uma consulta mais prática e rápida por parte daqueles que já dominam a transliteração da língua chinesa proposta por Gonçalves, funcionando como um índice fonético que facilita o acesso ao *Diccionario Generico*.

Por fim, a quinta parte, denominada *Indice Geral*, apresenta uma lista completa de carateres organizada pelo número decrescente de traços, oferecendo um método alternativo de consulta. Esta disposição é particularmente útil para estudantes que já possuem algum conhecimento dos carateres chineses e desejam localizar rapidamente as informações relacionadas com determinado caráter. Com essa estrutura abrangente e detalhada, o *Diccionario China-Portuguez* complementa a *Arte China* e o *Diccionario Portuguez-China*, desempenhando um papel fundamental no método tripartido de Joaquim Gonçalves. Além de consolidar a aprendizagem dos carateres e da pronúncia chinesa, esta obra reforça a interdependência entre os três volumes, formando um sistema integrado e sistemático para o ensino e a aprendizagem da língua sínica.

Uma vez que as regras dos géneros, a evolução da lista completa dos géneros e o método lexicográfico inovador, composto por três coleções de carateres chineses interdependentes e complementares, nomeadamente o elemento central, *Diccionario Generico*, e os dois apêndices, *Diccionario Tonico* e *Indice Geral*, já foram discutidos na secção 2.1, direcionamos agora a nossa atenção para as advertências gerais. Estas serão analisadas em profundidade na discussão subsequente, conforme sintetizadas na Tabela 53.

Tabela 53 Visão geral das doze advertências do *Diccionario China-Portuguez*

Nº	Assuntos abordados	Resumo
1	Conceito geral	Um dicionário prático e de fácil consulta.
	Exclusão	Carateres raramente usados são omitidos.
	Soluções	Consultar o Diccionario China grande, verificar se é uma variação ou consultar o *Diccionario Tonico* ou o *Indice Geral*.
2	Variações ortográficas emergentes	Usadas em documentos públicos, mas não aceites em exames.
		Marcação: através do símbolo "*c*"
3	Sentido contextual	Frases variadas são necessárias para explicar os significados em diferentes contextos.
4	Finalidade do *Diccionario Tonico*	Facilita consulta quando se conhece a pronúncia e o significado.
5	Nomes próprios e técnicos	Inclui os nomes das profissões principais, embora não seja exaustivo.
6	Estudo prévio da *Arte China*	Requisito mínimo: conhecer a análise morfológica dos carateres.
	Correção da *Arte China*	Extinção dos géneros "行" e "廾" e reorganização dos carateres correspondentes.
7	Regras dos géneros	Complexas, mas essenciais para o uso eficiente do dicionário.
8	Guia de consulta	Cabeçalho da página: o género no centro e o número de rasgos do género à direita.
		Topo da coluna: o número de rasgos das diferenças, apresentado à esquerda ou acima do primeiro caráter da linha.
		Coluna: ver Tabela 11 Guia de consulta do *Diccionario Generico* do *Diccionario China-Portuguez* de Joaquim Gonçalves
		Regras da romanização: conforme a *Arte China*, atenção ao "ē", que passa a ser apresentado como "e".
9	Guia de consulta (continuação)	Entradas incluem frases e significados, muitas vezes com carateres sinónimos.
10	Guia de consulta (continuação)	Frases separadas por círculos, traduções por pontos.
		Traduções não garantem exatidão completa.
11	Guia de consulta (continuação)	Tons variados: indicados com um pequeno círculo sobre o caráter com leitura alternativa.
		Sons distintos: anotados na margem com o caráter "音 *yīn* 'lê-se'".
12	Índice Geral	Concebido para carateres não encontrados no *Diccionario Generico*: 1) variação ou abreviatura de um caráter clássico; 2) quando o género do caráter é ignorado; 3) quando um caráter foi erradamente incluído num género diferente do indicado pelas regras; 4) quando um caráter está ausente.
	Como consultar o Índice Geral	Lado direito da coluna: caráter principal; Lado esquerdo da coluna: caráter clássico; género (se tiver "入"); pronúncia para consulta do sentido no dicionário tónico.
	Tamanho do dicionário	Contém 11 mil carateres, além de variantes e abreviaturas, devido à arbitrariedade na escrita dos autores.

Fonte: Elaborada pela autora com base nas advertências iniciais do *Diccionario China-Portuguez* (cf. Gonçalves, 1833, p. I–II).

Este quadro mostra que as doze advertências do *Diccionario China-Portuguez* visam facilitar o uso do dicionário e orientar os estudantes sobre as suas peculiaridades, destacando a estrutura prática, as

regras de consulta, a importância do contexto, variantes ortográficas e orientações sobre a pronúncia e a organização dos carateres.

Em primeiro lugar, o autor destaca que o seu dicionário chinês-português foi concebido para ser prático e de fácil consulta, optando por excluir carateres raramente usados. Caso o estudante não encontre um caráter específico, Gonçalves sugere alternativas, como consultar o "Diccionario China grande", verificar se o caráter corresponde a uma variante ou recorrer ao *Diccionario Tonico* ou ao *Indice Geral* do seu *Diccionario China-Portuguez*. A identificação exata do "Diccionario China grande", mencionado na primeira advertência, não é fornecida explicitamente, mas há indícios que ajudam a clarificar a sua origem. No Diálogo XXIV do quinto capítulo da *Arte China*, Gonçalves faz referência ao uso frequente de um "Diccionario" e, ocasionalmente, da "Regra das Letras, (o diccionario grande)" (Gonçalves, 1829b, p. 251). Pela formulação sintática e pelo uso da pontuação, a relação entre os dois últimos sintagmas parece ser explicativa, servindo o sintagma "o diccionario grande" como uma aposição elucidativa ao anterior "Regra das Letras". O texto correspondente em chinês, "常用字彙也有時候用字典 *Chángyòng Zìhuì yě yǒu shíhòu yòng Zìdiǎn* 'frenquentemente uso o Lexicum, mas de vez em quando também uso o Dicionário'" (Gonçalves, 1829b, p. 251), contém duas designações lexicográficas distintas: "字彙 *Zìhuì*" e "字典 *Zìdiǎn*", sem demais clarificação, como em português.

Em termos de correspondência intercultural, segundo Tao (2013, p. 29), a primeira referência portuguesa "Diccionario" aponta para o "《字汇》*Zìhuì* 'Coleção de Carateres'" (1615) e a "Regra das Letras" refere-se ao "《正字通》 *Zhèngzìtōng* 'Guia Abrangente dos Carateres Ortodoxos'" (1671)[115]. Além disso, Tao sugere que o *Dicionário de Kangxi* (1716)[116] seria a principal fonte de Gonçalves para a composição do seu *Diccionario China-Portuguez*, dado que muitos exemplos encontrados no *Kangxi* foram reaproveitados no dicionário de Gonçalves, incluindo o uso de contextos mais amplos. Durante o século XVII, o *Zihui* foi a principal escolha lexicográfica dos missionários, devido à sua abrangência e pragmatismo (cf. Meynard, 2024, p. 4). Posteriormente, o *Zihui* serviu como modelo para dois dicionários subsequentes[117], aos quais os missionários passaram a recorrer: o *Zhengzitong* e o *Dicionário de Kangxi* (cf. Meynard, 2024, p. 16). Retomando as referências interlinguísticas mencionadas no Diálogo XXIV, de entre essas três obras lexicográficas clássicas, podemos inferir que o "Diccionario

[115] O *Zhengzitong* foi originalmente elaborado por 张自烈 *Zhāng Zìliè* (1598 – 1673) com o título "《字汇辨》*Zìhuì Biàn* 'Disputas do *Zihui*'", no entanto, uma reedição revista e ampliada, destinada a servir como suplemento ao *Zihui*, foi posteriormente entregue a 廖文英 *Liào Wényīng*, que a publicou sob o seu próprio nome em 1671, alterando o título para aquele pelo qual a obra é atualmente conhecida (cf. Furuya, 1995, 2015). Apesar da autoria controversa, esta é uma obra lexicográfica de renome, posicionada entre o *Zihui* e o *Dicionário de Kangxi.*

[116] Ver a nota de rodapé n.º 56.

[117] Estas três obras lexicográficas — o *Zihui*, o *Zhengzitong* e o *Dicionário de Kangxi* — são classificadas como dicionários descendentes do clássico *Shuowen Jiezi*, segundo a perspetiva de Liu (cf. 1984, p. 127).

China grande" mencionado por Gonçalves pode estar relacionado com o *Zhengzitong*, dado o tamanho desta obra em comparação com o *Zihui* e a relação de aposição entre "Regra das Letras" e "diccionario grande". Alternativamente, pode tratar-se do *Dicionário de Kangxi*, tendo em conta a escolha lexical "字典 *Zìdiǎn*", que aparece somente no *Kangxi*. Ambos os dicionários, o *Zhengzitong* e o *Kangxi*, foram publicados cerca de um século antes da compilação do *Diccionario China-Portuguez* de Gonçalves.

A segunda observação de Gonçalves reflete a sua sensibilidade lexicográfica ao incluir variantes ortográficas emergentes no seu dicionário, devidamente assinaladas, por representarem a prática escrita daquele tempo, embora não fossem aceites em exames oficiais por não seguirem os padrões clássicos. Estas grafias são distintas das normas tradicionais ortodoxas dos carateres chineses do ponto de vista da história da evolução do sistema de escrita, e abundam nas obras de Joaquim Gonçalves[118]. Um exemplo concreto é o uso do caráter "账 *zhàng* 'conta'" (cf. Gonçalves, 1833, p. I, 862) em documentos oficiais, sendo uma variante lexical de "帐 *zhàng* 'tenda'". Este caráter, que não aparece nos dicionários locais como o *Zhengzitong* ou o *Dicionário de Kangxi*, ganhou popularidade durante a dinastia Qing, acabando por substituir completamente o anterior no uso contemporâneo (cf. Su, 1997). A atenção de Gonçalves a essas variantes reflete não apenas a sua compreensão das transformações linguísticas em curso, mas também a sua preocupação em manter os recursos didáticos atualizados, assegurando que o seu dicionário registasse as mudanças na prática escrita da época. Será de grande interesse inventariar todos os carateres que ele assinalou como não clássicos, a fim de estudar mais detalhadamente essas mudanças ortográficas e o seu impacto na escrita chinesa.

Para assegurar a compreensão plena dos carateres, o autor sublinha a importância de incluir várias frases que ilustrem o seu uso em diferentes contextos, proporcionando uma visão mais ampla e contextualizada. Assim como no *Diccionario Portuguez-China*, a riqueza de exemplos reflete a intenção pedagógica de Gonçalves em apresentar a maior diversidade possível da língua e da cultura chinesas, mesmo que alguns desses usos sejam contrários à sua orientação religiosa, ideológica ou moral. Além do *Diccionario Generico*, que constitui o núcleo do *Diccionario China-Portuguez*, o *Diccionario Tonico* destaca-se como uma ferramenta projetada para facilitar a consulta de carateres com base na sua pronúncia. Esse recurso é especialmente útil para estudantes que já possuem conhecimento prévio da pronúncia e desejam confirmar a escrita correta. No que diz respeito a nomes próprios e termos técnicos, o dicionário inclui uma lista ampla, embora não exaustiva, das profissões mais relevantes da época, garantindo acesso a informações essenciais sobre a língua e cultura chinesas.

[118] As variantes do chinês a nível gráfico nas obras de Joaquim Gonçalves foram parcialmente estudadas em Li (cf. 2020, pp. 75–84).

Para garantir o uso eficaz do seu dicionário chinês-português, Gonçalves destaca a importância de um estudo prévio da *Arte China*, especialmente no que diz respeito à análise dos carateres, com ênfase no catálogo e nas regras de reconhecimento dos seus constituintes. O autor também propõe correções à *Arte China*, como a eliminação dos géneros "行" e "廾" e a subsequente reorganização dos carateres incluídos nesses grupos (para uma análise detalhada da evolução dos géneros no método de Gonçalves, ver a subsecção 2.1.2). As regras de identificação dos géneros, conforme se apresentam no início do *Diccionario China-Portuguez*, podem parecer complexas, uma vez que o critério de classificação dos carateres em géneros distintos se baseia em aspetos semânticos. No entanto, Gonçalves sublinha que essas regras são essenciais para que o estudante aprenda a consultar o seu dicionário de forma eficiente, de modo semelhante à consulta de um dicionário europeu. Isso contrasta com a complexidade dos dicionários chineses nativos, nos quais a organização e consulta são significativamente mais desafiadores para os não familiarizados com a tradição lexicográfica chinesa.

Nas advertências 8 a 11, o autor fornece um guia detalhado para a consulta do *Diccionario Generico*. No cabeçalho de cada página, o género está centralizado, enquanto o número de traços do género aparece à direita. No início de cada coluna, o número de traços das variantes é apresentado à esquerda ou acima do primeiro caráter da linha. Gonçalves destaca a importância das regras de romanização estabelecidas na *Arte China*, com particular atenção ao "ē", que no dicionário perde a marcação de vogal longa. Quanto à organização das entradas, o autor explica que, após o lema, são apresentadas várias frases que ilustram os diferentes usos e significados do caráter, frequentemente acompanhadas de sinónimos, uma vez que, em chinês, os constituintes das palavras compostas tendem a ser sinónimos entre si. A separação entre frases chinesas é indicada por um pequeno círculo, e as traduções correspondentes são divididas por um ponto. No entanto, Gonçalves adverte que as traduções não garantem total exatidão, já que muitas expressões chinesas podem ser interpretadas de maneiras variadas, mesmo entre académicos nativos, que frequentemente discordam das explicações dos recursos lexicográficos locais. O dicionário chinês-português de Gonçalves também fornece informações detalhadas sobre tons e variantes fonéticas. Os tons são indicados por um pequeno círculo num dos quatro cantos do caráter principal, tal como na *Arte China* (ver subseção 2.2.1), enquanto os sons alternativos são anotados à margem da coluna com o caráter "音 *yīn*", que indica a leitura correta do caráter no contexto específico.

Finalmente, Gonçalves esclarece o uso do Índice Geral, anexado na parte final do apêndice autónomo do *Diccionario China-Portuguez*, que deve ser consultado quando um caráter não for encontrado no *Diccionario Generico,* por diversos motivos: pode tratar-se de uma variante ou abreviatura

de um caráter clássico, o género do caráter pode ter sido omitido, ou o caráter pode ter sido erroneamente classificado num género diferente ou simplesmente ausente. Este índice é organizado pela ordem decrescente do número de traços dos carateres, apresentados em várias colunas, devidamente separadas por linhas verticais. Cada caráter principal é posicionado à direita de uma coluna, acompanhado de um elemento explicativo à esquerda, que pode ser a variante clássica, o género, caso tenha a indicação de "入 *rù* 'entrar'", ou a romanização, para facilitar a consulta do significado correspondente no *Diccionario Tonico*. No entanto, o autor adverte que não pode garantir a presença de todos os carateres, variantes ou abreviaturas, dado que este dicionário contém um total de 11 mil carateres, e os hábitos de escrita dos autores nativos multiplicam ainda mais esse número.

Em resumo, o *Diccionario China-Portuguez* de Joaquim Gonçalves representa um trabalho lexicográfico cuidadoso e sensível à interculturalidade, voltado para a clareza e pragmatismo no ensino do chinês a falantes europeus. A sua estrutura tripartida inovadora e abrangente, composta pelo *Diccionario Generico*, *Diccionario Tonico* e *Indice Geral*, foi concebida para otimizar a consulta de carateres, fornecendo ferramentas que auxiliam os estudantes na identificação, pronúncia e compreensão dos significados dos carateres chineses. Gonçalves destaca-se ao tornar o dicionário acessível, eficiente e atualizado, registando variantes ortográficas emergentes e exemplos contextuais que enriquecem a aprendizagem. A atenção às regras detalhadas para a identificação do género de um caráter, bem como à organização meticulosa das entradas, reflete a sua intenção pedagógica de simplificar a consulta dos recursos bilingues, aproximando-os dos hábitos lexicográficos europeus para minimizar as barreiras interlinguísticas e interculturais. Este dicionário sino-lusitano não apenas atende às necessidades académicas da época, mas também se estabelece como um recurso prático e didático para leitores que precisavam de compreender a complexidade da língua e cultura chinesas.

2.5.2. Desafios no ensino-aprendizagem da língua chinesa

Tendo caracterizado o método tripartido e sistemático de ensino-aprendizagem proposto por Joaquim Gonçalves, é igualmente importante abordar as dificuldades inerentes à lecionação da língua chinesa. Entre as principais questões destacadas pelo autor estão os desafios relacionados com o sistema de escrita. Esses incluem as inúmeras variantes ortográficas e variedades estilísticas dos carateres chineses (analisadas na subsecção 2.1.1), que complicam a identificação e reconhecimento dos elementos sinográficos, e as regras ambíguas que dificultam a análise estrutural e a identificação do radical de um caráter, tornando mais complexa a consulta das obras lexicográficas (como discutido na subsecção 2.1.3).

No entanto, além dos desafios inerentes à escrita, Gonçalves também aponta dificuldades específicas associadas à gramática chinesa. Estas são analisadas nas secções finais dos capítulos três e quatro da *Arte China*. Especificamente, na secção "13. Verbos Difficeis e Chinismos"[119] do terceiro capítulo, assim como na penúltima secção "11. Syntaxe Figurada" e na subsecção "V. Sentenças Difíceis", integrada na secção "12. Exercicios de Syntaxe Sublime" do quarto capítulo, o autor aborda questões que considera particularmente desafiadoras na língua chinesa, possivelmente influenciado por uma perspetiva contrastiva com a sua língua materna, o português. Nesta subsecção exploraremos essas dificuldades apontadas por Gonçalves, examinando tanto os aspetos gramaticais mais complexos como as implicações didáticas para o ensino-aprendizagem da língua.

2.5.2.1. Verbos difíceis e chinismos

A última seção do capítulo III, *Grammatica*, acolhe um conjunto de 89 exemplos bilingues não numerados[120]. A maioria desses exemplos contém uma frase em português acompanhada por duas frases equivalentes em chinês — uma no estilo vulgar e outra no estilo sublime — separadas por um pequeno triângulo[121], como ilustrado no exemplo (9).

(9) Elle he bom. 他好 [*Tā hǎo*]△彼善也 [*Bǐ shàn yě*] (Gonçalves, 1829a, p. 141)
3SG bom△ 3SG bom PTC
'Ele é bom.'△'Ele é bom.'

Em algumas ocasiões, encontramos uma frase em português acompanhada por apenas uma frase em chinês, sem distinção entre os dois estilos, pois são idênticos, conforme demonstrado no exemplo (10).

(10) Pensar loucamente. 胡思亂想 [*Hú sī luàn xiǎng*] (Gonçalves, 1829a, p. 142)
Absurdo pensar desordenado pensar
'Pensar loucamente.'

[119] Um estudo prévio desta parte foi apresentado no *Annual Colloquium 2023 of the Henry Sweet Society for the History of Linguistic Ideas* (4 – 6 de setembro de 2023, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal), sob o título "The challenges of Chinese: An analysis of Father Joaquim Gonçalves' perceptions of Verbo Difficeis, e Chinismos".

[120] A parte correspondente no manuscrito 7975 da Biblioteca Nacional de Portugal — editado por Barros e Ng Cen (2014) sob o título *Gramática e Diálogos em Português e Chinês: um manuscrito inédito do P.e Joaquim Afonso Gonçalves,* com introdução e edição crítica de Anabela Leal de Barros e fixação dos carateres chineses por Ana Ng Cen, e em edição interpretativa três anos mais tarde (Barros & Ng Cen, 2017) — contém somente uma parte dos primeiros 61 exemplos bilingues acolhidos no impresso (cf. Barros & Ng Cen, 2014, pp. 110–113).

[121] O significado do sinal "△" é explicado nas advertências iniciais do *Diccionario Portuguez-China* da seguinte forma: "As sentenças seguintes saõ sublimes, usadas so na escrita" (Gonçalves, 1831, p. III).

Além disso, há casos em que uma frase em português corresponde a mais de um equivalente em chinês, sendo os diferentes equivalentes separados por uma barra vertical com um gancho voltado para o lado direito na parte inferior[122], como demonstrado no exemplo (11).

(11) Levantar a penna. 拿筆起來 [*Ná bǐ qǐ lái*]/拿起筆來 [*Ná qǐ bǐ lái*]△提/舉起筆來 [*Tí/jǔ qǐ bǐ lái*]/以筆舉起 [*Yǐ bǐ jǔ qǐ*] (Gonçalves, 1829a, p. 142)
Pegar caneta elevar vir / Pegar elevar caneta vir△Levantar/erguer elevar caneta vir / PTC caneta erguer elevar
'Levantar a caneta. / Levantar a caneta.△Levantar/erguer a caneta. / Levantar a caneta.'

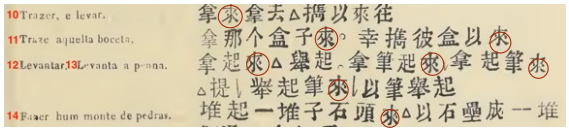
Por fim, o exemplo em português também pode ser acompanhado por mais de uma alternativa na mesma língua, muitas vezes explicativa do sentido conotativo, conforme ilustrado no exemplo (12).

(12) Naõ pode ser liberal [naõ tem muito por onde se alargar.] 不得大方[*Bù dé dàfāng*] △ 欲大方而無從 [*Yù dàfāng é wú cóng*] (Gonçalves, 1829a, p. 143)
NEG conseguir generoso△Querer generoso porém NEG seguir
'Não consegue ser generoso.'△'Não tem como ser generoso.'

Em resumo, os exemplos bilingues no capítulo III da *Arte China* de Gonçalves consistem em frases em português acompanhadas por equivalentes em chinês, que variam em quantidade e estilo. Em alguns casos há um único equivalente, enquanto em outros surgem várias opções em chinês ou português, refletindo a diversidade expressiva e oferecendo uma análise mais profunda das conotações linguísticas.

Na análise seguinte focamo-nos exclusivamente no estilo vernacular do chinês, recorrendo aos exemplos do estilo clássico apenas quando necessário para desambiguar. Essa escolha justifica-se pelo seguinte: os textos no estilo vulgar parecem ter sido o ponto de partida de Joaquim Gonçalves. No manuscrito anterior à impressão da *Arte China*, a secção "13. Verbos Difficeis e Chinismos" era intitulada "Verbos deficeis", contendo exemplos exclusivamente do estilo oral (cf. Barros & Ng Cen, 2014, pp. 110–113)[123]. Além disso, as estruturas sintáticas dos textos em estilo vulgar parecem ser a principal fonte de dificuldade, como demonstrado nos exemplos bilingues da Figura 5.

Figura 5 Verbos difíceis: estruturas que contêm o verbo "来 *lái* 'vir'"



Fonte: Adaptada de Gonçalves (1829a, p. 142), com numeração e destaques acrescentados pela autora desta tese.

[122] O uso do sinal "丨" é esclarecido nas advertências iniciais do *Diccionario Portuguez-China* da seguinte forma: "Ou, pode-se substituir a letra seguinte a antecedente" (Gonçalves, 1831, p. III). Nesta tese, o símbolo original é substituído por uma barra inclinada simples devido a limitações tipográficas.
[123] No entanto, o manuscrito contém cerca de 30 exemplos a menos do que a versão impressa, estando as duas últimas dezenas de exemplos, mais complexos, ausentes do manuscrito. Provavelmente terão sido acrescentadas depois, na sua prática letiva. Devido a limitações de espaço, a distinção entre as duas versões não será detalhada nesta tese.

Todos os exemplos do estilo vulgar contidos nesta figura incluem o verbo chinês "来 *lái* 'vir'" que funciona como complemento de direção verbal. A variabilidade sintática deste verbo justifica a sua classificação como um verbo difícil.

Do ponto de vista da correspondência interlinguística, os dois exemplos em (13) também sugerem que a correspondência entre o texto em português e o estilo vulgar é mais próxima do que com o estilo clássico.

(13) a. Antes dávaõ-se. e agora naõ podem estar juntos.

頭裡狠說得來如今說不得在一塊兒 [*Tóu-lĭ hĕn shuō-de-lái rújīn shuō-bu-dé zài yíkuài-r*]△先甚想[124]好今乃如風馬牛 [*Xiān shèn xiăng hăo jīn năi rú fēng-mă-niú*] (Gonçalves, 1829a, p. 143)

Cabeça-dentro muito falar-conseguir-vir agora falar-NEG-conseguir em conjunto-PTC△Antes muito pensar bem agora então como vento-cavalo-boi

'Antes davam-se bem, mas agora nem podem conversar juntos.' △ 'Antes davam-se bem, mas agora não têm nada em comum.'

b. Estou pensando, que, se a trato bem, mo estranharão os mais, e se naõ faço caso della, ella mo estranhará tambem.

自想若要欵待他怕人怪我若不要顧他又怕他怪我 [*Zì xiăng ruò yào kuăn-dài tā pà rén guài wŏ ruò bú yào gù tā yòu pà tā guài wŏ*] △ 窃將欵之則恐見人怪將捨之則恐見其怪 [*Qiè jiāng kuăn zhī zé kŏng jiàn rén guài jiāng shĕ zhī zé kŏng jiàn qí guài*] (Gonçalves, 1829a, p. 145)

Próprio pensar se AUX.FUT calorosamente-tratar 3SG temer pessoa estranhar 1SG se NEG AUX.FUT atender 3SG novamente temer 3SG estranhar 1SG△Privado PTC.FUT tratar PTC.3SG então temer PASS pessoa estranhar PTC.FUT descartar PTC.3SG então temer PASS PTC.3SG estranhar

'Estou a pensar que, se o tratar bem, os outros me culparão; mas se não o atender, ele também me culpará'△'Estou a pensar que se o tratar bem, temo ser culpado pelos outros; mas se o ignorar, temo ser culpado por ele.'

No exemplo (a), a frase chinesa em estilo sublime inclui a expressão idiomática "風馬牛 *fēng-mă-niú* 'vento-cavalo-boi'", oriunda da narrativa "《左传》 *Zuŏ zhuàn* 'Crónica de Zuo'" (722 – 468 a. C), que é utilizada para indicar algo que é completamente irrelevante ou não relacionado[125]. A tradução literal desta expressão não está presente no texto equivalente em português. De forma parecida, no exemplo (b), encontramos uma oração na voz passiva identificada pelo marcador da voz passiva "見 *jiàn* 'ver'" na frase sublime, enquanto a frase em estilo coloquial assim como a sua equivalente em português são estruturadas na voz ativa. Com base nisso, podemos inferir que uma grande parte dos textos em estilo

[124] Pode ser uma gralha, pois faz mais sentido usar o caráter "相 *xiāng* 'mutuamente'" na expressão "相好 *xiāng hăo* 'dar-se bem'".

[125] Esta expressão idiomática pode ser interpretada de diferentes maneiras, especialmente no que diz respeito ao primeiro caráter "風 *fēng* 'vento'". Na segunda secção do sétimo capítulo da *Arte China*, "II. Extractos da Historia, e Fabula, A que frequentemente se allude nas Composições Chinas", Gonçalves (1829a, p. 392) classifica a expressão "風馬牛 *fēng-mă-niú* 'vento-cavalo-boi'" como uma das parábolas, interpretando o mesmo como "o cavallo, e o boi, dos quaes hum vai contra o vento, e o segundo o segue". Em contraste, o *Dicionário do Chinês Moderno* sugere que, neste contexto, "vento" significa "a atração mútua entre macho e fêmea" (Chinese Academy of Social Sciences, 2016, p. 390), ou seja, "mesmo que exista atração mútua entre macho e fêmea, cavalos e bois não se atraem", indicando, de forma figurada, elementos que não têm qualquer conexão entre si.

clássico, presentes na versão impressa, foi possivelmente acrescentada posteriormente, não sendo o principal fator para a classificação de certas estruturas como dificuldades no ensino-aprendizagem do chinês. Por este motivo, a análise seguinte desta subsecção foca-se exclusivamente no estilo vulgar dos textos equivalentes em chinês.

Para melhor indagar dos desafios que os estudantes europeus da língua chinesa como língua não materna podem enfrentar de acordo com a perspetiva contrastiva de Joaquim Gonçalves, os 89 exemplos abrangidos pela última secção do terceiro capítulo da *Arte China* foram transcritos e numerados de acordo com a ordem natural do impresso, conforme se apresentam no Anexo IV. Numa tentativa de identificar as possíveis fontes dos textos chineses[126], foi encontrado o seguinte exemplo (14), extraído da *Vida de Cristo*, um recurso adicional mencionado por Joaquim Gonçalves como suplemento para treinar a capacidade de tradução (ver subsecção 2.5.1).

(14) O christal he transparente ao sol conservando a natureza, que tinha.

水晶透了太陽的光還存着他的本質[*Shuǐjīng tòu le tàiyáng de guāng hái cún zhe tā de běn-zhì*]△水晶透太陽之光而本質猶故也 [*Shuǐjīng tòu tàiyáng zhī guāng ér běn-zhì yóu gù yě*] (Gonçalves, 1829a, p. 144)

Cristal penetrar PTC.PFV sol DE luz ainda conservar PTC.PROG 3SG DE original-qualidade △Cristal penetrar sol PTC luz porém original-essência ainda antigo PTC

'O cristal mantém a sua qualidade mesmo após ser penetrado pela luz solar.'△ 'A essência do cristal mantém-se inalterada, mesmo após ser penetrado pela luz solar. '

Do ponto de vista da comparação interlinguística, a dificuldade pedagógica parece residir na regência do verbo "透 *tòu* 'penetrar'", cujo sujeito sintático pode ser tanto o agente ativo, como é mais comum em português, como o agente passivo da ação, como ocorre na frase chinesa.

Este é um dos raros exemplos cuja variante no estilo oral é formulada a partir do estilo clássico, pois a frase no estilo sublime pertence à narrativa biográfica *Vida de Cristo* de Giulio Aleni (ver nota de rodapé n.º 110 acima), estando inserida no seguinte contexto descritivo do nascimento de Jesus Cristo, conforme transcrito e anotado em (15).

(15) 倏見一子在前。而聖母依然童身。如玻瓈水晶。透太陽之光。而本質猶故也。[*Shū jiàn yì zi zài qián, ér Shèng-mǔ yīrán tóng shēn. Rú bōlí shuǐjīng, tòu tàiyáng zhī guāng, ér běnzhí yóu gù yě.*] (Aleni, 1635, p. 36)

Repente ver um filho em frente, porém santa-mãe ainda criança corpo. Como vidro cristal, penetrar sol PTC luz, porém original-essência ainda antigo PTC

'De repente, viu-se um filho à frente, mas a Santa Mãe permaneceu virgem, como cristal de vidro penetrado pela luz do sol, mas a essência permaneceu inalterada.'

[126] Yang (2013) fez uma tentativa pioneira de estudar as referências utilizadas pelo Padre Joaquim Gonçalves para a elaboração da sua trilogia para o ensino-aprendizagem do chinês, porém esta análise cingiu-se às fontes chinesas, não abrangendo todas as fontes possíveis, sobretudo as fontes textuais não chinesas.

Trata-se de uma metáfora que compara a imaculada conceção de Maria à pureza do cristal, especificamente criada para o texto em chinês[127], pois na obra *Vita Jesu Christi e quatuor Evangeliis et scriptoribus orthodoxis concinnata* de Ludolphus de Saxonia, que supostamente serviu como base da *Vida de Cristo* de Giulio Aleni (ver nota de rodapé n.º 110 acima), encontramos uma figura metafórica diferente:

> Esta Virgem foi encontrada *com os botões cheios*, quando concebeu o Filho de Deus no seu útero, dos quais flores frutíferas brotaram quando o Filho de Deus nasceu, com ela permanecendo virgem. Pois assim como a flor não fere a árvore, mas a embeleza, o Filho de Deus não violou a Virgem, mas a adornou ainda mais com dons e graças.[128] (Saxonia, 1474/1865, p. 13)

Na narração de Saxonia, o nascimento do menino Jesus é comparado ao florescimento de uma árvore, o qual não mancha, mas enobrece o corpo materno. Exceto essa frase específica, não foi possível identificar a origem dos demais textos chineses usados como exemplos dos verbos difíceis e chinismos. Aliás, o motivo pelo qual este mesmo exemplo foi apresentado como uma das dificuldades da língua chinesa não parece estar relacionado com a sua origem religiosa, mas sim com a regência verbal em particular.

Os critérios de classificação dos verbos difíceis e chinismos parecem ser polivalentes, incluindo ao menos considerações sintáticas, semânticas e morfossintáticas. As estruturas sintáticas desempenham um papel determinante na dificuldade da língua chinesa, especialmente no que diz respeito aos predicados não verbais — como o exemplo (9) —, à voz passiva — como o exemplo (b) do ponto (13) —, aos complementos de resultado — exemplos (b) e (c) do ponto (16) — e aos complementos de direção — exemplos da Figura 5 —, entre outros. De forma parecida, as considerações semânticas também contam na classificação dos verbos difíceis e chinismos, uma vez que o sentido secundário ou figurado de uma palavra ou expressão, a polissemia, e o uso de sinónimos e antónimos no chinês frequentemente criam desafios tanto para a compreensão desta língua como para a sua tradução em português.

Do ponto de vista da semântica lexical, encontramos várias relações semasiológicas que parecem ter motivado a identificação de alguns verbos desafiadores, como a conotação, conforme se demonstra no exemplo (12) acima, a polissemia, a sinonímia e a antonímia. O verbo polissémico "打 *dǎ* 'bater'",

---

[127] Segundo Pan (2009, pp. 133–136), A *Vida de Cristo* de Giulio Aleni é uma reinterpretação da história da Encarnação, com recurso à abordagem contextualizada, incorporando elementos da cultura e filosofia chinesas para tornar a mensagem cristã mais acessível e compreensível à audiência local, daí o seu uso estratégico e o seu aproveitamento didático pelo padre Joaquim Gonçalves.

[128] Tradução da autora da seguinte passagem: "Ista Virgo inventa est *gemmis turgentibus*, quando Filium Dei in utero suo concepit, ex qua flores fructiferi eruperunt, quando Dei Filius, ipsa manente virgine, natus fuit. Nam sicut flos non violat arborem, sed ornat; sic Dei Filius non violavit Virginem, sed magis donis et gratiis adornavit."

cujo significado e função varia consoante o contexto, marca presença em quatro exemplos do estilo vulgar, espalhados pela página 142 da *Arte China*, conforme se transcrevem e anotam em (16).

(16) a. Elle he pescador. 他是个打鱼的[*Tā shì gè dǎ yú de*] (Gonçalves, 1829a, p. 142)
3SG COP CLF bater peixe DE
'Ele é pescador.'

b. Quebrou huma perna. 打破了一條腿[*Dǎ pò le yì tiáo tuǐ*] (Gonçalves, 1829a, p. 142)
Bater quebrar PTC.PFV um CLF perna
'Partiu uma perna.'

c. Abriu á força a janella. 打開了窗户[*Dǎ kāi le chuāng-hu*] (Gonçalves, 1829a, p. 142)
Bater abrir PTC.PFV janela-janela
'Abriu a janela.'

d. Armar o sombreiro 打傘 [*dǎ sǎn*] (Gonçalves, 1829a, p. 142)
bater guarda-chuva
'abrir/usar guarda-chuva'

Nos exemplos (a) e (d), "打 *dǎ* 'bater'" é usado como um verbo transitivo com complemento direto: "打鱼 *dǎ yú* 'pescar'" e "打傘 *dǎ sǎn* 'abrir/usar guarda-chuva'", onde "打 *dǎ*" tem um sentido mais concreto relacionado com a ação de pescar e a manipulação do guarda-chuva, enquanto nos exemplos (b) e (c), este faz parte de estruturas resultativas: "打破 *dǎ pò* 'bater e quebrar'" e "打开 *dǎ kāi* 'bater e abrir'", em que "打 *dǎ*" indica a ação inicial, seguida de outro verbo que descreve o resultado da ação. Esse mesmo verbo "打 *dǎ*" corresponde a vários verbos distintos em português, como podemos ver nos exemplos correspondentes, o que o torna particularmente desafiador para os estudantes, uma vez que a sua tradução varia significativamente conforme o contexto.

No caso de palavras sinónimas e antónimas que costumam ser usadas em conjunto no chinês, encontramos os seguintes exemplos:

(17) a. Elle está satisfeito. 他心滿意足/他心意滿足[*Tā xīn mǎn yì zú / tā xīn yì mǎn zú*] (Gonçalves, 1829a, p. 143)
3SG coração cheio mente cheio / 3SG coração mente cheio cheio
'Ele está satisfeito.'

b. Medir o comprimento 量長短 [*liáng cháng duǎn*] (Gonçalves, 1829a, p. 143)
medir comprido curto
'medir comprimento'

c. Medir a altura 量高下[*liáng gāo xià*] (Gonçalves, 1829a, p. 143)
medir alto baixo
'medir altura.'

d. Fazer o bem, e fugir do mal he dever meu. 行善避惡是我的本分 [*xíng shàn bì è shì wǒ de běnfèn*] (Gonçalves, 1829a, p. 143)
Fazer bom evitar mau COP 1SG DE dever
'Fazer bem e evitar mal é dever meu.'

No exemplo (a) temos presentes dois adjetivos sinónimos – "滿 *mǎn* 'cheio'" e "足 *zú* 'cheio'" – que são usados em conjunto para intensificar a expressão de satisfação, conferindo ênfase adicional ao

estado emocional do sujeito. Em vez de simplesmente dizer que o sujeito está satisfeito, a combinação de sinónimos aprofunda o significado, sugerindo uma satisfação plena e multifacetada. Já no caso de palavras antónimas, os exemplos (b), (c) e (d) apresentam três grupos de antónimos "長 *cháng* 'comprido'" e "短 *duǎn* 'comprido'"; "高 *gāo* 'alto'" e "下 *xià* 'baixo'"; "善 *shàn* 'bom" e "惡 *è* 'mau", criando uma sensação de totalidade e indicando que o conceito ou ação abrange todos os possíveis extremos, seja em termos de medidas físicas (comprimento, altura) ou em termos morais (bom e mau). Esse tipo de estrutura é comum no chinês e serve para destacar a abrangência ou integridade da ideia expressa. O uso de antónimos e sinónimos nestes exemplos é uma técnica comum no chinês para transmitir amplitude, completude e intensidade, seja em medidas físicas, estados emocionais ou em termos morais, algo que é raro em português, como fica evidente nos textos paralelos oferecidos por Gonçalves.

Esses recursos semânticos, ao ampliarem o alcance e a intensidade das expressões, parecem fazer parte dos critérios na identificação de certos verbos como particularmente complexos. Além disso, certos aspetos morfossintáticos, como a conversão, isto é, a derivação sem adição de constituintes morfológicos, conforme demonstrada em (18), e as diversas formas de negação, também contribuem para essa classificação, conforme se exemplificam em (19), os quais também foram abordados na análise morfológica das palavras chinesas no início do terceiro capítulo da *Arte China*.

(18) a. Pregou hum prego. 釘了一个釘子[*Dìng le yí gè dīng-zi*] (Gonçalves, 1829a, p. 142)
Pregar PTC.PFV um CLF prego-PTC
'Pregou um prego'

b. Tem três côvados de comprido. 長三尺/有三尺長 [*cháng sān chǐ /yǒu sān chǐ cháng*] (Gonçalves, 1829a, p. 143)
Comprido três CLF / ter três CLF comprido
'medir comprimento'

c. Tem huma braça de altura. 高一丈/有一丈高 [*gāo yí zhàng / yǒu yí zhàng gāo*] (Gonçalves, 1829a, p. 143)
Alto um CLF / ter um CLF alto
'medir altura.'

(19) 1º Foi antes do tempo. 沒有到時候就去[*Méi yǒu dào shíhòu jiù qù*] (Gonçalves, 1829a, p. 144)
NEG ter chegar tempo tempo já ir
'Foi antes de ter chegado o tempo.'

2º O vulgo naõ chega a isto: [isto naõ he vulgar.] 平常人不能這樣 [*Píng cháng rén bù néng zhè yàng*]]△非夷所及 [*Fēi yí suǒ jí*] (Gonçalves, 1829a, p. 144)
Plano normal pessoa NEG poder DEM.PROX forma△NEG estranho que chegar
'Uma pessoa banal não consegue assim.△ Os estranhos não conseguem chegar.'

No exemplo (a) do (18), podemos ver que o caráter "釘 *dìng* 'pregar' / *dīng* 'prego'", de leituras múltiplas, é usado tanto como verbo quanto como substantivo que funciona como complemento direto do predicado verbal. Nos exemplos (b) a (c) do (18), que são as especificações dos exemplos (b) e (c) do (17), respetivamente, os adjetivos "長 *cháng* 'comprido" e "高 *gāo* 'alto'" são usados tanto como predicados adjetivais quanto como substantivos que funcionam como complementos de nome "X" na estrutura "有 *yǒu* 'ter' + numeral + classificador de medida + X". Os dois exemplos do (19), colocados em posição adjacente na impressão original, apresentam três formas de negação distintas "没 *méi*", "不 *bù*" e "非 *fēi*", que parecem explicar por que são considerados chinismos. Por outro lado, a nível semântico, os dois verbos sinónimos "到 *dào* 'chegar'" e "及 *jí* 'alcançar'" também parecem fazer parte dos critérios de identificação como verbos difíceis.

Em resumo, os critérios de identificação de verbos difíceis e chinismos parecem ter como ponto de partida a análise contrastiva entre o português e o chinês, levando em consideração fatores que, embora não sejam explicitamente descritos por Gonçalves no compêndio, se revelam multifacetados. Esses fatores podem incluir aspetos semânticos, sintáticos e morfológicos, entre outros, impedindo-nos a sua complexidade de afirmar com total certeza quais foram os elementos determinantes para essa classificação. Assim, a nossa única possibilidade de interpretação surge através dos exemplos bilingues apresentados, que nos oferecem pistas sobre a intenção do autor, ainda que essa intenção nem sempre possa ser plenamente compreendida.

2.5.2.2. Sintaxe figurada e sentenças difíceis

O quarto capítulo, *Syntaxe*, é dedicado às regras sintáticas da língua chinesa, abordando aspetos como a ordem das partes da oração, categorias lexicais não tratadas no capítulo anterior (tais como as vozes de animais, formas de tratamento e as partículas sublimes), além da sintaxe figurada e exercícios de sintaxe sublime (cf. L. Li, 2024, pp. 52–53). As duas últimas secções deste capítulo serão o foco da próxima análise: a primeira, porque Gonçalves analisa as técnicas expressivas sob a tradição da retórica greco-latina; e a segunda, porque inclui cinco subsecções sobre a ordem sintática, referindo-se a última diretamente às "sentenças difíceis".

Logo ao lado do título da penúltima secção, intitulada "Syntaxe Figurada", encontramos o seguinte subtítulo que clarifica os assuntos abordados: "Figuras, e Tropos usados, ainda que poucos tem nome em China" (Gonçalves, 1829a, p. 179). Tal como o subtítulo indica, os exemplos bilingues desta secção são organizados de acordo com as técnicas retóricas utilizadas, conforme transcritas na Tabela 54:

Tabela 54 Sintaxe figurada do chinês clássico na análise de Joaquim Gonçalves

Nº	Subdivisão	Nº	Subdivisão	Nº	Subdivisão
1º	Pleonasmo	11º	Epanalépsis	21º	Metáphora 借意 [*jièyì* 'emprestar significado']
2º	Polysíndeton	12º	Epizeuxis	22º	Anthonomásia 借意[*jièyì* 'emprestar significado']
3º	Anáphora	13º	Climax	23º	Metalepse 借意[*jièyì* 'emprestar significado']
4º	Symploce	14º	Polyplóton	24º	Metonímia 借意[*jièyì* 'emprestar significado']
5º	Anadiplósis	15º	Períphrasis	25º	Synédoche
6º	Epánados	16º	Ellipse	26º	Liptotes 反句[*fǎnjù* 'frase inversa']
7º	Epanadiplósis	17º	Prolepse	27º	Hypérbaton 倒装[*dǎozhuāng* 'ordem invertida']
8º	Synonímia	18º	Sylepse*	28º	Tmesis
9º	Antanaclásis	19º	Asyndeton	29º	Parénthesis
10º	Ploce	20º	Enállege		

Fonte: Elaborada pela autora com base no ponto "11. Syntaxe Figurada" do capítulo IV *Syntaxe* da *Arte China* (cf. Gonçalves, 1829a, pp. 179–183).
Nota. *Esta categoria dispõe da seguinte descrição: "A palavra sobentendida está no ultimo, ou primeiro membro, conforme ella he inicial, ou final" (Gonçalves, 1829a, p. 181).

Neste quadro, podemos observar que apenas seis das 29 técnicas discutidas possuem termos equivalentes em chinês, coincidindo quatro delas diretamente. A Retórica, ou a arte de persuadir, uma disciplina com raízes na Antiguidade que perdura até aos dias atuais, possui uma longa tradição na Península Ibérica. Especificamente, durante as últimas três décadas do século XVIII, período em que o padre Joaquim Gonçalves recebeu a sua educação em Portugal, a retórica, muitas vezes associada à poética, era parte integrante do currículo de todas as escolas portuguesas de preparação pré-universitária (Lausberg, 1967, p. 28). Não é, portanto, surpreendente encontrar termos técnicos da retórica aplicados à língua chinesa na *Arte China* de Joaquim Gonçalves, mesmo que o século XIX tenha assistido a um movimento antirretórico em grande parte de Portugal (cf. Lausberg, 1967, p. 29), época em que Gonçalves já se encontrava no Extremo Oriente.

Quanto aos exercícios de sintaxe clássica, apresentados na última secção do quarto capítulo da *Arte China*, encontramos cinco subsecções com os seguintes títulos: "[I.] Diversa Sentença com diversa posição das mesmas palavras; II. A mesma sentença com deversa posição; III. A mesma Sentença com differentes letras; IV. Diversa Sentença com a mesma posição: amphibologias; V. Sentenças difficeis" (cf. L. Li, 2024, p. 53). Para facilitar a compreensão desta organização, serão analisados os primeiros dois exemplos de cada subsecção, com exceção da última, cujos exemplos não revelam critérios de classificação explícitos.

A primeira subsecção refere-se a frases formadas pelos mesmos elementos constituintes, mas com ordens distintas, alterando o significado global, conforme se lêem nos dois exemplos de (20).

(20) a. Calculo que dificilmente se mora muito tempo com o que conserva ódio.

与有夙怨計难久居 [*Yǔ yǒu sù yuàn jì nán jiǔ jū*]
(Gonçalves, 1829a, p. 184)
Com ter antigo rancor calcular difícil por-muito-tempo morar
'Calcula que é difícil morar por muito tempo com quem se tem um rancor antigo.'

b. Há muito calculo que é difícil morar com o que conserva ódio.

夙与有怨久計难居 [*Sù yǔ yǒu yuàn jiǔ jì nán jū*]
(Gonçalves, 1829a, p. 184)
Antigo com ter rancor por-muito-tempo calcular difícil morar
'Há muito calculo que é difícil morar com aquele a quem se tem um rancor de longa data.'

A frase descontextualizada[129] na *Arte China* é composta por duas orações justapostas, "[$_{P}$与[$_{V}$有[$_{SN}$[$_{Adj}$夙$_{N}$[怨]] *yǔ yǒu sù yuàn*" e "[$_{V}$計[$_{adj}$难[$_{adv}$久[$_{V}$居] *jì nán jiǔ jū*", sem conetores sintáticos explícitos. No primeiro caso, o adjetivo "夙 *sù* 'antigo'" atua como modificador restritivo do complemento direto, enquanto o segundo adjetivo "久 jiǔ 'por muito tempo'" funciona como modificador adverbial, qualificando o verbo subsequente "居 *jū* 'morar'". No segundo exemplo, "夙 *sù* 'antigo'" é reposicionado como modificador do sintagma preposicional "与有怨 *yǔ yǒu yuàn*", enquanto "久 *jiǔ* 'por muito tempo'" passa a ser usado como modificador adverbial do verbo "計 *jì* 'calcular'". Assim, obtêm-se duas frases com as mesmas palavras mas em posições diferentes, resultando numa reestruturação sintática com alteração de sentido.

A segunda subsecção trata de casos em que a mudança da ordem dos elementos sintáticos não resulta em alteração de sentido, correspondendo as duas frases em chinês a uma única tradução em português, conforme demonstrado em (21).

(21) a. Além disto, há notícia, que ele vem. 此外有風聞而至者 [*Cǐ wài yǒu fēng wén ér zhì zhě*]
(Gonçalves, 1829a, p. 193)
DEM.PROX. fora haver vento ouvir então chegar PTC
'Além disso, há quem ouviu o rumor e veio.'

b. Além disto, há notícia, que ele vem. 外有風聞而至此者 [*Wài yǒu fēng wén ér zhì cǐ zhě*]
(Gonçalves, 1829a, p. 193)
Fora haver vento ouvir então chegar DEM.PROX. PTC
'Lá fora há quem tenha ouvido o rumor e tenha vindo até aqui.'

A modificação do exemplo (a) para o exemplo (b) consiste na alteração da posição do demonstrativo proximal "此 *cǐ* 'este'", que no primeiro exemplo faz parte da locução adverbial "此外 *cǐ wài* 'além disto'", enquanto no segundo é utilizado como complemento direto do verbo "至 *zhì* 'chegar'". Assim, as duas frases mantêm os mesmos constituintes, mas com variação na ordem sintática.

A terceira subsecção está associada a frases sinónimas que apresentam estruturas sintáticas distintas, como podemos observar nos dois exemplos exibidos em (22).

[129] O exemplo (a) provém de uma das obras mais célebres da literatura clássica chinesa, "《聊斋志异》 *Liáo Zhāi Zhì Yì* 'Contos Estranhos do Estúdio Liao'" (1740)[129], nomeadamente do seguinte texto original: "父虑与有夙隙，计难久居 *Fù lǜ yǔ yǒu sù xì, jì nán jiǔ jū* 'O pai calculava que, tendo uma antiga inimizade (entre si e o tio), era difícil (o seu filho mais pequeno) ficar (hospedado) por muito tempo (em casa do tio).'"(cf. Pu, 2015, pp. 3022–3023).

(22) a. O seu génio era admirado, e estimado. 其品行素為人所仰重 [*qí pǐn xíng sù wéi rén suǒ yǎng zhòng*] (Gonçalves, 1829a, p. 204)
3SG caráter ação sempre por pessoa AUX admirar respeitar
'O seu génio era admirado e estimado (pelas pessoas).'

b. O seu génio era admirado, e estimado. 人所素仰重其品行也 [*rén suǒ sù yǎng zhòng qí pǐn xíng yě*] (Gonçalves, 1829a, p. 204)
Pessoa AUX sempre admirar respeitar 3SG caráter ação PTC
'O que era adorado e estimado (pelas pessoas) era o seu génio.'

Tal como os exemplos apresentados no número anterior, estes dois exemplos em chinês também correspondem a uma única tradução em português. Do ponto de vista sintático, a segunda frase utiliza uma estrutura de ênfase, destacando um elemento específico da oração, que neste caso é o sujeito.

Por fim, a quarta subsecção aborda sentenças em que a pontuação[130], ao ser modificada, gera diferentes interpretações, apesar de os constituintes e a ordem sintática permanecerem inalterados.

(23) a. Conseguindo ser criado, os do paço gostaram muito. 得待、同朝甚喜 [*Dé dài, tóng cháo shèn xǐ*] (Gonçalves, 1829a, p. 205)
Obter receber juntos corte extremamente alegria
'Conseguindo ser recebido, os da corte ficaram muito felizes.'

b. Conseguindo sermos ambos criados, terei grande gosto? 得待同朝、甚喜 [*Dé dài tóng cháo, shèn xǐ*] (Gonçalves, 1829a, p. 205)
Obter receber juntos corte extremamente alegria
'Conseguindo trabalhar em conjunto na corte, fiquei muito feliz.'

Dependendo da pausa, o sintagma "同朝 *tóng cháo*" pode ser interpretado como o sujeito da oração principal, significando "os que trabalham juntos na corte", ou como complemento direto da oração adverbial, significando "trabalhar juntamente na corte"[131], resultando assim em duas frases distintas.

A última subsecção reúne 137 exemplos bilingues em que o texto chinês, segundo a perspetiva de Gonçalves, apresenta desafios significativos para o ensino-aprendizagem da língua. Ao analisar os primeiros cinco exemplos, tal como são transcritos e anotados em (24), nota-se que esta subsecção parece ser destinada a frases cujo sentido denotativo não basta para uma compreensão completa do seu significado pragmático.

(24) a. Enfim não sabia, que já tinha encontrado o seu amado. 竟不知意中人已得相聚 [*Jìng bù zhī yì zhōng rén yǐ dé xiāng jù*] (Gonçalves, 1829a, p. 207)
Surpreendentemente não saber mente dentro pessoa já conseguir mutuamente reunir
'Surpreendentemente, não sabia que já tinha encontrado o seu amado.'

---

[130] No chinês clássico não se utilizavam sinais de pontuação como no chinês contemporâneo; assim, neste contexto, a pontuação refere-se às pausas, entoação e separações entre as ideias com base no ritmo natural do discurso e no significado do texto.

[131] Esta segunda versão corresponde à interpretação do texto original "前日愿见而不可得，得待同朝，甚喜 *Qián rì yuàn jiàn ér bù kě dé, dé dài tóng cháo, shèn xǐ.* 'Antes desejava encontrar-me consigo, mas não foi possível; agora que posso trabalhar juntamente consigo na corte, estou muito feliz.'" da obra clássica "《孟子》 *Mèngzǐ* 'Mêncio'" (cf. K. Meng, 2010, pp. 78–79).

b.	Tenho pouca fortuna, e ainda estou sem successão.	薄命人又無所出 [*Bó mìng rén yòu wú suǒ chū*] (Gonçalves, 1829a, p. 207) Fino destino pessoa novamente sem AUX sair 'Tenho pouca fortuna e ainda estou sem sucessão.'
c.	Passeia pelos montes, e valles, não fazendo caso do povo do império, (monge.)	遨遊乎山水間置海內蒼生于不問也 [*Áo yóu hū shān shuǐ jiān zhì hǎi nèi cāng shēng yú bù wèn yě*] (Gonçalves, 1829a, p. 207) Vaguear viajar PTC monte água entre colocar mar dentro céu vida PTC não perguntar PTC 'Passeia pelos montes e rios, não fazendo caso do povo.'
d.	Então é que soube dos trabalhos nascidos no cotovelo, e sovaco, (na família) e que os irmãos tinham areia na boca (não se fallavam.)	方知變生肘腋兄弟含沙 [*Fāng zhī biàn shēng zhǒu yè xiōng dì hán shā*] (Gonçalves, 1829a, p. 207) Então saber mudar viver cotovelo axila irmão-mais-velho irmão-mais-novo conter areia 'Então é que soube que as mudanças já nasceram no cotovelo e sovaco e que os irmãos conspiravam.'
e.	Mas ainda o meu tinteiro está como a rodeira secca (pobre estudante.)	惟我硯田偏遭涸轍 [*Wéi wǒ yàn tián piān zāo hé zhé*] (Gonçalves, 1829a, p. 207) Somente eu tinta campo desafortunadamente sofrer seco rodeira 'Somente o meu tinteiro está como a rodeira seca.'

Isso ocorre porque o chinês é uma língua altamente dependente do contexto, exigindo do leitor ou estudante uma interpretação mais ampla para captar plenamente o significado das expressões.

Os exemplos (a), (c) e (e) integram na lista de sentenças difíceis provavelmente por fatores lexicais, sintáticos e culturais. O exemplo (a) contém a expressão idiomática "意中人 *yì zhōng rén*", que significa "a pessoa [que está sempre] na mente", ou seja, "a pessoa amada". Além disso, a oração subordinada substantiva "意中人已得相聚 *yì zhōng rén yǐ dé xiāng jù* 'o [seu] amado já conseguiu reunir-se [com ele]'" não segue a estrutura típica de SVO (Sujeito-Verbo-Objeto), afastando-se da estruturação sintática da frase equivalente em português. Aqui, o verbo auxiliar "得 *dé* 'obter, conseguir'" é seguido de "相聚 *xiāng jù* 'reunir-se'", formando uma construção verbal que indica o resultado da ação, o que pode acrescentar complexidade à frase.

No exemplo (c), o verbo composto por dois sinónimos "遨遊 *áo yóu* 'vaguear/vadiar/vagar'" refere-se ao movimento de "andar sem destino", enquanto "山水 *shān shuǐ* 'monte e água'" alude a montanhas e rios, uma imagem que frequentemente simboliza a busca de tranquilidade longe das preocupações políticas. O complemento direto "海內蒼生 *hǎi nèi cāng shēng* 'pessoas comuns sob o céu e dentro dos mares'" refere-se a toda a população. Além disso, o predicado verbal "置海內蒼生于不問也 *zhì hǎi nèi cāng shēng yú bù wèn yě* 'ignorar a humanidade'" apresenta uma estrutura sintática complexa, sendo "不問 *bù wèn* 'não se importar'" o complemento de direção figurativa que

indica o estado final da ação do verbo principal "置 *zhì* 'colocar'", ou seja, onde a humanidade está colocada num estado de indiferença.

O exemplo (e) envolve duas metáforas difíceis que exigem conhecimento cultural para serem entendidas: "硯田 *yàn tián* 'tinteiro'" refere-se metaforicamente ao campo de escrita, ou seja, ao percurso académico, enquanto a expressão "涸轍 *hé zh*é 'rodeira seca'" é uma metáfora de infortúnio ou sofrimento. A nível sintático, o verbo "遭 *zāo* 'sofrer'" é frequentemente usado em contextos negativos para descrever um evento adverso ou uma situação prejudicial que alguém ou algo enfrenta. Esta frase é difícil porque exige a interpretação de metáforas culturais específicas, além de uma análise sintática mais profunda, indo o seu entendimento completo além do sentido literal.

Os dois exemplos restantes (b) e (d) são classificados como desafiadores possivelmente porque ambos contêm expressões idiomáticas: a primeira formulação "無所出 *wú suǒ chū* 'não ter quem sair/suceder'" é uma forma eufemística de aludir à ausência de descendência por motivos de saúde (cf. X. Wang, 2015, p. 63); a segunda expressão "變生肘腋 *biàn shēng zhǒu yè* 'a mudança nasce no cotovelo e sovaco'" é um eufemismo que alude ao ódio entre irmãos, baseando-se numa sinédoque, ao referir-se a partes do corpo para representar pessoas, ou numa metáfora, em que a proximidade física dessas partes simboliza o vínculo fraterno, sugerindo que desavenças podem surgir mesmo dentro da família, tal como entre partes de um mesmo corpo (cf. X. Wang, 2015, p. 34); a última locução "含沙 *hán shā* 'conter areia na boca'" é uma forma abreviada da expressão idiomática "含沙射影 *hán shā shè yǐng* 'conter areia na boca para disparar para a sombra'", que significa "disparar areia da boca para atacar alguém", e remonta a uma antiga lenda de um monstro subaquático que cuspia areia envenenada sobre as pessoas que passavam, levando-as à morte (cf. X. Wang, 2015, p. 35). Essas expressões idiomáticas, profundamente enraizadas na cultura chinesa, tornam a tradução e compreensão mais complexas.

Em resumo, as formulações sintáticas classificadas como difíceis na última subsecção da *Arte China*, bem como os exercícios de sintaxe figurada presentes na penúltima secção, refletem a riqueza e os desafios da língua chinesa clássica. No caso das figuras e tropos, Gonçalves aplica termos da tradição retórica greco-latina para descrever técnicas expressivas equivalentes no chinês. Já nas sentenças difíceis, a presença de expressões idiomáticas, metáforas e estruturas sintáticas incomuns, associadas ao contexto cultural chinês, complica a tradução e a compreensão plena das frases. Estas sentenças exigem do estudante uma análise detalhada não só da gramática e do vocabulário, mas também da pragmática e dos elementos culturais implícitos, o que reforça a importância de um estudo aprofundado e interdisciplinar para dominar a língua e cultura chinesas.

2.5.3. Discussão e conclusão

Nesta secção, explorámos a abordagem didática de Joaquim Gonçalves para o ensino da língua chinesa, evidenciando a estrutura meticulosa e os objetivos abrangentes do seu método tripartido, composto pela *Arte China*, o *Diccionario Portuguez-China* e o *Diccionario China-Portuguez*. Analisámos como cada componente desta trilogia interage para fornecer um sistema completo de ensino-aprendizagem, integrando competências orais e escritas com um foco claro na prática e na contextualização cultural.

Na subsecção 2.5.1, destacámos a lógica subjacente ao método de Gonçalves, organizado em módulos que permitem aos estudantes progredir de uma base sólida de compreensão dos carateres e das estruturas gramaticais para a prática avançada da composição retórica e da tradução. Observámos que os dicionários não apenas complementam a *Arte China*, mas também funcionam como instrumentos independentes, oferecendo diretrizes práticas para a consulta e interpretação bilingue. A análise detalhada das advertências introduzidas nos dois dicionários revelou os esforços de Gonçalves para minimizar as barreiras interlinguísticas e interculturais, ao mesmo tempo que apontou as limitações de um sistema lexicográfico que busca traduzir as complexidades de duas línguas tão distintas.

Na subsecção 2.5.2, examinámos os desafios específicos identificados por Gonçalves no ensino do chinês, entre os quais se destacam as dificuldades relacionadas com o sistema de escrita, que incluem as variantes ortográficas dos carateres e as ambiguidades na identificação dos radicais, além dos obstáculos apresentados pela gramática chinesa, como verbos difíceis, chinismos e sentenças figuradas. Estas dificuldades refletem, em grande medida, as diferenças estruturais e culturais entre o português e o chinês, demonstrando a necessidade de uma abordagem contrastiva e interdisciplinar para superar tais barreiras.

Embora o método didático de Gonçalves tenha sido inovador e bem fundamentado para o contexto da época, algumas limitações foram observadas. Em primeiro lugar, a categorização das dificuldades gramaticais na *Arte China* carece de uma explicação mais sistemática dos critérios utilizados pelo autor para identificar sentenças ou expressões complexas. Isso dificulta uma compreensão mais objetiva do raciocínio subjacente às escolhas apresentadas. Em segundo lugar, os desafios culturais e pragmáticos associados à tradução e à interpretação de conceitos chineses poderiam ter sido mais amplamente explorados, considerando a relevância desse aspeto no ensino-aprendizagem de uma língua tão distante.

Com base nas limitações identificadas e nos tópicos abordados, propomos algumas direções para investigações futuras. Primeiramente, seria interessante explorar com maior profundidade os exemplos bilingues apresentados nos dicionários, analisando como foram construídas as traduções e equivalências culturais, especialmente no contexto de expressões idiomáticas e metáforas. Além disso, um estudo

comparativo entre o método de Gonçalves e outras abordagens contemporâneas, como a de Robert Morrison, poderia oferecer novas perspetivas sobre as inovações e os desafios comuns aos sinólogos do século XIX.

Em síntese, o método tripartido de Joaquim Gonçalves reflete uma abordagem pioneira e multifacetada no ensino da língua chinesa, combinando rigor analítico, sensibilidade cultural e inovação pedagógica. Apesar das limitações e desafios inerentes ao contexto da época, o seu trabalho constitui um marco na história da sinologia europeia, oferecendo uma base sólida para a aprendizagem integrada do chinês e do português. Com uma visão clara das interconexões linguísticas e culturais entre as duas línguas, Gonçalves destaca-se como um dos primeiros a promover uma abordagem didática que transcende as fronteiras linguísticas, contribuindo para uma compreensão mais profunda da língua e da cultura chinesas.

2.6. Síntese do estudo das análises linguísticas de Joaquim Gonçalves

O presente capítulo explorou de forma detalhada as referências interculturais refletidas na análise linguística de Joaquim Gonçalves em relação aos elementos fundamentais da língua chinesa, destacando os contributos inovadores e a relevância contrastiva do seu método didático e analítico. Desde o sistema de escrita até às estratégias pedagógicas, Gonçalves demonstrou uma visão abrangente e estruturada, combinando tradições ocidentais e chinesas para criar um método acessível aos estudantes lusófonos do século XIX.

Na secção 2.1, explorámos o sistema de escrita chinesa sob uma perspetiva comparativa, destacando a abordagem inovadora de Joaquim Gonçalves. O autor não só identificou as características únicas dos carateres chineses, considerados como as unidades fundamentais da língua, como também desenvolveu um método tripartido de decomposição em "rasgos" (traços básicos), "géneros" (radicais) e "diferenças" (indicadores fonéticos). Essa abordagem visava facilitar tanto a memorização como a compreensão estrutural dos carateres sinográficos. Examinámos a quantidade e as relações entre esses três componentes, bem como a evolução contínua do sistema de "géneros" ao longo das obras de Gonçalves. A interligação entre os dicionários bilingues e o *Alphabeto China* demonstra o esforço do autor para sistematizar o estudo dos carateres, integrando princípios da tradição lexicográfica europeia sem negligenciar as especificidades intrínsecas da língua chinesa.

A secção 2.2 abordou os aspetos tonais e o sistema de romanização do chinês, revelando a sensibilidade de Gonçalves ao adaptar os elementos fonológicos do mandarim de Pequim num sistema

acessível aos falantes de português. A correspondência entre a terminologia tonal adotada por Gonçalves e a nomenclatura tradicional chinesa, aliada à sua abordagem inovadora da transcrição fonética, demonstra uma tentativa de equilibrar rigor linguístico e acessibilidade pedagógica. Procurámos determinar os valores fonéticos das grafias utilizadas no sistema de transliteração de Gonçalves, subdividindo-as em consoantes e vogais. Contudo, a escassez de detalhes em relação a alguns grafemas e diacríticos identificados limita a precisão das nossas conclusões, apontando para a necessidade de investigações futuras que explorem essas lacunas de forma mais aprofundada.

Na secção 2.3, analisámos as variedades linguísticas descritas por Joaquim Gonçalves, com ênfase nas distinções entre os estilos vulgar e sublime, bem como entre os dialetos regionais e o mandarim padrão. Iniciámos a discussão com conceitos fundamentais, incluindo os estilos *wenyan* (chinês clássico) e *baihua* (chinês vernacular) no registo escrito, e a língua padrão e as variedades diatópicas no registo oral, contextualizando-os na evolução milenar da língua chinesa. Observámos como Gonçalves articula essas variedades no seu método didático, capacitando os estudantes a compreender tanto as particularidades da oralidade quanto as exigências formais da composição em chinês clássico. Ainda assim, a análise revelou algumas lacunas, como a falta de uma distinção clara entre os estilos vernacular e clássico e a possível fusão entre ambos na prática escrita do autor, uma característica que reflete o contexto histórico em que estava inserido. Esses aspetos sugerem a necessidade de estudos mais aprofundados, integrando os textos exemplares apresentados em conjunto com a sua análise gramatical, para melhor compreender as escolhas metodológicas e o impacto do trabalho de Gonçalves.

A secção 2.4 abordou a estruturação gramatical do chinês, destacando como Joaquim Gonçalves adaptou as categorias ocidentais às particularidades dessa língua na formação e classificação das partes da oração no seu método gramatical. Observámos que, além de reconhecer processos de formação de palavras presentes nas línguas europeias, o sinólogo identificou fenómenos exclusivos do chinês, como a reduplicação e a complexidade das formas de negação. No que diz respeito à ordem sintática das partes da oração, Gonçalves utilizou terminologia latina para facilitar a análise, sem, contudo, se limitar à estrutura típica das línguas europeias. Pelo contrário, evidenciou uma observação meticulosa das especificidades do chinês, esforçando-se por integrá-las de forma cuidadosa na tradição gramatical europeia. A análise das unidades lexicais e da organização sintática demonstra o empenho de Gonçalves em construir uma ponte metodológica entre tradições gramaticais distintas, promovendo uma melhor compreensão do chinês entre os leitores europeus.

Finalmente, na secção 2.5, analisámos o método tripartido de ensino-aprendizagem desenvolvido por Gonçalves, que integra a *Arte China* e os dois dicionários bilingues. Este método, estruturado de

forma modular e interdependente, revela uma abordagem progressiva e prática, combinando o ensino linguístico com a contextualização cultural, de forma a adaptar-se às necessidades dos estudantes. Além disso, examinámos os aspetos gramaticais considerados desafiadores no contexto didático da língua chinesa, com especial atenção para as particularidades interlinguísticas contrastantes com a língua materna de Gonçalves. No entanto, desafios como a categorização das dificuldades gramaticais e a tradução de conceitos culturais revelam áreas que poderiam ser mais bem detalhadas e aprofundadas, destacando o potencial para investigações futuras que completem a visão do autor.

A análise apresentada neste capítulo centrou-se nas ferramentas e métodos desenvolvidos por Gonçalves para facilitar o ensino-aprendizagem da língua chinesa. Contudo, os textos bilingues que acompanham essas obras também constituem uma parte fundamental para compreender plenamente a visão intercultural do autor. No próximo capítulo, portanto, examinaremos as referências interculturais diluídas nos textos bilingues apresentados no método de Joaquim Gonçalves. Focar-nos-emos na forma como os diálogos, provérbios, histórias e composições apresentados na *Arte China* e nos dicionários ilustram não apenas os aspetos linguísticos, mas também as interações culturais que moldaram a construção do método do autor. Este estudo aprofundará a compreensão do legado intercultural de Gonçalves, evidenciando como os textos bilingues funcionam como pontes entre o pensamento ocidental e a cultura chinesa.

3. Explicações contextuais nas obras de Gonçalves

No primeiro capítulo desta tese, identificámos e categorizámos três tipos principais de referências interculturais presentes nas obras de Joaquim Gonçalves: (1) as referências interculturais diretas, expressas nas suas observações metalinguísticas, concentradas nos prefácios e introduções, nos quais o autor expõe a sua visão sobre a língua chinesa e os objetivos pedagógicos que orientam o seu trabalho; (2) as referências implícitas, presentes nos exemplos bilingues, que incorporam contextos linguísticos, socioculturais e históricos da realidade chinesa, muitas vezes adaptados para facilitar a compreensão ocidental, e (3) as explicações contextuais, que constituem o foco do presente capítulo, compostas por anotações contrastivas e didáticas que acompanham os exemplos ou os verbetes e visam esclarecer aspetos linguísticos e culturais suscetíveis de causar dificuldade ao leitor europeu, funcionando como uma ponte interpretativa entre os dois universos culturais.

As explicações contextuais identificadas nas três principais obras de Joaquim Gonçalves, *Arte China* (1829), *Diccionario Portuguez-China* (1831) e *Diccionario China-Portuguez* (1833), revelam-se elementos fundamentais na construção de um diálogo interpretativo entre os universos linguísticos e culturais chinês e ocidental. Estas intervenções, de natureza diversa, inserem-se num projeto didático que ultrapassa a simples descrição gramatical ou tradução lexical, contribuindo para a formação de uma gramática intercultural implícita, capaz de orientar o leitor na interpretação de conceitos, práticas e formas discursivas próprias da sociedade chinesa do início do século XIX. Tendo em conta a sua natureza didática e o seu contexto de produção, pensado para um público ocidental pouco familiarizado com a realidade chinesa, estas explicações não poderiam ser exaustivas nem excessivamente desenvolvidas, sob pena de comprometer a clareza e eficácia do compêndio. Daí a adoção de formas sucintas de mediação, como reformulações, abreviaturas, notas de rodapé ou sinais tipográficos discretos, que permitem ao autor intervir sem sobrecarregar o texto e sem se colocar em evidência.

Neste capítulo, optamos por uma abordagem que ultrapassa a divisão por obras e privilegia a organização por critérios funcionais e temáticos. Com efeito, embora a distribuição e frequência das explicações varie de obra para obra, os mecanismos utilizados e os domínios culturais a que se referem apresentam uma coerência suficientemente forte para justificar uma análise integrada. Esta perspetiva permite não apenas observar as estratégias pedagógicas de Gonçalves, mas também avaliar o potencial atual deste material no contexto do ensino da língua e cultura chinesas ou da investigação linguística contrastiva. Assim, na secção 3.1 propomos uma tipologia das explicações contextuais com base nas formas discursivas e gráficas que assumem, desde reformulações e abreviaturas até comentários do

autor e recursos tipográficos. Na secção 3.2 procedemos à reorganização dos conteúdos explicativos identificados segundo áreas temáticas interculturais, com o objetivo de evidenciar a riqueza do material recolhido e destacar o seu potencial para abordagens didáticas e académicas contemporâneas. Por fim, na secção 3.3 apresentaremos algumas considerações finais, refletindo sobre o contributo destas estratégias para a mediação linguístico-cultural e sobre o valor atual da obra de Gonçalves no quadro da linguística missionária e da história da pedagogia linguística.

3.1. Tipologia das explicações contextuais

As explicações contextuais encontradas nas obras de Joaquim Gonçalves não se apresentam de forma uniforme, mas antes através de uma variedade de recursos discursivos e gráficos adotados em função do contexto comunicativo e das necessidades pedagógicas do destinatário. Esta diversidade formal reflete o equilíbrio procurado pelo autor entre a clareza interpretativa e a economia textual, características essenciais num compêndio pensado para fins didáticos. Nesta secção, propomos a análise de dois tipos principais de estratégias de explicação contextual presentes nas obras de Joaquim Gonçalves, definidos com base em critérios predominantemente formais e textualmente identificáveis: o primeiro é constituído pelas abreviaturas metalinguísticas, que assinalam valores semânticos e pragmáticos específicos das culturas em contraste de forma sintética; o segundo são recursos tipográficos de explicação, como itálico, parênteses, notas de rodapé e blocos informativos, que permitem introduzir informação adicional de modo discreto e eficaz. Cada uma das categorias será analisada nas duas subsecções seguintes, com exemplos representativos retirados das três obras de Gonçalves, acompanhados de comentários que destacam a sua função interpretativa, didática e intercultural. Na última subsecção apresentaremos uma síntese dos tipos de explicações contextuais identificados, bem como orientações para a sua análise mais aprofundada na secção seguinte.

3.1.1. Abreviaturas e sinais metalinguísticos

Nas três obras do método didático do chinês compiladas por Joaquim Gonçalves identificam-se diversas abreviaturas metalinguísticas que desempenham um papel importante na mediação intercultural. Estas abreviaturas, embora nem sempre incluídas nas listas de sinais e convenções presentes nos prefácios das obras, são inseridas diretamente no corpo do texto e funcionam como marcadores concisos de sentido, uso ou enquadramento cultural. Permitem ao autor fornecer indicações interpretativas

relevantes de forma discreta e económica, evitando explicações extensas que poderiam comprometer a fluidez da exposição.

Entre as formas mais recorrentes destaca-se a abreviatura "fig.", utilizada para assinalar o uso figurado de um termo, em contraste com "p." ou "prop.", que indicam o seu sentido próprio — conjunto que surge de forma sistemática nas três obras de Gonçalves. A abreviatura "c.", que normalmente corresponde às formas extensas *confrontar*, *conferir*, *circa*, é utilizada na *Arte China* e no *Diccionario China-Portuguez* para assinalar referências a realidades culturalmente específicas, funcionando como um indicador de generalização ou aproximação temática. De forma parecida, no *Diccionario China-Portuguez* surge ainda a abreviatura "esp.", forma reduzida de "espécie", adotada para indicar relação de género ou tipo, funcionando como marcador de classificação semântica e orientando o leitor quanto ao estatuto conceptual do termo apresentado. Nos dois dicionários bilingues encontra-se também a abreviatura "hist.", que remete o leitor para explicações de caráter histórico, muitas vezes relacionadas com conteúdos desenvolvidos no sétimo capítulo da *Arte China*, dedicado a fábulas e alusões clássicas, estabelecendo assim um mecanismo de referência cruzada entre obras. Por fim, no *Diccionario Portuguez-China* destaca-se o uso do símbolo "*" para identificar expressões de origem cristã, sinal claro do enquadramento missionário da obra e do esforço de integração da terminologia religiosa ocidental no léxico bilingue.

A utilização das etiquetas abreviadas "fig.", "p." e "prop." é frequente nas três obras de Gonçalves, funcionando como um mecanismo conciso para distinguir entre o sentido figurado e o sentido próprio de termos ou expressões. O quadro seguinte reúne exemplos representativos destas abreviaturas, com indicação do contexto e da respetiva obra.

Tabela 55 Exemplos de marcação "p.", "prop." e "fig." nas obras de Joaquim Gonçalves

Contexto	Fonte
充耳 [*chōng ěr*] encher o ouvido fig.	AC (p. 13)
棟梁 [*dòng liáng*] trave mestra p. e fig.	AC (p. 52)
燕去雁来 [*yàn qù yàn lái*] vão-se as andorinhas e vem os gansos p. e fig.	AC (p. 71)
Abrir caminho (*prop.* e *fig.*) 開/破路 [*kā/pò lù*]	DPC (p. 7)
Alargar-lhe os olhos, *fig.* 開他的眼界 [*kāi tā de yǎnjiè*]	DPC (p. 31)
Vai subindo passo a passo *prop.* e *fig.* 步步高陞 [*bùbù gāo shēng*]	DCP (p. 32)
Para matar a gallinha he necessario o cutelo de carniceiro? *fig.* 殺雞焉用牛刀 [*Shā jī yān yòng niú dāo*]	DCP (p. 61)

Fonte: Elaborada pela autora.
Nota. As siglas "AC", "DPC" e "DCP" referem, respetivamente, as obras *Arte China*, *Diccionario Portuguez-China* e *Diccionario China-Portuguez*.

Conforme indicado na décima primeira advertência do *Diccionario Portuguez-China* (ver subsecção 2.5.1.2), o recurso ao sentido figurado só é admitido quando explicitamente assinalado. Gonçalves adota, assim, uma abordagem essencialmente literal e objetiva, evitando interpretações subjetivas ou

metafóricas, salvo nos casos em que a leitura figurada é expressamente indicada. Esta opção metodológica reflete a sua preocupação em oferecer ao leitor uma interpretação precisa e controlada do conteúdo linguístico e cultural apresentado.

A abreviatura "c." é utilizada por Gonçalves na *Arte China*, sobretudo no primeiro capítulo, *Alphabeto China*, e no *Diccionario China-Portuguez*, funcionando maioritariamente como um marcador de termos associados a realidades culturais, históricas ou institucionais específicas da China, muitos das quais carecem de equivalente direto em português. Os exemplos reunidos na Tabela 56 ilustram a diversidade de domínios em que esta abreviatura é colocada e evidenciam o seu papel enquanto estratégia de sinalização intercultural concisa.

Tabela 56 Exemplos de marcação "c." nas obras de Joaquim Gonçalves

Contexto	Fonte
江 [*jiāng*] c. rio de Nankim	AC (p. 13)
鬯[*chàng*] c. herva cheirosa	AC (p. 50)
筮[*shì*] c. diagrama	AC (p. 64)
禹 [*yǔ*] c. imperador	DCP (p. 21)
兗 [*yǎn*] c. terra em *Xan tum*	DCP (p. 30)
緜虒 [*mián sī*] c. terra 上虒 [*shàng sī*] c. alpendre 下祁[*xià sī*] c. serralho 虒祁[*sī qí*] c. terrado	DCP (p. 41)
玻 [*bō*] c. pedra do Occidente 玻瓈 [*bōlí*] Vidro	DCP (p. 611)

Fonte: Elaborada pela autora.
Nota. As siglas "AC" e "DCP" referem, respetivamente, as obras *Arte China* e *Diccionario China-Portuguez*.

Esta marcação, como vimos, aponta para termos que remetem para categorias de objetos, instituições ou noções contextuais, sem que o autor desenvolva o seu conteúdo em detalhe, servindo assim como um sinal de enquadramento interpretativo e não de explicação exaustiva[132]. Os exemplos recolhidos ilustram a diversidade de domínios em que esta marcação é aplicada, abrangendo maioritariamente realidades específicas da sociedade e cultura chinesas, como topónimos, referências históricas, elementos botânicos e objetos materiais. Nesses casos, a indicação de uma tradução aproximada por meio da abreviatura "c.", aparentemente usada por Gonçalves para assinalar referências chinesas específicas, mostra-se uma solução ao mesmo tempo económica e funcional. No entanto, como se verifica no exemplo "c. pedra do ocidente", esta marcação não se restringe exclusivamente ao mundo chinês, podendo também assinalar conteúdos de origem externa que, pela sua relevância cultural, exigem enquadramento ou diferenciação dentro do discurso explicativo.

[132] Com efeito, mesmo que o autor optasse por descrever minuciosamente cada um destes objetos ou referências no seu compêndio, é pouco provável que o leitor ocidental conseguisse compreender plenamente o seu aspeto ou função, dado o distanciamento cultural e a ausência de elementos visuais de apoio — os quais, nesse contexto, seriam mais eficazes do que a descrição verbal.

No *Diccionario China-Portuguez*, encontra-se também a abreviatura "esp.", forma reduzida de *espécie*, utilizada sobretudo para indicar termos que representam uma variedade ou subcategoria dentro de uma classe mais ampla, conforme exemplificada na Tabela 57.

Tabela 57 Exemplos de marcação "esp." no *Diccionario China-Portuguez*

Contexto	Fonte
酋矛[*qiú máo*]。夷矛 [*yí máo*] Esp. de lança. Outra especie de lança.	DCP (p. 14)
狒狒 [*fèifèi*] Esp. de macaco	DCP (p.378)
牡丹花[*mǔdān huā*] Esp. de peonia mui estimada.	DCP (p.433)
蕎麥[*qiáo mài*] Esp. de trigo.	DCP (p. 21)

Fonte: Elaborada pela autora.
Nota. A sigla "DCP" refere-se ao *Diccionario China-Portuguez*.

Os exemplos recolhidos mostram que esta marcação é aplicada maioritariamente a termos de natureza botânica ou animal, frequentemente associados a elementos do mundo natural. Em alguns casos, surge também em designações de objetos culturais do mundo material, sobretudo quando se trata de elementos inexistentes ou pouco familiares ao público ocidental, cuja identificação exige um enquadramento classificatório mínimo. Na prática, trata-se de uma estratégia de tradução lexicográfica através da qual Gonçalves procura aproximar léxico pouco familiar ao leitor ocidental por meio da associação a categorias conhecidas, recorrendo a classificações mínimas que facilitem a assimilação sem recorrer a explicações extensas.

A abreviatura "hist." surge nos dois dicionários bilingues de Gonçalves funcionando como marcador de entradas com conteúdo de natureza histórica, literária ou culturalmente alusiva. Para além de assinalar a carga cultural associada ao termo, esta abreviatura estabelece uma referência cruzada com o sétimo capítulo da *Arte China* — dedicado a histórias, fábulas e alusões frequentemente mobilizadas no discurso chinês[133]. O quadro seguinte ilustra esta articulação entre os dois compêndios.

Tabela 58 Exemplos de referência cruzada nas obras de Joaquim Gonçalves

DPC e DCP	*Arte China*
太乙 [*Tài Yĭ*] Primeiro principio. (Hist. 80) DCP (p.24)	80 劉向 [*Liú Xiàng*] O Correctôr das escrituras: sendo presidente da academia imperial, e encarregado de corrigir as copias das escrituras, veio à noite hum velho, e querendo ver o seu trabalho, como naõ havia ainda luz accesa, soprou o seu bordaõ, e se accendeo; do que admirado o academico, lhe perguntou, quem era, e elle lhe disse, se chamava 太乙 [*Tài Yĭ*] (foi o que dividiu o ceo da terra,) e ausentando-se, o académico com toda a facilidade fez a obra, de que estava encarregado. (p. 361)

[133] O sétimo capítulo da *Arte China* encontra-se subdividido em três secções: I. Nomes de varões ilustres e seu character principal; II. Extractos da historia e fabula, aque frequentemente se allude nas composições chinas; e III. Alusões à história e fábula. Neste caso, a referência cruzada diz respeito à segunda secção, na qual o autor reúne um total de 233 excertos, classificados nos primeiros 153 como histórias e nos restantes como fábulas. Todos se encontram devidamente numerados e foram selecionados a partir da tradição histórica e lendária chinesa, sendo frequentemente citados ou mencionados nas composições literárias. Cada excerto apresenta uma entrada breve em chinês, seguida de uma explicação desenvolvida em português, que contextualiza o episódio, a personagem ou a referência cultural, oferecendo ao leitor ocidental os elementos necessários para a sua interpretação.

才高八斗 [*cái gāo bā dŏu*] Habilidade de 8 alqueires. (Hist. 97) DCP (p. 46) Muitos conhecimentos 才儲八斗 [*cái chŭ bā dŏu*] (hist. 97) DPC (p. 186)	97 魏 [*Wèi*]。曹子建 [*Cáo Zĭjiàn*] O Infante sabio: suppondo, que a sciencia humana faz dez alqueires, ele possuia os oito: tencionando o rei nomea-lo seu successor, naõ o foi, porque na sua morte, estando governador de provincia, o principe empunhou o sceptro; pertendendo depois depôr seu irmaõ, veio com hum exercito, a quem o irmaõ oppoz outro maior: reprehendendo-o o irmaõ por naõ ter vindo á ceremonia do enterro; respondeo, que a isso mesmo he, que vinha; mas o principe replicou: Assim fallas á vista do meu exercito: sabe, que es digno de morte: mas já que tens fama de talento, exporás o facto de hoje em huma quadra, em quanto eu dou sete passos: isto verificou o infante, fazendo a quadra: Cozem-se os feijões &c. (vê no Diccion. A letra 荳[*dòu*]) sendo a cunhada por nome 甄氏 [*Zhēn shì*] (captiva em guerra,) mui bonita, e tendo mutua inclinaçaõ, naõ lhe era possivel obte-la; por isso disse: Minha cunhada he outra Beata do rio *Lo* 洛神 [*Luò Shén*], que se ve, mas naõ se toca. (p. 366)
剟席示絶 [*mĭn xí shì jué*] Cortou a esteira, para mostrar a separaçaõ (Hist. 87) DCP (p. 54)	87 管寧華歆 [*Guăn Níng Huá Yīn*] Os Condiscipulos dessemelhantes: eraõ dois estudantes companheiros de cama, e mesa: trabalhando hum dia na horta, *Cuon-nim* cavou huma barra de ouro, de que naõ fez caso, porem *Hoa-in* logo a apanhou, e foi reprehendido de ambiçaõ: passando depois pela sua porta hum Grande com grande apparato, quando estavaõ estudando, *Hoa-in* por curiosidade foi ver, pelo que o seu companheiro foi cortar a esteira, em que dormiaõ, em duas, naõ querendo ser intimo amigo, de quem tinha taõ differentes costumes. (p. 362)

Fonte: Elaborada pela autora.
Nota. As siglas "DPC" e "DCP" referem, respetivamente, as obras *Diccionario Portuguez-China* e *Diccionario China-Portuguez*.

Nos três casos exemplificados, a marcação com "hist." orienta o leitor para uma entrada numerada na segunda secção do sétimo capítulo da *Arte China*, na qual o autor fornece uma explicação narrativa detalhada, permitindo compreender o referente cultural, o contexto histórico e o valor expressivo associado. Estes excertos demonstram, assim, como Gonçalves articula os seus compêndios de forma intertextual, reforçando a dimensão pedagógica da sua obra e facilitando o acesso a elementos do imaginário chinês tradicional.

Por fim, no *Diccionario Portuguez-China*, o símbolo "*" é utilizado como marca específica para assinalar expressões e conceitos de origem cristã, introduzidos no léxico chinês no contexto da missão evangelizadora, conforme exemplificado na Tabela 59.

Tabela 59 Exemplos de marcação "*" no *Diccionario Portuguez-China*

Contexto	DCP
Afilhado 乾兒子 [*gān érzi*]。保護/舉的 [*băohù/jŭ de*] Δ 門下 [*mén xià*] *代子 [*dài zĭ*]	p. 24
Altar 壇 [*tán*]。天/地壇 [*tiān/dì tán*]。日/月壇[*rì/yuè tán*] *祭臺 [*jì tái*]	p. 39
Anjo *天神 [*tiān shén*] Anjo custodio 仙真[*xiān zhēn*] *護守天神 [*hùshŏu tiān shén*]	p. 48

Fonte: Elaborada pela autora.
Nota. A sigla "DPC" representa o *Diccionario Portuguez-China*.

Os exemplos apresentados mostram que o objetivo de Gonçalves não é, em primeira linha, a missionação, mas antes a clarificação terminológica, uma vez que, para além das expressões cristãs assinaladas com o símbolo "*", oferece frequentemente alternativas de uso mais geral ou culturalmente neutras. Além disso, segundo o próprio autor, estas expressões são "frequentemente ignoradas pelos Gentios" (Gonçalves, 1831, p. III), ou seja, desconhecidas ou pouco compreendidas fora do universo cristão. A

utilização do símbolo "*" permite, assim, distinguir de forma clara os termos oriundos da tradição religiosa ocidental daqueles que pertencem à matriz linguística e cultural chinesa, reforçando o caráter didático e classificatório do dicionário, mais do que propriamente proselitista.

A análise das abreviaturas e sinais metalinguísticos utilizados por Joaquim Gonçalves nas suas obras, enquanto recurso de marcação de referências interculturais, revela uma estratégia eficaz de mediação pedagógica e cultural, assente na economia discursiva e na orientação interpretativa do leitor. Embora nem todas constem formalmente nas listas de sinais convencionadas, o seu uso sistemático evidencia uma preocupação clara em assinalar valores semânticos, usos figurados, referências culturais ou históricas, terminologia cristã e até relações de tipo e género, de forma discreta mas funcional. Distribuídas pelas suas principais obras, nomeadamente os dois dicionários e a *Arte China*, estas marcas permitem a Gonçalves organizar, hierarquizar e contextualizar a informação em função da sua relevância conceptual, cultural ou doutrinal, contribuindo para uma leitura mais acessível e orientada. Trata-se, em suma, de um sistema de notação sintético que reforça o caráter explicativo das suas obras sem comprometer a fluidez da exposição, e que constitui um testemunho claro da sofisticação didática e da intencionalidade formativa que norteiam o seu trabalho linguístico.

3.1.2. Recursos tipográficos com função explicativa

Para além das abreviaturas e sinais, Joaquim Gonçalves recorre sistematicamente a formatações gráficas específicas, nomeadamente o itálico, os parênteses (curvos e retos) e as notas (de rodapé e paratextuais), como estratégias discretas de mediação linguística e cultural. Estes elementos, presentes nas três obras do método didático do chinês do padre Joaquim Gonçalves, surgem com maior frequência em passagens culturalmente densas ou em textos que exigem maior intervenção didática por parte do autor. A sua função vai muito além da simples organização visual: trata-se de instrumentos discursivos, utilizados para guiar o leitor, contextualizar referências ou acrescentar informação de forma económica e eficaz.

Nesta subsecção propomos uma análise orientada não pela forma gráfica em si, mas pelas funções discursivas que esses recursos desempenham no interior do texto. A observação dos dados extraídos das três obras analisadas permite identificar três usos principais:

1) como comentário autoral, permitindo ao sinólogo marcar distanciamento, esclarecer intenções ou orientar a leitura. A esta categoria pertencem todas as intervenções em que a voz do autor se faz sentir de forma explícita;

2) como explicação sucinta, destinada a clarificar termos, usos ou construções que poderiam gerar dificuldade interpretativa. Incluem-se aqui informações breves de natureza gramatical, semântica ou cultural;
3) como conteúdo suplementar, oferecendo ao leitor elementos culturais, bibliográficos ou idiomáticos que enriquecem o discurso sem serem indispensáveis à sua compreensão imediata. Trata-se de intervenções mais desenvolvidas que o autor introduz de forma autónoma, mesmo à margem da sequência textual.

Nos exemplos que se seguem será analisado o modo como cada um destes recursos contribui para a construção de um discurso didático intercultural, revelando não só a atenção do autor ao seu público-alvo como também a sofisticação metodológica da sua abordagem.

O primeiro tipo de intervenção surge maioritariamente na *Arte China*, na qual a presença discursiva do autor se manifesta de forma explícita, sobretudo através de notas de rodapé, mas por vezes também através do itálico, conforme se exemplifica na Tabela 60.

Tabela 60 Exemplos do comentário autoral na *Arte China*

Contexto		Nota	Fonte
Não despreses estes pensamentos; por que todos tem a sua interpretação. **(a)**	不要把這些想頭看輕都有他的解說 [*Bú yào bǎ zhèxiē xiǎngtóu kàn qīng, dōu yǒu tā de jiěshuō*]	**Ninguem tome seriamente estes, e outros jógos de palávras.** 此等閒談不要人當是真實的話 [*Cǐ děng xián tán bù yào rén dàng shì zhēnshí de huà*]	p. 114
Levantar a bandeira da justiça para purificar a corrupção geral, que differença tem do officio do magistrado, que pune o crime? **(a)**	爰興義旗以清妖濁與問罪之師又何異哉 [*Yuán xīng yì qí yǐ qīng yāo zhuó, yǔ wènzuì zhī shī yòu hé yì zāi*]	**Nesta, e mais sentenças sò se intenta ensinar a lingua, e ás vezes dar a conhecer os sentimentos dos Chinas, sem os approvar.**	p. 123
Em tudo esta ja a minha sorte determinada, e os mortaes em vaõ se afanaõ. **(a)** Nada depende dos calculos humanos, olhando para toda a vida, tudo he disposto pelo fado. **(a)** Tudo depende do fado, e nada do homem. **(a)**	万事分已定浮生空自忙 [*Wàn shì fēn yǐ dìng, fú shēng kōng zì máng*] 万事不由人計較、一生都是命安排 [*Wàn shì bù yóu rén jìjiào, yī shēng dōu shì mìng ānpái*] 万般皆由命一點不由人 [*Wànbān jiē yóu mìng, yì diǎn bù yóu rén*]	**Ve a nota pag. 123**	p. 324
PROVERBIOS. **(a)**	俗語 [*Sú yǔ*]	**Pela leitura deste capitulo se formará huma idea da moral dos Chinas, que da sua Mythologia fala tão pouco,**	p. 308

		segundo o exemplo, e conselho de *Confucio*.	
Por ser para Vmce. ahi tem; ainda, que fico de pérca, não importa. ***Modos de illudir...***	因為我們相好賣給你罷雖然我吃點虧沒有什么 [*Yīnwèi wǒmen xiānghǎo mài gěi nǐ ba, suīrán wǒ chī diǎn kuī méi yǒu shénme*] 拉人的法子 [*Lā rén de fǎzi*]	/	p. 256

Fonte: Elaborada pela autora.
Nota. Carregado da responsabilidade da autora deste trabalho.

Os exemplos reunidos neste quadro ilustram de forma clara o modo como Gonçalves faz uso dos recursos tipográficos para inscrever a sua própria voz no discurso. Os diferentes mecanismos gráficos são utilizados para delimitar o ponto de vista do autor relativamente a certos conteúdos culturais, alertar para possíveis interpretações erróneas ou sublinhar o caráter meramente exemplificativo de determinadas expressões. São também frequentes os comentários cautelares, em que o autor assinala que certas práticas ou modos de dizer refletem a cultura chinesa sem, no entanto, implicarem a sua adesão pessoal. Este tipo de anotações tem um papel fundamental na orientação do leitor ocidental e na clarificação do posicionamento do autor enquanto mediador entre dois sistemas culturais. É curioso notar que alguns comentários estão disponíveis apenas em português, enquanto outros são apresentados em versão bilingue.

O segundo tipo de intervenção surge com grande frequência nas três obras, através do uso de parênteses e itálico, tendo por objetivo fornecer ao leitor informações breves de natureza gramatical, semântica ou cultural, conforme ilustrado na Tabela 61.

Tabela 61 Exemplos de explicação sucinta nas obras de Joaquim Gonçalves

Contexto		Nota	Fonte
勿 [*wù*] não **(mandando)**			AC (p. 6)
燕窩 [*yàn wō*] ninho de passaro, ***comestivel***			AC (p. 62)
Chama-se rainha Mi **(deosa do mar)**.	名曰宓妃 [*Míng yuē Mì Fēi*]		AC (p. 92)
Melhores são as de ganga **(a)**	綿花布的更好 [*Miánhuā bù de gèng hǎo*]	**As mêas Chinas não são de malha.**	AC (p. 242)
Abraçar pela cintura	抱腰 [bào yāo] ***Naõ se pratica***		DPC (p. 5)
Picar com agulha **(*remedio*)**	用針刺病人[*yòng zhēn cì bìngrén*]。用砭針 [*yòng biān zhēn*]		DPC (p. 28)
西方極樂世界 [*xīfāng jílè shìjiè*]	O Occidente alegrou muito o mundo **(com Fo da India)**.		DCP (p. 7)
十載寒窓 [*shí zǎi hán chuāng*]	Dez annos ao frio da janella **(a estudar)**.		DCP (p. 46)

Fonte: Elaborada pela autora.
Nota. Carregado da responsabilidade da autora deste trabalho.

Os exemplos reunidos neste quadro ilustram a diversidade de contextos em que Gonçalves recorre a explicações sucintas para facilitar a compreensão do leitor. Estes esclarecimentos, frequentemente introduzidos entre parênteses ou em itálico, e por vezes também em nota de rodapé, servem para indicar valores pragmáticos — "não (mandando)" —, usos culturais — "comestível" — ou referências contextuais relevantes — "Não se pratica". Observa-se ainda a preocupação de adaptar certas expressões ao universo de referência do leitor ocidental, como na explicação do termo "西方極樂世界 [*xīfāng jílè shìjiè*]"[134] ou na nota sobre o tecidos material de que se fazem as meias. Trata-se de intervenções breves, integradas no corpo do texto, que reforçam a dimensão didática da obra e contribuem para a acessibilidade da informação, sem comprometer a continuidade da exposição.

O último tipo de intervenção autoral é particularmente frequente nos dicionários, nos quais Gonçalves reserva passagens específicas para apresentar conteúdos didáticos não abrangidos na *Arte China*. Um exemplo representativo encontra-se no *Diccionario China-Portuguez*, no qual o autor insere uma página dedicada à contagem dos anos segundo a tradição chinesa. Esta secção começa com a seguinte nota explicativa:

> Os annos se contaõ pelos reinados dos Imperadores, como a cima se vê: tambem se contaõ por hum Cyclo de 60 annos, que he formado por duas series; a primeira de 10, e a segunda de 12 letras: e cada anno do cyclo he designado por duas letras, huma de cada serie. O anno 60mo. Corresponde a 1683, 1743, 1803, 1862, 1923, 1983, &c. &c. (Gonçalves, 1833, p. 50)

Em seguida, Gonçalves apresenta as sessenta combinações do ciclo tradicional, intituladas "Cyclo de 60 annos" ou "甲子 [*Jiăzĭ*]∆歲次 [*Suìcì*]" todas enumeradas, complementando-as com exercícios de aplicação que orientam o leitor no cálculo e identificação dos anos:

> Com que letras se disigna o anno de 1822? deste numero subtraia-se 1803, cuja differença 16 indica na taboa superior as letras 壬午 [*rén wŭ*], que designaõ 1822: e o anno 1800? deste subtraia-se 1743, cuja differença 57 indica as letras 庚申 [*gēng shēn*], que designaõ 1800. A que anno corresponde 道光歲次癸未 [*Dào Guāng suì cì guĭ wèi*]? procure-se na primeira linha vertical a primeira letra 癸 [*guĭ*], e correndo pela linha transversal, se achara a segunda letra 未 [*wèi*], cujo numero 20 sommado com 1803 (pois que *Tau-cuam* he posterior a esta epocha) da 1823, anno pertendido. Para saber a epocha do reinado dos imperadores, recorra-se ao livro 御定萬年 [*Yù dìng wàn nián*], e veja-se a palavra Dynastia.

Trata-se, pois, de uma intervenção autónoma e intencionalmente didática, na qual o autor suspende a sequência lexicográfica para introduzir conteúdos estruturantes, considerados indispensáveis à

[134] Trata-se de um termo de origem budista — *Sukhāvatī*, ou "Terra Pura". Neste caso, Gonçalves opta por uma tradução perifrástica, em vez de transcrever o termo original, o que está em conformidade com o critério adotado pelo autor, consoante referido na subsecção 2.5.1.2., segundo o qual os vocábulos de origem indiana apenas são mantidos quando a sua substituição se revela incontornável.

aprendizagem eficaz da língua e cultura chinesas. Este tipo de inserção reflete uma conceção do dicionário como instrumento formativo, mais do que apenas descritivo. Alguns destes exemplos começaram por ser recolhidos e comentados em Barros (2014), bem como outros diferentes que aqui não repetimos, optando por apresentar essencialmente um leque diferente de casos.

As três obras principais de Gonçalves compõem, por natureza, um método particularmente rico em conteúdos linguísticos, culturais e pedagógicos, integrando material de natureza variada — desde explicações gramaticais a exemplos práticos, passando por excertos de textos clássicos e expressões de uso corrente —, concebidos tanto para o ensino oral como para a aprendizagem escrita. Esta densidade da matéria exigia, por um lado, explicações contextuais claras que permitissem ao leitor ocidental aceder a uma realidade linguística e cultural distinta, mas, por outro, impunha também contenção e economia discursiva, para não comprometer a fluidez e a funcionalidade do texto. Nesse sentido, os recursos tipográficos analisados revelam-se estratégias particularmente eficazes e eficientes, permitindo ao autor intervir de forma sucinta e pontual, sem sobrecarregar a exposição. Trata-se, assim, de instrumentos de mediação discretos mas fundamentais, que refletem o equilíbrio entre a dimensão didática e o cuidado com a legibilidade e a acessibilidade do texto.

3.1.3. Síntese tipológica

A análise desenvolvida nesta secção permitiu distinguir dois grandes tipos de intervenções explicativas utilizadas por Joaquim Gonçalves ao longo das suas obras. Por um lado, encontram-se as sinalizações metalinguísticas, que condensam indicações semânticas, pragmáticas ou culturais de forma económica, funcionando como marcas de orientação interpretativa destinadas a guiar o leitor no contacto com realidades linguísticas ou conceptuais menos familiares. Por outro lado, surgem os recursos tipográficos, entre os quais se destacam o uso de itálico, os parênteses e as notas de rodapé, que permitem introduzir informação suplementar ou comentário autoral de forma mais ou menos integrada no corpo do texto. Estes dois grupos de procedimentos, embora distintos na sua configuração, revelam diferentes modos de mediação didática e intercultural, orientados tanto para a clareza interpretativa como para a preservação da fluidez discursiva. Além disso, mostram como Gonçalves procurou equilibrar a dimensão pedagógica, dirigida a aprendentes e leitores europeus, com a dimensão documental, que valoriza a especificidade cultural e linguística do universo chinês.

O quadro seguinte apresenta, de forma sistemática, uma visão geral dos elementos analisados e das suas funções principais:

Tabela 62 Síntese da tipologia das explicações textuais

Categoria	Recurso	Função	Nota
Sinalização metalinguística	"fig."	uso figurado	Sistema sintético de sinalização intercultural; reforça a economia do discurso
	"p. /prop."	sentido próprio	
	"c."	referência cultural	
	"hist."	referência histórica	
	"*"	expressão cristã	
	"esp."	classificação taxonómica ou conceptual	
Formatação tipográfica	itálico, parênteses, notas	comentário autoral	Revela equilíbrio entre clareza didática e fluidez textual; mediação pontual e eficaz
		explicação adicional	
		conteúdo suplementar	

Fonte: Elaborada pela autora.

Estas ferramentas, ao mesmo tempo discretas e sistemáticas, mostram-se centrais na configuração de uma obra didática pensada para um público ocidental pouco familiarizado com a língua e cultura chinesas.

A secção seguinte aprofundará esse mesmo *corpus* a partir de uma perspetiva temática e funcional, centrando-se em dois eixos complementares: por um lado, as expressões de origem cristã, sinalizadas com a marca "*", que testemunham o esforço de integração terminológica e conceptual da tradição religiosa ocidental; por outro, as passagens de caráter didático inseridas de forma autónoma, que exemplificam o modo como Gonçalves estrutura conteúdos formativos essenciais fora da sequência lexicográfica principal. O objetivo será reorganizar e valorizar esse material enquanto contributo útil para o ensino contemporâneo e para a história da linguística missionária.

3.2. Explicações contextuais com valor terminológico e didático

Na secção anterior (3.1) procedemos à identificação e classificação das principais estratégias de explicação contextual utilizadas por Joaquim Gonçalves nas suas três obras, com especial destaque para dois grandes grupos: as abreviaturas metalinguísticas e os recursos tipográficos com função explicativa. De entre as abreviaturas e sinais analisados, apenas o símbolo "*", usado para assinalar expressões de origem cristã, será aqui retomado, dada a sua relevância para o estudo da formação e evolução da terminologia cristã em contexto sino-europeu. As restantes abreviaturas, como "fig.", "c." ou "esp.", encaixam-se mais adequadamente no domínio da tradução e da análise contrastiva, que será objeto de estudo no capítulo seguinte (Capítulo 4).

No que respeita aos recursos tipográficos, apenas o último tipo identificado — as passagens de caráter didático inseridas de forma autónoma no corpo do texto — será considerado nesta secção. Os outros dois tipos, nomeadamente os comentários autorais sucintos (em geral pouco frequentes e de uso

limitado) e as explicações gramaticais ou culturais integradas, serão igualmente analisados no capítulo seguinte, por estarem intrinsecamente ligados a estratégias de tradução e à relação entre língua e cultura. Assim, nesta secção centrar-nos-emos em dois eixos complementares: as expressões cristãs sinalizadas com "*" e as passagens didáticas estruturadas pelo autor com fins claramente pedagógicos, com vista a destacar o seu potencial para o ensino atual e a sua importância histórica no contexto da linguística missionária.

3.2.1. Expressões cristãs e terminologia catequética

Nesta subsecção analisaremos o uso das expressões cristãs assinaladas com o símbolo "*" no *Diccionario Portuguez-China*, procurando compreender de que forma o padre Joaquim Gonçalves constrói e sistematiza a terminologia religiosa em contexto sino-europeu. A marcação com "*" permite identificar um *corpus* lexical diretamente ligado à doutrina, à liturgia e à prática cristã, refletindo o esforço do autor em distinguir claramente o vocabulário cristão no seio da realidade linguística chinesa. Como o próprio Gonçalves observa no prefácio, estas expressões eram frequentemente ignoradas pelos gentios (ver 3.1.1 acima), o que se justifica, em parte, pela rejeição ou indiferença em relação ao conteúdo religioso do cristianismo por parte da população chinesa que não segue a religião cristã. Assim, o destaque gráfico funciona não apenas como guia terminológico, mas também como marcador cultural, evidenciando as barreiras e os desafios da tradução religiosa em contexto missionário, mas revelando também a preocupação de incluir conteúdos úteis, e que ele bem conhecia, para os estudantes e leitores cristãos seus contemporâneos e para os futuros cristãos chineses — sem, todavia, os introduzir subrepticiamente, mas antes bem identificados.

No *Diccionario Portuguez-China*, identificámos um total de 77 lemas ou expressões acompanhadas de equivalentes em chinês e marcadas com o símbolo "*", indicando a sua origem cristã. Em vários casos, o autor apresenta também formas alternativas não cristãs, assinalando a coexistência entre vocabulário comum e terminologia religiosa. No entanto, para outras expressões, que presumimos acharem-se mais intrinsecamente ligadas à doutrina ou à prática cristã, são fornecidos apenas os equivalentes de uso cristão. Os 77 itens podem ser classificados em sete categorias temáticas, com base no seu conteúdo semântico e função no contexto religioso: 1) Divindade e Mundo Espiritual, 2) Instituição e Hierarquia Religiosas, 3) Práticas e Ritos Religiosos, 4) Doutrina, Fé e Salvação, 5) Tempo Religioso e Celebrações, 6) Relações e Vínculos Espirituais, e 7) Expressões de Devoção e Invocações. Esta classificação permite uma leitura mais sistemática e contrastiva da terminologia cristã apresentada por

Gonçalves, destacando os diferentes domínios em que a linguagem religiosa se articula. Cada uma destas categorias será analisada individualmente nas subsecções ou pontos que se seguem.

3.2.1.1. Divindade e Mundo Espiritual

A primeira categoria inclui termos essenciais para a descrição das entidades sobrenaturais e dos princípios metafísicos do cristianismo. A maioria das expressões portuguesas apresenta equivalentes em chinês tanto de uso comum como especificamente cristãos, conforme resumidos na Tabela 63, o que evidencia o esforço de Joaquim Gonçalves em estabelecer correspondências contrastivas entre sistemas religiosos distintos.

Tabela 63 Vocabulário Cristão: Divindade e Mundo Espiritual

	Português	Chinês comum	Chinês cristão	DPC
1)	anjo		*天神 [*tiānshén*]	p. 48
2)	anjo custodio	仙真 [*xiānzhēn*]	*護守天神 [*hùshǒu tiānshén*]	p. 48
3)	Deos	上帝 [*Shàngdì*]	*天主 [*Tiānzhǔ*]	p. 230
4)	divindade	神性 [*shénxìng*]。神靈 [*shénlíng*]	*天主的性 [*Tiānzhǔ de xìng*]	p. 272
5)	divino	神的 [*shén de*]。天上的 [*tiānshàng de*] △ 超人倫 [*chāo rénlún*]。奇[*qí*]。神 [*shén*]	*天主的 [*Tiānzhǔ de*]	p. 272
6)	A Deos nada he impossível		*天主無所不能 [*Tiānzhǔ wú suǒ bù néng*]	p. 434
7)	ira do Ceo	天怒[*tiān nù*]。上帝震怒[*Shàngdì zhènnù*].	*天主義怒 [*Tiānzhǔ yì nù*]	p. 460
8)	paraíso	蓬萊 [*Pénglái*]	*地堂 [*dìtáng*]。 天堂 [*tiāntáng*]。 天上樂國 [*tiānshàng lèguó*]	p. 598
9)	Ter o ceo por pátria		*在天為歸[*zài tiān wéi guī*]	p. 608
10)	providência	照顧/管 [*zhàogù / guǎn*]	*天主统天地 [*Tiānzhǔ tǒng tiāndì*]	p. 673
11)	supremo ser	皇天上帝 [*Huángtiān Shàngdì*]。 真宰 [*Zhēnzǎi*]。大造 [*Dàzào*]。 玉皇大帝 [*Yùhuáng Dàdì*]	*天主 [*Tiānzhǔ*]	p. 783
12)	Trindade		*三位一體[*Sānwèi yìtǐ*]	p. 826
	— de Fo, de Tau	三寶佛 [*Siā Fó bǎo*]。三清[*Sān Qīng*]		

Fonte: Elaborada pela autora com base na inventariação dos termos marcados com asterisco "*" no *Diccionario Portuguez-China* (DPC) e organizados por categorias temáticas.

Como se pode observar, nem todos os termos apresentam equivalentes no vocabulário chinês comum; "anjo" reflete um conceito teológico introduzido pelo cristianismo, sem paralelo direto nas cosmologias tradicionais, enquanto a expressão "A Deos nada he impossível" transmite uma ideia de omnipotência divina que, embora não inteiramente ausente, é menos típica nas tradições religiosas chinesas, nas quais as divindades costumam ter funções específicas.

Do lado dos equivalentes não cristãos, observa-se uma forte presença de termos ligados à tradição taoista e à religiosidade popular chinesa, como "仙真[135] *xiānzhēn* 'imortais verdadeiros'", "上帝[136] *Shàngdì* 'Imperador Celeste'", 蓬萊[137] *Pénglái* 'palácio dos imortais'" e "玉皇大帝[138] *Yùhuáng Dàdì* 'Grande Imperador de Jade'". Estes vocábulos refletem uma cosmologia distinta, centrada em divindades celestes com funções administrativas e espirituais no panteão chinês tradicional. Em contraste, os equivalentes cristãos evidenciam uma tentativa de afirmar uma teologia monoteísta clara, destacando figuras centrais como "天主 *Tiānzhǔ* 'Dono do Céu'", título consagrado para "Deus" no cristianismo sino-missionário, e "天神 *tiānshén* 'divino celestial'", utilizado historicamente para traduzir "anjo", embora atualmente se prefira "天使 *tiānshǐ* 'mensageiro celeste'". Expressões como "天主無所不能 'nada é impossível para Deus'" ou "天主的性 'a natureza de Deus'" reforçam a dimensão omnipotente e transcendente da divindade cristã, demarcando-a claramente dos conceitos religiosos nativos.

Entre os termos do chinês comum e os do chinês cristão, a equivalência entre "上帝 *Shàngdì* 'imperador celeste'" e "天主 *Tiānzhǔ* 'Dono do Céu'" foi tema central nas disputas terminológicas e teológicas que marcaram a história da introdução do cristianismo na China. Matteo Ricci (1552–1610) defendeu que ambos os termos designavam o mesmo Deus cristão, sendo apenas nomes distintos para a mesma realidade divina. Contudo, esta posição gerou controvérsia entre os missionários: alguns, como Niccolò Longobardo (1565–1655), opuseram-se ao uso deste primeiro termo chinês pelo facto de o considerarem impregnado de conotações cosmológicas e politeístas da tradição chinesa, ao passo que outros, como Diego de Pantoja (1571–1618), o apoiaram. Esta divergência esteve na origem de prolongadas disputas linguísticas e religiosas conhecidas como a "controvérsia dos ritos na China" (cf. He, 2019, p. 240). Uma análise das escolhas lexicais de Gonçalves sugere que o autor reconhece ambos os termos como equivalentes de "Deus", distinguindo-os, no entanto, quanto ao seu uso: o primeiro "上帝 *Shàngdì* 'imperador celeste'" é valorizado na sua dimensão cultural e histórica no contexto chinês,

[135] "仙真 *xiānzhēn*" é uma palavra composta pelos carateres iniciais de "仙人 *xiānrén* 'homem imortal'" e "真人 *zhēnrén* 'homem verdadeiro'", referindo-se a seres perfeitos no taoismo que alcançaram a imortalidade através da prática espiritual. São figuras muito veneradas, consideradas modelos de realização espiritual para os seguidores dessa tradição (cf. Hu, 1995, p. 1436).

[136] "上帝 *Shàngdì*" é um termo antigo que designava a divindade suprema na tradição chinesa, usado em contextos clássicos como forma de veneração dos deuses celestes. No taoismo passou a referir-se a divindades de alta hierarquia entre os imortais (cf. Hu, 1995, p. 1437).

[137] "蓬萊 *Pénglái*" é, segundo a mitologia chinesa, uma das três montanhas sagradas do mar, onde viviam imortais e se encontravam os elixires da longevidade. É um local frequentemente associado a contos taoistas e lendas populares (cf. Hu, 1995, p. 1666).

[138] "玉皇大帝 *Yù Huáng Dàdì*", literalmente "Imperador de Jade", é uma das divindades mais veneradas no taoismo e na religião popular chinesa. Considerado o soberano supremo do céu, governa sobre todos os deuses, espíritos, santos e imortais. A sua figura foi sendo consolidada ao longo dos séculos, especialmente a partir da dinastia Song, quando se fundiram conceções taoistas com elementos do culto imperial e da religião tradicional chinesa. No imaginário popular, o Imperador de Jade ocupa o trono celeste, tal como o imperador rege o mundo terreno, sendo por isso frequentemente visto como o equivalente celestial do imperador da China (cf. Hu, 1995, pp. 1464–1465).

enquanto o segundo "天主 *Tiānzhǔ* 'Dono do Céu'" é preferido como tradução teológica precisa no âmbito da fé cristã.

A imagem do "céu" está presente em quase todos os equivalentes chineses cristãos apresentados por Gonçalves para a palavra "paraíso", sendo expressões como "天堂 *tiāntáng*, 'Salão do Céu'" ou "天上樂國 *tiānshàng lèguó*, 'reino da felicidade celeste'" as mais recorrentes no chinês cristianizado. Também a expressão portuguesa "Ter o céu por pátria", acompanhada no dicionário pela tradução 在天為歸 *zài tiān wéi guī* 'ter o céu como regresso ou destino final'", confirma a centralidade desta imagem celeste na construção do imaginário cristão em contexto sino-europeu. No entanto, a inclusão do termo "地堂 *dìtáng* 'Salão da Terra'" como equivalente cristão de "paraíso" é particularmente curiosa, uma vez que contrasta semanticamente com as restantes formas por recorrer à imagem de "terra" em vez de "céu". Trata-se de uma escolha inusitada e, à luz do uso contemporâneo e da literatura especializada, praticamente desconhecida no âmbito da terminologia cristã sino-missionária. Uma pesquisa em fontes chinesas revela que "地堂 *dìtáng*" está profundamente enraizado no contexto arquitetónico e cultural do sul da China, especialmente na região cantonense. O termo designa tradicionalmente o espaço aberto em frente à entrada principal do salão ancestral ("祠堂 *cítáng*"), frequentemente pavimentado com lajes de pedra e concebido como zona de transição entre o exterior e o espaço sagrado da linhagem. Este espaço serve de palco para reuniões, cerimónias rituais e momentos de preparação antes da entrada no edifício principal. A sua função é, portanto, simbólica e prática: proporciona uma experiência gradual de acesso ao espaço ancestral, reforçando o sentido de pertença e solenidade (cf. Y. Wang et al., 2023, p. 22).

Além disso, a palavra "地堂 *dìtáng*" surge em expressões da cultura popular local, nomeadamente na famosa cantiga infantil cantonense "《月光光，照地堂》 *Yuè guāng guāng, Zhào dìtáng* 'A luz da lua brilha sobre o *Ditang*'", o que reforça o seu enraizamento na memória coletiva da região. Neste contexto, "地堂 *dìtáng*" designa um espaço aberto de onde se pode ver o céu, um pátio ou átrio ao ar livre, situado à frente da casa ou no centro da habitação, usado para atividades quotidianas como secar o arroz ou conviver. Nas zonas rurais, corresponde geralmente terreno vazio ou clareira diante da casa; em meios urbanos, ao pátio interior. Durante os verões quentes do sul da China, era comum as famílias reunirem-se nesse espaço após o jantar, enquanto as crianças brincavam e adormeciam ao som de cantigas como esta (cf. Fan, 2024, pp. 7–9). Perante estes dados, a associação entre "地堂 *dìtáng*" e o "paraíso" cristão não parece resultar de uma correspondência teológica direta, mas poderá refletir uma analogia cultural e espacial, talvez pelo papel deste primeiro como espaço de transição e comunhão. É

plausível que Gonçalves, graças aos seus notáveis recursos expressivos como padre e transmontano, tenha interpretado essa estrutura como metáfora do "paraíso" cristão, enquanto lugar de acolhimento e paz. Contudo, esta hipótese permanece especulativa e exige validação posterior, nomeadamente através da análise do contexto da entrada, da sua eventual repetição noutras obras missionárias e da investigação sobre possíveis ressignificações locais na região cantonense.

A última entrada acima listada é especialmente esclarecedora quanto à intenção do autor de apresentar, tanto quanto possível, termos equivalentes nos diferentes registos do chinês. No caso da entrada "TRINDADE", Gonçalves opta por apresentar o conceito cristão através da expressão "三位一體 *Sānwèi yìtǐ* 'três hipóstases numa só essência'", consagrada na tradição cristã sino-missionária. Contudo, apresenta também, de forma contrastiva, expressões análogas nas tradições budista e taoista, como "三寶佛[139] *Sān bǎo Fó* 'os três tesouros do Buda'" e "三清[140] *Sān Qīng* 'os três puros'", respetivamente. Esta escolha não visa sugerir uma equivalência teológica, mas antes ilustrar as diferentes formas como as religiões estruturam conceções de pluralidade divina ou hierarquias espirituais. Ao colocar lado a lado estas designações, Gonçalves promove uma leitura comparativa que, ao mesmo tempo que reforça a especificidade do dogma cristão, permite ao leitor compreender melhor os contornos do universo religioso chinês. Este procedimento confirma, uma vez mais, a sua abordagem contrastiva e pedagógica, que combina fidelidade terminológica com sensibilidade cultural, evidenciando o papel fundamental das explicações contextuais na mediação entre sistemas religiosos e linguísticos distintos.

3.2.1.2. Instituição e Hierarquia Religiosa

A segunda categoria reúne os termos cristãos associados à organização institucional da Igreja e à sua estrutura hierárquica. No total, identificam-se dez entradas no *Diccionario Portuguez-China* que se enquadram nesta esfera, todas marcadas com o símbolo "*", conforme se resume na Tabela 64.

---

[139] "三寶佛 *Sān Bǎo Fó*", literalmente "os três tesouros do Buda" ou "os Três Budas Preciosos", é uma designação que remete para a tríade central do budismo — o Triratna ou Três Jóias: Buda (佛 *Fó* 'Buda'), Dharma (法 *Fǎ*, a doutrina) e Sangha (僧 *Sēng*, a comunidade monástica). Embora o termo "Três Budas" possa aludir a diferentes configurações iconográficas nos templos — como por exemplo Buda Śākyamuni ao centro, ladeado por Amitābha à sua direita e por Bhaisajya, ou o Buda da Medicina, à sua esquerda —, a sua base filosófica está na representação simbólica dos três pilares do caminho budista. Em contextos esotéricos ou populares, o conceito pode ainda associar-se a outras formas trinas de manifestação budista (como os trikāya, "três corpos do Buda"), mas a associação essencial é com a tríade fundacional da fé budista (cf. Soothill & Hodous, 1937, pp. 63–64).

[140] "三清 *Sān Qīng*", literalmente "Três Puros", é uma designação central no taoismo que se refere às três mais altas divindades do panteão taoista. Estas figuras representam diferentes aspetos da cosmogonia e da metafísica taoista, estando associadas aos níveis superiores do universo e a funções de criação, ordem e transmissão do Tau. Este conceito é também usado para designar os reinos celestes superiores onde estas divindades habitam (cf. Hu, 1995, pp. 1446–1447).

Tabela 64 Vocabulário Cristão: Instituição e Hierarquia Religiosa

	Português	Chinês comum	Chinês cristão	DPC
13)	apóstolo	原徒弟 [*yuán túdì*]	*宗徒 [*zōngtú*]	p. 57
14)	canonizar		*列聖品 [*liè shèngpǐn*]	p. 130
15)	capella	小廟宇 [*xiǎo miàoyǔ*]	*小堂 [*xiǎotáng*]	p. 132
16)	convento		*修道堂 [*xiūdàotáng*] △修院 [*xiùyuàn*]	p. 197
17)	igreja		*天主堂[*tiānzhǔtáng*]。殿 [*diàn*]	p. 427
18)	papa		*教皇 [*jiàohuáng*]。 教化皇 [*jiàohuà huáng*]。教宗[*jiàozōng*]	p. 595
19)	sacristão		*管堂的 [*guǎntáng de*]。灑掃的 [*sǎsǎo de*]	p. 738
20)	santuário	廟 [*miào*]。殿 [*diàn*]	*堂 [*táng*]。天主堂 [*tiānzhǔtáng*]	p. 743
21)	superiora	師姑 [*shīgū*]。尼姑 [*nígū*]	*女會長 [*nǚ huìzhǎng*]	p. 782
22)	superior	上司 [*shàngsī*]。在上 [*zàishàng*]	*會長 [*huìzhǎng*]	p. 782
	superior de *Fo*	方丈 [*fāngzhàng*]。 上人 [*shàngrén*]		
	superior de *Tau*	觀主 [*guànzhǔ*]		

Fonte: Elaborada pela autora com base na inventariação dos termos marcados com o asterisco "*" no *Diccionario Portuguez-China* (DPC) e organizados por categorias temáticas.

A análise revela que, na maioria dos casos, Gonçalves opta por apresentar apenas os equivalentes cristãos em chinês, o que reflete a especificidade dos conceitos em causa e, em muitos casos, a inexistência de correspondentes diretos na tradição religiosa chinesa. Nos casos em que são fornecidos também equivalentes em chinês comum, estes parecem derivar sobretudo da religiosidade popular ou das tradições religiosas indígenas, como o budismo e o taoismo.

Destaca-se, por exemplo, a escolha do termo "宗徒 *zōngtú* para traduzir "apóstolo", uma opção já vulgarizada na tradição missionária jesuíta (cf. H. Jia, 2022), como alternativa ao mais genérico "原徒弟 *túdì* 'discípulo original'". A entrada "papa" é particularmente rica, apresentando três variantes sinicizadas: "教皇 *jiàohuáng* 'imperador da doutrina'", "教化皇 *jiàohuàhuáng* 'imperador da civilização moral'" e "教宗 *jiàozōng* 'patriarca da doutrina'", todas refletindo um esforço de legitimação da figura papal à luz dos modelos de autoridade tradicionais da China imperial. Outros exemplos mostram adaptações funcionais, como o uso de "管堂的 *guǎntáng de* 'responsável da igreja' para "sacristão", ou a adoção de "女會長 *nǚ huìzhǎng* 'superior feminino da ordem'" e "會長 *huìzhǎng* 'superior da ordem'" como equivalentes de "superiora" e "superior", respetivamente. Estas escolhas contrastam com os termos mais comuns nas tradições religiosas chinesas, como "尼姑 *nígū* 'monja budista'", "師姑 *shīgū* 'monja taoista'", "方丈 *fāngzhàng* 'superior de templo budista", "上人 *shàngrén* 'superior'" ou "觀主 *guànzhǔ* 'superior de templo taoista'", associados ao universo monástico budista e taoista. Por outro lado, para espaços físicos de culto, como "igreja", "capela", "santuário" ou "convento", Gonçalves apresenta termos como "天主堂 *tiānzhǔtáng* 'igreja de Deus'", "小堂

xiǎotáng ‘pequena sala de culto’” ou “修道堂 *xiūdàotáng* ‘casa de prática religiosa’”, que não só evitam confusões com templos budistas ou taoistas — conforme evidenciado pelos morfemas genéricos “廟 *miào* ‘templo’” e “殿 *diàn* ‘salão’” — como também procuram instaurar uma terminologia própria da fé cristã, marcada pela referência explícita a Deus e à prática religiosa ocidental. Este conjunto de escolhas revela um esforço sistemático de adaptação terminológica e legitimação cultural, visando tornar a organização eclesiástica cristã inteligível e aceitável no contexto chinês. Ao evitar termos comummente associados à tradição budista ou popular, Gonçalves aproxima o vocabulário cristão de estruturas associativas e institucionais familiares à sociedade da época.

3.2.1.3. Práticas e Ritos Religiosos

A terceira categoria acolhe expressões relacionadas com as práticas e os ritos da religião cristã marcadas com o símbolo “*” no *Diccionario Portuguez-China*. Estas entradas remetem sobretudo para os sacramentos, objetos sagrados e gestos litúrgicos do catolicismo, como “baptismo”, “confissão”, “benção” ou “procissão”, conforme se apresenta na Tabela 65.

Tabela 65 Vocabulário Cristão: Práticas e Ritos Religiosos

Português	Chinês comum	Chinês cristão	DPC
23) altar	壇 [*tán*]。天/地壇 [*tiān/dì tán*]。 日/月壇 [*rì/yuè tán*]	*祭臺 [*jìtái*]	p. 39
24) baptismo		*聖洗 [*shèngxi*]	p. 93
25) baptizar		*付洗 [*fùxi*]。 給人領洗 [*gěi rén lǐngxi*]	p. 93
26) benção		*降福 [*jiàngfú*]	p. 98
27) benzer		*祝聖 [*zhùshèng*]	p. 99
28) trazer breve		*佩經 [*pèijīng*]	p. 110
29) cemitério	坟地 [*féndì*]。亂葬坑子 [*luànzàng kēngzi*] △旅墳 [*lǚfén*]。義塚 [*yìzhǒng*]。塋域 [*yíngyù*]	*聖地 [*shèngdì*]	p. 148
30) confirmação	証見 [*zhèngjiàn*]。 憑據[*píngjù*]。准 [*zhǔn*]	*堅振聖事 [*jiānzhèn shèngshì*]	p. 182
31) confissão	承認 [*chéngrèn*]	*告鮮 [*gàoxǐn*]	p. 183
32) consagrar	獻給 [*xiàngěi*]。奉獻 [*fèngxiàn*]	*祝聖 [*zhùshèng*]	p. 186
33) excommungar	擯 [*bìn*]。麾之去 [*huī zhī qù*]。 屏斥 [*píngchì*]。忌之 [*jì zhī*]	*棄絕 [*qìjué*]	p. 342
34) orar	念/誦經 [*niàn/sòng jīng*]。 祈求 [*qíqiú*]。求神 [*qiú shén*] △祈禱/籲 [*qídǎo/yù*]。禱祝 [*dǎozhù*]	*求天主 [*qiú Tiānzhǔ*]	p. 581
35) procissão	遊街 [*yóujiē*]。遊神 [*yóushén*] △賽會 [*sàihuì*]	*出聖像 [*chū shèngxiàng*]	p. 665
36) relíquia		*聖土 [*shèngtǔ*]	p. 710
37) santificar a festa		*聖過瞻禮 [*shèngguò zhānlǐ*]	p. 743
38) verónica		*聖牌 [*shèngpái*]	p. 851

Fonte: Elaborada pela autora com base na inventariação dos termos marcados com o asterisco “*” no *Diccionario Portuguez-China* (DPC) e organizados por categorias temáticas.

Os equivalentes em chinês cristão fornecidos por Gonçalves evidenciam o esforço de achar uma terminologia própria para práticas litúrgicas e rituais específicos do catolicismo, muitas das quais não possuíam correspondência direta na tradição religiosa chinesa. Isso é especialmente notório em termos como "baptismo", "cemitério", "relíquia" ou "verónica", cuja natureza teológica exigiu adaptações ou criações terminológicas, sobretudo através do uso do adjetivo "圣 *shèng* 'santo'", que funciona como marcador de sacralidade e distingue semanticamente os referentes cristãos dos seus possíveis equivalentes seculares ou tradicionais.

Por exemplo, "baptismo" surge acompanhado pela expressão "聖洗 *shèngxǐ* 'lavagem sagrada'" no chinês cristianizado, sublinhando o valor ritual do ato de purificação espiritual. O termo "cemitério" corresponde a "聖地 *shèngdì* 'terra sagrada'", em contraste com termos comuns como "坟地 *féndì* 'terreno de túmulos'" ou "亂葬坑子 *luànzàng kēngzi* 'vala comum'", que carecem da conotação sagrada. A palavra "relíquia" aparece como "聖土 *shèngtǔ* 'terra santa'", sugerindo uma valorização espiritual do objeto material, e "verónica" é equiparada a "聖牌 *shèngpái* 'placa sagrada'", associando diretamente o objeto à sua função devocional. Esta estratégia lexical descritiva estende-se a outros campos: por exemplo, "procissão" é expressa como "出聖像 *chū shèngxiàng*, 'saída da imagem sagrada'", onde a sacralidade do ícone se sobrepõe à ideia de desfile; e "santificar a festa" torna-se "聖過瞻禮 *shèngguò zhānlǐ*", isto é, "passar santamente o ritual da solenidade". A incorporação do termo "圣 *shèng* 'santo'" nestas construções aponta para uma tentativa deliberada de criar um vocabulário cristão com forte carga teológica e identitária, distinguindo-se terminologicamente da linguagem religiosa chinesa tradicional.

Por outro lado, expressões como "altar", "consagrar" ou "orar" encontram paralelos funcionais no chinês comum, o que indica zonas de contacto entre universos religiosos distintos, ainda que com significados e implicações divergentes. Por exemplo, o verbo "orar" é apresentado ao chinês comum através de expressões como "念/誦經 *niàn/sòng jīng* 'recitar/entoar escrituras [budistas]'", "祈求 *qíqiú* 'suplicar; fazer um pedido em oração'", "求神 *qiú shén* 'pedir auxílio aos deuses; rogar aos espíritos'", "祈禱/籲 *qídǎo/yù* 'fazer preces / invocar, fazer súplica '" ou "禱祝 *dǎozhù* 'oração e orar e benzer", geralmente dirigidas a múltiplas divindades ou espíritos, enquanto a versão cristã se concentra na oração exclusiva ao Deus único. De forma semelhante, "procissão" é vertida no chinês comum por termos como "遊街 *yóujiē* 'desfilar pela rua'", "遊神 *yóushén* 'desfile dos deuses'" ou "賽會 *sàihuì* 'reunião festiva'", eventos coletivos frequentemente associados a festividades religiosas

locais, ao passo que em chinês cristão o termo especifica uma prática ritual centrada na exibição pública de figuras sacras, delimitando assim o seu conteúdo teológico.

3.2.1.4. Doutrina, Fé e Salvação

A quarta categoria temática incide nos conceitos relacionados com a doutrina cristã, a fé e a salvação da alma, centrais na transmissão missionária. Os 14 lemas reunidos na Tabela 66 abrangem noções dogmáticas e soteriológicas, como credos, escrituras, pecado, conversão e salvação.

Tabela 66 Vocabulário Cristão: Doutrina, Fé e Salvação

	Português	Chinês comum	Chinês cristão	DPC
39)	bulla		*教皇谕 [*jiàohuáng yù*]	p. 112
40)	catecismo		*要理問答 [*yàolǐ wèndá*]。 聖教切要 [*shèngjiào qièyào*]	p. 145
41)	christão	天主教 [*Tiānzhǔjiào*]	*教友 [*jiàoyǒu*]	p. 159
42)	condemnar-se ao inferno	永墜 [*yǒng zhuì*]	*下地狱 [*xià dìyù*]	p. 181
43)	conforme a escritura		*按聖典 [*àn shèngdiǎn*]。 照聖經 [*zhào shèngjīng*]	p. 183
44)	converter-se a Deos		*歸向天主 [*guīxiàng Tiānzhǔ*]。 奉教 [*fèngjiào*]	p. 197
45)	credo		*信經 [*xìnjīng*]	p. 210
46)	escritura	字[*zì*]。書 [*shū*]。 章句 [*zhāngjù*] △經[*jīng*]	*聖經 [*shèngjīng*]	p. 316
47)	Examinar as escrituras	考五經 [*kǎo Wǔ Jīng*]	*稽聖經 [*jī shèngjīng*]	p. 341
48)	inspirar-lhe a religião		*引之畏天主 [*yǐn zhī wèi Tiānzhǔ*]	p. 451
49)	O peccado de não crer em Deos		*不信天主其罪 [*bù xìn Tiānzhǔ qí zuì*]	p. 567
50)	A religião christã he pública		*聖教廣揚了[*shèngjiào guǎngyáng le*]。 聖教大行 [*shèngjiào dàxíng*]	p. 676
51)	religião Christã	天主教 [*Tiānzhǔjiào*]	*基利斯當 [*jī lì sī dāng*]	p. 709
52)	salvadôr		*救世主[*jiù shìzhǔ*]	p. 742
53)	salvar-se	逃躲了 [*táo duǒ le*]。 救了自己 [*jiù le zìjǐ*]	*救靈魂 [*jiù línghún*]	p. 742

Fonte: Elaborada pela autora com base na inventariação dos termos marcados com o asterisco "*" no *Diccionario Portuguez-China* (DPC) e organizados por categorias temáticas.

A análise deixa evidente que Gonçalves procurou criar ou consolidar no léxico chinês equivalentes específicos para termos doutrinários cristãos, alguns dos quais já eram conhecidos pelas populações locais devido à longa presença missionária, como é o caso de "天主教 *Tiānzhǔjiào*". Este termo é usado no dicionário tanto para traduzir "christão" (designando os fiéis) como "religião christã" (referindo-se à doutrina), o que reforça a sua versatilidade como marcador identitário. Importa notar, contudo, que na época de Gonçalves o termo "天主教 *Tiānzhǔjiào*" podia ainda ser empregue como designação genérica da fé cristã no seu todo, sem distinguir explicitamente entre os seus diferentes ramos confessionais. Essa distinção viria a consolidar-se mais tarde, com a fixação de "天主教" como termo

específico para o catolicismo. Paralelamente, Gonçalves regista também a forma transliterada "基利斯當" (derivada de Christão), que antecipa a consolidação posterior de "基督教 *Jīdū jiào*" como designação mais ampla da fé cristã, hoje usada para referir o cristianismo em geral, independentemente da confissão.

Tal como nos domínios lexicais anteriormente analisados, muitos dos termos equivalentes em chinês comum e chinês cristão apresentam variação significativa, refletindo as diferenças culturais e religiosas subjacentes. Um exemplo ilustrativo é a expressão "Examinar as escrituras": enquanto no chinês comum esta locução remete para o exame dos Cinco Clássicos do cânone confuciano ("考五經 *kǎo wǔ jīng* 'examinar os Cinco Clássicos'"), no chinês cristão essa ação dirige-se às escrituras sagradas ("稽聖經 *jī shèngjīng* 'inspecionar as Escrituras Sagradas'"), revelando uma recontextualização teológica do conceito de estudo textual. Outro aspeto digno de nota é a incorporação de terminologia oriunda do budismo para exprimir noções centrais da doutrina cristã. Termos como "地狱 *dìyù* 'inferno'" e "靈魂 *línghún* 'alma'" fazem parte do léxico cristão assinalado por Gonçalves, refletindo um reaproveitamento semântico que visa inscrever conceitos cristãos em categorias espirituais já familiares ao público chinês — uma estratégia coerente com a política de *accommodatio* dos missionários jesuítas. No entanto, a sua classificação como vocabulário especificamente cristão poderá dever-se não à origem dos termos, mas ao modo como são mobilizados em contextos teológicos próprios, em expressões como "condenar-se ao inferno" ou "salvar-se". Essas formulações, ausentes enquanto tais na tradição budista, adquirem em chinês cristão uma carga sintática e doutrinal distinta, que justifica a sua diferenciação enquanto terminologia especializada.

3.2.1.5. Tempo Religioso e Celebrações

A quinta categoria temática contempla os termos ligados ao tempo religioso e às celebrações, abrangendo dias sagrados, festividades e práticas associadas à memória dos mortos. Ao contrário do que se observa em outras categorias analisadas, em que nem sempre se verifica correspondência terminológica plena, todos os vocábulos reunidos neste grupo dispõem de equivalentes tanto no chinês comum como no chinês cristão. Tal facto sugere um maior grau de aproximação e de interseção entre universos culturais distintos, favorecendo a construção de pontos de contacto entre tradições religiosas e formas de expressão simbólica. A presença de paralelismos sistemáticos nesta categoria indica não apenas a existência de uma base conceptual partilhada — em torno da sacralização do tempo, do culto da memória e da celebração ritualizada —, mas também a maior permeabilidade de tais domínios à

tradução e adaptação intercultural. Além disso, o levantamento evidencia que a linguagem religiosa, por estar enraizada tanto em práticas coletivas quanto em representações universais, ofereceu a Joaquim Gonçalves um terreno particularmente propício à conciliação terminológica. A Tabela 67 sintetiza os termos recolhidos e apresenta de forma organizada os equivalentes nas duas variantes do chinês.

Tabela 67 Vocabulário Cristão: Tempo Religioso e Celebrações

	Português	Chinês comum	Chinês cristão	DPC
54)	aniversário de defunto	忌辰 [*jìchén*]。忌日 [*jìrì*]	*追思先亡日期 [*zhuīsī xiānwáng rìqī*]	p. 48
55)	domingo	礼拜日 [*lǐbàirì*]	*主日 [*zhǔrì*]	p. 276
56)	Segunda feira, terça feira	礼拜二/三 [*lǐbài èr / sān*]	*瞻禮二/三 [*zhānlǐ èr / sān*]	p. 364
57)	festa	節季 [[*jiéjì*]。過節 [*guòjié*]。作/大會 [*zuò / dàhuì*]。上廟 [*shàng miào*]。作酒酧神 [/ *zuò jiǔ chóushén*]。行香 [*xíngxiāng*]。禮拜 [*lǐbài*]]	*瞻禮[*zhānlǐ*]。慶賀[*qìnghè*]	p. 368
58)	festejar	有慶賀 [*yǒu qìnghè*]。作會 [*zuò huì*]。過節 [*guòjié*]。演戲酬神 [*yǎnxì chóushén*]。禮拜 [*lǐbài*]	*作瞻礼[*zuò zhānlǐ*] △瞻禮 [*zhānlǐ*]	p. 369
59)	memória dos defunctos	△ 追遠 [*zhuīyuǎn*]	*追思先亡 [*zhuīsī xiānwáng*]	p. 523
60)	sábado	礼拜七 [*lǐbài qī*]	*瞻禮七 [*zhānlǐ qī*]	p. 735
61)	semana	七日 [*qī rì*]	*一个主日 [*yí gè zhǔrì*]	p. 753

Fonte: Elaborada pela autora com base na inventariação dos termos marcados com o asterisco "*" no *Diccionario Portuguez-China* (DPC), organizados por categorias temáticas.

Esta convergência é particularmente relevante para a análise da adaptação das estruturas temporais ocidentais, nomeadamente a semana e os dias nela integrados, ao vocabulário e à mentalidade chinesa da época.

A análise dos dados mostra que, à época de Gonçalves, o conceito de semana já não era completamente alheio ao universo cultural chinês: termos como "domingo" e "sábado" surgem com formas reconhecíveis tanto no chinês comum ("礼拜日 *lǐbàirì* 'dia de culto'", "礼拜七 *lǐbàiqī* 'sétimo [dia] de culto'") como no vocabulário cristão ("主日 *zhǔrì* 'dia do Dono'", "瞻禮七 *zhānlǐ qī* 'sétimo [dia] de veneração litúrgica'"), o que atesta a progressiva incorporação de um modelo temporal ocidental. Este contraste entre o sistema semanal e a divisão tradicional chinesa dos meses em três períodos de dez dias será explorado mais detalhadamente na subsecção seguinte (3.2.2 abaixo), sobretudo no primeiro ponto, dedicado aos sistemas temporais e referências cronológicas (3.2.2.1 abaixo).

Quanto às festividades, verifica-se um contraste marcante na estruturação do vocabulário. No chinês cristão, o termo central é "瞻禮 *zhānlǐ* 'veneração litúrgica'", articulando-se em torno do mesmo todas as expressões relacionadas com o calendário religioso e as celebrações cristãs. Já no chinês comum, observa-se uma maior variedade lexical e ritual, com termos que descrevem múltiplas formas de festividade e prática devocional, como "節季 *jiéjì* 'época festiva'", "過節 *guòjié* 'passar uma festa'",

大會 *dàhuì* ‘grande encontro’”, “上廟 *shàng miào* ‘visitar o templo’, “作酒酧神 *zuò jiǔ chóushén* ‘oferecer aguardente ou banquete aos deuses’”, “行香 *xíngxiāng* ‘oferecer incenso’”, “禮拜 *lǐbài* ‘culto’”, “演戲酬神 *yǎnxì chóushén* ‘representação teatral em honra dos deuses’”, entre outros. Estes termos ilustram uma experiência festiva mais plural e fortemente enraizada nos costumes religiosos tradicionais chineses, contrastando com a terminologia unificadora e doutrinariamente orientada do léxico cristão, devido ao esforço de busca de equivalentes em ambiente de estudo, e não à sua criação natural pelos falantes ao longo do tempo.

Por fim, a distinção nas expressões relativas à memória dos defuntos revela diferenças significativas de enfoque cultural: no chinês comum, termos como “忌辰 *jìchén* ‘hora de luto”, “忌日 *jìrì* ‘dia de luto’” e “追遠 *zhuīyuǎn* ‘recordar os distantes’” refletem não apenas a valorização do culto ancestral e dos vínculos genealógicos, mas também remetem para um conjunto codificado de práticas rituais, geralmente de caráter coletivo, próprias da tradição confuciana e da religiosidade doméstica chinesa; já no chinês cristão, expressões como “追思先亡 *zhuīsī xiānwáng* ‘recordar os defuntos’” ou “追思先亡日期 *zhuīsī xiānwáng rìqī* ‘data de recordação dos defuntos’” evidenciam uma abordagem mais espiritual e pessoal da memória dos falecidos. Em vez de enfatizar o cumprimento de ritos ancestrais, estas expressões refletem uma reconfiguração cristã do gesto memorial, centrada na recordação interior e no vínculo afetivo com o ente querido, em consonância com uma sensibilidade mais individualista e universalista da fé cristã.

3.2.1.6. Relações e Vínculos Espirituais

A sexta categoria diz respeito aos vínculos espirituais estabelecidos no seio da comunidade cristã, em particular os ligados ao batismo e à formação religiosa, como padrinho, madrinha e afilhado, tal como se apresentam na Tabela 68.

Tabela 68 Vocabulário Cristão: Relações e Vínculos Espirituais

	Português	Chinês comum	Chinês cristão	DPC
62)	afilhado	乾兒子 [*gān érzi*]。保護/舉的 [*bǎohù / jǔ de*] △ 門下 [*ménxià*]	*代子 [*dài zǐ*]	p. 24
63)	madrinha	恩主女 [*ēnzhǔ nǚ*]	*代母 [*dài mǔ*]	p. 499
64)	padrinho	主 [*ēnzhǔ*]。主保 [*zhǔbǎo*]。重生父母 [*chóngshēng fùmǔ*]	*代父 [*dài fù*]	p. 589

Fonte: Elaborada pela autora com base na inventariação dos termos marcados com o asterisco “*” no *Diccionario Portuguez-China* (DPC), organizados por categorias temáticas.

Estes laços, embora sem correspondência direta na estrutura religiosa tradicional chinesa, encontram pontos de aproximação com conceitos locais de tutela e proteção ritual.

Do lado dos termos em chinês cristão, verifica-se o recurso a uma estrutura terminológica sistemática com base no prefixo "代 *dài*", que significa "substituir" ou "representar", para criar os equivalentes cristãos: "代子 *dài zǐ* 'filho substituto'" para "afilhado", "代母 *dài mǔ* 'mãe substituta'" para "madrinha" e "代父 *dài fù* 'pai substituto'" para "padrinho". Esta solução linguística enfatiza a dimensão substitutiva ou representativa destes vínculos espirituais. Nos termos "madrinha" e "padrinho", destaca-se a presença do sufixo diminutivo *-inho/-inha*, que imprime uma marca afetiva positiva, associada ao papel de coadjuvantes na educação religiosa do afilhado ou da afilhada. Em contraste, o sufixo *-astro/-astra*, como nos casos de "padrasto" e "madrasta", tende a assumir uma conotação depreciativa, por remeter para substitutos geralmente indesejados, já que implicam, de algum modo, o desaparecimento dos pais.

No *Diccionario Portuguez-China*, Gonçalves apresenta também verbetes deste último par: "madrasta 后母/娘 *hòu niáng/mǔ* 'mãe' [que surgiu] depois。继母 *jìmǔ* 'mãe de sucessão'; Naõ tenho madrasta 没有遭过后娘 *méiyǒu zāo guò hòuniáng* 'não ter sofrido de uma madrasta' △ 无逢继母 *wú féng jìmǔ* 'não ter apanhado uma madrasta'" (1831, p. 499) e "padrasto 继父 *jìfù* 'pai de sucessão'" (1831, p. 589). As frases exemplificativas incluídas no verbete de madrasta — em especial o uso dos verbos "遭 *zāo* 'sofrer'" e "逢 *féng* 'encontrar/apanhar'" em que a forma negativa aparece como equivalente ao verbo português "ter", afetivamente neutro — evidenciam bem a conotação negativa associada a estas figuras na sociedade chinesa, tal como na portuguesa. Assim, em comparação, embora a escolha do morfema "代 *dài* 'substituir'" nos termos chineses classificados como religiosos possa, à primeira vista, sugerir algo menos desejável, a diferenciação relativamente às designações de *madrasta* e *padrasto* indica que esses termos foram propositadamente formados de modo distinto, procurando atenuar a carga socialmente negativa.

Já os equivalentes em chinês comum, como "乾兒子[141] *gān érzi* 'filho simbólico'", "保護/舉的 *bǎohù / jǔ de* 'protegido/recomendado'", "門下 *ménxià* 'discípulo'" ou "恩主/女 *ēnzhǔ/ nǚ* 'benfeitor/a'" e "重生父母 *chóngshēng fùmǔ* 'pais da vida nova'", remetem para relações sociais de proteção, adoção simbólica ou gratidão, não necessariamente com um enquadramento religioso. Em

[141] No *Diccionario Portuguez-China*, este termo surge também como um dos equivalentes da palavra "adoptivo" em sentido secular. No estilo vulgar, surgem juntamente com formas como "義子 *yìzǐ*, 'filho adotado por dever moral'", "繼續養子 *jìxù yǎngzǐ*, 'filho adotado e criado de continuidade'" e "養子 *yǎngzǐ*, 'filho adotado'". Já no estilo clássico, encontramos as expressões "異姓之子 *yìxìng zhī zǐ*, 'filho de apelido diferente'" e "蜾蠃之子 *mínglíng zhī zǐ*, 'filho da vespa parasita'", esta última rica em carga metafórica de origem literária. Importa ainda notar a distinção feita no dicionário entre "filhos adoptivos" no sentido geral e "parentes adoptivos" dentro da mesma linhagem. Neste último caso, os equivalentes apresentados são "本宗過繼 *běnzōng guòjì*, 'transferido dentro do mesmo clã'" e "嗣子 *sìzǐ*, 'filho sucessor'", termos que sublinham a continuidade familiar legítima e o enquadramento no seio da linhagem ancestral (cf. Gonçalves, 1831, p. 20).

particular, expressões como "門下 *ménxià* 'discípulo'" evidenciam o enquadramento confuciano das relações entre mestre e discípulo, em que o vínculo vai além da instrução e envolve uma dimensão moral e quase filial. A proposta de Gonçalves, ao articular os novos laços espirituais com estruturas familiares e sociais já conhecidas, reforça uma vez mais a lógica pedagógica e acomodativa do seu dicionário, forçosa quando se procuram equivalentes entre línguas de famílias diferentes, mas podendo ao mesmo tempo resultar de uma intenção de irmanar conceitos para que os próprios do cristianismo não sejam estranhados e colocados de parte.

3.2.1.7. Expressões de Devoção e Invocações

A última categoria reúne expressões de caráter devocional ou invocativo, geralmente associadas a súplicas, bênçãos ou manifestações de fé quotidiana. Estas fórmulas ocupam um lugar importante na linguagem religiosa popular, sendo recorrentes em contextos orais e escritos. No *corpus* analisado, tal como se apresenta na Tabela 69, observamos que Joaquim Gonçalves procura oferecer traduções adaptadas a uma sensibilidade cristã, muitas vezes sem correspondência direta no chinês comum, mas aproximando-as de construções já existentes no discurso popular chinês.

Tabela 69 Vocabulário Cristão: Expressões de Devoção e Invocações

	Português	Chinês comum	Chinês cristão	DPC
65)	Queira Deos	怕不得 [*pà bu dé*]。 庶幾 [*shùjī*]	*天主保佑 [*Tiānzhǔ bǎoyòu*]	p. 230
66)	Por amor de Deos		*為天主 [*wèi Tiānzhǔ*]	p. 230
67)	Valha-me Deos		*天主保佑 [*Tiānzhǔ bǎoyòu*]	p. 230
68)	Deparou-me Deos isto	幸有是/此 [*xìng yǒu shì/cǐ*]。 此蔭于此 [*cǐ yīn yú cǐ*]	*天主賞賜我 [*Tiānzhǔ shǎngcì wǒ*] △天主之意有此 [*Tiānzhǔ zhī yì yǒu cǐ*]	p. 231
69)	Dar as boas festas	拜/賀節 [*bài/hè jié*]	*給人拜瞻禮 [*gěi rén bài zhānlǐ*]	p. 368
70)	invocar a Deos		*祷告天主臺前 [*dǎogào Tiānzhǔ tái qián*]。 籲告天主 [*yùgào Tiānzhǔ*]	p. 459
71)	milagre	靈驗 [*língyàn*]。 神感應 [*shén gǎnyìng*]	*聖跡 [*shèngjì*]	p. 530
72)	O que Deos naõ permitta	到底不至於此 [*dàodǐ bù zhì yú cǐ*]。 願/望不至於此 [*yuàn/wàng bù zhì yú cǐ*]	*天主保佑不如此 [*Tiānzhǔ bǎoyòu bù rú cǐ*]	p. 624
73)	Deos nos proteja		*天主保佑 [*Tiānzhǔ bǎoyòu*] △天主庇佑 [*Tiānzhǔ bìyòu]*	p. 672
74)	Queira Deos	怕不得 [*pà bu dé*]。 庶幾 [*shùjī*]。 恨不能 [*hèn bù néng*] △意望如此 [*yìwàng rúcǐ*]	*天主保佑如此 [*Tiānzhǔ bǎoyòu rúcǐ*]	p. 687
75)	servir a Deos		*恭敬天主 [*gōngjìng Tiānzhǔ*] △事奉天主 [*shìfèng Tiānzhǔ*]	p. 760

76) temer a Deos	*敬畏天主 [*jìngwèi Tiānzhǔ*]。 畏天主 [*wèi Tiānzhǔ*]	p. 794
77) Deos me valha	*天主保佑 [*Tiānzhǔ bǎoyòu*]	p. 837

Fonte: Elaborada pela autora com base na inventariação dos termos marcados com o asterisco "*" no *Diccionario Portuguez-China* (DPC), organizados por categorias temáticas.

A análise revela um esforço evidente de Gonçalves para uniformizar a linguagem devocional cristã com base na invocação da divindade central, "天主 *Tiānzhǔ* 'Dono do Céu'", presente em praticamente todas as expressões cristãs do conjunto, como "天主保佑 *Tiānzhǔ bǎoyòu* 'Deus [nos] proteja'" ou "為天主 *wèi Tiānzhǔ* 'por Deus'". Além disso, as expressões como "Queira Deus" ou "Deus me valha" surgem repetidas sendo sempre traduzidas como "天主保佑 *Tiānzhǔ bǎoyòu* 'Deus [nos] proteja'" ou a forma mais extensa "天主保佑如此 *Tiānzhǔ bǎoyòu rúcǐ* 'Deus [nos] proteja, para que assim seja'", reflete uma tentativa de criar um léxico devocional coerente e acessível para os fiéis chineses, reforçando a presença de Deus no quotidiano através de fórmulas padronizadas.

Já os equivalentes em chinês comum recorrem a construções mais vagas ou generalistas, como "怕不得 *pà bu dé* 'não se pode temer'", expressão de tom apreensivo ou retórico que pode ser interpretada como "quem dera que não" ou "esperemos que não seja o caso"; e "庶幾 *shùjī*", palavra de valor modal usada para exprimir um desejo ou esperança respeitosa, com o sentido de "oxalá assim seja". Ambas evitam qualquer referência direta a uma divindade pessoal, contrastando com as fórmulas cristãs centradas em "天主 *Tiānzhǔ* 'Dono do Céu'". No caso de "milagre", por exemplo, a diferença torna-se clara: enquanto o chinês comum usa termos como "靈驗 *língyàn* 'resposta espiritual eficaz'" ou "神感應 *shén gǎnyìng* 'reação dos espíritos'", o chinês cristão emprega "聖跡 *shèngjì* 'sinais sagrados'", sublinhando a dimensão teológica e canónica do milagre. A seleção dos equivalentes em chinês comum parece assim assentar sobretudo em critérios de equivalência funcional, e não na correspondência literal ou teológica.

Em suma, a análise das expressões cristãs permite compreender de forma mais ampla o esforço de mediação linguística e cultural empreendido por Joaquim Gonçalves no contexto da missão católica na China. Verificou-se que nem todas as expressões religiosas em português dispõem de equivalentes no chinês comum, sobretudo as mais intrinsecamente ligadas à doutrina, à liturgia ou à prática institucional do cristianismo. Por outro lado, os equivalentes em chinês cristão revelam, em muitos casos, a adoção de estratégias próprias da política de *accommodatio*, característica da tradição missionária jesuíta, como a apropriação e ressemantização de termos oriundos do budismo, do confucionismo ou do taoismo. Já os equivalentes em chinês comum, frequentemente incluídos ao lado dos cristãos, foram selecionados por aproximação funcional e não por correspondência literal, o que confirma a intenção

didática de Gonçalves de facilitar a inteligibilidade intercultural. Em alguns casos, estas entradas oferecem ainda pistas valiosas para a história lexical da receção do cristianismo na China, evidenciando a progressiva aceitação de neologismos cristãos, como "天主教 *Tiānzhǔ jiào* 'religião do Dono do Céu'", e de conceitos estruturantes de origem ocidental, como os dias da semana, que começaram a integrar a linguagem popular e a mundividência chinesa no início do século XIX. Assim, esta subsecção não só evidencia o cuidado terminológico e pedagógico do autor como também permite situar a sua obra no quadro mais vasto da linguística missionária e da história da tradução religiosa. Por outro lado, deixa evidente o seu importante contributo para o próprio enriquecimento do léxico chinês e da respetiva lexicografia e lexicologia sínicas, aliando certamente o seu próprio contributo intensivo àquele que faz de sistematização das aportações de muitos outros padres e lexicógrafos que o precederam.

3.2.2. Blocos didáticos autónomos

Ao longo das suas obras, especialmente na *Arte China* e no *Diccionario Portuguez-China*, Joaquim Gonçalves recorre pontualmente à inserção de blocos explicativos autónomos, que se distinguem por suspenderem momentaneamente a sequência textual habitual, com o objetivo de introduzir conteúdos formativos essenciais à compreensão do sistema cultural e linguístico chinês. Estes blocos, de caráter sistemático e frequentemente extensos, revelam uma preocupação pedagógica clara, permitindo ao autor transmitir ao leitor ocidental conhecimentos estruturantes que não se enquadram numa simples correspondência vocabular. Os temas abordados nestas secções revelam-se particularmente relevantes para o ensino da língua e cultura chinesas, tanto no plano histórico como na aplicação contemporânea. A seguir, organizamos os principais blocos identificados em quatro núcleos temáticos: (1) sistemas temporais e referências cronológicas; (2) hierarquias sociopolíticas do império chinês; (3) formulários práticos de escrita; (4) divisão territorial e conhecimento geográfico.

3.2.2.1. Sistemas temporais e referências cronológicas na tradição chinesa

Entre os conteúdos explicativos organizados de forma autónoma por Joaquim Gonçalves, destacam-se os dedicados à apresentação de elementos estruturantes do sistema temporal chinês, cuja complexidade exigia clarificação explícita para um público ocidental. Estes blocos estão inseridos em diversas entradas do *Diccionario Portuguez-China*, como "ANNO", "DYNASTIA", ESTAÇÃO", "FESTA", "HORA" e "LUA", e oferecem explicações sistemáticas sobre a contagem dos anos, os ciclos cronológicos, as unidades de tempo tradicionais, os feriados culturais e a sucessão dinástica. Este tipo de informação, além de

preencher lacunas culturais relevantes para a compreensão linguística, alinha-se com o que hoje se entende por competência sociocultural no ensino de línguas estrangeiras: compreender como diferentes sociedades organizam o tempo, nomeiam os seus marcos simbólicos e estruturam a sua história. As descrições de Gonçalves, muitas vezes acompanhadas de tabelas, exercícios ou equivalências com o calendário ocidental, mostram uma clara intenção didática, funcionando como materiais de apoio ao ensino e à aprendizagem de uma realidade linguístico-cultural muito distinta.

Na entrada "ANNO" do *Diccionario China-Portuguez*, Joaquim Gonçalves (1831, pp. 50–51) apresenta um dos blocos explicativos mais desenvolvidos da obra, dedicado à estrutura do calendário tradicional chinês. Este sistema assenta na combinação cíclica de dois conjuntos de signos – os dez troncos celestes (designados por Gonçalves como a "1.ª série", correspondendo ao que atualmente se conhece como "天干 *tiāngān* 'tronco celeste'"): "甲 *jiă*, 乙 *yĭ*, 丙 *bĭng*, 丁 *dīng*, 戊 *wù*, 己 *jĭ*, 庚 *gēng*, 辛 *xīn*, 壬 *rén*, 癸 *guĭ*", e os doze ramos terrestres ("2.ª série" em Gonçalves; "地支 *dìzhī* 'ramo terrestre'" na terminologia moderna): "子 *zĭ*, 丑 *chŏu*, 寅 *yín*, 卯 *măo*, 辰 *chén*, 巳 *sì*, 午 *wŭ*, 未 *wèi*, 申 *shēn*, 酉 *yŏu*, 戌 *xū*, 亥 *hài*" [142] – que, articulando-se entre si, formam um ciclo de 60 anos. Gonçalves refere-se a este ciclo através dos termos "甲子 *jiăzĭ* 'a primeira combinação do ciclo de 60 anos'" no estilo vulgar ou "歲次[143] *suìcì* 'ordem do ano'" no estilo sublime, correspondendo ao conceito atual de "干支 *gānzhī* 'tronco e ramo'", ainda hoje utilizado em contextos tradicionais e cerimoniais.

Para esclarecer este sistema, Gonçalves inclui uma tabela completa das 60 combinações, acompanhada de uma explicação detalhada sobre o modo de calcular o ano correspondente, com base em datas de referência, como 1683, 1743, 1803, 1863, 1923 e 1983, todas coincidentes com o 60.º ano do ciclo (ver citações da secção 3.1.2). O quadro seguinte apresenta uma síntese modernizada das instruções pedagógicas de Gonçalves, com o objetivo de facilitar a sua aplicação em contextos didáticos contemporâneos.

---

[142] É curioso notar que alguns dos elementos destas duas séries apresentam pronúncias distintas das que hoje se consideram padrão. A maioria dessas variantes inscreve-se nos padrões fonéticos já analisados na secção 2.2; contudo, destaca-se o caso de "戊", atualmente lido como "*wù*", mas romanizado por Gonçalves como "*maŏ*" na *Arte China* (1829a, p. 9), "*mou*" no *Diccionario Generico* (1833, p. 384) e "*mau*" no *Diccionario Tonico* (1833, p. 64 do apêndice). De acordo com o *Dicionário da Evolução Fonética dos Carateres Chineses* (L. Jiang et al., 2012, p. 672), este caráter era pronunciado como [mu] ou [məu] no período pré-moderno, o que coincide com a segunda forma registada por Gonçalves. As restantes variantes, nomeadamente a que surge no *Diccionario Tonico*, deixam registo de pronúncias não canónicas ou formas regionais em uso na época.

[143] O calendário chinês combina dois sistemas distintos: um solar, que tem início no solstício de dezembro e é marcado pelos 24 termos solares, e um luni-solar, que começa com o Ano Novo Chinês e inclui 12 ou 13 meses lunares. Assim, coexistem dois tipos de ano: o 岁 *suì*, associado ao ciclo solar, e o 年 *nián*, ligado ao ciclo lunar.

Tabela 70 Ciclo de 60 anos da tradição cronológica chinesa

Anos	1.ª Série	2.ª Série	CICLO DE 60 ANOS															
			甲子 *jiǎzǐ* △岁次 *suìcì* (干支次序表 *gān zhī cì xù biǎo* 'Tabela da ordem dos troncos e ramos')															
1	甲	子	11	甲	戌	21	甲	申	31	甲	午	41	甲	辰	51	甲	寅	
2	乙	丑	12	乙	亥	22	乙	酉	32	乙	未	42	乙	巳	52	乙	卯	
3	丙	寅	13	丙	子	23	丙	戌	33	丙	申	43	丙	午	53	丙	辰	
4	丁	卯	14	丁	丑	24	丁	亥	34	丁	酉	44	丁	未	54	丁	巳	
5	戊	辰	15	戊	寅	25	戊	子	35	戊	戌	45	戊	申	55	戊	午	
6	己	巳	16	己	卯	26	己	丑	36	己	亥	46	己	酉	56	己	未	
7	庚	午	17	庚	辰	27	庚	寅	37	庚	子	47	庚	戌	57	庚	申	
8	辛	未	18	辛	巳	28	辛	卯	38	辛	丑	48	辛	亥	58	辛	酉	
9	壬	申	19	壬	午	29	壬	辰	39	壬	寅	49	壬	子	59	壬	戌	
10	癸	酉	20	癸	未	30	癸	巳	40	癸	卯	50	癸	丑	60	癸	亥	
Anos de referência (60° ano): 1683, 1743, 1803, 1863, 1923, 1983 e 2043.																		
Exercício 1 – Identificação da designação tradicional chinesa de anos ocidentais 1. 1822 → 1822 – 1803 = 19 → 壬午 *rén wǔ* 2. 1800 → 1800 – 1743 = 57 → 庚申 *gēng shēn* 3. 2025 → 2025 – 1983 = 42 → 乙巳 *yǐ sì*																		
Exercício 2 – Correspondência entre a designação tradicional chinesa e os anos ocidentais Qual é o ano correspondente da expressão tradicional "道光歲次癸未 *Dào Guāng suì cì guǐ wèi*"? → Reinado de 道光 *Dào Guāng*: de setembro de 1782 a fevereiro de 1850 → 癸未 *guǐ wèi* (posição 20 no ciclo) + 1803 = 1823																		

Fonte: Adaptada de Gonçalves (1831, pp. 50–51).

A sistematização apresentada por Gonçalves na entrada "ANNO" reflete uma clara preocupação de tornar acessível ao leitor ocidental um dos sistemas temporais mais característicos da cultura chinesa. O recurso a exercícios práticos e à explicitação das regras de conversão demonstra uma intenção pedagógica notável, ainda hoje relevante no ensino da cronologia tradicional chinesa.

Na mesma linha de conteúdos explicativos de base histórica e cultural, analisaremos de seguida a entrada "DYNASTIA", na qual o autor apresenta uma breve história das sucessivas dinastias chinesas, que se reorganizam na Tabela 71.

Tabela 71 Dinastias chinesas na sistematização de Joaquim Gonçalves

Dinastia	Nota	Data	Dinastia	Nota	Data
盘古 *Pán Gǔ*	Sustenta o sol e lua.				A. D.
天皇 *Tiān Huáng*	Eram 12 irmãos, reinaram 45000 anos.		魏蜀吴 *Wèi Shǔ Wú*	三国 *Sān Guó*	221
地皇 *Dì Huáng*	Eram 11 irmãos, reinaram 11000 anos.		后汉朝 *Hòu Hàncháo*		
人皇 *Rén Huáng*	Eram 9 irmãos, reinaram 18000 anos.		晋朝 *Jìn cháo*		265
伏羲 *Fúxī*	三皇 *Sān Huáng*	A. C.	宋朝 *Sòng cháo*		420
神农 *Shénnóng*		Princípio do reinado	南齐 *Nán Qí*	六朝 *Liù cháo*	479

黄帝 *Huáng dì*		2696	北魏 *Běi Wèi*		502
唐朝 *Táng cháo*		2356	南梁 *Nán Liáng*		
Principia o Ciclo de 60			北齐 *Běi Qí*		557
虞朝 *Yú cháo*		2254	南陈 *Nán Chén*		
夏朝 *Xià cháo*		2204	北周 *Běi Zhōu*		581
商朝 *Shāng cháo*		1765	隋朝 *Suí cháo*		581
殷朝 *Yīn cháo*		1372	唐朝 *Táng cháo*		618
西周 *Xī Zhōu*		1121	后梁 *Hòu Liáng*		907
东周 *Dōng Zhōu*	四十一国 *Sìshíyī guó*	769	后唐 *Hòu Táng*		923
春秋 *Chūn Qiū*	二百 二十一国	721	后晋 *Hòu Jìn*	五代 *Wǔ dài*	936
列国 *Liè guó*	*Èrbǎi* *èrshíyī guó*		后汉 *Hòu Hàn*		948
九国 *Jiǔ Guó*		402	后周 *Hòu Zhōu*		951
战国 *Zhàn Guó*			宋朝 *Sòng cháo*		960
七国 *Qī Guó*			元朝 *Yuán cháo*		1280
秦朝 *Qín cháo*		255	明朝 *Míng cháo*		1368
西楚 *Xī Chǔ*		205	清朝 *Qīng cháo*		1644
汉朝 *Hàn cháo*		201			

Observações:

1. O princípio de uma dinastia é o fim da dinastia antecedente.
2. Ignora-se a data das primeiras dinastias.
3. As dinastias Yuan e Qing foram encabeçadas por tártaros.

Fonte: Adaptada de Gonçalves (1831, p. 280).

Constata-se que a cronologia apresentada por Gonçalves diverge em alguns aspetos das versões atualmente mais divulgadas, como, por exemplo, a que figura no final do *Dicionário do Chinês Moderno* (cf. Chinese Academy of Social Sciences, 2016, pp. 1769–1785). Quanto às quatro primeiras dinastias, Gonçalves observa que são tratadas como fábulas por um "Chu-fu-çu", antes de iniciar a sua "Chronica de Dynastias", a qual serve de base à informação apresentada no seu *Diccionario Portuguez-China*[144].

[144] No texto original, Gonçalves (1831, p. 280) insere o seguinte comentário entre as quatro primeiras dinastias acima referidas e as restantes: "*Chu-fu-çu* deixando a fabula sobredita principia a sua Chronica de Dynastias, como se segue".

Relativamente a estas duas menções de destaque – a designação "Chronica de Dynastias" e o nome "Chu-fu-çu" – a primeira surge de forma semelhante no capítulo inicial da *Arte China*, "Alphabeto China", no qual, ao explicar o caráter "匱 [*guì*] *coei*, armário, faltar", o autor apresenta a expressão composta "金滕匱 [*Jīn Téng Guì*]", traduzida como "crónica da dinastia reinante". Esta expressão remete provavelmente para um episódio do "《尚書》*Shàngshū* 'Documentos Antigos[145]'", em que "金滕匱" se refere ao local onde orações reais foram seladas e depositadas (cf. D. Fang, 2013; X. Zhang & Ma, 2023). No entanto, esta ocorrência isolada não permite estabelecer com clareza a natureza nem a autoria da obra a que Gonçalves se refere. A segunda menção, "Chu-fu-çu", revela-se mais promissora para identificação, pois no índice geral do último volume do periódico do século XIX *The Chinese Repository*, encontramos a seguinte equivalência explicativa: "*Chú Hí*, or Chú fú-tsz'" (cf. Bridgman & Williams, 1851, p. xxiii). Isto indica que "Chu-fu-çu" corresponde a uma forma alternativa de designar 朱熹 *Zhū Xī* (1130–1200), reputado filósofo neoconfucionista e historiador da dinastia Song (960 – 1279).

Com base nesta identificação, é possível inferir que a "Chronica de Dynastias" mencionada por Gonçalves corresponderia à obra "*Tung-kien Káng-mu* 通鑑綱目 [*Tōngjiàn Gāngmù*]", traduzida em inglês como "Outlines of General History 'Sinopse da História Geral'", uma crónica histórica em 59 tomos concluída em 1173 (cf. Bridgman, 1849, p. 206). Esta obra, elaborada por Zhu Xi a partir do "《资治通鉴》*Zīzhì Tōngjiàn* 'Espéculo Compreensivo para a Governação'", de 司马光 *Sīmǎ Guāng* (1019–1186), teve ampla circulação durante a dinastia Qing. De acordo com essa mesma fonte, as obras completas de *Zhu Xi* foram mais tarde compiladas por ordem imperial sob o título "御纂朱子全書 *Yùzuǎn Zhūzǐ Quánshū* 'Obras completas do filósofo *Zhu* (Writings of the philosopher Chú)'". A forma alternativa "朱子 *Zhūzǐ*", igualmente referida por Gonçalves, aparece na primeira secção intitulada "Nomes dos varões illustres, e seu character principal", integrada no sétimo capítulo da *Arte China*, mais concretamente na subsecção "particulares"[146], onde se lê: "*Chu-çu* escreveo a Chronica de *Chou* em *Pekim* 朱子京修唐書 [*Zhūzǐ Jīng xiū Táng shū*]". Apesar de ambígua, por se referir unicamente à crónica da dinastia Zhou, esta passagem reforça a hipótese de que Gonçalves terá utilizado a obra de Zhu Xi como principal fonte cronológica de referência.

[145] A tradução deste título segue a proposta de Allan (2012).

[146] Na primeira secção do sétimo capítulo da *Arte China* encontramos quatro subsecções: reis, fidalgos do tempo da dinastia Chou, empregados de Hoam-ti e T'am, e particulares.

Tal como na entrada “ANNO”, a explicação da organização temporal do ano chinês, conforme apresentada por Joaquim Gonçalves na entrada “LUA”, revela uma tentativa clara de mediação entre dois sistemas culturais e de calendário distintos — o europeu, de base solar e cristã, e o chinês, estruturado segundo princípios luni-solares e ciclos sazonais. O quadro seguinte reúne de forma sistematizada as informações extraídas dessa entrada, articulando-as com a versão moderna da divisão lunar. Quando pertinente, foram também integrados elementos provenientes da entrada “INTERCALAR”, utilizada por Gonçalves como referência cruzada, permitindo um enquadramento mais completo da organização do calendário tradicional chinês.

Tabela 72 Correspondência entre "luas" e "meses" na sistematização de Joaquim Gonçalves

Estações		**Luas**	**Meses**	**Calendário Lunar**		**Calendário Solar**
O.	**C.**	**Gonçalves (1831, pp. 493–495)**		**Wei (2010, pp. 2–3)**		
(Inverno)	(Primavera)	1.ª Lua 正月 *Zhēngyuè*	Compreende a entrada no signo de Peixes: 19 de fevereiro 雨水 *Yǔshuǐ* ‘água da chuva’	(1ª Lua)	Meio	19 ou 20 de fevereiro
			6 de março 惊蛰 *Jīngzhé* ‘despertar dos insetos’	2ª Lua	Início	4 ou 5 de março
Primavera		2.ª Lua 二月 *Èryuè*	Compreende a primavera: 21 de março 春分 *Chūnfēn* ‘equinócio da primavera’		Meio	20 ou 21 de março
			5 de abril 清明 *Qīngmíng* ‘claridade pura’ Exceto se cair no dia 30, caso em que será considerada a primeira.	3ª Lua	Início	5 ou 6 de abril
		3.ª Lua 三月 *Sānyuè*	Compreende a entrada no signo de Touro: 20 de abril 谷雨 *Gǔyǔ* ‘chuva dos cereais’		Meio	20 ou 21 de abril
	Verão		6 de maio 立夏 *Lìxià* ‘início do verão’	4ª Lua	Início	5 ou 6 de maio
		4.ª Lua 四月 *Sìyuè*	Compreende a entrada no signo de Gémeos: 21 de maio 小满 *Xiǎomǎn* ‘pequena plenitude’		Meio	21 ou 22 de junho
			5 de junho 芒种 *Mángzhòng* ‘grãos com espigas’	5ª Lua	Início	6 ou 7 de junho
Verão		5.ª Lua 五月 *Wǔyuè*	Compreende o solstício de verão: 21 de junho 夏至 *Xiàzhì* ‘solstício de verão’		Meio	21 ou 22 de junho
			6 de julho 小暑 *Xiǎoshǔ* ‘calor ligeiro’	6ª Lua	Início	7 ou 8 de julho

		6.ª Lua 六月 *Liùyuè*	Compreende a entrada no signo de Leão: 23 de julho 大暑 *Dàshǔ* ‘calor intenso’		Meio	23 ou 24 de julho
	Outono		8 de agosto 立秋 *Lìqiū* ‘início do outono’	7ª Lua	Início	7 ou 8 de agosto
		7.ª Lua 七月 *Qīyuè*	Compreende a entrada no signo de Virgem: 23 de agosto 处暑 *Chǔshǔ* ‘limite do calor’		Meio	23 ou 24 de agosto
			7 de setembro 白露 *Báilù* ‘orvalho branco’	8ª Lua	Início	7 ou 8 de setembro
Outono		8.ª Lua 八月 *Bāyuè*	Compreende o outono: 23 de setembro 秋分 *Qiūfēn* ‘equinócio do outono’		Meio	23 ou 24 de setembro
			8 de outubro 寒露 *Hánlù* ‘orvalho frio’	9ª Lua	Início	8 ou 9 de outubro
		9.ª Lua 九月 *Jiǔyuè*	Compreende a entrada no signo de Escorpião: 23 de outubro 霜降 *Shuāngjiàng* ‘queda da geada’		Meio	23 ou 24 de outubro
	Inverno		8 de novembro 立冬 *Lìdōng* ‘início do inverno’	10ª Lua	Início	7 ou 8 de novembro
		10.ª Lua 十月 *Shíyuè*	Compreende a entrada no signo de Sagitário: 22 de novembro 小雪 *Xiǎoxuě* ‘nevada ligeira’		Meio	22 ou 23 de novembro
			7 de dezembro 大雪 *Dàxuě* ‘nevada intensa’	11ª Lua	Início	7 ou 8 de dezembro
Inverno		11.ª Lua 十一月 *Shíyīyuè*	Compreende o solstício do inverno: 22 de dezembro 冬至 *Dōngzhì* ‘solstício de inverno’		Meio	22 ou 23 de dezembro
			6 de janeiro 小寒 *Xiǎohán* ‘frio ligeiro’	12ª Lua	Início	5 ou 6 de janeiro
		12.ª Lua 十二月 *Shíèryuè*	Compreende a entrada no signo de Aquário: 21 de janeiro 大寒 *Dàhán* ‘frio intenso’		Meio	20 ou 21 de janeiro
	Pri.		4 de fevereiro 立春 *Lìchūn* ‘início da primavera’	1ª Lua	Início	4 ou 5 de fevereiro

Nota 1. Para ajustar as luas às estações, quando preciso, se mete a Lua intercalar. *Ve* INTERCALAR

Nota 2. Para determinar as datas vê Ano e o livro 御定万年書 [*Yùdìng Wànniánshū* ‘Livro dos Dez Mil Anos, compilado por ordem imperial’] onde da estação próxima se contará para o dia pretendido. As Luas determinadas pelas epactas não correspondem exactamente.

Expressões úteis:

Lua grande (de 30 dias) 大月 [*dà yuè* ‘lua grande’]

Lua pequena (de 29 dias) 小月[*xiǎo yuè* ‘lua pequena’]

1.ª 2.ª e 3.ª dezena da Lua

上旬 [*shàngxún* ‘dezena de cima’]。中旬[*zhōngxún* ‘dezena do meio’]。下旬/澣[*xiàgxún/hàn* ‘dezena de baixo’]

INTERCALAR, lua intercalar 閏月 [*rùn yuè* 'lua intercalar']
Segunda Lua intercalar (depois da segunda natural) 閏二月 [*rùn èr yuè* 'segunda lua intercalar'] *Vê* LUA
Nota. A primeira, 11 e 12 nunca têm intercalar. (Gonçalves, 1831, p. 454)

Fonte: Elaborada pela autora, com atualização do português para mais fácil compreensão.
Nota. A forma abreviada "O." significa "ocidentais", "C." corresponde a "chinesas" e "Pri." significa "primavera".

A organização da Tabela 72 procura, assim, refletir a lógica didática de Gonçalves, ao mesmo tempo que moderniza a apresentação dos dados para facilitar a sua consulta e eventual reutilização em contextos de ensino e investigação atuais. Esta articulação entre sistemas serve tanto um propósito pedagógico como cultural, permitindo ao leitor ocidental compreender, com base em referências familiares, o funcionamento do calendário chinês tradicional.

Na Entrada "LUA", Gonçalves (1831, pp. 493–495) estabelece de modo sistemático a correspondência entre os meses lunares chineses e o calendário solar ocidental. Para cada uma das doze "luas" indica os dois termos solares[147] que a delimitam, acrescenta uma data-referência ocidental e assinala, em regra, o signo astrológico que coincide com o termo solar que inaugura essa lua. Por exemplo, a primeira Lua é apresentada como "compreende a entrada em Peixes, 19 de Fevereiro, 雨水 [*Yŭshuĭ* 'água da chuva']", integrando assim os três níveis de referência: o signo ocidental, a respetiva data ocidental e o termo solar chinês. Apenas em casos específicos Gonçalves opta por descrições mais generalistas: nos termos "春分 *Chūnfēn* 'equinócio da primavera'" e "秋分 *Qiūfēn* 'equinócio do outono'", utiliza as referências "Primavera" e "Outono"; e para "夏至 *Xiàzhì*" e "冬至 *Dōngzhì*", emprega os termos equivalentes "solstício de verão" e "solstício de inverno". Ao articular numa única grelha explicativa o calendário luni-solar chinês, o calendário solar europeu e a astrologia ocidental, o autor oferece ao leitor um ponto de ancoragem claro para situar cada mês chinês no ciclo anual ocidental.

Importa, contudo, assinalar algumas divergências relevantes entre o sistema apresentado por Gonçalves e a versão moderna da divisão do ano segundo o calendário tradicional chinês, conforme descrito, por exemplo, por Wei (2010, pp. 2–3). Em primeiro lugar, as estações do ano, tal como são concebidas no sistema europeu[148], não coincidem com os marcos sazonais chineses: enquanto no sentido astronómico moderno a primavera, por exemplo, tem início com o equinócio de março, na tradição chinesa essa mesma estação começa com o termo "立春 *Lìchūn* 'início da primavera'", cerca de um

[147] Os 24 termos solares, atualmente conhecidos como "节气 *jiéqì* 'termo solar'" ou "二十四节气 *èrshísì jiéqì* '24 termos solares'" dividem a eclíptica em 24 secções de 15° cada (cf. Observatório Astronómico da Universidade de Coimbra, sem data-b).

[148] Embora Gonçalves não explicite diretamente a divisão das quatro estações segundo o calendário ocidental, as referências que utiliza para os termos solares "春分 *Chūnfēn* 'equinócio da primavera'" e "秋分 *Qiūfēn* 'equinócio do outono'" — às quais associa respetivamente as designações de "Primavera" e "Outono" — indicam que adota uma divisão coincidente com a tradição europeia moderna. Esta correspondência alinha-se com a definição astronómica ainda hoje seguida (cf. Observatório Astronómico da Universidade de Coimbra, sem data-a).

mês e meio antes[149]. Esta diferença encontra-se igualmente refletida na entrada "ESTAÇÃO" do *Diccionario Portuguez-China*, na qual Gonçalves (1831, p. 328) destaca o início de cada estação segundo a tradição chinesa, através das expressões: "Princípio da estação da primavera, 4 de Fevereiro 立春 [*Lìchūn* 'início da primavera']", "Princípio da estação do verão, 6 de Maio 立夏 [*Lìxià* 'início do verão']", "Princípio da estação do outomno, 8 de Agosto 立秋 [*Lìqiū* 'início do outono']" e "Princípio da estação do inverno, 8 de Novembro 立冬 [*Lìdōng* 'início do inverno']". O autor acrescenta ainda a expressão "as 8 estações (que são as 4, e seus princípios) 八节 [bājié 'oito estações']", sublinhando a importância dos pontos de transição sazonais no calendário chinês.

Em segundo lugar, é de notar que a sequência das luas descrita por Gonçalves não coincide exatamente com a estruturação moderna relatada por autores como Wei (2010, pp. 2–3): enquanto o modelo atual toma "立春 *Lìchūn* 'início da primavera'" como ponto de partida do ciclo lunar, Gonçalves inicia a contagem com "雨水 *Yǔshuǐ* 'água da chuva'", o termo solar imediatamente posterior. Este desfasamento pode ser interpretado de várias formas: uma hipótese plausível é que Gonçalves tenha simplesmente seguido a prática vigente na sua época, refletindo variantes então correntes no mundo sinológico ou no calendário popular; outra possibilidade é tratar-se de um erro tipográfico ou de organização editorial; uma terceira hipótese, não menos relevante, é que Gonçalves tenha deliberadamente ajustado o ponto de partida para facilitar a correspondência com os signos astrológicos ocidentais, de modo a criar uma aproximação mais acessível ao público europeu a quem se dirigia.

Por fim, as datas de referência apresentadas por Gonçalves, embora úteis para fins didáticos, são aproximadas e fixas, ao passo que, na tradição chinesa contemporânea, cada termo solar pode ocorrer num de dois dias consecutivos, em função do ano e da posição real do Sol, o que poderá estar relacionado com a fonte utilizada por Gonçalves, eventualmente baseada num ano específico, ou com limitações na precisão astronómica da época[150]. A maioria das datas de referência indicadas por Gonçalves coincide com as datas atualmente consideradas possíveis para os respetivos termos solares.

---

[149] Na antiguidade chinesa, considerava-se que o início das estações correspondia a quatro termos solares: *Lichun* (4 ou 5 de fevereiro) marcava o começo da primavera; *Lixia* (5 ou 6 de maio) o verão; *Liqiu* (7 ou 8 de agosto) o outono e *Lidong* (7 ou 8 de novembro) o inverno. Entre o povo, porém, era mais comum dividir as estações segundo os meses do calendário lunar: do primeiro ao terceiro mês era primavera, do quarto ao sexto era verão, do sétimo ao nono era outono e do décimo ao décimo segundo era inverno, sendo o primeiro dia do primeiro mês lunar, considerado também o primeiro dia da primavera, daí a designação "Festa da Primavera" (Chūnjié). No campo da meteorologia, as estações são divididas de acordo com o calendário gregoriano: março a maio correspondem à primavera, junho a agosto ao verão, setembro a novembro ao outono e dezembro a fevereiro ao inverno, com janeiro, abril, julho e outubro como meses representativos. Já na astronomia moderna, o início das estações é fixado pelos equinócios e solstícios: o equinócio da primavera (20 ou 21 de março), o solstício de verão (21 ou 22 de junho), o equinócio do outono (22 ou 23 de setembro) e o solstício de inverno (21 ou 22 de dezembro). Atualmente, na China, adota-se uma norma unificada baseada na temperatura: quando a média diária ultrapassa 10 °C durante cinco dias consecutivos, considera-se chegada a primavera; se descer abaixo de 10 °C, inicia-se o inverno; temperaturas médias superiores a 22 °C indicam o verão; e entre 22 °C e 10 °C corresponde ao outono (J. Liu, 1992).

[150] Com efeito, embora a segunda Lei de Kepler estabeleça que a velocidade aparente do movimento do Sol ao longo da eclíptica não é constante, esse fenómeno era desconhecido dos astrónomos chineses até, pelo menos, ao século VII (cf. Observatório Astronómico da Universidade de Coimbra, sem data-b).

No entanto, registam-se algumas discrepâncias pontuais, nomeadamente nos casos de "惊蛰 *Jīngzhé* 'despertar dos insetos'", "芒种 *Mángzhòng* 'grãos com espigas'" e "小暑 *Xiǎoshǔ* 'calor ligeiro'". Ainda que as datas de referência apresentadas por Gonçalves sejam apenas aproximadas, no contexto didático da aprendizagem da língua chinesa, a estrutura adotada pelo padre lazarista revela-se funcional, permitindo ao leitor ocidental apreender de forma prática a articulação entre o calendário lunar chinês e os ciclos naturais e solares.

Antes e depois da comparação entre as 12 luas e os 12 meses, Gonçalves introduz um conjunto de expressões úteis, incluindo dois conceitos importantes: o de "lua grande", correspondendo a um período lunar de 30 dias, e o de "lua pequena", com 29 dias. Esta contagem específica difere dos conceitos equivalentes modernos baseados no calendário solar, nos quais a duração dos meses varia entre 28 e 31 dias, segundo o Calendário Gregoriano. A estas explicações o autor acrescenta uma observação pertinente sobre o recurso à lua intercalar ("闰月 *rùnyuè*"), um mecanismo próprio do calendário luni-solar chinês utilizado para manter o alinhamento entre os meses lunares e as quatro estações[151]. O mês intercalar é introduzido periodicamente para ajustar o ciclo lunar ao ciclo solar, garantindo que as estações do ano permanecem sincronizadas com os meses lunares. Este mês adicional é normalmente inserido após determinada lua (ex. "闰二月 *rùn èryuè* 'segunda lua intercalar'") e não possui numeração própria.

Na entrada "INTERCALAR", Gonçalves anota especificamente que a 1.ª, a 11.ª e a 12.ª luas nunca se intercalam. Esta afirmação é apresentada sem referência explícita à fonte nem qualquer justificação adicional. No entanto, uma observação idêntica encontra-se na obra coetânea *De Calendario Sinico Variae Notiones*[152], de Petrus Hoang (1830–1909)[153]. Segundo este autor, no quarto sistema de contagem então adotado pelo Gabinete Imperial de Astronomia[154], essas três luas não são passíveis de duplicação porque os termos solares que antecedem e sucedem o solstício de inverno são, em média, mais curtos

---

[151] O calendário tradicional chinês resulta da combinação de dois sistemas distintos: um calendário solar, que tem início no solstício de dezembro e se estrutura em torno dos 24 termos solares, e um calendário luni-solar, que começa com o Ano Novo Chinês e se compõe de 12 ou 13 meses lunares, consoante a inserção de um mês intercalar (cf. Observatório Astronómico da Universidade de Coimbra, sem data-b).

[152] Inicialmente publicada em latim sob o título completo *De Calendario Sinico Variae Notiones: Calendarii Sinici et Europaei Concordantia* (Hoang, 1885), quinze anos depois a segunda edição desta obra foi lançada em inglês sob a designação homóloga *A Notice of The Chinese Calendar and a Concordance with the European Calendar* (Hoang, 1904).

[153] 黄伯禄 *Huáng Bólù*, conhecido como Pierre, Petrus ou Peter Hoang em fontes ocidentais, foi um padre secular chinês ligado à Missão Jesuíta na China, onde atuou como administrador e colaborador em iniciativas religiosas, científicas e educativas, sobretudo na região de Xangai, durante a segunda metade do século XIX. Destacou-se como sinólogo prolífico, tendo publicado obras em latim, francês e inglês, amplamente citadas por estudiosos europeus e de notável influência entre os intelectuais chineses na transição para a era republicana. Apesar da sua relevância no panorama intercultural do seu tempo, permanece hoje como uma figura largamente esquecida.

[154] No texto original, o autor utilizou a expressão "Board of Mathematics". Pelo contexto astronómico e histórico, esta designação corresponde, com grande probabilidade, ao "钦天监 *Qīntiānjiàn* 'Gabinete Imperial de Astronomia'", habitualmente referido como o "Observatório Astronómico de Pequim". Esta instituição era responsável pela elaboração e supervisão do calendário imperial chinês. Curiosamente, este órgão era também o destino inicial previsto para Joaquim Gonçalves, no âmbito das suas funções missionárias e científicas. No entanto, devido ao contexto político hostil à presença cristã na corte imperial, o lazarista transmontano terá permanecido em Macau, sem nunca chegar a deslocar-se a Pequim.

do que os restantes ao longo do ano, o que tornaria tecnicamente inviável — ou desnecessária — a inserção de uma lua intercalar nesse período (Hoang, 1904, p. 16; cf. Qiang & Pieragastini, 2023, pp. 664–666). Do ponto de vista histórico, este apontamento de Gonçalves revela conhecimento de uma prática adotada no cálculo do calendário tradicional chinês que viria a ser formalizada mais claramente no período Qing. Segundo Tang e Lin (1986/2002, pp. 81–82), antes dessa reforma, nomeadamente durante a dinastia Ming, embora já se aplicasse o modelo de "dezanove anos com sete luas intercalares", o critério para a escolha do mês intercalar ainda não se baseava sistematicamente na ausência de "中气 *Zhōngqì*, 'termo solar médio'", por isso verificaram-se casos em que a 1.ª e a 12.ª luas foram efetivamente duplicadas. A partir da adoção do critério astronómico dos *Zhongqi* durante a dinastia Qing, meses sem esse marco solar deixaram de ser elegíveis para intercalar, o que, na prática, excluiu as luas referidas.

No final da entrada "LUA", Gonçalves volta a referir a importância de recorrer à entrada "ANNO" e a uma obra acerca do calendário já mencionada anteriormente, o chamado Livro dos Dez Mil Anos. Para facilitar a referência cruzada, repetem-se aqui os excertos originais relativos a este livro: na entrada "ANNO", "Para saber a epocha do reinado dos imperadores, recorra-se ao livro 御定萬年 [*Yù dìng wàn nián*], e veja-se a palavra Dynastia" (Gonçalves, 1831, p. 51); na entrada "LUA", "Para determinar as datas ve Anno, e o livro 御定万年書 [*Yùdìng Wànniánshū*] onde da estaçaõ proxima se contara para o dia pertendido" (Gonçalves, 1831, p. 495). Vemos que o caráter "万 *wàn* 'dez mil'" surge na sua forma tradicional na primeira citação e simplificado na segunda, enquanto o caráter final "书/書 *shū* 'livro'" aparece apenas na segunda. Embora o título apresente variação ligeira nas duas entradas, a designação comum permite associá-lo com segurança a uma obra compilada por ordem do imperador "嘉庆 *Jiāqìng*" (r. 1796–1820), a qual reúne tabelas cronológicas e dados astronómicos essenciais para a determinação de datas no calendário tradicional chinês, tendo sido posteriormente integrada na coleção Wasan da Biblioteca da Universidade Tohoku do Japão (cf. Emperor Jiaqing, Qing Dynasty)[155].

Outro aspeto que merece destaque é o tratamento da subdivisão do mês lunar em três períodos de dez dias, denominados "上旬 *shàngxún*", "中旬 *zhōngxún*" e "下旬 *xiàxún*" — ou, como Gonçalves traduz, "1.ª, 2.ª e 3.ª dezena da Lua". Esta referência é particularmente interessante quando confrontada com a entrada "SEMANA", na qual o autor observa que, em chinês, "semana" [do lat. SEPTIMANA] pode ser traduzido como "七日 *qīrì* 'sete dias'" ou "一个主日 *yí gè zhǔrì* '[período que

[155] Na mesma coleção encontram-se outros títulos relacionados, embora não exatamente idênticos, todos compilados por ordem imperial e centrados na mesma temática do calendário.

compreende] um dia do Senhor'", mas também como "一旬 *yìxún* 'uma dezena [de dias]'" (Gonçalves, 1831, p. 753), na contagem alternativa de uma semana com base em ciclos decimais. Este contraste entre as estruturas temporais da tradição europeia, centrada numa divisão septimal, e a chinesa, alicerçada numa lógica decimal, revela-se também na nomeação dos dias da semana.

Na terminologia recolhida por Gonçalves no âmbito dos dias da semana, conforme se lista na Tabela 59 acima (ver subsecção 3.2.1), o domingo surge com duas designações distintas: uma de caráter secular, "礼拜日 *lǐbài rì* 'dia do culto'", e outra de índole cristã, "主日 *zhǔrì* 'dia do Senhor'". Os restantes dias seguem uma contagem ordinal com base no domingo como primeiro dia da semana. Por exemplo, segunda e terça-feira são designadas "礼拜二/三 *lǐbài èr/sān* '[dia] 2/3 do culto'" ou "瞻礼二/三 *zhānlǐ èr/sān* '[dia] 2/3 da contemplação litúrgica'" em contexto cristão, enquanto o sábado é apresentado como o sétimo e último dia de uma semana, "礼拜七 *lǐbài qī* '[dia] 7 do culto'" ou "瞻礼七 *zhānlǐ qī* '[dia] 7 da contemplação litúrgica'". Na norma de contagem atualmente vigente na China, no entanto, a semana tem início na segunda-feira, daí a predominância das designações "星期一 *xīngqī yī* '1° dia da semana'" e "星期天 *xīngqī tiān* '[último] dia da semana'" para segunda-feira e domingo, respetivamente.

Esta distinção terminológica evidencia uma evolução semântica significativa: enquanto Gonçalves classificava "礼拜… *lǐbài…*" como denominações laicas, em contraste com "瞻礼… *zhānlǐ…*", designações cristãs (marcadas explicitamente com o símbolo "*" no *Diccionario Portuguez-China*, para assinalar a sua origem religiosa e a divulgação limitada entre o público letrado chinês), na atualidade, as formas "礼拜… *lǐbài…*" são entendidas como herança da influência religiosa cristã. Por essa razão, têm vindo a ser substituídas nas normas oficiais por expressões ainda mais neutras do ponto de vista ideológico, como "星期… *xīngqī…*". Apesar disso, as formas "礼拜… *lǐbài…*" continuam a circular como variantes situacionais, sobretudo em contextos informais, entre falantes mais idosos ou em regiões rurais. Este conjunto de observações revela o desafio intercultural subjacente à tradução de conceitos aparentemente universais, como o tempo e o calendário, que são, afinal, moldados por tradições culturais e religiosas profundamente distintas.

O último bloco didático inserido nos verbetes do *Diccionario Portuguez-China* encontra-se disponível no meio da entrada "HORA" (Gonçalves, 1831, p. 422). Trata-se de um excerto particularmente significativo, não apenas pela densidade informativa que concentra, mas também pelo modo como exemplifica a articulação entre explicação lexical e comentário pedagógico. O material em questão encontra-se reorganizado no quadro seguinte.

Tabela 73 Expressões de hora em chinês na sistematização de Joaquim Gonçalves

Hora	Divisão antiga	Subsivisão dicotómica
às 23h	子时 *zǐshí*	子初 *zǐ chū*
às 24h		子正 *zǐ zhèng*
à 1h	丑时 *chǒushí*	丑初 *chǒu chū*
às 2h		丑正 *chǒu zhèng*
às 3h	寅时 *yínshí*	寅初 *yín chū*
às 4h		寅正 *yín zhèng*
às 5h	卯时 *mǎoshí*	卯初 *mǎo chū*
às 6h		卯正 *mǎo zhèng*
às 7h	辰时 *chénshí*	辰初 *chén chū*
às 8h		辰正 *chén zhèng*
às 9h	巳时 *sìshí*	巳初 *sì chū*
às 10h		巳正 *sì zhèng*
às 11h	午时 *wǔshí*	午初 *wǔ chū*
às 12h		午正 *wǔ zhèng*
às 13h	未时 *wèishí*	未初 *wèi chū*
às 14h		未正 *wèi zhèng*
às 15h	申时 *shēnshí*	申初 *shēn chū*
às 16h		申正 *shēn zhèng*
às 17h	酉时 *yǒushí*	酉初 *yǒu chū*
às 18h		酉正 *yǒu zhèng*
às 19h	戌时 *xūshí*	戌初 *xū chū*
às 20h		戌正 *xū zhèng*
às 21h	亥时 *hàishí*	亥初 *hài chū*
às 22h		亥正 *hài zhèng*
às 23h12m20s	晚上十一下一刻十二分二十秒 *wǎnshàng shíyī xià yí kè shí'èr fēn èrshí miǎo* ㅿ子初一刻十二分二十秒 *zǐ chū yī kè shí'èr fēn èrshí miǎo*	
à 00h45m	晚上十二下三刻 *wǎnshàng shí'èr xià sān kè* ㅿ子正三刻 *zǐ zhèng sān kè*	

Fonte: Elaborada pela autora com base na entrada "HORA" do *Diccionario Portuguez-China* (Gonçalves, 1831, p. 422)

O autor começa por explicar que, no antigo sistema chinês, o dia era dividido em doze períodos designados por termos específicos do sistema tradicional dos doze ramos terrestres, já analisados na Tabela 70 Ciclo de 60 anos da tradição cronológica chinesa. Cada um desses períodos corresponde a um intervalo de duas horas, refletindo uma estrutura temporal distinta da divisão ocidental em 24 horas. Apresentadas essas doze divisões, o autor fornece dois exemplos específicos — "Às 11 da noite 子初 [*zǐ chū*] 'início da hora *zǐ*" e "À meia-noite 子正 [*zǐ zhèng*] 'meio da hora *zǐ*" — que ilustram a subdivisão dicotómica de cada um desses períodos por meio da adição dos morfemas "初 *chū* 'início'" e "正 *chū* 'reto'" aos ramos terrestres previamente apresentados. Por fim, Gonçalves oferece ainda duas expressões para horas não inteiras, apresentando equivalentes para cada uma delas que refletem os dois estilos da língua chinesa: o sublime e o vulgar. Nos exemplos fornecidos, observa-se que no estilo coloquial vigente na sua época já se utilizava a contagem numeral das horas, enquanto o sistema tradicional continuava a ser predominante no estilo sublime, evidenciando uma coexistência entre práticas cronológicas antigas e modernas.

A organização dos conteúdos cronológicos e temporais realizada por Joaquim Gonçalves no *Diccionario Portuguez-China* revela uma clara intenção de aproximar o leitor ocidental das especificidades culturais da China, recorrendo a estratégias didáticas que combinam referências tradicionais chinesas com marcos temporais ocidentais. A sistematização do calendário, a apresentação das divisões sazonais e das unidades temporais, assim como a descrição das festividades anuais, oferecem um panorama claro das práticas temporais chinesas do século XIX. Esta estrutura não só introduz o léxico específico do calendário lunar como também evidencia o papel central da lua na vida cultural e religiosa da China, funcionando como referência para outras entradas do dicionário. Trata-se, portanto, de mais um exemplo do esforço pedagógico de Gonçalves para integrar língua, cultura e práticas sociais de forma coerente e acessível. A inclusão de exercícios práticos e a comparação com o calendário europeu demonstram a preocupação do autor de mediar não apenas a língua, mas também os conceitos temporais, numa abordagem que antecipa a atual competência intercultural no ensino de línguas.

3.2.2.2. Festas anuais e celebrações litúrgicas no calendário tradicional chinês

Na mesma linha temática dos conceitos do calendário chinês, merece destaque o conjunto de festividades recolhido por Gonçalves (1831, pp. 368–369), apresentado numa secção separada intitulada "FESTAS DO ANNO" dentro do verbete da entrada "FESTA". Esta listagem é organizada segundo os meses chineses e ocidentais, que se reestrutura na Tabela 74 com base na ordem cronológica e nos sistemas de datação paralelos, permitindo uma visualização mais clara das festas em relação às suas datas lunares e solares.

Tabela 74 Festas do ano recolhidas por Joaquim Gonçalves

Lua ou Mês	Dia	Festas do Ano 周年之会 *Zhōunián zhī huì*	Tipo*
正月	Dia 1	元旦 *Yuándàn* 'Dia de Ano Novo'	1-C-C
Zhēngyuè '1.ª Lua'	Dia 7	人日 *Rénrì* 'Dia da Humanidade'	1-H-C
	Dia 15	上元 *Shàngyuán* '[Festival] do Oficial Celestial do Céu'	5-C-D
		元宵 *Yuánxiāo* 'Noite do Divino Celestial'	1-C-C
		灯节 *Dēngjié* 'Festival das Lanternas'	1-C-C
Março	Dia 26	春社 *Chūnshè* 'Sacrifício da Primavera'	5-H-D
Abril	Dia 4	寒食 *Hánshí* 'Comida Fria'	1-H-C
	Desde dia 5 (40 dias)	清明上坟 *Qīngmíng shàngfén* 'Visita aos túmulos no festival Qingming'	1-C-C
		祭扫 *Jìsǎo* 'Limpeza e veneração'	1-C-C
二月	Dia 1	中和节 *Zhōnghé jié* 'Festa da Harmonia'	5-H-O
Èryuè '2.ª Lua'		金钱会 *Jīnqián huì* 'Festa das moedas'	5-H-O
	Dia 2	土地旦 *Tǔdì dàn* 'Aniversário do Divino da Terra'	4-H-D
	Dia 3	文昌旦 *Wénchāng dàn* 'Aniversário de Wenchang'	4-H-D
	Dia 15	花朝 *Huāzhāo* 'Festa das Flores'	2-H-C
	Dia 19	观音旦 *Guānyīn dàn* 'Aniversário de Guanyin'	4-H-B

三月 *Sānyuè* '3.ª Lua'	Dia 3	上巳 *Shàngsì* 'Festival da Purificação'	3-H-C
	Dia 5	冷节 *Lěngjié* 'Festa do Frio'	6-H-O
	Dia 23	天后旦 *Tiānhòu dàn* 'Aniversário da Imperatriz Celestial'	4-H-D
四月 *Sìyuè* '4.ª Lua'	Dia 8	浴佛 *Yùfó* 'Nascimento de Buda'	4-H-B
	Dia 17	金花夫人旦 *Jīnhuā fūrén* dàn 'Aniversário da Senhora Jinhua'	4-H-O
	Dia 18	娘娘天会 *Niángniang tiānhuì* 'Festa Celeste da Senhora'	6-H-D
五月 *Wǔyuè* '5.ª Lua'	Dia 5	蒲节 *Pújié* 'Festival da Erva *Pú*' 端午 *Duānwǔ* 'Festival Duanwu' 龙船 *Lóngchuán* 'Barcos-dragão'	1-H-C 1-C-C 1-C-C
	Dia 13	竹醉日 *Zhúzuì rì* 'Dia do Plantio de Bambu' 关帝旦 *Guāndì dàn* 'Aniversário do Rei Guanyu'	2-H-C 4-H-D
六月 *Liùyuè* '6.ª Lua'	Dia 6	天贶 *Tiānkuàng* 'Graça Celeste'	6-H-O
Junho	Dia 21	夏至 *Xiàzhì* 'Solstício de Verão', 伏日 *Fúrì* 'Início dos dias de calor intenso'	2-C-C 2-C-C
七月 *Qīyuè* '7.ª Lua'	Dia 7	七夕 *Qīxī* 'Festa das Sete Noites' 巧日 *Qiǎorì* 'Dia da Habilidade Feminina'	3-C-C 3-C-C
	Dia 14	孟兰胜会 *Yúlán shènghuì* 'Grande Festa de Ullambana' 建醮 *Jiànjiào* 'Oferecer sacrifícios' 分衣施食 *Fēnyī shīshí* 'Distribuir roupa e alimentos'	5-H-O 5-H-D 5-H-D
	Dia 15	中元 *Zhōngyuán* '[Festival] do Oficial Celestial'	5-C-D
	Dia 22	财神星君旦 *Cáishén xīngjūn dàn* 'Aniversário do Deus da Fortuna'	4-H-D
Setembro	Dia 26	秋社 *Qiūshè* 'Sacrifício do Outono'	5-H-D
八月 *Bāyuè* '8.ª Lua'	Dia 15	中秋 *Zhōngqiū* 'Festival do Meio do Outono'	1-C-C
九月 *Jiǔyuè* '9.ª Lua'	Dia 9	重阳 *Chóngyáng* 'Festa do Duplo Nove' 登高 *Dēnggāo* 'Subida às Alturas'	2-C-C 2-C-C
	Dia 28	华光旦 *Huáguāng dàn* 'Aniversário de Huaguang'	4-H-D
十月 *Shíyuè* '10.ª Lua'	Dia 1	朝陵 *Cháolíng* 'Visita aos Túmulos Imperiais'	6-H-O
	Dia 15	下元 *Xiàyuán* '[Festival] do Oficial Celestial'	5-H-D
十一月 *Shíyīyuè* '11.ª Lua'	Dez. 22	冬至 *Dōngzhì* 'Solstício de Inverno', 冬烝 *Dōngzhēng* 'Rito Ancestral de Inverno'	2-C-C 2-H-C
十二月 *Shíèryuè* '12.ª Lua'	Dia 23	送灶 *Sòngzào* 'Despedida do Deus do Fogão'	1-C-D
	Dia 30	除夕 *Chúxī* 'Véspera de Ano Novo'	1-C-C

Fonte: Adaptada pela autora de Gonçalves (1831, pp. 368–369).

Nota. As transcrições em *Pinyin* assim como traduções literais entre plicas foram acrescentadas pela autora.

*Na última coluna "Tipo", as festividades apresentadas foram classificadas com base nos seguintes critérios: 1. Natureza da Festa (Função/Significado): 1) Festas de Ano Novo e Celebrações Principais; 2) Festas Sazonais ou Agrícolas; 3) Festas Românticas ou Amorosas; 4) Aniversários de Divindades ou Figuras Históricas; 5) Festas Comunitárias; 6) Festas Populares Menores ou Regionais; 2. Continuidade Histórica: C - Contemporâneas; H - Históricas; 3. Origem Cultural: C - Chinesa Tradicional; B - Budista; D - Daoista; O - Outra.

Vemos nesta tabela que as festividades são apresentadas ora de acordo com o calendário tradicional chinês ora com datas de referência do calendário ocidental. Este conjunto de celebrações reflete o quotidiano cultural e social da China no século XIX, abrangendo tanto práticas populares como rituais específicos. Os registos de Gonçalves enriquecem o conteúdo cultural das suas obras e contribuem para a compreensão histórica das tradições festivas no ensino do chinês aos europeus.

As celebrações podem ser agrupadas de acordo com a sua função ou significado, incluindo: 1) Celebrações de grande importância social e cultural, frequentemente associadas ao início de ciclos ou momentos significativos do ano; 2) Festas relacionadas com as estações do ano, colheitas ou práticas agrícolas; 3) Festas associadas a casais, relações amorosas ou encontros românticos; 4) Festividades

dedicadas ao nascimento ou à memória de figuras divinas, lendárias ou históricas; 5) Celebrações coletivas, geralmente ligadas a comunidades locais ou rituais sociais; 6) Festas menos conhecidas ou limitadas a determinadas regiões. Algumas dessas festividades continuam a celebrar-se nos dias de hoje, enquanto outras, embora relevantes na época de Gonçalves, já não são observadas atualmente, pelo menos na maior parte da sociedade chinesa. Quanto à continuidade histórica, distinguem-se entre festas contemporâneas (C) e festas históricas (H). Além disso, as festas são também de origens distintas: algumas têm raízes na cultura chinesa ancestral (C), enquanto outras estão associadas a tradições religiosas, como o budismo (B) ou o daoismo (D), ou taoismo. Adicionalmente, algumas festividades possuem origens diversas ou difíceis de classificar numa única tradição, sendo por isso agrupadas na categoria "outra" (O). Esta distinção permite compreender melhor o contexto sociocultural em que cada celebração se insere, refletindo a complexidade das tradições festivas no universo cultural chinês.

Entre as festividades que continuam a ser celebradas hoje, destacam-se algumas designações alternativas que já não são comuns na atualidade, como "上元 *Shàngyuán*" para o Festival das Lanternas, "蒲节 *Pújié*" para o Festival dos Barcos-Dragão e "冬烝 *Dōngzhēng*" para o Solstício de Inverno. De entre esses elementos, a primeira referência "上元 *Shàngyuán*" faz parte de um conjunto com "中元 *Zhōngyuán*" e "下元 *Xiàyuán*", formando o grupo denominado "三元 *Sānyuán*". Na tradição daoista, este conceito refere-se a três elementos fundamentais que compõem todas as coisas: céu, terra e água. Além disso, essas três festividades são também conhecidas como celebrações dedicadas aos "三官 *Sānguān*" – os três oficiais celestiais, "天官 *Tiānguān* 'oficial celestial do céu'", "地官 *Dìguān* 'oficial celestial da terra'" e "水官 *Shuǐguān* 'oficial celestial da água'", considerados divindades que supervisionam os três domínios (Hu, 1995, p. 1449). Atualmente, apenas o Festival Zhongyuan continua a ser celebrado, já desvinculado da sua origem daoista, sendo geralmente conhecido como Festival dos Fantasmas Famintos ("Hungry Ghost Festival") (cf. Stepanchuk & Wong, 1991, pp. 71–80).

Outro ponto interessante é a duração das práticas de limpeza dos túmulos e veneração dos antepassados mencionada por Gonçalves no contexto do Festival Qingming (清明 *Qīngmíng* 'Clareza Pura'), que se estendem por 40 dias a partir de 5 de abril. Atualmente, essas atividades costumam ocorrer de forma mais concentrada entre os dias 4 e 6 de abril, coincidindo com o Festival Hanshi (寒食 *hánshí* 'comida fria'). De acordo com Huang (2004, pp. 17–18), o Festival Hanshi era celebrado nos dias que precediam o Festival Qingming e tinha como principais características a proibição do uso do fogo e o consumo de alimentos frios, sendo também associado a rituais comemorativos dos antepassados. A sua origem remonta à dinastia Han, e ao longo do tempo, especialmente durante os

períodos Tang e Song, as práticas do Hanshi foram-se fundindo com os costumes do Qingming, como a limpeza de túmulos e os passeios da primavera. Essa fusão acabou por integrar o Hanshi nas celebrações do Qingming, contribuindo para a transformação do segundo num festival mais amplo de veneração ancestral e atividades de lazer. Na lista de Gonçalves, o Festival Hanshi aparece posicionado entre o sacrifício da primavera (春社 *Chūnshè*) e o Qingming, refletindo esta ligação histórica. Além disso, é curioso notar que Gonçalves regista, para o quinto dia da terceira lua, uma celebração designada "冷节 *Lěngjié* 'Festa do Frio'", cuja nomenclatura é pouco comum e não se encontra atestada em outras fontes contemporâneas. Pela data e designação, sendo a "Festa do Frio" referida no calendário lunar e o Hanshi no calendário solar, é plausível que se trate de uma referência ao Festival Hanshi, dada a associação comum à "comida fria" e à proibição de uso do fogo. Não sabemos, contudo, se esta distinção se deve a uma variante regional, a uma interpretação específica da fonte usada por Gonçalves ou a uma mudança histórica que entretanto caiu em desuso.

Entre as festividades abandonadas da lista de Gonçalves, destaca-se um conjunto significativo de aniversários, muitos dos quais foram acrescentados ao Inventário do Património Cultural de Macau em 2020, como as celebrações dedicadas a Guanyin (*Kun Iam* em cantonês), Huaguang (*Va Kong* em cantonês), Rei Guanyu (*Kuan Tai* em cantonês) e Buda (cf. Instituto Cultural, sem data). Além disso, crenças e costumes associados a Mazu (*A-Má* em cantonês) e ao Divino da Terra (*Tou Tei* em cantonês) foram igualmente integrados na lista do Património Cultural Intangível de Macau em 2017 (cf. Instituto Cultural, sem data). Encontram-se, porém, outros aniversários que não parecem estar especificamente associados à península de Macau, onde Gonçalves permaneceu, nomeadamente as celebrações de Wenchang, da Senhora Jinhua e do Deus da Fortuna. A primeira e a última celebrações são de origem daoista[156]: a primeira homenageia o divino dos estudos e das posições sociais, considerado no daoismo como o protetor dos cargos oficiais e do sucesso nos exames imperiais (Hu, 1995, p. 1505); a última, por sua vez, celebra o divino da fortuna, venerado como protetor da prosperidade e dos bens materiais (Hu, 1995, p. 1519)[157]. Em contraste, a segunda festividade tem uma origem popular e regional, pois, segundo Jiang (2022, p. 95), as celebrações dedicadas à "金花夫人 *Jīnhuā fūrén* 'Senhora Jinhua'", também conhecida como "金花娘娘 *Jīnhuā niángniang* 'Deusa Jinhua'" ou "惠福夫人 *Huìfú*

[156] "文昌 *Wénchāng*" também costuma ser referido como "文昌帝君 *Wénchāng Dìjūn*" ou "文昌星君 *Wénchāng Xīngjūn*". Tanto "帝君 *Dìjūn*" como "星君 *Xīngjūn*" são títulos divinos do Daoismo, utilizados para designar deidades de alta hierarquia dentro do panteão Daoista (cf. Hu, 1995, p. 1475).

[157] Segunda a *Enciclopédia do Daoismo Chinês* (Hu, 1995, p. 1519), existem várias interpretações sobre a data de celebração do aniversário do divino da fortuna, dependendo da tradição regional e da figura venerada: numa versão, celebra-se no segundo dia do primeiro mês lunar, considerado o aniversário de 赵公明 *Zhào Gōngmí*ng; noutra, no quinto dia do primeiro mês lunar, atribuído ao Deus da Rota; também se menciona o 15.º dia do sexto mês lunar como aniversário de 赵玄坛 *Zhào Xuántán*, e ainda há quem celebre no dia 22 do sétimo mês lunar, conforme documentado por Gonçalves.

Fūrén 'Senhora da Benevolência'", têm raízes profundas na tradição local de Cantão, sendo ela uma divindade regional associada à fertilidade, amplamente venerada em Guangdong e pelas comunidades chinesas de origem cantonense no estrangeiro.

Ainda no âmbito das influências budista e daoista, destacamos a Festa Celeste da Senhora, celebrada no dia 18 da quarta lua, e os rituais do dia 14 da sétima lua. Pela data e designação, é possível que a primeira corresponda às celebrações dedicadas a "碧霞元君 *Bìxiá Yuánjūn* 'Deusa Bixia'", uma divindade feminina amplamente venerada no norte da China. Essa figura, também conhecida como "泰山娘娘 *Tàishān Niángniang* 'Deusa da Montanha Tai'", era considerada protetora da fertilidade, do parto seguro e da família. O culto a esta deusa atingiu o seu auge durante as dinastias Ming e Qing, período em que templos em sua honra foram erguidos não apenas em Tai'an (cidade ao sopé do Monte Tai), mas também em várias regiões do país (cf. J. Lyu, 1994, p. 60), abrangendo possivelmente também o sul da China. Quanto ao dia 14 da sétima lua, Gonçalves apresenta três termos distintos: "盂兰胜会 *Yúlán shènghuì* 'Grande Festa de Ullambana'", "建醮 *Jiànjiào* 'realizar rituais'" e "分衣施食 *Fēnyī shīshí* 'Distribuir roupa e alimentos'". A primeira designação também é referida alternativamente como "盂兰节 *Yúlán Jié* 'Festival de Ullambana'" ou "Festa dos Espíritos Esfomeados" (cf. Instituto Cultural, sem data), sendo amplamente celebrada pela população de Macau e de outras regiões do Sudeste Asiático, como Hong Kong, Taiwan e o Japão (cf. Shiga, 2019, p. 65). Os outros dois termos descrevem os rituais associados a este festival dedicados aos defuntos, referindo-se o caráter "醮 *jiào* 'ritual de oferendas'" especificamente às práticas litúrgicas e sacrifícios da tradição daoista (Hu, 1995, p. 518).

Estas expressões descritivas surgem igualmente na entrada "SACRIFÍCIO" do *Diccionario Portuguez-China* (cf. Gonçalves, 1831, p. 738), na qual o "Sacrifício de chá aos defuntos" é equiparado às expressões "奠茶上祭/供 *diànchá shàngjì/gòng* 'oferecer chá como sacrifício/oferta'" e "打醮 *dǎ jiào* 'dar oferendas'", enquanto o "Sacrifício aos defuntos desamparados" corresponde a "施食儀 *shīshí yí* 'rito de distribuição de alimentos'". Segundo Shiga (2019, p. 84), antes das décadas de 1960 e 1970, a cidade de Hong Kong era frequentemente assolada por desastres naturais, como tufões, e por naufrágios, sendo simultaneamente destino de grandes fluxos de migrantes e refugiados em condições precárias. Nesse contexto, o objetivo principal das celebrações no contexto da Grande Festa de Ullambana era oferecer sustento e consolo aos espíritos solidários, ou seja, às almas dos que morreram em catástrofes ou acidentes sem familiares que os venerassem. Durante o festival, os alimentos eram distribuídos como oferendas a esses espíritos famintos, descritos como "defuntos esfarrapados, famintos e miseráveis", perpetuando um gesto de compaixão e solidariedade popular. Estas referências evidenciam a forte presença das influências daoistas e budistas na sociedade chinesa da época de

Gonçalves, refletindo a integração de cultos populares e religiosos no quotidiano cultural, especialmente nas regiões do sul da China, onde tradições locais e práticas devocionais coexistiam.

Mais duas festividades associadas a práticas litúrgicas são os sacrifícios sazonais "春社 *chūnshè* 'Sacrifício da Primavera" e "秋社 *qiūshè* ''Sacrifício do Outono", duas celebrações rituais que deixaram de ser amplamente praticadas na atualidade. A entrada "SACRIFÍCIO" do *Diccionario Portuguez-China* fornece uma indicação relevante neste contexto, ao mencionar os quatro sacrifícios do imperador: "ao Céu, à Terra, aos montes e rios, e aos deuses do tempo e das searas", acompanhados da expressão original: "祭天、地、山川、社稷 *jì tiān, dì, shān chuān, shè jì*" (Gonçalves, 1831, p. 738). Os últimos dois morfemas "社 *shè*" e "稷 *jì*" foram interpretados por Gonçalves como "tempo" e "searas", respetivamente. Segundo Cao (2007, p. 89), os rituais dedicados aos deuses da terra[158] e das searas (社神 *shèshén* e 稷神 *jìshén*) não se restringiam à corte imperial, mas tinham também um forte enraizamento popular, sendo associados à agricultura e à vida comunitária. Os dias de sacrifício, chamados "社日 *shèrì*", assumiam entre o povo um caráter festivo, com peças de teatro ("社戏 *shèxì*") e espetáculos pirotécnicos ("社火 *shèhuǒ*"), funcionando como importantes momentos de convívio e celebração popular. De acordo com Cao (2007, p. 90), antes das dinastias Qin e Han estes festivais sazonais figuravam entre as celebrações populares mais importantes. Durante os períodos Tang e Song alcançaram um nível de popularidade tal que chegaram a superar festividades como o Festival do Meio do Outono. No entanto, a partir das dinastias Yuan e Ming entraram em acentuado declínio, subsistindo apenas em algumas regiões mais remotas. A presença destas celebrações na lista de Gonçalves levanta a dúvida sobre se correspondiam, de facto, a festividades ainda vivas no seu tempo ou se resultaram antes do recurso a fontes literárias antigas, que preservavam tradições já em declínio.

Das restantes festividades históricas, destaca-se, em primeiro lugar, um conjunto de celebrações esquecidas com origens diversas ou mistas. Entre elas sobressaem as que ocorrem em datas simétricas do calendário lunar, como o Festival "上巳 *Shàngsì*" no terceiro dia da terceira lua e o Festival "天贶 *Tiānkuàng*" no sexto dia da sexta lua. Segundo Jia (2015, p. 63), o Festival de Shangsi surgiu na dinastia Han Oriental a partir da fusão de antigos rituais de purificação "祓 *Fú*" com tabus sazonais. Durante os períodos Wei, Jin e das Dinastias do Norte e Sul transformou-se num festival de lazer, com

[158] Quanto à identificação do deus "社 *Shè*", alguns estudos sugerem que se trata de uma divindade associada não à terra, mas sim à água (cf. M. Jiang & Liang, 2022), o que contrasta com a leitura mais comum como deus do solo e da agricultura. Seja qual for a origem exata, ambas as interpretações se afastam da explicação oferecida por Gonçalves, que traduz esta figura divina como "deus de tempo". É curioso ponderar se essa associação feita por Gonçalves poderá dever-se ao facto de os sacrifícios associados a esta entidade sagrada se realizarem duas vezes por ano, no início da primavera e do outono, o que pode ter levado o autor, ou as suas fontes, a relacioná-los com as estações ou com a passagem do tempo.

práticas como o "曲水流觞 *qǔshuǐ liúshāng* '[beber vinho enquanto] as taças flutuam em canais de água', cavalgadas e passeios primaveris. Devido à proximidade temporal entre o Festival de Shangsi e o Festival de Qingming, várias das tradições ligadas ao primeiro, especialmente os passeios primaveris, foram gradualmente incorporadas nas práticas do Qingming (Huang, 2004, p. 18). No período Tang, o Festival de Shangsi atingiu o seu auge, tendo assumido também caráter oficial, mas entrou em declínio a partir da dinastia Song, sobrevivendo apenas em regiões isoladas do sudoeste da China (Y. Jia, 2015, p. 63). Desde as dinastias Song até às Ming e Qing, o Festival de Shangsi passou a ser geralmente celebrado apenas como parte integrante das tradições do Festival Qingming. O acolhimento deste festival na lista de Gonçalves, apresentado de forma autónoma e não como parte integrante de Qingming, sugere que o autor o reconhecia ainda como uma celebração distinta, o que pode refletir a persistência local da tradição ou o recurso a fontes clássicas que o descreviam de modo separado.

Por outro lado, o Festival de Tiankuang (天贶 *Tiānkuàng*), instituído na dinastia Song, celebra a receção de uma "escritura celeste" (天书 *tiānshū*) pelo imperador Zhenzong. Apesar da sua origem remota, o Festival de Tiankuang integrou as festividades menores dos comerciantes de Shanxi (晋商 *Jìnshāng*) durante a dinastia Qing, sobretudo a partir do reinado de Daoguang. Nessa altura, os comerciantes originários dessa região encontravam-se espalhados por todo o território chinês e haviam deixado para trás o estilo de vida agrícola dos seus antepassados, assumindo-se como "comerciantes eruditos" (儒商 *rúshāng*) ou mesmo como "comerciantes-oficiais" (官商 *guānshāng*). As celebrações festivas, que anteriormente se restringiam ao seio familiar, passaram então a ser grandes eventos sociais, marcados por rituais elaborados e por um forte caráter público (cf. Cheng, 2003, pp. 136, 141). Neste contexto, a inclusão deste festival antigo na lista de Gonçalves poderá estar relacionada com a sua relevância entre grupos influentes da época, como os comerciantes de Shanxi[159], cujas práticas festivas ultrapassavam o âmbito privado e assumiam visibilidade pública, tornando-se assim referências culturais dignas de registo num dicionário voltado para a realidade sociocultural chinesa do século XIX.

A documentação do Dia da Humanidade, registado por Gonçalves no sétimo dia da primeira lua sob a designação de "人日 *Rénrì*", revela um elemento festivo de longa duração na tradição chinesa. Han (2010, p. 45) afirma que este dia, considerado o aniversário coletivo da humanidade, é celebrado na China há pelo menos dois mil anos. Durante a dinastia Han estava associado a práticas de adivinhação do destino; nos períodos Wei e Jin ligava-se a atividades ao ar livre, como escaladas. Na dinastia Tang

[159] É de notar, no entanto, que nem todas as festividades celebradas por este grupo de comerciantes, tal como se acham identificadas no estudo de Cheng (2003), estão presentes na lista compilada por Gonçalves, o que sugere uma seleção parcial ou dependente das fontes a que teve acesso.

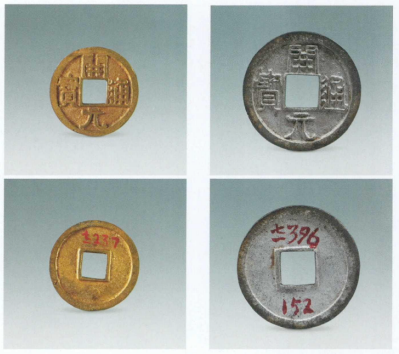
adquiriu um caráter mais simbólico e afetivo, com a utilização de adornos de boas-vindas à primavera e a troca de recortes de papel colorido como forma de expressão emocional. Com o passar do tempo, sobretudo a partir das dinastias Ming e Qing, o festival entrou em declínio, esbatendo-se gradualmente na vida quotidiana, em parte devido ao reforço do poder político central. A sua presença na lista de Gonçalves, num período em que o festival já não se encontrava entre as celebrações principais, poderá indicar ou a sua persistência regional no sul da China, onde Gonçalves recolheu os dados, ou a inclusão com base em fontes literárias mais antigas.

De forma semelhante, Gonçalves documenta duas celebrações antigas no primeiro dia da segunda lua: a "中和节 *Zhōnghé jié* 'Festa da Harmonia'" e a "金钱会 *Jīnqián huì* 'Festa das moedas'", ambas com origem na dinastia Tang. Segundo Tong (2007, p. 75), a Festa da Harmonia foi instituída no quinto ano da era Zhenyuan (789 d.C.) e incluía, no contexto imperial, a cerimónia do 藉田 *jìtián*, isto é, um ritual no qual o imperador e altos dignitários aravam simbolicamente os campos antes do início da primavera. Os funcionários apresentavam livros agrícolas com recomendações para o cultivo e eram recompensados com poemas e instrumentos de medição durante um banquete. Fora da corte, realizavam-se oferendas e sacrifícios com votos de boas colheitas, acompanhados de atividades festivas e lúdicas. Tong (2007, p. 77) relata que, após a dinastia Tang, o Festival de Zhonghe entrou em declínio gradual. Embora ainda fosse celebrado na corte durante os períodos das Cinco Dinastias e Song, foi perdendo relevância tanto entre as elites como no seio do povo. Na dinastia Ming restavam apenas vestígios simbólicos, e na dinastia Qing já não era oficialmente assinalado, sobrevivendo apenas em práticas populares esporádicas. O declínio explica-se pela indefinição dos seus costumes, pela sua associação inicial às elites e pela concorrência com festividades mais populares, como a "Festa das Flores" (花朝 *Huāzhāo*), que igualmente consta no inventário de Gonçalves.

Durante a dinastia Tang, o império experimentou um grande florescimento político, económico e cultural. Com uma administração centralizada eficaz, intensa atividade artística e vida cortesã vibrante, desenvolveram-se rituais e festividades sofisticados. Nesses contextos, objetos de ouro e prata eram usados como recompensa imperial, associando o entretenimento ao reforço do poder do trono. Tian (2020, p. 7) explica que foi neste contexto que surgiu a chamada "Festa das Moedas", uma celebração promovida pelo imperador em que os altos funcionários da corte eram convidados para um banquete no Palácio Imperial, no qual eram recompensados num ambiente festivo. De acordo com registos históricos citados pelo autor, esta festividade realizou-se pela primeira vez em 713, logo após a ascensão do imperador Xuanzong (r. 713–756). Durante o evento, os criados próximos ao imperador lançavam moedas de ouro e prata do piso superior do palácio, enquanto os oficiais de alto escalão as recolhiam

no pátio inferior. As moedas distribuídas durante as festividades, embora não se destinassem à circulação monetária, reproduziam a aparência das moedas correntes da época, habitualmente cunhadas em cobre, como se pode observar na Figura 6.

Figura 6 Exemplares de Moedas Cerimoniais: Ouro (à esquerda) e Prata (à direita)



Fonte: reproduzida de Tian (2020, p. 6).

Apesar de se tratar de uma celebração associada exclusivamente à dinastia Tang, considerada a época áurea da China imperial, a Festa das Moedas integra a lista de Gonçalves, o que levanta a hipótese de o padre vicentino ter recorrido a fontes históricas ou de a tradição ter perdurado de alguma forma residual até ao seu tempo.

Ainda durante a segunda lua, Gonçalves documenta a "Festa das Flores" (花朝 *Huāzhāo*), uma celebração tradicional da primavera com origem no final da dinastia Tang. Há três explicações principais para a origem desta festividade: uma diz que começou com a imperatriz Wu Zetian, que mandava fazer bolos de flores para oferecer aos ministros; outra sugere que surgiu por ser a data central da primavera, o dia 15 do segundo mês lunar, funcionando como o "aniversário das flores"; a terceira liga o festival ao culto de divindades florais, como a deusa 女夷 *Nǚyí*, protetora do crescimento das plantas (Z. Ma, 2015, p. 67). Embora atualmente esteja em desuso, em períodos anteriores a sua relevância rivalizava com as do Festival das Lanternas e do Festival do Meio do Outono. Segundo Ma (2015, pp. 68–70), o festival floresceu durante as dinastias Song, Yuan, Ming e Qing, especialmente entre os séculos XVI e XVIII, envolvendo mercados de flores, procissões e rituais em honra das divindades florais, com ampla participação popular e erudita. A partir do final da dinastia Qing entrou em declínio, tornando-se uma tradição residual, sobretudo de caráter literário. Na contemporaneidade tem vindo a conhecer um processo de revitalização em algumas regiões. Após o abandono do Festival de Zhonghe, a Festa das Flores passou a incorporar algumas das suas práticas e a ocupar o seu espaço simbólico nas celebrações sazonais da primavera. Embora ambas as festividades constem na lista de Gonçalves, a trajetória

histórica e a ampla expressão social da Festa das Flores indicam que, à época do autor, esta era uma das principais celebrações do calendário tradicional chinês.

Outra festividade relacionada com plantas é o Dia do Plantio do Bambu (竹醉日 *Zhúzuì rì*, 'Dia da Embriaguez do Bambu'), registado por Gonçalves no dia 13 da quinta lua, a par do aniversário do Rei Guanyu. Segundo Zhang (2013, p. 99), esta data é considerada, tanto na China como na Coreia, como o "aniversário do dragão" e do bambu. Com origem nas Dinastias do Norte e do Sul, esta celebração tem um duplo significado: agrícola, como o melhor momento para plantar bambu, e ritual, ligada ao culto do dragão e ao desejo de fertilidade. Em regiões como Shandong e Zhejiang, há ainda o costume de plantar bambu após o nascimento de uma criança, e nas cerimónias de casamento coreanas o bambu simboliza a prosperidade dos descendentes. A inclusão deste festival na lista de Gonçalves pode refletir a sua observação de tradições populares ainda vivas no império chinês na época.

A última festividade histórica mencionada por Gonçalves ocorre na décima lua e está associada ao "朝陵 *cháolíng*", ou seja, à visita e veneração dos túmulos imperiais. Segundo Zhang Xiaohong (2010), esta prática remonta à dinastia Qin, que fixou o primeiro dia da décima lua como início do ano civil, marcado por rituais palacianos com alcance restrito à corte. Ao longo das dinastias, a celebração evoluiu, atingindo o seu auge na dinastia Song, com cerimónias oficiais e práticas populares de culto aos antepassados: o imperador prestava homenagem aos antepassados imperiais, os funcionários recebiam novas vestes cerimoniais e o povo em geral reunia-se em torno dos túmulos familiares para oferecer alimentos e celebrar em comunidade. A partir da dinastia Yuan, o foco deslocou-se para a queima de peças de roupa de papel, surgindo o nome "Festival da Roupa de Inverno" (寒衣节 *Hányī jié*). Durante a dinastia Qing manteve-se a sua dimensão oficial na corte, enquanto entre o povo persistia sobretudo como rito ancestral simbólico. A referência de Gonçalves à designação "朝陵 *cháolíng*", referindo-se o caráter "陵 *líng*" , em geral, a túmulos imperiais, sugere que, à época, esta celebração se mantinha sobretudo no âmbito ritual da corte, como prática cerimonial oficial.

Como conclusão deste ponto, reconhecemos, em primeiro lugar, o notável valor histórico e cultural do inventário de festividades registado por Gonçalves, podendo ainda hoje contribuir para completar o repositório atual das festividades chinesas e respetiva terminologia, principalmente em locais como Macau e Cantão. Através da presente análise, verificámos que algumas das celebrações por ele documentadas continuam ainda hoje a ser amplamente praticadas, em especial as grandes festividades do calendário tradicional chinês, como o Ano Novo Lunar e o Festival das Lanternas. No entanto, o inventário inclui também um número significativo de celebrações atualmente abandonadas, entre as quais sobressaem diversos aniversários ligados a figuras importantes das religiões indígenas chinesas,

bem como festividades originárias da dinastia Tang — período de maior prosperidade da história imperial chinesa —, que foram gradualmente caindo em desuso ou que aparentam ter sido específicas dessa época. Tudo isto parece sugerir que a lista de Gonçalves não resulta apenas de uma observação do quotidiano vivido em Macau, mas também do recurso a fontes históricas e literárias de diferentes períodos. Para uma compreensão mais profunda deste acervo e das suas possíveis origens, será necessário, em futura investigação, realizar um estudo mais detalhado sobre a evolução histórica e geográfica de cada um dos festivais cuja continuidade ou relevância regional permanece incerta.

3.2.2.3. Hierarquia administrativa: insígnias, tratamentos e distinções oficiais

Neste ponto analisaremos dois verbetes do *Diccionario Portuguez-China*, os das entradas "INSÍGNIA" e "TRATAMENTO", nos quais Joaquim Gonçalves apresenta, de forma sistematizada e didática, os diferentes graus da hierarquia oficial chinesa. Através da descrição do material e cores dos remates dos barretes, bem como da explicação dos tratamentos adequados a cada categoria funcional, o autor oferece aos leitores ocidentais uma introdução prática à estrutura da administração imperial. Apresentaremos, por fim, um inventário dos cargos identificados nas diferentes ordens, tal como registados no próprio dicionário. O objetivo desta análise é, assim, rever a hierarquia administrativa do império chinês no início do século XIX, tal como a documenta Gonçalves nas suas obras, destacando os critérios simbólicos e linguísticos utilizados na sua apresentação.

Na entrada "INSÍGNIA", depois de propor um conjunto de equivalentes chineses para o termo 'insígnia', nomeadamente "体面 [*tǐmiàn* 'apresentação exterior']" e "頂戴 [*dǐngdài* 'ornamento de topo']" no estilo coloquial, e "衣領 [*yīlǐng* 'gola da roupa']", "紳衿[*shēnjīn* 'aba dos letrados']" e "有品之衣 [*yǒu pǐn zhī yī* 'roupa de quem tem [um] grau']" no estilo clássico geral, Gonçalves acrescenta uma explicação sistematizada de natureza pedagógica, que descreve os remates dos barretes usados pelos funcionários públicos segundo a sua ordem hierárquica:

> Nota. A insígnia da nobreza China, que na dynastia presente se reduz aos empregados, principalmente consiste no remate do barrete, como se segue.
>
> A primeira, e segunda ordem tem remate de pedra preciosa vermelha (o da segunda mais pequeno) 一二品用紅寶石頂戴 [*yī èr pǐn yòng hóng bǎoshí dǐngdài*]
>
> A terceira, e quarta de pedra azul 三四品用藍寶石頂 [*sān sì pǐn yòng lán bǎoshí dǐng*]
>
> A quinta de cristal, ou vidro claro 五品用水晶及明玻璃頂兒 [*wǔ pǐn yòng shuǐjīng jí míng bōli dǐngr*]
>
> A sexta de jaspe, ou vidro baço 六品用碑碟及涅玻璃頂戴 [*liù pǐn yòng chēqú jí niè bōli dǐngdài*]
>
> A setima, oitava, e nona, de ouro lavrado 七八九品用起花金頂兒 [*qī bā jiǔ pǐn yòng qǐhuā jīn dǐngr*]

(em resumo) 一二品有紅頂兒。三四品有藍頂兒。五六品有白頂兒。七八九品有金頂兒 [*Yī èr pǐn yǒu hóng dǐngr. Sān sì pǐn yǒu lán dǐngr. Wǔ liù pǐn yǒu bái dǐngr. Qī bā jiǔ pǐn yǒu jīn dǐngr*] (Gonçalves, 1831, p. 450)

Esta explicação breve ajuda os leitores ocidentais a reconhecer de forma prática a hierarquia dos oficiais na administração imperial chinesa, com base no ornamento mais visível no topo dos barretes. Na apresentação de Gonçalves, a escala administrativa é descrita em nove graus distintos, cujas insígnias variam não apenas na cor, mas também no material utilizado. O autor acrescenta, entre parênteses, que quando dois graus partilham o mesmo tipo de insígnia, a diferença reside frequentemente na dimensão do ornamento, sendo este geralmente mais pequeno no grau inferior.

Para melhor compreender a estrutura hierárquica e os elementos visuais associados aos diferentes graus da administração imperial chinesa, é pertinente observar as ilustrações dos trajes e insígnias usados pelos funcionários das nove ordens oficiais. Apresentamos de seguida um conjunto de imagens tradicionais atribuídas a Zhou Peichun[160] (1890), extraídas da sua obra "《清代文武官员品级图》 *Qīngdài wénwǔ guānyuán pǐnjí tú* 'Ilustrações dos Graus Hierárquicos dos Funcionários Civis e Militares da Dinastia Qing'"[161] (Figura 7), que representam os trajes distintivos dos mesmos, organizados de acordo com os respetivos graus hierárquicos.

[160] 周培春 *Zhōu Péichūn* foi um pintor chinês que viveu entre cerca de 1880 e 1910, conhecido pelas suas obras que retratam a vida quotidiana e os costumes de Pequim durante o final da dinastia Qing. Terá sido aprendiz do pintor britânico George Chinnery (1774–1825), então radicado em Macau, de quem terá aprendido técnicas ocidentais de representação (R. Liu & Popova, 2014, p. 120). Estabelecido na capital chinesa, Zhou fundou o seu próprio ateliê, dedicando-se à produção de álbuns de pinturas destinados sobretudo a clientes estrangeiros. As suas obras, frequentemente assinadas com o selo "北京周培春畫 *Běijīng Zhōu Péichūn huà* 'Pintura de Zhou Peichun [em] Pequim', são reconhecidas pelo estilo detalhado e realista, captando cenas do quotidiano, trajes tradicionais e práticas culturais da época. Hoje, os seus trabalhos encontram-se em diversas coleções internacionais, incluindo museus e instituições académicas.

[161] Esta coleção, atualmente conservada no *The Metropolitan Museum of Art*, não apresenta uma datação precisa. No entanto, segundo Ceng Wei (2019), a série integra-se num conjunto de obras atribuídas ao pintor de arte popular e de exportação Zhou Peichun, que viveu em Pequim no final da dinastia Qing. O conjunto inclui cinco séries distintas: Pinturas de Letreiros de Lojas de Pequim (18 imagens), Representações dos Graus dos Funcionários Civis e Militares da Dinastia Qing (17 imagens), Imagens de Divindades Populares (50 imagens), Belezas da Antiguidade (20 imagens) e Personagens do Quotidiano (20 imagens). Estima-se que estas obras tenham sido produzidas por volta da década de 1890.

Figura 7 Ilustrações dos trajes e insígnias das nove ordens dos empregados civis da dinastia Qing

Fonte: Imagens extraídas da coleção “Representações dos Graus dos Funcionários Civis e Militares da Dinastia Qing (17 imagens)” de Zhou Peichun (1890).

Nota. As nove imagens contêm as seguintes legendas: 1. “此是頭品文官仙鶴補服 *Cǐ shì tóu pǐn wénguān xiānhè bǔfú* ‘Este é o traje com emblema de grou divino do funcionário civil de primeiro grau’”; 2. “此是二品文官錦鶏補服 *Cǐ shì èr pǐn wénguān jǐnhè bǔfú* ‘Este é o traje com emblema de grou da fortuna do funcionário civil de segundo grau’”; 3. “此是三品文官孔雀補服 *Cǐ shì sān pǐn wén guān kǒngquè bǔfú* ‘Este é o traje com emblema de pavão do funcionário civil de terceiro grau’”; 4. “此是四品文官雲雁補服 *Cǐ shì sì pǐn wénguān yúnyàn bǔfú* ‘Este é o traje com emblema de ganso celeste do funcionário civil de quarto grau’”; 5. “此是五品文官白鸂補服 *Cǐ shì wǔ pǐn wénguān báixián bǔfú* ‘Este é o traje com emblema de faisão-prateado do funcionário civil de quinto grau’”; 6. “此是六品文官鷺鷥補服 *Cǐ shì liù pǐn wénguān lùsī bǔfú* ‘Este é o traje com emblema de garça-branca do funcionário civil de sexto grau’”; 7. “此是七品文官鴛鴦補服 *Cǐ shì qī pǐn wénguān yuānyāng bǔfú* ‘Este é o traje com emblema de pato-mandarim do funcionário civil de sétimo grau’”; 8. “此是八品文官鵪鶉補服 *Cǐ shì bā pǐn wénguān ānchún bǔfú* ‘Este é o traje com emblema de codorniz do funcionário civil de oitavo grau’”; 9. “此是九品文官練雀補服 *Cǐ shì jiǔ pǐn wén guān liànquè bǔfú* ‘Este é o traje com emblema de ave-do-paraíso do funcionário civil de nono grau’”. As nossas traduções dos nomes das aves seguem convenções simbólicas da época, não correspondendo necessariamente a nomes científicos exatos.

Acima apresentamos apenas as nove imagens correspondentes aos nove graus dos funcionários civis, uma vez que a coleção de ilustrações para os funcionários militares parece incompleta, pois inclui apenas oito figuras. Estas imagens permitem visualizar de forma concreta como os diferentes materiais e cores das insígnias eram integrados nos trajes oficiais, evidenciando que, para além do remate do barrete, também os padrões decorativos e os detalhes dos trajes variavam consoante o grau hierárquico. No entanto, dado que os animais representados nos emblemas bordados (補子 *bǔzi* 'peça costurada/bordada') são altamente específicos da cultura chinesa e carregam significados simbólicos pouco familiares ao público europeu da época, é compreensível que Gonçalves tenha centrado a sua explicação nas insígnias do barrete. Estas constituíam elementos mais visíveis e de identificação imediata, funcionando como uma referência prática e acessível para leitores ocidentais iniciantes na língua e cultura chinesas. Nos seus diálogos, o remate do barrete, ou botão, é o elemento pelo qual se pergunta para se conhecer a categoria de um visitante chinês, por exemplo no diálogo 41, intitulado "O Magistrado vem conferenciar com o Ouvidor, Enviado Estrangeiro" (Barros, 2014, pp. 124, 128; Barros & Ng Cen, 2014, pp. 49–50, 2017, pp. 56–57). Vale notar que no verbete *botão*, Gonçalves (1831, p. 107) apresenta a seguinte referência cruzada: "botão do barrete *Ve* INSIGNIA".

Em comparação com fontes históricas chinesas, o registo de Gonçalves surge de forma mais simplificada. Por exemplo, segundo os *Códigos Institucionais do Grande Qing Aprovados por Decreto Imperial* (《钦定大清会典》*Qīndìng Dà Qīng Huìdiǎn*), promulgados pelo imperador Qianlong (r. 1735 – 1796), os materiais usados nas insígnias dos barretes oficiais incluíam: pérola oriental (东珠 *dōngzhū*), rubi (红宝石 *hóngbǎoshí*), coral vermelho (红珊瑚 *hóngshānhú*), safira (蓝宝石 *lánbǎoshí*), lápis-lazúli (青金石 *qīngjīnshí*), cristal (水晶 *shuǐjīng*), tridacna (砗磲 *chēqú*), bem como ouro e prata (L. Yang, 2025, pp. 66–67). Entre estes, o rubi, a safira, o lápis-lazúli e o cristal são considerados gemas inorgânicas; a pérola oriental, o coral vermelho e a tridacna pertencem ao grupo das gemas orgânicas; já o ouro e a prata são metais preciosos. A pérola oriental correspondia especificamente às pérolas recolhidas nos rios do nordeste da China, como o Songhua, o Heilongjiang e o Ussuri, sendo distinta das pérolas meridionais (南珠 *nánzhū*), provenientes do mar do Sul da China.

O uso das pérolas orientais era estritamente reservado à família imperial, especialmente ao imperador e aos príncipes, enquanto os restantes materiais distinguiam os diversos graus da hierarquia administrativa. O quadro seguinte compara o registo de Gonçalves com os dados extraídos de fontes oficiais da dinastia Qing, conforme sistematizados por Yang (2025), evidenciando correspondências gerais, mas também simplificações e omissões na descrição das insígnias.

Tabela 75 Material das insígnias oficiais na dinastia Qing

Escala	Yang Li (2025)		Gonçalves (1831, p. 450)		
	[Tradução]	Termo chinês	Termo português	Termo chinês	Cor
1	Rubi	红宝石 *hóngbǎoshí*	Pedra preciosa vermelha	红宝石 *hóngbǎoshí*	Vermelha
2	Coral vermelho	红珊瑚 *hóngshānhú*			
3	Safira	蓝宝石 *lánbǎoshí*	Pedra azul	蓝宝石 *lánbǎoshí*	Azul
4	Lápis-lazúli	青金石 *qīngjīnshí*			
5	Cristal	水晶 *shuǐjīng*	Cristal ou vidro claro	水晶及明玻璃 *shuǐjīng jí míng bōli*	Branca
6	Tridacna	砗磲 *chēqú*	Jaspe ou vidro baço	砗磲及涅玻璃 *hēqú jí niè bōli*	
7	Ouro	金 *jīn*	Ouro lavrado	起花金 *qǐ jīnhuā*	Dourada
8					
9	Prata	银 *yín*			

Fonte: Elaborada pela autora.

Esta comparação revela que, embora ambas as fontes descrevam os materiais usados nos ornamentos dos barretes imperiais segundo a ordem hierárquica, a descrição de Gonçalves é mais sintética e generalista.

Para os graus superiores, observa-se uma correspondência geral entre as duas fontes. Ambas indicam o uso de "红宝石 *hóngbǎoshí* 'pedra preciosa vermelha'" para o primeiro grau e de "蓝宝石 *lánbǎoshí* 'pedra preciosa azul'" para o terceiro. A divergência surge no segundo grau: a fonte chinesa especifica coral vermelho, enquanto Gonçalves refere apenas uma "pedra preciosa vermelha" de menor dimensão. Esta formulação mais genérica, embora menos precisa, é coerente com a leitura literal do termo chinês e reflete uma opção pedagógica, privilegiando a clareza em detrimento do detalhe técnico. A mesma tendência observa-se na descrição dos graus intermédios. A fonte chinesa distingue claramente entre safira e lápis-lazúli (青金石 *qīngjīnshí* 'pedra brilhante azul') para os graus 3 e 4, respetivamente, enquanto Gonçalves os agrupa sob a designação genérica de "pedra azul".

Para o quinto grau, ambas as fontes referem o cristal (水晶 *shuǐjīng*), mas Gonçalves acrescenta "vidro claro", correspondente ao termo chinês "明玻璃 *míng bōli* 'vidro transparente'", como material alternativo. Esta inclusão não se deve meramente a uma estratégia didática, mas parece refletir a prática vigente na época: segundo fontes oficiais da dinastia Qing, como a regulamentação emitida no oitavo ano do reinado de Yongzheng (1730), o uso de pedras preciosas artificiais como o vidro foi institucionalizado para suprir a escassez de gemas naturais (cf. L. Yang, 2025, p. 71). Assim, a menção de Gonçalves alinha-se com uma realidade administrativa concreta, em que insígnias de cristal eram frequentemente substituídas por vidro de alta qualidade.

No sexto grau, a fonte chinesa identifica a "硨磲 *chēqú* 'tridacna'" como material principal das insígnias. Este material, tal como o coral, é uma gema de origem orgânica. De acordo com Yang (2025, pp. 69–70), a tridacna é um molusco bivalve de grande porte, comum em águas tropicais do oceano Índico e Pacífico ocidental, conhecido como o "rei das conchas". O nome chinês 硨磲 *chēqú* surgiu na dinastia Han, inspirado nas marcas em sulco da concha, semelhantes a trilhos de rodas — como indicam os elementos fonéticos dos dois carateres: "车 *chē* 'carro'" e "渠 *qú* 'sulco'". A concha é espessa, branca e brilhante, com aparência semelhante ao jade, sendo apreciada pela sua beleza e resistência. Por essas qualidades, foi amplamente usada em joalharia e designada como insígnia dos oficiais de sexto grau na dinastia Qing.

Como é de esperar, um material tão específico e culturalmente enraizado como a tridacna não era de fácil compreensão para o público europeu da época. Quanto ao termo "jaspe", utilizado por Gonçalves como equivalente português para 硨磲 *chēqú*, é relativamente genérico. No próprio *Diccionario Portuguez-China*, o autor associa-o a diferentes pedras, como "玉石 *yùshí* 'jade'", "碧玉石 *bìyùshí* 'jade verde'", "青碧 *qīngbì* '[pedra] azul e verde'" e "硨磲石 *chēqú shí* 'pedra tridacna'" (Gonçalves, 1831, p. 464), o que sugere uma certa flexibilidade terminológica para facilitar a aproximação semântica aos leitores europeus. Além disso, Gonçalves acrescenta como alternativa o "vidro baço", correspondente à expressão chinesa "涅玻璃 *niè bōli* 'vidro opaco'". De forma semelhante ao grau anterior, essa inclusão reflete uma prática comum na época: perante a escassez e o elevado custo de gemas naturais como a tridacna, o vidro era frequentemente utilizado como material substituto nos ornamentos oficiais.

Finalmente, no que respeita às insígnias dos graus inferiores, Gonçalves adota uma categorização ampla e uniforme, referindo que os funcionários dos graus 7 a 9 usavam todos "ouro lavrado" — tradução do termo chinês "起花金 *qǐhuā jīn*". Em contraste, as fontes históricas chinesas distinguem com maior rigor os materiais usados para cada grau, incluindo não só ouro, como também prata. Yang (2025, pp. 69–70) especifica que os oficiais de sétimo grau usavam um ornamento em ouro maciço sem padrão no topo do chapéu, enquanto os do oitavo e nono graus usavam ouro trabalhado com padrões decorativos: "镂花阴文金 *lòuhuā yīnwén jīn* 'ouro gravado com padrão em relevo negativo'" e "镂花阳文金 *lòuhuā yángwén jīn* 'ouro com padrão em relevo positivo'", respetivamente. Gonçalves sintetiza todos estes casos sob a designação genérica de "ouro lavrado", o que, embora constitua uma generalização, permanece bastante fiel à lógica classificativa chinesa, captando adequadamente a distinção simbólica e visual atribuída ao material dourado nos graus inferiores.

A entrada "TRATAMENTO" no *Diccionario Portuguez-China* constitui mais um exemplo da forma como Gonçalves sistematiza e transmite informações socioculturais relevantes, com especial foco na etiqueta e no protocolo do mundo oficial chinês. Neste caso, o autor organiza os diferentes modos de tratamento conforme a ordem hierárquica dos funcionários da administração imperial:

> O tratamento da 1a., 2a., e 3a. ordem he 大人 [*dàren*]
>
> O tratamento da 4a. ate a 6a. he 大老爺 [*dà lǎoye*]
>
> O tratamento da 7a., e 8ª. 太爺 [*tà*iye]
>
> O tratamento das extravagantes 老爺 [*lǎoye*] *Ve* EMPREGADO
>
> O tratamento dos legados, e syndicos he 大人 [*dàren*] *Ve* INSIGNIA
>
> (Para saber de que ordem he hum tal empregado, procura-o no seu lugar.) (Gonçalves, 1831, pp. 821–822)

Vemos que o autor apresentou três formas principais de tratamento, distribuídas pelas nove ordens de funcionários oficiais, refletindo uma clara tentativa de sistematização pragmática. A inclusão dos tratamentos específicos para categorias menos convencionais — como os "extravagantes" e os "legados e síndicos" — demonstra um cuidado adicional em abranger situações protocolares variadas. Para estes casos, Gonçalves orienta o leitor através de referências cruzadas às entradas "EMPREGADO" e "INSÍGNIA", revelando não só uma preocupação didática com a coerência interna do dicionário, mas também a intenção de fornecer uma rede de apoio terminológico acessível ao público ocidental iniciante. Em conjunto, tais estratégias reforçam a dimensão pedagógica e intercultural do seu trabalho lexicográfico.

Concluímos que as entradas "INSÍGNIA" e "TRATAMENTO" constituem dois blocos didáticos autónomos, elaborados com uma intenção marcadamente pedagógica. Gonçalves adota uma abordagem prática e acessível, recorrendo a simplificações estratégicas que visam orientar os leitores ocidentais — em particular os que possuíam pouco conhecimento prévio da China, como os missionários, diplomatas ou comerciantes, e necessitavam de se adaptar rapidamente à realidade cultural e administrativa chinesa. Em vez de descrições técnicas ou eruditas, o autor propõe sistematizações claras e funcionais, que permitam identificar os nove graus da hierarquia imperial e aplicar os tratamentos adequados em situações formais, de acordo com a etiqueta chinesa. Embora mais genéricas quando comparadas com fontes oficiais chinesas, estas explicações oferecem uma introdução eficaz a um sistema hierárquico altamente codificado. No capítulo seguinte, dedicado aos exemplos bilingues dispersos pelas suas obras, retomaremos estas nove ordens, ampliando a análise com o levantamento dos cargos concretos associados a cada grau.

3.2.2.4. As divisões territoriais superiores: as "dezoito províncias" do império Qing

Neste ponto analisamos o verbete da entrada "PROVÍNCIA" do *Diccionario Portuguez-China*, no qual Joaquim Gonçalves (1831, p. 474) apresenta uma lista das "18 províncias da China 中国十八省 *Zhōngguó shíbā shěng*", acompanhadas das respetivas metrópoles — termo que corresponde ao que atualmente designamos como "capitais provinciais". Esta lista, transcrita no quadro seguinte, reflete a divisão administrativa da China na época de Gonçalves, oferecendo um testemunho valioso da organização territorial do império Qing no início do século XIX.

Tabela 76 Províncias da China e as suas Metrópoles

Província	Metrópole	Província	Metrópole	Província	Metrópole
北直隶	顺天府	四川	成都府	湖北	武昌府
Běi Zhílì	*Shùntiān Fǔ*	*Sìchuān*	*Chéngdū Fǔ*	*Húběi*	*Wǔchāng Fǔ*
山东	济南府	贵州	贵阳府	江苏	苏州府
Shāndōng	*Jǐnán Fǔ*	*Guìzhōu*	*Guìyáng Fǔ*	*Jiāngsū*	*Sūzhōu Fǔ*
陕西	西安府	云南	云南府	安徽	安庆府
Shǎnxī	*Xī'ān Fǔ*	*Yúnnán*	*Yúnnán Fǔ*	*Ānhuī*	*Ānqìng Fǔ*
甘肃	兰州府	广西	桂林府	江西	南昌府
Gānsù	*Lánzhōu Fǔ*	*Guǎngxī*	*Guìlín Fǔ*	*Jiāngxī*	*Nánchāng Fǔ*
山西	太原府	广东	广州府	浙江	杭州府
Shānxī	*Tàiyuán Fǔ*	*Guǎngdōng*	*Guǎngzhōu Fǔ*	*Zhèjiāng*	*Hángzhōu Fǔ*
河南	开封府	湖南	长沙府	福建	福州府
Hénán	*Kāifēng Fǔ*	*Húnán*	*Chángshā Fǔ*	*Fújiàn*	*Fúzhōu Fǔ*

Fonte: Adaptação da lista apresentada por Gonçalves, com atualização para carateres simplificados e adição da transcrição em *Pinyin*.

Este inventário é complementado por uma breve nota exclusivamente em chinês, que agrupa certas províncias por designações regionais tradicionais:

> "廣東廣西為兩廣。湖南湖北為湖廣。江蘇安徽為江南。北京在北直隸。南京在江南。
> Guǎngdōng Guǎngxī wéi Liǎngguǎng. Húnán Húběi wéi Húguǎng. Jiāngsū Ānhuī wéi Jiāngnán. Běijīng zài Běizhílì. Nánjīng zài Jiāngnán. 'Guangdong e Guangxi constituem as Duas Guangs. Hunan e Hubei constituem Huguang. Jiangsu e Anhui constituem Jiangnan. Pequim pertence a Beizhili. Nanquim pertence a Jiangnan'". (Gonçalves, 1831, p. 474)

O conceito de "província" (省 *shěng*) na China durante a dinastia Qing passou por uma evolução gradual e não corresponde exatamente ao que hoje se entende por unidade administrativa formal. De acordo com Hou (2010), a consolidação das chamadas "十八省 *shíbā shěng*" — as dezoito províncias — ocorreu apenas no reinado do imperador Yongzheng (r. 1722–1735), quando as jurisdições dos "巡抚 *xúnfǔ*" (governadores regionais) foram estabilizadas e passaram a coincidir com os territórios dos "布政使司 *bùzhèngshǐsī*" (comissariados civis). No entanto, mesmo após esta padronização, o termo "província" continuou a ser usado de forma flexível e prática, sem representar uma divisão administrativa institucionalizada com caráter exclusivo. A expressão "18 províncias" tornou-se corrente a partir do reinado de Qianlong (r. 1735–1796), mas não detinha estatuto oficial fixo — sendo possível encontrar

em registos históricos outras formas, como "15", "17" ou "19 províncias", consoante o contexto. Assim, o conceito de *província* no período Qing deve ser entendido como uma construção administrativa relativamente recente, fluida e adaptada às necessidades governativas da época.

Durante a dinastia Qing, as regiões tradicionalmente conhecidas como Jiangnan e Huguang foram gradualmente subdivididas em províncias com delimitações mais precisas. No caso de Jiangnan, Hou (2010, p. 23) afirma que a sua divisão foi formalizada em 1667 (6.º ano do reinado de Kangxi), com a criação das províncias de Jiangsu e Anhui, cessando a sua função como unidade administrativa unificada. Quanto a Huguang, o mesmo autor indica que a separação entre Hunan e Hubei teve início em 1664 (3.º ano do reinado de Kangxi), através da criação de administrações distintas, sendo o processo consolidado ao longo do século XVIII. A lista apresentada por Gonçalves no *Diccionario Portuguez-China* já reflete este modelo administrativo estabilizado, embora preserve as designações tradicionais, possivelmente por continuarem a ter relevância histórica ou uso corrente no discurso da época.

A comparação entre a lista das 18 províncias apresentada por Gonçalves e a atual divisão administrativa da China [162] revela uma notável continuidade, embora com algumas diferenças significativas. Grande parte das províncias nomeadas — como Shandong, Sichuan ou Guangdong — mantém hoje o mesmo nome e estatuto. No entanto, certas regiões atualmente reconhecidas como províncias não constam da lista de Gonçalves, como Liaoning, Jilin e Heilongjiang, bem como Qinghai, Hainan e Taiwan, que tinham então outro enquadramento administrativo. A antiga província de Beizhili, onde se situava Pequim, foi extinta e dividida em novas unidades, incluindo os atuais municípios autónomos de Pequim e Tianjin. Além disso, regiões hoje classificadas como autónomas, como Guangxi, figuravam na época como províncias comuns. Assim, a obra de Gonçalves serve também como testemunho e referência quanto ao estado dessa divisão à época.

Com base na análise da entrada "PROVÍNCIA", conclui-se que Gonçalves oferece uma visão clara, embora sintética, da estrutura territorial da China no início do século XIX, refletindo não só a organização administrativa vigente, mas também classificações regionais tradicionais que continuavam a ter relevância, tanto no uso quotidiano como na linguagem literária e cultural. A sua abordagem, de cariz essencialmente pedagógico, visa proporcionar aos leitores ocidentais, especialmente estudantes da língua e cultura chinesas de nível inicial, um ponto de partida acessível para compreender a complexa geografia político-administrativa do império Qing. No seu conjunto, esta entrada articula utilidade prática

[162] A divisão administrativa atual da China compreende 34 unidades de nível provincial: 23 províncias (Hebei, Shanxi, Liaoning, Jilin, Heilongjiang, Jiangsu, Zhejiang, Anhui, Fujian, Jiangxi, Shandong, Henan, Hubei, Hunan, Guangdong, Hainan, Sichuan, Guizhou, Yunnan, Shaanxi, Gansu, Qinghai e Taiwan), 5 regiões autónomas (Mongólia Interior, Guangxi, Ningxia, Xinjiang e Tibete), 4 municípios sob administração central (Pequim, Tianjin, Xangai e Chongqing) e 2 regiões administrativas especiais (Hong Kong e Macau).

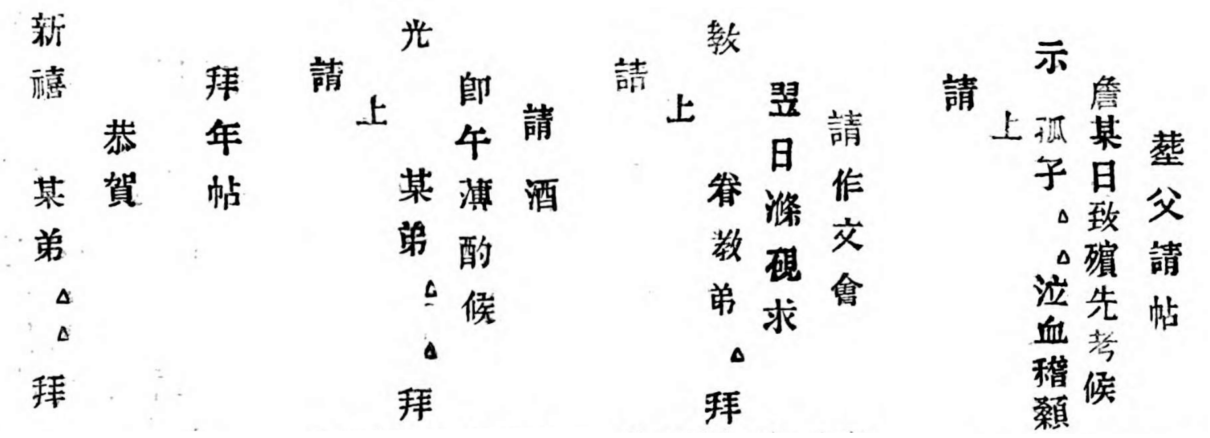
com certa fidelidade cultural, espelhando a vocação didática do dicionário. Reservamos para o capítulo seguinte o aprofundamento desta linha de análise, centrando-nos nas subdivisões territoriais menores, como *cidade, vila* ou *aldeia*, através da comparação entre os termos chineses e portugueses utilizados por Gonçalves para descrever as realidades locais do império ao longo das suas obras.

3.2.2.5. Modelos de correspondência e etiqueta escrita

Neste ponto analisamos os exemplos de escrita prática apresentados por Joaquim Gonçalves, com especial foco no verbete de "FORMULÁRIO" do *Diccionario Portuguez-China*, em que o autor oferece um conjunto de modelos breves e acessíveis, como bilhetes, convites e mensagens de cortesia. Estes modelos visam familiarizar o leitor com as convenções formais da comunicação escrita em contexto chinês, destacando expressões fixas e fórmulas cerimoniais adaptadas a diferentes situações sociais. A análise será complementada com excertos do Capítulo VIII "Composições Chinas" da *Arte China*, nomeadamente da secção "V. Formulario de Ordens, Escrituras, &c", bem como da secção final, inumerada, dedicada especificamente aos "Formulários de Cartas". Juntas, estas fontes ilustram o esforço pedagógico de Gonçalves para proporcionar ao estudante ocidental um repertório prático e funcional de escrita chinesa, respeitando os códigos de etiqueta e os usos formais em vigor na sociedade do império Qing.

A entrada "FORMULÁRIO" acolhe um conjunto de modelos de escrita prática (cf. Gonçalves, 1831, pp. 383–384). Antes de apresentar exemplos concretos, o autor esclarece que os formulários de escrita mais desenvolvidos podem ser consultados na página 459 da sua *Arte China*. Segue-se, então, uma seleção de textos curtos, destinados a situações específicas da vida social chinesa, como o bilhete de boas festas pelo Ano Novo ("拜年帖 *bàinián tiě*"), um convite para o enterro do pai ("葬父請帖 *zàng fù qǐngtiě*"), um convite para uma conferência literária ("請作文會 *qǐng zuòwén huì*"), um convite para um banquete ("請酒 *qǐng jiǔ*") e ainda um convite de casamento ("請娶婦酒 *qǐng qǔ fù jiǔ*") (cf. Gonçalves, 1831, pp. 383–384). Na Figura 8 reproduzimos os primeiros quatro formulários com vista a facilitar a sua análise visual.

Figura 8 Quatro modelos de escrita prática no *Diccionario Portuguez-China*



Fonte: Reproduzida de forma adaptada de Gonçalves (1831, pp. 383–384).
Nota. Transcrevem-se aqui os textos chineses da esquerda para a direita, juntamente com as traduções para o português de Joaquim Gonçalves: 1. "拜年帖 *Bàinián tiě*/恭賀 *Gōnghè* /新禧 *xīnxǐ* _某弟 *Mǒu dì* △△拜 *bài* [Congratulo-me com Vmce. no Anno Novo. N. seu Irmaõ menor presenta os seus respeitos]."; 2. "請酒 *Qǐng jiǔ* /卽午薄酌候 *Jí wǔ bózhuó hòu* /光 *guāng* _某弟 *Mǒu dì* △△拜 *bài* /上 *shàng* /請 *qǐng* [Ao meio dia do corrente haverá hum pequeno brinde, e espero a sua Honra. N. seu Irmaõ menor presenta &. &c.]"; 3. "請作文會 *Qǐng zuòwén huì* /翌日滌硯求 *Yìrì dí yàn qiú* /教 *jiào* _眷教弟 *Juàn jiào dì* △拜 *bài* /上 *shàng* /請 *qǐng* [A' manhã lavarei o tinteiro, peço Ensino. Seu affectuoso Discípulo N. presenta os seus respeitos, e offerece este.]"; 4. "塋父請帖 *Zàng fù qǐngtiě* /詹某日致殯先考候 *Zhān mǒu rì zhì bìn xiān kǎo hòu* /示 *shì* _孤子 *Gūzǐ* △△泣血稽顙 *qì xuè jī sǎng* /上 *shàng* /請 *qǐng* [Em tal dia será o Enterro do defunto pai, espero, que V. mce. o dirija. O Orfaõ N. em luto respeita, e convida.]". A barra inclinada (/) assinala uma quebra de linha nos textos originais, enquanto o sublinhado (_) indica um espaço adicional.

Observamos que, na instrução de Gonçalves, não é apenas a mensagem que é objeto de ensino, mas também as convenções formais da escrita segundo a tradição literária chinesa. Nos formulários apresentados, nota-se a atenção à disposição gráfica típica, nomeadamente na colocação das fórmulas finais, que surgem em linhas separadas e com espaçamento específico em relação à margem superior.

Esses elementos de formatação desempenhavam um papel importante na coesão textual, funcionando como auxiliares visuais numa escrita produzida em chinês clássico, no qual não se utilizavam sinais de pontuação modernos. Isto é ainda mais óbvio no último formulário, de maior extensão, conforme reproduzido na Figura 9.

Figura 9 Modelo de convite no casamento, no *Diccionario Portuguez-China*

Fonte: Reproduzida de forma adaptada de Gonçalves (1831, p. 384).

Nota. Transcreve-se aqui os textos chinês e português, este em lição atualizada, para mais fácil leitura: "請娶婦酒 *Qĭng qŭfù jiŭ*/詹某日與小兒受室是 *Zhān mŏu rì yŭ xiăo'ér shòushì shì*/日枚酌翌日謝酌 *rì méi zhuó yìrì xiè zhuó*/敢扳 *găn bān*/台駕貴舍慶敍 *táijià bì shè qìngxù*/指示婚儀伏祈 *zhĭshì hūnyí fú qí*/惠然曷勝榮藉 *huì rán hé shèng róng jiè*/恕不莊啓 *shù bù zhuāng qĭ*/某弟 *Mŏu dì* ΔΔ頓首拜 *dùnshŏu bài*/上 *shàng* /请 *qĭng* — Em tal dia concedo a meu filho casar-se, e neste dia haverá um pequeno festim; no dia seguinte haverá um convite de agradecimento; espero que Vossa Mercê [ou Vossemecê] venha a esta choupana à festa, e dirigir as cerimónias nupciais. Suplico este favor, o qual, se obtiver, será a maior fortuna; dispense-me de expor os seus títulos por extenso. A Vossa Mercê convida e respeita seu Irmão menor, N". A barra inclinada (/) assinala a mudança de linha nos textos originais.

Neste formulário, as convenções visuais da escrita formal tradicional tornam-se particularmente evidentes. Destaca-se, por exemplo, a expressão "台駕 *táijià* 'a vossa ilustre presença'", na qual o primeiro caráter "台 *tái*" é colocado acima da linha do texto, sublinhando o respeito e deferência dirigidos ao destinatário. Esta elevação gráfica não é meramente estética, mas funciona como marca honorífica, sinalizando a dignidade do interlocutor, um recurso típico da epistolografia clássica da dinastia Qing. Observamos igualmente um pormenor relevante sobre as práticas matrimoniais da época, evidenciado pela formulação do convite, o qual sugere que as celebrações nupciais decorriam em pelo menos dois momentos distintos — o primeiro consagrado à cerimónia de casamento e ao festim inicial, e o segundo dedicado ao agradecimento, possivelmente sob a forma de um novo banquete oferecido aos convidados.

Conforme indicado pela referência cruzada presente na entrada "FORMULÁRIO", o capítulo VIII da *Arte China* reúne uma coleção significativamente mais extensa de modelos de composição, incluindo uma secção dedicada aos principais formulários utilizados no quotidiano, bem como uma secção final sem numeração, composta por exemplos epistolares. Na Tabela 77, apresentamos uma inventariação dos diferentes tipos de textos exemplificados na primeira secção.

Tabela 77 Índice dos formulários de composição do capítulo VIII da *Arte China*

Secção	Tipologia	Exemplo
V. Formularios de Ordens, Escrituras, &c. 諭契等式 [*Yù qì děng shì*]	Decreto 上諭 [*shàng yù*]	*Estimar a agricultura, e amoreiras, para ter, que vestir, e comer.* 重農桑以足衣食[*Zhòng nóng sāng yĭ zú yī shí*]
	Representação	*A pedir a prohibiçaõ de direitos adiantados.* 請禁預徵奏[*Qĭng jìn yù zhēng zòu*]
	Edital	*Exhortando a vir á escola pia.* 勸入義學諭[*Quàn rù yì xué yù*]
	Edital	*A prohibir as mulheres de ir aos pagodes, a offerecer incensos. Por* Hoam-leu-hum. 禁婦女入廟燒香示[*Jìn fùnǚ rù miào shāoxiāng shì*]
	Aviso	*A prohibir andar de noite.* 禁夜行約[*Jìn yèxíng yuē*]
	Petição	*Para mandar tirar as Choupanas.* 請飭除篷稟[*Qĭng chì chú péng bĭng*]
	Despacho	*Sobre huma Beatificação de provincia*, (*de Vicerei.*) 入鄉賢批[*Rù xiāng xián pī*]
	[Outros]	Termo de Arribação de Navio Mercante 貨船出口復入結[*Huòchuán chūkŏu fù rù jié*]
		Escritura de Emprestimo 借約[*Jiè yuē*]
		Escritura de Venda de Casas 賣房文契[*Mài fáng wén qì*]

Escritura de Arrendamento de Casas 賃房文契[*Lìn fáng wén qì*]
Inscripção de Estrada 修路碑[*Xiū lù bēi*]

Fonte: Elaborada pela autora de acordo com Gonçalves (1829a, pp. 459–479).

Com base neste inventário, verifica-se que o autor procura preparar os seus discípulos para a decodificação e produção de uma ampla variedade de tipos textuais, abrangendo tanto textos voltados para a compreensão escrita, como decretos e editais, como modelos destinados à produção escrita, como escrituras. Os exemplos apresentados parecem inspirar-se em excertos de documentos autênticos. Por exemplo, o edital intitulado "A prohibir as mulheres de ir aos pagodes, a offerecer incensos" inclui uma indicação de autoria "Por Hoam-leu-hum", que, contudo, não aparece no texto chinês correspondente. Este repertório revela-se especialmente útil para ocidentais a residir na China oitocentista, que, mesmo sem domínio avançado da língua, necessitavam de se familiarizar com os principais géneros da escrita administrativa.

Nesta secção, acima inventariada, os diferentes modelos são apresentados em ambas as línguas de forma intercalada, surgindo o texto em chinês imediatamente após o respetivo equivalente em português. Entre os exemplos, destacam-se duas notas explicativas. A primeira, colocada entre parênteses a propósito de um "decreto", afirma: "Pode servir de modelo de oraçaõ deliberativa solta." (Gonçalves, 1829a, p. 459), estabelecendo uma ligação com a tipologia literária do chinês anteriormente abordada no mesmo capítulo da *Arte China* (ver 2.3.2 acima). A segunda, uma nota de rodapé referente ao tipo de composição classificado como "aviso", esclarece: "Os Avisos tomaõ differentes nomes, conforme o seu fim, assim o de coisa perdida se chama 謝帖 [*xiè tiě* 'bilhete de agradecimento']; o de subscripção 小引 [*xiǎo yǐn* 'pequena introdução']; o de partida &c. 標紅 [*biāo hóng* 'marcação a vermelho']; e em geral 謹啓 [*jǐn qǐ* 'abertura respeitosa']; porem a estilo he semelhante ao Formulario acima." (Gonçalves, 1829a, p. 471). Esta nota mostra que, ao contrário do uso genérico do termo "aviso" em português, o chinês recorre a designações distintas conforme a finalidade da comunicação, mantendo, no entanto, um estilo de redação comum.

Na secção dedicada às cartas, os textos chineses são apresentados de forma contínua, um após o outro, cada um em dois estilos gráficos distintos: "letra redonda" e "letra corrida" (ver 2.1.1 acima). As traduções para português só surgem depois de concluída a série de cartas, sendo identificadas por numeração correspondente, o que permite ao leitor localizar facilmente o original chinês e a sua versão traduzida. Para esclarecer esta configuração visual, distinta das secções anteriores do mesmo capítulo, o autor deixa a seguinte nota no início desta secção dedicada aos formulários de cartas:

A tradução das cartas seguintes se achará à pag. 498, pelo numero se conhecerá qual a qual corresponde. Estas cartas correm da direita para a esquerda, principie-se pois a ler pelo N°. ⊖ pag. 496: a pagina direita contem as mesmas letras em letra corrida: cada linha corresponde nas duas paginas: querendo pois ver huma letra de huma pagina na outra, note em qual linha, e em que numero de letras da linha está, e a achará no lugar correspondente da outra pagina. A letra das cartas pode ser redonda; mas vulgarmente he corrida; naõ he com tudo taõ embaraçada, como a que aqui pomos; com tudo para o mais facil de pressa se passa, e he preciso aprender a corrida embaraçada, de que frequentemente se usa. Advirta-se, que o sobrenome, e mesmo qualquer letra relativa á pessoa, a quem se escreve, ou a huma terceira respeitavel, se escreve no alto da pagina, elevado o espaço de huma letra, e ainda de duas, (quando há pessoas de differentes classes,) acima das outras linhas: de ordinario porem bastará por a letra (quando ocorre no meio da linha) depois do claro de huma letra: ao contrario a letra relativa a si sera mais pequena, e ao lado direito da linha. A forma dos sobrescritos se acha a pagina 497 (Gonçalves, 1829a, p. 480).

A disponibilização dos textos em dois estilos caligráficos reflete a importância da chamada "letra corrida embaraçada" no uso quotidiano, já que as cartas autênticas eram geralmente redigidas nesse estilo. Para reforçar essa relevância e mostrar aos alunos a distinção visual entre o estilo corrente e a caligrafia redonda mais formal, o autor opta por apresentar uma versão particularmente embaraçada da letra corrida. Além disso, a anotação relativa ao posicionamento gráfico de certas expressões mostra que Gonçalves não se limitava ao conteúdo linguístico, mas procurava igualmente transmitir os códigos de etiqueta gráfica próprios da epistolografia chinesa: eleva-se o nome do destinatário ou de uma terceira pessoa respeitável como sinal de deferência, enquanto as referências ao remetente são diminuídas e posicionadas à direita, denotando humildade.

A Tabela 78 apresenta um inventário das doze cartas incluídas nesta última secção do capítulo VIII, dedicada a doze modelos epistolares, incluindo dois exemplares de "sobrescritos".

Tabela 78 Índice dos formulários de cartas do capítulo VIII da *Arte China*

Tipologia	**Exemplos**	
Formularios de Carta 書式 [*shūshì*]	I. Carta a Saudar (hum desconhecido) 一 問候 [*Wènhòu*]	II. Resposta 二 答 [*Dá*]
	III. Carta a Mandar procurar criados 三 託尋工人 [*Tuō xún gōngrén*]	IV. Resposta 四 答[*Dá*]
	V. Carta a Mandar presentes 五饋物 [*Kuì wù*]	VI. Resposta 六 答[*Dá*]
	VII. Carta a Mandar presente 七 饋物[*Kuì wù*]	VIII. Resposta 八 答[*Dá*]
	IX. Carta a Saudar depois da partida 九 别后问候 [*Bié hòu wènhòu*]	X. Resposta 十 答[*Dá*]
	XI. Carta a Recommendar huma pessoa 十一 相托 [*Xiāng tuō*]	XII. Resposta 十二 答[*Dá*]
Sobrescrito	Sobrescrito I.	De tras.
	Sobrescrito II.	De tras.

Fonte: Elaborada pela autora de acordo com Gonçalves (1829a, pp. 480–502).

Podemos observar que as doze cartas são apresentadas em formato de diálogo, sendo cada carta principal acompanhada de uma resposta. Os temas exemplificados variam desde saudações cordiais ou troca de presentes e agradecimentos até à procura de criados ou ao envio de recomendações, refletindo situações comuns da vida quotidiana. Por fim, o autor apresenta ainda dois "sobrescritos", ou seja, exemplos de endereçamento epistolar no exterior do envelope, acompanhados de uma nota breve explicativa: "A carta escrita em huma, ou duas folhas de papel regrado, que he feito de proposito, se mette em huma capa, á maneira de bolsa, que fazem de papel, que ultimamente se fecha com goma; mas ja está em uso escrevê-la em papel ordinario, e fechá-la a maneira da Europa." (Gonçalves, 1829a, p. 497) Esta nota esclarece que, tradicionalmente, as cartas chinesas eram redigidas em papel especial e colocadas numa capa própria feita de papel, depois fechada com goma, à semelhança de um envelope. No entanto, Gonçalves assinala que, à data da publicação da *Arte China* (1829), já se começava a adotar o uso de papel comum e o formato europeu de fecho, revelando uma transição cultural nas práticas de correspondência escrita.

Ao longo deste ponto observámos que o ensino da composição em chinês promovido por Gonçalves assenta numa abordagem funcional e contrastiva, voltada para a utilidade prática para os seus alunos. Os modelos apresentados, tanto no verbete da entrada "FORMULÁRIO" do *Diccionario Portuguez-China* como no capítulo VIII da *Arte China*, abrangem uma ampla gama de géneros comunicativos, desde convites e bilhetes até decretos, escrituras e correspondência privada. Para além do conteúdo linguístico, sobressai o cuidado com os aspetos formais e extratextuais da escrita tradicional chinesa, nomeadamente o posicionamento dos carateres (sobretudo os que se referem a terceiros ou ao próprio numa comunicação epistolar), a distinção entre estilos caligráficos (como letra redonda e letra corrida), a colocação hierárquica dos tratamentos e palavras de cortesia e a configuração visual das mensagens. Este cuidado revela não só um conhecimento profundo das normas de etiqueta escrita no império Qing, mas também um claro esforço didático para transmitir essas convenções aos estudantes ocidentais, proporcionando-lhes ferramentas eficazes para interagirem com a classe e a cultura letrada chinesas.

Em resumo, a análise dos blocos didáticos autónomos apresentados por Gonçalves no *Diccionario Portuguez-China* e na *Arte China* evidencia um esforço sistemático de contextualização pedagógica, com o objetivo de tornar acessível ao leitor ocidental um conjunto de noções fundamentais da organização temporal, sociopolítica e territorial da China imperial. Estruturados em torno de cinco áreas temáticas — sistemas temporais e referências cronológicas; hierarquias sociopolíticas; divisão territorial e conhecimento geográfico; formulários práticos de escrita e modelos de correspondência —, estes excertos funcionam como unidades explicativas de maior fôlego, cuidadosamente inseridas no corpo do dicionário

para complementar a informação lexical. Para além do seu valor instrutivo imediato, estes blocos revelam um método de ensino atento às necessidades dos estudantes de chinês como língua estrangeira, articulando conteúdos linguísticos e culturais numa perspetiva contrastiva e aplicada. A clareza expositiva, aliada à estruturação temática, confirmam o propósito didático do autor e a utilidade duradoura destas passagens enquanto instrumentos de mediação intercultural.

3.3. Síntese da análise das explicações contextuais de Joaquim Gonçalves

O presente capítulo debruçou-se sobre o terceiro tipo de referência intercultural identificado nas obras de Joaquim Gonçalves — as explicações contextuais — evidenciando o seu papel como ferramenta fundamental de mediação linguístico-cultural. Com base numa abordagem funcional e temática, procurámos sistematizar e interpretar o vasto repertório de intervenções didáticas que acompanham os exemplos, verbetes ou secções autónomas nas três obras principais do padre vicentino: a *Arte China*, o *Diccionario Portuguez-China* e o *Diccionario China-Portuguez*.

Na secção 3.1 propusemos uma tipologia das formas explicativas, distinguindo entre sinalizações metalinguísticas e recursos tipográficos. Esta análise revelou a diversidade de marcas editoriais empregues por Gonçalves, do uso de formas abreviadas como "fig." ou "c." ao de sinais como o asterisco (*), sempre orientadas por um princípio de clareza e economia discursiva, que não põe em evidência o autor, mas sim o interesse do leitor (não obstante, seria, como vimos já, criticado por outros sinólogos pela raridade das explicações, apesar de corresponder certamente a um intento pragmático e simplificador). No que diz respeito aos recursos tipográficos, identificámos igualmente um conjunto de mecanismos explicativos, entre os quais o uso do itálico, dos parênteses e das notas. A utilização destes recursos permitiu ao autor incorporar conteúdos explicativos de forma fluida, sem perturbar a linearidade do texto principal, assegurando simultaneamente a acessibilidade dos conteúdos por parte de aprendentes ocidentais.

Na secção 3.2, dedicada às explicações contextuais com valor terminológico e didático, desenvolvemos duas linhas de análise complementares. A subsecção 3.2.1 foi dedicada ao estudo das expressões cristãs assinaladas com o símbolo "*" no *Diccionario Portuguez-China*, permitindo observar de perto os mecanismos de construção e aclimatação terminológica do vocabulário cristão em contexto sino-europeu. Ao longo das sete categorias temáticas identificadas, da teologia à liturgia, da organização eclesiástica às práticas devocionais, constatámos que nem todas as expressões portuguesas associadas ao cristianismo possuíam equivalentes no chinês comum, e que muitas das soluções propostas

revelavam uma adesão explícita à política de acomodação jesuíta. Ao mesmo tempo, verificou-se que os equivalentes apresentados em chinês comum eram frequentemente funcionais, e não literais, contendo referências culturais que se distanciavam significativamente da cosmovisão cristã.

Na subsecção 3.2.2, concentrámo-nos na análise dos blocos didáticos autónomos inseridos por Gonçalves, sobretudo na *Arte China* e no *Diccionario Portuguez-China*. Estes blocos, de caráter sistemático e frequentemente extensos, interrompem momentaneamente a sequência textual habitual com o objetivo de introduzir conteúdos formativos essenciais à compreensão do sistema cultural e linguístico chinês. Organizados em torno de áreas temáticas como os sistemas temporais e referências cronológicas, as hierarquias sociopolíticas do império, a divisão territorial, os formulários práticos de escrita e os modelos de correspondência, estes excertos funcionam como unidades explicativas articuladas, que aliam clareza expositiva a uma intencionalidade pedagógica explícita. Estas passagens demonstram a preocupação de Gonçalves com a inteligibilidade e adequação cultural do material, assumindo uma função mediadora que ultrapassa a mera equivalência lexical. A sua utilidade para fins didáticos permanece atual, podendo ser aproveitada tanto no ensino do vocabulário temático como no desenvolvimento de competências interculturais.

Em síntese, o capítulo 3 demonstrou que as explicações contextuais ocupam um lugar central na arquitetura didática da obra de Joaquim Gonçalves, funcionando como dispositivos de translação cultural. Mais do que simples notas auxiliares, estas estratégias revelam um projeto pedagógico atento às dificuldades do público-alvo e comprometido com a clareza, a precisão e o respeito pelas especificidades culturais da língua chinesa, centrada em obras nas quais não figuram, efectivamente, numerosas e longas explicações (em particular na *Arte China*, como alguns sinólogos apontaram), mas constam as remissões indispensáveis, orientando o aluno para a pesquisa complementar e integrada em cada uma das suas obras, já de si muito extensas e complexas, para a aquisição de conhecimento gradual, incluindo informação mais completa para cada ponto na obra em que faz mais sentido a sua inclusão (arte da gramática, dicionário de chinês-português ou dicionário de português-chinês). A análise aqui apresentada contribui, assim, para a valorização das obras do padre Gonçalves enquanto testemunho do encontro linguístico e cultural sino-europeu, bem como para a reavaliação do contributo da linguística missionária para a história da pedagogia e da mediação intercultural.

4. Referências interculturais diluídas nos textos bilingues

No capítulo anterior, analisámos as explicações contextuais fornecidas por Joaquim Gonçalves, observando como estas servem de ponte interpretativa entre o universo linguístico e cultural chinês e os leitores ocidentais a quem se dirigia. Prosseguindo a nossa análise das referências interculturais presentes nas suas obras, centramo-nos agora num conjunto de elementos mais discretos, mas igualmente reveladores: as referências interculturais implícitas nos exemplos bilingues. Estas referências, que designamos como "diluídas", geralmente não surgem acompanhadas de comentários ou anotações explícitas. Estão integradas nos próprios exemplos linguísticos e manifestam-se através de escolhas lexicais, sintáticas e temáticas que remetem para realidades culturais chinesas, muitas vezes adaptadas à sensibilidade ou ao conhecimento do público europeu. A sua análise permite-nos aceder de forma indireta às estratégias de mediação e representação cultural adotadas por Gonçalves no exercício da tradução e da elaboração didática.

Este capítulo organiza-se em três secções. Começamos por apresentar as principais estratégias e práticas tradutológicas identificadas no trabalho de Gonçalves, com base no estudo de Li (2023). De seguida, propomos uma análise de exemplos particularmente expressivos, especialmente os relacionados com a alimentação. Por fim, refletimos sobre o alcance e os limites destas práticas à luz dos objetivos pedagógicos e interculturais que norteiam a sua obra.

4.1. Estratégias e práticas de tradução de Joaquim Gonçalves

O estudo de Li (2023) oferece um contributo valioso para a compreensão das práticas tradutológicas de Joaquim Gonçalves, situando as suas obras num ponto charneira entre os estudos linguísticos missionários e a história das teorias da tradução. A tradução desempenhou um papel central na produção linguística dos primeiros missionários, funcionando quer como ferramenta pedagógica quer como mecanismo de mediação intercultural. Contudo, nas obras de Gonçalves encontramos apenas uma explicitação pontual e dispersa dos princípios tradutológicos que orientaram as suas escolhas, concentrada sobretudo nas passagens preliminares das suas obras. Esta ausência de teorização torna particularmente relevante a análise dos seus recursos bilingues, sobretudo exemplos e anotações, enquanto reflexos práticos de uma teoria implícita da tradução.

A análise de Li (2023) assenta nas reflexões metalinguísticas do próprio Gonçalves, presentes sobretudo nos prefácios dos dois dicionários bilingues que integram a sua trilogia dedicada ao ensino-aprendizagem do chinês, e estrutura-se em torno de duas estratégias tradutológicas principais: a domesticação e a estrangeirização, retomando a distinção consagrada por Venuti (1995/2008). No âmbito da domesticação, a autora examina exemplos ligados à tradução de nomes de instrumentos musicais, nos quais Gonçalves recorre, na maioria dos casos, a equivalentes portugueses que evocam instrumentos com funções semelhantes, apesar das diferenças culturais e formais. Esta estratégia procura aproximar o referente cultural chinês do universo do leitor ocidental, facilitando a sua compreensão, sobretudo numa fase inicial da aprendizagem. Por sua vez, no que respeita à estrangeirização, são analisados casos que envolvem o recurso ao empréstimo, mantendo traços fonéticos e culturais do termo original, seja chinês, seja português. No interior destas duas orientações gerais, Li (2023) aplica a tipologia de métodos de tradução proposta por Molina e Hurtado Albir (2002), distinguindo com maior detalhe as diferentes técnicas utilizadas nas obras de Gonçalves.

Com base na análise de Li (2023), é possível sistematizar as estratégias tradutológicas adotadas por Gonçalves em dois grandes eixos, domesticação e estrangeirização, cada um associado a diferentes métodos de tradução que visam responder a desafios específicos de equivalência cultural e linguística. O quadro seguinte resume as principais estratégias e métodos identificados, acompanhados de exemplos e observações relevantes.

Tabela 79 Resumo das estratégias e práticas de tradução de Joaquim Gonçalves num estudo preliminar

E.	Método	Descrição	Observação	Exemplo
Domesticação	adaptação *ou* equivalência cultural	Substituição por termo funcionalmente semelhante na cultura de chegada	Gonçalves opta por termos culturalmente próximos, para facilitar a compreensão do leitor ocidental, alertando, no entanto, que essas equivalências não devem ser entendidas como correspondências perfeitas, uma vez que os referentes culturais podem diferir significativamente dos seus equivalentes.	rabeca 胡琴 *húqín*
	descrição	Tradução explicativa do conteúdo ou função do original		sanfona 手琴 *shǒuqín*
	particularização	Uso de termo mais específico na língua de chegada		órgão 风琴 *fēngqín*
Estrangeirização	empréstimo naturalizado *ou* transliteração	Introdução do termo original com adaptação fonética ou gráfica	Gonçalves mantém certos termos no original ou transcritos foneticamente, quando não existem equivalentes culturais nas duas realidades linguísticas e socioculturais.	人参 *rénshēn* ginsão
				café 戛啡 *jiáfēi*

Fonte: Elaborada pela autora com base no estudo de Li (2023).
Nota. "E." representa "Estratégia".

As práticas observadas nas obras de Gonçalves revelam uma consciência dos limites da equivalência linguística e uma estratégia deliberada de exposição do leitor à alteridade cultural dos referentes

traduzidos. De acordo com Li (2023, p. 179), a obra de Gonçalves foi concebida com uma utilidade bidirecional, visando tanto o ensino do chinês a europeus como do português a chineses. Essa orientação dual exige uma constante negociação entre fluidez e fidelidade, o que explica a predominância da estratégia de domesticação. Ainda assim, quando confrontado com referentes intraduzíveis por via de equivalência cultural, o autor recorre também à estrangeirização.

A par das técnicas sistematizadas por Li (2023), consideraremos ainda outros recursos identificados no capítulo anterior, nomeadamente as abreviaturas metalinguísticas, como "fig." (figurado), "p./prop." (próprio), "c." (cultural) e "esp." (especial), que funcionam como marcadores explícitos de orientação tradutológica e interpretativa, ajudando o leitor a reconhecer nuances semânticas e a situar os termos dentro de categorias gramaticais ou culturais específicas. Do mesmo modo, os comentários autorais breves, frequentemente inseridos junto aos exemplos ou verbetes, serão analisados enquanto elementos explicativos que revelam decisões tradutivas e pedagógicas subjacentes, constituindo uma forma de mediação cultural implícita mas significativa. Estes recursos complementam, assim, o panorama das práticas de tradução de Gonçalves e enriquecem a nossa leitura das estratégias interculturais veiculadas pelos seus textos. Tendo como ponto de partida esta leitura das estratégias tradutológicas adotadas por Joaquim Gonçalves, procederemos, na secção seguinte, à análise de um conjunto de exemplos bilingues retirados das suas três obras principais.

4.2. História da alimentação refletida nos exemplos bilingues

Esta secção é dedicada à análise da história da alimentação tal como se reflete nos exemplos bilingues extraídos da trilogia de Joaquim Gonçalves. O objetivo central consiste em mostrar como as práticas de tradução revelam e interpretam elementos culturais, alimentares, marcantes, iluminando os modos como Gonçalves construiu pontes linguísticas e simbólicas entre o universo sino-português no contexto da sua missão pedagógica e religiosa. Através da seleção de exemplos lexicalmente ricos e culturalmente significativos, pretende-se evidenciar não só a diversidade dos hábitos alimentares representados, mas também as estratégias de domesticação, estrangeirização e equivalência funcional adotadas pelo autor. A secção está dividida em duas subsecções principais: a subsecção 4.2.1 analisa os exemplos relacionados com as refeições diárias, o ato de comer, os espaços de sociabilidade alimentar, as práticas de jejum, banquetes e outros comportamentos que estruturam a alimentação quotidiana e cerimonial; já a subsecção 4.2.2, incide sobre os alimentos fundamentais da dieta, com especial atenção aos cereais

e derivados e às frutas e frutos secos, revelando como Gonçalves traduziu e adaptou vocabulário técnico e popular em função das realidades culturais de partida e de chegada.

Em termos metodológicos, a análise partiu de um levantamento manual dos exemplos bilingues presentes no *Diccionario Portuguez-China* de Joaquim Gonçalves, realizado com base na identificação de campos lexicais pertinentes, tais como categorias botânicas, terminologia linguística, nomes de animais, toponímia, religião, saúde, profissões, vestuário, entre outros domínios temáticos relevantes. Este processo foi efetuado em duas leituras completas e sistemáticas da obra, uma na ordem direta, da primeira à última página, e outra na ordem inversa, com o objetivo de garantir a maior exaustividade possível na recolha dos dados. Apesar do esforço de dupla verificação, não é possível assegurar que nenhum exemplo relevante tenha escapado, embora se tenha procurado incluir todos os casos prototípicos representativos dos campos em análise. Com base neste *corpus*, foram selecionados dois domínios lexicais específicos — cereais e derivados; fruta e frutos secos — por apresentarem uma frequência de ocorrência relativamente elevada, uma maior acessibilidade em termos de identificação e uma presença mais evidente no quotidiano das culturas em contacto. Domínios mais técnicos, como a classificação detalhada de espécies botânicas específicas, terminologia religiosa especializada, conceitos ligados à medicina tradicional ou categorias sociolinguísticas, como profissões históricas e formas de tratamento arcaicas, implicariam um conhecimento especializado que ultrapassaria os objetivos e o enquadramento deste estudo.

A análise desenvolve-se a partir de uma abordagem filológica, cruzando os dados lexicais recolhidos do *Diccionario Portuguez-China* com o conhecimento atual sobre hábitos alimentares contemporâneos e botânica aplicada. Neste caso, parte-se de uma leitura atenta da obra, procurando estabelecer, sempre que possível, ligações com a *Arte China*, de modo a verificar como os mesmos dados ocorrem ou são desenvolvidos nesta obra central da trilogia de Joaquim Gonçalves. Esta articulação permite contextualizar melhor as escolhas lexicais do autor e perceber como determinados conceitos ou termos eram operacionalizados de forma coerente, ou eventualmente distinta, nos diferentes géneros e finalidades pedagógicas das suas obras. O *Diccionario China-Portuguez* não foi considerado para esta análise, uma vez que o corpo desta obra lexicográfica está organizado segundo os carateres chineses individuais, ou seja, morfemas monossilábicos isolados, o que acarreta uma maior distância em relação ao uso corrente da língua. Em contraste, o *Diccionario Portuguez-China* apresenta maior acessibilidade para este tipo de estudo, por estar organizado segundo lemas portugueses, unidades lexicais completas, mais próximas da estrutura do discurso e do vocabulário quotidiano.

Para a identificação e validação dos nomes científicos das espécies vegetais envolvidas, recorreu-se à *Flora Reipublicae Popularis Sinicae* (FRPS), um dos maiores projetos florísticos do mundo, consultada através da base de dados "植物智 *Zhíwù Zhì* 'Inteligência Botânica'", também conhecida como iPlant (Institute of Botany, the Chinese Academy of Sciences, sem data). Esta plataforma é amplamente reconhecida como uma das fontes mais fiáveis e abrangentes em botânica chinesa, reunindo informação taxonómica, morfológica e ecológica sobre milhares de espécies vegetais. No que respeita à terminologia portuguesa, privilegiou-se o uso *do Vocabulário Portuguez e Latino* (1712–1728), de Rafael Bluteau (1638–1734), como principal testemunho lexicográfico da língua da época. Este foi complementado por dicionários contemporâneos, nomeadamente o *Dicionário da Língua Portuguesa* da Academia das Ciências de Lisboa, cuja versão digital foi lançada em 2023; o *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, de Caldas Aulete (1823–1878), digitalizado pela Lexikon Editora Digital, e o *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, de Antônio Houaiss (1915–1999), disponibilizado online pelo Instituto que leva o seu nome. Estes recursos foram especialmente mobilizados nos casos em que Bluteau não fornece informação suficiente ou não contempla os termos em análise. Esta abordagem permite, assim, articular análise lexical, tradução intercultural e história da alimentação, lançando luz sobre a complexa rede de significados e mediações presente nas obras de Joaquim Gonçalves.

4.2.1. Estrutura das refeições e hábitos alimentares

A análise dos exemplos bilingues recolhidos a partir do *Diccionario Portuguez-China*, reorganizados na Tabela 80, permite observar com detalhe a forma como Joaquim Gonçalves representa as práticas alimentares chinesas, traduzindo e adaptando um vasto conjunto de termos relacionados com o ato de comer, as refeições, os alimentos e os espaços de sociabilidade ligados à alimentação.

Tabela 80 Exemplos bilingues relacionados com a estrutura das refeições e hábitos alimentares

	Português	Chinês	DPC	Tipo
1)	ALMOÇAR	喫點心 [*chī diǎnxīn*]。過早 [*guòzǎo*] ∆早膳 [*zǎoshàn*]	38	Principais refeições do dia
2)	CEIA	晚飯 [*wǎnfàn*] ∆晚膳 [*wǎnshàn*]。飧 [*sūn*]	147	
3)	JANTAR	喫早飯 [*chī zǎofàn*]。用飯 [*yòngfàn*] ∆餐 [*cān*]。早食 [*zǎoshí*]。饔 [*yōng*]	463	
	– o imperador	用/進膳 [*yòng/jìnshàn*]		
	Queira – com nosco	請用飯 [*qǐng yòngfàn*]		
	Obrigado, ja jantei	有便[*yǒubiàn*]、喫了[*chī le*]。先便了 [*xiān biàn le*]。 便過了 [*biàn guò le*]		
	Tira o –	便/備飯 [*biànfàn/bèifàn*]		
	Convido a Vmce. para hum – de casa	請喫家常飯 [*qǐng chī jiāchángfàn*]。請便飯 [*qǐng biànfàn*]		

	Dar grande –	排大席面 [*pái dà xímiàn*] ∆食前方丈 [*shí qián fāngzhàng*]		
4)	MERENDA	點心 [*diǎnxīn*]	525	
5)	ALIMENTO	喫 [*chī*] / 飲食 [*yǐnshí*] ∆餉 [*xiǎng*]。調養 [*tiáoyǎng*]	36	Termos alimentares gerais
6)	CONDUCTO	菜肉 [*càiròu*] ∆下飯之餚 [*xià fàn zhī yáo*]。饌 [*zhuàn*]	181	
7)	IGUARIA	菜肉 [*càiròu*] ∆席面品物 [*xímiàn pǐnwù*]。餚饌 [*yáozhuàn*]	428	
8)	LAMBUGEM	剩菜 [*shèngcài*] ∆食殘餚 [*shícán yáo*]。溷餘 [*húnyú*]	471	
9)	Provisao de viveres	现成的食物 [*xiànchéng de shíwù*]	674	
10)	SOBREMÊSA	飯後果品 [*fànhòu guǒpǐn*]。上席果碟 [*shàngxí guǒdié*]	767	
11)	VIANDA	菜 [*cài*]。菜肉 [*càiròu*] ∆餚饌 [*yáozhuàn*]	854	
12)	SÔLDO	錢粮 [*qiánliáng*]。粮餉 [*liángxiǎng*] ∆軍需 [*jūnxū*]	771	
13)	TENÇA	食乾粮 [*shí gānliáng*] ∆世襲頂戴粮 [*shìxí dǐngdài liáng*]。世祿 [*shìlù*]。襲蔭口粮 [*xíyìn kǒuliáng*]	798	
	– para desemparado	孤貧粮 [*gūpín liáng*]		
14)	VÍVERES	糧食 [*liángshí*]。食物 [*shíwù*]。伙食 [*huǒshí*] ∆饍饈 [*shànxiū*]	866	
	Falta de –	絕糧 [*juéliáng*] △糧食乏 [*liángshí fá*]		
	– do exercito	軍糧 [*jūnliáng*]。軍需/餉[*jūnxū/xiǎng*]		
15)	BEBERRICAR	零碎歃 [*língsuì hē*]。吃東道 [*chī dōngdào*] ∆不時飲食 [*bùshí yǐnshí*]	97	Práticas alimentares
16)	COMER	喫 [*chī*] ∆食 [*shí*]。充飢 [*chōngjī*]。飯 [*fàn*]	170	
17)	Comer a sobreposse	喫過於飽了 [*chī guòyú bǎo le*] ∆強食 [*qiángshí*]	767	
18)	COMESANA	多喫多歃 [*duō chī duō hē*]。酒囊飯袋 [*jiǔnáng fàndài*]。豐筵長飲 [*fēngyán chángyǐn*]	171	
19)	Dia de peixe	喫素的日子 [*chī sù de rìzi*] ∆齋期 [*zhāiqī*]	260	
20)	FARTAR	給他喫飽 [*gěi tā chī bǎo*] ∆充之 [*chōng zhī*]。令之飽飧 [*lìng zhī bǎocān*]	358	
	– -se	喫的飽 [*chī de bǎo*] ∆ 充肚/腹 [*chōng dù / fù*]。饜 [*yàn*]		
	– – de laranjas	喫橘子喫飽了 [*chī júzi chī bǎo le*] ∆ 食足橘 [*shí zú jú*]。以橘充腹 [*yǐ jú chōng fù*]		
21)	JEJUM	齋 [*zhāi*]。齋戒 [*zhāijiè*]。嚴齋 [*yánzhāi*]	464	
22)	BANQUETE	筵席 [*yánxí*]。酒席 [*jiǔxí*] ∆筵宴 [*yányàn*]。戲酒 [*xìjiǔ*]。醼 [*yàn*]	92	Ambientes alimentares
	Grande –	大酒席 [*dà jiǔxí*]。坐大席 [*zuò dà xí*] ∆豐筵長飲 [*fēngyán chángyǐn*]		
	Preparar o –	設席 [*shèxí*]。排筵 [*páiyán*]		
	Ir ao –	去歃酒 [*qù hē jiǔ*] ∆赴席 [*fùxí*]。与席 [*yǔxí*]		
	Dar –	請客 [*qǐngkè*]。请歃酒 [*qǐng hē jiǔ*] ∆具賓筵 [*jù bīnyán*] / 客席 [*kèxí*]		
	– imperial	御宴 [*yùyàn*]。進膳 [*jìnshàn*]		
	– dado pelo imperador	赏宴 [*shǎngyàn*] / 賜宴 [*cìyàn*]		
	Por a segunda coberta ao –	把殘席收拾了另排 [*bǎ cánxí shōushí le lìng pái*] ∆洗盞更酌 [*xǐzhǎn gēng zhuó*]		
23)	TABERNA	酒館 [*jiǔguǎn*]。高樓店 [*gāolóudiàn*]。茶館兒 [*cháguǎnr*]	787	
24)	TAVERNA	酒館/店[*jiǔguǎn /diàn*]	793	

Fonte: Elaborada pela autora.

Neste quadro, os exemplos foram reorganizados em quatro núcleos temáticos, a saber, as principais refeições do dia, os termos alimentares gerais e específicos, as práticas alimentares e os espaços e formas de sociabilidade associados à alimentação, com o objetivo de tornar mais clara a diversidade lexical e cultural associada a esta área temática, tal como surge representada nas obras de Joaquim Gonçalves.

4.2.1.1. Principais refeições do dia

O primeiro núcleo diz respeito às principais refeições do dia, abrangendo as entradas "ALMOÇAR", "CEIA", "JANTAR" e "MERENDA", assim como expressões associadas a gestos de convite, refeições cerimoniais e fórmulas de cortesia à mesa, sobretudo as apresentadas como exemplos na entrada "JANTAR". O modelo atualmente dominante de três refeições diárias — pequeno-almoço, almoço e jantar — é, na verdade, uma convenção relativamente recente, tanto na sociedade portuguesa como na chinesa. No caso português, segundo Reis (2010), a configuração das refeições evoluiu ao longo dos séculos: até ao final da Idade Média, predominavam duas refeições principais, jantar (equivalente ao almoço atual) e ceia, sendo o almoço (atual pequeno-almoço) e a merenda (equivalente ao lanche atual) introduções mais tardias e inicialmente irregulares; a padronização das quatro refeições só se consolidaria entre os séculos XVII e XIX.

Do lado chinês, o percurso histórico das refeições diárias revela-se mais complexo, dada a diversidade regional e a escassez de estudos sistemáticos sobre o tema. Apesar disso, Dong e Tu (2025, p. 104) , no seu estudo sobre a cultura popular inscrita num manual de conversação em mandarim de Pequim, elaborado no início do século XX para falantes japoneses, defendem que as expressões "早饭 [*zǎofàn* 'refeição da manhã']", "晌饭 [*shǎngfàn* 'refeição do meio dia']" e "晚饭 [*wǎnfàn* 'refeição da noite']", tal como preservadas nesse compêndio, refletem uma cultura alimentar estruturada em torno de três refeições diárias. Segundo os autores, durante o período pré-Qin, a escassez de recursos teria generalizado um regime de duas refeições por dia, enquanto a consolidação do modelo tripartido só se teria afirmado de forma plena a partir das dinastias Ming e Qing. Contudo, os autores não apresentam dados empíricos ou fontes primárias que sustentem esta afirmação, o que revela a necessidade de investigação mais rigorosa nesta área.

De acordo com os exemplos bilingues extraídos do *Diccionario Portuguez-China* de Joaquim Gonçalves, parece que, no português da época, já se encontrava estabelecido um modelo de quatro refeições — almoço, merenda, jantar e ceia — ordenadas de acordo com a sequência temporal do dia. No entanto, os equivalentes chineses apresentados não refletem uma distinção tão clara entre essas refeições. O ato de almoçar, por exemplo, é equiparado tanto a "喫點心 *chī diǎnxīn* 'comer lanche, *dim sum*'" como por "過早 *guòzǎo* 'passar a manhã, comer de manhã'" ou "早膳 *zǎoshàn* 'refeição de manhã'", enquanto *merenda* também corresponde a este primeiro termo "點心 *diǎnxīn* 'lanche, *dim sum*'", revelando uma sobreposição de sentidos. Por sua vez, o verbo *jantar* surge associado à expressão "喫早飯 *chī zǎofàn* 'comer a refeição de manhã'", que, do ponto de vista da referência

temporal, remete igualmente para uma refeição matinal, cruzando-se assim com o campo semântico de *almoçar*. Apenas o termo *ceia*, traduzido como "晚飯 *wănfàn*", "晚膳 *wănshàn*", ou "飧 *sūn*" (todos significando "refeição da noite"), aponta de forma inequívoca para a refeição da noite, sendo a única entre as quatro a apresentar uma correspondência temporal inequívoca e distinta no léxico chinês apresentado por Gonçalves.

Para melhor interpretar os sentidos atribuídos aos termos alimentares e compreender os hábitos alimentares em contexto, podemos recorrer aos diálogos XX (*Visita de manhã* 早上拜望 [*zăoshang bàiwàng*]), XXI (*Almoçar* 喫點心 [*chī diănxīn*]) e XXII (*Jantar* 喫早飯 [*chī zăofàn*]), incluídos no quinto capítulo da *Arte China*. De acordo com os títulos destes dois últimos diálogos, verifica-se que, por um lado, *almoço* corresponde a "點心 *diănxīn*", termo que, além de designar refeições ligeiras como lanches, é também associado à refeição típica cantonense conhecida como *dim sum*; por outro lado, *jantar* é traduzido como "早飯 *zăofàn*", o que em chinês contemporâneo remete geralmente para o pequeno-almoço. No primeiro diálogo, dedicado à visita matinal, encontramos uma frase reveladora da existência de uma terceira refeição: "Que fizeste hontem depois de cêa? 你昨日吃晚飯後作什么 [*nĭ zuótiān chī wănfàn hòu zuò shénme*]" (Gonçalves, 1829a, p. 244). Estes dados bilingues sugerem a existência de pelo menos três refeições distintas no quotidiano chinês do início do século XIX, tal como representado por Gonçalves: um almoço, um jantar e uma ceia. A terminologia da época para estas refeições é brevemente comentada na edição crítica do manuscrito 7975 da Biblioteca Nacional, atribuído a Gonçalves, que apresenta um conjunto de diálogos mais amplo, mas com redação prévia à que se apresenta na *Arte China*, a propósito do *Diálogo 22.º. Almoçar* 吃點心 chě tień sin [*chī diănxīn*] (Barros & Ng Cen, 2017, p. 187).

No diálogo XXI, centrado na primeira refeição do dia, isto é, o almoço ou "點心 *diănxīn*", é apresentado um conjunto variado de alimentos:

> Que queres almoçar?
> Pão, leite, manteiga, e queijo; alem disto quero bolinholo, e bolos de mil andares.
> Não he pròprio comer tais coisas ao almoço.
> Se não he proprio, que havemos de almoçar?
> Letria de arroz, e de farinha, e doce.
> Da cá huma faca, eu te aparo a fruta.
> 你要喫什么
> 麪頭奶子奶油奶餅還要燒餅、千層餅
> 喫點心吃這樣的東西不對
> 不对該當吃什么

我們吃米粉麵粉糖果就是了

拿刀子来。我給你切菓子

[*Nǐ yào chī shénme?*

Miàntou nǎizi nǎiyóu nǎibǐng hái yào shāobǐng, qiāncéngbǐng.

Chī diǎnxīn chī zhèyàng de dōngxi bú duì.

Bú duì, gāidāng chī shénme?

Wǒmen chī mǐfěn, miànfěn, tángguǒ jiù shì le.

Ná dāozi lái. Wǒ gěi nǐ qiē guǒzi.] (Gonçalves, 1829a, pp. 245–246)

Os alimentos mencionados para esta primeira refeição são, em geral, de preparação simples, de fácil ingestão e pouco elaborados, o que sugere tratar-se de uma refeição ligeira, compatível com o que hoje associamos ao pequeno-almoço, tal como se refere em Barros e Ng Cen (2017, p. 187, nota 385). Já no diálogo XXII, dedicado ao jantar, ou "早飯 *zǎofàn*", a refeição é descrita como significativamente mais elaborada. Para além de ser uma ocasião frequentemente associada à receção de convidados, é atribuída ao cozinheiro uma responsabilidade particular na sua preparação: há arranjo da mesa, uso de utensílios específicos, acompanhamento com bebidas alcoólicas, e são servidos vários pratos, incluindo arroz e caldo (cf. Gonçalves, 1829a, pp. 246–248). A descrição sugere, assim, que o jantar constituía a refeição principal e mais completa do dia.

Por fim, no diálogo XX, observa-se que a ceia, ou "晚飯 *wǎnfàn*", era uma prática estabelecida no final do dia e estava frequentemente associada a momentos de convívio social, como jogos ou entretenimento (cf. Gonçalves, 1829a, p. 244). A distinção entre jantar e ceia pode, assim, ser interpretada através dos morfemas iniciais dos seus correspondentes chineses: "早 *zǎo* 'cedo'" e "晚 *wǎn* 'tarde'". Estes não devem ser entendidos como marcas temporais absolutas, "manhã" e "noite", mas sim como referências relativas ao ritmo diário das refeições, sendo o jantar a refeição substancial tomada mais cedo e a ceia uma refeição ligeira tomada mais tarde. Quanto à última refeição registada no *Diccionario Portuguez-China*, a merenda, esta não é mencionada nos diálogos analisados anteriormente, o que pode indicar tratar-se de uma refeição pouco comum ou pouco institucionalizada na sociedade chinesa da época.

4.2.1.2. Termos alimentares gerais

O segundo núcleo reúne o vocabulário genérico relacionado com a alimentação, onde se incluem termos como *alimento*, *iguaria*, *vianda* e *víveres*, que remetem para categorias alimentares amplas ou fundamentais. A análise dos termos reunidos sob a categoria de "termos alimentares gerais" revela

vários aspetos significativos no modo como Gonçalves representa a alimentação chinesa. Em primeiro lugar, palavras como "alimento", "conducto", "iguaria" e "vianda" correspondem a diferentes formas de designar os pratos que acompanham o arroz — a base da refeição tradicional chinesa. Este modelo assenta num sistema de partilha coletiva: cada comensal dispõe de uma tigela de arroz individual e todos partilham os vários pratos colocados no centro da mesa. Esta prática, ainda hoje predominante na China, contrasta com os hábitos alimentares portugueses contemporâneos, em que os pratos principais, geralmente compostos por um alimento rico em proteína acompanhado por cereais e/ou vegetais, são servidos individualmente e a partilha direta de comida entre os comensais é menos comum. Tal diferença pode explicar a variedade lexical nos termos utilizados para designar os "pratos" em chinês.

Em segundo lugar, a entrada relativa à "sobremesa" apresenta dois equivalentes chineses distintos, ambos contendo o morfema "果 *guǒ*", que remete para "fruta". Isto sugere que, no contexto chinês da época — e talvez ainda hoje — as sobremesas eram habitualmente compostas por fruta, ao contrário da tradição portuguesa, mais associada a doces e confeitaria. Este detalhe lexical transmite, de forma implícita, uma diferença cultural no encerramento da refeição. Um terceiro ponto relevante é a correspondência atribuída à palavra "lambugem", que aparece associada a restos ou sobras de comida. Esta ligação é reforçada pela ocorrência da frase final no diálogo dedicado ao jantar, onde se lê: "da os sobejos do conducto, e arroz aos criados 剩菜剩飯給家人吃 [*shèngcài shèngfàn gěi jiārén chī*] " (Gonçalves, 1829a, p. 248). O contraste entre o arroz e o conducto — isto é, entre o cereal de base e o alimento mais valorizado e dispendioso, o principal (carne, peixe ou, em dias de abstinência, vegetais), que serve para "conduzir" o arroz garganta abaixo, reaparece no âmbito do mesmo diálogo *Jantar*, no qual Gonçalves regista o seguinte exemplo bilingue "não tenho bom conducto para levar o arroz" e "我沒有好菜下飯 [*wǒ méiyǒu hǎo cài xiàfàn*]". Vemos neste exemplo que a função principal do conduto é fazer descer (conforme se verifica pelo uso do verbo "下 *xià* ''descer") pela garganta o arroz, reforçando a distinção funcional e simbólica entre os elementos da refeição. A associação entre restos e estratificação social está implícita nesta prática, sendo os excedentes das refeições destinados aos servos, o que também nos dá indícios sobre as hierarquias alimentares em contexto doméstico ou institucional.

Por fim, destaca-se a presença significativa de vocabulário associado às funções públicas, abrangendo tanto o domínio militar como o civil, como se observa nas entradas relativas a "sôldo", "tença" e "víveres". À primeira vista, os termos portugueses remetem genericamente para formas de remuneração ou fornecimento alimentar, mas é nos equivalentes chineses que sobressaem elementos mais específicos. Morfemas como "粮 *liáng*" e "饷 *xiǎng*", recorrentes nos equivalentes chineses,

indicam com maior clareza o papel do Estado na provisão alimentar, não só em contexto militar, mas também civil, especialmente no âmbito dos empregos públicos imperiais. A presença destes termos sugere a existência de sistemas organizados de distribuição de mantimentos como forma de remuneração ou apoio social, estruturados em função da posição ocupada no aparelho estatal. Assim, mais do que refletir apenas a logística militar, esta secção do vocabulário revela a importância da gestão alimentar institucional na China da época, enquanto instrumento de administração, compensação funcional e manutenção do equilíbrio social.

4.2.1.3. Práticas alimentares

O terceiro núcleo incide sobre práticas alimentares específicas, isto é, comportamentos ligados ao ato de comer que não se limitam à designação de refeições ou alimentos concretos, mas que exprimem valores culturais, normas sociais e significados simbólicos associados à alimentação. Este conjunto inclui situações com motivações diversas — desde as religiosas às comportamentais — como o jejum, o *dia de peixe*[163] ou a ação de comer em excesso, bem como expressões que refletem variações no modo, quantidade ou intenção com que se consome alimento. Ao contrário das entradas que definem alimentos ou refeições principais, estas expressões estão marcadas por um contexto de uso mais situacional, revelando atitudes face à comida — seja a frugalidade, o autocontrolo, a abstinência religiosa, a fartura ou o prazer — e oferecendo assim uma chave de leitura importante para compreender os hábitos alimentares enquanto prática social, cultural e religiosamente codificada.

Em primeiro lugar, observamos um conjunto de verbos e expressões associados ao ato de consumir alimentos, como "beberricar", "comer", "comer a sobreposse", "fartar-se", bem como o substantivo "comesana". A entrada "comer" apresenta múltiplos equivalentes chineses: além das formas mais diretas como "喫 *chī* 'comer'" e "吃 *chī* 'comer'"[164], surge também a expressão "充饥 *chōngjī*", que indica o ato de saciar a fome de forma simples, modesta, sugerindo que o ato de comer pode ser entendido, nesse contexto, como uma necessidade básica, sem conotação de excesso. Por contraste, as entradas "comer a sobreposse", "fartar" e "comesana" remetem claramente para formas de consumo excessivo ou prolongado. "Comer a sobreposse" é traduzido por "喫過於飽了 *chī guòyú bǎo le*",

[163] Este lexema, que representa o jejum católico, com abstinência de carne, é discutido, bem como o seu equivalente chinês, na edição crítica do manuscrito 7975 da Biblioteca Nacional, aí presente no mesmo diálogo, numerado como *Diálogo 23.º, Jantar* 吃飯 chě fan [*chīfàn*] (Barros & Ng Cen, 2014, p. 255, nota 775, 2017, p. 195, nota 412).

[164] Sobre a variação gráfica e fonética dos carateres "喫 *chī* 'comer'" e "吃 *chī* 'comer'", veja-se também a análise de Li (2020, pp. 98–100), que explora a evolução fonética destes verbos, destacando as suas leituras históricas (*qī* e *jí*) e a preservação de traços fonológicos em certos dialetos chineses e em outras línguas, como o japonês.

literalmente “comer até mais do que estar cheio”, enquanto o substantivo “comesana” é representado por formulações como “酒囊飯袋 *jiǔnáng fàndài* ‘saco de vinho e arroz’” e “豐筵長飲 *fēngyán chángyǐn* ‘banquete repleto e bebida prolongada’”, evocando imagens de abundância, ostentação e gula.

Um caso particularmente interessante é o da expressão “fartar-se de laranjas”, associada ao consumo de laranja, equiparada neste caso a “橘子 *júzi* ‘mandarina’” (retomaremos esta equivalência na subsecção seguinte) nas frases equivalentes chinesas “喫橘子喫飽了 *chī júzi chī bǎo le* ‘comer mandarinas até ficar cheio’” e “以橘充腹 *yǐ jú chōng fù* ‘encher o estômago com mandarinas’”. Estes exemplos são reveladores, pois mostram que até uma fruta, geralmente associada a leveza, frescura e moderação, pode ser referida num contexto de consumo abundante. Mais do que indicar apenas saciedade, estas expressões sugerem que as mandarinas eram não só amplamente disponíveis, mas também objeto de consumo regular e quotidiano na cultura chinesa, enquanto, na cultura portuguesa, o fruto mais comum e acessível seria a laranja, sendo as mandarinas consideradas menos frequentes e, em muitos casos, associadas a ocasiões específicas ou a maior disponibilidade económica (aprofundaremos esta relação histórica na subsecção seguinte). Tal formulação aponta para a presença destacada deste fruto no imaginário alimentar e reforça a ideia de que Gonçalves procurava refletir hábitos alimentares reais, incluindo a frequência e a acessibilidade de certos alimentos.

Em segundo lugar, os termos “jejum” e “dia de peixe” oferecem uma perspetiva diferente, pois dizem respeito a práticas alimentares motivadas por razões religiosas ou espirituais, quer na cultura cristã ocidental como na chinesa, sobretudo sob a influência de daoismo e budismo. Ambas as palavras estão associadas ao conceito chinês de “齋 *zhāi*”, que remete para um regime de purificação alimentar comum nas tradições budista e taoista. De acordo com o *Dicionário dos Termos Taoistas* (cf. Hu, 1995, p. 508), na tradição taoista, “斋 *zhāi*”, grafia simplificada de “齋 *zhāi*”, associa-se ao conjunto ritual “斋醮 *zhāijiào*”, que designa de forma geral os rituais de purificação e oferenda no contexto do culto religioso. Este termo tem como significado original os conceitos de pureza e abstinência, derivando das noções de “洁净 *jiéjìng* ‘limpeza’” e “禁戒 *jìnjiè* ‘contenção e proibição’”. Tradicionalmente, estas práticas implicavam o banho ritual, a mudança de vestuário, a abstenção de álcool e carne, o autocontrolo sexual e o recolhimento interior, como forma de expressar sinceridade, respeito e devoção perante os deuses ou espíritos, sobretudo no âmbito das cerimónias religiosas.

No contexto budista, o termo “斋 *zhāi*” está associado a um conjunto de práticas religiosas de abstinência, sobretudo alimentar. Estas práticas incluem, por exemplo, os rituais funerários de sete

semanas ("七七齋 *qī qī zhāi*"), durante os quais são realizadas cerimónias semanais em benefício da alma do falecido, que se acredita atravessar um estado intermédio antes da sua reencarnação (cf. Soothill & Hodous, 1937, p. 10). Inclui-se também o jejum após o meio-dia ("九齋日 *jiǔ zhāi rì*"), observância comum em dias específicos de abstinência (cf. Soothill & Hodous, 1937, p. 20)20, bem como a prática dos oito preceitos ("八戒齋 *bā jiè zhāi*"), que consistem em proibições como matar, roubar, conduta sexual imprópria, mentira, consumo de álcool, uso de adornos, entretenimento e dormir em camas luxuosas, além da restrição alimentar fora das horas regulamentares (ou seja, após o meio-dia). Estas formas de "jejum" não implicam apenas abstenção de alimentos, mas antes um ideal de purificação corporal e espiritual, central na disciplina budista.

No glossário de Gonçalves, o exemplo "dia de peixe" é particularmente interessante: é traduzido como "喫素的日子 *chī sù de rìzi*", ou seja, "dia de comer vegetariano" na interpretação atual. A equivalência entre o termo "素 *sù* 'vegetariano'" e o consumo de peixe surge também no diálogo dedicado ao jantar, onde se lê: "Hoje não he dia de carne: nós comemos de peixe" e "今天吃不得葷菜我們吃素菜 [*Jīntiān chī bùdé hūncài, wǒmen chī sùcài*]" (Gonçalves, 1829a, p. 247). No contexto apresentado por Gonçalves, esta restrição alimentar designada por "素 *sù* 'vegetariano'" parece permitir o consumo de peixe, o que é coerente com a tradição católica, segundo a qual, nos dias de jejum ou abstenção, se evita a carne consumindo peixe. Contudo, esta prática difere substancialmente da perspetiva budista, na qual o conceito de "素 *sù*" implica uma abstinência mais abrangente: não só de qualquer alimento de origem animal, mas também de ingredientes com cheiro forte ou considerados impuros, como alho, cebolinho, gengibre e outras plantas pungentes, tradicionalmente agrupados sob o termo "葷 *hūn*", o qual, na interpretação de Gonçalves, remete para a carne, conforme evidenciado no exemplo citado acima.

Assim, a equivalência entre dia de peixe e dia vegetariano adotada no dicionário de Gonçalves evidencia uma tensão tradutológica e intercultural, decorrente do esforço de adaptar conceitos alimentares chineses à sensibilidade e à doutrina cristã do público europeu — e do Colégio de S. José, em Macau, onde o diálogo poderia muito bem desenrolar-se —, que, em geral, não estaria familiarizado com os preceitos alimentares das religiões praticadas na China. Por outro lado, não se pode excluir que a intenção de Gonçalves fosse, inversamente, adaptar ao chinês o conceito de jejum católico, procurando corresponder-lhe um termo pré-existente na cultura chinesa, ainda que as noções não coincidam de forma rigorosa.

4.2.1.4. Ambientes alimentares

O quarto e último núcleo contempla os espaços e formas de sociabilidade associados à alimentação, reunindo vocábulos como *banquete, taberna,* ou *taverna*, e construções que remetem para a organização, partilha e ritualização das refeições em diferentes contextos sociais e institucionais. Estes termos não descrevem alimentos em si, mas antes os quadros sociais e espaciais em que a alimentação adquire valor cerimonial, hierárquico ou comunitário.

O termo "banquete" apresenta uma diversidade de equivalentes chineses, como "筵席 *yánxí*", "酒席 *jiǔxí*" e "宴 *yàn*", todos associados a refeições formais e coletivas. As expressões compostas, como *grande banquete* ("大酒席 *dà jiǔxí*") ou *banquete imperial* ("御宴 *yùyàn*"), destacam diferentes graus de solenidade e estatuto. A terminologia usada distingue ainda entre quem organiza ("preparar o banquete" ou "設席 *shèxí*"), quem participa ("ir ao banquete" ou "去赴酒 *qù fù jiǔ*") e quem oferece ("dar um banquete" ou "請客 *qǐngkè*"), evidenciando a carga simbólica do gesto de comer em grupo. Algumas expressões são altamente codificadas, como *banquete concedido pelo imperador* ("賞宴 *shǎngyàn*" / "賜宴 *cìyàn*"). Já a expressão referente à "segunda cobertura à mesa", traduzida como "把殘席收拾了另排 *bǎ cánxí shōushí le lìng pái* 'arrumar os restos da refeição e preparar nova disposição'" ou ""洗盞更酌 *xǐzhǎn gēng zhuó* 'lavar as taças e voltar a servir bebida'", remete para protocolos culturais típicos de grandes banquetes, nos quais era necessário substituir ou reconfigurar as mesas para receber sucessivos grupos de convidados.

Por sua vez, os termos "taberna" e "taverna", formas alternativas resultantes do betacismo do latim TABERNA , fenómeno fonético ainda hoje comum da região transmontada (cf. L. Li, 2020, pp. 67–69), são traduzidos por expressões como "酒馆 *jiǔguǎn* 'taberna de bebidas alcoólicas'", "高楼店 *gāolóudiàn* 'loja de edifício alto '" e "茶馆儿 *cháguǎnr* 'casa de chá'", remetendo para espaços públicos de convívio onde se serve bebida, comida ou chá. Embora não impliquem, à partida, um nível cerimonial elevado, estes locais desempenham um papel importante na vida social e quotidiana, funcionando como espaços de encontro, lazer e negociação.

No final do século XVIII e início do XIX, a alimentação popular urbana em Portugal estava ligada sobretudo às tabernas e aos cafés, espaços centrais da nova cultura urbana. Enquanto os cafés, de origem recente e associados a uma sociabilidade intelectual e burguesa, ofereciam torradas e doces como acompanhamento das bebidas, as tabernas forneciam alimentos simples, baratos e frugais, que podiam servir tanto de petisco para o vinho como de refeição. Naquela época, e durante um longo período subsequente, os restaurantes não eram projetados nem frequentados pelas camadas populares urbanas.

Mais do que pelo valor gastronómico, estes espaços destacavam-se pela sociabilidade que promoviam, em torno do vinho, do jogo e da convivência quotidiana.

Do lado chinês, os locais de alimentação e sociabilidade da classe popular do mesmo período eram sobretudo três: "饭馆 *fànguǎn* 'casa de refeição'", "酒馆 *jiǔguǎn* 'casa de bebida alcoólica'" e "茶馆 *cháguǎn* 'casa de chá'", conjuntamente designados "三馆 *sān guǎn* 'três tipos de estabelecimento'" (cf. Cui, 2008). Os dois primeiros tipos de estabelecimento tinham funções muitas vezes sobrepostas, poi era comum tanto beber na casa de comes como comer na casa de bebes. Historicamente, durante a dinastia Tang, a socialização urbana deslocou-se de espaços domésticos fechados para públicos, como os "酒楼 *jiǔlóu* 'edifício de bebes'"), centrais na vida social[165]. Com o declínio das famílias aristocráticas e a implementação do sistema de exames, estudiosos comuns e cidadãos com recursos limitados passaram a usar estes estabelecimentos para banquetes e encontros coletivos. Adaptados a diferentes classes, ofereciam desde refeições e bebidas até apresentações musicais, refletindo a expansão da vida pública, o lazer urbano e a consolidação de espaços de convivência social, tendência que se manteve nos séculos seguintes (Ou, 2014). O "茶馆 *cháguǎn* 'casa de chá'"surgiu relativamente tarde (H. Wang, 2008), podendo o desenvolvimento das casas de chá numa cidade ser entendido como uma expansão das atividades individuais e da criação de espaços de convívio social, constituindo igualmente um marco no processo de formação da esfera da vida pública.

No glossário de Gonçalves, os dois últimos termos coincidem com as expressões modernas, enquanto a palavra referente ao primeiro tipo de estabelecimento surge com uma designação menos direta e curiosa: "高楼店 *gāolóudiàn* 'loja de edifício alto'". Esta escolha parece refletir tanto uma variante comum da época como a intenção do autor de salientar o aspeto visual das casas de refeição, que, pela sua função frequente como locais de banquetes, se distinguem das imagens típicas de taberna na sociedade portuguesa. A terminologia reunida neste núcleo evidencia que a alimentação ultrapassa o mero ato de nutrir-se: encontra-se profundamente imbricada nas dinâmicas sociais, nas hierarquias políticas e nas práticas rituais, sendo organizada por normas culturais que definem quem come, onde, com quem e em que circunstâncias.

Como conclusão da subsecção 4.2.1, importa destacar que a estrutura das refeições e os hábitos alimentares representados nos exemplos bilingues recolhidos por Gonçalves revelam mais do que simples correspondências lexicais, pois exprimem formas culturais específicas de conceber, organizar e

[165] No seu livro *Dining Out: A Global History of Restaurants* (2019), Katie Rawson e Elliott Shore afirmam que "The first recorded instances of restaurants are in Kaifeng, the capital of the Song Dynasty until 1127 ['os primeiros registos conhecidos de restaurantes remontam a Kaifeng, a capital da Dinastia Song até 1127']". Estes surgem bastante mais tarde do que os "酒楼 *jiǔlóu* 'edifício de bebes'" referidos pela autora.

valorizar o ato de comer. Ao traduzir não só os nomes das refeições, mas também as práticas associadas, os modos de partilha, os gestos rituais e os espaços sociais da alimentação, Gonçalves dá-nos acesso a uma cartografia cultural da mesa chinesa oitocentista. O cruzamento entre léxico, comportamento e simbolismo alimentar mostra como a alimentação funciona como marcador identitário e espelho de estruturas sociais mais amplas. Através de estratégias de tradução que oscilam entre a domesticação e a estrangeirização, o autor procurou construir pontes entre universos culturais distintos, ajudando o leitor europeu a compreender não só os termos, mas também os sentidos culturais que esses termos ativam. A alimentação, neste contexto, surge como um terreno fértil para a mediação intercultural, e os dados reunidos por Gonçalves constituem uma fonte histórica privilegiada para o estudo da tradução, da linguagem e da cultura.

4.2.2. Léxico dos alimentos essenciais

Esta subsecção é dedicada à análise dos ingredientes e alimentos de base identificados nos exemplos bilingues das obras de Joaquim Gonçalves. Embora o glossário contenha uma ampla diversidade de vocabulário alimentar, nesta subsecção optámos por concentrar-nos em dois campos lexicais particularmente representativos e recorrentes: os cereais e seus derivados, e a fruta e frutos secos. Estes elementos constituem a base da dieta quotidiana e permitem observar de forma clara as estratégias de tradução e adaptação cultural utilizadas pelo autor. Através da organização temática dos exemplos, procuramos evidenciar como Gonçalves traduziu, classificou e contextualizou alimentos pertencentes a universos dietéticos distintos, revelando as aproximações funcionais, os contrastes simbólicos e a riqueza intercultural que atravessa os sistemas culinários português e chinês.

4.2.2.1. Cereais e derivados

Os termos recolhidos no *Diccionario Portuguez-China* no domínio dos cereais e dos seus derivados, que se apresentam na Tabela 81, foram organizados em cinco categorias principais: trigo e derivados, arroz e derivados, outros grãos e pseudo-cereais, sementes e termos relacionados.

Tabela 81 Cereais e derivados: arroz e trigo

	Português	Chinês	DCP	Tipo
1)	ABANAR o trigo	風篩麥 [*fēng shāi mài*]	3	Trigo e derivados
2)	FARELO	麵麩子[*miàn fūzi*]。麩皮 [*fū pí*]	358	
3)	FARINHA	麵 [*miàn*]。麥麵 [*mài miàn*]	358	
	Flor da –	麥粉 [*mài fěn*]。麪 [*miàn*]		
4)	RESTÔLHO	麥稽根子[*mài jiē gēnzi*]。渣子 [*zhāzi*]	723	
5)	SEMEAR trigo	種麥 [*zhǒng mài*]	753	

6)	TRIGO	麥子 [*màizi*]	825	
	– negro	蕎麥 [*qiáomài*]		
7)	ARROZ	米 [*mǐ*] ∆白粲 [*bái càn*]。玉粒 [*yù lì*]	70	Arroz e derivado
	– polé	糯米 [*nuò mǐ*]		
	– força	粘米[*zhān mǐ*]。粳米 [*jīng mǐ*]		
	–, sustento	口粮 [*kǒu liáng*]		
	– cozido	饭 [*fàn*]。饊 [*sǎn*]。餐 [*cān*]		
	– em herva	稻子 [*dàozi*] △嘉蔬 [*jiā shū*]		
	Loja de –	米铺/店/行 [*mǐ pù / diàn / háng*]		
8)	O arroz he o seu FORTE	他們喫的米糧最多[*tāmen chī de mǐliáng zuì duō*] ∆以養命米為第一 [*yǐ yǎng mìng mǐ wéi dì yī*]。 其糧略歸于米 [*qí liáng lüè guī yú mǐ*]	387	
9)	GRANÇA	糠皮 [*kāng pí*]。米糠 [*mǐ kāng*]	410	
10)	NADA comeo, nem bebeo	水米不搭牙[*shuǐ mǐ bù dā yá*] ∆ 一粒不食一滴不飲 [*yí lì bù shí yī dī bù yǐn*]	550	
11)	NELLE (arroz em herva)	稻子 [*dàozi*]。禾稻 [*hé dào*]	558	
12)	TORRADO, arroz	炒的米 [*chǎo de mǐ*]	814	
	–, arroz (pegado a panella)	巴了鍋的飯 [*bā le guō de fàn*]。鍋巴 [*guō bā*]		

Fonte: Elaborada pela autora.

Esta classificação permite evidenciar não apenas a diversidade terminológica associada aos cereais enquanto base essencial da alimentação, mas também os modos de cultivo, transformação e uso alimentar que perpassam pelo vocabulário técnico e cultural das duas línguas. Paralelamente, os exemplos analisados ilustram as estratégias de tradução adotadas por Gonçalves para representar conceitos agroalimentares chineses num quadro compreensível pelo leitor lusófono, revelando, assim, o seu esforço de mediação entre sistemas dietéticos e culturais distintos.

Os dois primeiros subgrupos, trigo e arroz, assim como os seus derivados, reúnem uma grande parte dos termos da lista, o que confirma que, já no século XIX, estes dois cereais eram amplamente conhecidos e reconhecidos como alimentos-base em ambos os universos culturais. A frequência e variedade dos termos recolhidos indicam não só a centralidade destes cereais na alimentação quotidiana do povo chinês, particularmente em Macau, mas também a necessidade de uma tradução precisa e contextualizada dos seus derivados e formas de consumo. No caso do trigo, destaca-se a expressão "trigo negro", usada como termo equivalente de "荞麦 *qiáomài*", hoje habitualmente designado em português por trigo-sarraceno. Trata-se de uma planta originária do sudoeste da China, amplamente reconhecida na literatura clássica como uma cultura alimentícia importante, embora botanicamente distinta dos cereais da família das gramíneas (cf. Z. Meng, 2017, p. 61). Ainda assim, o seu uso alimentar semelhante ao do trigo, nomeadamente na produção de farinha, levou à sua integração tradicional no grupo dos "grãos", tanto no contexto chinês como nas tentativas de tradução e equivalência terminológica feitas por autores como Gonçalves. Embora atualmente o termo "trigo negro" não seja de

uso comum, a escolha de Gonçalves reflete um esforço para fornecer ao leitor uma referência aproximada no léxico português da época, facilitando a compreensão por analogia. Além disso, o trigo surge associado a diversas etapas do cultivo e transformação, como "semear trigo", "farelo", "restolho", "farinha" ou "flor da espiga", o que demonstra o conhecimento funcional do cereal em todas as suas fases.

Já no caso do arroz, a diversidade lexical é ainda mais rica, refletindo o seu papel absolutamente predominante na cultura alimentar chinesa, sobretudo no sul do país, onde o seu cultivo e consumo têm uma longa tradição histórica. Gonçalves regista diferentes variedades de arroz, como o "arroz polé", correspondente a "糯米 *nuò mǐ*", hoje habitualmente designado como "arroz glutinoso", devido à sua textura pegajosa após a cozedura, sendo comum em pratos festivos ou doces na China. Em contraste, o "arroz força" surge associado aos termos "粘米 *zhān mǐ*" ou "粳米 *jīng mǐ*", que podem designar variedades de arroz não glutinoso, como o carolino (grão curto, arredondado, mais pegajoso) e o agulha (grão longo, solto e leve), ambos presentes na dieta portuguesa contemporânea. No contexto chinês, esta distinção entre tipos de arroz está profundamente enraizada nos hábitos culinários e modos de preparação, enquanto na tradição portuguesa, sobretudo à época de Gonçalves, tal diferenciação não parecia comum nem amplamente reconhecida. Este desfasamento cultural justifica o cuidado do autor em propor equivalentes terminológicos que tornassem inteligível a diversidade do arroz na China para o leitor lusófono do século XIX.

Na culinária tradicional portuguesa anterior aos Descobrimentos, a base mais comum dos pratos era o pão cozido, sobretudo de cereais como o centeio ou o trigo, que se voltava a cozinhar, em fatias finais ou pedaços, e cereais como a cevada, tal como se pode observar nos primeiros livros de cozinha (Manuppela, 1967; Barros, 2013); receitas de arroz, tanto doce como salgado, figuram muito escassamente no manuscrito 142 do Arquivo Distrital de Braga, editado por Anabela Barros sob o título *As receitas de cozinha de um frase português do século XVI*, mencionando-se especificamente o arroz da Índia de grão comprido (Barros, 2013, p. 50). Bluteau (1712a, p. 569) descreve o arroz em termos comparativos com o trigo, assinalando que aquele apresenta a "cara mais grossa, e mais nodosa", e acrescenta: "Cozido em agoa, he o comer ordinario dos Indios; porem he pouco alimentoso. A bebida ordinaria dos Chins, he vinho de arroz, cuja cor tira à do alambre, & he tam saboroso, como o melhor vinho da Europa. Oriza, &. Plin. Hist. Horat." Esta passagem mostra que o arroz permanecia relativamente pouco familiar à cultura alimentar portuguesa no início do século XVIII, sendo sobretudo associado a práticas alimentares asiáticas, em particular a preparações como a canja de arroz da Índia ou a aguardente de arroz da China, conforme assinala o lexicógrafo.

Além disso, o arroz surge com diversas designações em chinês, conforme o contexto de uso. A forma "稻子 *dàozi*" refere-se à planta ainda em crescimento; "饭 *fàn*" ao arroz cozido e pronto a consumir, "口粮 *kǒuliáng*" à ração básica ou sustento alimentar essencial. O termo *nelle*, usado por Gonçalves no *Diccionario Portuguez-China*, como equivalente a este primeiro termo chinês, conforme acima incluído, tem origem no dravídico e foi trazido pelas comunidades indo-portuguesas de Goa, Diu e Damão que circulavam pelos territórios asiáticos com presença portuguesa, como Timor e Macau; repreentava tanto o arroz cru, por descascar ou pilar, como a própria planta, distinguindo-os do *arroz* (cozido), distinção ainda comum no português de Timor-Leste (Barros, 2017a, p. 84; Barros & Mouro, 2024). Curiosamente, é registado até mesmo o arroz torrado e agarrado ao fundo da panela, conhecido como "锅巴 *guō bā*" – expressão que hoje corresponde a um produto especificamente confecionado a partir de arroz e apreciado pela sua textura crocante. Por fim, Gonçalves menciona ainda estabelecimentos especializados na venda deste cereal, sob as designações "米铺/店/行 *mǐ pù/diàn/háng*", o que reforça o papel central do arroz como mercadoria e alimento estruturante da vida quotidiana chinesa. Estes exemplos testemunham não só a profundidade cultural e económica do arroz na sociedade da época, como também o esforço de Gonçalves em captar essa riqueza através de um vocabulário funcional, preciso e culturalmente ancorado.

No conjunto de termos classificados como "outros grãos e pseudo-cereais", conforme apresentados na Tabela 82, destaca-se a entrada "Grão", sobretudo pela última ocorrência associada à expressão "五谷 *wǔ gǔ*", forma simplificada de "五穀 *wǔ gǔ*", literalmente "cinco cereais", que representa um conceito central na tradição agrícola chinesa, com forte presença também nos rituais funerários.

Tabela 82 Cereais e derivados: outros grãos e pseudo-cereais

Português	Chinês	DCP
13) ALPISTE	稗子 [*bàizi*]	39
14) AVÊA	鈴鐺麥子 [*língdāng màizi*]。油/燕麥子 [*yóu / yànmàizi*]。達達麥子 [*dá dá màizi*]。谷麥 [*gǔ mài*]	85
15) CENTEIO	荍麥 [*qiáo mài*]。燕麥 [*yàn mài*]	148
16) CEVADA	大麥子 [*dà màizi*]。鮈麥 [*móu mài*]。青稞大麥 [*qīngkē dàmài*]	151
17) CEVADINHA	薏米/仁。[*yì mǐ / rén*]。薏苡仁 [*yìyǐ rén*]。苄米 [*qiǎn mǐ*]	151
18) ESPÉCIE de arroz	狀類米[*zhuàng lèi mǐ*] ∆稻之類 [*dào zhī lèi*]	322
19) GRÃO	粒子[*lìzi*]。穀[*gǔ*]。粲 [*càn*]	411
Hum –	一粒 [*yí lì*]。一顆 [*yì kē*]	
– puro	精粲/穀 [*jīng càn/gǔ*]。精细之黍 [*jīngxì zhī shǔ*]	
Bom –	嘉穀 [*jiā gǔ*]	
Mistura de –	雜糅 [*zá róu*]。黍米相糅 [*shǔ mǐ xiāng róu*]	
toda a especie de –	五穀 [*wǔ gǔ*]	
Arroz, milho zaburro, cebola aquatica, trigo e milho	稻 [*dào*]、梁 [*liáng*]、菰 [*gū*]、麥 [*mài*]、稷 [*jì*]	
20) JÔIO	贗麥 [*yàn mài*]。草莠子 [*cǎo yǒuzi*] ∆稗 [*bài*]	465

21) MILHÃO	粟米 [*sù mǐ*]。玉秫米 [*yù shú mǐ*]。包穀 [*bāo gǔ*]	530
22) MILHO (em geral)	谷子 [*gǔzi*]。黍稷 [*shǔ jì*]	531
– miudo	穇子 [*bài zi*]	
– pilado	小米 [*xiǎo mǐ*]	
23) PAÍNÇO	黃米 [*huáng mǐ*]△鱼鱄粟 [*yú chēng sù*]	590
24) SAGÚ	沙谷米 [*shā gǔ mǐ*]	739
25) SEARA	莊稼 [*zhuāngjia*]△田禾 [*tián hé*]	747
– de trigo	麥地/隴 [*mài dì/lǒng*]	
– de arroz	稻子 [*dàozi*]。禾田 [*hé tián*]	
– em herva	青稼[*qīng jià*]。苗 [*miáo*]	
– em graõ	成穀的莊稼 [*chéng ké de zhuāngjia*]	
Ave da – (tira sortes)	禾鴿 [*hé gē*]	
26) ZABURRO	膏梁 [*gāo liáng*]	871

Fonte: Elaborada pela autora.

Desde a antiguidade, estas sementes eram colocadas em túmulos como símbolos de subsistência e crenças espirituais. Embora sugira cinco espécies fixas, a expressão refere-se, de forma mais geral, aos principais cereais consumidos pela população, variando conforme o contexto histórico e regional. Ao longo da história, os elementos incluídos nesta categoria variaram, sendo comum encontrar combinações que incluem "稻 *dào* 'arroz'", "黍 *shǔ* 'milho painço (*panicum liliaceum*)' "稷 *jì* milho miúdo (*setaria italica*[166])", "麦 *mài* 'trigo'", "菽 *shū* 'feijão'" e até "麻 *má* 'cânhamo'" (cf. H. Jiang, 2025, pp. 64–65). A diversidade reflete tanto a disponibilidade regional quanto a evolução das práticas agrícolas.

Na tradução de Joaquim Gonçalves, observa-se uma formulação explicativa ligeiramente distinta. O autor enumera os cinco grãos como "arroz (稻 *dào*)", "milho zaburro (粱 *liáng*)", "cebola aquática (菰 *gū*)", "trigo (麥 *mài*)" e "milho (稷 *jì*)". A primeira e as duas últimas espécies correspondem aos cereais mais comuns, mas as duas anteriores "粱 *liáng*" e "菰 *gū*", são particularmente curiosas, uma vez que não integram a composição mais habitual dos "cinco grãos" na tradição chinesa. O segundo termo, "粱 *liáng*", surge também na entrada "ZABURRO", integrado na expressão "膏粱 *gāo liáng*", a qual, pela indicação fonética e contexto, parece representar uma grafia alternativa ou arcaica de "高粱 *gāo liáng* 'o sorgo (*sorghum bicolor*)'". Este cereal, de cultivo extensivo na China, é atualmente pouco utilizado na culinária doméstica, sendo sobretudo cultivado para a produção de bebidas alcoólicas, nomeadamente aguardente chinesa. Em termos de aparência, apresenta alguma similaridade com o *millet* ou milho painço, hoje em dia, no entanto, Gonçalves atribuiu termos distintos a este último,

[166] A identificação de "稷 *jì*", um cereal de longa tradição na agricultura chinesa, segue uma história interpretativa complexa. Segundo Li e Wu (2000), durante as Dinastias do Sul (420 – 589), devido ao desconhecimento das espécies do norte, os leitores confundiram o "稷 *jì*" mencionado em textos antigos (anteriores à Dinastia Qin e durante os períodos Qin e Han) com o milho miúdo comum (*proso millet*), quando na verdade se tratava do milheto de cauda-de-raposa (*foxtail millet*, *Setaria italica*). Os autores demonstram, com base em evidências como o tipo de espiga, calendário de cultivo, duração do crescimento, pronúncia arcaica e etimologia, que "稷 *jì*" e "粟 *sù*" eram originalmente sinónimos e se referiam à mesma planta. Essa confusão filológica persistiu por mais de mil anos.

nomeadamente "黄米 [*huángmǐ* 'lit. arroz/grão amarelo']" juntamente com o seu equivalente no estilo clássico "鱼鱄粟 [*yú chēng sù* 'lit. grão (do tamanho do) ovário de peixe']".

Quanto ao terceiro termo, "菰 *gū*", Gonçalves opta por traduzir esta planta por "cebola aquática", uma descrição analógica baseada numa hortícola mais familiar ao leitor português. No entanto, este termo refere-se na verdade a uma planta aquática perene da família *Poaceae*, especificamente *zizania latifolia*, conhecida como arroz selvagem. Os seus caules jovens infetados por um fungo endófito desenvolvem o chamado "茭白 *jiāobái*", ou "junco branco", muito apreciado na gastronomia chinesa enquanto vegetal crocante e saboroso. A parte comestível acabou por adquirir maior valor do que o grão, que era difícil de colher e pouco viável para cultivo em grande escala (cf. F. Liu, 2023). A opção tradutológica de Gonçalves parece refletir esta realidade: interpreta a planta prioritariamente como vegetal comestível, e não como cereal. Estas escolhas revelam uma interpretação particular, possivelmente adaptada aos recursos terminológicos disponíveis no português oitocentista, divergindo parcialmente das composições mais convencionais atribuídas ao conceito de "cinco grãos" na tradição chinesa. Revelam também a possibilidade de Gonçalves ter recorrido a referências específicas ou refletido realidades históricas e regionais concretas, que moldaram a sua perceção das espécies alimentares em circulação, bem como a forma de as apresentar a um público europeu.

A entrada relativa à aveia é outro caso ilustrativo: atualmente bem conhecida na China sob o nome "燕麦 *yàn mài* 'lit. trigo andorinha/aveia'", aparece em Gonçalves descrita como uma combinação de elementos analógicos, como "鈴鐺麥子 *língdāng màizi* 'trigo sino'", "達達麥子 *dá dá màizi* 'trigo tártaro'", remetendo para a sua proximidade funcional com o trigo "麥 *mài*", mas deixando claro que se tratava de uma espécie menos comum no contexto chinês da época. A mesma lógica aplica-se aos termos equivalentes de *centeio*, apresentado por Gonçalves como "荍麥 *qiáo mài* 'trigo sarraceno'" e "燕麥 *yàn mài*", embora atualmente mais conhecido como "裸麦 *luǒ mài* 'trigo nu'" ou "黑麦 *hēi mài* 'trigo preto'". O mesmo ocorre com a cevada, referida como "大麥子 *dà màizi* 'grande trigo'" e "青稞大麥 *qīngkē dàmài* 'grande trigo tibetano'", designações que se apoiam em analogias formais e funcionais com cereais mais amplamente reconhecidos. Enquanto a cevada já se encontrava amplamente difundida na culinária portuguesa — utilizada, por exemplo, na confeção de pão já desde a Idade Média (Manuppela, 1967, p. XXIV), esse cereal era possivelmente ainda relativamente recente na cultura alimentar chinesa do início do século XIX.

Quanto à correspondência entre esses termos, sob a perspectiva moderna, podem parecer confusos, pois hoje, com a globalização de produtos comerciais facilitada pela logística contemporânea,

variedades originárias de diferentes regiões circulam facilmente pelo mundo. No entanto, na época de Gonçalves, certos tipos de cereais podiam ser muito mais familiares numa cultura do que noutra. Nessas situações, como o próprio autor alerta e como já vimos ao analisar suas estratégias de tradução, é natural que o sinólogo português recorresse a perífrases com base nas características físicas dos produtos para descrever espécies menos conhecidas em determinada cultura, ou que, alternativamente, utilizasse nomes já estabelecidos na comunidade local que conhecia aquelas variedades exóticas — estratégias de nomeação essas que, muitas vezes, estavam fortemente enraizadas em perífrases, ou seja, na descrição por analogia com produtos locais visualmente equiparáveis.

Por fim, observa-se a presença de pseudo-cereais e sementes menores, como *alpiste* (ou *alpista*), *joio* e a chamada "espécie de arroz", que provavelmente alude a grãos com aparência semelhante à do arroz, mas que o não são. Tais expressões representam soluções descritivas convenientes, adequadas a um público que necessitava de nomear uma grande variedade de cereais num contexto quotidiano de contacto sino-português, ainda em fase de estruturação terminológica e intercultural. Estes exemplos revelam não apenas o esforço de Gonçalves para encontrar equivalentes compreensíveis e funcionais, mas também a forma como a distância lexical e cultural em relação a certos produtos se traduziu na criação de neologias explicativas, analogias adaptativas e descrições pragmáticas.

Para completar esta análise, importa referir brevemente os termos associados a sementes oleaginosas, como gergelim (芝麻 *zhīma*), linhaça (胡麻子 *húmázǐ*), cânhamo (火麻仁 *huǒmá rén*) e Lysimachia (水芝麻 *shuǐ zhīma*), todos presentes no glossário luso-sínico de Gonçalves, conforme se apresenta na Tabela 83.

Tabela 83 Cereais e derivados: sementes e outros termos relacionados

	Português	Chinês	DCP	Tipo
27)	ARESTA	麻楷 [*má kǎi*]	64	Sementes
	– de linho	麥枉 [*mài wǎng*]		
28)	BAGANHA	麻子殼 [*mázǐ ké*]	89	
29)	CÁNNABIS SATIVA	火麻仁 [*huǒmá rén*]	130	
30)	GERGELIM	芝麻 [*zhīma*]	403	
31)	LINHAÇA	胡麻子 [*húmázǐ*]/仁 [*rén*]	488	
32)	LYSIMACHIA	水芝麻 [*shuǐ zhīma*]	497	
33)	ALIMPAR	擦/摸乾淨 [*cā / mō gānjìng*] ∆ 拭去 [*shì qù*]。掃拭塵埃 [*sǎo shì chén'āi*]	36	Outros termos
	– arroz	淘米 [*táo mǐ*]		
	– trigo	簸揚麥子[*bò yáng màizǐ*] ∆ 汰粃糠 [*tài bǐ kāng*]		
34)	ALIMPADURA	粃糠 [*bǐ kāng*]	36	
35)	ESPIGA	穗子[*suìzǐ*] ∆秀 [*xiù*]	324	
	– grada	實穗子 [*shí suìzi*]		
	– chocha	飄穗子[*piāo suìzi*]。空穗 [*kōng suì*]		
36)	FERRÃ	青/秧苗[*qīng / yāngmiáo*]。青草 [*qīngcǎo*]	366	

	Em –	沒有結穗子的[*méiyǒu jié suìzi de*] ∆青苗時候 [*qīng miáo shíhòu*]	
37)	TREMÊZ	三个月的穀子[*sān gè yuè de gǔzi*] ∆三月成之穀 [*sān yuè chéng zhī gǔ*]	824

Fonte: Elaborada pela autora.

Na tradição chinesa, estas sementes são muitas vezes vistas como parte integrante da categoria mais ampla dos "cereais", conforme vimos anteriormente no âmbito dos "cinco grãos", o que justifica a sua inclusão no vocabulário básico da alimentação e da agricultura. Por outro lado, os termos associados a atos de cultivo e processamento, como *alimpadura, espiga, ferrã*, complementam o léxico agrícola apresentado anteriormente, evidenciando o conhecimento prático e técnico das etapas de produção cerealífera, tal como também se realizavam na província agrícola de Trás-os-Montes. Estes exemplos de Gonçalves, embora não descrevam produtos alimentares diretamente, ilustram de forma clara a interligação entre vocabulário agrícola e alimentar na sua obra, bem como a sua preocupação em traduzir não apenas palavras, mas também práticas, hábitos e categorias de pensamento.

Finalmente, a entrada *tremês*, traduzida por "三个月的穀子 *sān gè yuè de gǔzǐ* 'grão de três meses ou cereal que leva três meses [a crescer]'" traduz um hábito agrícola concreto: o cultivo de cereais de ciclo curto, semeados e colhidos no espaço de três meses, prática comum em certas regiões e estações. Este tipo de trigo era comum em Portugal e referido nas obras antigas de cozinha portuguesa, ao lado do trigo anafil e do mourisco (Barros, 2013, pp. 79, 114–115). Além de o incluir e definir no glossário do livro de cozinha anónimo do século XVI que editou, o segundo mais antigo que se conhece em Portugal (Barros, 2013, p. 476), no qual o trigo é o cereal mais utilizado, tal como também o é nas receitas de medicina, ou remédios, no caderno II do mesmo manuscrito 142 (Barros, 2016), Anabela Barros distingue-o dos demais e apresenta ainda dados do caderno III, de Agricultura:

> O **trigo tremes** se ha de semiar e' Janeiro, e a o mais tardar em Frº em terras humidas e frias, q' ~~nos~~ posaõ resistir a o calor do stio. A terra pª o **tremes** hade ser flaca, e flroxa *[sic]* þq' resiste mais a o estio, q' a grosa q' logo se seca þq' o tremes naõ lansa fundas raises. O mondar do trigo seia e' dia brando e naõ frio, e quando elle tiuer ja 4 folhinhas ou vergontas, e deixe'lhe a rais cuberta. (Barros, 2013, p. 476)

Assim, o trigo tremês surge não apenas como testemunho de uma prática agrícola específica, mas também como indicador da diversidade de usos e significados atribuídos aos cereais na cultura alimentar e medicinal portuguesa antiga.

4.2.2.2. Fruta e frutos secos

A análise dos hábitos alimentares chineses, conforme evidenciada na subsecção anterior (4.2.1), revelou já a importância atribuída ao consumo de fruta no quotidiano do início do século XIX, com referências

explícitas ao seu papel em diferentes momentos da refeição, nomeadamente como sobremesa ou complemento leve. Esta relevância cultural e dietética é igualmente confirmada pelo extenso glossário recolhido por Joaquim Gonçalves no *Diccionario Portuguez-China*, onde os vocábulos associados à fruta e aos frutos secos se destacam pela sua abundância e diversidade. Os exemplos abrangem desde fruta fresca amplamente consumida até variedades tropicais, silvestres, exóticas ou com uso culinário específico, demonstrando não só a riqueza da flora local, mas também o esforço de Gonçalves para mediar essas realidades através de descrições adaptativas e equivalentes culturais acessíveis ao leitor lusófono.

Para melhor compreender esta diversidade lexical e as estratégias tradutológicas mobilizadas pelo autor, os exemplos foram aqui organizados em sete grupos temáticos: frutos frescos comuns, frutos cítricos, frutos tropicais e exóticos, frutos silvestres e agrestes, frutos com uso culinário específico ou transformados, uva e viticultura e derivados, e frutos secos.

Tabela 84 Frutos frescos e árvores de frutos comuns

Português	Chinês	DCP
1) ABRUNHEIRO	李樹 [*lǐ shù*]	7
2) AMEIXA	梅子 [*méi zi*]。烏梅 [*wū méi*]	43
3) ARDIDA, fruta	果子發壞了[*guǒzi fā huài le*] ∆捂霉[*wǔ méi*]	63
4) CALAR a melancia	驗西瓜 [*yàn xīguā*]。割探西瓜 [*gē tàn xīguā*]	122
5) FIGO	無花果 [*wú huā guǒ*]∆優曇鉢 [*yōu tán bō*]	371
– passos	无花果饼 [*wú huā guǒ bǐng*]	
– da India	神仙掌 [*shén xiān zhǎng*]。仙人掌 [*xiān rén zhǎng*]	
– venenoso	王不留行 [*wáng bù liú xíng*]	
– villaõ (banana)	蕉子 [*jiāo zi*]	
– de horta	蕉黃 [*jiāo huáng*]	
– cheiroso	香牙蕉 [*xiāng yá jiāo*]	
6) FRUCTA	果子 [*guǒ zi*]∆實 [*shí*]	391
Casa da –	果房/局 [*guǒ fáng / jú*]	
Tempo da –	有果子的时候 [*yǒu guǒzi de shíhou*]∆果盛之期 [*guǒ shèng zhī qī*]	
– guardada	放/村的果子 [*fàng / cūn de guǒzi*]∆收藏之果 [*shōucáng zhī guǒ*]	
– Manila	落花生 [*luò huā shēng*]。常生菓 [*cháng shēng guǒ*]	
7) FRUCTO	果子 [*guǒ zi*]。實 [*shí*]。效驗 [*xiào yàn*]。便益 [*biàn yì*]。利益 [*lì yì*]	391
Dar –	结果/實 [*jié guǒ / shí*]∆實 [*shí*]	
Todos os –	五穀百果 [*wǔ gǔ bǎi guǒ*]	
8) MAÇÃ	檳果 [*nài guǒ*]。沙果 [*shā guǒ*]。花紅檳子 [*huā hóng bīn zi*]。楜辣 [*hú là*]	498
9) MELANCIA	西瓜 [*xī guā*]	521
10) MELÃO	香/甜瓜 [*xiāng / tián guā*]。芝麻粒甜瓜 [zhīma lì tián guā]。粒麻脆甜瓜 [*lì má cuì tián guā*]	521
– de Hami	哈密瓜 [*hāmì guā*]	
– peixe	鰻鱔 [*mán shàn*]	
11) METTER-SE pela fruta	多喫果子 [*duō chī guǒzi*] ∆亂嘗果 [*luàn cháng guǒ*]。過食鮮果 [*guò shí xiān guǒ*]	528
12) PÊCEGO	桃兒 [*táo ér*]。五月鮮桃 [*wǔ yuè xiān táo*]。秋桃 [*qiū táo*]。冬桃 [*dōng táo*]。麵桃 [*miàn táo*]。銀桃 [*yín táo*]。緋桃 [*fēi táo*]	611

– chato	扁桃 [*biǎn táo*]	
– de flor	碧桃 [*bì táo*]	
– de Hami	哈蜜桃 [*hāmì táo*]	
13) PÊRA	梨 [*lí*]。沙梨 [*shā lí*]。香水梨 [*xiāng shuǐ lí*]。薄梨 [*bó lí*]	619
– do inverno	雪花梨 [*xuě huā lí*]	
– do outomno	秋白梨 [*qiū bái lí*]	
– japonica	海棠 [*hǎi táng*]	
14) POMO	檳果 [*pín guǒ*]△柰 [*nài*]	641
15) ROMÃ	石榴 [*shí liú*]	732
– infructifera	石榴花 [*shí liú huā*]	

Fonte: Elaborada pela autora.

A análise desta primeira categoria inicia-se com quatro exemplos particularmente reveladores: “ardida, fruta”, “fructa”, “fructo” e “metter-se pela fruta”, os quais não se referem a espécies específicas, mas sim a um vocabulário descritivo associado ao género botânico em questão.

Estes termos mostram que Gonçalves procurou registar também expressões genéricas e contextuais, úteis para descrever o estado ou o papel da fruta na alimentação, como no caso de *fruta ardida*, correspondendo a duas expressões “果子發壞了 *guǒzi fā huài le* ‘a fruta apodreceu’” e “捂霉 *wǔ méi* ‘ficar fechado e ganhar bolor’”, usada para indicar fruta estragada. A entrada “fructo”, por sua vez, surge com significados ainda mais amplos e abstratos, podendo designar tanto o fruto enquanto produto agrícola como o resultado ou benefício de uma ação. Esta polissemia é também visível na expressão “五穀百果 *wǔ gǔ bǎi guǒ*”, traduzida por Gonçalves como “todos os fructos”, usada aqui como uma designação abrangente de toda a produção agrícola vegetal — cereais e frutos.

Outro aspeto digno de nota é a menção a espaços de armazenamento ou conservação, como a chamada “casa da fruta”, correspondente literal de “果房/局 *guǒ fáng / jú*”, bem como expressões que indicam períodos de maturação ou colheita, abundância ou escassez: “tempo da fruta”, “época de guardar fruta”, entre outras. Estes exemplos mostram que Gonçalves teve o cuidado de traduzir não só os nomes dos frutos, ou das árvores e arbustos respetivos, mas também o vocabulário cultural que lhes é associado — incluindo práticas sazonais e sociais. Uma referência curiosa é a da “fruta Manilla”, expressão equivalente a “落花生 *luò huā shēng* ‘nascido da flor caída, ou amendoim’” e “常生果 *cháng shēng guǒ* ‘fruto de vida longa’”, que corresponde ao amendoim, planta originária da América. Como nota Wang (2004, p. 20), o amendoim é originário do Brasil e foi introduzido na China no início do século XVI, por ocasião dos Descobrimentos; após a chegada à China, o amendoim foi inicialmente cultivado em Guangdong e Fujian, espalhando-se progressivamente para outras regiões e alcançando o norte apenas no final do século XIX, quando missionários norte-americanos introduziram variedades de grão grande nessas áreas.

Embora o amendoim já fosse conhecido e consumido na China no tempo de Gonçalves, a expressão portuguesa que escolheu, assim como a ausência da palavra "amendoim" no seu dicionário, parece refletir uma perceção ainda associada à sua origem estrangeira, possivelmente marcada pela via de introdução através de Manila, o que revela não apenas uma tradução lexical, mas também uma representação histórica e geográfica da circulação dos alimentos. Por fim, destaca-se a expressão "metter-se pela fruta", traduzida por Gonçalves como "多喫果子 *duō chī guǒzi* 'come muita fruta'", "亂嘗果 *luàn cháng guǒ* 'provar fruta sem regra'" e "過食鮮果 *guò shí xiān guǒ* 'comer demasiada fruta'", todas elas indicando o ato de consumir fruta em excesso ou à vontade, devido à sua abundância na respetiva época. Através desta entrada, vislumbra-se não só o prazer associado ao consumo de fruta, como também a sua presença abundante na alimentação quotidiana, reforçando a ideia já sugerida nos diálogos da *Arte China* de que a fruta desempenhava um papel significativo na dieta chinesa da época — tal como também acontecia na portuguesa, fossem frescos ou, sobretudo, cozinhados com açúcar e mel, para conservação durante o ano inteiro, como deixam ver os primeiros livros de cozinha (Barros, 2013, pp. 53-56).

Entre os frutos frescos identificados no glossário, destacam-se aqueles que, pela sua frequência e diversidade terminológica, parecem ter desempenhado um papel importante tanto na sociedade chinesa como na portuguesa. No *Diccionario Portuguez-China*, a entrada "abrunho" não é diretamente registada; surge apenas a forma "abrunheiro", correspondente a "李樹 *lǐ shù*". No entanto, no diálogo XI (Passear 曠 *Kuàng*) da *Arte China*, o abrunho aparece mencionado num contexto quotidiano ao lado de outros frutos amplamente consumidos: "Aqui ha boas maças, peras, abrunhos, e cerejas"; "这里有狠好的蘋果、沙梨、李子、櫻桃 *Zhèlǐ yǒu hěn hǎo de píngguǒ, shālí, lǐzi, yīngtáo*" (Gonçalves, 1829b, p. 226), sugerindo que se tratava de um fruto comum na sociedade chinesa oitocentista.

A maçã apresenta no glossário um número elevado de variantes chinesas, revelando a diversidade de espécies e variedades em circulação, o que também é atestado por fontes históricas e botânicas. De acordo com Luo (2014), o termo "苹果 *píngguǒ*", hoje dominante, só se consolidou a partir da dinastia Ming, após a popularização de variedades introduzidas do Ocidente. Antes disso, nomes como "柰 *nài*" designavam variedades autóctones de maçã chinesa, como *Malus asiatica* ou *Malus domestica* subsp. *chinensis*, oriundas sobretudo da região de Xinjiang. A entrada "Pomo", associada a "檳果 *pín guǒ*" e "柰 *nài*", é reveladora desta complexidade terminológica e botânica. À época, a maçã mais comummente consumida na China era ainda provavelmente uma variedade indígena, distinta das espécies vindas do Ocidente que hoje dominam o mercado. Os termos registados por Gonçalves reflete

um sistema de classificação que procurou representar por aproximações etimológicas e fonéticas, antecipando, de certa forma, a evolução terminológica que se verificaria mais tarde.

Já a pera, tal como o pêssego, surge no dicionário sob diversas designações que evidenciam a riqueza varietal destes frutos na tradição chinesa. O termo genérico para "pêra", "梨 *lí*", é acompanhado de variantes como "沙梨 *shā lí* 'pêra de areia'", com polpa granulosa; "香水梨 *xiāngshuǐ lí*" – "pêra de sumo perfumado", suculenta e aromática; "薄梨 *bó lí* 'pêra fina'", que pode referir-se à espessura da casca; "雪花梨 *xuěhuā lí* 'pêra floco-de-neve'", de polpa clara e crocante; e "秋白梨 *qiū bái lí* 'pêra branca do outono'", variedade colhida na estação outonal. Apesar da grande variedade antiga de peras em Portugal, Gonçalves apenas descreve analiticamente as variedades chinesas, sem fazer equivaler esses nomes, já que seriam variedades distintas. De forma parecida, o pêssego apresenta ainda maior diversidade lexical no glossário, aparecendo com o termo geral "桃兒 *táo ér*", mas também com designações sazonais e descritivas como "五月鮮桃 *wǔyuè xiān táo* 'pêssego fresco de maio'"; "秋桃 *qiū táo* 'pêssego de outono'"; "冬桃 *dōng táo* 'pêssego de inverno'"; "麵桃 *miàn táo* 'pêssego de polpa farinhenta'"; "銀桃 *yín táo* 'pêssego prateado'"; e "緋桃 fēi táo 'pêssego escarlate'". Esta abundância de nomes indica não apenas a variedade botânica disponível à época, mas também a importância cultural e gastronómica da pera e do pêssego, frequentemente associado à longevidade e à celebração, o que justifica a atenção particular de Gonçalves na sua tradução e representação.

A melancia, isto é, "西瓜 *xīguā*", por sua vez, aparece como um fruto já bem conhecido em ambas as culturas. Curiosamente, Gonçalves regista a expressão "calar a melancia", indicando a prática alimentar de verificação da maturação e doçura do fruto. A menção a "melão de Hami" correspondente a "哈密瓜 *hāmì guā* 'melão" revela ainda a importância da região de Hami (Kumul) como centro de produção e exportação de fruta, em especial para as rotas de comércio no noroeste da China. Enquanto esta variedade de melão continua amplamente consumida nos dias de hoje, a sua congénere, o "pêssego de Hami", isto é, "哈蜜桃 *hāmì táo*", já raramente se refere ou reconhece no consumo quotidiano.

Finalmente, a entrada "figo", atualmente traduzida como "无花果 *wú huā guǒ* 'fruta sem flor'", surge no glossário de Gonçalves acompanhada de várias expressões que revelam uma notável diversidade lexical e cultural. Além da designação comum, encontra-se o termo "優曇鉢 *yōu tán bō*", uma transcrição fonética do sânscrito *udumbara*, que remete para uma árvore sagrada no budismo e é símbolo da raridade e do surgimento de um Buda (cf. Soothill & Hodous, 1937, p. 456). Esta multiplicidade de nomes atesta o valor não só alimentar, mas também simbólico e religioso do fruto. Já o chamado "figo venenoso" apresenta como equivalente chinês "王不留行 *wáng bù liú xíng*",

literalmente “o rei não o detém no caminho”, nome da planta *Vaccaria segetalis*, usada na medicina tradicional chinesa pelas suas propriedades terapêuticas, sobretudo em tratamentos ginecológicos (cf. F. Li & Liang, 2007). Como Gonçalves colaborava com informantes portugueses, incluindo o boticário José Joaquim dos Santos, e recorria ao dicionário de Morrison (cf. ponto 2.5.1.2 acima), é plausível que os efeitos terapêuticos desta planta fossem pouco reconhecidos ou valorizados no contexto farmacêutico europeu da época. A designação “figo venenoso” poderá assim refletir uma interpretação influenciada por uma leitura superficial do nome chinês, com conotações de repulsa ou eliminação, aliada a uma perceção ocidental de perigo ou toxicidade, na ausência de um conhecimento aprofundado sobre o potencial medicinal desta semente na medicina chinesa.

Outras entradas associadas à palavra portuguesa “figo” apresentam equivalentes que não pertencem diretamente à família botânica do figo, mas antes à da banana, conforme sugerido pelo morfema “蕉 *jiāo*”. É o caso de “figo da Índia”, traduzido por “神仙掌 *shénxiān zhǎng*” e “仙人掌 *xiānrén zhǎng*”, que significam ambos literalmente “palma divina”. Trata-se de nomes que designam o figo-da-índia ou nopal (cato), refletindo um uso lexical adaptado a realidades botânicas distintas. Já “figo vilão” corresponde a “蕉子 *jiāo zi*”, literalmente “banana”, enquanto “figo de horta” surge como “蕉黃 *jiāo huáng* ‘banana amarela’”, associações que apontam para uma possível confusão lexical ou sobreposição semântica entre frutos tropicais de morfologia e uso semelhantes. A entrada “figo cheiroso”, traduzida por “香牙蕉 *xiāng yá jiāo*”, refere-se a uma variedade aromática de banana, o que reforça esta rede de significações cruzadas. Retomaremos a ligação entre “banana” e “figo” na análise da entrada “BANANA”, apresentada mais adiante no enquadramento dos frutos tropicais e exóticos.

A categoria dos frutos cítricos no glossário de Gonçalves apresenta uma notável riqueza lexical, refletindo não só a ampla variedade de espécies consumidas à época, como também a atenção dada às suas diferentes formas de preparação, uso e representação cultural. A terminologia recolhida na Tabela 85 inclui nomes comuns, variedades locais, descrições sensoriais e até referências poéticas, mostrando que os citrinos ocupavam um lugar relevante tanto na dieta como no imaginário linguístico sino-português.

Tabela 85 Frutos cítricos

	Português	Chinês	DCP
17)	AÇAFRÔA	山柚柑 [*shān yòu gān*]	10
18)	CASCA	皮子 [*pí zi*]。皮 [*pí*]	142
	– de laranja	陳皮 [*chén pí*]。橘紅 [*jú hóng*]。馬兜鈴 [*mǎ dōu líng*] Ve LARANJA	
19)	CIDRA	佛手 [*Fó shǒu*]。芬柑 [*fēn gān*]。香橼 [*xiāng yuán*]	160
20)	DAPHNE INDICA	山/金橘 [*shān / jīn jú*]。給客橙 [*gěi kè chéng*]	218
	– odora	瑞香 [*ruì xiāng*]。露甲 [*/ lù jiǎ*]。風流樹 [*fēng liú shù*]	
	– canabis	匿子根 [*nì zǐ gēn*]	
21)	GOMO (de laranja)	瓣兒 [*bàn r*]	405

22) LARANJA	橘子 [*jú zi*]。金橘 [*jīn jú*]	473
– mandarina	硃砂橘 [*zhū shā jú*]	
– da China	柑子 [*gān zi*]	
– commum	橙子 [*chéng zi*]	
– grande	温柑子 [*wēn gān zi*]。香橼 [*xiāng yuán*]	
– anã	甜橘 [*tián jú*]	
23) LIMAÕ	檸檬 [*níng méng*]。酸橘子 [*suān jú zi*]	485
24) PUMELO	斗柚 [*dǒu yòu*]。洋額柚 [*yáng é yòu*]。桑麻柚 [*sāng má yòu*]	675
25) TORANJA	◦温◦蚤 [*wēn dàn*] ∆ 柚 [*yòu*]	813

Fonte: Elaborada pela autora.

A diversidade terminológica observada nesta categoria revela não apenas a complexidade da classificação botânica e culinária dos cítricos na China, mas também o esforço de Gonçalves em encontrar correspondências adequadas no português do século XIX.

Nos exemplos bilingues recolhidos neste domínio lexical, observa-se que a palavra "laranja" é amplamente utilizada no lado português, enquanto os seus equivalentes chineses nem sempre correspondem ao termo mais comum no chinês contemporâneo, "橙子 *chéng zi* 'laranja (*C. sinensis*)'", que aqui surge apenas como tradução da designação "laranja comum". Nos restantes exemplos associados à entrada "LARANJA", as diferentes espécies de citrinos são traduzidas com base em morfemas como "橘 *jú*" e "柑 *gān*", formando expressões como "laranja mandarina", "laranja da China", "laranja grande" e "laranja anã". Esta escolha lexical reflete a estratégia de tradução de Gonçalves, sobretudo no uso da adaptação cultural ou equivalência funcional, tal como discutido na secção 4.1 acima. Ao empregar termos como "橘子 *júzi* 'mandarina (*C. reticulata*)'" e "金橘 *jīnjú* 'mandarina pequena e douradinha (*C. japonica*)'", espécies amplamente cultivadas na China mas provavelmente pouco conhecidas do público europeu da época, Gonçalves procurou criar aproximações compreensíveis, preservando ao mesmo tempo a especificidade cultural do referente chinês.

A popularidade das espécies designadas pelos morfemas "橘 *jú*" e "柑 *gān*" na cultura chinesa manifesta-se não só na frequência do seu consumo e aproveitamento dos derivados, mas também na sua produtividade lexical na língua chinesa, dando origem a expressões de caráter mais abstrato. Um exemplo marcante é a "casca de laranja", expressão usada como equivalente a "陳皮 *chén pí* 'casca envelhecida'", "橘紅 *jú hóng* '[casca] vermelha de mandarina'" e "馬兜鈴 *mǎ dōu líng* 'Aristolochia debilis'". Este primeiro termo, também chamado "橘皮 *chén pí* 'casca de mandarina'", refere-se à casca do fruto do género Citrus[167]. Medicinalmente, a casca podia ser usada com ou sem a parte branca

[167] Desde a sua inclusão no *Shennong Bencao Jing* (《神农本草经》 *Shénnóng Běncǎo Jīng* 'Clássico da Matéria Médica de Shennong') sob a designação genérica de "橘柚 *jú yòu* 'mandarina e pomelo', têm-se registado controvérsias e debates em torno da identificação botânica precisa das espécies designadas por estes termos (Y. Wang et al., 2014).

interna; a partir das dinastias Song e Yuan, a versão sem essa parte passou a ser chamada "橘紅 *jú hóng* '[casca] vermelha de mandarina'" (Y. Wang et al., 2014), isto é, o segundo termo no glossário de Gonçalves. O terceiro termo apresentado como equivalente a "casca de laranja" não parece, à primeira vista, estar diretamente associado ao ingrediente medicinal em questão, no entanto, a sua presença em vários dicionários bilingues do mesmo período[168] pode refletir uma certa ambiguidade na distinção entre as diferentes espécies e aplicações botânicas deste tipo de casca. Outro exemplo ilustrativo desta criatividade lexical é a expressão "pobre taful", usada por Gonçalves (1831, p. 788) como tradução de "金橘子弟 *jīn jú zǐ dì*", designação que se refere a jovens oriundos de famílias outrora abastadas, mas posteriormente empobrecidas, constituindo uma metáfora construída a partir da imagem do fruto dourado e de pequenas dimensões.

Além disso, outras espécies de citrinos que chegaram à Europa em períodos anteriores, como a cidra e o limão, introduzidos na Península Ibérica entre os séculos X e XI (cf. Ramón-Laca, 2003), parecem ter ocupado um espaço marginal na cultura alimentar chinesa, onde predominavam variedades mais agradáveis ao paladar, de casca fina e fáceis de consumir, como as espécies frequentemente designadas por termos formados a partir dos morfemas "橘 *jú*" e "柑 *gān*". No entanto, é possível que esses frutos tenham sido reintroduzidos no léxico quotidiano chinês a partir de contactos interculturais, sendo então reinterpretados com base em espécies locais. A cidra, por exemplo, surge no glossário de Gonçalves com a designação "佛手 *fó shǒu*", evocando a forma da "mão de Buda", mas também como "芬柑 *fēn gān*", isto é, uma espécie de "柑 *gān*" aromática, revelando uma tentativa de aproximação ao universo lexical doméstico. O limão, por sua vez, é descrito como "酸橘子 *suān júzi*", uma espécie de "橘 *jú*" azeda, para além da forma fonética "檸檬 *níng méng*", próxima da designação portuguesa. Estas escolhas apontam para uma estratégia de adaptação linguística por analogia, através da qual Gonçalves procurava tornar inteligíveis realidades botânicas e culturais desconhecidas ou menos enraizadas na língua de chegada.

Para além dos casos anteriormente analisados, importa ainda referir brevemente outros exemplos que contribuem para a complexidade lexical e botânica desta categoria. O morfema "柚 *yòu*" surge em diversas formações compostas, como "açafrôa", traduzida por "山柚柑 *shān yòu gān*", que indica literalmente uma espécie botânica montanhosa situada entre os géneros "柑 *gān*" e "柚 *yòu*"; ou

[168] A recorrência deste termo "馬兜鈴 *mǎ dōu líng*" como equivalente de "casca de laranja" pode ser observada em vários dicionários bilingues do século XIX, nomeadamente em *A Dictionary of the Chinese Language in Three Parts* de Morrison (1822, p. 314), *An English and Chinese Vocabulary in the Court Dialect* de Samuel Wells Williams (1844, pp. 196–197) e *English and Chinese Dictionary in Two Volumes* de W. H. Medhurst (1847–1848, p. 939), conforme documentado na base de dados "The English-Chinese Dictionary Database" (Institute of Modern History, Academia Sinica, sem data).

"pumelo", apresentado em formas como "斗柚 *dǒu yòu* 'pomelo do tipo *dou* (referência a uma antiga unidade de medida de grande volume)'", "洋額柚 *yáng é yòu* 'pomelo de testa estrangeira'" e "桑麻柚 *sāng má yòu* 'pomelo de amoreira e cânhamo'". Já a "toranja" é traduzida como "ᶜ温ᶜ蛋 *wēn dàn*" – uma transcrição fonética, assinalada pela marca "ᶜ" à esquerda, que indica o uso puramente sonoro dos dois carateres (Gonçalves, 1831, p. III) –, provavelmente uma designação vulgar ou popular da época. Surge igualmente "柚 *yòu*", hoje amplamente reconhecido como o termo padrão para *toranja* ou *pomelo* no chinês moderno. Estas escolhas lexicais revelam o esforço de Gonçalves para captar a riqueza cultural e linguística dos cítricos no espaço sinófono, traduzindo não apenas nomes botânicos, mas também sensibilidades locais e práticas quotidianas.

Por fim, destacam-se também formulações mais complexas e menos transparentes, como as correspondentes a "Daphne Indica", traduzidas como "山 / 金橘 *shān/jīn jú* 'mandarina de monte/dourada'" e "給客橙 *gěi kè chéng* 'laranja para oferecer aos convidados'". É curioso notar que, apesar do nome português remeter claramente para uma planta aromática ou medicinal, os equivalentes chineses escolhidos por Gonçalves não evocam propriedades terapêuticas, mas sim variedades de citrinos comuns ou com conotação de hospitalidade. Esta associação inesperada parece basear-se não em critérios botânicos ou medicinais, mas em aproximações formais, sensoriais ou socioculturais, revelando tanto os limites do conhecimento disponível à época como os objetivos pragmáticos da tradução. Ainda que não aprofundadas aqui, tais correspondências oferecem pistas sobre modos locais de nomeação e uso de espécies vegetais, indicando adaptações lexicais baseadas na aparência, função ou simbolismo. Estas variações tornam-se mais compreensíveis no quadro da botânica asiática, onde o género Citrus, amplamente cultivado em zonas de clima de monções, inclui um número incerto de espécies de origem e dispersão ainda pouco definidas (cf. Wu et al., 2018, p. 311). O glossário de Gonçalves poderá contribuir para esclarecer a relação entre as diferentes espécies de citrinos conhecidas no início do século XIX, uma vez que as suas estratégias de tradução — em particular a adaptação lexical, ou a equivalência intercultural — fornecem pistas sobre os diferentes graus de familiaridade e circulação dessas espécies nas sociedades de língua portuguesa e chinesa.

Os frutos tropicais e exóticos reunidos na Tabela 86 incluem espécies que, embora comuns em certas regiões, eram consideradas relativamente desconhecidas ou não endémicas no contexto cultural de uma das línguas de chegada — português ou chinês. O seu registo no glossário de Gonçalves reflete a circulação de produtos alimentares entre continentes e a consequente necessidade de os nomear, descrever e integrar em sistemas lexicais distintos. Estes exemplos oferecem, assim, uma janela sobre a forma como o conhecimento botânico era mediado e traduzido em contexto intercultural.

Tabela 86 Frutas tropicais e exóticas

Português	Chinês	DCP
27) ANANAZ	菠蘿 [*bōluó*]	46
28) ANNONA	番荔枝 [*fān lìzhī*]	51
29) ATA	番荔枝 [*fān lìzhī*]	76
30) BANANA	蕉子 [*jiāo zi*] *Ve* Figo	91
31) BANANEIRA	芭蕉 [*bā jiāo*]。天苴 [*tiān jū*]。扇仙 [*shàn xiān*]	91
32) CALAMBORA	羊桃 [*yáng táo*]。萇楚 [*cháng chǔ*]	134
33) COCO	椰子 [*yē zi*]	166
– flor	夜合花 [*yè hé huā*]。合驩花 [*hé huān huā*]	
34) GOIABA	番拈 [*fān niān*]。雞屎果 [*jī shǐ guǒ*]	404
35) JACA	菠蘿蜜 [*bōluó mì*]	463
36) LICHIA	荔枝 [*lì zhī*]	485
37) LONGAN	圓｜ [*yuán*]。龍眼 [*lóng yǎn*]	491
38) MAMÃO	木瓜 [*mù guā*]	507
39) PITA	辣兜 [*là dōu*]。菠羅 [*bō luó*]	634
40) SPONDIOIDES	仁面 [*rén miàn*]	776
41) VOMPITE	黃皮果 [*huáng pí guǒ*]	859

Fonte: Elaborada pela autora.

A análise que se segue terá por base a tipologia das designações chinesas e portuguesas, distinguindo entre, por um lado, os casos que refletem uma transliteração da pronúncia e, por outro, as designações compostas, frequentemente formadas por morfemas que apontam para a sua origem estrangeira ou caraterísticas exóticas.

Do lado português, destacam-se três estrangeirismos particularmente reveladores: "lichia", "longan" e "vompite", cujas formas fonéticas evidenciam uma clara aproximação aos seus equivalentes chineses, respetivamente "荔枝 *lì zhī*", "龍眼 *lóng yǎn*" e "黃皮果 *huáng pí guǒ*". Esta escolha sugere uma estratégia de transliteração fonética adotada por Gonçalves, reforçando a origem chinesa das espécies e a tentativa de manter a sua identidade linguística e cultural. Tanto a líchia como o longan são frutas de longa tradição no sul da China, especialmente nas províncias do sul do país, como Guangdong, Fujian, Guangxi e Hainan, sendo amplamente cultivadas e apreciadas pelas suas qualidades gustativas. A sua inclusão no glossário de Gonçalves, que viveu e trabalhou na região de Macau, não surpreende, dado o relevo destes frutos no quotidiano alimentar local.

Estes três frutos parecem ocupar estatutos de privilégio distintos no espaço lusófono. No *Glossário Luso-Asiático* de Dalgado (1919), a "lichia" (ou "lechia") conta com um verbete extenso, acompanhado de 22 atestações (pp. 520-521); já a "longana" — variante ortográfica de *longan* — é descrita como "uma espécie de lichia, mais pequena e menos gostosa", sendo assinalada como termo corrente em Macau (p. 531); por sua vez, "vompite" aparece apenas numa atestação, sob a entrada "bibas", vocábulo utilizado em Macau para designar as "nêsperas" (p. 124). O "vompite" ou "黃皮果 *huángpí guǒ*",

embora atualmente não figure entre os frutos mais produzidos ou consumidos à escala nacional (cf. L. Luo et al., 2023), é um fruto típico da mesma região meridional, reconhecido como especialidade local. A sua inclusão no glossário de Gonçalves sugere que, no contexto da primeira metade do século XIX, este fruto teria uma presença significativa na dieta quotidiana da população do sul da China, especialmente na região de Macau, onde o missionário português residia.

Entre os restantes termos compostos associados aos frutos tropicais e exóticos, destaca-se a presença do morfema "番 *fān*", tradicionalmente usado na língua chinesa para assinalar a origem estrangeira de certos produtos. Esta marca lexical é visível em designações como "番荔枝 *fān lìzhī* 'lichia estrangeira'", correspondente aos termos portugueses "annona" e "ata", e "番拈 *fān niān* 'fruta estrangeira [chamada] *nian*'", também conhecida pela designação vernacular "雞屎果 *jī shǐ guǒ* 'fruta de fezes de galinha'" (nome popular no sul da China), equivalente de "goiaba". As três espécies partilham uma origem americana, sobretudo da região do México, Peru e outras partes da América Central e do Sul, tendo sido introduzidas na China entre os finais do século XVII e o início do século XVIII (cf. S. Wang, 2004, p. 18). No entanto, a origem dessas espécies de fruta pode ser controversa. Por exemplo, a goiabeira suscita dúvidas quanto à sua procedência asiática ou americana, sendo frequentemente apontada como nativa do Brasil, embora também haja registos que a associam a outras regiões tropicais (Gonzaga Neto, 1990, p. 8). Ainda assim, a recorrência do morfema "番 *fān*" nestes exemplos parece evidenciar não só a consciência da sua origem alógena, mas também o processo de integração destes frutos no léxico e na cultura alimentar chinesa, o que justifica a sua inclusão no glossário de Gonçalves.

Os restantes termos associados a frutos tropicais e exóticos no glossário do padre vicentino revelam um interessante cruzamento de referências linguísticas, botânicas e culturais, com destaque para espécies originárias da América, do Sudeste Asiático e de regiões tropicais do hemisfério sul, cuja presença no sul da China foi sendo consolidada entre os séculos XVII e XIX. O "ananás", por exemplo, aparece traduzido como "菠蘿 *bōluó*", uma designação ainda hoje corrente na China. Esta fruta, originária do Brasil, foi domesticada pelos povos indígenas da América do Sul e introduzida no espaço asiático a partir do século XVI; terá sido trazida para Macau pelos portugueses em 1605, e daí disseminada por Guangdong, Fujian e Taiwan (cf. S. Wang, 2004, p. 18). A entrada regista, portanto, um léxico estabilizado que evidencia a sua aclimatação à realidade sino-portuguesa de então.

No caso da "banana", o glossário remete para uma única equivalência, "蕉子 *jiāo zi*", direcionando o leitor para a entrada "figo". Esta remissão é significativa: como já vimos, o termo "figo" engloba várias expressões formadas com o morfema "蕉 *jiāo*", indicando um campo semântico partilhado ou sobreposto. Em contraste, a "bananeira" surge com múltiplos termos: "芭蕉 *bā jiāo*

‘[uma espécie de banana mais pequena designada como] Musa basjoo’”, “天苴 *tiān jū* ‘[uma determinada] erva celestial’” e “扇仙 *shàn xiān* ‘espírito do leque’”, os dois últimos com conotações literárias e estéticas, sugerindo usos culturais ou simbólicos. Esta diferença entre o fruto e a planta em termos de variedade lexical aponta para uma exploração cultural mais rica da bananeira enquanto elemento da paisagem e da vida quotidiana. A associação terminológica entre *banana* e *figo*, assente no uso comum de “蕉 *jiāo*”, revela uma interseção lexical que merece investigação mais aprofundada, tanto do ponto de vista etimológico como semântico-cultural.

A “calambora”, identificada como “羊桃 *yáng táo*” e “萇楚 *cháng chǔ*”, refere-se à fruta hoje designada como *carambola*. Embora a primeira designação chinesa se mantenha fonética e funcionalmente estável até hoje, a segunda é marcada no *Dicionário de Chinês Moderno* como um termo clássico ou arcaico, presente em fontes literárias antigas, possivelmente remetendo para uma planta semelhante ao kiwi (cf. Chinese Academy of Social Sciences, 2016, p. 147). Este caso evidencia, na realidade, o uso de termos clássicos e antigos para nomear espécies botânicas novas na língua chinesa, demonstrando uma tendência de adaptação lexical baseada em analogias formais, funcionais ou simbólicas com elementos já presentes no repertório tradicional. Frutos como o “coco” (椰子 *yē zi*) e a “jaca” (菠蘿蜜 *bōluó mì*) já dispunham, no glossário, de nomes estabilizados e ainda vigentes no chinês contemporâneo. No caso da jaca, a designação é uma composição lexical que associa a forma da fruta ao ananás, refletindo uma estratégia descritiva comum na formação de vocabulário.

Já o “mamão”, tal como registado por Gonçalves, é associado ao termo chinês “木瓜 *mù guā*”, correspondência ainda hoje utilizada na designação do fruto *Carica papaya L.*, também conhecido como *papaia*. O glossário de Gonçalves não apresenta uma entrada autónoma para “papaia”, o que sugere que, na época, “mamão” era o termo mais corrente em português. Atualmente, “mamão” costuma referir-se à variedade alongada e “papaia” à forma arredondada do fruto. Na terminologia botânica chinesa moderna, para distinguir esta espécie introduzida da planta indígena *Pseudocydonia sinensis*, igualmente chamada “木瓜 *mù guā*” e usada tradicionalmente na medicina, passou a empregar-se o prefixo “番 *fān*”, formando a designação “番木瓜 *fān mù guā*”. A equivalência registada por Gonçalves, ao emparelhar “mamão” com “木瓜 *mù guā*”, reflete o uso corrente à época, quando a diferenciação botânica entre espécies nativas e introduzidas ainda não estava plenamente estabilizada. Este uso pode derivar, por um lado, de uma nomeação por analogia com a espécie indígena, numa fase em que a *Carica papaya* era ainda pouco conhecida; por outro, pode indiciar que, sendo mais presente no

quotidiano, o fruto exótico acabaria por suplantar a referência à espécie nativa, tal como acontece ainda hoje, quando "木瓜 *mù guā*" é frequentemente usado para designar a papaia.

Restam duas entradas cuja interpretação apresenta maior complexidade. A "pita" é identificada no glossário de Gonçalves como "辣兜 *là dōu*" e "菠羅 *bōluó*". A reaparição deste último termo chinês, habitualmente usado para designar o ananás, parece refletir um sentido histórico mais lato ou menos estabilizado, revelador da fase ainda fluida da nomeação de espécies exóticas no século XIX. Do lado português, o termo "pita" é classificado por Bluteau (1720, p. 535) como uma palavra de origem brasileira, utilizada para designar fios amarelos extraídos de plantas fibrosas como o maguei ou agave. Esses fios eram empregados na confeção de diversos artigos têxteis, especialmente nos punhos das camisas. Bluteau acrescenta ainda que o termo era igualmente usado para se referir a um tipo de tecido muito fino e apreciado, fabricado com essas mesmas fibras — tecido que, segundo o autor, era comum entre os castelhanos nas suas colónias americanas[169]. Esta dupla referência, tanto à matéria-prima como ao produto acabado, revela um campo semântico alargado, associado ao uso utilitário das fibras vegetais no Brasil e à sua difusão em contextos coloniais mais amplos. Tal definição evidencia a natureza utilitária da planta e a polissemia do termo "pita" no português da época, o que pode ter contribuído para sobreposições ou ambiguidades terminológicas no glossário de Gonçalves, sobretudo num contexto de circulação colonial de produtos tropicais e nomeações ainda pouco estabilizadas.

No entanto, segundo o dicionário Houaiss, "pita" pode designar não só duas espécies de Agave (nomeadamente *Agave americana* e *Agave tequilana*), bem como uma espécie de ananás (*Ananas comosus*, "infrutescência"), o que aponta para uma ampliação semântica do termo ao longo do tempo (cf. Houaiss, sem data). Já no *Collins English Dictionary*, o termo aparece na variante britânica como referência a uma espécie de ananás (*Ananas magdalenae*), cujas folhas produzem uma fibra branca — coincidindo assim com a descrição funcional presente nas fontes portuguesas (cf. Collins, 2007). Estas associações com o ananás não se encontram ainda no *Vocabulario* de Bluteau, onde o termo é restrito ao domínio têxtil e botânico (plantas fibrosas), sugerindo que a correspondência com a planta frutífera poderá ter surgido posteriormente, à medida que as classificações botânicas se tornaram mais sistemáticas e as designações populares evoluíram em contextos coloniais e pós-coloniais. Quanto à

[169] Texto original: "He palavra do Brasil, & o nome de huns fios amarellinhos, com que antigamente se faziaõ os pespontados dos punhos das camisas. Na sua Histor. das Plantas, livro 2. diz Jorge Marcgrav. que a herva Pita he huma especie de Maguei,(outra planta do Brasil) & que por isso alguns lhe chamaõ, Maguei de Pita; he muito espinhosa, & a sua raiz muito fibrosa; das folhas desta planta se fazem huns fios muito delgados, & muito fortes, com que as Indias tecem hüs panos muito finos, & mais estimados que os que se fazem com os fios de outras plantas. O modo de fazer estes fios consiste em apertar a folha ainda verde no meyo de hum laço corredio, & puxar com força pela folha, a qual se despe da lanugem, que tem na sua superficie, desta lanugem, que por este modo se tira de huma, & outra parte da folha, se fazem os fios, & cada fio naõ he mais comprido que a folha; com tudo he taõ rijo como seda, & delle fazem os Gentios cedelas para pescar, & as cordas dos seus arcos. Com esta mesma materia os Castelhanos, que tambem tem Pitas nas suas Indias, fazem meyas, & outras obras. Vid. tomo 6. do Vocabul. He a casca da malva; curtida com o linho. Se fazem della varias cousas, e tambem cordoens de sege".

forma alternativa "辣兜 *là dōu*", a tradução literal, "bolsa picante" ou "envoltório ardente", não permite identificar com clareza a espécie visada. Trata-se, provavelmente, de uma designação local pouco documentada ou de uma transcrição fonética não padronizada, cuja identificação exata permanece incerta. Este caso, pela sua polissemia e ambiguidade, evidencia os desafios da tradução lexical em contextos de contacto intercultural, especialmente no que diz respeito a espécimes vegetais de uso regionalizado e nomenclatura variável.

Por fim, o termo "spondioides", correspondente a "仁面 *rén miàn*", permanece de identificação pouco clara, embora indique, com alguma probabilidade, uma planta de fruto comestível de origem tropical. Segundo Xiong (1984), trata-se de uma espécie cultivada em várias regiões do sul da China, nomeadamente na província de Guangdong. O fruto é uma drupa achatada e arredondada, com caroço marcado por aberturas que se assemelham a traços faciais, daí o nome homófono com grafia alternativa "人面 *rén miàn*", literalmente "rosto humano". O seu sabor é ácido e aromático, sendo frequentemente consumido seco, com propriedades reconhecidas de estimular o apetite, promover a digestão, refrescar e tonificar o estômago, tornando-se num produto muito apreciado durante o verão. Dada a sua origem chinesa e a ausência de um equivalente direto no vocabulário europeu da época, é possível que o termo "spondioides" apresentado no glossário de Gonçalves represente uma tentativa de nomeação científica ou semi-erudita, inspirada na taxonomia botânica ocidental, para descrever uma espécie exótica então pouco conhecida no mundo lusófono. Esta adaptação evidencia uma vez mais o esforço de mediação entre sistemas de conhecimento distintos, característico da abordagem lexicográfica de Gonçalves.

Em comparação com as categorias anteriores, o conjunto de frutos silvestres e agrestes recolhido no glossário de Gonçalves apresenta-se menos numeroso e com menor variedade terminológica. A sua presença parece refletir o estatuto marginal que muitas destas espécies ocupavam na alimentação ou no comércio da época, apesar da sua utilização local, sobretudo em ambientes medicinais. As designações bilingues apresentadas na Tabela 87 revelam, em vários casos, um afastamento em relação à nomenclatura botânica padronizada atualmente, sendo frequente a presença de termos vernáculos ou descritivos, alguns de caráter arcaico ou literário.

Tabela 87 Frutos silvestres e agrestes

Português	Chinês	DCP
42) AMORA	桑椹子 [*sāng shèn zi*]	44
43) CEREJA	櫻桃 [*yīng táo*]。朱桃 [*zhū táo*]。楔 [*xiē*]。荊 [*jīng*]。山查果 [*shān zhā guǒ*]。棠杭 [*táng gǔ*]。郁李 [*yù lǐ*]。夫栘 [*fū yí*]	150
44) CEREJEIRA	櫻桃樹 [*yīng táo shù*]	150
45) FLAMMULA JOVIS	蛇莓 [*shé méi*]	376
46) FRAXINELLA	覆盆子 [*fù pén zi*]	389
47) FRUTA agreste	山/野果 [*shān/yě guǒ*]	23

48) GINJA	酸櫻桃 [*suān yīng táo*]	404
49) MEDRONHO	洋梅 [*yáng méi*]。山芋兒 [*shān yù ér*]	520
50) MORANGO	蛇莓 [*shé méi*]。覆盆子 [*fù pén zǐ*]	540
51) NESPERA	枸杞子 [*gǒu qǐ zǐ*]	559
52) SORVA	杜棃果 [*dù lí guǒ*]	775
53) TAMARINDOS	酸子 [*suān zǐ*]	789

Fonte: Elaborada pela autora.

Este conjunto de exemplos, embora limitado, oferece uma perspetiva interessante sobre a forma como Gonçalves procurou representar espécies menos valorizadas do ponto de vista comercial, mas ainda assim integradas no universo linguístico sino-português.

A entrada "fruta agreste", traduzida como "山/野果 *shān/yě guǒ* 'fruta de monte/selvagem'", refere-se genericamente a frutos silvestres ou não cultivados, normalmente recolhidos em estado espontâneo na natureza. Do lado português, observamos alguma nomenclatura formal e específica, como "Flammula Jovis" e "Fraxinella", cujos equivalentes chineses são respetivamente "蛇莓 *shé méi*" e "覆盆子 *fù pén zǐ*". Este primeiro termo, literalmente "baga de cobra", corresponde à planta *Duchesnea indica*, uma herbácea perene da família das Rosáceas, frequentemente encontrada em taludes, caminhos ou entre ervas daninhas. Apesar do seu aspeto semelhante ao do morango, é geralmente considerada não comestível ou de sabor neutro, sendo no entanto valorizada na medicina popular chinesa pelas suas propriedades anti-inflamatórias, aplicadas no tratamento de enterites, queimaduras, disenteria e mordeduras de cobra (cf. X. Yang et al., 2025). A designação científica apresentada por Gonçalves parece refletir a nomenclatura então adotada na academia europeia, possivelmente baseada nas fontes a que teve acesso, nomeadamente o dicionário de Morrison e as informações fornecidas pelo farmacêutico português José Joaquim dos Santos (ver ponto 2.5.1.2 acima).

Já o segundo termo "覆盆子 *fù pén zǐ*", apresentado como equivalente a "Fraxinella", é um nome tradicional da medicina chinesa que designa diversos frutos do género *Rubus*, incluindo espécies como *Rubus idaeus L*. Segundo Huimin Wang (1997, p. 392), este fruto é utilizado como planta medicinal com propriedades tonificantes dos rins e reguladoras da função sexual e urinária, sendo também usado em contextos de fitoterapia e alimentação funcional. A sua designação remonta a textos clássicos e está ligada à morfologia do fruto: "覆盆子 *fù pén zǐ*" significa literalmente "taça invertida", aludindo à forma como o fruto cobre o recetáculo floral, semelhante a uma pequena taça virada ao contrário. A escolha do termo europeu "Fraxinella" por Gonçalves é particularmente reveladora. Esta palavra não se encontra no corpo principal do *Vocabulário Portuguez e Latino* de Bluteau (1713b), estando registada apenas no apêndice final, incluído no último tomo da sua obra, onde surge com a simples indicação "Yerva..." como equivalente castelhano (Bluteau, 1721a, p. 96). Segundo o Dicionário Aulete, "fraxinela" é um termo

botânico que designa uma planta do género *Dictamnus* (nomeadamente *Dictamnus albus*), com origem no latim *fraxinus*, 'freixo' (cf. Aulete, sem data). Embora botânica e semanticamente imprecisa no contexto da fruta chinesa "覆盆子 *fù pén zǐ*", a utilização deste termo por Gonçalves parece responder a uma lógica de equivalência funcional, com base em usos medicinais aproximados.

Os frutos referidos sob estas duas designações chinesas parecem não corresponder a frutos de consumo quotidiano no espaço português da época, sendo plausível que os termos portugueses tenham sido mobilizados para traduzir espécies comuns na China, mas sem equivalente direto no léxico lusófono corrente. Esta hipótese é reforçada pela forma como surgem no glossário os termos associados ao "morango", uma fruta que, embora ausente na tradição agrícola chinesa, era já bem conhecida na Europa no século XIX. A espécie hoje dominante, Fragaria × ananassa, é um híbrido desenvolvido na Europa no século XVIII a partir de espécies oriundas da América do Sul, e rapidamente se tornou amplamente cultivada e consumida, sobretudo em regiões temperadas, pela sua doçura, aroma e versatilidade culinária (cf. Darrow, 1966). Neste sentido, a utilização de termos como "覆盆子 *fù pén zǐ*" e "蛇莓 *shé méi*" como equivalentes chineses para "morango", atualmente conhecido pela designação comum "草莓 *cǎo méi* 'baga da relva", parece ter sido motivada pela semelhança visual ou por usos funcionais aproximados. Esta escolha revela uma tentativa de aproximação semântica baseada em analogias culturais e morfológicas, ainda que sem uma correspondência botânica direta entre as espécies.

Entre os frutos silvestres e agrestes ainda por analisar, destacam-se algumas estratégias de tradução particularmente reveladoras. A entrada "cereja", por exemplo, apresenta uma equivalência principal com "樱桃 *yīng táo*", termo ainda hoje amplamente utilizado no chinês moderno[170]. No entanto, Gonçalves fornece também um conjunto alargado de variantes que sugerem aproximações aspetuais baseadas em diferentes espécies locais de pequenos frutos vermelhos, amplamente utilizadas não apenas para consumo direto, mas também na produção de bebidas alcoólicas e no contexto da medicina tradicional chinesa. Em particular, "山查果 *shān zhā guǒ*" designa o fruto de *Crataegus pinnatifida*, conhecido como *espinheiro chinês*, de uso frequente na alimentação e fitoterapia chinesa. O fruto apresenta uma forma arredondada, coloração vermelha intensa e um tamanho semelhante ao da cereja, o que justifica a sua associação visual. É possível que, à época, tais variedades não fossem

[170] Com o aumento da importação de variedades estrangeiras, sobretudo da espécie europeia *Prunus avium*, tem-se disseminado na China o uso do termo "车厘子 *chē lí zǐ*", uma transliteração do inglês *cherries*, para distinguir essas variedades maiores e mais doces das "樱桃 *yīng táo*", tradicionalmente usadas para designar as espécies locais de frutos mais pequenos e com sabor mais ácido, nomeadamente a espécie designada como *Prunus pseudocerasus*. A distinção entre ambos os termos reflete uma diferenciação recente baseada na origem, dimensão e perfil gustativo das variedades disponíveis no mercado chinês.

conhecidas na tradição portuguesa, levando o autor a agrupá-las como equivalentes alternativos sob uma única entrada portuguesa, talvez por economia de espaço ou por critérios de reconhecimento visual. Já para a árvore correspondente, Gonçalves adota uma forma mais restrita, "櫻桃樹 *yīng táo shù*", limitando-se à espécie principal. Curiosamente, o termo "櫻桃" volta a surgir, agora modificado para "酸櫻桃 *suān yīng táo* 'cereja ácida'", na tradução de "ginja" (*Prunus cerasus*), refletindo a tentativa de distinguir a cereja doce da variedade mais ácida.

Outro caso digno de nota é o "medronho", fruto comestível do medronheiro, caracterizado por ser uma baga arredondada, de cor vermelha quando madura, com casca rugosa, polpa macia e sabor agridoce, sendo tradicionalmente utilizado na produção de licores e aguardentes («medronho (2)», sem data). No glossário de Gonçalves, a sua tradução chinesa inclui dois termos: "洋梅 *yáng méi*", literalmente "ameixa do mar/ameixa estrangeira", e "山芋兒 *shān yù ér*", em sentido literal "batata (doce) de montanha". Ambas as designações parecem ter um caráter descritivo, baseando-se na aparência e possível local de crescimento do fruto, e sugerem uma tentativa de aproximação semântica através de referências a espécies locais com aspetos ou usos semelhantes. No caso da "sorva", fruto da árvore conhecida como *Sorbus domestica*, outra espécie da família das rosáceas, originária da Europa mediterrânea («sorveira», sem data), o termo correspondente chinês "杜棃果 *dù lí guǒ*" refere-se ao fruto do *Pyrus betulifolia* ou a variedades de peras selvagens, revelando novamente uma equivalência construída por semelhança formal mais do que por identidade taxonómica.

A correspondência entre "nêspera" e "枸杞子 *gǒu qǐ zi*" é também particularmente reveladora. Atualmente, a "nêspera" é geralmente associada ao fruto de nespereira (*Eriobotrya japonica*), comummente conhecida na China pelo nome "枇杷 *pí pá*". Já "枸杞 *gǒu qǐ*", correspondente ao *Lycium chinense*, uma espécie indígena da China, amplamente usada na medicina chinesa, e conhecida no mundo lusófono como "baga goji". A equivalência proposta por Gonçalves poderá refletir não tanto uma estratégia de domesticação lexical, mas antes uma aproximação motivada por confusão ou incerteza taxonómica, num período em que ambas as espécies eram pouco conhecidas no espaço europeu. Esta hipótese ganha força tendo em conta a origem geográfica comum e o uso ainda incipiente desses frutos na cultura portuguesa oitocentista, o que poderia ter dificultado a distinção clara entre as duas plantas no momento da tradução. Por fim, os termos "amora" ("桑椹子 *sāng shèn zi*") e "tamarindos" ("酸子 *suān zǐ*") mantêm-se relativamente estáveis, refletindo designações que persistem no uso moderno e que à época já possuíam um certo grau de consolidação em ambas as línguas. O facto de ambos os frutos continuarem a ocupar um lugar marginal no consumo quotidiano pode também ajudar a explicar

a estabilidade das suas designações: por não terem passado por processos intensos de comercialização, hibridismo ou reclassificação científica, a sua nomenclatura permaneceu próxima das formas tradicionais, sem grande variação ao longo do tempo. Em Portugal as amoras ou moras, a forma original, são muito conhecidas e consumidas, sobretudo as de silva; as de árvore menos.

Para além dos frutos silvestres e agrestes analisados anteriormente, destaca-se no glossário de Gonçalves um fruto que é tratado com particular detalhe: a uva. A Tabela 88 reúne um vocabulário amplo e sistemático associado à videira e aos seus derivados, revelando a atenção especial que o autor dedicou a este fruto e à planta que o produz.

Tabela 88 Uva e viticultura

Português	Chinês	DCP
54) BAGO	葡萄珠 [*pú táo zhū*]	89
55) CÊPA	一柯葡萄 [*yì kē pú táo*] △ 葡萄一枝 [*pú táo yì zhī*]	149
56) EMPAR	修/削葡萄 [*xiū / xuē pú táo*]	288
57) Hami EXPORTA passas	哈密出葡萄乾 [*Hāmì chū pútao gān*]	347
58) LATADA	葡萄架 [*pú táo jià*]	474
59) PARREIRA	葡萄架 [*pú táo jià*]	600
60) UVA	葡萄果 [*pú táo guǒ*]	835
– silvestre	山茉萸 [*shān zhū yú*]	
– de rato	蠍螯草 [*xiē zhè cǎo*]	
– passa	乾葡萄 [*gān pú táo*]。葡萄乾兒 [*pú táo gān ér*]	
61) VIDE	葡萄 [*pú táo*]	857
62) VINDIMA	摘/收葡萄 [*zhāi / shōu pú táo*]。採葡萄果 [*cǎi pú táo guǒ*]	858
63) VINHA	葡萄園/林 [*pú táo yuán / lín*]	858

Fonte: Elaborada pela autora.

Esta riqueza lexical contrasta com o tratamento mais sintético dado a outros frutos, e parece refletir a importância simbólica, económica e cultural da uva na tradição portuguesa e em particular na região de Trás-os-Montes e Alto Douro, desde o seu papel na liturgia cristã até à centralidade da viticultura na economia agrícola. O glossário inclui não apenas termos relacionados com o fruto, em diferentes estados, mas também com a planta, o cultivo, a colheita e os produtos transformados, evidenciando um esforço de documentação terminológica pouco comum em outras categorias de alimentos.

A diversidade de termos presentes nesta secção é particularmente notável. A "uva", termo nuclear deste campo lexical, aparece como "葡萄果 *pú táo guǒ*", numa formulação descritiva que especifica tratar-se do fruto da videira. O termo genérico "葡萄 *pú táo*" é utilizado para designar a própria videira, registada sob a entrada "vide", e volta a surgir em expressões compostas como "葡萄園/林 *pú táo yuán / lín* 'quinta/pomar de uva'" para "vinha" e "葡萄架 *pú táo jià* 'armação de [suporte para o crescimento de] uva'" para "parreira" e "latada". As diferentes fases e formas da uva também estão representadas: o "bago", designado por "葡萄珠 *pú táo zhū*", refere-se à unidade do fruto; a "uvas

passas" surgem como "乾葡萄 *gān pú táo* 'uva seca'" e "葡萄乾兒 *pú táo gān ér* '[produto] seco de uva; uva passa'", mostrando a presença de produtos transformados. Este fruto seco volta a ser mencionado na entrada "EXPORTAR", onde se assinala que a região de Hami (Kumul) era uma das principais zonas de produção e origem da sua exportação[171]. A entrada "cêpa" é traduzida por "一柯葡萄 *yì kē pú táo*" ou "葡萄一枝 *pú táo yī zhī*", indicando um ramo ou cacho da videira, enquanto "vindima" é expressa pelas ações de colher e selecionar, através de verbos como "摘 *zhāi* 'apanhar'", "收 *shōu* 'colher'" e "採 *cǎi* 'apanhar'", todos associados a "葡萄 *pú táo*".

A entrada "empar", correspondente a "修/削葡萄 *xiū / xuē pú táo*", refere-se à poda ou ao cuidado com a planta, prática essencial na manutenção da videira. Por fim, as entradas complementares "uva silvestre" e "uva de rato", traduzidas como "山茱萸 *shān zhū yú*" (*Cornus officinalis*) e "蠍螯草 *xiē zhè cǎo*" (*Girardinia diversifolia* subsp. *Suborbiculata*), respetivamente, parecem referir-se a espécies botânicas distintas, possivelmente incluídas por analogia visual ou popular, mais do que por uma equivalência taxonómica direta. A presença deste conjunto lexical no glossário de Gonçalves atesta não só a importância da uva na cultura portuguesa, especialmente em contextos litúrgicos e agrícolas, como também o esforço do autor em transpor esse universo semântico para o contexto chinês, através de traduções descritivas, funcionais e, por vezes, aproximativas. Este núcleo lexical constitui, assim, um exemplo claro da sensibilidade intercultural de Gonçalves e da atenção minuciosa que dedicou aos produtos com forte valor simbólico e económico no seu universo de partida.

Para completar o conjunto lexical dedicado à uva e à videira, importa ainda considerar as entradas relacionadas com o vinho, produto por excelência derivado do cultivo da uva. No glossário de Gonçalves, este domínio está particularmente bem representado, não só através da entrada principal "VINHO", conforme abaixo transcrita, mas também de termos associados ao processo de produção e transformação, como "bagaço" e "mosto".

> VINHO 酒 [*jiŭ*]。杜康 [*Dù Kāng*] (BACCHO)
>
> – de uvas 葡萄酒 [*pú táo jiŭ*]
>
> – nao destillado 酒娘 [*jiŭ niáng*]
>
> Bom – 美/旨酒 [*měi / zhǐ jiŭ*] △ 甘酒 [*gān jiŭ*]。香醪 [*xiāng láo*]
>
> Fraco – 漓酒 [*lí jiŭ*]。淡/薄酒 [*dàn / bó jiŭ*]
>
> 0 – he a lenhaa da luxuria △ 酒淫薪也 [*jiŭ yín xīn yě*]

[171] Para além das uvas passas, destacavam-se igualmente o melão e o pêssego produzidos e importados da mesma zona, já referidos anteriormente na Tabela 84, no âmbito dos frutos frescos comuns, o que sublinha a relevância agrícola e comercial desta região no contexto da fruticultura chinesa do século XIX.

Gostar de －， e nao de mulheres he raro △ 恣酒不恣淫鮮也 [*zì jiŭ bù zì yín xiăn yĕ*]

O － chama-se veneno, que enlouquece △ 酒名狂藥 [*jiŭ míng kuáng yào*]

O － he veneno, que fura as tripas △ 酒乃穿肠之青 [*jiŭ năi chuān cháng zhī qīng*]

O － he verdadeiro veneno, que corrompe as entranhas, e machado, que corta a natureza

酒真是腐腸之藥伐性之斧 [*jiŭ zhēn shì fŭ cháng zhī yào fá xìng zhī fŭ*]

Com os amigos mil copos de － he pouco 酒逢知已千杯少 [*jiŭ féng zhī jĭ qiān bēi shăo*]

△ 酒以為人合歡 [*jiŭ yĭ wéi rén hé huān*]

(Qualidades de － artificial) 五香酒 [*wŭ xiāng jiŭ*]。木瓜酒 [*mùguā jiŭ*]。泉酒 [*quán jiŭ*]。清酒 [*qīng jiŭ*]。黃酒 [*huáng jiŭ*]。糯酒 [*nuò jiŭ*]。煮/老酒 [*zhŭ / lăo jiŭ*]。竹葉青 [*zhúyè qīng*]。狀元紅 [*zhuàng yuán hóng*]

Fazer － 酿/醞酒 [*niàng / yùn jiŭ*] (Gonçalves, 1831, pp. 859–860)

A riqueza e a variedade das expressões recolhidas revelam não apenas o valor do vinho na tradição portuguesa, desde logo na região transmontana do Douro, bem próxima da terra natal de Gonçalves, mas também o modo como o padre vicentino procurou captar os múltiplos significados e conotações culturais associados ao consumo do álcool na sociedade chinesa.

Na entrada "VINHO", Gonçalves apresenta o termo geral "酒 *jiŭ*", associado também à figura mítica de 杜康 *Dù Kāng*, tradicionalmente considerado o inventor das primeiras bebidas alcoólicas fermentadas na China[172], e comparado ainda a Baccho[173], nome latino do deus do vinho. Esta tripla correspondência evidencia não só uma tentativa de mediação cultural entre as conceções europeias e chinesas de bebidas alcoólicas, como também uma sobreposição semântica relevante. Em português, o termo "vinho" refere-se, em sentido restrito, à bebida alcoólica resultante da fermentação do sumo de uva; contudo, em certos contextos, pode ser usado de forma mais ampla para designar qualquer bebida alcoólica com efeito inebriante. De modo análogo, o termo chinês "酒 [*jiŭ*]" abrange uma grande variedade de bebidas alcoólicas, incluindo fermentados, destilados e infusões, funcionando como uma categoria muito mais ampla do que o "vinho" no sentido técnico europeu.

[172] A origem das bebidas alcoólicas na China está envolta em múltiplas lendas, entre as quais se destacam cinco hipóteses principais: a criação celestial, a invenção pelos macacos, a autoria atribuída a 仪狄 *Yí Dí*, a atribuição a 杜康 *Dù Kāng*, e ainda ao imperador lendário 黄帝 *Huáng Dì*. Todas estas teorias fazem parte da tradição mítica e carecem de comprovação histórica (Xu & Liu, 1999, pp. 12–13). Num estudo baseado em inquérito, cerca de 90% dos entrevistados reconheceram 杜康 *Dù Kāng* como o criador do álcool, contra apenas 2% que atribuíram esse papel a 仪狄 *Yí Dí*, apesar de o nome desta última constar em alguns registos históricos antigos (Qu et al., 2010, p. 177). Este desfasamento poderá explicar-se pela maior presença cultural de 杜康 *Dù Kāng* na literatura e no imaginário coletivo, sobretudo graças ao famoso verso "何以解忧，唯有杜康 *Hé yĭ jiĕ yōu, wéi yŏu Dù Kāng* 'Que remédio há para as mágoas? Apenas *Du Kang*'" (do poema 《短歌行》 *Duăngē Xíng* 'Canto Breve' de 曹操 *Cáo Cāo* (155-220), estadista, estratega militar e poeta influente do final da dinastia Han), que consolidou a sua associação simbólica à bebida alcoólica na tradição chinesa.

[173] Segundo a mitologia clássica, Baccho (Baco) foi o primeiro a plantar a vinha e a ensinar aos homens a agricultura, sendo por isso venerado como deus do vinho (Moura, 1840, pp. 51–52).

Gonçalves recolhe também uma impressionante variedade de frases e provérbios associados ao consumo de bebidas alcoólicas, muitos dos quais revelam perceções negativas, como "o vinho é veneno, que fura as tripas" ou "o vinho é machado que corta a natureza", sublinhando o seu poder de destruição física e moral. Por outro lado, também aparecem expressões que destacam o valor social e convivial da bebida, como "com os amigos mil copos de vinho é pouco", refletindo a ambivalência cultural em torno do álcool. A entrada inclui ainda a distinção entre tipos de vinho, como "葡萄酒 *pú táo jiŭ* 'vinho de uva'" e "酒娘 *jiŭ niáng* 'bebida alcoólica menina/jovem", bem como apreciações qualitativas: "美酒 *měi jiŭ*" ou "旨酒 *zhĭ jiŭ*" para "vinho" bom, "漓酒 *lí jiŭ*" ou 薄酒 *bó jiŭ*" para "vinho" fraco. Uma secção particularmente interessante é a que lista variedades de vinho "artificial" — ou seja, preparados específicos com ingredientes adicionais — como "五香酒 *wŭ xiāng jiŭ* 'vinho de cinco aromas'", "木瓜酒 *mùguā jiŭ* 'vinho de mamão'", "竹葉青 *zhúyè qīng* 'vinho de folhas de bambu'" e "狀元紅 *zhuàng yuán hóng* 'vinho do laureado'", entre outros, o que indica uma complexidade e sofisticação na cultura vinícola chinesa, distinta da tradição europeia. Em todos estes exemplos, a palavra "vinho" é usada no sentido amplo para se referir genericamente a bebidas alcoólicas, incluindo não apenas o vinho de uva propriamente dito, mas também fermentados de arroz, infusões alcoólicas e licores locais.

A presença das entradas "BAGAÇO", traduzido como "葡萄渣子 [*pú táo zhā zi*] △ 渣滓 [*zhā zĭ*]" e "MÔSTO", traduzido como "葡萄汁子 [*pú táo zhī zi*]" (Gonçalves, 1831, pp. 88, 543) reforça a atenção dada ao ciclo completo da produção vinícola. Ambos são produtos secundários obtidos durante a vinificação. Segundo Bluteau, *bagaço* designa as peles, cascas, folhelhos e bagulho que permanecem no lagar depois de espremidas as uvas (1712b, p. 12), enquanto *mosto* corresponde ao vinho novo extraído do lagar antes de ser fermentado na dorna (1716, p. 600). A inclusão destes termos sugere um interesse pela precisão técnica e pelos diferentes estágios do processo produtivo, ainda que o termo "vinho" seja aqui utilizado no seu sentido amplo, englobando diversas bebidas alcoólicas para além do vinho de uva propriamente dito. Esta abordagem reflete a centralidade simbólica e cultural do vinho na tradição portuguesa e cristã ocidental. Ao contrário de religiões como o budismo ou o islamismo, que proíbem o consumo de bebidas alcoólicas, sendo o vinho classificado, por exemplo, no Islão como "a origem de todos os males", o cristianismo atribui-lhe um valor profundamente espiritual: no ritual cristão, o vinho representa o sangue de Cristo, sendo consumido na Eucaristia como símbolo de salvação e comunhão com o divino (cf. N. Yang, 1994, p. 97). Este significado transcende o uso alimentar e confere ao vinho um estatuto único entre os alimentos, o que poderá justificar a atenção especial dada por Gonçalves à sua descrição e às expressões culturais a ele associadas.

Com esta análise, encerra-se o núcleo dedicado à uva e ao vinho, demonstrando não apenas o lugar privilegiado que este fruto ocupa na tradição portuguesa, mas também o cuidado lexicográfico com que Gonçalves procurou representar este universo no quadro intercultural da sua obra. A seguir, passaremos à análise dos frutos com uso culinário específico ou apresentados sob formas transformadas. Tal como no caso das uvas passas, os exemplos reunidos na Tabela 89 incluem frutas empregues em preparações como doces, compotas ou produtos processados, refletindo práticas alimentares que vão além do consumo direto e evidenciando modos particulares de conservação, confeção ou valorização gustativa.

Tabela 89 Frutos com uso culinário específico ou transformados

Português	Chinês	DCP
63) AÇOFEIRA	棗 [*zǎo*]。白棗 [*bái zǎo*]。面棗 [*miàn zǎo*]	16
64) AZEROLA	山裡紅 [*shān lǐ hóng*]。山查羔 [*shānzhā gāo*]	87
65) CAQUE, figo –	柿子 [*shì zi*]	133
– passos	柿餅 [*shì bǐng*]	
66) DAMASCO	杏兒 [*xìng ér*]	218
67) MARMELADA	木瓜糕 [*mù guā gāo*]	515
68) MARMELO	木瓜 [*mù guā*]	515
– bravo	野木瓜[*yě mù guā*]	
69) PERADA	梨糕 [*lí gāo*]	619
70) RHAMNUS	大棗 [*dà zǎo*]	727

Fonte: Elaborada pela autora.

Ao contrário dos frutos frescos consumidos diretamente, estas espécies são frequentemente utilizadas em preparações tradicionais, desde sobremesas e bolos até aplicações medicinais ou conservas, o que se reflete na forma como são nomeadas e descritas. No glossário de Gonçalves, estas entradas revelam uma atenção particular às práticas alimentares e aos produtos transformados típicos da cultura chinesa, alguns deles sem correspondência direta no vocabulário europeu da época.

Entre os exemplos listados, destaca-se em primeiro lugar o caso da "açofeira", associada a três variedades de jujuba chinesa: "棗 *zǎo* 'jujuba'", "白棗 *bái zǎo* 'jujuba branca'" e "面棗 *miàn zǎo* 'jujuba [de polpa] farinácea'". Estas correspondem a diferentes tipos de *Ziziphus jujuba*, um fruto amplamente usado na alimentação e medicina chinesas, consumido tanto fresco como seco, frequentemente adicionado a caldos ou doces medicinais. Do lado português, a palavra "açofeira", segundo Bluteau (1712a, p. 103), é identificada como oriunda do Algarve, utilizado para designar a "Maçãa da Nafega", correspondente ao fruto da árvore "Maceira da nafega". Segundo o mesmo autor, trata-se de uma árvore semelhante à ameixieira, de folhagem mais clara, classificada como *Ziziphus, i. Fem. Columel. Ziziphum, i. Neut. Plin.*, cujo fruto, inicialmente verde e ruivo na maturação, se assemelha a ameixas ou azeitonas, sendo valorizado pelas suas propriedades peitorais e aperitivas, com polpa doce

e glutinosa, utilizada em tisanas para suavizar os humores e estimular a salivação (cf. Bluteau, 1716, p. 233). A associação proposta por Gonçalves entre esta designação portuguesa e os diferentes tipos de jujuba chinesa parece assentar sobretudo numa lógica de aproximação funcional e medicinal, mais do que numa correspondência botânica rigorosa[174].

O segundo termo, "azerola", é traduzido como "山裡紅 *shān lǐ hóng* '[fruto] vermelho do monte'" e "山查羔 *shānzhā gāo* 'pasta de espinheiro chinês'". O segundo equivalente chinês diz respeito não à fruta fresca em si, mas a um produto transformado, um doce tradicional à base do fruto de *Crataegus pinnatifida*, de sabor agridoce, amplamente utilizado na China na confeção de compotas e bolos. Este fruto enquanto fresco surge também como um dos termos equivalentes da palavra "cereja", conforme mencionada na Tabela 87. Do lado português, o termo "azerola" refere-se, segundo Bluteau (1712a, p. 694), a uma árvore espinhosa cujo fruto, de igual nome, tem a aparência de uma cereja vermelha ou amarelada, com sabor azedo, o que estaria na origem da sua denominação. A planta era comum nos reinos de Nápoles e Valença, e era também encontrada em Portugal. Do ponto de vista botânico, o lexicógrafo associa-a ao género *Aronia*, conforme a nomenclatura latina então em uso. A equivalência assinalada entre o termo português "azerola" e o fruto chinês, bem como os produtos derivados deste último, parece refletir uma aproximação de ordem sensorial ou culinária, mais do que uma correspondência botânica rigorosa, fundada sobretudo em semelhanças de aspeto, sabor ou uso gastronómico.

Já o "caque", correspondente a "柿子 *shì zi*", designa o fruto do *Diospyros kaki*, planta originária da China e atualmente conhecida em português como diospireiro — e o fruto como *diospiro*. No glossário de Gonçalves surge sob a forma composta "figo caque", o que sugere que a fruta ainda era pouco conhecida no espaço europeu da época, exigindo uma referência comparativa. A designação "caque", tal como ainda se usa no Brasil *caqui*, parece provir da adaptação fonética do japonês "柿/カキ/kaki", indiciando a via de entrada do termo nas línguas europeias. A entrada inclui também a variante seca do fruto, o que confirma o seu uso enquanto produto transformado. Essa prática é corroborada por registos sobre a culinária e a farmacopeia de Macau, onde os tapuses[175] de figo caque, isto é, os cálices secos do

[174] Atualmente, a jujuba chinesa é frequentemente comparada à tâmara, ou seja, o fruto da tamareira (*Phoenix dactylifera*), ou de outras palmeiras afins, muito apreciado tanto seco como cristalizado pelo seu sabor doce e textura carnuda («tâmara», sem data). Esta associação moderna pode dever-se à semelhança na confeção e nas qualidades gustativas entre ambos os frutos secos ou cristalizados. Curiosamente, o termo "tâmara", derivado do hebraico *tamar* e já presente no dicionário de Bluteau, não foi utilizado por Gonçalves no seu glossário. Em vez disso, optou por recorrer à "açofeira" como base de comparação, o que poderá dever-se ao facto de o fruto chinês em questão ser consumido cru, tal como a "maçã da nafega" referida por Bluteau (1721b, p. 31), ao passo que a tâmara, no contexto europeu, era mais frequentemente consumida seca ou cristalizada.

[175] Segundo a autora, o termo "tapuz", de uso local, refere-se à forma do cálice seco e poderá ter origem na palavra turca *tarpuz*, que designava uma touca segmentada usada sob o véu, sugerindo uma analogia visual entre o formato do cálice e o acessório feminino.

Diospyros kaki aderentes ao fruto, eram utilizados como antiflogísticos e eméticos (Amaro, 1988). A inclusão deste fruto no glossário revela, assim, não apenas a familiaridade crescente com a espécie, mas também a valorização dos seus usos alimentares e medicinais no contexto sino-português.

De forma semelhante, a entrada "damasco", traduzida como "杏兒 *xìngr*", refere-se ao fruto do *Prunus armeniaca*, hoje mais vulgarmente conhecido em português como "alperce". Esta espécie, amplamente utilizada tanto em fresco como em seco na culinária chinesa, era já bem conhecida no mundo lusófono sob a designação "damasco", que segundo Bluteau (1713a, p. 7) está ligada à sua presumível origem, a cidade de Damasco, de onde se acreditava que os primeiros exemplares teriam sido introduzidos na Europa. O termo latino Malum Damascenum, bem como a referência clássica a Damascena Pruna, reforçam essa associação toponímica. A ausência da denominação moderna "alperce" tanto no dicionário de Bluteau como no glossário de Gonçalves parece indicar que se trata de uma designação mais tardia, possivelmente surgida no contexto da expansão lexical portuguesa com influências árabes ou regionais. Esta evolução terminológica poderá refletir o afastamento progressivo do nome associado ao local de origem, à medida que o fruto se tornava mais comum e integrado no quotidiano alimentar europeu. Nesse sentido, a escolha de "damasco" por Gonçalves alinha-se com o vocabulário corrente do seu tempo, preservando ainda a marca cultural e geográfica da sua introdução histórica.

O termo "木瓜 *mù guā*", correspondente a um fruto indígena da China, *Pseudocydonia sinensis*, aparece no glossário de Gonçalves como equivalente não só de "marmeleiro", mas também de "marmelada", mostrando uma clara estratégia de aproximação funcional. Esta escolha torna-se particularmente interessante quando contrastada com a designação "番木瓜 *fān mù guā*", cientificamente usada para identificar o mamão ou papaia (*Carica papaya*), como já analisado na Tabela 86 no âmbito das frutas exóticas. Enquanto "番木瓜 *fān mù guā*" designa uma variedade tropical importada, "木瓜 *mù guā*" refere-se originalmente à espécie indígena da China, cultivada desde a Antiguidade. Contudo, com a introdução e popularização da papaia, fruto mais doce e adequado ao consumo direto, a designação "木瓜 *mù guā*" passou, na linguagem corrente, a referir-se mais frequentemente à variedade exótica. Esta deslocação terminológica evidencia uma mudança no referente lexical dominante, embora os dois frutos correspondam, na realidade, a espécies botânicas distintas. Ao ser usada por Gonçalves para traduzir tanto "mamão" como "marmelo", a designação sugere uma fase de ambiguidade lexical, que dificulta determinar qual das variedades, *Carica papaya* ou *Pseudocydonia sinensis*, era então mais reconhecida sob esse nome.

Por sua vez, "marmelo", o fruto europeu de *Cydonia oblonga*, atualmente conhecido em chinês como "榲桲 *wēn bó*", é pouco comum na tradição alimentar chinesa, o que pode ter levado Gonçalves a recorrer a "木瓜 *mù guā*" como o termo mais próximo na experiência cultural e gastronómica do público chinês. Esta correspondência é visível tanto na entrada "marmelo", como no produto transformado "marmelada[176]", traduzido como "木瓜糕 *mù guā gāo*", ou seja, "doce/pastel de *mugua*", e ainda na variedade selvagem "marmelo bravo", correspondente a "野木瓜 *yě mù guā*". Tal como o marmelo, o fruto chinês "木瓜 *mù guā*" é duro, aromático e frequentemente cozinhado ou adoçado antes de ser consumido, o que reforça a escolha pela semelhança no uso culinário e na textura, mesmo que as espécies sejam botanicamente distintas. Trata-se, portanto, de mais um exemplo da estratégia tradutiva de Gonçalves assente na equivalência funcional e sensorial, em vez de taxonómica.

Antes de passar ao último exemplo, vale a pena referir brevemente a entrada "perada", traduzida como "梨糕 *lí gāo*", ou seja, doce de pera. Trata-se de um produto transformado obtido a partir da polpa da pera, cozinhada e solidificada em forma de bolo ou pasta doce, semelhante à marmelada. A sua inclusão no glossário reflete a atenção de Gonçalves não apenas aos frutos em estado natural, mas também às suas formas de confeção e conservação mais comuns na tradição chinesa. Por fim, o termo "rhamnus", atualmente usado para se referir a um conjunto de plantas do género *Rhamnus*, surge associado a "大棗 *dà zǎo* 'jujuba grande'". Trata-se, ao que tudo indica, de uma tentativa de equivalência erudita, possivelmente inspirada em fontes farmacêuticas ou botânicas da época, para designar uma variedade de jujuba chinesa de maior porte, frequentemente utilizada tanto em contextos culinários como medicinais. No entanto, a correspondência entre os dois termos permanece algo vaga, dado que ambos são relativamente abrangentes e podem referir-se a diferentes espécies ou variedades, dependendo do contexto. A amplitude de ambos os termos torna incerta a equivalência direta, sugerindo antes uma aproximação baseada na aparência, uso ou valor terapêutico percebido, mais do que numa correspondência taxonómica precisa.

Para além dos frutos frescos e dos produtos transformados, o glossário de Gonçalves inclui também um conjunto de termos dedicados aos frutos secos, categoria que integra tanto sementes comestíveis como frutos de casca rija, consumidos diretamente ou usados como ingrediente em várias preparações. A Tabela 90 reúne essas designações, revelando uma preocupação em registar alimentos de valor

[176] A marmelada, contudo, era a conserva compacta de marmelos, em ladrilhos ou em caixas, mais comum e conhecida em Portugal, existindo numerosas receitas diferentes nos primeiros livros de cozinha; fazia-se também, para conservar a fruta, pessegada, perada, limoada, cidrada, gergelada, florada (com açúcar e flor de laranjeira) e açúcar rosado (a mesma conserva compacta com açúcar e pétalas de rosa), conforme se lê no livro de cozinha editado por Barros (2013).

energético e conservável, frequentemente associados a práticas alimentares sazonais ou contextos festivos.

Tabela 90 Frutos secos

Português	Chinês	DCP
71) ALEURITES	石栗 [*shí lì*]	34
72) AMÉNDOA	杏仁 [*xìng rén*]。胡桃 [*hú táo*]	43
73) AVELLÃ	榧子 [*fěi zi*]。文木 [*wén mù*]。榛子 [*zhēn zi*]	85
74) BOLOTA	橡子 [*xiàng zi*]。吊天機 [*diào tiān jī*]	104
75) CASTÁNEA FAGUS	风栗 [*fēng lì*]	143
76) CASTANHA	栗子 [*lì zi*]。大栗子 [*dà lì zi*]	143
77) – d'agoa	荸薺 [*bí qí*] *Ve* LINCÓ	
78) MAGUSTO	燒豆 [*shāo dòu*]。燒栗子 [*shāo lì zi*]	500
79) NÓZ	胡/核桃 [*hú / hé táo*]	565

Fonte: Elaborada pela autora.

A lista de frutos secos apresentada inclui espécies de consumo ainda hoje comum, como a amêndoa, a castanha e a noz, ao lado de outras que, embora menos frequentes na alimentação quotidiana contemporânea, eram reconhecidas e valorizadas na época, como a bolota.

A entrada "ALEURITES" apresenta como equivalente o termo "石栗 *shí lì*", literalmente "castanha de pedra", e refere-se provavelmente ao fruto do *Aleurites moluccanus*, cujo uso atual é limitado, mas que possui aplicações medicinais e industriais em diversas culturas asiáticas. Destaca-se também o termo científico "castánea fagus", correspondente a "风栗 *fēng lì*", uma designação regional da província de Guangdong para a castanha colhida no décimo mês do calendário lunar, após ter sido naturalmente seca ao ar, resultando num sabor particularmente apreciado (cf. J. Chen et al., 2013, p. 725). Para além destas, a castanha comum surge como "栗子 *lì zi*" e "大栗子 *dà lì zi*", formas derivadas através do acréscimo do sufixo -子 *-zi*, típico do mandarim vulgar no processo de ditongação e nominalização. É também mencionada uma variante específica, a castanha de água, designada por "荸薺 *bí qí*", correspondente ao fruto da *Eleocharis dulcis*. Gonçalves estabelece aqui uma correferência com a entrada "LINCÓ", termo português adaptado da forma chinesa "菱角 *líng jiǎo*", outro fruto aquático de formato semelhante. Em todas estas ocorrências, é notável a presença do morfema "栗 *lì*", sugerindo que, seja por pertença botânica à mesma família, seja por aproximação morfológica e culinária, todos estes frutos foram classificados sob a categoria geral de "castanha", refletindo uma lógica de organização lexical baseada na função e aparência dos alimentos.

Outro exemplo digno de menção é a entrada "MAGUSTO", designando uma festa popular portuguesa, tradicionalmente celebrada em novembro e frequentemente ao ar livre, na qual se assam castanhas, uma prática cultural associada ao Dia de Todos os Santos e à celebração do dia de São

Martinho, conforme se comprova o provérbio "No São Martinho, castanhas e vinho". Este termo, fortemente enraizado no imaginário popular português, é traduzido por Gonçalves de duas formas distintas: "燒豆 *shāo dòu*", literalmente "queimar grão", e "燒栗子 *shāo lì zi*", ou "queimar castanha". A primeira tradução, "燒豆 *shāo dòu*", parece remeter de forma mais indireta para práticas rituais oriundas do contexto japonês, como o "節分/せつぶん/Setsubun", também referido como festival da dispersão de soja (*Glycine max*), que remonta ao período Muromachi (1336–1573). Essa cerimónia, influenciada pela cultura chinesa da dinastia Tang, consistia em lançar feijões para expulsar os maus espíritos. Na China, no entanto, o costume similar usava cereais variados ou feijão vermelho (*Vigna umbellata*), enquanto no Japão se recorre tradicionalmente à soja (cf. H. Ma, 2009, pp. 120–121). Por outro lado, a segunda tradução, "燒栗子 *shāo lì zi*", descreve de forma muito mais direta e fiel a prática portuguesa do magusto, centrada no ato de assar castanhas. A coexistência destas duas traduções no glossário é reveladora das múltiplas camadas de interpretação cultural e da diversidade de referências manejadas por Gonçalves na sua tentativa de encontrar equivalências num campo fortemente marcado por hábitos locais.

No caso da amêndoa e da noz, ambas ainda amplamente consumidas na alimentação quotidiana atual, o glossário de Gonçalves apresenta um elemento comum a ambas as entradas: o termo "胡桃 *hú táo*", que significa literalmente "pêssego estrangeiro". Embora tradicionalmente associado à noz no chinês moderno, o uso deste termo também para a amêndoa revela uma aproximação lexical baseada na semelhança morfológica, nomeadamente, o facto de ambos os frutos apresentarem miolos envoltos em casca dura, o que pode, no entanto, gerar ambiguidade. A outra designação atribuída à amêndoa é "杏仁 *xìng rén*", literalmente "miolo de damasco". De facto, este termo chinês refere-se especificamente à semente do *Prunus armeniaca* (damasco ou alperce), usada desde a Antiguidade na alimentação e medicina chinesas. No entanto, devido à semelhança visual e gustativa com a amêndoa ocidental (*Prunus dulcis*), o termo passou, por extensão ou convenção comercial, a designar também esta última, sendo comum, por exemplo, o uso da expressão "美国大杏仁 *měi guó dà xìng rén*", ou "grande caroço de damasco americano", para referir amêndoas importadas dos Estados Unidos (cf. Y. Zhang, 2023, pp. 349–350). Esta prática, já observada no século XIX, reflete uma adaptação lexical assente na analogia funcional, embora sem correspondência botânica rigorosa. A opção de Gonçalves por "胡桃 *hú táo*" para a amêndoa sugere, assim, que esta ainda não tinha um estatuto lexical claramente diferenciado na sociedade chinesa da época, sendo integrada no campo mais amplo dos frutos secos por aproximação morfológica e de uso.

Os restantes dois exemplos, avelã e bolota, destacam-se no glossário de Gonçalves pela variedade de equivalentes apresentados, refletindo uma notável riqueza lexical e a coexistência de diferentes tradições de nomeação no registo dos frutos secos. No caso da "AVELLÃ", surgem três equivalentes chineses distintos: "榧子 *fěi zi*", "文木 *wén mù*" e "榛子 *zhēn zi*". O último termo "榛子 *zhēn zi*", ainda hoje o mais comum para designar a avelã no chinês moderno, refere-se ao fruto do *Corylus heterophylla*, espécie nativa da Ásia Oriental. Já o primeiro termo, "榧子 *fěi zi*", pode designar o fruto do *Torreya grandis*, também um fruto seco comestível, de uso frequente na China, especialmente nas regiões do sul, sendo por vezes confundido com a avelã por aproximação funcional. O termo do meio "文木 *wén mù*", menos frequente, poderá remeter para um uso mais literário ou regionalizado, embora o seu referente botânico exato seja mais difícil de determinar. Quanto à "bolota", os equivalentes apresentados são "橡子 *xiàng zi*", termo ainda usado atualmente para designar o fruto de um conjunto de árvores do género *Quercus*, e "吊天機 *diào tiān jī*", literalmente "engenho pendurado do céu", uma designação muito menos comum e de contornos mais obscuros. Este segundo termo pode refletir uma nomenclatura local, literária ou simbólica, talvez relacionada com a forma ou a função da bolota em certos contextos rituais ou agrícolas. A presença destas palavras mostra não só a diversidade lexical na época, mas também a sensibilidade de Gonçalves às múltiplas camadas da língua — desde o uso corrente até aos registos mais eruditos ou regionais.

Como conclusão da subsecção 4.2.2, importa destacar que o léxico dos alimentos essenciais recolhido por Gonçalves constitui um testemunho privilegiado da mediação cultural operada entre os mundos sino-português no século XIX. Através das estratégias de adaptação lexical, equivalência funcional e aproximação morfológica, o autor procurou representar de forma inteligível e pedagógica uma realidade alimentar que, embora familiar no plano quotidiano, revelava profundos contrastes linguísticos, culturais e botânicos. A atenção dedicada aos cereais, base da dieta em ambas as culturas, e à fruta, tanto fresca como transformada, evidencia não só a relevância desses alimentos na vida material e simbólica das sociedades em contacto, mas também o esforço de tradução para conciliar categorias ocidentais e orientais num vocabulário coerente. A análise aqui proposta, embora limitada a dois subdomínios lexicais, e ainda carente de maior investigação e aprofundamento, demonstra a riqueza dos dados reunidos por Gonçalves e o potencial do seu glossário enquanto fonte histórica para o estudo da alimentação, da linguagem e da interculturalidade.

4.2.3. Importância e potencial analítico dos exemplos bilingues

A secção 4.2 procurou mostrar como o estudo da alimentação, a partir dos exemplos bilingues recolhidos na obra de Joaquim Gonçalves, permite compreender a forma como o autor traduziu e mediou realidades culturais distintas. A análise evidenciou o duplo movimento de aproximação ao quotidiano — refeições, práticas sociais e alimentos de base — e ao mesmo tempo a atenção às diferenças entre o vocabulário técnico e o popular. O *corpus* selecionado privilegiou os campos lexicais mais representativos, como cereais, frutas e frutos secos, permitindo observar a frequência, variedade e adequação das soluções de tradução. A metodologia combinou o levantamento sistemático de ocorrências, a comparação com obras paralelas da trilogia e a validação terminológica através de fontes botânicas e lexicográficas de referência. No seu conjunto, esta abordagem mostrou como Gonçalves equilibrou fidelidade às realidades culturais chinesas e inteligibilidade para o público lusófono, revelando-se um mediador entre dois universos linguísticos e alimentares.

Ao analisar os exemplos bilingues, surgiram diversas dificuldades. Em primeiro lugar, nem sempre foi possível determinar qual dos idiomas funcionava como língua de partida e qual como língua de chegada, embora, em certos casos, essa relação pareça mais evidente, por exemplo, quando se trata de objetos ou conceitos historicamente ausentes numa cultura e presentes noutra, situação em que a correspondência seria mais direta. Mesmo nesses casos, não foi possível recorrer de forma exaustiva a referências históricas que confirmassem tais hipóteses. Quando a relação é obscura, torna-se ainda mais complexo estudar os termos usados em contraste, pois quase não era possível identificar o referente exato. Além disso, devido a limitações tanto de espaço quanto metodológicas deste trabalho, a análise, centrada no estudo contrastivo linguístico, permaneceu relativamente restrita, não permitindo a comparação dos exemplos bilingues de Gonçalves com recursos da sinologia europeia ou com outros materiais históricos que poderiam esclarecer relações mais complexas entre os dois sistemas linguísticos.

Ainda assim, foi possível verificar que a riqueza dos exemplos bilingues registados por Joaquim Gonçalves nas suas obras lexicográficas e pedagógicas não se limita à sua função didática original; estes constituem um valioso património documental que merece ser explorado com uma abordagem sincrónica e diacrónica mais profunda. A presente subsecção propõe uma reflexão sobre o valor destes dados e sobre as vias possíveis para o seu estudo futuro, articulando as três perspetivas teóricas complementares: a abordagem lexicográfica desenvolvida no âmbito do projeto LandLex (cf. G. Williams & Villalva, 2019), a abordagem periférica sintetizada em Uchida (2017), e os princípios para o estudo de referências interculturais propostas por Barros (2014), bem como algumas sugestões práticas de natureza metodológica.

Em primeiro lugar, seguindo os princípios desenvolvidos pelo projeto LandLex, o estudo do léxico relacionado com o mundo natural deve reconhecer a sua constituição profundamente histórica, culturalmente situada e marcada por variação geográfica. Williams e Villalva (2019) demonstraram que termos como "colina", "rio", "floresta" ou "verde" não possuem significados universais ou estáveis, mas sim interpretações condicionadas pelo contexto físico, cultural e linguístico de cada comunidade. A análise lexical, nestes casos, não pode restringir-se à identificação de equivalentes entre línguas, mas deve considerar as formas como as palavras são definidas, exemplificadas e compreendidas ao longo do tempo, em diferentes tradições lexicográficas e sob diferentes influências socioculturais. Através do estudo comparado e diacrónico de dicionários europeus, monolingues e bilingues, históricos e contemporâneos, o projeto LandLex evidencia que cada unidade lexical é o resultado de processos cumulativos de reinterpretação, contacto linguístico e adaptação conceptual.

No caso dos exemplos bilingues de Gonçalves, importa encará-los como testemunhos de um esforço de mediação lexical e cultural, cuja leitura exige a reconstrução das redes discursivas e epistémicas em que se inserem, à semelhança da abordagem adotada no LandLex. Tal como demonstrado nesse projeto, o valor interpretativo de cada entrada lexical não reside apenas na sua formulação imediata, mas na sua articulação com outros textos e fontes do mesmo período, sejam dicionários missionários, glossários especializados, tratados científicos ou textos religiosos, bem como na forma como esses materiais são reinterpretados à luz dos saberes contemporâneos. Consequentemente, os exemplos de Gonçalves não devem ser tratados como equivalências linguísticas estáticas ou isoladas, mas como fragmentos que condensam e reorganizam redes de saberes linguísticos e culturais, fortemente marcadas pela variação diacrónica, geográfica e cultural. Tal como no LandLex, torna-se indispensável uma leitura intertextual e histórica que valorize o papel destes dados como índices de contacto linguístico, circulação de conceitos e transformação do léxico num contexto intercultural.

Complementarmente, a perspetiva periférica reiterada em Uchida (2017) convida-nos a olhar para estas obras missionárias não como textos marginais no estudo da língua e da cultura chinesa, mas precisamente como fontes privilegiadas, capazes de revelar aspetos interculturais e linguísticos que escapam às narrativas centradas na tradição filológica chinesa canónica. Por serem escritos por autores que se encontravam "nas margens" geográficas, culturais e epistemológicas, estes textos registam observações comparativas, aproximações culturais, tentativas de equivalência e mal-entendidos que, no seu conjunto, oferecem um retrato único da interação linguística e cultural sino-europeia. Tal abordagem reforça a necessidade de incluir estas fontes na historiografia linguística e cultural da China, reconhecendo o seu papel ativo na construção de uma linguística transcultural.

Além disso, no seu estudo preliminar sobre as referências interculturais nas obras de Joaquim Gonçalves, Barros (2014, p. 135) sublinha a necessidade de que investigadores especializados em estudos linguísticos e interculturais português-chinês, com sólido conhecimento da cultura e da história da China, em articulação com especialistas em História da Língua Portuguesa, ecdótica e historiografia linguística, aprofundem a análise dessas referências, identificando as suas fontes e inscrevendo-as na tradição literária chinesa. Tal aprofundamento teria uma dupla pertinência contemporânea: por um lado, contribuiria para o ensino-aprendizagem do chinês por aprendentes estrangeiros; por outro, favoreceria o estudo contrastivo do português por estudantes de língua materna chinesa. Em ambos os casos, permitiria ultrapassar potenciais obstáculos a uma aquisição consistente de qualquer destes idiomas como língua estrangeira ou segunda.

Com base nos enquadramentos teóricos apresentados, propomos três linhas de aprofundamento para o estudo dos exemplos bilingues presentes não só na obra de Joaquim Gonçalves, mas também no panorama mais vasto dos estudos periféricos da língua e cultura chinesas, com especial atenção para os materiais produzidos por autores não nativos, em contextos de contacto e mediação intercultural.

Em primeiro lugar, torna-se essencial realizar uma leitura prévia e sistemática das estratégias de tradução adotadas por cada autor e obra, com especial atenção às informações paratextuais, como prefácios, introduções e notas explicativas, onde frequentemente se encontram indicações, ainda que fragmentárias, sobre os princípios tradutológicos subjacentes. Compreender essas orientações metodológicas é essencial para situar corretamente as práticas de equivalência propostas nos glossários e evitar leituras anacrónicas ou descontextualizadas. Tal como na abordagem comparativa e histórica de LandLex, esta análise deve clarificar desde o início o horizonte conceptual que orientou cada projeto lexicográfico. Esta abordagem não só permite compreender as intenções tradutológicas subjacentes a cada obra, como também possibilita, em fases posteriores, a comparação entre diferentes autores, identificando afinidades, contrastes e evoluções nas estratégias de mediação linguística e cultural.

Em segundo lugar, é recomendável a criação de uma base de dados estruturada e anotada, que permita organizar e analisar os exemplos bilingues de forma abrangente e flexível. Esta base deverá incorporar etiquetas linguísticas, de natureza gramatical, fonética, morfológica, sintática, semântica e pragmática, e extralinguísticas, de ordem sociocultural, didática, histórica, etc., permitindo tanto análises qualitativas como quantitativas. A anotação semântica, em particular, pode lançar luz sobre as relações de equivalência, os campos nocionais implicados e as estratégias de categorização cultural em jogo. A médio prazo, à semelhança do que propõe o modelo lexicográfico experimental do LandLex, a integração de uma estrutura ontológica, ligando os dados históricos às suas correspondências atuais, poderá

ampliar o potencial de reaproveitamento destes materiais em projetos interdisciplinares de lexicografia, história cultural ou tradução.

Por fim, destaca-se a importância de uma abordagem intertextual, tanto sincrónica como diacrónica, que permita situar os exemplos de Gonçalves no contexto mais vasto das obras missionárias e académicas da sua época. A comparação com outros dicionários e glossários coevos, manuais catequéticos, herbários, relatos de viagem ou tratados linguísticos produzidos por missionários, diplomatas e eruditos, tanto europeus como asiáticos, poderá ajudar a identificar padrões de circulação terminológica, processos de fixação lexical e variações nas estratégias de tradução. Tal como propõe Uchida (2017), será particularmente enriquecedor incluir neste mapeamento comparativo materiais produzidos nas periferias culturais e linguísticas do mundo sinográfico, como textos em japonês, coreano, vietnamita ou manchu, que muitas vezes preservam soluções interpretativas distintas ou menos marcadas por expectativas eurocêntricas.

Em suma, os exemplos bilingues de Gonçalves representam um património lexical e cultural de grande valor, testemunhando um processo intenso de mediação entre mundos linguísticos e epistemológicos distintos. O seu estudo, orientado por uma abordagem intertextual, hermenêutica e comparativa como a promovida pela investigação LandLex, permite não só aprofundar a compreensão histórica da tradução e das expressões do campo lexical da alimentação, como também refletir sobre os mecanismos pelos quais se constroem e se negociam significados entre línguas e culturas. Esta perspetiva contribui, assim, para reposicionar estas fontes como documentos centrais na história intelectual do espaço sino-português e como objetos de estudo com relevância para os debates contemporâneos sobre linguagem, cultura e tradução.

4.3. Síntese da análise dos exemplos bilingues de Joaquim Gonçalves

O presente capítulo teve como objetivo explorar as estratégias de tradução e as escolhas lexicais de Joaquim Gonçalves no tratamento de conteúdos culturalmente marcados, a partir da análise de exemplos bilingues selecionados das suas três principais obras. O foco recaiu especialmente sobre os domínios da alimentação, da terminologia botânica e da prática pedagógica, permitindo identificar formas concretas de mediação linguística e cultural nos textos produzidos no contexto da missão cristã no sul da China no século XIX.

Na secção 4.1, foi apresentado o estudo de Li (2023), que fornece um enquadramento teórico fundamental para compreender as práticas tradutológicas de Gonçalves, centrando-se nas estratégias de

domesticação e estrangeirização, segundo a distinção proposta por Venuti. A análise dos prefácios e das reflexões metalinguísticas de Gonçalves revela uma teoria implícita da tradução, marcada pela utilidade pedagógica e pela intenção de tornar compreensíveis os referentes culturais chineses ao público europeu. A domesticação, nesse contexto, emerge como estratégia predominante, ainda que seja complementada pela estrangeirização sempre que a equivalência cultural se revele inviável.

Na secção 4.2, examinou-se como a história da alimentação se reflete nos exemplos bilingues recolhidos das obras de Gonçalves. A subsecção 4.2.1 analisou o vocabulário relacionado com as refeições diárias, os gestos de convite, os banquetes e práticas rituais como o jejum, evidenciando a forma como Gonçalves documenta e traduz padrões alimentares sino-portugueses. Já a subsecção 4.2.2 centrou-se nos ingredientes e produtos de base, com destaque para os cereais e seus derivados e para a fruta e frutos secos, revelando os critérios utilizados para atribuir equivalências, frequentemente baseados em semelhanças formais, funcionais ou sensoriais. Por sua vez, a subsecção 4.2.3 propôs uma reflexão sobre o valor epistemológico dos exemplos bilingues enquanto testemunhos de mediação lexical e cultural, juntamente com um conjunto de recomendações metodológicas para futura investigação do património lexical dos estudos sinológicos.

Uma discussão das estratégias de tradução de Gonçalves permite compreender como o autor conciliou observação local, equivalência funcional e aproximação cultural para representar de forma acessível realidades alimentares e botânicas por vezes distantes ou desconhecidas no seu universo de referência. Tal abordagem oferece indicações valiosas para o estudo da história da alimentação, das práticas de tradução e da mediação intercultural entre universos culturais assimétricos. Estas opções de tradução, por vezes marcadas por um distanciamento cultural, evidenciam os desafios da mediação linguística e epistemológica em contexto sino-europeu, revelando como os pressupostos científicos e culturais ocidentais influenciaram as equivalências propostas. Assim, o glossário de Gonçalves adquire valor documental enquanto registo histórico das estratégias de mediação no século XIX, um testemunho que, articulado com outras fontes sinológicas da época, como dicionários missionários, herbários, relatos de viagem ou tratados agrícolas, pode contribuir significativamente para o esclarecimento dos processos de circulação, adaptação e reinterpretação do saber linguístico e botânico entre a China e a Europa.

Cumpre, no entanto, sublinhar que a análise desenvolvida neste capítulo é ainda bastante limitada, uma vez que se concentrou apenas em dois campos lexicais específicos — os domínios da alimentação e da botânica. Para que se possam formular conclusões mais abrangentes e significativas sobre as estratégias de tradução de Joaquim Gonçalves, será necessário proceder a uma inventariação sistemática e exaustiva não só de todos os dados presentes nas suas obras, mas também dos materiais

sincrónicos e diacrónicos produzidos por outros missionários predecessores e contemporâneos. Só assim será possível compreender com maior profundidade a evolução das práticas de mediação linguística no contexto das missões católicas e da construção de saberes interculturais sino-europeus.

Conclusão

A presente investigação permitiu analisar de forma sistemática e aprofundada a herança intercultural do sinólogo português Joaquim Afonso Gonçalves, evidenciando a sua relevância para a história da linguística chinesa, da sinologia europeia e da mediação intercultural no século XIX. Ao longo dos capítulos, procurou-se compreender como as obras do autor, nomeadamente a trilogia composta pela *Arte China* (1829), o *Diccionario Portuguez-China* (1831) e o *Diccionario China-Portuguez* (1833), articulam observações metalinguísticas, estratégias pedagógicas, mecanismos de marcação explicativa e recursos contrastivos bilingues, oferecendo um retrato integrado do seu contributo para o ensino-aprendizagem do chinês e para a documentação intercultural.

No primeiro capítulo, situámos Gonçalves no contexto histórico da linguística chinesa e da sinologia ocidental, evidenciando a transição da sinologia missionária para abordagens mais especializadas e sistemáticas no século XIX. Radicado em Macau, o autor emergiu como uma figura central na produção de conhecimento linguístico e pedagógico, conciliando tradições gramaticais europeias com a estrutura e funcionamento da língua chinesa. Os seus estudos sinológicos causaram desde logo grande impacto na academia europeia, refletindo as suas ligações regulares e estreitas com instituições académicas e eruditos do continente europeu. Reconhecido como uma das figuras mais proeminentes da fase inicial de especialização da sinologia europeia, o seu trabalho influenciou particularmente os académicos protestantes, que apenas a partir desse período iniciaram a sua presença na China. Esta influência manteve-se até ao final do século XIX, período após o qual os estudos de Gonçalves ficaram relativamente esquecidos, recuperando atenção na academia moderna no início do século XXI.

Entre os estudos contemporâneos que avaliámos, identificámos lacunas significativas: em primeiro lugar, as análises sobre a visão gramatical de Gonçalves frequentemente ignoram ou desconhecem as suas observações metalinguísticas, desconsiderando as opiniões expressas pelo próprio autor nos prefácios e não tendo em conta as diferenças estruturais entre os sistemas linguísticos português e chinês. Em segundo lugar, os recursos linguísticos bilingues e os mecanismos de marcação metalinguística presentes nas suas obras foram pouco estudados, e, consequentemente, as referências interculturais nestes preservadas permanecem largamente inexploradas. O capítulo demonstrou a importância das obras de Gonçalves para a história da sinologia europeia e destacou a necessidade de investigação mais sistemática sobre o seu legado, a fim de compreender plenamente a sua influência para o estudo da língua chinesa no século XIX.

O segundo capítulo aprofundou as observações metalinguísticas e didáticas de Gonçalves. Foram analisadas detalhadamente as três obras principais, destacando-se o sistema da escrita sínica, com ênfase nos carateres como unidades fundamentais; o sistema de romanização do mandarim de Pequim, até então pouco estudado, com diferenças significativas em relação a sistemas anteriores, sobretudo no vocalismo; a abordagem das variedades linguísticas, diferenciando o estilo vulgar, baseado no mandarim, do estilo sublime, fundamentado no chinês clássico; a análise gramatical, que, embora organizada pelo paradigma greco-latino tradicional, incorpora tradições linguísticas chinesas e observações próprias derivadas da perspetiva comparativa do autor, e, finalmente, o método didático, em que se salientam os objetivos pedagógicos e princípios organizacionais das três obras e os principais desafios da aprendizagem do chinês, analisados sob uma ótica contrastiva. A investigação evidenciou o seu esforço inovador para articular rigor descritivo e pragmatismo pedagógico, conciliando as especificidades do chinês com categorias gramaticais europeias e construindo uma ponte metodológica que facilitava a compreensão da língua pelos estudantes lusófonos.

No terceiro capítulo, centrado nos mecanismos de marcação explicativa ao longo dos recursos bilingues das obras de Gonçalves, demonstrámos que as explicações contextuais desempenham um papel estratégico na mediação linguístico-cultural. A tipologia desenvolvida permitiu identificar diferentes tipos de sinalética e recursos tipográficos, bem como destacar aqueles que apresentam maior relevância terminológica e didática. Através da análise das explicações contextuais com valor terminológico e didático, examinámos especificamente os termos assinalados pelo autor como exclusivos da religião cristã e os blocos didáticos de informações interculturais pragmáticas, destinados a fornecer conhecimentos essenciais e a promover a sensibilidade cultural junto do público ocidental. Verificámos que Gonçalves não se limitava a notas auxiliares, mas estruturava conteúdos que promoviam a inteligibilidade e a adequação cultural, sobressaindo a sua atenção às dificuldades do público-alvo e à clareza pedagógica.

O quarto capítulo explorou de forma aprofundada as estratégias de tradução e os recursos bilingues empregues por Gonçalves, com especial atenção aos domínios da alimentação, da botânica e da prática pedagógica. A investigação evidenciou uma abordagem de mediação linguística e cultural sofisticada, na qual o autor conciliava a observação direta do contexto local com critérios de equivalência funcional e aproximação cultural, de modo a tornar compreensíveis realidades chinesas para um público europeu. Esta análise permitiu identificar os desafios enfrentados na tradução de conteúdos culturalmente marcados, refletindo as tensões entre fidelidade semântica, utilidade pedagógica e adaptação intercultural no contexto missionário do século XIX. Embora o estudo se tenha centrado em campos

lexicais específicos, os resultados sublinham o valor epistemológico dos exemplos bilingues como testemunhos históricos da circulação e construção do saber intercultural, assim como instrumentos didáticos que contribuem para a compreensão das práticas linguísticas e culturais sino-europeias. Em última análise, esta secção evidencia o papel das obras de Gonçalves não apenas como gramáticas e dicionários, mas também como veículos de mediação cultural e pedagógica que combinam rigor linguístico com sensibilidade intercultural.

Para além dos quatro capítulos que compõem esta tese, no decurso do projeto foram ainda desenvolvidos diversos estudos complementares ao tema central, listados no Anexo V. A presente investigação contribui de forma relevante para a valorização do património textual de Joaquim Gonçalves, destacando a sua importância tanto na sinologia portuguesa como no contexto europeu do século XIX. Ao analisar sistematicamente os mecanismos explicativos, os recursos bilingues e as observações metalinguísticas das suas obras, a tese aprofunda a compreensão das interações linguísticas e culturais entre a China e Portugal, bem como a Europa, evidenciando a riqueza e a complexidade do encontro intercultural. A originalidade metodológica do estudo, centrada na análise das referências interculturais a partir de uma abordagem filológica e comparativa, permite examinar não apenas os conteúdos linguísticos, mas também os processos pedagógicos e tradutológicos implementados por Gonçalves, revelando como este integrava as tradições europeia e chinesa para construir um modelo de ensino inovador e intercultural.

Apesar dos contributos deste estudo, é importante assinalar algumas limitações da investigação que apontam para futuras direções de pesquisa. Em primeiro lugar, torna-se necessário analisar a evolução das obras de Gonçalves, comparando a *Arte China* com o manuscrito preparatório (Barros & Ng Cen, 2014, 2017) que a antecedeu, já objeto de estudo crítico no que toca à variação do português. Tal comparação permitiria avaliar a progressão do seu sistema de romanização, que mesmo nas publicações apresenta inconsistências e divergências ocasionais, bem como interpretar de forma mais precisa a sua visão gramatical sobre o chinês, considerando a variação do chinês nas duas fontes. Em segundo lugar, é fundamental inserir Gonçalves na historiografia da sinologia europeia, reconhecendo que muitos dos seus estudos foram desenvolvidos sob influências e tendências intelectuais da época. Por exemplo, a sua proposta de organizar os carateres chineses de modo distinto da tradição filológica local, com o objetivo de facilitar a consulta para iniciantes europeus, reflete preocupações partilhadas por outros sinólogos europeus do século XIX. Comparar estas tentativas permite compreender melhor a evolução metodológica e pedagógica da sinologia no período. Por fim, a análise evidencia a importância dos dados linguísticos bilingues preservados nas obras de Gonçalves. Estes recursos não só permitem

extrair conclusões relevantes para a historiografia gramatical do chinês, como também fornecem informações históricas valiosas sobre as realidades interculturais em transição, revelando práticas, costumes e relações sociais do quotidiano sino-europeu do século XIX.

A concretização de todas estas análises só será possível garantindo-se a criação de um *corpus* cuidadosamente organizado e detalhadamente anotado, que funcione como base estruturante para a investigação sistemática dos recursos linguísticos chineses produzidos por autores situados na periferia. Em primeiro lugar, permitirá identificar e catalogar os recursos sinológicos de forma cronológica, oferecendo uma visão precisa da progressão do pensamento do autor e da evolução dos seus métodos pedagógicos. Em segundo lugar, possibilitará a comparação horizontal entre diferentes recursos, destacando convergências, divergências e adaptações metodológicas nas suas três obras principais. Por fim, fornecerá uma base sólida para traçar a evolução dos sistemas de romanização, das observações gramaticais e das estratégias interculturais, evidenciando como distintos autores integraram as tradições europeia e chinesa na construção de modelos de ensino inovadores. Mais do que um mero instrumento de análise, um *corpus* com estas características converter-se-á num verdadeiro laboratório de investigação, capaz de revelar padrões ocultos, desvendar a riqueza intercultural das obras e inspirar futuras investigações sobre a história da linguística missionária e da sinologia europeia.

Bibliografia

A Abelha da China. 1822-1823. (sem data). Biblioteca Nacional Digital. Obtido 19 de setembro de 2025, de https://purl.pt/32522

Abel-Remusat, J.-P. (1831). Notitia linguae sinicae; auctore P. Premare. Malaccae, cura et sumtibus collegii anglo-sinici, 1831, gr. In-4◦ de 262 pages et 28 pages d'index. 法文字漢 Arte china, constante de alphabeto e grammatica, comprehendendo modelos das differentes composiçoens; composta por J. A Gonçalvez. Macao, 1829, pet. In-4◦ de viij, 502 et 45 pages. *Journal des Savans*, 537–545. Bibliothèque Nationale de France.

Ai, Y. 艾溢芳. (2016). 江沙維《漢洋合字彙》音系性質探討 [Study on the Phonetic System of Joaquim Gonçalves' Diccionario China-Portuguez]. *澳門語言學刊 (Macao Journal of Linguistics)*, 64–72.

Aleni, G. (1635). *天主降生言行紀略 Tian zhu jiang sheng yan xing ji lüe.* (Bibliothèque nationale de France (Chinois 6709)) [Manuscript]. Département des Manuscrits. http://archivesetmanuscrits.bnf.fr/ark:/12148/cc285

Allan, S. (2012). On Shu 書 (Documents) and the origin of the Shang shu 尚書 (Ancient Documents) in light of recently discovered bamboo slip manuscripts. *Bulletin of the School of Oriental and African Studies, University of London*, *75*(3), 547–557.

Amaro, A. M. (1988). Antigas receitas de segredo de Macau. *Revista de Cultura*, *5*, 25–35.

André, C. A., & Zhang, Y. (2024). O sinólogo e latinista padre Joaquim Afonso Gonçalves: Contributos para a história da tradução e do diálogo intercultural em Macau. *Biblos*, *10*, 243–268.

Appendix, no. VI. Regulations for the Royal Asiatic Society of Great Britain and Ireland. 1830. (1829). *Transactions of the Royal Asiatic Society of Great Britain and Ireland*, *2*(1), lxxxiii–xciv.

Aresta, A. (1997). Os estudos sínicos no panorama da história da educação em Portugal. *Revista Administração*, *X*(38), 1045–1069.

Aresta, A. (2000). Joaquim Afonso Gonçalves, professor e sinólogo. *Revista Administração*, *48*, 677–683.

Aulete, C. (sem data). Fraxinela. Em *Online Portuguese Dictionary*. Lexikon. Obtido 18 de junho de 2025, de https://www.aulete.com.br/fraxinela

Barros, A. L. (2013). *As receitas de cozinha de um frade português do século XVI* (com prefácio de Raquel Seiça e colaboração de Joana Veloso e Micaela Aguiar). Imprensa da Universidade de Coimbra.

Barros, A. L. (2014). Referências interculturais oitocentistas nas obras metalinguísticas em Português e Chinês do Pe Joaquim Gonçalves. *Diacrítica*, *28*(1), 103–139.

Barros, A. L. (2017a). *Rumando de lés a Leste: Contos e lendas de Oecusse*. COD.

Barros, A. L. (2017b, março 26). *De Trás-os-Montes para a China: Joaquim Afonso Gonçalves, o maior sinólogo português* [Conferência organizada pela Congregação da Missão, Câmara Municipal de Ribeira de Pena e Junta de Freguesia de Cerva e Limões]. Homenagem a Joaquim Afonso Gonçalves, Tojais.

Barros, A. L., & Mouro, A. (2024). A literatura timorense de tradição oral: Aulas interativas para um estudo ecolinguístico e intercultural. Em M. J. Grosso, Z. Chen, & Z. Jing (Eds.), *1.º Forum Internacional das Línguas Chinesa e Portuguesa, Actas* (pp. 100–129). Universidade de Macau.

Barros, A. L., & Ng Cen, A. (2014). *Gramática e Diálogos em Português e Chinês Livro, um manuscrito inédito do P.e Joaquim Afonso Gonçalves*. Húmus & Instituto Confúcio da Universidade do Minho.

Barros, A. L., & Ng Cen, A. (2017). *O método de Joaquim Afonso Gonçalves: Para o ensino-aprendizagem do Chinês e do Português*. Húmus & Instituto Confúcio da Universidade do Minho.

Barros, A. L., Ng Cen, A., & Wang, X. (2024). A figura do mandarim num dicionário manuscrito de português-chinês do século XVIII. *Diacrítica*, *38*(1), Artigo 1. https://doi.org/10.21814/diacritica.5759

Barros, A. L., Ng Cen, A., & Wang, X. (2025). Edição e estudo de outros lemas e equivalentes relativos à figura do mandarim num dicionário manuscrito de português-chinês do século XVIII. *Diacrítica*, *39*(1), 27–51. https://doi.org/10.21814/diacritica.5860

Bazin, A.-P.-L. (1845). *Mémoire sur les principes généraux du chinois vulgaire*. Imprimerie Royale.

Bluteau, R. (1712a). *Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico.../pelo Padre D. Raphael Bluteau: Vol. 1 (A)*. Collegio das Artes da Companhoa de Jesu.

Bluteau, R. (1712b). *Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico.../pelo Padre D. Raphael Bluteau: Vol. 2 (B-C)*. Collegio das Artes da Companhoa de Jesu.

Bluteau, R. (1713a). *Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico.../pelo Padre D. Raphael Bluteau: Vol. 3 (D-E)*. Collegio das Artes da Companhoa de Jesu.

Bluteau, R. (1713b). *Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico.../pelo Padre D. Raphael Bluteau: Vol. 4 (F-I)*. Collegio das Artes da Companhoa de Jesu.

Bluteau, R. (1716). *Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico.../pelo Padre D. Raphael Bluteau: Vol. 5 (K-N)*. Officina de Pascoal da Sylva.

Bluteau, R. (1720). *Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico.../pelo Padre D. Raphael Bluteau: Vol. 6 (O-P)*. Officina de Pascoal da Sylva.

Bluteau, R. (1721a). Diccionario Castellano y Portuguez para facilitar a los castellanos el uso del Vocabulario Portuguez, y Latino. Em R. Bluteau, *Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico.../pelo Padre D. Raphael Bluteau: Vol. 8 (T-Z)* (pp. 25–189). Officina de Pascoal da Sylva.

Bluteau, R. (1721b). *Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico.../pelo Padre D. Raphael Bluteau: Vol. 8 (T-Z)*. Officina de Pascoal da Sylva.

Bowring, J. (1851). Extracts from histories and fables to which allusions are commonly made in Chinese literary works. Translated from the Arte China of P. Gonçalvez by Dr. Bowring. *The Chinese Repository*, *XX*, 94–105, 122–152, 194–215.

Braga, J. M. (1963). The beginnings of printing at Macao. *Separata de Stvdia - Revista Semestral do Centro de Estudos Históricos Ultramarinos*, *12*, 29–137.

Bridgman, E. C. (1834a). The Chinese language; its antiquity, extensive use, and dialects; its character, and value; attention paid to it by Europeans; and the aids and inducements to study it at the present time. *The Chinese Repository*, *III*(1), 1–14.

Bridgman, E. C. (1834b). The Chinese written language: Origin of Chinese writing; six classes of symbols or characters; various modes of writing; names of characters in the national language, and the orthography best adapted for representing the sounds in English; modern divisions of the characters into tribes; list of the heads of tribes, commonly called radicals or keys. *The Chinese Repository*, *III*(1), 14–37.

Bridgman, E. C. (1849). Memoir of the philosopher Chú, who fourished during the Sung dynasty in the twelfth century; by Káu Yú, A. D. 1697. Translated from the Chinese, with remarks upon his character, and a list of his writings. *The Chinese Repository*, *XVIII*(4), 187–206.

Bridgman, E. C., & Williams, S. W. (Eds.). (1842). Retrospection, or a review of public occurrences in China. During the last ten years, from January 1st, 1842, to December 31st, 1841. (Concluded from page 528.). *The Chinese Repository*, *XI*(11), 577–586.

Bridgman, E. C., & Williams, S. W. (Eds.). (1851). *General Index of Subjects Contained in the Twenty Volumes of the Chinese Repository with an Arranged List of the Articles*.

Callery, J. M. (1841). *Systema Phoneticum Scripturae Sinicae*. s. n.; München, Bayerische Staatsbibliothek. https://www.digitale-sammlungen.de/en/details/bsb10522377

Callery, J. M. (1846). Notice Biographique sur le pere J. A. Gonçalves, comprising an account of his life with notices of his various sinological productions. *The Chinese Repository*, *XV*(2), 69–80.

Cao, S. 曹书杰. (2007). 稷祀与民间社日研究 [A Research on Offering a Sacrifice to the God of Grain and the God of Land Festival]. *山西大学学报(哲学社会科学版) [Journal of Shanxi University (Philosophy and Social Sciences Edition)]*, *02*, 89–94.

Castro, I. (2011). *Introdução à História do Português* (2ª ed. 3ª tiragem). Colibri. (Trabalho original publicado 2004)

Chao, Y. R. (1968). *A grammar of spoken Chinese*. University of California Press.

Chappell, H., & Peyraube, A. (2014). The History of Chinese Grammars in Chinese and Western Scholarly Traditions. *Language & History*, *57*(2), 107–136. https://doi.org/10.1179/1759753614Z.00000000032

Chen, J. 陈洁, Wang, H. 汪浩明, Zhang, C. 张丛兰, Li, H. 李皓, Li, Q. 李庆, Ma, X. 马小建, & Yang, F. 杨芳. (2013). 板栗的营养成分及加工特性研究 [Nutrient Components and Processing Adaptability of Chinese Chestnut]. *现代食品科技 (Modern Food Science and Technology)*, *29*(04), 725-728+736.

Chen, M. Y. (1976). From Middle Chinese to Modern Peking. *Journal of Chinese Linguistics*, *4*(2/3), 113–277.

Cheng, S. 程素仁. (2003). 晋商节日文化初考 [Preliminary Study of the Festival Culture of Shanxi Merchants]. *中国地方志 (China Local Records)*, *S1*, 137-142+145.

Chinese Academy of Social Sciences (Ed.). (2016). *Xiàndài hànyǔ cídiǎn* 现代汉语词典 (7.ª ed.) [Modern Chinese Dictionary]. The Commercial Press.

Chinese Script Reform Committee. (1958). *汉语拼音方案* [Scheme for the Chinese Phonetic Alphabet]. http://www.moe.gov.cn/ewebeditor/uploadfile/2015/03/02/20150302165814246.pdf

Cintra, L. F. L. (1971). Nova Proposta de Classificação dos Dialectos Galego-Portugueses. *Boletim de Filologia*, *22*, 81–116.

Collins, W. (2007). PITA. Em *Online English Dictionary*. HarperCollins Publishers. https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/pita

Comrie, B., Haspelmath, M., & Bickel, B. (2015, maio 31). *The Leipzig Glossing Rules: Conventions for interlinear morpheme-by-morpheme glosses* (Committee of Editors of Linguistics Journals, Ed.). https://www.eva.mpg.de/lingua/pdf/Glossing-Rules.pdf (Trabalho original publicado 2008)

Costa, J., & Silva, V. A. (2008). *Dicionário Terminológico*. Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Criveller, G. (2016). Matteo Ricci and Giulio Aleni in Late Ming China. The Life of Master Ricci, Xitai of the Great West (1630, 2010). *Bulletin of Portuguese - Japanese Studies*, *II*(2), 27–40.

Cui, J. 崔金生. (2008). 老北京"三馆" [The Three Establishments of Old Beijing]. *北京档案 (Beijing Archives)*, *05*, 48–49.

Dalgado, S. R. (1919). *Glossário Luso-Asiático: Vol. I*. Imprensa da Universidade.

Darrow, G. M. (1966). *The Strawberry: History, Breeding and Physiology*. Holt, Rinehart and Winston.

Donations to the library of the royal asiatic society, in 1839-40, and 1840-1. (1841). *Journal of the Royal Asiatic Society of Great Britain and Ireland*, *6*(2), xxv–xxxvi.

Dong, B. 董冰华, & Tu, Y. 涂永春. (2025). 明治时期汉语教科书《北京官话实用日清会话》中的民俗文化研究 [A Study of Folk Culture in the Mandarin Chinese Textbook Practical Japanese-Chinese Conversations in Beijing Mandarin from the Meiji Period]. *今古文创 [Past and Present Literary Innovation]*, *16*, 103–105.

Emperor Jiaqing. (Qing Dynasty). *御定萬年書* (本館 2 号館 4F 古典資料 [Classical Materials, Main Building No. 2, 4th Floor]) [The Imperially Ordered Book of Ten Thousand Years]. 東北大学附属図書館 OPAC (Tohoku University Library OPAC). https://touda.tohoku.ac.jp/collection/en/database/library/public/10020000011881?page=1

Expletiva. (2001). Em *Dicionário da Língua Portuguesa*. Academia das Ciências de Lisboa. https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=expletiva

Fan, M. 樊铭臻. (2024). *广东民间音乐在声乐作品中的应用与传承* (CNKI) [Thesis for Master's degree in Vocal Music (supervisor: Prof. Zhang Lixiu 张立秀); The application and inheritance of Guangdong folk music in vocal music works]. 太原师范学院 (Taiyuan Normal University).

Fang, D. 房德邻. (2013). 清华简《周武王有疾 周公所自以代王之志（金縢）》是伪作 [Tsinghua Bamboo Slips, «King Wu of Zhou Was Ill. The Duke of Zhou's Intention to Replace the King (Metal-Bound Casket)», is a forgery]. *故宫博物院院刊 (Palace Museum Journal)*, *6*, 41–51.

Front Matter. (1835). *The Journal of the Royal Asiatic Society of Great Britain and Ireland*, *2*(2). JSTOR. http://www.jstor.org/stable/25207463

Furuya, A. 古屋昭弘. (1995). 《正字通》版本及作者考 [A Study on the Editions and Authorship of Zhengzitong]. *中国语文 (Zhongguo Yuwen)*, *4*, 306–311.

Furuya, A. 古屋昭弘. (2015). 近三十年『正字通』研究概況 [A Survey of Zhengzitong Studies over the Last Three Decades]. *早稲田大学大学院文学研究科紀要. 第 2 分冊 (Bulletin of the Graduate Division of Letters, Arts and Sciences of Waseda University. 2)*, *61*, 121–134.

Gao, X. 高晓虹. (2009). *北京话入声字的历史层次* (1.ª ed.) [The Historical Strata of Ru-Sheng Characters in the Beijing Dialect]. Beijing Language and Culture University Press.

Gianninoto, M. (2014). The Development of Chinese Grammars and the Classification of the Parts of Speech. *Language & History*, *57*(2), 137–148. https://doi.org/10.1179/1759753614Z.00000000033

Gonçalves, J. A. (1829a). *Arte China, constante de alphabeto e grammatica comprehendendo modelos das differentes composiçoens*. Real Collegio de S. Jose; Biblioteca Nacional de Portugal. https://permalinkbnd.bnportugal.gov.pt/idurl/1/79526

Gonçalves, J. A. (1829b). *Arte China, constante de alphabeto e grammatica comprehendendo modelos das differentes composiçoens*. Real Collegio de S. Jose; Wellcome Historical Medical Library. https://archive.org/details/b2929714x

Gonçalves, J. A. (1831). *Diccionario portuguez-china no estilo vulgar mandarim e classico geral*. Real collegio de S. Jose; Biblioteca Nacional de Portugal. https://purl.pt/32577

Gonçalves, J. A. (1833). *Diccionario china-portuguez*. Real collegio de S. Jose; Wellcome Library. https://wellcomecollection.org/works/jkdmq2f9

Gonzaga Neto, L. (1990). *Cultura da Goiabeira*. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária Vinculada ao Ministério da Agricultura.

Guignes, C.-L.-J. de. (1807). Langue Chinoise. Lettre de M. de Guignes à M. A. L. Millin, sur le Pantheon chinois. Em *Magasin Encylopédique*.

Han, Y. 韩养民. (2010). 被淡忘的节日——人日 [The Festival of Oblivion: Human Creation Day]. *咸阳师范学院学报 (Journal of Xianyang Normal University)*, *25*(01), 45-46+69.

He, X. 何先月. (2019). 上帝与天主的互化——利玛窦帝天说中的跨语际文化诠释学 [The Interchangeability of "Shangdi" and "Tianzhu": An Interlingual and Cultural Hermeneutics in Matteo Ricci's Theory of "Di and Tian"]. *宗教学研究 (Religious Studies)*, *04*, 240–246.

Hernisz, S. (1854). *A Guide to Conversation in the English and Chinese Languages for the Use of Americans and Chinese in California and Elsewhere*. John P. Jewett & Cº.

Hirth, F. (1888). *Notes on the Chinese Documentary Style*. Kelly & Walsh.

Hoang, P. (1885). *De Calendario Sinico Variae Notiones: Calendarii Sinici et Europaei Concordantia*. Typographia Missionis Catholicae.

Hoang, P. (1904). *A Notice of The Chinese Calendar and a Concordance with the European Calendar* (2.ª ed.). The Catholic MIssion Press.

Hoosain, R. (1992). Psychological Reality of the Word in Chinese. *Language Processing in Chinese*, 111–130.

Hou, Y. 侯杨方. (2010). 清代十八省的形成 [The Formation Process of the Eighteen Provinces in Q ing Dynasty]. *中国历史地理论丛 (Journal of Chinese Historical Geography)*, *25*(03), 17–28.

Houaiss, A. (sem data). Pita. Em *Online Portuguese Dictionary*. Instituto Antônio Houaiss. Obtido 17 de junho de 2025, de https://houaiss.uol.com.br/houaisson/apps/uol_www/vopen/html/inicio.php/558/pita

Hu, F. C. 胡孚琛 (Ed.). (1995). *中华道教大词典* (1.ª ed.) [Encyclopedia of Chinese Daoism]. 中国社会科学出版社 (China Social Sciences Press).

Huang, T. 黄涛. (2004). 清明节的源流、内涵及其在现代社会的变迁与功能 [The Origins, Meanings, and the Transformation and Functions of the Qingming Festival in Modern Society]. Em *民间文化论坛 (Forum on Folk Culture)* (Número 05, pp. 16–22).

Inoue, T. 井上泰山. (2008). リスボン国立図書館蔵　「中国語・ポルトガル語問答集」について [A brief report On «Dialogos e frases em chinnes e portugues»]. *關西大學文學論集 (Essays and studies by members of the Literary Faculty)*, 11–34.

Institute of Botany, the Chinese Academy of Sciences. (sem data). *Flora Reipublicae Popularis Sinicae*. iPlant 植物智——植物物种信息系统 (iPlant – Plant Species Information System). Obtido 20 de junho de 2025, de https://www.iplant.cn/frps

Institute of Modern History, Academia Sinica. (sem data). *英華字典 English-Chinese Dictionary Database*. Institute of Modern History, Academia Sinica. Obtido 6 de junho de 2025, de https://mhdb.mh.sinica.edu.tw/dictionary/index.php

Instituto Cultural. (sem data). *Inventário do Património Cultural Intangível*. Património Cultural de Macau. Obtido 9 de maio de 2025, de https://www.culturalheritage.mo/pt/detail/102318

Jia, H. 贾海燕. (2022). 明清之际耶稣会士编译中文圣人传集考论 [A Study of Two Collections of Chinese Catholic Hagiographies Compiled and Translated by Jesuit]. *国际汉学 (International Sinology)*, *04*, 119-123+172+202.

Jia, Y. 贾艳红. (2015). 上巳节考论 [Analysis on Shangsi Festival]. *齐鲁学刊 (Qilu Journal)*, *01*, 59–63.

Jiang, H. 蒋洪恩. (2025). 吐鲁番阿斯塔那晋唐墓地陪葬品中的"五谷"研究 [Studies on the «Five Cereals» Discovered in the Astana Cemetery (Jin to Tang Dynasties) in Ancient Turpan of Xinjiang, China]. *中国农史 (Agricultural History of China)*, *44*(01), 64–78.

Jiang, L. 江蓝生, Lin, L. 林连通, & Zheng Zhang, S. 郑张尚芳 (Eds.). (2012). *汉字字音演变大字典* (1.ª ed.) [Dictionary of phonetic evolution of Chinese characters]. 江西教育出版社 (Jiangxi Education Publishing House).

Jiang, M. 蒋明智, & Liang, J. 梁娟美. (2022). 高要社神与水神信俗 [Folk Beliefs in the Tutelary Deity and the Water God of Gaoyao]. *文化遗产 (Cultural Heritage)*, *06*, 119–122.

Jiang, S. 蒋绍愚. (2019). 也谈文言和白话 [On the Writings in Classical Chinese and Those in Vernacular Chinese]. *清华大学学报（哲学社会科学版）[Journal of Tsinghua University (Philosophy and Social Sciences Edition)]*, *34*(2), 1–13. https://doi.org/10.13613/j.cnki.qhdz.002824

Jiang, Y. 蒋艳萍. (2022). 金花诞的文化渊源与社会功能考察 [An Investigation into the Cultural Origins and Social Functions of the Celebration of Jinhua's Aniversary]. Em *探求 (Tan Qiu)* (Número 06, pp. 95–103).

Lausberg, H. (1967). *Elementos de Retótica Literária* (R. M. R. Fernandes, Trad.; 2.ª ed.). Fundação Calouste Gulbenkian.

Levi, J. A. (2007). Padre Joaquim Afonso Gonçalves (1781-1834) and the Arte China (1829): An innovative linguistic approach to teaching Chinese grammar. Em O. Zwartjes, G. James, & E. Ridruejo Alonso (Eds.), *Missionary Linguistics III/Lingüística misionera III* (pp. 211–231). John Benjamins.

Li, F. 李帆, & Liang, J. 梁敬钰. (2007). 王不留行的研究进展 [Research progress of Vaccaria segetalis]. *海峡药学 (Strait Pharmaceutical Journal)*, *19*(03), 1–5.

Li, G. 李根蟠, & Wu, S. 吴舒致. (2000). 古籍中的稷是粟非穄的确证 [Evidence of the Synonymy of "Ji" and "Su" Appeared in Ancient Documents of China]. *中国农业科学 (Scientia Agricultura Sinica)*, *05*, 78–85.

Li, L. (2020). *Da variação na obra do P.e Joaquim Gonçalves: Formulações alternativas em português e chinês* [Dissertação de Mestrado em Estudos Interculturais Português-Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial orientada por Anabela Leal de Barros]. Universidade do Minho.

Li, L. (2023). Estratégias e práticas de tradução do Padre Joaquim Gonçalves: Uma análise dos dados bilingues preservados na sua trilogia para o ensino-aprendizagem do chinês. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, *10*, 162–181. https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln10ano2023a9

Li, L. (2024). A conceção gramatical de Joaquim Gonçalves: Uma análise da sua visão sobre a formação e a classificação das palavras chinesas. *Diacrítica*, *38*(1), 45–76. https://doi.org/10.21814/diacritica.5598

Li, L. (2025). Explorando os artigos chineses na Arte China de Joaquim Gonçalves: Uma observação pioneira da gramaticalização do demonstrativo distal no século XIX. *Pelo tempo e pelo espaço. Estudos em homenagem a Clarinda Maia*, 225–254.

LIST OF THE MEMBERS OF THE ROYAL ASIATIC SOCIETY OF GREAT BRITAIN AND IRELAND. (1834). *Journal of the Royal Asiatic Society of Great Britain and Ireland*, *1*(2), xxix–lxiv. JSTOR.

Liu, F. 刘菲. (2023). 雕胡饭熟醍醐软——从餐桌上渐渐消失的菰米 ["Diāo Hú Fàn Shú Tíhú Ruǎn" — The Glutinous Rice Gradually Disappearing from the Dining Table]. *中国粮食经济 (China Grain Economy)*, *02*, 77–79.

Liu, J. 刘珏. (1992). 四季的划分 [The Division of the Four Seasons]. *中国气象报 (China Meteorological News)*. http://epaper.zgqxb.com.cn/index.html?guid=1732300481508573184

Liu, R. 柳若梅. (2009). 江沙维的《汉字文法》与比丘林的《汉文启蒙》 [«Arte China» of Portuguese Missionary J. A. Gonsalves and «Chinese Grammar» of Russian Sinologist N. J. Bichurin]. *华南师范大学学报 (社会科学版) (Journal of South China Normal University (Social Science Edition))*, *6*, 151–156, 160.

Liu, R. 柳若梅, & Popova, I. 波波娃. (2014). 俄罗斯科学院东方文献研究所的中国外销民俗画收藏 [The Collection of Chinese Export Folklore Paintings at the Institute of Oriental Manuscripts, Russian Academy of Sciences]. *文献 (Wen Xian)*, *02*, 110–120.

Liu, X. 刘新中, & Chen, P. 陈沛莹. (2020). 汕头市区话单元音的鼻化和非鼻化*—基于声学和鼻流计数据的研究 [Vowels and Nasal Vowels of Shantou Dialect—A Study Based on Data]. *语言学论丛 (Essays on Linguistics)*, *62*(2), 313–336.

Liu, X. 刘羡冰. (1994). *雙語精英與文化交流* [Bilingual Elites and Cultural Interaction]. 澳門基金會 (Fundação Macau).

Liu, Y. 刘叶秋. (1984). *中国字典史略* [Historical Outline of Chinese Dictionaries]. 汉京文化事业有限公司 [Hanking Cultural Enterprise Co., Ltd.].

Liu, Z. 刘镇发. (2004). 北京话入派三声的规律与北方官话间的关系 [The Rules Governing the Split of the Entering Tone in the Beijing Dialect and the Relationships between the Northern Dialects]. *语言研究 (Studies in Language and Linguistics)*, *24*(1), 105–110.

Lowrie, W. M. (1844). The Land of Sinim, or a survey of Christian missions to the Chinese. *The Chinese Repository*, *XIII*, 113–123, 466–477, 537–552, 578–603, 641–653.

Luo, G. 罗桂环. (2014). 苹果源流考 [The Cultivation History of Apple in China]. *北京林业大学学报(社会科学版) (Journal of Beijing Forestry University (Social Sciences))*, *13*(02), 15–25.

Luo, L. 罗丽丽, Chen, J. 陈嘉欣, Zeng, Y. 曾莹莹, Ruan, C. 阮翠香, & Liu, S. 刘赛兵. (2023). 我国黄皮果资源的生产现状与发展对策 [Production Status and Development Countermeasures of Clausena lansium (Lour.) Skeels Resources in China]. *现代农业研究 (Modern Agriculture Research)*, *29*(10), 115–118.

Lyu, J. 吕继祥. (1994). 泰山庙会述论 [A Study on the Temple Fairs of Mount Tai]. *民俗研究 (Folklore Studies)*, *01*, 55–62.

Lyu, S. 吕叔湘. (1982). 文言和白话 [Classical and Vernacular Chinese]. Em X. 俞晓群 Yu, Z. 王之江 Wang, G. 刘国玉 Liu, & Q. 柳青松 Liu (Eds.), *《吕叔湘语文论集》[Collected Essays on Language and Literature by Lyu Shuxiang]* (pp. 60–78). 辽宁教育出版社 (Liaoning Education Press). (Trabalho original publicado 1944)

Ma, H. 马惠玲. (2009). 从立春到撒豆节看中日文化交流中的传承与变异 [Lichun Day and Mamemaki Day: The Unique Disquisition about the Invariability and Variance of the Sino-Japanese Cultural Exchanges]. *河南大学学报(社会科学版) (Journal of Henan University (Social Science))*, *49*(02), 118–123.

Ma, J. 马建忠. (1998). *马氏文通* [Ma's Grammar]. Commercial Press. (Trabalho original publicado 1898)

Ma, J. 马建忠. (2019). *《马氏文通》读本* (S. 吕叔湘 Lyu & H. 王海棻 Wang, Eds.; 1.ª ed.) [Annotated Reader of Ma's Grammar.]. Shanghai Education Publishing House. (Trabalho original publicado 1986)

Ma, Z. 马智慧. (2015). 花朝节历史变迁与民俗研究——以江浙地区为中心的考察 [A Study on the Historical Evolution and Folk Customs of the Huazhao Festival: An Investigation Centered on the Jiangsu and Zhejiang Regions]. *浙江学刊 (Zhejiang Academic Journal)*, *03*, 66–74.

Mai, Y. 麦耘. (2009). *音韵学概论* [Introduction to Phnology]. 江苏教育出版社 (Jiangsu Educatin Publishing House).

Manuppela, G. (Ed.) (com Arnaut, S. D.). (1967). *O «Livro de Cozinha» da Infanta D. Maria de Portugal: Primeira Edição Integral do Códice Português I.E.33 da Biblioteca Nacional de Nápoles*. Universidade.

Mao, R. 毛瑞方. (2011). 王徵与《西儒耳目资》 [Wang Zheng and the Xīrú Ěrmù Zī]. *淮北师范大学学报（哲学社会科学版）(Jornual of Huaibei Normal University (Philosophy and Social Sciences))*, *32*(6), 23–29.

Mao, Y. (2018). *Contributos para o estudo contrastivo de provérbios e idiomatismos em português e chinês: As obras metalinguísticas de Joaquim Afonso Gonçalves* [Dissertação de Mestrado em Estudos Interculturais Português-Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial orientada por Anabela Leal de Barros]. Universidade do Minho.

Mateer, C. W. (1892). *A course of Mandarin lessons, based on idiom*. American Presbyterian Mission Press.

Meadows, T. T. (1847). *Desultory Notes on the Government and People of China and on the Chinese Language*. Wm. H. Allen and Co.

Medhurst, W. H. (1848). An inquiry into the proper mode of rendering the word God in translating the Sacred Scriptures into the Chinese language. *The Chinese Repository*, *XVII*, 209–242, 265–310.

Medronho (2). (sem data). Em *Dicionário da Língua Portuguesa*. Academia das Ciências de Lisboa. Obtido 18 de junho de 2025, de https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=medronho

Mendoza, J. G. de. (1585). *Historia de las Cosas mas Notables, Ritos y Costumbres, del Gran Reyno dela China, sabidas assi por los libros delos mesmos Chinas, como por relacion de Religiosos y otras personas que en estado en el dicho Reyno*.

Meng, K. 孟轲 (com Fang, Y. 方勇). (2010). *孟子* (Y. 方勇 Fang, Trad.; 1.ª ed.) [Mencius]. 中华书局 [Zhonghua Book Company].

Meng, Z. 孟子烨. (2017). 我国古代历史文化中荞麦的相关记载 [Historical and cultural references to buckwheat in ancient China]. *南方农业 (South China Agriculture)*, *11*(23), 61–62.

Meng, Z. 孟昭连. (2016). 再论"辞"—"辞"的产生及"言外" 观念之消亡 [A Furtter Discussion of "Speech": The Coming into Being of "Speech" and the Diminishing of Its External Reference]. *南开学报（哲学社会科学版）[Journal of Nankai University (Philosophy and Social Sciences Edition)]*, *1*, 27–51.

Meynard, T. (2024). Dictionaries as authorities? The problematic use of Chinese dictionaries by missionaries in the Rites Controversy. *Intellectual History Review*, *34*(3), 595–614. https://doi.org/10.1080/17496977.2024.2360237

Milne, W. (1820). *A retrospect of the first ten years of the protestant missions to China (now, in connection with the Malay, denominated, the Ultra-Ganges Mission) ; accompanied with miscellaneous remarks on the literature, history, and mythology of China, &c*. Anglo-Chinese Press.

Molina, L., & Hurtado Albir, A. (2002). Translation Techniques Revisited: A Dynamic and Functionalist Approach. *Meta*, *47*(4), 498–512. https://doi.org/10.7202/008033ar

Morrison, J. R. (1838). Review of the facilities existing for the study of the Chinese language, especially as regards England and America. *The Chinese Repository*, *VII*(3), 113–121.

Morrison, R. (1815). *A grammar of the Chinese language*. Mission Press; Wellcome Library. https://wellcomecollection.org/works/cpdjxee8

Moura, C. L. de. (1840). *A Mythologia da mocidade, ou, Historia dos deoses, semideoses e divindades allegoricas da fabula, seguida da descripçao dos lugares celebres da antiguidade mythologica*. Livr. Portugueza de J.P. Aillaud.

Ng Cen, A. (2015). *Alguns aspetos da variação linguística num manuscrito e no impresso Arte China, de Joaquim Gonçalves* [Dissertação de Mestrado em Estudos Interculturais Português-Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial orientada por Anabela Leal de Barros]. Universidade do Minho.

Observatório Astronómico da Universidade de Coimbra. (sem data-a). *Sol—Equinócios e Solstícios*. Efemérides Astronómicas. Obtido 23 de abril de 2025, de https://www.mat.uc.pt/~efemast/netscape/help/pt/sol_equi.htm

Observatório Astronómico da Universidade de Coimbra. (sem data-b). *Tempo e Calendários—Calendário Chinês*. Efemérides Astronómicas. Obtido 23 de abril de 2025, de https://www.mat.uc.pt/~efemast/netscape/help/pt/tem_chi.htm

Ou, Y. 欧燕. (2014). 唐代城市酒楼的社交空间功能 [The Social Function of Urban Wine Houses in the Tang Dynasty]. *南都学坛 (Academic Forum of Nandu(Journal of the Humanities and Social Sciences))*, *34*(06), 35–37.

Packard, J. L. (2000). *The morphology of Chinese: A linguistic and cognitive approach*. Cambridge University Press.

Pan, F.-C. 潘鳳娟. (2009). 述而不譯？艾儒略《天主降生言行紀畧》的跨語言敘事初探 [Translation as Narration: Giulio Aleni's Cross-language Narratives of A Brief Record of Words and Deeds of the Incarnation]. 中國文哲研究集刊, *34*, 111–167. https://doi.org/10.6351/BICLP.200903.0111

Premare, J. H. de. (1819). Lettre du Père Premare, missionnaire de la Compagnie de Jésus à la China, au Père ***, de la même Compagnie. Em *Lettres édifiantes et curieuses, écrites des missions étrangères* (Nouvelle édition, ornée de cinquante belles gravures). J. Vernarel. (Trabalho original publicado 1724)

PROCEEDINGS OF THE ROYAL ASIATIC SOCIETY. (1834). *Journal of the Royal Asiatic Society of Great Britain and Ireland*, *1*(2), 367–370. JSTOR.

Pu, S. 蒲松龄 (com Yu, T. 于天池). (2015). *聊斋志异* (T. 孙通海 Sun & T. 于天池 Yu, Trads.; 1.ª ed.) [Strange Tales from a Chinese Studio]. 中华书局 [Zhonghua Book Company].

Qiang, L., & Pieragastini, S. (2023). A Dialogue between Confucius and Christ: The Development and Influence of Chinese Jesuits in Kiang-nan (Jiangnan) during the Late Qing Period (1842–1912). *Journal of Jesuit Studies*, *10*(4), 654–670. https://doi.org/10.1163/22141332-10040007

Qu, C. 曲超, Zhang, G. 张根生, Hong, H. 洪海成, & Mao, D. 毛迪锐. (2010). 中国历史上酒文化研究落后于酒文化发展的原因 [The reason why research on alcohol culture in Chinese history has lagged behind the development of alcohol culture itself]. *中国酿造 (China Brewing)*, *01*, 176–180.

Ramón-Laca, L. (2003). The Introduction of Cultivated Citrus to Europe via Northern Africa and the Iberian Peninsula. *Economic Botany*, *57*(4), 502–514.

Rawson, K., & Shore, E. (2019). *Dining out: A global history of restaurants*. Reaktion Books.

Reis, J. P. L. (2010). Visita nova à história antiga das horas de comer. *Alimentação Humana*, *16*(1), 39–43.

Rémusat, J.-P. A. (1822). *Élémens de la grammaire chinoise ou principes généraux de Kou-wen ou style antique et du Kouan-hoa, c'est-à-dire de la langue commune généralement usitée dans l'empire chinois*. Imprimerie Royale.

Ricci, M., & Trigault, N. (1615). *De Christiana expeditione apud sinas suscepta ab Societate Jesu. Ex P. Matthaei Riccii eiusdem Societatis commentariis Libri V: Ad S.D.N. Paulum V. In Quibus Sinensis Regni mores, leges, atque instituta, & novae illius Ecclesiae difficillima primordia accurate & summa fide describuntur*.

Saxonia, L. (com Bolard, A. C., Rigollot, L. M., & Carnandet, J. B.). (1865). *Vita Jesu Christi e Quatuor Evangeliis et Scriptoribus Orthodoxis Concinnata*. Apud Victorem Palmé, bibliopolam. (Trabalho original publicado 1474)

Scott. (1824). Charter of Incorporation of the Royal Asiatic Society of Great Britain and Ireland. *Transactions of the Royal Asiatic Society of Great Britain and Ireland*, *1*(1), xi–xv. JSTOR.

Semedo, A. (1994). *Relação da grande monarquia da China* (L. G. Gomes, Trad.). Direcção dos Serviços de Educação e Juventude: Fundação Macau. (Trabalho original publicado 1642)

Shao, B., & Ridouane, R. (2023). On the nature of apical vowel in Jixi-Hui Chinese: Acoustic and articulatory data. *Journal of the International Phonetic Association*, *53*(3), 977–1002. https://doi.org/10.1017/S0025100322000196

Shen, Z. 沈钟伟. (2020). *A Phonological History of Chinese* (1.ª ed.). Cambridge University Press. https://doi.org/10.1017/9781316476925

Shi, X. 韩秀娟. (2011). 汉语语音的鼻化度分析 [An Analysis of Nasality in Chinese]. *当代外语研究 (Contemporary Foreign Language and Literature Studies)*, *5*, 24–28, 61.

Shiga, I. 志贺市子. (2019). "盂兰盆会的主角"的比较研究——以现代香港的盂兰胜会为中心 (G. 王刚 Wang, Trad.). *节日研究 (Festival Studies)*, *02*, 64–85.

Silva, I. (1860). *Diccionario Bibliographico Portuguez. Estudos de Innocencio Francisco da Silva Applicaveis a Portugal e ao Brasil* (Vol. 4). Imprensa Nacional.

Song, J. 宋桔. (2010). 清代佚名〈语言问答〉研究 [A Study of the Qing Dynasty Anonymous Work Questions and Answers on Language (Yǔyán Wèndá)]. *Wakumon*, *19*, 11–26.

Soothill, W. E., & Hodous, L. (1937). *A Dictionary Of Chinese Buddhist Terms with Sanskrit and English Equivalents and a Sanskrit-Pali Index*. Kegan Paul, Trench, Trubner & Co., Ltd. Broadway House: Carter Lane, E.C. http://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.279298

Sorveira. (sem data). Em *Dicionário da Língua Portuguesa*. Academia das Ciências de Lisboa. Obtido 18 de junho de 2025, de https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/sorveira/

Standaert, N. (1999). The Bible in Early Seventeenth-Century China. Em I. Eber, S. Wan, & K. Walf (Eds.), *Bible in Modern China: The Literary and Intellectual Impact* (pp. 31–54). Steyler Verlag. https://www.academia.edu/32841770/The_Bible_in_Early_Seventeenth_Century_China

Stepanchuk, C., & Wong, C. C. (1991). *Mooncakes and hungry ghosts: Festivals of China*. China Books & Periodicals.

Su, P. 苏培成. (1997). "帐"与"账" [«帐 zhàng» and «账 zhàng»]. *中国语文 (Zhongguo Yuwen)*, *3*, 236–237.

Summers, J. (1863). *A Handbook of the Chinese Language*. Oxford University Press.

Sun, J. 孙景涛. (2002). 试论"於"字声调的不规则演变 [A Discussion on the Irregular Tonal Change of the Word yu (於)]. *语言学论丛 (Essays on Linguistics)*, *26*, 44–58.

Tâmara. (sem data). Em *Dicionário da Língua Portuguesa*. Academia das Ciências de Lisboa. Obtido 20 de junho de 2025, de https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=tâmara

Tang, H. 唐汉良, & Lin, S. 林淑英 (Eds.). (2002). *历书百问百答* (3.ª ed.). 江苏科学技术出版社 (Jiangsu Science and Technology Publishing House). (Trabalho original publicado 1986)

Tao, H. 陶红印. (1999). 试论语体分类的语法学意义 [Discourse Texonomies and Their Grammatico-Theoretical Implications]. *当代语言学 (Contemporary Linguistics)*, *1*(3), 15–24.

Tao, Y. (2013). *As fontes do P.e Joaquim Gonçaves para a criação do seu método de ensino aprendizagem de chinês (Arte China e Dicionários Português-China e China-Português)* [Dissertação de Mestrado em Estudos Interculturais Português-Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial orientada por Anabela Leal de Barros, com Sun Lam para aspetos reltivos à língua chinesa]. Universidade do Minho.

Teixeira, M. (1961). *As ordens e congregações religiosas em Macau* (Vol. 3). Tipografia da Missão do Padroado.

Teyssier, P. (2004). *História da língua portuguesa* (C. Cunha, Trad.; [2. ed.]). Martins Fontes. (Trabalho original publicado 1982)

Thom, R. (1840). *意拾喻言 Aesop's Fables*. Canton Press Office.

Tian, W. 田卫丽. (2020). 从何家村窖藏出土文物谈唐代金银玉器的社会政治功能 [The Socio-Political Functions of Gold, Silver, and Jade Artifacts of the Tang Dynasty: Insights from the Hejia Village Hoard]. *文物天地 (Cultural Relics World)*, *08*, 4–11.

Tong, Y. 童岳敏. (2007). 中和节节俗考 [The Investigating of ZhongHhe Feast]. *苏州大学学报(哲学社会科学版) (Academic Journal of Suzhou University (Philosophy and Social Science))*, *01*, 75–77.

Uchida, K. 内田庆市. (2000). «您»に関わることがら [Matters related to "您" nín]. *Essays and studies by members of the Literary Faculty of Kansai University*, *50*(2), 120–148.

Uchida, K. 内田庆市. (2004). 近代西人的汉语语法研究 [Chinese Studies of Western Scholars in Pre-modern Times]. Em J. 邹嘉彦 Zou & R. 游汝杰 You (Eds.), *Essays about Language Contact* (pp. 258–272). Shanghai Education Publishing House.

Uchida, K. 内田庆市. (2009). 近代西方人汉语研究的定位与可能性—汉语语言学的"周边"研究法 [The Positioning and Possibilities of Modern Western Studies on the Chinese Language: A "Peripheral" Approach to Chinese Linguistics]. *International Chinese Language Education*, *02*, 58–68.

Uchida, K. 内田庆市. (2010). 近代西洋人学的汉语—他们的汉语语体观 [The Chinese language leaned by modern westerners: Their views of Chinese writing styles]. *東アジア文化交涉研究 [Journal of East Asian Cultural Interaction Studies]*, *3*, 199–212.

Uchida, K. 内田庆市. (2011a). The Peripheral Approach in Chinese Linguistics as an Area of Cultural Interaction Studies. *A Selection of Essays on Oriental Studies of ICIS*, 123–137.

Uchida, K. 内田庆市. (2011b). 葡萄牙遣使会的语言政策之 19 世纪传教士江沙维的对汉语的看法 [The 19th-century Missionary Goncalves and Perceptions of the Chinese Language: The Portuguese Lazarist Church and it's Linguistic Policy]. *東アジア文化交涉研究 (Journal of East Asian Cultural Interaction Studies)*, 229–242.

Uchida, K. 内田庆市. (2012a). 与"您"有关的问题 (J. 宋桔 Song, Trad.) [Matters related to "您" nín]. *国际汉学 (International Sinology)*, *22*, 191–218.

Uchida, K. 内田庆市. (2012b). 近代西洋人汉语研究—汉语语言学的"周边"研究法 [The Study of Pre-Modern Western Studies on Chinese: The "Peripheral" Research Method in Chinese Linguistics]. *International Sinology*, *2*, 292–312.

Uchida, K. 内田庆市. (2017). *A Study of Cultural Interaction and Linguistic Contact: Approaching Chinese Linguistics from the Periphery* (A. Thwaits, Trad.). Vandenhoeck & Ruprecht unipress, National Taiwan University Press.

Varo, F. (1703). *Arte de la lengua mandarina, compuesto por el M. R°. Pe. Fr. Francisco Varo,... Acrecentado y reducido a mejor forma por... Pedro do la Piñuela,... Añadiose un confesionario muy util y provechoso para alivio de los nueos ministros*. Bibliothèque Nationale de France, París.

Venuti, L. (2008). *The translator's invisibility: A history of translation* (2.ª ed.). Routledge. (Trabalho original publicado 1995)

Wade, T. F. (1859). *Hsin Ching Lu, or, Book of Experiments; being the first of a series of contributions to the study of Chinese.* China Mail; Bayerische Staatsbibliothek, München. urn:nbn:de:bvb:12-bsb10211049-3

Wade, T. F., & Hiller, W. C. (1886). *Yü-yen Tzŭ-êrh Chi: A progressive course designed to assist the student of colloquial Chinese as spoken in the capital and the metropolitan department* (Vol. 1). W. H. Allen & Co.

Wang, H. 王惠民. (1997). 覆盆子的品种延续与变迁 [Continuity and Changes of Breeds of Fupenzi]. *中国中药杂志 (Chinese Materia Medica)*, *07*, 8-10+62.

Wang, H. 王鸿泰. (2008). 从消费的空间到空间的消费——明清城市中的茶馆 [From Consumer Space to Consumption of Space: Urban Tea Houses During Ming and Qing Dynasties]. *上海师范大学学报(哲学社会科学版) (Journal of Shanghai Normal University (Philosophy & Social Sciences Edition))*, *03*, 49–57.

Wang, L. 王力. (2013). *中国语言学史* [History of Chinese Linguistics]. 中华书局 [Zhonghua Book Company]. (Trabalho original publicado 1981)

Wang, L. 王力. (2013). *汉语史稿* (1.ª ed.). 中华书局 [Zhonghua Book Company].

Wang, L. 王力. (2014). *汉语语音史* [A History of Chinese Phonology]. 中华书局 [Zhonghua Book Company]. (Trabalho original publicado 1985)

Wang, M. 王銘宇. (2019). 《洋汉合字汇》汉译释词的语言特点 [The linguistic features of the translation and explanation words in the «Diccionario portuguez-china»]. *汉语学报 (Chinese Linguistics)*, *3*, 88–94.

Wang, M. 王銘宇, & Lu, C. 盧春暉. (2015). 江沙維《漢字文法》序言 [Preface of «Arte China» by Joaquim Gonçalves]. *Wakumon*, *28*, 177–186.

Wang, P. 王平. (1989). 《五方元音》音系研究 [A Phonological Study of Wufang Yuanyin]. *山东师大学报（社会科学版）[Journal of Shandong Normal University (Social Sciences Edition)]*, *1*, 51–56.

Wang, S. 王思明. (2004). 美洲原产作物的引种栽培及其对中国农业生产结构的影响 [Introduction of the American - originated Crops and Its In fluence on the Chinese Agricultural Production Structure]. *中国农史 (Agricultural History of China)*, *02*, 17–28.

Wang, X. (2015). *O eufemismo e o disfemismo em português e chinês, na obra do P.e Joaquim Gonçalves* [Dissertação de Mestrado em Estudos Interculturais Português-Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial orientada por Anabela Leal de Barros, Universidade do Minho]. https://hdl.handle.net/1822/34271

Wang, Y. 汪胤祺, Zheng, L. 郑亮, & Chen, Y. 陈以乐. (2023). 珠海市唐家湾镇广府祠堂空间形制研究 [Research on the space form of Cantonese area ancestral hall in Tangjiawan Town, Zhuhai City]. *山西建筑 (Shanxi Architecture)*, *49*(03), 19-25+58.

Wang, Y. 王瑜真, Chen, L. 陈立文, & Zhang, L. 张丽娟. (2014). 橘皮、橘红及化橘红演变的古籍考证 [A Historical Textual Study on the Evolution of Tangerine Peel, Red Tangerine Peel, and Processed Red Tangerine Peel in Ancient Chinese Literature]. *实用医药杂志 (Prac J Med & Pharm.)*, *31*(09), 823–824.

Wei, C. 未曾. (2019). *周培春民俗画系列* [Zhou Peichun's Folk Painting Series]. 书格 (Shuge.org). https://www.shuge.org/view/zhou_peichun_min_su_hua/

Williams, E. B. (1991). *Do Latim ao Português: Fonologia e Morfologia Históricas da Língua Portuguesa* (A. Houaiss, Trad.; 5.ª ed.). Tempo Brasileiro. (Trabalho original publicado 1938)

Williams, G., & Villalva, A. (2019). LandLex: The description of lexical variation through in-depth case studies. Em G. Williams & A. Villalva, *The Landscape of Lexicography* (pp. 15–25). Universidade de Aveiro.

Williams, S. W. (1849). List of Works upon China, principally in the English and French languages: 1. Philological works; 2. Translations; 3. General Accounts, Travels, &c. *The Chinese Repository*, *XVIII*(8), 402–444.

Williams, S. W. (1874). *A Syllabic Dictionary of the Chinese Language; Arranged According to the Wu-Fang Yuen Yin, with the Pronunciation of the Characters as Heard in Peking, Canton, Amoy, and Shanghai* (1.ª ed.). American Presbyterian Mission Press.

Wu, G. A., Terol, J., Ibanez, V., López-García, A., Pérez-Román, E., Borredá, C., Domingo, C., Tadeo, F. R., Carbonell-Caballero, J., Alonso, R., Curk, F., Du, D., Ollitrault, P., Roose, M. L., Dopazo, J., Gmitter, F. G., Rokhsar, D. S., & Talon, M. (2018). Genomics of the origin and evolution of Citrus. *Nature*, *554*(7692), 311–316. https://doi.org/10.1038/nature25447

Xiang, X. (2009). Contrastive linguistics: History, philosophy and methodology. *International Journal of Bilingual Education and Bilingualism*, *12*(3), 341–344. https://doi.org/10.1080/13670050802149374

Xiong, P. 熊培诚. (1984). 仁面子 [Human Face Fruit: Dracontomelon duperreanum Pierre]. *广东林业科技 (Guangdong Forestry Science and Technology)*, *03*, 31.

Xu, S. 徐少华, & Liu, H. 刘华. (1999). 古酒历史篇 [History of Ancient Wines]. *中国酒 (China Drinks)*, *06*, 12–31.

Xu, S. 徐时仪. (2007). *汉语白话发展史* [A History of the Development of Vernacular Chinese]. 北京大学出版社 (Peking University Press).

Yakhontov, S. E. (1986). 七至十三世纪的汉语书面语和口语 (G. 邱广君 Qiu, Trad.) [Written and Spoken Chinese from the 7th to the 13th Century]. *语文研究 (Yu Wen Yan Jiu)*, *4*, 56–62. (Trabalho original publicado 1969)

Yan, G. 閻國棟. (2001). 比丘林與俄國漢學 [Jakinf Bichurin and Russian Sinology]. 漢學研究通訊 , *20*(3), 70–80.

Yang, L. 杨立. (2025). 顶戴表官职 金石喻良言——浅谈清代官帽顶珠 [Official Ranks Reflected in Hat Ornaments: A Brief Discussion on the Top Beads of Qing Dynasty Official Hats]. *自然资源科普与文化 (Scientific and Cultural Popularization of Natural Resources)*, *01*, 66–71.

Yang, N. 杨乃济. (1994). 中西酒文化比较 [Comparison Between the Alcoholic Drink Culture in China and in the Western Countries]. *北京联合大学学报 (Journal of Beijing Union University)*, *04*, 84–99.

Yang, R. 楊若薇, & Zhang, B. 張本楠. (1997). 漢語「兒」音嬗變新探 [New Probe on the Pronunciation Transmutation of the Chinese Character Er]. 中國文化研究所學報, *6*, 493–511.

Yang, X. 杨孝斌, Huang, H. 黄华进, Zhou, S. 周珊珊, He, Y. 何永年, & Hu, X. 胡鑫. (2025). 蛇莓的化学成分及药理活性研究进展 [Research Progress on Chemical Composition and Pharmacological Activity of]. *广州化工 (Guangzhou Chemical Industry)*, *53*(09), 42–44.

Ye, B. 叶宝奎. (1998). 谈清代汉语标准音. 厦门大学学报（哲社版）, *3*, 82–88.

Ye, N. 叶农. (2005). 试述澳门圣若瑟修院在遣使会管理时期(1784-1856年)的发展 [Seminário de S. José under the Management of the Vicent (1784-1856)]. *学术研究 [Academic Research]*, *12*, 88–94, 148.

Ye, N. 叶农. (2010). 十九世纪活跃在澳门的葡籍汉学家——江沙维神父 [On Joaquim Afonso Goncalves, the famous Portuguese sinologist in Macao during the first half of nineteenth century]. *International Sinology*, *2*, 56–67.

Yu, D. (2024). A Study on English and Chinese Languages. *Studies in Linguistics and Literature*, *8*(4), 219–226. https://doi.org/10.22158/sll.v8n4p219

Zhang, G. 张国强. (2013). 中韩竹民俗文化符号研究 [A Study of Bamboo-related Folklore in Chinese and Korean Cultures]. *延边大学学报(社会科学版) (Journal of Yanbian University (Social Science))*, *46*(01), 97–103.

Zhang, M. (2020). Estudo sobre o modelo de formação dos tradutores do Seminário de S. José de Macau. *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, *20*, 419–441. https://doi.org/10.14195/1645-2259_20_20

Zhang, S. 张抒. (2022). *葡萄牙传教士江沙维的《汉字文法》语法研究* [A thesis submitted in conformity with the requirements for the degree of Master of Teaching Chinese to Speakers of Other Languages, Supervised by Professor Yuan Dan; A Grammar Study on Arte China by Portuguese Missionary Joaquim Afonso Gonçalves]. East China Normal University.

Zhang, X. 张新斌, & Ma, J. 马嘉琪. (2023). 《尚书·金縢》"周公居东"再析 [The Duke of Zhou's Residence in the East" of Jin Teng Is Analyzed Again]. *中原文化研究 (The Central Plains Culture Research)*, *4*, 55–60.

Zhang, X. 张晓红. (2010). 简论十月朔节的发展与演变 [A Brief Analysis of the Development and Transformation of the First Day of the Tenth Lunar Month Festival]. *盐城师范学院学报(人文社会科学版) (Journal of Yancheng Teachers University (Humanities & Social Sciences))*, *30*(05), 38–42.

Zhang, X. 张西平. (2005). *传教士汉学研究* [The Study of Missionary Sinology]. 大象出版社 (Elephant Press).

Zhang, X. 张西平. (2006). *欧美汉学研究历史与现状* [HIstory and Current Statuss of SInology Studies in Europe and America]. 大象出版社 (Elephant Press).

Zhang, X. 张西平, & Li, X. 李雪涛 (Eds.). (2011). *西方汉学十六讲* [Sixteen Lectures on Western Sinology]. 外语教学与研究出版社 (Foreign Language Teaching and Research Press).

Zhang, Y. (2023). As correspondências e não correspondências entre a língua e cultura chinesa e lusófona: Análise de termos da botânica. *Cadernos de Tradução*, *43*(esp. 3), Artigo esp. 3. https://doi.org/10.5007/2175-7968.2023.e94952

Zhang, Z. 张中行. (2014). *文言和白话*. 中华书局 [Zhonghua Book Company]. (Trabalho original publicado 1992)

Zhou, C. 周晨萌. (2018). *北京话语音演变研究* (1.ª ed.) [Study on the Linguistic Evolution of the Beijing Dialect]. Peking University Press.

Zhou, P. 周培春. (1890). *清代文武官员品级图 [Reference Paintings for Qing Dynasty Civil and Military Official Ranks]* [Set of seventeen paintings tied together; watercolor on paper]. The Metropolitan Museum of Art. https://www.metmuseum.org/art/collection/search/51823

Zhu, F. 朱凤. (2016). 江沙维手稿之考证——有关汉语语法的分析 [An Examination of Joaquim Gonçalves' Manuscript: Analyses Relevant to Chinese Grammar]. *Wakumon*, *29*, 29–40.

Anexo I. Lista das diferenças no *Alphabeto China*

Número	Diferenças				
D. 2	1) 二	2)	3) 七	4) 丁	5)
	6) 了	7) 刁	8) 乃	9) 九	10) 乂
	11)	12) 入	13)	14)	
D. 3	15) 亡	16) 丫	17) 之	18) 三	19)
	20) 干	21) 于	22) 于	23) 万	24) 兀
	25) 廾	26) 丈	27)	28)	29) 下
	30) 工	31) 才	32) 已	33) 已	34) 已
	35) 刃及	36) 乞	37) 毛	38) 千	39) 勺
	40) 夕	41) 久	42) 凡几	43) 丸	44)
	45) 孔乳	46) 叉义	47)	48) 个	49) 幺么乡
	50) 屮	51) 上	52) 也	53)	
D. 4	54) 斗	55) 文	56) 片	57) 六	58) 亢
	59)	60) 卞	61) 冗宂	62) 尤	63) 元
	64) 无	65) 亓	66) 开幵	67) 井	68) 天
	69) 夫	70) 云	71) 厄	72) 仄	73) 反
	74) 友爻	75) 尤	76) 匹	77) 不	78) 太
	79) 互	80) 切	81) 牙	82) 王	83) 丐匈
	84) 五乂	85) 市匝	86)	87) 丙	88) 廿
	89) 予	90) 尹	91) 引	92) 弔吊	93) 尺
	94) 夬	95) 孔	96) 办	97)	98) 丑
	99) 巴	100)	101) 乏	102) 气	103) 丰
	104) 午	105) 夭	106) 壬	107) 王	108) 丹
	109) 勻	110) 勿	111) 及刍	112) 勾	113)
	114) 升	115) 屯	116) 仁	117) 化	118) 氏
	119) 印	120) 比	121)	122) 今	123) 兮
	124) 分	125) 介	126) 父	127) 从	128) 爻
	129) 双	130) 公	131) 凶函兇	132) 允	133) 廾廾
	134) 毋	135) 少	136) 与	137) 止	138)
	139) 曰	140) 中	141) 内	142) 收 收	
D. 5	143) 宁	144) 它	145) 宄	146) 佞	147) 玄
	148) 主	149) 市	150)	151)	152)
	153) 必	154) 永	155) 平	156)	157) 未
	158) 末	159) 厓岸	160) 左	161) 发友扳	162)
	163) 丕	164) 右	165) 布	166) 医枢	167) 卉卉
	168) 去	169) 卣	170) 正	171) 巨	172) 可
	173) 丙	174) 术	175) 本夲	176)	177) 甘
	178) 世	179) 古	180) 巧	181) 北	182) 矛
	183)	184) 弗	185) 弘	186) 尼	187) 司
	188) 民	189) 召	190) 加	191) 疋	192) 承承
	193) 乎	194) 𠂉	195) 矢	196) 失	197) 戊
	198) 生	199) 乍	200)	201) 用	202) 包
	203) 孕	204) 句	205) 皮	206) 尔尒	207) 兜
	208) 外	209) 卮卮	210) 斥	211) 瓜	212) 冬

	213) 処	214) 处	215) 代	216) 丘	217) 付
	218) 朱	219) 他	220) 卯	221) 氏底	222) 半
	223) 令	224) 圣	225)	226)	227)
	228) 弁	229) 台	230) 母	231) 奴	232) 卯
	233) 幼	234) 凹	235) 占	236) 旦	237) 且
	238) 甲	239) 申伸	240) 号	241) 另	242) 叩
	243) 兄	244) 只	245) 央	246) 史叟	247) 同回田
	248) 囚	249) 四	250) 内	251) 冉幷	252) 由
	253) 同坰	254) 冊册	255) 出	256) 以吕	257) 氷冰
	258) 戊				
D. 6	259) 宇	260) 守	261) 宅	262) 挖	263) 安
	264) 江	265)	266)	267) 亦	268) 产
	269) 交	270) 充	271) 亥	272) 亢	273) 妾
	274)	275) 并	276)	277)	278) 次
	279) 戎	280) 刑	281) 匡	282) 乱礼	283) 式
	284) 夷	285) 灰	286) 亙	287) 死	288) 列
	289) 匠	290) 百	291) 在	292) 而	293) 存
	294) [夸]	295) 至	296) 邪	297) 圭	298) 寺
	299) 考	300) 老	301)	302) 吉	303) 束
	304) 亘宣	305) 吏	306) 臣	307) 西	308) 再
	309)	310) 共恭	311) 巩	312) 聿	313) 艮
	314) 尽	315) 那	316) 劦协	317) 丞	318) 邦
	319) 戍	320)	321) 岳	322) 朱	323) 成
	324) 丢	325) 先	326) 舌	327)	328) 刖
	329) 朵朵	330) 匈	331) 旬	332) 舛	333)
	334) 多	335) 名	336) 危	337) 后	338) 色
	339)	340) 辰派	341) 刧契	342) 夅降	343) 各
	344) 兆	345)	346) 夙	347) 旨旮	348) 印
	349) 休	350) 自	351) 伊	352)	353) [囟]
	354) 向	355) 血	356) 任	357) 承 衆	358) 州
	359) 关关笑	360)	361) 全	362) 合	363) 牟
	364) 盆	365) 肖冒	366) 如	367)	368)
	369) 光	370)	371) 艾	372) 朩叔	373) 此
	374)	375) 早	376) 曳	377)	378) 因
	379) 同	380) 曲	381)	382) 收	383) 劣
D. 7	384) 宏	385) 宋	386) 牢	387)	388) 沉
	389) 沙	390)	391) 序叙	392)	393) 庇
	394) 弃	395)	396)	397) 亨	398) 良
	399) 弟	400) 忒	401) 辰	402) 戒	403)
	404)	405)	406) 夾夹	407) 巫	408) 孛
	409) 弄	410) 耻	411) 声	412) 孝	413) 却卻却
	414) 更粟	415) 甫	416)	417) 束	418)
	419)	420) 李	421) 巫	422) 杏	423) 克
	424) 求	425) 找	426) 折	427)	428) 甬

	429)	430) 君	431) 局	432)	433) 改
	434) 忍	435) 免免	436) 陀	437) 孚	438) 孚
	439) 妥	440) 采	441) 廷	442) 孝孝	443) 每
	444) 告	445) 秀	446) 禿	447) 利	448) 乱
	449) 我	450) 垈	451)	452) 役	453) 夆
	454) 系	455) 兵	456) 皂阜	457)	458) 皃貌
	459) 身	460) 兎[兔]	461) 囱匆	462) 作做	463) 攸
	464) 卵	465) 狄	466) 垈	467) 余	468) 希
	469) 杀殺煞	470) 谷	471) 兌兗	472) 矣	473)
	474)	475) 壮	476) 絣	477)	478)
	479)	480) 步	481) 芒	482) 旱	483) 里埋
	484) 里	485) 晏晏	486)	487) 助	488) 呆
	489) 吳呉吴	490) 邑	491) 呈	492) 听	493) 呂吕
	494) 串	495) 困	496) 冏	497) 男	498) 岑
	499)	500) 肖			
D. 8	501) 宗	502) 官	503) 空	504) 穹	505) 宜宐
	506) 宙	507) 怕	508) 泣	509) 沾	510) 妾
	511) 音	512) 於	513) 庚	514) 店	515) 夜
	516) 卒	517) 育	518) 享	519) 京	520) 禀
	521)	522) 羌羌	523) 並竝	524) 炎	525) 奉
	526) 扶伴	527) 武	528) 函函圅	529)	530) 妻
	531) 肩	532) 亟	533) 厓崖	534) 豕	535) 直
	536)	537) 奈柰	538) 奔	539) 奇奇	540) 來来
	541) 奄	542)	543) 戔	544) 長	545) 表
	546) [毒]	547) 卦	548) 耶	549) 取	550) 幸 牽
	551) 亞亜	552) 垂陸	553) 夌陵	554) [延]	555)
	556) 丽	557) 東	558) 事	559) 臥卧	560) 臥堅
	561)	562) 或	563)	564) 画畫	565) [两]两両
	566) 其亓	567) 昔	568)	569) 拔拔	570) 拆
	571) 帚	572) 隶逮	573) 弦	574)	575) 居
	576)	577) 届	578) 屈	579) 陋	580) 限
	581) 承丞	582) 孟	583) 受	584) 坚淫	585) 采釆
	586) 爭争	587) 乳	588) 制	589) 卸	590) 乘
	591) 忝	592) 垂垂	593) 乖	594) 季	595) 剁
	596) 朋	597) 股	598) 周	599) 匋	600) 炙
	601) 所	602) 庚	603) 啓	604) 舀陷	605) 咎
	606) 兒児	607) 臾吏	608) 卑	609) 帛	610) 延
	611) 阜	612) 侈	613) 昏	614) 狐	615) 券
	616) [卷]	617) 会陰	618) 念	619) 命	620) 侖
	621)	622) 舍	623)	624) 爾	625)
	626) 虽	627) 留	628) 肯肯	629) 卓	630) 罔網
	631) 岡	632) 具	633) 旱碍	634) 果	635) 明
	636) 易	637) 昆	638) 昌	639) 冒冒	640) 困
	641) 畀	642) 典	643) 尚	644) 尚 敞	645) 沓沓

D. 9	646) 室	647) 突	648) 恆恒	649) 染	650) 帝
	651) 亲	652) 音	653) 斿 遊	654) 度	655) 弈奕
	656) 彦彦	657) 亭亭	658) 夏復	659) 哀	660)
	661) 軍	662) 首	663) 茲茲	664) 美	665) 前
	666) 春眷	667) 黍添	668) 匧篋	669) 郎	670)
	671) 厚	672) 面面	673) 奠	674) 妥	675) 盍
	676)	677) 垚	678) 封	679) 契	680) 壴
	681) 者者	682) 東	683)	684)	685) 福
	686)	687) 垔	688) 要	689) 柳	690) 相
	691) 甚	692) 某	693) 棄	694) 南	695) 胡
	696)	697) 柔	698) 敉	699) 勇	700) 建
	701) 象	702) 屋	703)	704) 弭	705) 叟
	706) 敗	707) [負]	708) [奐]	709) 眉	710) 胥
	711) 爰	712) 冉	713) 癸	714) 拜	715) 看
	716) 威	717) 咸	718) 香	719) 重	720) 秋
	721) 訇	722) 扁	723) 忽惚	724) 臯	725) 盾
	726) 急	727) 衍	728) 律	729) 毚	730) 後
	731)	732) 韭	733) 淵	734) 段	735) 便
	736) 卽即	737)	738)	739) 皇	740) 叟
	741) 泉	742) 帥	743) 侯矦	744) 禹	745) 保
	746) 皆	747) 叜遂	748) 弁	749) 俞俞	750) 酋
	751) 俎俎	752) 炙	753)	754) 飛	755) 約
	756)	757) 若若	758) 苦	759) 苟	760) 英
	761) 苗	762) 虐	763) 貞	764) 敘	765) 柴
	766) 昱	767) 昜陽	768) 則	769) 星	770) 昨
	771) 曷	772) 冕	773) 禺	774) 罟	775) 品
	776) 咼禍	777) 思恩	778) 畏	779) 毘	780) 胃
	781) 耑端	782) 省	783) 削		
D. 10	784)	785) 害	786) 涂涂	787) 旁蒡傍	788) 竟競
	789) 討	790) 席	791) 唐	792)	793)
	794) 衰衮	795) 畜	796) 衰	797) 郭	798) 高高
	799) 畝	800) 衷	801) 冢蒙	802)	803) 冥
	804) 差	805) 朔	806) 料	807) 類	808)
	809) 脊	810) 秦	811) 泰太	812) 班	813) 薑
	814) 扇	815) 辱	816) 威滅	817) 原	818) 夏
	819) 套	820) 晉進	821) 素	822) 索	823) 盍
	824) 貢	825) 袁	826)	827) 專敷	828) 哥
	829) 栗	830) 喪喪	831) 備	832) 恭	833) 閃
	834) 弱	835) 犀犀	836) 尉慰	837) 展	838) 屑
	839) 烝	840) 孫	841) 隱	842) 嗌	843) 舀
	844) 奚	845) 乘秉	846) 称秤稱	847)	848) 朕
	849)	850)	851)	852) 殷	853) 般
	854) 虎	855) 虎	856) 隻	857) 梟	858)
	859) 射	860) 躬	861) 烏	862) 追	863) 候
	864) 修脩	865) 留畱	866) 鬯	867) 蚤早	868) [倉]

	869) [兼]	870) 益益	871) 釜	872) 桑	873) [翁]
	874) 眞真	875) 蚩	876) 畢	877)	878) 圂
	879) 叟叟	880) 員	881) 盈昷溫	882) 敝敝	883)
	884) 豈	885) 羋業	886) 茶	887) 草艸	888)
	889) 隙				
D. 11	890) 寅	891) 宿	892) 寂	893) 深	894) 梁
	895) 淮	896) 惟	897) 豕	898) 章	899) 竟
	900) 商	901) 商	902) 庶	903) 麻	904) 庸
	905) 敔	906) 旋	907) 族	908) 產產	909) 离離
	910) 牽	911) 率	912) 孰	913) 羞	914) 盖蓋葢
	915) 斷	916) 春	917) 彗	918) 責	919)
	920) 庠	921) 戚	922) 爽	923) 毆	924) 區
	925)	926) 匿	927) 敖	928) 執	929) 殼磬
	930) 赦	931) 埶藝	932) 曹	933) 專	934) 敕
	935) 敕嗽	936) 票熛	937)	938) 泰漆	939) 帶
	940)	941) 堇	942) 莆	943) 乾乩	944) 頂
	945) 務	946) 盡尽	947) 強强	948) 屚漏	949) 翏
	950) [隊]	951) 隋	952)	953) 透	954) 祭
	955) 從从	956) 徒	957) 梟	958) 貨	959) 條
	960) 猗	961) 兜	962) 貪	963) 貧	964) 欲
	965) 欶	966) 參參朁	967) 丝关	968) 頃	969) 將
	970) 鹵	971) 畐鄙	972) 野	973) 婁娄	974) 叟舅
	975) 異异	976) 累	977) 貫	978) 崩	979) 崔
	980) 巢	981) 華	982) 莆蒲	983) 莫	984) 雀
D. 12	985) 寬	986) 渠	987) 湯	988) 戠	989) 裒
	990)	991) 敦	992)	993) 善	994) 犇
	995) 普溥	996) 勞劳	997) 忩蔥	998) 替	999) 絜潔
	1000) 雇	1001) 厥	1002) 厤曆	1003) 耿	1004) 僚燎
	1005) 壹一	1006) 壺	1007) 堯	1008) 封	1009) 彭
	1010) 喜	1011) 貴	1012) 惠	1013) 覃	1014) 棘
	1015) 斯	1016) 黃黄	1017) 散	1018) 朝	1019) 悳德
	1020) 項	1021) 林樊	1022) 裔	1023) 尋尋	1024) 閔
	1025) 閏	1026) 閑	1027) 閒	1028) 間	1029) 粥
	1030) 屠	1031) 孱	1032) 巽巽	1033) 賀	1034) 舜
	1035) 亂	1036) 番	1037) 登	1038) 發	1039) 爺
	1040) 策	1041) 筑	1042) 答荅	1043) 無无	1044) 喬
	1045) 牲	1046) 黍	1047) 稍	1048) 豚	1049) 然
	1050) 須	1051) 象象	1052) 焦	1053) 集	1054) 貿
	1055) 翕	1056) [奠]	1057) 尊	1058) 傘	1059) 曾
	1060) 幾	1061) 絲丝	1062) 鄉	1063) 娭嫩	1064) 睿
	1065) 虛	1066) 掌撐	1067) 掌	1068) 敞	1069) [最]
	1070) 猒厭	1071) 貴	1072) 單单	1073) 買	1074) 徵
	1075) 嵩	1076) [萃]	1077) 萑		
D. 13	1078) 塞	1079) 新	1080) 鷹	1081) 雍雁鷹	1082) 廉廣
	1083) 雍邕	1084)	1085) 亶	1086) 義	1087) 雷
	1088) 瑟	1089) 鼓	1090) 擊	1091) 畺疆	1092) 賈
	1093) 嗇	1094) 楚	1095) 聖圣	1096) [勤]	1097) 朝
	1098) 献獻	1099) 幹	1100) 肅肅	1101) 彙	1102) 殿

	1103)	辟	1104)	翌	1105)	筮	1106)	雉	1107)	感
	1108)	黎黎	1109)	腦	1110)	狠慤	1111)	詹	1112)	解觧
	1113)	雋	1114)	鼠攵	1115)	奧奧	1116)	鼠鼠	1117)	敭敭
	1118)	辟辟	1119)	禽	1120)	會会	1121)	僉	1122)	龕
	1123)	督	1124)	豦	1125)	虛虛	1126)	虜	1127)	著着
	1128)	歲歲	1129)	葛	1130)	暑	1131)	鼎	1132)	龜龜
	1133)	盟盟	1134)	桑	1135)	嗣	1136)	農	1137)	豐豐
	1138)	景景景	1139)	睪繹	1140)	蜀	1141)	業		
D. 14	1142)	寧寧	1143)	賓賓	1144)	搴	1145)	寡	1146)	窩窩
	1147)	辩	1148)	齊斉斉	1149)	膏膏	1150)	裏	1151)	需惠
	1152)	禍祸	1153)	肇	1154)	爾尔	1155)	臧[藏]	1156)	憲憲
	1157)	壽壽	1158)	截	1159)	臺臺台	1160)	匱	1161)	監
	1162)	裹懷	1163)	薨	1164)	脅	1165)	翟	1166)	領
	1167)	算算算	1168)	耤籍	1169)	熏	1170)	夐	1171)	獄
	1172)	鄭	1173)	疑	1174)	巖巖	1175)	繼繼継[继]	1176)	嘗嘗
	1177)	睿	1178)	虗	1179)	顯	1180)	㬎顯	1181)	蔑
	1182)	夢夢	1183)	署	1184)	斃斃				
D. 15	1185)	廣廣	1186)	麃	1187)	廬廬	1188)	贊贊	1189)	慧
	1190)	厲	1191)	憂憂	1192)	賣賣	1193)	賣	1194)	閱
	1195)	耦	1196)	稻	1197)	質	1198)	盤盤	1199)	魯
	1200)	劉劉	1201)	興興與	1202)	鼻鼻	1203)	樂楽	1204)	慮
	1205)	蔑蔑	1206)	墨	1207)	晶叕	1208)	罟獸		
D. 16	1209)	憲憲	1210)	龍龍	1211)	謁	1212)	鴦	1213)	霍
	1214)	歷	1215)	棗	1216)	噩愕	1217)	燕燕	1218)	翰
	1219)	覽覽	1220)	賴賴	1221)	墻牆	1222)	閩	1223)	選
	1224)	積	1225)	衡衡	1226)	龜龜	1227)	穌穌	1228)	雔
	1229)	舉舉	1230)	盥	1231)	盧	1232)	鯊	1233)	縣縣
	1234)	遺	1235)	器器	1236)	嵩嶆峻				
D. 17	1237)	襄襄	1238)	營营	1239)	霜	1240)	臨臨臨	1241)	鞄鞄羇
	1242)	爵	1243)	鐵銕	1244)	觧觧	1245)	鼇鼇	1246)	禽
	1247)	幽	1248)	薄	1249)	薛辞	1250)	嬰		
D. 18	1251)	竄竄	1252)	雜襍	1253)	翹	1254)	聂	1255)	魏
	1256)	邊边	1257)	歸	1258)	蒦萑	1259)	著著	1260)	瞿懼
D. 19	1261)	寶寶宝	1262)	靡	1263)	繹亦	1264)	攀	1265)	霸霸
	1266)	難難难	1267)	顛	1268)	繭	1269)	羅	1270)	孽孽
D. 20 e acima	1271)	竊窃	1272)	囊囊	1273)	權權	1274)	聽聽听	1275)	屬属
	1276)	驫豐衅	1277)	爨	1278)	纍	1279)	嚴		

Fonte: Elaborada pela autora de acordo com o *Alphabeto China* da *Arte China* (cf. Gonçalves, 1829a, pp. 1–74).

Nota: A abreviatura "D.", usada na primeira coluna, corresponde a "Diferença(s)". Assim, "D. 2" indica "Diferenças de dois traços/rasgos". Algumas formas variantes são apresentadas em formato de imagem por não terem sido encontradas grafias totalmente idênticas. Entre parênteses retos surgem formas alternativas correntes, acrescentadas pela autora para facilitar a pesquisa.

Anexo II. Romanização no *Diccionario Tonico*

Pinyin		b	p	m	f	ø	d	t	n	l	z	c	s	z	c	zh	ch	sh	r	j	q	g	k	h/x	ø	ø
	DCP	p	p’	m	f	v	t	t’	n	l	ç	ç’	s	tz	ts’	ch	ch’	x	j	k	k’	c	c’	h	ø	g
a	a	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+			+	+	+	+							
o	o	+	+	+	[a]	+	+															+	+	+		+
	ó									+																
	ô																	+								
e	oŏ						+			+	+	+				+	+	+	+							
	ôŏ																	+								
i [ɿ]	ū												+	+	+											
i [ʅ]	e															+	+	+	+							
	ê															+	+	+								
er	olr																								+	
ai	ai	+	+	+		+	+	+	+	+	+	+	+			+	+	+				+	+	+		+
ei	ei	+	+	+	+	+			+	+																
ao	au	+	+	+			+	+	+		+	+	+			+	+	+	+			+	+			+
	âu															+	+	+								
	aŏ			+						+														+		
ou	ou		+	+	+		+	+	+	+	+	+	+			+	+	+	+			+	+	+		+
	ôu															+	+	+								
an	an	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+			+	+	+				+	+	+		+
	án															+	+	+	+							
en	en	+	+	+		+						+				+	+	+	+							
	ên															+	+	+	[b]							
	ān									+												+	+	+		+
ang	am	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+			+	+	+	+			+	+	+		+
eng	âm															+	+									
	ām						+	+	+		+	+	+			+	+	+	+			+	+	+		
ong	om	+	+	+	+																					
i	i	+	+	+			+	+	+	+			+			+	+			+	+			+	+	
ia	ia																			+	+			+	+	
iao	ieu	+	+	+			+	+	+				+			+	+			+	+			+	+	
	eau									+																
*io	iŏ															+	+			+	+			+	+	
	eŏ									+																
ie	ie	+	+	+			+	+	+	+			+			+	+			+	+			+	+	
	eě									+																
	ié																			+	+			+	+	
iou	ieu	+[c]				+		+					+			+	+			+	+			+	+	
	eu								+																	
ian	ien	+	+	+			+	+	+	+			+			+	+			+	+			+	+	
in	in	+	+	+						+			+			+	+			+	+			+	+	
iang	iam								+				+			+	+			+	+			+	+	
	eam									+																
ing	im	+	+	+			+	+	+	+			+			+	+			+	+			+	+	
iong	ium																				+			+	+	
u	u	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+			+	+	+	+			+	+	+	+	
ua	oa															+		+				+	+	+		
uo	ō						+	+	+		+	+	+			+	+	+	+			+	+	+		
	ŏo																					+		+		
	ōŏ										+					+	+									
	ue																		+							
uai	oai															+	+	+				+	+	+		
uei	oei						+	+			+	+	+			+	+	+	+			+	+	+		

Pinyin		b	p	m	f	ø	d	t	n	l	z	c	s	z	c	zh	ch	sh	r	j	q	g	k	h/x	ø	ø
	DCP	**p**	**p’**	**m**	**f**	**v**	**t**	**t’**	**n**	**l**	**ç**	**ç’**	**s**	**tz**	**ts’**	**ch**	**ch’**	**x**	**j**	**k**	**k’**	**c**	**c’**	**h**	**ø**	**g**
uan	**oan**						+	+	+	+	+	+	+			+	+	+	+					+		
	uan									+																
***uon**	**uon**																					+	+			
uen	**uen**				+																					
	oān																		+							
un	**un**						+	+	+	+	+	+	+			+	+	+				+	+	+		
	ōn									+																
uang	**oam**															+	+	+				+	+	+		
ong/	**um**					+	+	+	+	+	+	+	+			+	+	+	+			+	+	+		
ueng	**ūm**																					+				
ü	**iu**								+	+			+			+	+			+	+			+	+	
üe	**iue**												+			+				+	+			+	+	
üan	**iuen**												+			+	+			+	+			+	+	
ün	**iun**												+				+			+	+			+	+	

Fonte: Elaborada pela autora de acordo com o *Diccionario Tonico* do *Diccionario China-Portuguez* (DCP) (1833).

Nota. [a]A romanização “Fo” surge somente no *Diccionario Generico* como pronúncia alternativa do caráter “佛 *Fó* ‘Buda’” (cf Gonçalves, 1833, p. 110); [bc]As sílabas “Jên” e “Pieu” dispõem de leituras alternativas, nomeadamente “nin” e “pou”, respetivamente (cf. Gonçalves, 1833, pp. 48, 74 do apêndice).

Anexo III. Exemplos bilingues da análise verbal

Categoria	Meios expressivos em chinês	Exemplos
Presente do indicativo da voz ativa	Verbo copulativo "是 *shì* 'ser'"	Eu sou chinês. 我是中國人 [*wǒ shì Zhōngguó rén*]
	Predicado adjetival	Tu és mau, *ou* estás mal. 你不好 [*nǐ bù hǎo*]
	Predicado verbal	Ele trabalha. 他作活 [*tā zuò huó*]
	Verbo copulativo "是 *shì* 'ser'"	Nós somos bons. 我們都是好人 [*wǒmen dōu shì hǎo rén*]
Pretérito imperfeito do indicativo da voz ativa	Tempo e aspeto da oração principal refletidos através da referência temporal da oração subordinada com a conjunção subordinativa "*duōzan* 多咱 'quando'" e a partícula aspetual "了 *le* 'aspeto perfetivo'"	Quando ele veio, eu estava em casa. 多咱他來了我在家裡 [*duōzan tā lái le wǒ zài jiā lǐ*]
		Quando tu vieste, eu estava para me afogar. 多咱你到了我要淹死 [*duōzan nǐ dào le wǒ yào yān sǐ*]
	Tempo e aspeto da oração principal expressos através da sequência verbal e do contexto	Quando ele vinha, ia eu. 他來我才去 [*tā lái wǒ cái qù*]
	Tempo e aspeto da oração principal sugeridos pela estrutura temporal "的时候 *de shíhou* 'altura quando'"	Quando fui não tinha aquela intenção. 我去的時候沒有那個意思 [*wǒ qù de shíhou méiyǒu nà ge yìsi*]
Pretérito perfeito do indicativo da voz ativa	Partícula aspetual "了 *le* 'aspeto perfetivo'"	Eu perdoei-lhe. 我寬免了他 [*wǒ kuān miǎn le tā*]
		Puseram-no a ferros. 上了鎖鏈 [shàng le suǒ liàn]
		Repreendeu-te? 說了你么 [*shuō le nǐ me* 'repreendeu-te?']
		Deu-lhe uma dentada. 咬了他一口 [*yǎo le tā yì kǒu* 'mordi-o']
	Partícula aspetual "了 *le* 'aspeto perfetivo'" e advérbio de predicado com valor aspetual "已经 *yǐjīng* 'já'"	Já chegou. 已經到了 [*yǐjīng dào l*e 'já chegou']
	Estrutura de interrogativa total com o advérbio de negação com valor aspetual "没有 *méiyǒu* 'não'"	Viste-o? 見了他沒有 [*jiàn le tā méiyǒu* 'viste-o ou não?']
	Partícula aspetual "了 *le* 'aspeto perfetivo'" e partícula aspetual "过 *guò* 'aspecto experiencial'"	Vi. 見過了 [*jiàn guò le* 'já vi']
	Advérbio de negação com valor aspetual "没有 *méiyǒu* 'não'"	Não o matou. 沒有殺他 [*méiyǒu shā tā* 'não o matou']
	Advérbio de predicado com valor temporal "前日 *qiánrì* 'anteontem'"	Foi-se anteontem. 他前日走 [*tā qiánrì zǒu* 'foi-se embora anteontem']
	Partícula aspetual "了 *le* 'aspeto perfetivo'" e verbo resultativo "着 *zháo* 'ação sucedida"	Achou-o. 找着了 [*zhǎo zháo le* 'encontrei']
Pretérito plusquam (mais-que-perfeito) do	Tempo e aspeto da oração principal refletidos através da referência temporal da oração subordinada com a conjunção subordinativa "*duōzan* 多咱 'quando'", a partícula	Quando ele chegou, aquele sujeito tinha partido. 多咱他到了那個人已經走了 [*duō zān tā dào le nà gè rén yǐ jīng zǒu le*]

indicativo da voz ativa	aspetual "了 *le* 'aspeto perfetivo'" e e advérbio de predicado com valor aspetual "已经 *yǐjīng* 'já'"	
	Advérbios de predicado com valor temporal "早 *zǎo* 'cedo, já antes'", "从前 *zǎo* 'antes'" e "頭裡 *tóuli* 'antes'"	Quando o Senhor Leu chegou já eu lá tinha estado *ou* já eu lá estava. 劉相公到了我早在那裡 [*Liú xiàng gōng dào le wǒ zǎo zài nàlǐ*]
		Ele foi ver o lugar onde antes se deleitara. 他去看從前在那裡樂的地方 [*tā qù kàn cóng qián zài nàlǐ lè de dìfang*]
		Antes de o dizeres [já] o tinha eu feito. 你說的頭裡我作了 [*nǐ shuō de tóuli wǒ zuò le*]
		Então aborrecia, o que tinha amado. 那時候我恨頭裡所愛的 [*nà shíhou wǒ hèn tóuli suǒ ài de*]
Futuro do indicativo da voz ativa	Verbo auxiliar com valor temporal "要 *yào* 'ação futura'"	Até o imperador há de morrer. 連皇上也要死 [*lián huángshang yě yào sǐ*]
	Modificadores com valor temporal "在月底 *zài yuè dǐ* 'ao fim do mês'" e "後來 *hòulái* 'depois'" e advérbio de predicado com valor temporal "就 *jiù* 'imediatamente, logo'"	Há de partir no fim do mês. 在月底就起身 [*zài yuè dǐ jiù qǐ shēn*]
		Depois to direi. 後來就告訴你 [*hòulái jiù gào su nǐ*]
	Advérbio de predicado com valor temporal "才 *cái* 'somente'"	Amanhã lho darás. 明天才給他 [*míng tiān cái gěi tā*]
	Oração principal com o advérbio de predicado com valor temporal "就 *jiù* 'imediatamente, logo'" junta com oração subordinada temporal	Irei quando ele vier. 他來我就去 [*tā lái wǒ jiù qù*]
	Advérbio de predicado com valor modal "慢慢 *mànmàn* 'lentamente'"	Hás de melhorar. 你慢慢好了 [*nǐ mànmàn hǎo le*]
	Advérbio de predicado com valor modal "必定 *bìdìng* 'obrigatoriamente"	Ele há de vir. 他必定來 [*tā bì dìng lái*]
	Verbo auxiliar com valor modal "該當 *gāidāng* 'necessitar'"	Eu hei de comprar algumas alfaias. 我該當買幾件物件 [*wǒ gāidāng mǎi jǐ jiàn wùjian*]
	Valor temporal implicado pela estrutural condicional da frase	Dar-te-ei quanto quiseres. 你要多少我給你多少 [*nǐ yào duō shǎo wǒ gěi nǐ duō shǎo*]
		Portando-te assim, quem te terá por gente? [quem fará caso de ti.] 你這樣行為還有誰把你當人呢 [*nǐ zhè yàng xíng wéi hái yǒu shuí bǎ nǐ dāng rén ne*]
		Só prevenindo-o se não sofrerá o seu dano. 防備他才可以不受他的害 [*fáng bèi tā cái kě yǐ bù shòu tā de hài*]
		Se tu és assim, como serei eu? 你還是這樣我該怎麼樣呢 [*nǐ hái shì zhè yàng wǒ gāi zěnme yàng ne*]
	Modificadores com valor temporal "今以後 *jīn yǐ hòu* 'a partir de agora" e advérbio de predicado com valor aspetual "再 'ação repetida'"	Daqui em diante nunca mais acreditarei em alguém. 今以後再不信人 [*jīn yǐ hòu zài bù xìn rén*]

	Advérbio de predicado com valor modal "一定 *yídìng* 'obrigatoriamente" e verbo auxiliar com valor temporal "要 *yào* 'ação futura'"	Há de premiar-me. 一定要賞我 [*yídìng yào shǎng wǒ*]
	Valor temporal implicado pela construção da frase	Eu tenho de escrever uma carta. 我有書信寫 [*wǒ yǒu shū xìn xiě*]
Imperativo	Contexto	Apanha abrunhos. 你摘李子 [*nǐ zhāi lǐ zi*]
	Verbo "请 *qǐng* 'pedir'"	Queira tirar o barrete [para estar à vontade]. 請你摘帽子 [*qǐng nǐ zhāi mào zi*]
	Verbo pré-pivotal "让 *ràng* 'deixar'" e partícula modal de sugestão, permissão ou convite "罷 *ba*"	Deixa-o ir. 讓他去罷 [*ràng tā qù ba*]
	Partícula modal de sugestão, permissão ou convite "罷 *ba*"	Vossa Excelência retribua-lhe. 大人報答他罷 [*dà rén bào dá tā ba*]
	Advérbio de predicado com valor modal "定 *dìng* 'obrigatoriamente" e verbo auxiliar com valor temporal "要 *yào* 'ação futura'"	O mais rico seja vice-rei. 頭一個財主定要作總督 [*tóu yī ge cái zhǔ dìng yào zuò zǒng dū*]
Presente do conjuntivo da voz ativa	(frase imperativa negativa) Advérbio de negação para proibição e dissuasão "不要 *búyào* 'não'"	Não contendas com ele. 不要同他辨嘴 [*bù yào tóng tā biàn zuǐ*]
	(frase imperativa) Verbo auxiliar com valor modal "願 *yuàn* 'desejar'"	Tenha paz. 願你平安 [*yuàn nǐ píng ān*]
	Advérbio de frase para exprimir estimativa ou incerteza "大概 *dàgài* 'talvez'"	Talvez não cuide disso. 大概他不管 [*dàgài tā bù guǎn*]
	Advérbio de frase para exprimir preocupação ou receio "恐怕 *kǒngpà* 'receio que, temo que, talvez'"	Talvez me despreze. 恐怕他輕慢我 [*kǒngpà tā qīng màn wǒ*]
		Temo que ele não venha. 恐怕他不來 [*kǒng pà tā bù lái*]
Pretérito imperfeito do conjuntivo da voz ativa	Oração subordinada adverbial condicional com o uso opcional da conjunção subordinativa "若 *ruò* 'se'"	Se houvesse médico que o curasse não morreria. 若有醫生治他的病他就不死 [*ruò yǒu yī shēng zhì tā de bìng tā jiù bù sǐ*]
		Se ele não morresse, teria eu amparo. 他不死我就有倚靠 [*tā bù sǐ wǒ jiù yǒu yǐ kào*]
		Se ele se queixasse, eu havia de castigá-lo. 若他報怨我就罰他 [*ruò tā bào yuàn wǒ jiù fá tā*]
	Advérbio de frase para exprimir a suposição "難道 *nándào* 'será que'"	Ouviria eu mal? 難道我聽錯了不成 [*nándào wǒ tīng cuò le bù chéng*]
Pretérito perfeito e futuro do conjuntivo da voz ativa	Oração subordinada adverbial condicional gerundiva com a conjunção "既然 *jìrán* 'já que'"	Tendo estado morando em sua casa um mês, há de conhecê-lo. 他既然有一個月在他那裡居住必定認得他 [*tā jìrán yǒu yí ge yuè zài tā nàlǐ jūzhù bìdìng rèn de tā*]
	Oração subordinada adverbial condicional o uso opcional da conjunção subordinativa "若 *ruò* 'se'"	Se te lisonjear aparta-te longe dele. 若他諂媚你離開他遠 [*ruò tā chǎn mèi nǐ lí kāi tā yuǎn*]
		Se fores contra ele, serei contra ti. 你對頭他我也對頭你 [*nǐ duì tóu tā wǒ yě duì tóu nǐ*]

	Oração subordinada adverbial temporal com a conjunção subordinativa "多咱 *duōzan* 'quando'"	Quando te ameaçar vem-mo dizer. 多咱他嗐呼你來告訴我 [*duō zān tā hài hū nǐ lái gào su wǒ*]
Pretérito plusquam do conjuntivo da voz ativa	Tempo e aspeto da oração subordinada expressos através da sequência verbal e do contexto	Se se houvesse prostrado, não lhe bateria. 若他先叩頭我就不打了他 [*ruò tā xiān kòu tóu wǒ jiù bù dǎ le tā*]
		Tendo jantado desapareceu. 喫完了飯就不見 [*chī wán le fàn jiù bú jiàn*]
Infinito da voz ativa	Oração subordinada substantiva completiva não finita quando o verbo da oração subordinante é "讓 *ràng* 'deixar'", auxiliar "能 *néng* 'podar'", "愛 *ài* 'amar'" ou "教 *jião* 'ensinar'"	Deixa-me ver. 讓我看 [*ràng wǒ kàn*]
		Ele não pode ir. 他不能去 [*tā bù néng qù* 'ele não pode ir']
		Eu gosto de ensinar. 我愛教人 [*wǒ ài jiào rén*]
		Eu ensino a amar. 我教人愛 [*wǒ jiào rén ài*]
	Quando o sujeito é um verbo	O injuriar é pecado. 罵人有罪 [*mà rén yǒu zuì*]
Gerúndio da voz ativa	Construção serial de verbos	Em Macau não há arroz para vender. 在奧門沒有米賣 [*zài Àomén méi yǒu mǐ mài*]
		Eu coso arroz para comer. 我煮飯吃 [*wǒ zhǔfàn chī*]
		Eu venho chamá-lo. 我來叫他 [*wǒ lái jiào tā*]
		Não tenho vagar de compor obras. 不得空兒作書 [*bù dé kòngr zuòshū*]
		Os soldados, revezando-se, vigiam de noite. 兵輪流守夜 [*bīng lúnliú shǒuyè*]
		Eu chamo-o que venha. 我叫他來 [*wǒ jiào tā lái*]
	Oração subordinada adverbial final	Para guerrear é preciso espada. 為打仗要緊刀子 [*wèi dǎzhàng yàojǐn dāozi*]
	Marcador de modificação "的 *de*"	Nós temos obrigação de amar os mais como a nós mesmos. 我們有愛人如己的本分 [*wǒ men yǒu ài rén rú jǐ de běnfèn*]
	Partícula aspetual "著 *zhe*" para indicar um ato em curso	Está ali esperando por ti. 他在那裡等著你 [*tā zài nàlǐ děng zhe nǐ*]
		Nem estando em pé nem deitado, nem assentado pode socegar. 站着踢着坐着都不得自在 [*zhàn zhe tī zhe zuò zhe dōu bù dé zì zài*]
	Partícula aspetual "著 *zhe*" para indicar um ato em curso e advérbio de predicado com valor temporal "就 *jiù* 'imediatamente, logo'	Dizendo isto deu-lhe um livro. 正說著就給他一本書 [*zhèng shuō zhe jiù gěi tā yì běn shū*]
	Oração subordinada adverbial consecutiva com o advérbio de predicado com valor temporal "就 *jiù* 'imediatamente, logo'	Um estudante, cumprindo a obrigação de estudar, faz que o mestre goste. 一個學生盡本分念書就叫師傅喜歡 [*yī gè xué shēng jìn běn fèn niàn shū jiù jiào shī fu xǐ huān*]
		Fazendo tu assim, está tudo feito.

		你這樣行就得了 [*nǐ zhèyàng xíng jiù dé le*]
	Oração subordinada adverbial condicional	Eu estudo com todas as forças para ser empregado, para o que tenho muito jeito. 我盡力念書作官我狠可以作這個 [*wǒ jìnlì niànshū zuòguān wǒ hěn kěyǐ zuò zhège*]
		Sendo imperador Kia-kim a religião cristã foi muito perseguida. 嘉慶手裡天主教人大窘難了 [*Jiāqìng shǒulǐ Tiānzhǔ jiào rén dà jiǒngnàn le*]
		O não matar o criminoso, isto é em razão de o amar. 有罪的不殺這愛他的緣故 [*yǒu zuì de bù shā zhè ài tā de yuángù*]
		Poderá deixar de gostar vencendo. 得勝能不喜歡麼 [*déshèng néng bù xǐhuān me*]
Particípio da voz ativa	Uso do marcador de modificação "的 *de*" na formação de oração subordinada substantiva relativa	Melhor é o viajante que o navegante. 行水路的不如行旱路的 [*xíng shuǐ lù de bù rú xíng hàn lù de*]
		Os que passam o mar todos se embarcam. 過海的人都坐船 [*guò hǎi de rén dōu zuò chuán*]
Partícipio da voz passiva	Marcador de modificação "的 *de*"	Aborrecido. 人厭惡的 [*rén yàn wù de*]
		Insultado. 受人欺負的 [*shòu rén qī fù de*]
		Coisa furtada. 偷來的東西 [*tōu lái de dōng xi*]
		Cativado. 被虜的 [*bèi lǔ de*]
		Enviado por quem? 誰打發的 [*shuí dǎ fā de*]
		Coitado daquele homem caluniado de homicídio e ontem condenado a pena de talião. 可憐枉告殺人罪的昨日定斷抵償的那個人 [*kě lián wǎng gào shā rén zuì de zuó rì dìng duàn dǐ cháng de nà gè rén*]
Presente do indicativo da voz passiva	"被 *bèi* 'marcador da voz passiva'"	Eu sou oprimido. 我被人壓服 [*wǒ bèi rén yāfú*]
	Verbo que indica a passividade a nível semântico "受 *shòu* 'sofrer'" e sujeito da passividade vago "人 *rén* 'pessoa'"	És muito danificado [prejudicado] 你大受人的害 [*nǐ dà shòu rén de hài*]
		Ele é insultado. 他受人的欺負 [*tā shòu rén de qī fù*]
	"是……的 *shì...de* 'estrutura de afirmação'" e Sujeito vago "人 *rén* 'pessoa'"	É furtado. 是人偷的 [*shì rén tōu de*]
	"被 *bèi* 'marcador da voz passiva'" e "……的时候 *de shíhou* 'na altura de.../quando...'"	Quando era batido [quando me batiam]]não dizia palavra.

Pretérito imperfeito do indicativo da voz passiva		被人打的時候不作聲 [*bèi rén dǎ de shíhòu bú zuòshēng*]
	"头里 *tóuli* 'antes'" e sujeito vago "人 *rén* 'pessoa'"	Antes era diariamente espreitado. 頭裡人天天偷看他 [*tóulǐ rén tiāntiān tōukàn tā*]
Pretérito perfeito do indicativo da voz passiva	Estrutura específica " 是 ⋯ ⋯ 的 *shì...de* 'estrutura de afirmação'"	Foi trazido ontem. 是昨日拿來的 [*shì zuórì nálái de*]
	"被 *bèi* 'marcador da voz passiva'" e partícula aspetual "了 *le* 'aspecto perfetivo'"	Foi morto por ele. 被他殺了 [*bèi tā shā le*]
		Aquela casa em um instante foi queimada pelo fogo. 那一間房子一會被火燒了 [*nà yì jiān fángzi yíhuì bèi huǒ shāo le*]
	Verbo que indica a passividade a nível semântico "受 *shòu* 'sofrer'" e partícula aspetual "了 *le* 'aspecto perfetivo'"	O acusado [réu] foi castigado. 被告的受了罰 [*bèi gào de shòu le fá*]
Gerúndio da voz passiva	Verbo auxiliar "可 *kě* ''poder" e "该 gāi 'dever'" e uso do marcador de modificação "的 *de*"	Que deve ser amado. 可愛的 [*kě ài de*]
		Que deve ser louvado, *ou* louvavel. 該讚美的 [*gāi zàn měi de*]
Impessoal da voz passiva	Frase sem sujeito gramatical	Aclamou-se um rei e nomearam-se magistrados e militares. 立了國王定了文武官 [*lì le guówáng dìng le wén wǔ guān*]
	Frases com sujeito vago "人 *rén* 'pessoa'"	Avisaram-no. 有人告訴了他 [*yǒu rén gào sù le tā*]
		Pensava-se que iria. 人想他一定去 [*rén xiǎng tā yídìng qù*]

Fonte: Elaborada pela autora de acordo com os exemplos bilingues do terceiro capítulo da *Arte China* (cf. Gonçalves, 1829a, pp. 136–141).
Nota. Os exemplos em português são apresentados em lição modernizada.

Anexo IV. Exemplos de “Verbos Difficeis e Chinismos”

Nº	Português	Chinês (estilo vulgar)	Chinês (estilo sublime)
(1)	Elle he bom.	他 好 [*tā hǎo*]	彼善也 [*bǐ shàn yě*]
(2)	Elle está bom.	他好 [*tā hǎo*]	彼平安也 [*bǐ píng ān yě*]
(3)	Elle he bom homem.	他是一个好人 [*tā shì yī gè hǎo rén*]	彼係好人 [*bǐ xì hǎo rén*]
(4)	Eu sou alto.	我高 [*wǒ gāo*]	吾高 [*wú gāo*]
(5)	Elle naõ tem frio.	他不冷 [*tā bù lěng*]	其非凍 [*qí fēi dòng*]
(6)	Eu sou Juiz de Fora, e tu soldado.	我作知縣你當兵 [*wǒ zuò zhīxiàn nǐ dāng bīng*]	余為縣令汝充卒 [*yú wéi xiàn lìng rǔ chōng zú*]
(7)	Elle he pescador.	他是个打鱼的 [*tā shì gè dǎ yú de*]	彼為魚翁 [*bǐ wéi yú wēng*]
(8)	O fazer esmola he obrar bem.	行哀矜就是行善 [*xíng āijīn jiù shì xíng shàn*]	行哀矜行善也 [*xíng āi jīn xíng shàn yě*]
(9)	Pensar loucamente.	胡思亂想 [*hú sī luàn xiǎng*]	/
(10)	Trazer, e levar.	拿来拿去 [*ná lái ná qù*]	攜來以往 [*xié lái yǐ wǎng*]
(11)	Traze aquella boceta.	拿那个盒子来 [*ná nà gè hézi lái*]	幸攜彼盒以來 [*xìng xié bǐ hé yǐ lái*]
(12)	Levantar.	拿起来 [*ná qǐ lái*]	舉起 [*jǔ qǐ*]
(13)	Levanta a penna.	拿筆起來/拿起筆來 [*ná bǐ qǐ lái / ná qǐ bǐ lái*]	提/舉起筆來/以筆舉起 [*tí / jǔ qǐ bǐ lái / yǐ bǐ jǔ qǐ*]
(14)	Fazer hum monte de pedras.	堆起一堆子石頭來 [*duī qǐ yì duīzi shítou lái*]	以石壘成一堆 [*yǐ shí lěi chéng yì duī*]
(15)	Pregou hum prego.	釘了一个釘子 [*dīng le yí gè dīngzi*]	釘一釘 [*dīng yì dīng*]
(16)	Quebrou a caixa.	弄壞了箱子 [*nòng huài le xiāngzi*]	將箱已毀 [*jiāng xiāng yǐ huǐ*]
(17)	Quebrou huma perna.	打破了一條腿 [*dǎ pò le yì tiáo tuǐ*]	擊破一腿 [*jī pò yì tuǐ*]
(18)	Abriu á força a janella.	打開了囪戶 [*dǎ kāi le cōnghù*]	強啓窻 [*qiǎng qǐ chuāng*]
(19)	Armar o sombreiro.	打傘 [*dǎ sǎn*]	/
(20)	Conseguiu-o.	得了 [*dé le*]	已得 [*yǐ dé*]
(21)	Naõ se lhe pode mexer.	動不得 [*dòng bù dé*]	不可動 [*bù kě dòng*]
(22)	Quer ir, e naõ pode.	要去不得去 [*yào qù bù dé qù*]	欲往而不可得 [*yù wǎng ér bù kě dé*]
(23)	O homem naõ pode deixar de morrer.	人不得不死 [*rén bù dé bù sǐ*]	/
(24)	Naõ se pode comparar.	比不得 [*bǐ bù dé*]	不可比 [*bù kě bǐ*]
(25)	Naõ se pode dizer.	說不得 [*shuō bù dé*]	不可言 [*bù kě yán*]
(26)	Naõ se pode explicar.	說不來 [*shuō bù lái*]	不得言 [*bù dé yán*]
(27)	Não se pode fazer.	作不来 [*zuò bù lái*]	不得作 [*bù dé zuò*]
(28)	Conseguiu-o.	摩着了 [*mó zháo le*]	得矣 [*dé yǐ*]
(29)	Naõ o consegue.	摩不着 [*mó bù zháo*]	不可得 [*bù kě dé*]
(30)	Ver.	看見 [*kàn jiàn*]	見 [*jiàn*]
(31)	Naõ ver.	看不見 [*kàn bú jiàn*]	不得見 [*bù dé jiàn*]
(32)	Desatar.	解開 *[jiě kāi*]	解 [*jiě*]
(33)	Naõ o pode abrir, ou desatar.	解不開 [*jiě bù kāi*]	欲解不能 [*yù jiě bù néng*]
(34)	Eu approvo o parecer.	我說這个主意好 [*wǒ shuō zhège zhǔyi hǎo*]	吾以是意為善 [*wú yǐ shì yì wéi shàn*]
(35)	Qual mal te faz elle?	他待你什么不好 [*tā dài nǐ shénme bù hǎo*]	其以何害汝乎 [*qí yǐ hé hài rǔ hū*]
(36)	Ainda naõ sei, que he ser feliz.	還不知道什麼叫有福的人 [*hái bù zhīdào shénme jiào yǒu fú de rén*]	尚未曉何為有福者 [*shàng wèi xiǎo hé wéi yǒu fú zhě*]

(37)	He insensibilidade, naõ disse bem, he ingratidão.	慢說沒有情分真是忘恩的事情 [*màn shuō méiyǒu qíngfèn zhēn shì wàng'ēn de shìqíng*]	勿曰無情更係忘恩之事也 [*wù yuē wú qíng gèng xì wàng ēn zhī shì yě*]
(38)	Reprehendo a tua leviandade, para naõ dizer puerilidade.	我不要說你的孩氣我說你的輕行 [*wǒ bú yào shuō nǐ de háiqì wǒ shuō nǐ de qīngxíng*]	吾不貶尔之孩氣吾貶汝之輕行耳 [*wú bù biǎn ěr zhī háiqì wú biǎn rǔ zhī qīngxíng ěr*]
(39)	Sentir.	竟得 [*jué dé*]	自竟 [*zì jué*]
(40)	Sem o advertir.	不知不竟得 [*bù zhī bù jué dé*]	未知未覺 [*wèi zhī wèi jué*]
(41)	Se te parece.	若你看/想好 [*ruò nǐ kàn / xiǎng hǎo*]	尔若以此為好 [*ěr ruò yǐ cǐ wéi hǎo*]
(42)	Naõ se acaba de vender.	賣不了/完 [*mài bù liǎo / wán*]	不得盡賣 [*bù dé jìn mài*]
(43)	Naõ o pode comer todo.	吃不了 [*chī bù liǎo*]	不可食盡 [*bù kě shí jìn*]
(44)	Medir o comprimento.	量長短 [*liáng cháng duǎn*]	其以何害汝乎 [*qí yǐ hé hài rǔ hū*]
(45)	Tem tres côvados de comprido.	長三尺/有三尺長 [*cháng sān chǐ / yǒu sān chǐ cháng*]	/
(46)	Medir a altura.	量高下 [liáng gāo xià]	/
(47)	Tem huma braça de altura.	高一丈/有一丈高 [*gāo yí zhàng / yǒu yí zhàng gāo*]	/
(48)	Medir arroz.	量斗米 [*liáng dǒu mǐ*]	約米 [*yuē mǐ*]
(49)	Pesar vinho.	称酒 [*chēng jiǔ*]	/
(50)	Medir campos.	丈量田地 [*zhàng liáng tiándì*]	
(51)	Veio tarde, naõ o alcançou.	來的遲赶不上 [*lái de chí gǎn bù shàng*]	至之已晚末趕之 [*zhì zhī yǐ wǎn mò gǎn zhī*]
(52)	Naõ pode ceder muito.	不能讓的多 [*bù néng ràng de duō*]	不能多讓之 [*bù néng duō ràng zhī*]
(53)	Naõ pode ser liberal. [naõ tem muito por onde se alargar.]	不得大方 [*bù dé dà fāng*]	欲大方而無從 [*yù dà fāng ér wú cóng*]
(54)	Fazer o bem, e fugir do mal he dever meu.	行善避惡是我的本分 [*xíng shàn bì è shì wǒ de běn fèn*]	行善避惡分所當然也 [*xíng shàn bì è fèn suǒ dāng rán yě*]
(55)	Por mais que pense, naõ ha remedio.	想来想去没有法子 [*xiǎng lái xiǎng qù méiyǒu fǎzi*]	左右思量無法可治 [*zuǒ yòu sī liáng wú fǎ kě zhì*]
(56)	Antes dávaõ-se, e agora naõ podem estar juntos.	頭裡狠說得來如今說不得在一塊兒 [*tóu lǐ hěn shuō de lái rújīn shuō bù dé zài yí kuàir*]	先甚想好今乃如風馬牛 [*xiān shèn xiǎng hǎo jīn nǎi rú fēng mǎ niú*]
(57)	O auctor foi hum certo Li de lavrador, feito general.	領頭是个姓李的是個將軍農夫出身的 [*lǐng tóu shì gè xìng Lǐ de shì gè jiāng jūn nóng fū chū shēn de*]	首係姓李農夫出身之將軍 [*shǒu xì xìng Lǐ nóng fū chū shēn zhī jiāng jūn*]
(58)	Elle está satisfeito.	他心滿意足 [*tā xīn mǎn yì zú*]	彼心滿意足 [*bǐ xīn mǎn yì zú*]
(59)	Elle está satisfeito.	他心意滿足 [*tā xīn yì mǎn zú*]	其心滿意足 [*qí xīn mǎn yì zú*]
(60)	Está contente com hum quarto.	一間屋子就滿他的意思 [*yì jiān wūzi jiù mǎn tā de yìsi*]	一小舍即足其心 [*yì xiǎo shè jí zú qí xīn*]
(61)	Aquele faltaõ lhe dois, e este tem quatro de mais.	那个少兩个這个多四个 [*nà gè shǎo liǎng gè zhè gè duō sì gè*]	彼缺二此餘四 [*bǐ quē èr cǐ yú sì*]
(62)	Parece, que naõ deve ser assim.	好像不該當這樣 [*hǎo xiàng bù gāi dāng zhè yàng*]	似非其宜矣 [*sì fēi qí yí yǐ*]
(63)	Perguntará alguém.	大概有人問 [*dà gài yǒu rén wèn*]	或問/或有人問 [*huò wèn / huò yǒu rén wèn*]
(64)	O christal he transparente ao sol conservado a natureza, que tinha.	水晶透了太陽的光還存著他的本質 [*shuǐ jīng tòu le tài yáng*	水晶透太陽之光而本質猶故也 [*shuǐ jīng tòu tài yáng*

		de guāng hái cún zhe tā de běn zhì]	*zhī guāng ér běn zhì yóu gù yě*]
(65)	Tu acabas isto mais de pressa, do que eu faço metade.	你作完比我作一半还快 [*nǐ zuò wán bǐ wǒ zuò yí bàn hái kuài*]	汝告成于吾為半尚速焉 [*rǔ gào chéng yú wú wéi bàn shàng sù yān*]
(66)	Até á 4ª lua naõ chove.	不下雨到四月 [*bú xià yǔ dào sì yuè*]	不雨至四月 [*bù yǔ zhì sì yuè*]
(67)	Chegada a 4ª lua naõ chove.	到四月不下雨了 [*dào sì yuè bú xià yǔ le*]	至四月即不下雨 [*zhì sì yuè jí bú xià yǔ*]
(68)	Eu tambem tenho, que perguntar.	我也有可問的事情 [*wǒ yě yǒu kě wèn de shìqíng*]	吾亦有問 [*wú yì yǒu wèn*]
(69)	Quando elle chegar aqui, ha-de ensinar-me.	等他到這裡必定教我 [*děng tā dào zhè lǐ bì dìng jiào wǒ*]	待其至此必有以訓我矣 [*dài qí zhì cǐ bì yǒu yǐ xùn wǒ yǐ*]
(70)	He o que comtigo falla.	如今同你說話的就是他 [*rú jīn tóng nǐ shuō huà de jiù shì tā*]	今与尔言者是也 [*jīn yǔ ěr yán zhě shì yě*]
(71)	Foi antes do tempo.	沒有到時候就去 [*méi yǒu dào shí hou jiù qù*]	期未至即往 [*qī wèi zhì jí wǎng*]
(72)	O vulgo naõ chega a isto; [isto naõ he vulgar.]	平常人不能這樣 [*píng cháng rén bù néng zhè yàng*]	非夷所及 [*fēi yí suǒ jí*]
(73)	Vingou-se delle.	給他報仇 [*gěi tā bào chóu*]	以其報讎 [*yǐ qí bào chóu*]
(74)	Vingou a morte do Irma maior.	報殺他哥哥的仇 [*bào shā tā gēge de chóu*]	報斃兄之仇 [*bào bì xiōng zhī chóu*]
(75)	Elle louva-me como bom.	他贊美我是个好人 [*tā zàn měi wǒ shì gè hǎo rén*]	其讚我為善人 [*qí zàn wǒ wéi shàn rén*]
(76)	De tudo hei de dar conta.	各樣的事情都要問我 [*gè yàng de shìqíng dōu yào wèn wǒ*]	事皆將責我焉 [*shì jiē jiāng zé wǒ yān*]
(77)	A calma faz lembrar o banho.	因天氣熱就想洗澡 [*yīn tiān qì rè jiù xiǎng xǐ zǎo*]	以天熱即思沐浴 [*yǐ tiān rè jí sī mù yù*]
(78)	Ainda naõ estamos no verão.	如今還不是夏天的時候 [*rú jīn hái bú shì xià tiān de shíhou*]	夏時未至 [*xià shí wèi zhì*]
(79)	Onde estará elle?	大概在那裡呢 [*dà gài zài nà lǐ ne*]	將以為何在耶 [*jiāng yǐ wéi hé zài yē*]
(80)	Traze o escaler para aqui.	把艇往這一邊來 [*bǎ tǐng wǎng zhè yī biān lái*]	以艇往此 [*yǐ tǐng wǎng cǐ*]
(81)	Se he lícito ao inferior fallar a verdade, o Sr. Mestre vai errado.	要說師傅想錯了但怕下人不可說老實話 [*yào shuō shīfu xiǎng cuò le dàn pà xiàrén bù kě shuō lǎo shí huà*]	吾將言師傅謬想惟恐下人不可實言耳 [*wú jiāng yán shīfu miù xiǎng wéi kǒng xiàrén bù kě shí yán ěr*]
(82)	Que eu saiba, foi só por ambição.	沒有听見別的就是為貪心 [*méi yǒu tīng jiàn bié de jiù shì wèi tān xīn*]	所聞者無他即因貪心耳 [*suǒ wén zhě wú tā jí yīn tān xīn ěr*]
(83)	Principiou por pouco, e acabou por muito, como acontece sempre.	起頭小後來長大時常有的事情 [*qǐ tóu xiǎo hòu lái zhǎng dà shí cháng yǒu de shìqíng*]	小而漸[渐]大係常事也 [*xiǎo ér jiàn dà xì cháng shì yě*]
(84)	Para declarar a rebeldia alhêa voluntário declarou a sua.	為露別人是反叛也甘心露自己 [*wèi lù bié rén shì fǎn pàn yě gān xīn lù zì jǐ*]	欲露他人為叛亦忍露己 [*yù lù tā rén wéi pàn yì rěn lù jǐ*]
(85)	Dao-lhe a escolha de renunciar, ou morrer.	命他兩樣挑一樣就是不辞位就該死 [*mìng tā liǎng yàng tiāo yí yàng jiù shì bù cí wèi jiù gāi sǐ*]	令之兩中擇一即是不辞位即應殺也 [*lìng zhī liǎng zhōng zé yī jí shì bù cí wèi jí yìng shā yě*]
(86)	Se ha coisa temível, he esta.	可怕的就是這个 [*kě pà de jiù shì zhè gè*]	可驚者惟此耳 [*kě jīng zhě wéi cǐ ěr*]

(87)	Apenas o pai chegou o filho se prostrou.	父親剛到兒子就磕頭 [*fù qīn gāng dào érzi jiù kē tóu*]	父至子遂稽首 [*fù zhì zǐ suì jī shǒu*]
(88)	Os empregados executarão com rigor este alvará?	這个旨意官府行的嚴么 [*zhè gè zhǐ yì guān fǔ xíng de yán me*]	此旨意官行之嚴否 [*cǐ zhǐ yì guān xíng zhī yán fǒu*]
(89)	Estou pensando, que, se a trato bem, mo estranharão os mais, e, se naõ faço caso della, Ella mo estranhará tambem.	自想若要欵待他怕人怪我若不要顧他又怕他怪我 [*zì xiǎng ruò yào kuǎn dài tā pà rén guài wǒ ruò bú yào gù tā yòu pà tā guài wǒ*]	窃將欵之則恐見人怪將捨之則恐見其怪 [*qiè jiāng kuǎn zhī zé kǒng jiàn rén guài jiāng shě zhī zé kǒng jiàn qí guài*]

Fonte: Elaborada pela autora de acordo com os exemplos bilingues da última secção do terceiro capítulo da *Arte China* (cf. Gonçalves, 1829a, pp. 141–145).

Anexo V. Outros resultados deste projeto de doutoramento

Apresentações Orais	Ligação
- Li, L. "Metalinguistic Labelling of Diaphasic and Diastratic Variation in Joaquim Gonçalves' Portuguese-Chinese Works". In "Bilingual lexicography (1500–2000): labelling, variation, and standardization, Annual Colloquium 2025 of the Henry Sweet Society for the History of Linguistic Ideas", 3-5 de setembro de 2025, Université de Reims Champagne-Ardenne, Reims, France.	Capítulo 3
- Li, L. "Western Rhetoric Meets Chinese Literary Traditions: Joaquim Gonçalves' Intercultural Study in Arte China". In "Linguistics and Rhetoric: A Tale of Two Frenemies, Annual Colloquium 2025 of the Henry Sweet Society for the History of Linguistic Ideas", 3-5 de setembro de 2025, Université de Reims Champagne-Ardenne, Reims, France.	Secção 2.5.2.2
- Li, L. "Selected Entries from Joaquim Gonçalves' Diccionario Portuguez-China: Tracing Bilingual Equivalents and Transliterations in Transition". In "15th International Conference in Historical Lexicography and Lexicology (ICHLL15)", 24-27 de junho de 2025, Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa.	Secção 4.2
- Li, L. "Da fusão entre velares e alveolares à emergência das alveolopalatais: a romanização do mandarim de Pequim (séc. XIX) por Joaquim Afonso Gonçalves". In "II Jornadas do Doutoramento em Ciências da Linguagem", 2 de junho de 2025, Universidade do Minho, Braga, Portugal.	Secção 2.2.2.1
- Li, L. & Barros, A. L., "Articulatory Features of Early 19th-Century Mandarin in Joaquim Gonçalves' Arte China". In "Committee of 100 for Global Chinese Teaching & Research 2024 Workshop", 16 de julho de 2024, Universidade do Minho, Braga, Portugal.	Secção 2.2.2
- Li, L., "Descrição, exemplificação e sinalização dos tons chineses nas obras metalinguísticas para o ensino-aprendizagem do chinês de Joaquim Gonçalves". In "Jornadas do Doutoramento em Ciências da Linguagem", 17 de junho de 2024, Universidade do Minho, Braga, Portugal.	Secção 2.2.1
- Li. L., "Comparing Chinese Characters to Latin Letters: Insights from Father Joaquim Gonçalves' Perspective". In "International Conference on History of Chinese Linguistics and Chinese Education", 13-14 de junho de 2024, Université Paris Cité, Paris, France.	Secção 2.1
- Li. L., "Dos artigos chineses na obra metalinguística Arte China do Padre Joaquim Gonçalves". In "6.o CILH – Congresso Internacional de Linguística Histórica", 9-11 de outubro de 2023, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.	Secção 2.4.1.4
- Li. L., "Referências interculturais nas obras de Joaquim Gonçalves: uma abordagem linguística, histórica e contrastiva". Poster apresentado em "Retiro de Verão CEHUM", 7-8 de setembro de 2023, Braga, Museu Nogueira da Silva, Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho.	Plano inicial da tese
- Li, L., "The challenges of Chinese: An analysis of Father Joaquim Gonçalves' perceptions of Verbo Difficeis, e Chinismos". In "Annual Colloquium 2023 of the Henry Sweet Society for the History of Linguistic Ideas", 4-6 of September 2023, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal.	Secção 2.5.2.1
- Li, L., "A conceção gramatical de Joaquim Gonçalves refletida na sua trilogia para o ensino-aprendizagem do chinês". In "XXIV Colóquio de Outono – Património Textual: Abordagens Interdisciplinares", 24 de novembro de 2022, Universidade do Minho, Braga, Portugal.	Secção 2.4
- Li, L., "Estratégias e práticas de tradução do Padre Joaquim Gonçalves: uma análise dos dados bilingues preservados na sua trilogia para o ensino-aprendizagem do chinês". In "XXXVIII Encontro Nacional da APL", 27 de outubro de 2022, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.	Secção 4.1
- Li, L., "Uma análise das preocupações pedagógicas de Joaquim Gonçalves apontadas nos textos-modelo traduzidos em português para o ensino-aprendizagem de composição em chinês clássico". In "X Congresso Internacional da AIETI 2022: Circum-navegações transtextuais e culturais", 15 de junho de 2022, Universidade do Minho, Braga, Portugal.	Capítulo 3
Publicações	**Ligação**
Li, L. (2025). Explorando os artigos chineses na Arte China de Joaquim Gonçalves: Uma observação pioneira da gramaticalização do demonstrativo distal no século XIX. *Pelo tempo e pelo espaço. Estudos em homenagem a Clarinda Maia*, 225–254. (no prelo)	Secção 2.4.1.4
Li, L. (2024). A concepção gramatical de Joaquim Gonçalves: uma análise da sua visão sobre a formação e a classificação das palavras chinesas. *Diacrítica*, 38(1), 45–76. https://doi.org/10.21814/diacritica.5598	Secção 2.4
Li, L. (2023). Estratégias e praticas de tradução do Padre Joaquim Gonçalves: Uma análise dos dados bilingues preservados na sua trilogia para o ensino-aprendizagem do chinês. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 10, 162–181. https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln10ano2023a9	Secção 4.1